



Movimentos Feministas e a Assistência Sexual em Portugal:  
Argumentos, Confrontos e Caminhos de Inclusão

Carla Daniela Monteiro Ferreira

UMinho | 2022



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Carla Daniela Monteiro Ferreira

**Movimentos Feministas e a Assistência  
Sexual: Argumentos, Confrontos e Caminhos  
de Inclusão**

dezembro de 2022



**Universidade do Minho**

Instituto de Ciências Sociais

Carla Daniela Monteiro Ferreira

**Movimentos Feministas e a Assistência  
Sexual: Argumentos, Confrontos e Caminhos  
de Inclusão**

Dissertação de Mestrado  
Crime, Diferença e Desigualdade

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)  
**Professor(a) Doutor(a) Fernando Bessa Ribeiro**

## DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

### *Licença concedida aos utilizadores deste trabalho*



Atribuição  
CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

## AGRADECIMENTOS

A vida é feita de ciclos, em cada ciclo temos a oportunidade de viver conquistas, derrotas, perdas e ganhos, mas todos eles nos permitem um novo aprendizado. Ao terminar mais um objetivo e um sonho, que tem um pedaço de mim em cada página desta dissertação, não poderia deixar de agradecer a inúmeras pessoas que me apoiaram e, sem as quais, o percurso teria sido bem mais difícil.

Em primeiro lugar, ao Prof. Fernando Bessa pela ajuda inestimável que me concedeu ao longo desta trajetória, pela discussão e partilha de ideias, pelo exímio apoio, pela paciência e pela motivação que sempre me prestou em fazer melhor e dar sempre o meu melhor.

Em segundo lugar, a todas as entrevistadas que foram incrivelmente simpáticas e dispensaram o tempo delas, partilharam experiências pessoais e confiaram em mim, ao longo das entrevistas.

Em terceiro lugar, aos meus amigos, alguns dos quais me acompanharam de forma mais presente, outros mais ausentes, neste percurso académico, e que partilharam comigo tantas alegrias, frustrações, desafios e vitórias. Principalmente, pela paciência em perceberem que nem sempre eu estava no *mood* para sair, porque estando fora de casa, estaria a pensar no trabalho pendente que deixava em casa.

Em quarto lugar, aos meus pais e à minha irmã, sendo eles o pilar da minha vida e sem os quais não me imagino viver. Pelo amor incondicional, pelo carinho e pelo estímulo que sempre me deram para lutar por aquilo que acredito.

Por último, mas não sendo menos importante, porque se torna difícil selecionar o nível de importância de cada um, visto todos fazerem parte desta conquista, e sem os quais nada disto seria possível, agradeço ao Universo e a todas as feministas deste mundo! Nada, absolutamente nada, nos é dado como garantido! Dependerá sempre de cada um de nós, enquanto sociedade, conquistar e preservar todos os direitos que consideramos merecer.

## DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

# Movimentos Feministas e a Assistência Sexual em Portugal: Argumentos, Confrontos e Caminhos de Inclusão

## RESUMO

Desde o início da luta pelos direitos das pessoas com deficiência, a sexualidade não tem sido vista como uma prioridade. Porém, na última década, têm surgido iniciativas que promovem o desenvolvimento de serviços sexuais, orientados para pessoas com deficiências que na Europa são cada vez mais, rotulados como assistência sexual.

Este estudo tem como objetivo principal perceber qual é a posição dos movimentos feministas, nomeadamente das suas lideranças, no que se refere à assistência sexual como profissão legalmente reconhecida e enquanto serviço para indivíduos com alguma incapacidade. A metodologia de pesquisa assenta em métodos qualitativos, mais precisamente na aplicação de entrevistas a membros do Movimento Democrático de Mulheres e da União de Mulheres Alternativa e Resposta. Os resultados alcançados permitiram perceber que as entrevistadas estavam conscientes das desigualdades decorrentes da deficiência, principalmente no que concerne ao desenvolvimento da sexualidade. Em termos de alternativas de forma a fazer face a essas desigualdades, apesar de não ser coerente entre todas, a maioria considerou a assistência sexual como uma ferramenta valiosa de auxílio e facilitação. Além disso, sugeriram algumas propostas interessantes para tentar mudar – a longo prazo, passando pela educação sexual –, a mentalidade da sociedade.

**Palavras-Chave:** Assistência Sexual; Direitos Legais; Feminismo; Movimentos sociais feministas; Prostituição e Trabalho Sexual.

# Feminist Movements and Sexual Assistance in Portugal: Arguments, Confrontations and Paths of Inclusion

## ABSTRACT

Since the beginning of the struggle for the rights of people with disabilities, sexuality has not been seen as a priority. However, in the last decade, initiatives have emerged that promote the development of sexual services, aimed at people with disabilities that in Europe are increasingly labeled as sexual assistance.

The main objective of this study is to understand the position of feminist movements, namely their leaders, regarding sexual assistance as a legally recognized profession and as a service for individuals with some disability. The research methodology is based on qualitative methods, more precisely on the application of interviews to members of the Movimento Democrático das Mulheres and the União de Mulheres Alternativa e Resposta. The results achieved allowed us to perceive that the interviewees were aware of the inequalities resulting from disability, especially regarding the development of sexuality. In terms of alternatives to face these inequalities, despite not being consistent among all of them, the majority considered sexual assistance as a valuable aid and facilitation tool. In addition, they suggested some interesting proposals to try to change – in the long term, including sex education – society's mentality.

**Keywords:** Sexual Assistance; Legal Rights; Feminism; Feminist social movements; Prostitution and Sex Work.

## Índice

Introdução.....	9
Capítulo I – Problema, teoria e método .....	11
1.    O problema e o quadro teórico: feminismo, sexo mercantil e a assistência sexual	11
2.    O quadro metodológico .....	19
Capítulo II - O feminismo: origens e trajetos das lutas das mulheres .....	25
1.    As vagas feministas no Norte global .....	27
2.    Os feminismos: confrontos e alianças.....	60
Capítulo III: A assistência sexual .....	80
1.    Sexualidade, deficiência e assistência sexual .....	80
2.    A assistência sexual: quadros legais .....	88
Capítulo IV: Feminismo e o sexo como um serviço: argumentos e divergências.....	106
1.    O feminismo português e o trabalho sexual .....	106
2.    O feminismo e o trabalho sexual: entre a rejeição e o reconhecimento.....	111
Capítulo V – A assistência sexual em Portugal e os movimentos feministas: agendas políticas e as narrativas das entrevistadas .....	116
1.    A deficiência enquanto questão fraturante no seio da sociedade .....	120
2.    Propostas para uma agenda desestigmatizante: perspectivas feministas.....	125
Conclusão.....	136
Bibliografia.....	138
Anexos.....	155
Anexo I. Guião de entrevistas .....	155
Anexo II. Modelo do termo de consentimento informado e folheto informativo.....	158
Anexo III. Sinopses individuais.....	160
Anexo IV. Sinopse das 5 entrevistas .....	421
Anexo V. Cronograma histórico feminista das quatro vagas.....	1511
Anexo VI. Síntese das vagas feministas .....	1517
Anexo VII. Representação das vertentes feministas (mais conhecidas pela literatura), com as suas reivindicações e problemas adjacentes .....	1518
Anexo VIII. Contabilização das palavras utilizadas pelas entrevistadas .....	1520



## Abreviaturas e Siglas

APPAS – Associação de Promoção da Assistência Sexual

BE – Bloco de Esquerda

COYOTE – Call Off Your Tired Ethics

CCIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

EPSEAS – European Platform Sexual Assistance

EU – União Europeia

EUA – Estados Unidos da América

ICPR – International Committee on Prostitutes Rights

ICRSE – International Committee on the Rights of Sex Workers in Europe

IL – Iniciativa Liberal

IPPF – International Planned Parenthood Federation

MDM – Movimento Democrático de Mulheres

OT – Organização Internacional do Trabalho

PAN – Pessoas – Animais – Natureza

PCP – Partido Comunista Português

PS - Partido Socialista

PSD – Partido Social Democrata

PTS – Partido dos Trabalhadores Socialistas

ONU – Organização das Nações Unidas

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

UNODC – United Nations Office on Drugs and Crime

## Índice de Figuras

Figura 1: Palavras mais repetidas nas entrevistas.....	134
--	-----

## Índice de Quadros

Quadro 1: Categorias do guião de entrevista .....	22
Quadro 2: Quadro comparativo da assistência sexual e da prostituição em alguns países europeus quanto ao seu enquadramento legal .....	100
Quadro 3: Síntese das informações pessoais e ocupacionais das entrevistadas .....	116
Quadro 4: Cronograma histórico feminista das quatro vagas .....	1511
Quadro 5: Síntese das vagas feministas .....	1517
Quadro 6: Representação das vertentes feministas, com as suas reivindicações e problemas adjacentes.....	1518
Quadro 7: Contabilização das palavras utilizadas pelas entrevistadas .....	1520

## Introdução

Grande parte dos direitos das mulheres, hoje, devem-se ao suor, à força, à dedicação e à acérrima luta de diversas mulheres feministas ao longo da história. O feminismo não se resume a uma luta contínua de reivindicações, tem sido, desde a sua origem, um caminho de muitos altos e baixos, conquistas e tentativas de retrocessos por parte do patriarcado. O direito das mulheres ao voto, a liberdade de se expressarem, a liberdade de poderem escolher com quem estar, com quem casar ou até o simples sexo casual são conquistas do feminismo. O rompimento das barreiras da repressão, opressão e do controlo da sexualidade da mulher faz parte das pautas feministas. Ao longo dos séculos foi feito um trabalho coeso, mas ainda assim existem muitos direitos por adquirir, muitas lutas por desbravar. A questão da sexualidade, embora seja hoje um tema vastamente explorado, continua a ter muitas pontas soltas.

Numa sociedade cada vez mais diversificada, polarizada e aberta à resolução de questões sociais torna-se necessário estudar e compreender as diferentes realidades, de forma a reduzir ou acautelar as desigualdades existentes. No que diz respeito à sexualidade nas pessoas com deficiência, este tema é muitas vezes invisibilizado, ou por serem considerados 'eternas crianças' ou porque 'sexualidade e deficiência não combinam'. Dada a dificuldade dos mesmos em explorar a sua sexualidade em gozo pleno, estes veem-se muitas vezes obrigados a recorrer a um trabalhador do sexo. Porém, estes trabalhadores, por não terem, por vezes, os conhecimentos necessários, dadas as especificidades de cada indivíduo, não conseguem ir ao encontro das necessidades de cada um. Como tal, surgiu uma alternativa a esta realidade; a alternativa denomina-se de assistência sexual, e é uma realidade presente em alguns países europeus.

Tratando-se de um serviço, e independentemente do cariz, implica um ato mercantil. Diariamente convivemos com a compra e a venda de serviços, seja num mecânico quando pagamos para trocar um pneu e pela mão-de-obra, seja numa loja, quando pagamos por uma peça de roupa. Vivemos constantemente dependentes das trocas dos mais diversos serviços e, conseqüentemente, o pagamento pelos mesmos. É algo 'normal' e aceite pela sociedade. O mesmo se aplica ao trabalho sexual, assim como à assistência sexual onde existe a venda de serviços sexuais, e o mesmo requer um pagamento. No entanto, embora independentes não sejam causadores de contestação, juntos, no que toca à atividade sexual, já não são vistos da mesma forma, advindo em argumentos ilusórios nos quais as pessoas se apoiam para manter o preconceito face à prestação de serviços sexuais (Rakić, 2020).

Como é sabido e já fora referido, a relação dos movimentos feministas na luta pela igualdade e reivindicação de direitos, nos campos social, político, económico e, até, sexual, são premissas pelos mesmos reconhecidas. Assim sendo, e sabendo da situação atual das pessoas com deficiência quanto ao desenvolvimento da sexualidade, tornou-se interessante perceber o que consideram imprescindível fazer para ir ao encontro da situação. Se será através do reconhecimento desta figura de assistência e/ou se propõem outras propostas, e de que forma as mesmas possam passar à prática.

Para uma melhor compreensão do tema e exposição dos dados recolhidos, surgiu a necessidade de se fazer inicialmente uma revisão bibliográfica, seguida do trabalho de campo, de forma a abordar os principais subtemas interligados ao mundo da assistência sexual, numa ótica feminista.

A presente dissertação divide-se em cinco capítulos. O Capítulo I – Problema, teoria e método, tem como objetivo apresentar o problema, o quadro teórico sobre o feminismo, o sexo mercantil e a assistência sexual, assim como o quadro metodológico. No Capítulo II, intitulado “O feminismo: origens e trajetórias das lutas das mulheres”, agregará o caminho percorrido pelo feminismo ao longo da história, no Norte global, das suas vagas, reivindicações e percalços, assim como os confrontos e alianças. O Capítulo III abre com a assistência sexual, onde é abordada a sexualidade, particularmente, na deficiência, a diferença entre a assistência pessoal e a assistência sexual, terminando com os quadros legais da assistência sexual na Europa. O penúltimo capítulo, denominado “Feminismo e o sexo como um serviço: argumentos e divergências”, olhará diretamente para o feminismo, para o trabalho sexual e para a assistência sexual em Portugal. Sendo também possível ver a relação entre o feminismo e o trabalho sexual, uma vez que, como será possível ver, a assistência sexual, não é um tema muito conhecido. Por fim, a dissertação acabará com o Capítulo V, designado “A assistência sexual em Portugal e os movimentos feministas: agendas políticas e as narrativas das entrevistadas”, de forma a ir ao encontro da pergunta de partida. Percebendo qual é a posição das ativistas e feministas, pertencentes ao MDM e à UMAR, quanto à assistência sexual, procurar-se-á explicitar de que forma as propostas poderão ser implementadas para fazerem face às desigualdades decorrentes da deficiência. Nos anexos constarão quadros síntese com diversas informações, assim como as sinopses individuais e a sinopse global, resultante da análise de conteúdo.

## Capítulo I – Problema, teoria e método

### 1. O problema e o quadro teórico: feminismo, sexo mercantil e a assistência sexual

A relação do feminismo com o trabalho sexual, incluindo, evidentemente, a assistência sexual não é linear. Assim como existem várias vertentes do feminismo, as mesmas têm opiniões e posicionamentos diferentes quanto à legalização e à função do trabalho sexual<sup>1</sup> (Ramalho, 2012).

Em meados dos séculos XX, “devido às grandes transformações que trouxeram para a posição da mulher na sociedade atual” (Ramalho, 2012:66), resultado “dos seus intensos e complexos debates sobre a sexualidade, o corpo, as questões de género, a violência e os direitos das mulheres, a prostituição e o trabalho sexual, ganharam especial relevância no pensamento feminista” (Ramalho, 2012:66). A nível internacional, entre os

“anos 70 e 80, nos EUA e em Inglaterra, as prostitutas começaram a organizar-se contra a criminalização feita pelo Estado e contra o assédio das forças policiais. Identificavam-se como trabalhadoras do sexo e exigiam que a prostituição fosse reconhecida como trabalho, tendo o apoio de algumas organizações feministas da época” (Tavares, 2010:6).

Nos anos seguintes, ficou claro os diferentes posicionamentos; de um lado, as feministas que reconheciam a prostituição como uma atividade, como foi o caso das feministas liberais<sup>2</sup> que defendem o modelo de regulamentação da prostituição, como um trabalho comum. Daí remetem o trabalho sexual para o campo da escolha e veem o sexo com um serviço (Zveiter, 2017; Ramalho, 2012), ainda que algumas considerem que as motivações da procura pela prostituição resultam “da falta de oportunidades laborais, da extrema pobreza e das limitações opressivas, mas também as oportunidades de estabilidade económica, autonomia e melhores condições de vida para si a para as suas famílias” (Ramalho, 2012:71). Do outro lado, as que se posicionavam contra a prostituição por considerarem a mesma uma violência contra as mulheres (Tavares, 2010; ICRSE, 2016), como é o exemplo das feministas radicais<sup>3</sup> (ICRSE, 2016). Estas entendem a prostituição como a venda e compra de um corpo. Questão que tem levantado uma enorme discussão em

---

<sup>1</sup> A mudança de conceito ‘trabalho sexual’, “inventado por Leigh e Harlot” (Leigh, 1997 *apud* Ramalho, 2012:70), em vez de prostituição, data de 1979, assim como prostituta e trabalhadora sexual. A alteração deu-se devido à “conotação negativa do termo ‘prostituta’, comumente vinculado ao crime, ao desvio, à necessidade de ‘correção’, ao estigma e à vergonha” (Ramalho, 2012:70 *apud* Sanders, O’Neill & Pitcher, 2009:9). Com este termo incluem-se todas as pessoas que prestam serviços sexuais, independentemente do sítio onde o fazem e de quem o faz, que resultem em pagamento. Ainda que tal terminologia não seja aceite por todos, por diversas razões, entre elas o facto de não estar regulamentada em muitos países, desvalorizando assim a aplicação de “trabalho”, e porque, tratando-se de uma profissão, o facto de a mesma não possuir qualificações, nem formação, como acontece com as restantes profissões (Zveiter, 2017).

<sup>2</sup> As mesmas consideraram que a “regulamentação da prostituição seria um condão de afastamento de preconceitos imanentes ao exercício da atividade, bom como de assegurar a liberdade e a autodeterminação sexual” (Zveiter, 2017:21); Como forma de fazer face à voz cada vez mais crescente do movimento radical contra a prostituição, surge, “na década de 70, uma nova perspetiva feminista constituída, maioritariamente, por organizações de prostitutas, numa tentativa de reconceptualização do entendimento sobre a prostituição, denominando-se COYOTE – Call Off Your Tired Ethics, fundada por Margo St. James, em 1973” (Chapkins, 1997 *apud* Ramalho, 2012:70).

<sup>3</sup> Desde o início, sempre centraram o seu “discurso sobre a sexualidade, a prostituição e a pornografia como sendo uma construção social de género” (Ramalho, 2012:66). Vendo a igualdade de género como um objetivo difícil de atingir, enquanto existir a prostituição (Ramalho, 2012).

torno da propriedade sobre o próprio corpo, em inglês o conceito vastamente discutido de *self-ownership*<sup>4</sup>. Além disso, consideram também que a prostituição é apenas uma forma de afastar as mulheres da economia, dos estudos, hiper sexualizá-las e objetificá-las. Defendendo assim um sistema abolicionista ou proibicionista, que vê a mulher que se prostitui como uma vítima<sup>5</sup> de um sistema patriarcal opressor e machista (Ramalho, 2012; ICRSE, 2016) e a prostituição como “uma atividade degradante e indigna” (Ribeiro & Silva, 2019:3). Na pesquisa de Manuela Tavares, a mesma concluiu que, “as posições abolicionistas continuam a ser fortemente defendidas tanto por posições conservadoras e moralistas, como por correntes do feminismo internacional que consideram a legalização da prostituição como uma cobertura legal à escravidão<sup>6</sup> sobre as mulheres” (Tavares, 2010:6). Vendo-as como meras vítimas e escravas sexuais (ICRSE, 2016), enquanto os clientes são denominados de “agressores” ou “predadores sexuais” (Ramalho, 2012:67). No entanto, como expõe Rakić<sup>7</sup> (2020:1210),

“Sex slavery is however not prostitution. A slave can be forced to perform various activities, including sexual activities, but in that case (s)he is primarily not a prostitute but a slave. Unlike a prostitute who receives payments for her activities, a slave does not receive payments for anything, including sexual services. Hence, it might be argued, cogently, that sex slavery is a form of rape. It is certainly not prostitution. Being enslaved means that the slave does not have the freedom to leave his/her job”.

Ainda que no entender das mesmas, dentro do mundo prostitucional, não exista a separação nítida entre a livre vontade de o fazer e a subjugação à mesma<sup>8</sup>, inclusive, não veem a prostituição como uma atividade profissional (Ramalho, 2012), “pois o corpo não pode ser objeto de uma transação financeira; consideram ainda que as prostitutas devem ser olhadas como vítimas e tudo deve ser feito para as retirar da prostituição” (Tavares, 2010:7). Sendo apenas pertinentes as suas

---

<sup>4</sup> Entende-se, segundo o Dicionário Infopédia (Disponível Online, 2022), que o termo *ownership* consiste em propriedade; posse; direito de propriedade; domínio. E tendo em conta que *self* diz respeito à individualidade, ao 'eu', nada mais é do que propriedade sobre si, *self-ownership*. Esta conceção refere-se à propriedade privada que cada indivíduo tem sobre si mesmo. Ou seja, isto concebe o direito de utilizar o seu corpo como quiser, desde que isso não vá interferir com o controlo que o outro tem sobre ele. A questão da propriedade sobre si, mais particularmente sobre o próprio corpo, é um tema vastamente explorado. Se, por um lado, do ponto de vista político e teórico, alguns autores defendem a tese de que a propriedade sobre o próprio corpo lhes confere o direito a fazerem o que quiserem com o mesmo, defendendo a prostituição como uma forma de liberdade individual e autodeterminação, outros acreditam que existem limites nesta liberdade. Principalmente quando se trata da mercantilização do corpo, ou seja, de obter lucro financeiro com a utilização do mesmo (Ribeiro & Silva, 2019).

<sup>5</sup> Uma vez que as mesmas consideram que a submissão das mulheres não é exclusivamente no setor público, mas também no privado, consideram “importante que as mulheres reconheçam as suas experiências de ‘vitimação’, que outrora, de forma isolada, não tinham consciência do seu estado opressivo” (Ramalho, 2012:66 *apud* Sutherland, 2004)

<sup>6</sup> Inclusive, como alude Tavares (2010:2 *apud* Santos, 1982), nos finais do século XIX, considerando a prostituição uma escravidão humana iniciase na Europa um movimento contra o regulamentarismo. Josefine Butler, uma feminista da “Federação Abolicionista Internacional, afirmava em 1875: «Se a prostituição é uma necessidade social, uma instituição de saúde pública, então os ministros, os prefeitos da polícia, os altos funcionários, os médicos que a defendem, faltam a todos os deveres, não lhes consagrando as suas filhas»” (Tavares, 2010:2 *apud* Santos, 1982).

<sup>7</sup> Na investigação realizada pelo mesmo, procura desenvencilhar a moralidade dentro da prostituição, das barrigas de aluguer, de *sugar babies* e dos assistentes sexuais, ainda que apenas o primeiro e último tópico seja relevante para o caso. Procura também, romper com ideias pré-concebidas sobre a prostituição.

<sup>8</sup> Com isto, entende-se a discussão teórica entre a ‘prostituição voluntária/consentida’ e a ‘prostituição forçada’. Sendo a “voluntária aquela exercida por pessoas com mais de 18 anos de idade, que escolheram praticar atividades sexuais ou eróticas em troca de dinheiro ou outro bem material” (Zveiter, 2017:6). Enquanto a “forçada é aquela exercida por alguém que se encontra sob coação, violência, premência, medo ou quaisquer tipos de dominação, vendo-se obrigado à prática sexual ou outra atividade libidínosa” (Zveiter, 2017:6).

opiniões/escolhas, quando estas decidem sair da prostituição (Weitzer, 2005 *apud* Ramalho, 2012:68). Partindo da premissa da livre vontade ou consentimento, é importante destacar no que consiste o mesmo, no parecer de Doezeza (2002), citado por Mesce (2020: 10-11), com o qual estou inteiramente de acordo:

“The actions of an adult who willingly enters the field of sex work. One verbally says “yes” in situations where sex is exchanged for profit, permits for an act to occur; Actions in which no coercion, deception, use of force, or blackmail is used to enter into the field of sex work; Autonomously sets the boundaries of each and every sexual activity in any given exchange, and sets prices/parameters of exchange for each sexual activity in agreement with patron; The ability to end a sexual activity without fear for personal safety; The ability to leave the profession of sex work without fear for personal safety; The ability to renegotiate over time (i.e. Informed consent)”.

Uma vez que se trata de um tópico, altamente controverso, quando se fala em subjugação, ou obrigação, esta é encarada como uma ligação entre a prostituição e o tráfico de seres humanos. Ainda que estejamos a falar de fenómenos diferentes, estes são “recorrentemente considerados como fenómenos indissociáveis em muitos argumentos políticos, mediáticos e em certas campanhas e intervenções humanitárias é intenso, fraturando os campos científico, político e social” (Ribeiro & Clemente, 2017:23). Como tal, ao longo dos anos tem-se vindo a colocar as seguintes interrogações: “pode a legalização da prostituição ajudar a combater o tráfico?; ou, ainda, a legalização fomenta o tráfico?”<sup>9</sup> (Tavares, 2010:6). Sendo um dos argumentos mais utilizados para refutar a possibilidade de uma regulamentação do trabalho sexual<sup>10</sup>, “advocates for decriminalization claim that removing or lessening criminal prosecution for sex workers allows sex work to be regulated, creates a safer environment for sex workers, and prevents sex trafficking” (Mesce, 2020:19). Ou seja, enquanto uns consideram a regulamentação uma forma de aumentar o tráfico, outros refutam essa ideia, referindo tratar-se de uma forma de erradicar, ou pelo menos, controlar o tráfico sexual de seres humanos. Essa associação, deu-se com o aumento de imigrantes e com a presença de várias imigrantes na prostituição, “começou a fazer-se a associação entre o comércio do sexo e o tráfico para fins de exploração sexual, o que fez emergir o discurso anti-tráfico que se traduziu em perseguição às/aos profissionais do sexo migrantes” (Oliveira, 2017:202-203). E por muito que se possa refutar, as “numerosas pesquisas e testemunhos de técnicos e de indivíduos com experiência de intervenção e/ou trabalho nos mercados do sexo recusam as conexões automáticas entre o tráfico e a prostituição” (Ribeiro &

---

<sup>9</sup> São as respostas assertivas quanto à última questão, alguns dos argumentos utilizados pelos movimentos abolicionistas. Ainda que, quem defende a regulamentação da prostituição, defende que, “embora o tráfico não termine, pode ser mais bem controlado” (Tavares, 2010:6).

<sup>10</sup> Como refere Manuela Tavares (2010:6), “num quadro legal que confira direitos às mulheres que vivem da prostituição pode garantir-lhes maior proteção contra as redes criminosas de tráfico e dar-lhes maior poder para impor algumas regras nos serviços que prestam”.

Clemente, 2017:24). Logo, além de ser “questionável do ponto de vista teórico e político” (Ribeiro & Silva, 2019:17) a mesma “não encontra a devida sustentação empírica” (Ribeiro & Silva, 2019:17), mas, ainda assim, continua a ser utilizada.

Outro argumento utilizado por estas feministas reside na ideia do androcentrismo, como já foi referido, onde o foco se centra na satisfação sexual dos homens e a “*objectified*” das mulheres (García & Álvarez, 2014: 299). Alegando que, “se as mulheres sofrem violências na prostituição, não é porque as leis não as protejam, mas porque o uso das mulheres por parte dos homens na prostituição é o reflexo de uma cultura” (Hofman, 2002:137-146 *apud* Tavares, 2010:7) hegemonicamente masculina. Vendo assim o trabalho sexual como “uma extensão da dominação masculina” (Pateman, 1993 *apud* Ramalho, 2012:66-67; ICRSE, 2016).

Porém, outras vertentes do feminismo afastam-se do sistema abolicionista, por considerarem “desajustadas da realidade atual” (Tavares, 2010:7). Ainda que não concordem com a posição abolicionista, nem com a vitimização resultante da prostituição,

“não deixam de considerar que o sistema da prostituição assenta numa relação de domínio sexual dos homens sobre as mulheres e que, como tal, perpetua desigualdades de poder entre os sexos. Reconhecendo e aceitando que existam mulheres que optem por ter uma atividade pessoal na área da prostituição e, por esse motivo, não devem ser marginalizadas”<sup>11</sup> (Tavares, 2010:7).

Consideram também que o sistema abolicionista “fecha os olhos à situação das prostitutas, ao não serem criadas condições para que estas possam ter segurança social e direitos capazes de reforçar a sua autonomia e lutar contra o proxenetismo e o arbítrio dos clientes” (Tavares, 2010:7).

Aquelas que concordam com a legalização da prostituição, referem que,

“desde que a mesma confira direitos às mulheres que prestam serviços sexuais de forma autónoma, sem fomentar o negócio e o acantonamento em zonas específicas. O tráfico deve ser fortemente combatido assim como a exploração forçada da prostituição. Posicionam-se contra o turismo sexual e a indústria do sexo. Consideram, ainda, que devem ser criadas condições sociais e económicas para quem quiser sair da prostituição” (Tavares, 2010:7).

Para tal, devem ser criadas as condições necessárias, nomeadamente, a regulamentação<sup>12</sup> e acompanhamento do governo, no que concerne aos estabelecimentos e zonas onde a prostituição seja praticada, assim como “o controlo das profissionais do sexo, em termos de saúde, mas também de direitos laborais, pois são estes que permitem que as prostitutas lutem contra

---

<sup>11</sup> Como acontece, segundo Tavares, (2008:441), na Suécia, resultado do ‘novo abolicionismo’, onde criminaliza a procura, pois considera que erradicando a mesma, a prostituição deixará de existir, alguns dados (ainda que não exista uma avaliação aprofundada) referem existir “um aumento na clandestinidade, com graves consequência para a vida das mulheres que se prostituem e, ainda, que muitos homens suecos vão procurar este serviço a outros países”. Ainda que o objetivo fosse colocar um fim à prostituição, em vez de ‘ajudar’ a resolver o ‘problema’ das mulheres que se prostituem, só as condicionou à marginalidade.

<sup>12</sup> Onde possam ser reconhecidos os direitos a estes trabalhadores, enquanto profissionais, de forma que possam “proteger as pessoas adultas que trabalham neste setor económico” (Ribeiro & Clemente, 2017:35)



situações de exploração, numa perspetiva de mercado de trabalho” (Tavares, 2010:7). Com uma posição contrária à posição abolicionista, e principalmente contra a ideia de que a prostituição subjugava as mulheres aos homens, há quem defenda que “a legalização da prostituição poderá conduzir a uma maior libertação sexual das mulheres, porque esta dinâmica de dominação masculina poderá vir a ser alterada, à medida que as mulheres ganhem maior poder sobre a sua sexualidade” (Tavares, 2010:7). Além de tudo isto, à luz do que voga na declaração mundial, resultado da World Charter for Prostitutes Rights<sup>13</sup> (1985), onde defendem a

“descriminalização de todos os aspetos da vida adulta resultantes da decisão individual”; a ‘prevenção do abuso e da estigmatização das prostitutas’, através de programas educativos de mudança de atitudes sociais; a garantia de concessão de ‘todos os direitos humanos e liberdades civis’; a ‘liberdade de escolha do seu local de trabalho’, rejeitando o seu confinamento em zonas específicas de trabalho; o fim dos controlos de saúde por meio da realização obrigatória de exames periódicos apenas para as prostitutas (devendo estes ser extensíveis a todas as pessoas sexualmente ativas); o direito a «benefícios sociais’, entre outros” (Ramalho, 2012:71).

Estas são algumas das formas de tornar a sociedade mais inclusiva às pessoas que pretendam exercer atividades de carácter sexual, tentando romper com os estereótipos e o estigma associados às mesmas. Visto que, independentemente do termo e da descrição, principalmente as mulheres que entram no trabalho prostitucional, eram, e continuam a ser vistas como uma afronta à moral e à ‘norma<sup>14</sup>’ da sociedade, onde a mesma lançava e lança sobre elas a desonra e a reprovação (Ribeiro, Silva, Ribeiro & Sacramento, 2005). Um claro exemplo disso, como refere Moen (2012),

“Prostitutes, after all, are also subject to social stigma. ‘Whore’ and ‘hooker’ are highly derogatory terms, and Yolanda Estes, a former prostitute who is now a philosophy professor at Mississippi State University, claims in ‘Prostitution: a subjective position’ that if she had been open about her background all along, this would seriously have damaged her career”.

De forma que, o rótulo de ‘ex-prostituta’/‘ex-trabalhadora do sexo’, ou atuais trabalhadores do sexo não sejam vistos com desdém, ao ponto de lhes poderem ser negadas portas no futuro ou até respeito no presente. Até porque, como refere Manuela Tavares, mulher e feminista,

“sexualidade livre e sexo como ato mercantil diferem, na medida em que, a primeira situação pressupõe igualdade entre os sexos, enquanto a prostituição pressupõe a subjugação das mulheres ao domínio masculino. Também sabemos que essa subordinação sexual das mulheres acontece em muitas situações, mesmo na vida familiar, mas essa subjugação não está institucionalizada como um comércio que retira lucros de uma relação desigual” (Tavares, 2010:7-8).

---

<sup>13</sup> Uma declaração com o intuito de “proteger os direitos dos trabalhadores do sexo, adotada pelo International Committee on Prostitutes Rights – ICPR” (Ramalho, 2012:71 *apud* Pheterson, 1989).

<sup>14</sup> O conceito de ‘norma’ aglomera numa só palavra dois tipos de enunciados, um enunciado prescritivo, o que deve ser feito, e um enunciado avaliativo, o que é de bem fazer (Étienne, Bloess, Noreck & Roux, 2008).

Além de todos estes argumentos, também é possível ver a propagação das DST como uma razão para a abolição do trabalho sexual. Uma vez que alguns teóricos consideram tratar-se de um meio (o mundo prostitucional) de “poluição/contágio” (Ribeiro *et al*, 2005:43), não só pelo facto de se tratar de serviços sexuais, mas principalmente porque põem em causa os valores dominantes que regulamentam a sexualidade feminina (Ribeiro *et al*, 2005). Não refutando o argumento, como menciona Rakić (2020:1210), este apresenta uma solvência,

“Sexually Transmitted Diseases (STDs) may be spread by prostitution. This is possible as prostitutes are promiscuous in most cases. But promiscuity does not imply an increase in STDs if promiscuous individuals are regularly tested for STDs. Mandatory testing for STDs would be an excellent program benefitting prostitutes. Furthermore, not only that it would protect them and their clients, but it would also be a source of revenue for the state”.

Com base nisto,

“sex workers face high levels of stigma and criminalization almost everywhere. Modelling studies indicate that decriminalizing sex work could lead to a 46% reduction in new HIV infections in sex workers over 10 years, while eliminating sexual violence against sex workers could lead to a 20% reduction in new HIV infections”.

Considerando imprescindível a implementação de um modelo de regulamentação, de forma que possa ser possível controlar as DST, e como complementam, “WHO supports countries in their efforts to: address these structural barriers, ensure human rights for sex workers, and to implement a comprehensive package of HIV and other STI services through community-led approaches” (WHO, 2022).

Como relembra Ramalho (2012:71), em 2005 “realizou-se em Bruxelas um dos marcos históricos do movimento europeu dos profissionais do sexo: a «European Conference on Sex Work, Human Rights, Labour and Migration», organizada pelo International Committee on the Rights of Sex Workers in Europe – ICRSE<sup>15</sup>”. Nela foram discutidos vários temas, resultante na assinatura e aprovação da “Declaração dos Direitos dos Profissionais do Sexo na Europa e o Manifesto dos Trabalhadores do Sexo na Europa” (Ramalho, 2012:71), nestes constam,

“o direito à vida, à liberdade, à segurança pessoal, à proteção contra a violência, à intimidade, à liberdade de movimento e ao associativismo, à proteção igual diante da lei, à liberdade de expressão, ao trabalho e a condições justas e favoráveis de trabalho, à não discriminação, a serem ouvidos, entre outros direitos” (Ramalho, 2012:71-72).

---

<sup>15</sup> Este Comité “is a sex worker-led network representing more than 75 organizations deb by working with sex workers in Europe and Central Asia, as well as 150 individuals including sex workers, academics, trade unionists, human-rights advocates, and women’s rights and LGBT rights activists” (ICRSE, 2016: n.d.)

Em 2016, no Dia Internacional da Mulher, ICRSE, através do lançamento do segundo documento informativo<sup>16</sup> denominado “Intersection brlefig paper #2. March 2016”, explora a intersecção dos direitos das trabalhadoras do sexo com os direitos das mulheres. Aborda a complexidade como o trabalho sexual é visto pelas organizações feministas e deixa sete passos para tornar as organizações feministas em prol dos direitos das mulheres, mais inclusivos às trabalhadoras do sexo. Entre eles,

“Reach out to and establish contacts with local sex workers, sex worker groups and organizations in order to identify common issues and assess the situation of sex worker; Empower sex workers to be more visible within your community by encouraging their participation in your protests, marches and key events, such as International Women’s Day or during 16 Days of Activism Against Gender-Based Violence; Raise awareness within your community on the human rights issues sex workers are facing; Take a sex worker inclusive approach when developing or implementing projects, e.g. partner with sex worker organizations to have solid plans in place to reach out to and involve sex workers in the planned activities; Engage in campaigns and policy discussions relevant to the issues of sex workers; Call other feminist and women’s rights organizations for an intersectional, trans and sex worker inclusive approach; Speak out for the full ‘decriminalisation’ of sex work, highlighting the precarious situation sex workers of all genders live in” (ICRSE, 2016:26).

Para concluir estes pontos, e tendo em conta o reforço em se colocar a tónica na vitimização das mulheres, quando se fala em prostituição,

“apontando-lhes apenas o ‘caminho’ da saída da prostituição, quando muitas delas podem querer optar por esse modo de vida, leva a que não sejam consignados direitos para as mulheres que exercem esta atividade. Trata-se, assim, de aceitar que existam mulheres marginalizadas, estigmatizadas, sem direitos, o que não condiz com uma perspetiva feminista de defesa dos direitos de todas as mulheres. Assumir posições moralistas de indicar o ‘caminho’ às pessoas também não condiz com a liberdade individual, embora se saiba que a chamada ‘livre escolha’ está condicionada por muitos fatores, nestas circunstâncias” (Tavares, 2010:8).

Que por muito que se possa dizer, o direito à decisão sobre o que fazer com o próprio corpo deveria ser uma escolha pessoal, assim como acontece com as inúmeras outras profissões.

Muito se tem falado sobre o trabalho sexual, como tem sido visto, no entanto, no que concerne à assistência sexual, esta não possui ainda enquadramento legal em Portugal, ao contrário do que acontece em alguns países europeus. No entanto, o tema tem sido abordado e debatido por alguns especialistas. É reconhecida a importância e a necessidade do assistente sexual enquanto “facilitador que ajuda quem tem deficiência a ter prazer” (Neves, 2018). Diana Santos, na qualidade de psicóloga clínica e ativista pelos direitos das pessoas com deficiência, refere, numa entrevista ao Diário de Notícias, uma questão importante que será debatida ao longo desta

---

<sup>16</sup> O primeiro “Intersection brlefig paper” ligava os direitos da comunidade LGBT, com o trabalho sexual, intitulado “Underserved. Overpoliced. Invisibilised. LGBT Sex Workers Do Matter”, disponível para consulta em [https://issuu.com/arika/docs/icrse\\_briefing\\_paper\\_october2015](https://issuu.com/arika/docs/icrse_briefing_paper_october2015).

dissertação. O estigma associado às pessoas com deficiência e à sua sexualidade, enquanto pessoas que não têm atividade sexual, ou em outro extremo, como pessoas “super sexualizadas” (Neves, 2018: 3).

Num estudo realizado por Ana Pinho (2017), designado “A (Des)Assistência Sexual em Portugal”, a prestadores/as de serviços sexuais em Portugal, a mesma constatou que alguns dos clientes eram pessoas com deficiência. Dada a ausência de enquadramento legal quanto à assistência sexual, as trabalhadoras do sexo são a opção mais viável destes clientes. A mesma investigadora, juntamente com João Oliveira e Conceição Nogueira (2020), refere uma investigação realizada por Raquel Pereira, Pedro Teixeira e Pedro Nobre, em 2018, designada “Perspectives of Portuguese People with Physical Disabilities Regarding Their Sexual Health: A Focus Group Study”, onde foram envolvidos participantes com deficiência física. No estudo foi possível constatar que “a criação de assistência sexual facilitaria práticas sexuais e prazer, inclusive, algumas das pessoas portuguesas inquiridas manifestaram interesse em aprender técnicas sexuais com assistentes sexuais” (2020: 18). É de facto perceptível a procura por parte de pessoas com deficiência a trabalhadores/as do sexo, devido à ausência de assistentes sexuais, e de organizações que permitam o contacto entre ambos, com o receio de estarem a cometer um crime.

Mais recentemente, em 2022, com a dissertação de mestrado de Ana Marques, intitulada “Também temos desejo: sexo mercantil e o prazer sexual das pessoas com deficiência”, onde procurou saber a perspetiva e posição de partidos políticos, de indivíduos com deficiência, assim como de organizações, quanto ao trabalho sexual, à assistência sexual e ao nível de satisfação das pessoas com deficiência, face àquilo que têm à sua disposição; chegou à conclusão que a criação do estatuto de assistência sexual é fundamental, referindo que “a regulamentação do trabalho sexual, poderá ser uma via para abrir caminhos para a criação da profissão do assistente sexual” (Marques, 2022:88), assegurando as condições e os direitos para tal efeito.

Além dos estudos referidos, é importante mencionar a existência do movimento “Sim, nós fodemos<sup>17</sup>”. Segundo Rui Machado, o movimento tem como missão “trazer para o espaço público português um debate que no nosso entender tem sido, se não esquecido, pelo menos muitas vezes negligenciado, nos mais variados contextos que vão do académico ao institucional, passando, até mesmo, pelo político” (SPSC, 2017: n.d.). Realça a importância da assistência

---

<sup>17</sup> Estando a página de Facebook disponível em <https://www.facebook.com/simnosfodemos/> e uma reflexão (<https://spsc.pt/index.php/2017/06/04/sim-nos-fodemos/>) de Rui Machado, ativista dos direitos das pessoas com deficiência e cocriador deste movimento.

sexual, e da forma como a mesma é vista de forma diferente de país para país, chamando a atenção para a visão de António Centeno, pois, segundo o mesmo, “este ativista catalão defende a assistência sexual como a possibilidade de acesso ao próprio corpo, ou seja, quando alguém não se consegue masturbar ou ter relações sexuais sem a ajuda de um terceiro elemento (comum em casais onde ambos são pessoas com deficiência), esta figura tem um papel facilitador” (SPSC, 2017: n.d.).

No fundo, contam-se pelas mãos os estudos realizados sobre o tema. Talvez pela ausência de enquadramento relativamente ao trabalho sexual, ou pura e simplesmente, por desconhecimento quanto aquilo que se passa nos países europeus vizinhos.

## **2. O quadro metodológico**

A metodologia consiste em estudar e avaliar vários métodos e técnicas de pesquisa disponíveis, com vista à resolução do problema de investigação (Fernandes, 2000). Baptista (1977:17) explica que, a metodologia é a “operacionalização, sistematização e racionalização do método” (Baptista, 1977:17). Acrescentando ainda que, enquanto o método é “uma visão abstrata do agir”, a metodologia é “uma visão concreta da operacionalização” (Baptista, 1977:17). Assim sendo, esta investigação procura compreender e confrontar a posição de ativistas e feministas pertencentes a dois dos principais movimentos feministas em Portugal, o MDM e a UMAR, quanto à assistência sexual. Embora se dê destaque ao escrutínio da posição das suas lideranças, procurar-se-á também conhecer os argumentos de outros membros, incluindo de aderentes que não exercem cargos na direção dos movimentos. É de realçar que ainda que se tratem de entrevistas feitas a ativistas militantes e dirigentes das organizações supramencionadas, é importante referir que estas devem ser entendidas como posições pessoais, não responsabilizando a UMAR ou o MDM, enquanto organizações. No entanto, não deixam de estar os depoimentos, de acordo com aquilo que é a posição que se pode ler nos documentos oficiais, mencionados e referenciados ao longo desta dissertação.

Como em qualquer estudo, é prioritário definir os objetivos, pois a sua descrição é fundamental na medida em que “permite orientar todo o processo de pesquisa” evitando o desperdício de tempo e de recursos (Moreira, 1994: 20). Segundo Fortin (1999: 51), uma questão de investigação, sendo uma “interrogação explícita relativa a um domínio, esta deve explorar com vista a obter novas informações”. As questões determinam os objetivos, delimitam as variáveis e as suas relações mútuas, assim como a população estudada. Para precisar a direção que será

dada a esta investigação e de acordo com o problema em estudo, foi elaborada a seguinte questão de investigação:

Qual é a posição dos dois principais movimentos feministas em Portugal, MDM e UMAR, em relação à assistência sexual?

Se os movimentos feministas concordam com a igualdade de direitos e com políticas de discriminação positiva, qual é a posição em relação à implementação da assistência sexual, caso a entendam como desejável? Com base em serviços profissionais pagos, nos moldes da prostituição? E se sim, como? Ou voluntariamente, através de indivíduos que se disponibilizam para fazê-lo? Estando estas duas ONG ligadas ao ativismo social e político e sendo defensoras da igualdade de direitos entre homens e mulheres, tanto na vertente económica, cultural, como também de direitos humanos, certamente a assistência sexual se constitui como uma questão da maior relevância, ao implicar o acesso ao prazer sexual de pessoas com incapacidades mentais e físicas. O intuito é perceber de que forma a igualdade de direitos se aplica entre indivíduos com deficiência, no que concerne à sexualidade e à forma como esta é vivenciada, sem descurar as implicações que resultam das suas limitações.

Como tal, para obter respostas às questões anteriores, optou-se por uma metodologia qualitativa. Segundo Isabel Guerra (2006), esta designa uma variedade de técnicas interpretativas que têm por fim descrever, decodificar e traduzir certos fenómenos sociais. Como técnicas de recolha de dados, optou-se primeiramente pela pesquisa de documentos oficiais, uma pesquisa bibliográfica que, como menciona Lakatos e Marconi (1991:44) “trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada, em forma de livros, revistas, publicações avulsas e imprensa escrita”, tendo como finalidade “colocar o pesquisador em contacto direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” (Lakatos & Marconi, 1991:44); assim, com a aplicação de entrevistas semiestruturadas, segundo Mendes (2003:9) estas “permitem captar não o indivíduo, mas a sua localização social”. A entrevista semiestruturada pressupõe uma orientação através de um guião<sup>18</sup> com tópicos/categorias e questões mentoras que devem ser abordadas. Esse guião permite que um único tema seja abordado por diferentes entrevistados. Contudo, o guião pode sofrer alterações no decorrer das entrevistas e sempre que se justifique essa necessidade. Como resultado, temos a aplicação de cinco entrevistas semiestruturadas (contabilizando sete entrevistadas), sendo uma

---

<sup>18</sup> O guião utilizado está disponível em Anexo I – Guião de entrevista

entrevista em conjunto, a pedido da coordenadora do núcleo. Dentro desta amostra inserem-se seis entrevistadas pertencentes ao movimento UMAR e uma entrevistada pertencente ao MDM, entre elas fazem parte ativistas, coordenadoras de núcleos e representantes dos mesmos. A identificação dos núcleos não será revelada, de forma a manter a confidencialidade das mesmas.

Os contactos foram estabelecidos por *e-mail*, à exceção de três que foram por mensagem nas plataformas *Facebook* e *WhatsApp*. Tendo começado a entrar em contacto<sup>19</sup> com os núcleos pertencentes à UMAR e MDM, entre dezembro de 2021 e janeiro de 2022, inicialmente via *e-mail* pessoal, mas de forma a garantir pertença à universidade e assim tornar o mesmo mais formal, foram enviados novamente via *e-mail* académico. Foram enviados mais de trinta *e-mails*, tendo sido alguns repetidos após uma semana, com receio que os mesmos passassem despercebidos ou fossem parar ao *spam*. Dos diversos *e-mails* enviados, além das entrevistadas que responderam e se disponibilizaram para uma entrevista, outras três mulheres responderam, mas disseram estar muito ocupadas nesse período. Dos contactos estabelecidos pelo *WhatsApp* – contactos fornecidos por uma das entrevistadas, apenas um obteve resposta, mas dada a imensidão de trabalho que possuía naqueles meses, não conseguia participar, mesmo dando sempre a possibilidade das entrevistas serem efetuadas por *Zoom* ou pessoalmente em dia e hora conveniente. As entrevistas foram realizadas entre o período de fevereiro de 2022 a março de 2022. Devido à distância e ao momento pandêmico presente no país, as entrevistas realizaram-se em formato à distância, através da plataforma *Zoom*, com recurso à gravação de voz, à exceção de uma, que se utilizou também a gravação de vídeo (a entrevista onde constam três entrevistadas em simultâneo), de forma a ser mais fácil identificar cada uma na transcrição da mesma. O consentimento<sup>20</sup> quanto à participação na investigação e às gravações foi dado por todas as participantes. Em decorrência do compromisso com o anonimato e dada a necessidade de caracterização e identificação daquilo que cada entrevistada referiu, foram atribuídas letras como forma de identificação de cada uma (não correspondendo nenhuma letra às iniciais de cada entrevistada). No que diz respeito à escolha das entrevistadas, deveu-se à disponibilidade das mesmas, uma vez que foram estabelecidos vários contactos, mas apenas as entrevistadas (representadas) conseguiram participar no presente estudo.

Relativamente às potenciais dificuldades encontradas, as entrevistas decorreram da melhor forma, tendo as entrevistadas respondido a todas as questões colocadas, tendo podido

---

<sup>19</sup> Encontrados os respetivos *e-mails* oficiais, nas páginas de internet, de forma a ampliar e diversificar as entrevistas, foram contactados diversos núcleos.

<sup>20</sup> Disponível em Anexo II – Modelo do termo de consentimento informado e folheto informativo.

também abordar outros temas. A maior dificuldade, inicialmente encontrada, consistia no receio de não conseguir que a entrevista realizada com três entrevistadas ao mesmo tempo se tornasse confusa, visto que se realizou online, e qualquer barulho de fundo poderia ser um entrave. No entanto, isso não aconteceu, podendo considerar que a mesma foi guiada da melhor forma, dando a oportunidade de todas as entrevistadas se manifestarem, sem prejuízo de se atrapalharem umas às outras. Todas as entrevistadas foram exímias, não havendo qualquer problema a salientar, nem mesmo na questão do agendamento das entrevistas. Numa apreciação geral, todas as entrevistas correram bem, sendo notório o à-vontade das mesmas para com a entrevistadora.

No que concerne às entrevistas e respetivos guiões, ainda que tivessem sofrido algumas alterações (com um acréscimo de questões), devido aos temas que se iam desenvolvendo, estes não divergiram muito. As entrevistas começaram com a apresentação da entrevistada, com a apresentação do termo de consentimento informado, já referido supra, e com a apresentação dos objetivos da investigação, como forma de ‘quebra-gelo’. Os guiões foram elaborados com base nas seguintes categorias iniciais:

**Quadro 1:** Categorias do guião de entrevista

<b>Categorias</b>	<b>Questões</b>
Dados Pessoais	Nome
	Data de nascimento
	Idade
	Nacionalidade
	Estado civil
	Tem filhos? Se sim, quantos?
História Ocupacional	Que nível de instrução possui?
	Profissão?
Participação política	Há quanto pertence ao movimento MDM ou UMAR?
	Já pertenceu a outro movimento que não o atual?
	O que significa na sua perspetiva ser feminista?
	O feminismo é inclusivo?
	Considera o sexo, a masturbação como algo importante na qualidade de vida?
Estereótipos	Considera haver algum preconceito e/ou estereótipo no que se refere ao sexo nas pessoas com deficiência e no desenvolvimento da sua sexualidade?
Situação/Problema	Um indivíduo (ou um casal) com alguma deficiência – com desejos de desenvolver a sua vida sexual, que não possa fazê-lo, nos moldes tradicionais, ou seja, através de uma app de encontros (por exemplo), como garantimos a estas pessoas o acesso ao prazer sexual através da



	interação com outros indivíduos? Isto é, que medidas concretas podem ser implementadas para minimizar as desigualdades decorrentes da deficiência?
Trabalho Sexual	O que pode ser feito para facilitar o acesso de clientes com deficiência ao trabalho sexual?
	De que forma, podemos garantir acessibilidade, autonomia e liberdade sexual às pessoas com deficiência, quando sabemos que temos trabalhadores do sexo que não têm as ferramentas e o conhecimento necessário para o fazer?
	Qual a sua opinião sobre a possibilidade de haver formação específica para trabalhadores/as do sexo atenderem este grupo de clientes?
Assistência Sexual	Sabe ou já ouviu falar da assistência sexual?
	Equaciona a possibilidade da existência de um quadro legal onde inclua o assistente sexual como um trabalho laboral?
	Se sim, como descreveria um modelo que fosse vantajoso para os trabalhadores do sexo e para os restantes cidadãos?

**Fonte:** Elaboração própria

Começando com a identificação das entrevistadas, percorrendo as diversas temáticas ao longo das entrevistas, desde a história ocupacional das mesmas, tentando perceber o tempo de pertença aos respetivos movimentos e a perspetiva das mesmas sobre o feminismo, indo até à questão da sexualidade na deficiência, ao posicionamento quanto ao trabalho sexual, e por fim, se a assistência sexual, poderia considerar-se um aliado, face às desigualdades decorrentes da deficiência.

Posto isto, como técnica de análise de dados, foi escolhida a análise de conteúdo, que como refere Bardin (2002[1977]:38) se define como “[...] um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”. Como tal, no decorrer das mesmas e na criação das sinopses<sup>21</sup>, estabeleceu-se uma nova categoria: «Deficiência – Situação/Problema» que englobou como seguintes subcategorias e indicadores: a deficiência cognitiva, trissomia 21- *Síndrome de Down*, socialização, sexualidade na deficiência, serviços sexuais na deficiência, possíveis propostas a implementar, mobilização dos envolvidos, rótulos na deficiência, realidade em Portugal e profissionais/técnicos de saúde e cuidadores informais. No final da análise, os indicadores e as subcategorias multiplicaram-se,

<sup>21</sup> Disponível em Anexo III – Sinopses individuais, as sinopses resultantes da análise das cinco entrevistas realizadas

dando origem a uma sinopse final, como é possível ver pelo quadro, em anexo<sup>22</sup> (uma vez que se trata de um quadro relativamente extenso).

Em jeito de conclusão, é de salientar os pontos fortes e positivos no decorrer do trabalho de campo, além do que já fora referido, a receptividade por parte das entrevistadas quanto ao tema; a empatia e carinho criado entre a entrevistadora e as entrevistadas, ficando combinado o envio da versão final, e, por fim, a abertura quanto a todas as questões colocadas, inclusive levando as entrevistadas a falar sobre experiências pessoais.

---

<sup>22</sup> Disponível em Anexo IV – Sinopse das 5 entrevistas – uma vez que se trata de um quadro extenso, optou-se por não colocar as sinopses individuais, sendo esta uma repetição das informações contidas na mesma

## Capítulo II - O feminismo: origens e trajetos das lutas das mulheres

“A história do feminismo é uma história de luta, de conquistas, de retrocessos, de evolução, de discussão, de inspiração, de aprendizagem, de estudo, de reflexão e de determinação. Conhecê-la é abraçar a causa” (Vicente, 2019: 56).

O feminismo não é algo recente, embora se fale muito sobre o tema, poucos sabem o que é o feminismo e o que é ser feminista. Antes mesmo de falar de feminismo e das suas diversas vertentes, é importante perceber, o que o originou, porque foi e, continua a ser tão importante. O feminismo começou por ser a “luta pela igualdade de direitos, oportunidades e deveres entre géneros” (Vicente, 2019:24; Perez & Ricoldi, 2018), sendo desde sempre um “movimento social, político, ideológico e filosófico” (Vicente, 2019:24). Apesar das diversas opiniões dentro de cada movimento feminista, todos têm em comum a premissa da igualdade entre todas as pessoas, recusando a supremacia de um género sobre o outro (Vicente, 2019; Schnorrenberger, 2017).

No decorrer da história, a emancipação feminina tem sido um combate em curso e tem uma origem bem mais remota do que muitos estarão dispostos a aceitar. Durante muito tempo tentaram (e conseguiram) reprimir, subjugar e dominar, as mulheres, pela mera condição de género. No final do século XIX, as mulheres começaram a ‘perceber’ o seu valor e principalmente o poder da palavra. A partir daí as mudanças começaram. Foi então que o estudo e a criação de discursos sobre o sexo levaram ao desenvolvimento de vários contextos de poder e de conhecimento, principalmente no que dizia respeito às mulheres (Giddens, 1992).

Ao longo dos diversos séculos, o papel da mulher na sociedade oscilou bastante. As mulheres da Antiguidade “não tinham direitos políticos formais e pouquíssima independência económica e social; em algumas cidades, como Atenas, a elite «respeitável» de mulheres casadas raramente era vista fora de casa” (Beard, 2018:70). A Antiguidade grega e romana são um claro exemplo de misoginia<sup>23</sup>, não só por “excluir as mulheres do discurso público, mas também porque faziam questão de exibir essa exclusão” (Beard, 2018: 22; Costa, Santos, Santos & Corrêa, 2018). Era impensável uma mulher falar na esfera política, quanto mais ter uma participação ativa. O impacto do discurso público por parte dos homens era de tal modo importante que era definido como “vir bónus dicendi peritus”, como quem diz, “um bom homem, que sabe falar” (Beard, 2018: 31), como se fosse a transação dos meninos em homens da elite – demonstrando claramente a notoriedade da masculinidade. Qualquer mulher que tentasse falar, por mais correta

---

<sup>23</sup> Misoginia segundo o Dicionário Priberam caracteriza a “aversão ou desprezo pelos indivíduos do sexo feminino; repulsão patológica pelas relações sexuais com mulheres” (2021, disponível online).

que estivesse, não seria considerada mulher (Beard, 2018), como se perdesse o seu valor<sup>24</sup>, que por si só, já era pouco entre os homens.

Entre as várias personalidades que desafiaram os paradigmas em prol da participação ativa das mulheres na sociedade, tentando combater a sociedade patriarcal<sup>25</sup>, destaco algumas, de forma cronológica. Olympe de Gouges<sup>26</sup> (1748), a também francesa, Théroigne de Méricourt ainda que, não tendo muitas obras sobre a mesma, foi uma personagem importante na invasão ao Palácio das Tulherias, em 1792 (Library Of Congress, 2022: n.d.); Mary Wollstonecraft<sup>27</sup> (1759), em França, no decorrer da Revolução Francesa, Claire Lacombe (1765) e Pauline León<sup>28</sup> (1768); e por fim, mas não menos importante, que esteve na origem da segunda vaga feminista e que foi, de alguma forma ao encontro de Wollstonecraft, Simone de Beauvoir (1908) com a polémica frase “não se nasce mulher, torna-se mulher”, na publicação da obra *Segundo Sexo* (1967[1949]).

Foram vários os gatilhos que fizeram surgir o sufrágio feminino. O movimento sufragista, antecessor ao movimento feminista, foi um amplo movimento ocorrido em diversos países do mundo, entre o fim do séc. XIX e o início do séc. XX. Protagonizou-se pela luta das mulheres pelo direito ao sufrágio (direito ao voto), tendo este sido durante muito tempo negado (Pereira, 2015; Vicente, 2019; Pinto, 2010; Perez & Ricoldi, 2018; Rocha, 2017; Rampton, 2015; Basmehi, 2017; Garcia, 2020). Na minha análise irei restringir e focar os Estados Unidos, Brasil e Europa, destacando personalidades importantes<sup>29</sup> na luta pela equidade de direitos entre homens e mulheres.

Durante longos séculos o domínio político constituído unicamente por homens, utilizaram a prerrogativa preconceituosa de que as mulheres eram incapazes de atuar no meio político (Beard, 2018; Vicente, 2019). Foi também, no seguimento do movimento sufragista, que a primeira onda do feminismo se sucedeu.

---

<sup>24</sup> Se pensarmos na Antiguidade romana, um claro exemplo da repressão das mulheres é a metamorfose de Ovidio, quando Júpiter transforma Io numa vaca para que a mesma não pudesse falar, apenas mugir. Como prova à sua esposa Juno de que o mesmo não teria qualquer interesse sexual pela Io. Assim como este, casos de violação, eram e foram durante longos séculos resolvidos de forma a silenciar as mulheres – cortando-lhes a língua, como aconteceu com a jovem princesa Filomena e Lucrecia, em Roma (Beard, 2018). Foi algo constante, a repulsa, a submissão, o afastamento do poder e, concludentemente a opressão, que várias mulheres estiveram sujeitas.

<sup>25</sup> Sociedade patriarcal é o termo utilizado para definir uma sociedade regida e dominada pelo sexo masculino, ou seja, é uma ideologia em que o homem detém mais poder do que a mulher e em que a masculinidade tem supremacia em todos os campos sociais (Vicente, 2019; Araújo & Monastérios, 2011).

<sup>26</sup> Através da *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne*, em 1791; consciente dos privilégios que os homens detinham face às mulheres, lutou para que as mesmas tivessem os mesmos direitos, nomeadamente o direito “à liberdade, à propriedade, à resistência e contra a opressão” (Primi, 2020:342; Vicente, 2019; Abreu, 2002; Costa *et al.*, 2018; Carneiro, 2012), algo que motivou a primeira vaga feminista.

<sup>27</sup> Com *A Vindication of the Rights of Women*, em 1792, obra importante na “questão do género que levou a uma enorme consciência feminina – a condição feminina não é natural, mas socialmente construída” (Primi, 2020:342), foi a primeira pessoa em Inglaterra “a reivindicar, de forma clara e objetiva, a igualdade política, civil e económica para todas as mulheres” (Abreu, 2002: 443; Nogueira & Silva, 2003);

<sup>28</sup> Responsáveis pela criação da *Société des Citoyennes Républicaines Révolutionnaires*, conhecida também apenas como *Société des républicaines révolutionnaire* que aclamavam por mudanças sociais (Library Of Congress, 2022: n.d.)

<sup>29</sup> Como é possível ver em Anexo V – Quadro 4: Cronograma histórico feminista das quatro vagas

## 1. As vagas feministas no Norte global<sup>30</sup>

### 1.1 Primeira vaga (1788 - 1949)

“O sufragismo é um movimento importante que deflagrou uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade e também no ambiente político” (Pereira, 2020: n.d.).

A criação do termo feminismo foi atribuída ao utopista Charles Fourier (1772-1837), “como sendo um precursor e impulsionador do movimento feminista apoiando as inúmeras feministas francesas da Terceira República” (Cova, 1998: 8). Juntamente com Fourier, Marquês de Condorcet<sup>31</sup> (1743-1794) e Léon Richer (1824-1911), figuras emblemáticas para as feministas daquela época (Cova, 1998: 8; Tavares, 2008; Vicente, 2019).

É em consonância com as grandes mudanças geradas no período revolucionário, nomeadamente, com a Revolução Francesa (1789) e a da Independência Americana (1776) que algumas mulheres francesas se aperceberam do verdadeiro propósito da “igualdade, fraternidade e solidariedade”. Proclamados nesses tempos revolucionários deixavam de fora uma boa parte da população e promoviam uma maior expansão dos direitos dos homens. Indignadas com tal feito, surgem então, os primeiros textos a requererem direitos para as mulheres (Pereira, 2015; Primi, 2020; Abreu, 2002). Entre eles, como já referido supra, a obra de Olympe de Gouges, *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (1791) e *A Vindication of the Rights of Women* de Mary Wollstonecraft (1792).

Vários acontecimentos foram marcantes nesta primeira vaga feminista, começando pela primeira Convenção de Seneca Falls<sup>32</sup>, em 1848, nos Estados Unidos (Vicente, 2019; History.com, 2017; Rampton, 2015; Garcia, 2020). É aprovada a *Declaration of Sentiments*, traduzida como Declaração de Sentimentos, feita com base na Declaração da Independência, mas “contando com a palavra ‘mulheres’”, visto que naquela o foco principal eram os homens e, assim, só constavam os termos ‘homem’ ou ‘homens’ (Pereira, 2015:5; Primi, 2020).

A educação assoma “como um dos pontos fundamentais que permitiriam à mulher aceder ao espaço público e, desse modo, reabilitar-se da inferiorização social em que se encontrava” (Pereira, 2015: 5-6). Como refere Zina Abreu, Wollstonecraft defendia a ideia de que apenas com um “sistema educativo nacional, universal, misto e igual” (Abreu, 2002: 444) seria possível

---

<sup>30</sup> De forma mais sintética, consultar o Anexo VI– Quadro 5: Síntese das vagas feministas

<sup>31</sup> Enquanto filósofo iluminista francês, “reivindicou os direitos de participação política, de emprego e de educação para as mulheres num debate público”. Ainda que Marquês de Condorcet só tenha publicado o artigo “Sobre a Admissão do Direito de Cidadania às Mulheres”, em 1790, após a Revolução Francesa, o debate é remetido ao ano de 1788 (Vicente, 2019:90)

<sup>32</sup> Organizada por Lucretia Mott e Elizabeth Cady Stanton, sufragistas americanas (Vicente, 2019)

colmatar a ilusória moralidade nas relações entre os homens e as mulheres. A conquista por mais educação feminina e a luta pelo direito ao voto, foi algo que se espalhou por várias partes do mundo e esteve na origem da criação de algumas associações de mulheres.

Nos Estados Unidos surgiu em 1869 a *National Women's Suffrage Association*, por iniciativa de Elizabeth Candy Stanton e de Susan B. Anthony, que requeriam os direitos das mulheres com foco no sufrágio feminino (Anthony, 2015; Abreu, 2002), talvez revoltadas com a 14ª Emenda à Constituição americana, onde era associado o termo *male a cidadão* (Abreu, 2002: 454; Karawejczyk, 2013) como se as mulheres não fizessem parte da sociedade. Trinta e quatro anos depois, em outubro de 1903, do outro lado do Atlântico, em Inglaterra surge a *Women's Social and Political Union (WSPU)*, organização<sup>33</sup> liderada por Emmeline Pankhurst, e reconhecidas como as “suffragettes<sup>34</sup>” (Purvis, 1995; Abreu, 2002; Karawejczyk, 2013).

Em França, entre 1870 e 1880, deram-se alguns passos no surgimento do feminismo, que se propagou “para os restantes países no virar do século” (Cova, 1998: 9). O feminismo tornou-se um movimento no fim do século XVIII - correspondente aos “inícios do Segundo Império em França” (Cova, 1998: 9) e, início do século XIX na luta pela igualdade de direitos (Moraes, 1988; Perez & Ricoldi, 2018).

A primeira vaga feminista começou em Inglaterra nas últimas décadas do séc. XIX, onde várias mulheres reivindicaram os seus direitos (Pereira, 2015). No tumulto das diversas manifestações, as mulheres “ambicionavam uma maior participação na sociedade de forma ativa envolvendo-se em lutas políticas, exigindo alterações legislativas que lhes garantisse o direito ao voto, melhores condições de trabalho e igualdade salarial, o direito de propriedade e o direito ao divórcio” (Vicente, 2019: 57).

Cansadas das manifestações e protestos pacifistas sem efeito, Emily Davison, em 1913, “na famosa corrida em Derby, atirou-se à frente do cavalo do Rei Jorge V” (Pinto, 2010: 15; Vicente, 2019; Munro, 2013) como forma de protesto pela causa, acabando morta. Precisamente

---

<sup>33</sup> Além da WSPU, em prol do sufrágio feminino, de Pankhurst surgiram outras organizações um pouco por todo o mundo ocidental, nomeadamente a *Women's Freedom League (WFL)*, a *National Union of Women's Suffrage Societies (NUWSS)* – fundada em 1897, representada por Millicent Garret Fawcett, foi a maior e mais antiga organização sufragista britânica –, a *National Union (US)* e a *East London Federation of Suffragettes (ELF)*, segundo Liz Stanley e Ann Morley (1988 *apud* June Purvis, 1995: 103; Abreu, 2002; Karawejczyk, 2013); Como representação e identificação da causa em espaços públicos, “na primavera de 1908 a WSPU lançou as cores violeta (dignidade), branco (pureza) e verde (esperança)”, como forma de diferenciação (Abreu, 2002:463).

<sup>34</sup> Tinham como lema “DEEDS NOT WORDS” (Abreu, 2002: 462), o que significa, “ações e não palavras”. Estas eram por vezes, confundidas com as ‘sufragistas’, embora os termos sejam parecidos – termos pelos quais, eram conhecidas as mulheres que se envolviam em campanhas em prol do sufrágio feminino –, a diferença entre os dois não é tanto nos objetivos que tinham, mas sim, no método que aplicaram à sua luta. Cansadas de ser ignoradas, e de verem a sua voz ‘abafada’, as “suffragettes” optaram por métodos mais populistas de choque em prol da luta pelo direito ao voto, a um nível sem precedentes na esfera europeia, – através de manifestações, greves de fome (presas assiduamente, espancadas, e em alguns casos, sujeitas à alimentação compulsiva<sup>35</sup>) –, enquanto as sufragistas utilizavam meios de protesto mais pacíficos (Purvis, 1995; Pereira, 2015; Abreu, 2002).

pelo gesto de asseveração ter resultado numa fatalidade, despertou uma extrema atenção mediática (Vicente, 2019) na luta pelos direitos das mulheres. Uma luta que levou inúmeras britânicas à prisão, como forma de as tentar calar.

Quando falamos em sufrágio feminino, é importante perceber o que o antecedeu, além de tudo aquilo que foi referido até agora. Após a ausência dos homens e da morte de milhares de soldados, provocadas pela I e II Guerra Mundial, tal permitiu às mulheres ter a responsabilidade de participar na reconstrução de vários países. Uma vez que os homens tiveram de combater na I Guerra Mundial, o patriarcado<sup>35</sup> viu-se obrigado a colmatar a força de trabalho que se ausentou, pela urgência de mão-de-obra feminina (Vicente, 2019). Algo que já tinha acontecido com a Revolução Industrial e a requisição de mão-de-obra barata (Vicente, 2019). Ainda que, saídos da I Guerra Mundial, os Estados Unidos possuíam marcas profundas do patriarcado, “apesar da conquista importante, ainda havia restrições em relação às quais, as mulheres poderiam votar, como a alfabetização, conhecimento sobre a Constituição, autorização do pai ou marido e/ou apresentação do pagamento de impostos” (Pereira, 2020: n.d.).

Com o final da II Guerra Mundial, profissões que até então eram exercidas por homens, como as tarefas que exigiam “uma maior força física, como as dos operários fabris, operadores de armazém e mecânicos”, tiveram de ser substituídas por mulheres (Vicente, 2019: 57) algo impensável até então. Daqui resultaram “alterações muitíssimo mais radicais do que a do trabalho; falamos de alterações na indumentária<sup>36</sup>, um ponto fulcral de identidade e identificação para todos os grupos sociais, e da busca pela independência financeira” (Vicente, 2019:58). Ainda assim, como as mulheres não podiam trabalhar e receber, sem o parecer do pai ou do marido, as mesmas deveriam ter uma autorização por escrito e o salário seria recebido pelos mesmos (Vicente, 2019).

Foi também nesta primeira vaga que, em alguns países, as mulheres puderam finalmente publicar livros, “em nome próprio, bem como registar patentes em seu nome, ao contrário do que acontecia” (Vicente, 2019: 57) até, então.

O direito ao voto foi uma conquista adquirida em diversos países em diversos continentes. As mulheres na Nova Zelândia foram as primeiras mulheres – através do sufrágio de 1893 – a conquistarem este direito (Vicente, 2019; Ribeiro, 2020). Na Europa, em 1906, a Finlândia

---

<sup>35</sup> O patriarcado, também denominado de sociedade patriarcal é definido como “um sistema social que assenta na dominância do sexo masculino sobre o sexo feminino” (Vicente, 2019:15), nas diversas esferas da vida em sociedade, seja no poder político, económico e/ou religioso.

<sup>36</sup> Onde foi permitido às “mulheres deixarem de utilizar o espartilho e consecutivamente diminuindo o comprimento das saias, de forma que as mesmas conseguissem ter uma maior liberdade de movimentos” enquanto trabalhavam (Vicente, 2019:58) ainda que apenas dentro das fábricas e armazéns.

permitiu, simultaneamente, aos homens e às mulheres obterem o direito ao voto (Stegmüller, 2021). Enquanto isso, do outro lado do oceano, no Brasil, o direito ao voto também esteve na origem da primeira onda feminista publicamente liderada pelas sufragistas brasileiras<sup>37</sup> (Pinto, 2010:16; Caetano, 2017; Siqueira, 2015; Perez & Ricoldi, 2018; Rocha, 2017; Drummond & Cerqueira, 2019; Costa *et al.*, 2018; Vicente, 2019).

Depois do sucedido com Emily Davison, cinco anos depois, em 1918<sup>38</sup>, o Reino Unido permitiu a todas as mulheres com mais de 30 anos, detentoras de uma propriedade votar (Pereira, 2015; Pinto, 2010; Perez & Ricoldi, 2018). Apenas em 1925, a lei permitiu às mulheres o direito sobre os seus filhos – até então os homens eram os únicos responsáveis pelos mesmos. Em 1928, as mulheres conquistaram os mesmos direitos que os homens, no que concerne ao direito ao voto.

Em 1920 com a 19ª Emenda da Constituição dos EUA – que proibia a discriminação por sexo, quanto ao direito de voto – as mulheres de pele clara passaram a poder exercer o ato de votar, porém só em 1964 as mulheres de raça negra conquistaram o mesmo direito com a Lei de Direitos Civis (Pereira, 2020) que tinha já em 1928, permitido a todas as mulheres inglesas votar (Pereira, 2015).

Precisamente na mesma altura surge em Portugal “um movimento de mulheres que se coligaram pela primeira vez em associações para lutar pelos direitos que viam ser-lhes negados” (Pereira, 2015: 7). Liderada por Ana de Castro Osório, surge em 1909 a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas (1908-1911), seguindo-se a Associação de Propaganda Feminista (Pereira, 2015; Vicente, 2019). Fizeram parte deste grupo várias mulheres marcantes no movimento nacional que foram responsáveis pela “criação de uma consciência feminista em círculos diferentes, nomeadamente Ana de Castro Osório, Adelaide Cabete, Maria Veleda, Carolina Beatriz Ângelo, Angélica Porto, entre muitas outras” (Pereira, 2015:7; Vicente, 2019). Nos finais do século XIX e inícios do século XX, novas contribuições femininas se juntaram, como foi o caso de Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921) e Alice Pestana (1860-1929), fora dos movimentos, com intuito de requerer em “defesa da educação e da autonomia femininas” (Pereira, 2015:8), que acabaram contribuindo de forma a obtermos mudanças na “condição social das mulheres portuguesas” (Pereira, 2015:8). Pela primeira vez, Carolina Michaëlis de Vasconcelos, foi a primeira docente

---

<sup>37</sup> Particularmente Bertha Lutz, que estudou fora do Brasil, mas regressou em 1910 – estando na frente da reivindicação como representante das mulheres. Após uma grande luta, entre a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e um abaixo-assinado ao Senado em 1927, foi apenas em 1932 “promulgado o Novo Código Eleitoral brasileiro” que permitiu às mulheres votarem (Pinto, 2010:16; Caetano, 2017; Siqueira, 2015; Perez & Ricoldi, 2018; Rocha, 2017; Drummond & Cerqueira, 2019; Costa *et al.*, 2018; Vicente, 2019).

<sup>38</sup> Ao mesmo tempo, é instituído o sufrágio universal na Alemanha (Vicente, 2019)



numa universidade portuguesa, contribuindo em defesa da instrução feminina, quando escreveu um artigo intitulado *o movimento feminista em Portugal* (1902), onde referia que “o problema mais urgente da mulher Portuguesa era a sua falta de instrução” (Pereira, 2015: 8). Doze anos após o artigo de Carolina, surge a “mais importante associação feminista portuguesa da primeira metade do século XX”, denominado *Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas*<sup>39</sup>, sendo fechado em 1947 com o Estado Novo e por ordem de Salazar (Pereira, 2015: 8; Vicente, 2019).

Mesmo após a II Guerra Mundial, alguns países da Europa ainda proibiam as mulheres de votar<sup>40</sup> (Stegmüller, 2021; Pereira, 2015).

Com o avanço da urbanização e da industrialização ao longo do século XIX, é já presente a separação nítida entre as esferas privada e pública, o que veio, através da ideia de manter a preservação da moral social, com a inocência feminina tentar novamente reprimi-la. Sendo as mulheres vistas como um pilar na sociedade, encarregues da educação e criação dos filhos, era inconcebível que as mesmas pudessem trabalhar numa instituição, correndo o sério risco de serem corrompidas moralmente. E é aqui que Wollstonecraft (1792), no final dos séc. XVIII, vê a urgência de acabar com a inocência feminina e a falácia, que associa a razão ao masculino e o sentimento ao feminino, numa separação nítida de género (Pereira, 2015). Mary Wollstonecraft, dois anos antes, em 1790, publicou a obra *A Vindication of the Rights of Men*, em paralelo, no mesmo ano, Thomas Paine<sup>41</sup> divulgou *The Rights of Man*, demonstrando-se representante acérrimo “dos homens das classes sociais destituídas de direitos políticos e civis” (Abreu, 2002: 443). Em consonância uma com a outra, ambas nos remetem à premência de reorganização e reestruturação “do Estado e da Sociedade daquela época, de forma a assegurar aos cidadãos a

---

<sup>39</sup> Fundado por Adelaide Cabete, médica ginecologista e sufragista, consistia numa “organização feminista que se dedicava à defesa dos direitos sociais e políticos das mulheres” (Vicente, 2019:98). Em 1924, realizaram pela primeira vez, um congresso feminista, em Portugal (Vicente, 2019; Tavares, 2010), onde foi discutido e aprovada “uma tese sobre o abolicionismo apresentada por Arnaldo Brandão”, que consistia nos seguintes aspetos: “o estado não reconhece a prostituição como modo de vida, constata os males por ela produzidos e procura os seus remédios; a prostituição não é um delito; a regulamentação da prostituição ou outra qualquer medida excepcional contra a mulher, por ineficazes, por imorais, por degradantes e por um rudimentar princípio de equidade devem ser abolidas” (Nash, 2005:104 *apud* Tavares, 2010:2).

<sup>40</sup> Entre eles, China e Índia (1949), México (1953), Suíça<sup>40</sup> (1971), Jordânia (1974), Nigéria (1976), Catar (2003) e Arábia Saudita (2015). No entanto, em outros países, como França, Itália, Japão e Argélia, assiste-se a uma nova onda legislativa, que permite às mulheres votarem (Vicente, 2019). Em Portugal, Carolina Beatriz Ângelo<sup>40</sup> foi a primeira e única mulher a votar nas eleições, em 1911 – um ano após ter sido implementada a I República, para a Assembleia Nacional Constituinte, sendo apenas possível duas décadas depois, todas as mulheres conquistarem esse direito, ainda assim, com grandes limitações (Matos, 2021; Ribeiro, 2020; Drummond & Cerqueira, 2019; Vicente, 2019). Durante 38 anos, ao contrário da Nova Zelândia, em Portugal a lei foi sendo alterada ao longo dos anos. Em 1931, foi concedido o direito ao voto a uma pequena percentagem de mulheres, com algumas limitações. Nomeadamente, as mulheres instruídas, as “chefes de família”, ou seja, “mulheres portuguesas, viúvas, divorciadas ou judicialmente separadas de pessoas e bens com família própria, e as casadas cujos maridos estivessem ausentes nas colónias ou no estrangeiro” (Ribeiro, 2020: n.d.; Matos, 2021; Drummond & Cerqueira, 2019). Três anos depois, a lei foi alargada, abrangendo “mulheres solteiras, maiores ou emancipadas, quando de reconhecida idoneidade moral, que vivessem inteiramente sobre si e tivessem a seu cargo ascendentes, descendentes ou colaterais” (Ribeiro, 2020: n.d.; Matos, 2021). Um ano depois, em 1934, foi permitido às mulheres candidatarem-se. Tendo-se candidatado “Maria Guardiola, Domitília de Carvalho e Cândida Pereira” (Ribeiro, 2020: n.d.).

<sup>41</sup> Thomas Paine teve um percurso um tanto tumultuoso, entre ameaças de execução por enforcamento, preso por traição, pela sua oposição à pena de morte e pela sua posição firme quanto à religião. Atitudes que lhe permitiu deixar um grande legado. Publicou diversas obras, entre elas *Common Sense* (1776), *The Rights of Man*, em duas partes (1791 e 1792), *The Age of Reason* (1794), entre outros (History.com, 2019; Sousa, n.d.).

liberdade, a igualdade e pleno gozo dos seus direitos políticos e civis” (Abreu, 2002: 443). Ainda que Paine prezasse apenas por uma classe específica dos homens, Wollstonecraft, em contrapartida, incluía todas as mulheres, independentemente da classe.

Foi apenas ao longo do séc. XIX e, posteriormente, no início do século XX que as mulheres conseguiram a tão desejada emancipação. Como tal, foi bastante marcante esta primeira vaga na luta histórica pela igualdade de direitos, que procurava em primeira instância, garantir às mulheres a obtenção de direitos de cidadania, como o direito ao voto<sup>42</sup>. Outras lutas envolveram as mulheres, como a luta pela educação feminina das classes mais baixas, uma vez que as mulheres das elites já possuíam essa vantagem. Tendo sido este um dos pontos fundamentais que permitiram às mulheres aceder ao espaço público, começando a quebrar com a inferiorização social a que há muito se encontravam. Foi também aqui que as mulheres se começaram a ver como um ser individual e não como mais um membro da família, podendo inclusive deixar de fora o uso do espartilho; o direito à propriedade; e por fim, o direito a poder publicar livros em nome próprio, e registar patentes (Vicente, 2019).

Além de todas estas conquistas, a primeira vaga é também marcada por outros pontos importantes. Com a publicação, já referida, de Olympe de Gouges – documento saído da Revolução Francesa –, que a levou à guilhotina, “por ser considerada por Robespierre e Marat, uma mulher «desnaturada» e «perigosa demais»” (Vicente, 2019: 44), tendo sido esta, assim como Emily Davison, figuras femininas emblemáticas, para que possamos hoje, ter direitos que elas, outrora não tiveram. Embora lhe tenha custado a vida, serviu como reflexão para Mary Wollstonecraft quanto à posição e condições das mulheres da sua época que, continua a ser uma obra muito importante quando se fala de feminismo; dando por finalizada a primeira vaga com o livro *A Room of One's Own*<sup>43</sup>(1929) de Virginia Woolf. Esta vaga foi apenas a ponta do *iceberg* que desencadeou mais três vagas feministas, entre avanços e retrocessos, como será possível ver ao longo da segunda vaga (1949 - 1990).

## 1.2 Segunda vaga (1949 - 1990)

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (Beauvoir, 1967[1949]: 9).

---

<sup>42</sup> Algo que só mais tarde, foi permitido a todas as mulheres.

<sup>43</sup> Traduzido para português como *Um Quarto Só Para Si*, onde Virginia Woolf afirma, “uma mulher deve ter dinheiro e um tecto só para si se quiser escrever ficção”. Segundo Vicente (Vicente, 2019:99), “esta é uma ideia inovadora, apresentada pela primeira vez nos círculos literários de elite ingleses, onde se via a produção de ficção por uma mulher como uma atividade recreativa e não como uma profissão remunerada”.

Falar sobre feminismo é falar sobre as diversas disputas contra o poder patriarcal. A segunda vaga foi, sem dúvida, a vaga mais longa, com grandes avanços e retrocessos na história do feminismo. É também, no entender de Lúcia Vicente (2019:61), o

“auge das ações feministas que pretendiam chocar o mundo e abrir-lhe os olhos através de manifestações onde se queimam sutiãs, se conservam os pelos corporais, como afirmação de liberdade e libertação de convenções sociais e de estereótipos físicos e se reivindica o controle da própria sexualidade”.

Acabada de sair da II Guerra Mundial, estando ligada a vários movimentos de libertação, foi uma vaga que teve imensas reverberações e que se espalhou mundialmente. Numa época em que as mulheres já estavam a entrar em força no mercado de trabalho, devido à ausência de mão de obra masculina<sup>44</sup>; deixando os espartilhos no local de trabalho no decorrer da primeira vaga, é nesta vaga que as mesmas exigem o abandono absoluto, tanto “reais” quanto “metafóricos” (Vicente, 2019:61). Depois de tantas lutas, e de tantas mortes, para que as mulheres conseguissem conquistar os seus – embora poucos – direitos, entre 1950 e 1970, as mesmas, foram novamente remetidas ao lar, sendo, praticamente, obrigadas a desistir dos seus postos de trabalho, regressando às anteriores funções de dona de casa; com o velho estereótipo da “mulher frágil, indefesa, delicada que requer a proteção física e financeira de um homem” (Vicente, 2019: 61-62). Foi também neste período que as mulheres feministas começaram a ser vistas como “más, desleixadas, feias, que odeiam os homens” e onde o homem começou a ser visto como “inimigo primordial da mulher” (Vicente, 2019:61; Pereira, 2015; Karawejczyk, 2013; Galetti, 2016). Estereótipos e imagens publicitadas principalmente pelo meio político e pelos meios de comunicação existentes (através de cartazes<sup>45</sup>), onde olhavam para estas mulheres com desdém, fazendo escárnio e levantando calúnias sobre as mesmas (Karawejczyk, 2013), com o intuito de lhes retirar credibilidade e evitar que as mesmas ‘fizessem muito alarido’.

A primeira onda do feminismo na Europa, nos Estados Unidos assim como no Brasil, após a conquista do voto, perdeu força, e só 30 anos depois, em 1960 – a par com outros movimentos sociais de contestação, a nível internacional, nomeadamente “as lutas pelos direitos cívicos, os movimentos estudantis, as preocupações com o ecossistema, a reivindicação por parte das minorias, de uma voz e de um lugar que fosse seu” (Amaral, 2008:n.d.; Caetano, 2017; Perez &

---

<sup>44</sup> Como refere Conceição Nogueira (2000), no Capítulo *Feminismo e psicologia social: contribuições para uma perspectiva crítica*, alguns autores defendem que foi claramente um momento de emancipação feminina, onde as mulheres puderam trabalhar e exercer atividades, anteriormente ocupadas pelos homens; porém, outros refutam essa ideia, dizendo que as mulheres só foram chamadas devido à ausência dos homens e que, assim que os mesmos regressaram, elas voltaram ao seu posto inicial (o lar). O que não é errado, se pensarmos bem, foi de facto, embora temporário, uma liberdade feminina. Foi, talvez aí, que as mulheres se aperceberam da sua força de trabalho e do quão gratificante era trabalhar fora do lar.

<sup>45</sup> Como é possível ver pelas imagens que Mônica Karawejczyk (2013:10) recolheu.

Ricoldi, 2018; Galetti, 2016; Garcia, 2020) – apareceu novamente com a obra de Simone de Beauvoir, *O segundo Sexo*<sup>66</sup>. Uma vez escrito num período de conservadorismo extremo, este só foi publicado cinco anos após as mulheres francesas terem garantido o direito ao voto. Tempo esse onde poucas mulheres podiam trabalhar. Como expõe Simone de Beauvoir, “nenhum destino biológico, psíquico, económico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade: é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o cadastro que qualificam de feminino” (Beauvoir, 1967[1949]: 9). Por outras palavras, a autora faz a clara diferenciação entre sexo e género<sup>67</sup>; sendo o primeiro um fator meramente biológico enquanto o segundo considera que as conceções dos indivíduos são socialmente e culturalmente produzidas, ou seja, não é algo inato ao indivíduo. No fundo, refere que as mulheres estavam na condição de submissão, porque lhes era instruído desde tenra idade o seu papel, para que os homens continuassem a manter a sua posição dominante. Assim sendo, o lugar da mulher era no lar e o do homem no trabalho, para sustentar a família. Enquanto não desmistificado o mito da feminilidade – a realização da mulher ligada diretamente ao lar, através das tradições e da doutrina freudiana, segundo Betty Friedan na obra *A Mística Feminina* (2020[1963]), e em concordância com Simone Beauvoir, ao longo do livro – a disputa entre homens e mulheres será eterna. Tal construção era de tal forma marcante que

“o menino admira nos seus novos pelos, promessas indefinidas: ela fica confundida diante do drama brutal e definido que detém o seu destino. Assim como o pênis tira do contexto social o seu privilegiado, é o contexto social que faz da menstruação uma maldição” (Beauvoir, 1967[1949]:56).

Como se, e é referido pela mesma, um lhes conferisse ‘virilidade’ e a outra uma feminilidade, ou seja, um azar da vida. Ser mulher, por si só, já era uma maldição, já eram condenadas à mais pura submissão, pelo infortúnio de não terem sido abençoadas com o órgão sexual masculino. Às mulheres era-lhes ensinado a ‘arte’ de bem servir o seu marido, a fazer as lidas domésticas, como cozinhar determinadas receitas, inclusive, e passo a citar, “como se vestir, aparentar e agir de forma mais feminina e tornar o seu casamento uma aventura emocionante; a impedir o marido de morrer jovem e aos filhos de se tornarem em delinquentes” (Friedan, 2020[1963]:17), no fundo, como ser uma ‘boneca’ burguesa, em prol do que a sociedade esperava delas.

---

<sup>66</sup> Publicada em dois volumes, sendo o primeiro publicado pela primeira vez em 1949.

<sup>67</sup> Ainda que não utilize o termo ‘género’, este foi “uma das pedras de toque teóricas para os estudos feministas de raiz anglo-americana: a apropriação do termo, para significar a construção social de uma diferença orientada em função da biologia, por oposição a ‘sexo’, que designaria somente a componente biológica” (Amaral, 2008: n.d.). Estando na base do despertar de vários estudos sobre essa diferenciação nos anos vindouros, particularmente das teóricas feministas Joan Scott (Amaral, 2008) e Judith Butler, questionando esta última os “mecanismos de construção de género adotados por Beauvoir” (Primi, 2020:350).

Pelas polémicas afirmações nos dois volumes, estes tornaram-se no suporte do feminismo, por se ter espalhado de forma tão rápida e num pequeno intervalo de tempo (Primi, 2020). O Segundo Sexo (em França) serviu de inspiração à ativista Betty Friedan (nos Estados Unidos) com a obra supra, *A Mística Feminina* (1963), foi seguramente a porta de abertura para a segunda vaga.

Através de diversas declarações, de várias mulheres americanas de classe média (ainda que pudesse ser transversal a todas as classes), recolhidas por Friedan, esta chega à conclusão de que a grande maioria relatava incomensuráveis dificuldades com os filhos, com o casamento e com a casa (Friedan, 2020[1963]). É também retratado o estado apático em que as mulheres americanas se encontravam (Pereira, 2015; Stolz, 2014). Se até então elas tinham conquistado um pouco mais de liberdade, quando retomaram ao lar é como se vissem ‘as asas cortadas’. É destacado por Margarida Pereira, sobre a obra de Friedan, a necessidade emancipatória das mulheres, quando a mesma refere “já não podemos mais ignorar essa voz dentro das mulheres que diz: ‘eu quero algo mais do que o meu marido, os meus filhos e a minha casa’” (Friedan, 1992:29 *apud* Pereira, 2015:10) No início era um problema unicamente do sexo feminino, posteriormente tornou-se um problema para a sociedade (Araújo & Monastérios, 2011). Ainda que tentassem constantemente manipulá-las, vendendo-lhes a ilusória ideia de que, qualquer ambição além da criação dos filhos, de manter o lar auspicioso e o marido satisfeito, era a maior ostentação de felicidade, as mesmas sabiam que havia mais além. Tentaram fazer das mulheres que ambicionavam ter uma carreira, mulheres neuróticas infelizes, uma vez que “uma mulher verdadeiramente feminina não desejaria seguir carreira, obter educação mais aprofundada, lutar por direitos políticos e pela independência e oportunidades que as antigas feministas ambicionavam” (Friedan, 2020[1963]:17-18).

Para colmatar tudo isto, com a ascensão dos Estados Unidos da América e o desenvolvimento tecnológico, o cinema e o surgimento da televisão, começam então a “emergir os novos padrões populares de beleza feminina, com curvas roliças e seios generosos” (Vicente, 2019:62). Se, até então, a mulher já tinha provado que era capaz de fazer todo o tipo de trabalho, e de suportar qualquer dor física, é com o desenvolvimento do cinema e da televisão que ela passa a ser vista como “um ser fútil, idílico, frágil, mais preocupado com a aparência do que com o que se passa à sua volta” (Vicente, 2019:62). Como se não fosse suficiente, é também neste período que o patriarcado começa a fazer a sexualização do corpo da mulher e propaga a ‘mulher-diabo’, uma mulher que consegue tudo o que deseja com o uso da sedução; o que resulta, na separação clara, entre as mulheres que dão valor à família, à lida da casa, como mulheres de respeito,

mulheres castas, que a única coisa que procuram é um homem rico para casar e que lhes proporcione o seu maior desejo, ser dona de casa. Enquanto todas as outras, que não se incluíam neste grupo, eram vistas como as mulheres-diabo (Vicente, 2019).

Ainda sobre Betty Friedan, é inteligível a admiração (de várias feministas pela ativista), uma vez que esta defendia a inserção da mulher no mercado de trabalho<sup>48</sup>, assim como a divisão de tarefas domésticas para que a mulher, tal como o homem, pudesse encontrar-se e reconhecer-se como ser humano (Araújo & Monastérios, 2011; Munro, 2013). Algo que ia, de alguma forma, ao encontro da tese de Beauvoir, ambas reivindicavam os mesmos direitos; no entanto, nem todas as mulheres tinham a consciência de que era isso que precisavam, quando a mesma consigna:

“os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito [...] Isso porque não têm os meios concretos de se reunir em uma unidade que se afirmaria em se opondo. Não têm passado, não têm história, nem religião própria” (Beauvoir, 1970[1949]:13).

Ainda que muitas tenham sido praticamente obrigadas a regressar ao lar, não representa todas as mulheres da época, embora uma parte tenha sido obnóxica do fascismo, outras, por outro lado, atuaram ativamente na<sup>49</sup>

“luta contra os vários e diferentes ditadores, fosse na clandestinidade, como espiãs, fosse mesmo na frente da batalha, como foi o caso do esquadrão de mulheres russas que lutaram contra os nazis, ou o das anarquistas espanholas, as ‘Mujeres Libres’<sup>50</sup>, que lutaram de armas em punho na Guerra Civil contra o franquismo (Vicente, 2019:62) juntando-se ao exército libertário e anarquista da Confederação Nacional de Trabalho” (Vicente, 2019:100).

Enquanto a larga maioria da sociedade estava feliz e satisfeita com o retorno da mulher ao lar, com o “vetusto conceito de lar e família” (Vicente, 2019:63), para as diversas feministas, insatisfeitas com o retrocesso na liberdade que haviam conquistado, começaram a “surgir os primeiros estudos de teoria feminista, que antropólogas, filósofas e sociólogas levaram a cabo com o objetivo de perceber o fenómeno cultural que queria amarrar a mulher a um determinado papel” (Vicente, 2019:63; Primi, 2020; Rampton, 2015). Uma vez que, durante muitos anos, os homens serviram de exemplo padrão nas diversas investigações e estudos, só a partir dos anos 60 é que foram estabelecidas as ligações entre a ciência e os movimentos feministas (Rose, 1999 *apud* Saavedra, 2013).

---

<sup>48</sup> Três anos após a publicação de *A Mística Feminina*, em 1966, Betty Friedan, sendo representante do feminismo liberal, tinha como principal objetivo a *abolição da discriminação sexual na esfera política* (Primi, 2020:350). Juntamente com Pauli Murray e Bernard Nathanson, criam a National Organization for Women (NOW).

<sup>49</sup> Inclusive, foram as filhas dessas muitas mulheres nas gerações seguintes, que levaram a cabo as diversas lutas feministas, das décadas seguintes (Vicente, 2019).

<sup>50</sup> Em 1936, a feminista, anarquista e poetisa espanhola “Lucia Sánchez Saornil, cria a fundação anarco-feminista ‘Mujeres Libres’” (Vicente, 2019:100). Esta associação nasce numa altura em que as mulheres se apercebem da necessidade de lutar, de forma independente pelos seus direitos; tinham como principal objetivo a “instrução feminina, a sua capacidade para o trabalho e a sua emancipação” (Vicente, 2019:100).

A clara diferenciação de género, como conhecemos hoje, surgiu apenas em 1970. Até então, como foi referido na primeira vaga, o que diferenciava o homem da mulher, eram os comportamentos característicos de cada um (Vicente, 2019) o termo “homem” era universal, como representante dos homens e das mulheres (Araújo & Monastérios, 2011). Foi também nesta vaga, em 1968, que se queimaram sutiãs<sup>51</sup>, cintas e pestanas postiças publicamente (Nogueira & Silva, 2003; Vicente, 2019; Galetti, 2016), algo revolucionário na altura, como se fossem “amarras que o patriarcado queria impor-lhes, demonstrando assim que já não era essa a situação da mulher em sociedade” (Vicente, 2019:63). Outra revolução desta vaga foi a luta pelo direito à sexualidade (Galetti, 2016; Rampton, 2015; Basmechi, 2017). Até então, a mulher era vista unicamente como procriadora e era impensável pensar-se na mulher como alguém que sente prazer<sup>52</sup> (Tavares, 2010) e que, como tal, tem domínio sobre o seu corpo, sobre a sua sexualidade e até sobre a gravidez. Foi nessa época que surgiu a pílula contracetiva<sup>53</sup> (inicialmente nos EUA, e seguidamente na Alemanha), como uma enorme revolução para a sociedade (Pinto, 2010; Basmechi, 2017; Garcia, 2020); começando as mulheres a ter mais liberdade de e se queriam engravidar. Ainda que “tenhamos tido de esperar algumas décadas até que o uso da pílula contracetiva se generalizasse ou fosse comumente aceite” (Vicente, 2019:63), o seu surgimento publicamente já trouxe consigo “uma considerável, imparável e irreversível mudança social, cultural e de mentalidades” (Vicente, 2019:63). O seu surgimento foi algo revolucionário, uma vez que o sexo passou a ser visto como algo além da reprodução. Foi a primeira pílula, e como tal, teve efeitos colaterais, como mal-estar e ganho de peso, porém, os laboratórios continuaram a pesquisar e criaram uma panóplia de pílulas, entre elas, “a pílula do dia seguinte, o adesivo e o implante com hormônios” (Hartl, 2020: n.d.). Algo que só foi possível, como refere Lúcia Vicente, “recorrendo à desconstrução de estereótipos e lutar com particular convicção para se receber o mínimo de atenção dos meios de comunicação social e conseguir chegar-se ao maior número possível de pessoas” (Vicente, 2019:61).

Em França, na mesma linha, em 1971, na revista *Le Nouvel Observateur*, é publicado um manifesto (Manifesto das 343), onde 343 mulheres assumem já ter praticado o aborto, correndo

---

<sup>51</sup> Conhecido como *Bra-burning* foi um protesto que juntou cerca de 400 ativistas do *Women's Liberation Movement* contra a objetificação do corpo feminino, que estava a ser feita através do concurso de beleza *Miss America* em Atlantic City (Vicente, 2019:103; Rampton, 2015).

<sup>52</sup> Como refere Manuela Tavares (2018:1), “à mulher era negado o prazer, porque uma relação sexual no casal que pudesse despertar na mulher uma maior exaltação, poderia significar fazer dela uma prostituta”.

<sup>53</sup> Desde a década de 60, através de vários movimentos sociais, algumas feministas tinham como foco a luta pela liberdade, onde eram abordadas questões como “o uso de anticoncepcionais, o direito à esterilização e tantos outros direitos” (Alecirim, Silva & Araújo, 2014: 164). Surgido em 18 de agosto de 1960, o contracetivo Enovid-10 foi pensado (em segredo e de forma ilegal, uma vez que os contraceptivos eram oficialmente proibidos nos Estados Unidos, sendo apenas legalizados em 1965) 10 anos antes, pela feminista Margaret Sanger e Katherine McCormick, com o objetivo de encontrarem algo que fosse “contra a gravidez, fácil de usar, eficiente e barato” (Hartl, 2020: n.d.) com a ajuda de Gregory Pincus (cientista).

o risco de serem julgadas, visto que, o aborto era ilegal<sup>54</sup> (Vicente, 2019). É no decorrer desta década que outros países, nomeadamente os EUA, Alemanha, Espanha, entre outros, debatem e lutam pela alteração da legislação sobre o aborto. Ainda que tenham tido percursos diferentes, nos Estados Unidos da América é a partir da decisão da Suprema Corte, no caso *Roe v. Wade*, em 1973 que foi decretada a legislação sobre o aborto (Sarmiento, 2005); na Alemanha, embora tenha sofrido várias alterações, entre 1974 e 1976, num período tão curto de tempo, o aborto foi legalizado e posteriormente criminalizado pelo Tribunal Constitucional Federal da Alemanha, pelo ato ir contra os direitos humanos previstos na Constituição. Em 1992, foi novamente revisto e permitido, com outra tipologia, e só em 1995 uma nova lei foi editada para adequar-se à decisão da Corte Constitucional (Sarmiento, 2005). Ainda assim, “a lei estabeleceu um procedimento pelo qual a mulher que queira praticar o aborto deve recorrer a um serviço de aconselhamento, que tentará convencê-la a levar a termo a gravidez” (Sarmiento, 2005: 53), sendo notório que, embora a mulher tenha a possibilidade de optar pelo aborto, a mesma é quase manipulada a não o fazer. Em Espanha, ao contrário do país alemão, esta não teve tantas oscilações na lei. Em 1985 foi legalizado, embora tenha tido algumas tentativas, por parte de parlamentares contrários ao aborto, a lei não sofreu alterações (Sarmiento, 2005). Em todos os casos, embora tenham alguma oscilação, o aborto só seria comumente aceite se, de alguma forma representasse um risco para a gestante, em alguns casos, se o feto tivesse uma má formação, se tivesse resultado de uma violação e principalmente, o tempo decorrido de gravidez não ultrapassasse um determinado número de semanas.

Foi precisamente neste registo que alguns movimentos feministas se coligaram a outras causas cívicas e políticas. Um dos casos foi o da luta pelos direitos cívicos nos Estados Unidos da América – com a entrada de diversos jovens na Guerra do Vietnam, o surgimento do “movimento hippie, na Califórnia que propôs uma forma nova de vida, que contrariavam os valores morais e de consumo norte-americanos, propagando o famoso lema «paz e amor»” (Pinto, 2010:16; Caetano, 2017; Galetti, 2016; Rampton, 2015); do outro lado do Atlântico, em França, o *Maião de 68* através de protestos e confrontos entre estudantes (liderados por Daniel Cohn-Bendit) e a polícia, reivindicando reformas no ensino (Silva, 2018); paralelamente em Portugal, apenas em dezembro de 1968, com a governação<sup>55</sup> de Marcello Caetano, deixou definitivamente de existir

---

<sup>54</sup> Embora tenha sofrido algumas alterações ao longo dos anos, e talvez, com a influência das manifestações, as normas da lei francesa de 1975 foram tornadas definitivas em 1979, onde se legalizava a interrupção da gravidez. Em 2001, com a Lei 2001-588, foi ampliado o prazo geral de possibilidade de interrupção da gravidez de 10 para 12 semanas (Sarmiento, 2005).

<sup>55</sup> António de Oliveira Salazar (Presidente da República portuguesa, promotor do Estado Novo, entre 1933-1974) é substituído por Marcelo Caetano.



“discriminação sexual do voto em Portugal” (Ribeiro, 2020: n.d.) e passou a ter apenas como restrição o analfabetismo (Matos, 2021). Quatro anos depois, em Portugal, deu-se o julgamento de Maria Teresa Horta, Maria Isabel Barreno e Maria Velho da Costa pela publicação do livro *Novas Cartas Portuguesas*, onde continha a divulgação de

“muitas situações discriminatórias e lesivas para a mulher em Portugal, foi também um passo inaugural numa caminhada que tem sido até aos dias de hoje, naquilo que é a igualdade de género nas diversas circunstâncias sociais, culturais, laborais e económicas” (Brandão, 2018: n.d.)

Porém, como é característico de um estado com um regime autoritário e conservador – devido ao conteúdo erótico e político do livro, considerado um atentado à moral pública – foram submetidas a um processo judicial, posto pelo regime de censura de Marcello de Caetano. A detenção das 3 Marias e “a proibição de distribuição dos livros foi notícia internacional, o que causou um grande movimento de apoio junto das feministas um pouco por todo mundo” (Vicente, 2019:106; Brandão, 2018), que iniciaram manifestações exigindo a liberdade das três arguidas. Acabaram por ser libertadas em maio de 1974, e uma vez que a notícia se espalhou e gerou uma enorme onda de solidariedade; resultou num dos livros mais traduzidos no estrangeiro, tendo estado, inclusive, esgotado em Portugal por mais de 10 anos (Vicente, 2019). Uma mulher, também importante neste processo foi Natália Correia, acusada dos mesmos crimes, tendo sido editora responsável pela publicação do mesmo (Vicente, 2019).

Saídos de um clima de censura e repressão, foi então, com a Revolução de 25 de Abril de 1975<sup>56</sup>, que o direito ao voto se tornou “universal em Portugal” (Matos, 2021: n.d.) permitindo a todas as mulheres fazer “uma cruz no boletim de voto e/ou ter acesso a uma carreira política” (Vicente, 2019:57). Dois anos depois novos passos se deram na questão da igualdade de género, em 1977, assistimos à criação da Comissão da Condição Feminina, atualmente conhecida como CIG (Schouten, 2018); e avançou a um nível mais internacional, em 1986, com a entrada de Portugal na atual UE (anteriormente conhecida como Comunidade Económica Europeia), o que resultou “num incentivo para políticas de igualdade, tal como os diversos Planos Nacionais para a Igualdade” (Schouten, 2018: 471; Tavares, 2008). No continente europeu assistimos à

---

<sup>56</sup> Também conhecida como a Revolução dos Cravos, esta revolução fez cair o regime fascista português, instituído em 1933. Além do acontecimento em si, que trouxe inúmeras oportunidades e conquistas para as mulheres, em particular, é importante ressaltar a participação das feministas na luta contra o fascismo (muitas delas, membros do PCP), ainda que, de forma clandestina, pela desvalorização que as mesmas tinham, até então. É de ressaltar, entre muitas outras, Virgínia Moura, Margarida Tengarrinha, Maria Palmira Tito de Morais, Maria Isabel de Aboim Inglês, Ema Quintas Alves, Maria Lamas, Manuela Porto, Irene Bártole Russel, Lídia França Pereira, Maria Helena Novais, Cesina Bermudes, Cândida Ventura, Luísa Chagas Costa, Virgínia Inês de Lima, Maria Eugénia Martins Correia, Amélia do Carmo Oliveira e Palmira Ribeiro, que trabalharam, como já foi referido, de forma clandestina, criando, inclusive, famílias tradicionais para não levantarem suspeitas, de forma a difundirem as “ideias comunistas, de liberdade e de apoio aos trabalhadores” (Vicente, 2019:107). É também, com a revolução, reconhecida constitucionalmente a igualdade entre homens e mulheres (Schouten, 2018).

“governança de duas primeiras-ministras, Margaret Thatcher<sup>57</sup>” (1979-1990) no “Reino Unido, e Maria de Lourdes Pintasilgo” (1979-1980) “em Portugal” (Vicente, 2019:64; Goellner & Jaeger, 2007), sendo este um grande marco na história.

É no decorrer de todos estes acontecimentos que surge, na Europa e nos Estados Unidos, o “movimento feminista como um movimento libertário, onde as mulheres falam pela primeira vez diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres” (Pinto, 2010:16). Movimento esse que não procurava apenas a inserção da mulher “no trabalho, na vida pública e na educação, mas que tinha como objetivo uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tivesse liberdade e autonomia” para arbitrar sobre a própria vida e inclusivamente sobre o seu próprio corpo (Pinto, 2010:16).

Além das personalidades importantes desta vaga já referidas, é importante falar também de Gloria Steinem e Dorothy Pittman Hughes. Em 1971 conceberam a revista *Mr.*, que começou “por ser um suplemento da New York Magazine” (Vicente, 2019:64), tornou-se um dos marcos da história do feminismo por ter tido tanto sucesso, e onde eram divulgadas as ideias feministas (Vicente, 2019); Carol Hanisch, enquanto jornalista e ativista no feminismo radical; Lorraine Bethel, poetisa e autora feminista afro-americana; Gloria Jean Watkins, conhecida como Bell Hooks, escritora (*Ain't I a Woman?*, em 1981) figura importante no feminismo negro, lutando como ativista antirracista (Vicente, 2019) e muitas outras<sup>58</sup>. Além da edição de jornais, livros, panfletos e revistas, as feministas desta vaga procuravam chegar a todas as mulheres e obter uma união, “entre diferentes países, partilhando ideias ou sentimentos expressos pelas mensagens difundidas” (Nogueira & Silva, 2003:13).

Como já referido, esta vaga foi uma vaga turbulenta, com grandes avanços e retrocessos, onde foram travadas lutas prepotentes, as mulheres conseguiram “alcançar liberdades de extrema importância que muniram as mulheres da capacidade de decisão sobre o seu corpo, algo que só a elas diz respeito, e abriram portas que ficariam para sempre escancaradas” (Vicente, 2019:64). Além de tudo isto, “a luta por direitos laborais e benefícios estatais” (Vicente, 2019:63) para as mulheres foram marcos desta segunda vaga. Após 57 anos desde a conquista do direito ao voto

---

<sup>57</sup> Algo que poucos devem saber é que, para Margaret Thatcher pudesse ‘ser ouvida’, reconhecida e respeitada, na sua posição, a mesma teve “aulas de dicção especificamente pra baixar o tom da voz, de modo a acrescentar o tom de autoridade que os seus conselheiros achavam que faltava à sua voz estridente” (Beard, 2018:51).

<sup>58</sup> Assim como Kate Millet com o livro *Sexual Politics* (1970), onde se tornou na primeira pessoa a abordar a questão de género na sua tese de doutoramento, onde expôs que, “até no ato sexual, a dominação era masculina e que isso tinha implicações políticas e de dominação do poder” (Vicente, 2019:104; Perez & Ricoldi, 2018); Maria Teresa Horta, Germaine Greer com a obra *The Female Eunuch* (1970), Shulamith Firestone com *Dialectics of Sex* (1971), Gloria Steinem, Dorothy Pittman Hughes e Angela Davis (Vicente, 2019; Nogueira & Silva, 2013; Perez & Ricoldi, 2018). Ruth Bader Ginsburg viria posteriormente a ocupar um lugar no Supremo Tribunal de Justiça norte-americano, notabilizando-se como uma das figuras mais liberais deste tribunal (Vicente, 2019).

no Reino Unido, em 1975 a Organização das Nações Unidas<sup>59</sup> declarou, na I Conferência Internacional da Mulher no México, a década da mulher nos 10 anos seguintes (Pinto, 2010; Vicente, 2019; Carneiro, 2012).

Conquistado e reconhecidas como sendo seres únicos e individuais, o direito de propriedade e o direito ao voto na primeira vaga; nesta segunda vaga, as mulheres lutaram, não pela igualdade, mas sim, pela enfatização da diferença<sup>60</sup>, pelo direito a uma carreira, por políticas de reprodução<sup>61</sup> e identidade, separadamente, pelo direito à sexualidade<sup>62</sup> e ao aborto; no entanto, é na terceira vaga que começam a ser debatidos temas como, a identidade, a diversidade e a tão falada interseccionalidade.

### 1.3 Terceira vaga (1992 - 2006)

“As mulheres terão conseguido verdadeira igualdade quando os homens partilharem com elas a responsabilidade de criar a geração seguinte – Ruth Bader-Ginsburg” (Vicente, 2019:66)

Alcançadas várias conquistas que as feministas da primeira e da segunda vaga se propuseram, através das várias manifestações, um pouco por todo o mundo, as mulheres na Europa ocidental conseguiram, “formalmente e num sentido amplo de cidadania, combater as injustiças e as desigualdades legais, políticas e socioeconómicas” (Nogueira, 2000:253).

A terceira vaga acaba por ser uma “análise das vagas anteriores, com intenção de colmatar lacunas para assim alcançar uma maior inclusão de todos no movimento e interligar todas as pessoas feministas” (Vicente, 2019:67; Gillis, Howie & Munford, 2004). Também conhecida, por alguns autores, como a época de pós-feminismo<sup>63</sup> (Nogueira & Silva, 2003; Siqueira, 2015; Drummond & Cerqueira, 2019), é um “período onde os ideais do feminismo são colocados em causa” (Nogueira & Silva, 2003:14). Porque acreditavam que não havia mais nada

---

<sup>59</sup> Quatro anos depois, a Assembleia- Geral da ONU, através da *Convenção para a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra as Mulheres*, define “o que é discriminação contra as mulheres e cria uma agenda que os membros devem adotar” (Vicente, 2019:107);

<sup>60</sup> Até então, a mulher procurava a igualdade entre homens e mulheres, mas esta vaga veio-nos mostrar que os homens não são, nem nunca serão, iguais às mulheres. Como tal, procuraram “celebrar e valorizar as qualidades particulares e as capacidades que as mulheres possuíam” (Nogueira & Silva, 2003:14). Passam assim, de uma “política de igualdade, para uma política de autonomia” (Nogueira & Silva, 2003:14; Drummond & Cerqueira, 2019).

<sup>61</sup> Embora não o tivessem bem definido na altura, quando falamos em direitos reprodutivos, não se trata apenas da pessoa querer ou não ter filhos, falamos de uma decisão de forma livre, quanto à possibilidade de ter filhos, ao número de filhos, quando e principalmente, à “informação quanto aos meios e técnicas para terem filhos ou não” (Alecrim, Silva & Araújo, 2014: 167).

<sup>62</sup> Ao contrário da ideia ilusória e ultrapassada presente na altura, os “direitos sexuais dizem respeito ao direito de viver e poder expressar livremente o exercício da sexualidade, sem nenhum tipo de coação, violência, imposições ou discriminações, possuindo o direito de escolher se quer ou não relações sexuais” (Alecrim, Silva & Araújo, 2014: 167), não tendo uma ligação direta com os direitos reprodutivos, como era até então.

<sup>63</sup> Após as várias conquistas, na década de 80, “o feminismo começou a ficar ‘fora de moda’ e esta informação foi sistematicamente veiculada pelos meios de comunicação social, que referiam que as populações mais jovens estavam completamente indiferentes ao feminismo e às lutas que tiveram de ser travadas no passado” (Nogueira, 2000: 252; Gillis, Howie & Munford, 2004). O conceito de pós-feminismo (Macedo, 2006 *apud* Siqueira, 2015: 339) “poderá assim traduzir a existência hoje de uma multiplicidade de feminismos, ou de um feminismo «plural», que reconhece o fator da diferença como uma recusa da hegemonia de um tipo de feminismo sobre outro, sem, contudo, pretender fazer tabula rasa das batalhas ganhas, nem retificar ou «fetichizar» o próprio conceito de diferença”.

a conquistar, ou então, porque achavam que a luta pela igualdade entre os dois sexos, acarretaria mais prejuízo para as mulheres do que necessariamente benefícios<sup>64</sup>. É precisamente neste contexto que surge o fenómeno “Backlash<sup>65</sup>- um movimento reativo contra o feminismo” (Nogueira, 2000: 253; Vicente, 2019).

Num período onde o feminismo já tivera melhores dias, surge Rebecca Walker – escritora, feminista e ativista norte-americana, proclamada pela mesma como sendo uma das grandes vozes da terceira onda, quando publicou um artigo na revista *Ms*<sup>66</sup>. em 1992. Ao mesmo tempo que escrevia o artigo, Walker contribuía na emergência do movimento dos direitos das mulheres, nomeando-o *Third Wave Feminism*<sup>67</sup>. Antes de se tornar ativista, durante o seu percurso académico, constatou que muitas mulheres embora se enquadrassem com os ideias feministas, não queriam ser reconhecidas como tal. Devido à imagem que os meios de comunicação passavam – como sendo “lésbicas, anti-homem, radicais” (Vicente, 2019:67), “mal-amadas, desinteressantes do ponto de vista sexual e com problemas de relacionamento interpessoal” (Nogueira, 2000: 255). Na mesma década Lígia Amâncio chegou à mesma conclusão, segundo a mesma, “fruto da ignorância desses estudantes” (1998:80 *apud* Schouten, 2018:468) as feministas eram vistas dessa forma; depois das diversas reivindicações da segunda vaga, elas acreditavam que mais nada havia a fazer, pois “todas as reivindicações feministas das vagas anteriores haviam sido alcançadas” (Vicente, 2019:67). No entanto, não era bem assim. O feminismo não chegava a todas as mulheres e foi nesta vaga que começou a surgir uma pluralidade de feminismos.

É com o desenvolvimento do feminismo negro<sup>68</sup> e o seu destaque (Siqueira, 2015; Perez & Ricoldi, 2018) que surge o feminismo interseccional<sup>69</sup>. Ou seja, “ele entende que o feminismo deve ser uma luta pelos direitos humanos e não apenas uma luta para alcançar os mesmos direitos que os representantes do sexo masculino, brancos, ocidentais, heterossexuais e de classe média alta” (Vicente, 2019:67).

---

<sup>64</sup> A célebre frase «Eu não sou feminista, mas...» retratava as várias mulheres que tentavam afastar-se do estereótipo limitador criado na segunda vaga. O que resultou num distanciamento que as mesmas sentiam, mas que, ao mesmo tempo, reconheciam a permanência de alguns problemas por resolver (Nogueira, 2000); nomeadamente a “desigualdade sexual” (Nogueira & Silva, 2003: 14).

<sup>65</sup> Surgiu através de “escritores opositores” que utilizavam os meios de comunicação para ameaçarem quem se tencionasse unir ao movimento feminista, com risco de resultar numa ‘revolução’ por parte dos homens (Nogueira & Silva, 2003:14).

<sup>66</sup> Rebecca Walker, segundo Vicente (2019:110), refere algo como “Não votem neles, a não ser que trabalhem para nós. Não tenham sexo com eles, não partilhem pão com eles, não os consolem se eles não priorizarem a nossa liberdade para controlarmos o nosso corpo e as nossas vidas. Eu não sou uma feminista do pós-feminismo. Eu sou a terceira vaga”. Como uma reivindicação pelos direitos que as mulheres deveriam usufruir.

<sup>67</sup> Organização que lutava em prol de justiça para as mulheres de cor e pela comunidade LGBTQIA+ (Vicente, 2019).

<sup>68</sup> Como será possível ver no subcapítulo – Os feminismos: confrontos e alianças.

<sup>69</sup> A interseccionalidade representa o “cruzamento entre elementos como raça, classe, localidades ou religião” (Siqueira, 2015:350; Drummond & Cerqueira, 2019) sexualidade, deficiência, entre outros (Perez & Ricoldi, 2018).

Simone Beauvoir, na década de 1960, já levantara a questão do feminismo enquanto luta de classes, visto que não bastava só lutar por uma causa (como foi o aborto), mas tendo como objetivo primordial que todas as mulheres tivessem acesso ao mesmo (Vicente, 2019; Rampton, 2015). Na primeira e na segunda vaga tínhamos mulheres que lutavam pelos mesmos direitos, mas dentro daquele que era o patamar social, ou seja, de classe média alta. Ao fazê-lo, estavam sim, a emancipar a mulher, mas estavam também a subjugar outra, como foi o exemplo das mulheres negras, homossexuais e as que trabalhavam como empregadas domésticas (Siqueira, 2015). Foi no decorrer desta ‘exclusão’ (embora, não propositada), em que outras mulheres se encontravam, que se destacou a “existência de uma pluralidade de feminismos, debates e conflitos internos” (Snitow, 1990 & Stainton Rogers, 2001 *apud* Nogueira & Silva, 2003:14), que resultou na “discussão relativa ao essencialismo, à diferença e à pós-modernidade” (Bohan, 1997 *apud* Nogueira & Silva, 2003:14; Garcia, 2020). Ou seja, ainda que todas as mulheres sejam semelhantes, são diferentes. Nesta vaga, procuraram desconstruir a categoria de ‘mulher’ enquanto um indivíduo coletivo que partilha das mesmas opressões e dos mesmos problemas. Antes de podermos falar das mulheres enquanto seres diferentes entre si, é importante perceber o que antecedeu a questão do gênero, que foi debatida na segunda vaga e revisada nesta.

Uma personalidade importante nesta vaga que vem desconstruir o termo ‘gênero’ com uma abordagem pós-estruturalista da sexualidade é Judith Butler<sup>70</sup> (2017 [1990]). Antes de falar de Butler, é importante contextualizar. O termo *gênero*, por si só, embora com percepções diferentes, já foi trabalhado por vários autores (nomeadamente Michel Foucault, Anthony Giddens, Mary Wollstonecraft, Margaret Mead<sup>71</sup>, Simone Beauvoir, Marilyn Strathern, Anne McClintock, entre tantos outros, antes mesmo de gênero ser categorizado); surgiu apenas na década de 1950 pelo psicólogo John Money<sup>72</sup> e foi posteriormente desenvolvido na área da saúde, por Robert Stoller e Ralpf Greenson (1966), que se dedicaram à evolução do conceito, tendo por base as “primeiras

---

<sup>70</sup> Com a obra *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity* (1990), traduzida para português como *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade* (2017 [1990]), Judith Butler centra-se na coerência das categorias de sexo, gênero e sexualidade culturalmente construídas através da repetição de atos ‘estereotipados’. Butler entende o gênero, o sexo e a sexualidade, como performativos e contesta claramente os conceitos biológicos sobre ‘binarismo’ sexual. Inclusive no que se refere às opressões sofridas pelas mulheres, “estas são atingidas de modos diferentes, sendo necessário um recorte de classe e raça” (Rocha, 2017: 37).

<sup>71</sup> Em 1935, Margaret Mead, antropóloga cultural norte-americana, publicou o ensaio antropológico *Sexo e Temperamento em Três Sociedades Primitivas*. Este ensaio veio revolucionar os “conhecimentos sobre a construção da identidade de gênero, colocando em causa a teoria de que o gênero é baseado na constituição biológica do corpo de cada sexo, e defendendo, antes, uma construção cultural que pode condicionar os comportamentos observados” (Vicente, 2019:100)

<sup>72</sup> Utilizou o conceito para relacionar “as diferenças entre o sexo anatômico e o que ele considerava o sexo psicológico” (Lattanzio & Ribeiro, 2018:412). Numa época em que a diferença sexual entre homens e mulheres, era vista como inquestionável e o gênero era compreendido como uma construção social a partir da diferença sexual entre homens e mulheres. Embora tenham surgido outras terminologias relativas ao mesmo, a adaptação do termo, “de forma a estabelecer todo um novo campo de estudos e dar respaldo científico a teorias esparsas que, por exemplo, combatiam a naturalização das desigualdades entre homens e mulheres, foi mérito de Money” (Lattanzio & Ribeiro, 2018:412). Algo que, Mary Wollstonecraft (1792) já aludia, embora num contexto mais político.

relações entre mãe e filho na definição do género da criança” (Lattanzio & Ribeiro, 2018:411). Numa altura em que os “direitos dos homossexuais começaram a ganhar visibilidade política, as lutas de várias ‘minorias’ contra preconceitos ganhavam força, os transexuais<sup>73</sup> cada vez mais, procuravam nas cirurgias a mudança de sexo”, enquanto as famílias começavam a mudar a sua estrutura (Lattanzio & Ribeiro, 2018:411). Deixou de ser tão abordado pela psicanálise, por várias razões, mas a principal, por se tratar, “de um conceito social” (Lattanzio & Ribeiro, 2018:411). Assim sendo, e voltando a Butler, numa primeira fase, ela questiona a diferença sexual como algo que não pode ser pensado de uma forma diferente. Ela diz-nos que a diferença sexual é construída com base no género. Algo que é explicado mais aprofundadamente por Thomas Laqueur (1992), tendo como início da sua observação o tempo dos gregos até Freud, onde mostra que, até ao séc. XVIII, vigorava a teoria do sexo único. Uma pessoa importante e com pressuposto questionáveis (quando comparado com o que é sabido) era Aristóteles (no séc. IV A.C.). O filósofo grego acreditava que não existia uma diferença essencial entre homens e mulheres, ou seja, ele acreditava que as mulheres tinham os mesmos órgãos reprodutores que os homens. A diferença dava-se pelo facto de os órgãos das mulheres serem mais internos, o que resultava na falta de calor durante a gestação (Laqueur, 1992 *apud* Costa, 2012). Destarte, o “homem era considerado mais significativo – eficiente e ativo – e a mulher como sendo um ser passivo” (Potts, 2002 *apud* Costa, 2012:15). A preocupação deles não era tanto o companheiro (a) sexual, mas sim o excesso, ou seja, “a atividade versus a passividade, quem sodomizava e quem era sodomizado” (Weeks, 2003 *apud* Costa, 2012:15). Daí a homossexualidade em muitas culturas ter sido, durante muito tempo aceite, desde que, “a prática nunca feminizasse o homem” (Weeks, 2003 *apud* Costa, 2012:15). Assim sendo, a única censura, seria, qualquer comportamento dito feminino. Aliás, desde a Grécia Antiga com Aristóteles, como já foi possível ver, “afirmava-se a distinção entre os sexos, com a superioridade masculina e o seu posicionamento como grupo de referência e comparação” (Bem, 1993 *apud* Nogueira, 2000:255). Este foi, inclusive, um pensamento presente até ao século XX, segundo Heleieth Saffioti (Saffioti, 2015 *apud* Rocha, 2017:20), no qual, tanto Sigmund Freud, quanto Karl Marx se inseriam. O médico, psiquiatra e uma das grandes influências na psicanálise, colaborou significativamente para esta dominação. Contribuiu para que a mulher perdesse credibilidade, tanto enquanto mulher, como também nas suas relações. O

---

<sup>73</sup> Uma vez que, por exemplo, um indivíduo do sexo masculino (ou do sexo feminino) não se identifique com o seu género (sejam transexuais ou travestis), e tendo consciência de que, para estes “há uma dor latente por um sentimento de não pertencimento ao corpo que a natureza lhes deu” (Rocha, 2017:38) Butler, vem contestar a relação direta do género com o sexo. Assim sendo, o género é uma construção social e cultural, que pode, hoje, ficar ao critério de cada um, enquanto o sexo é biologicamente definido pelos nossos órgãos sexuais.

resultado disso, como podemos, ainda hoje perceber, centra-se na culpabilidade feminina. Nos estudos de Freud, posteriormente analisados por Saffioti (1992 *apud* Rocha, 2017: 20), “(...) os relatos das mulheres, que frequentavam o seu consultório, sobre abusos sexuais contra elas perpetuados pelos seus pais, eram fantasias derivadas dos desejos de serem possuídas por eles, destronando, assim, as suas mães”.

Atribuindo assim, a culpa da violação às crianças, Saffioti refuta, “na pesquisa realizada entre 1988 e 1992 não se encontrou um só caso de fantasia. A criança pode, e o faz, enfeitar o sucedido, mas a sua base é real, isto é: foi, de facto molestada pelo seu pai” (2015:19 *apud* Rocha, 2017: 20).

Mais uma vez, fruto de uma sociedade patriarcal. Como é exposto por Saffioti, e com base nos seus estudos, concluiu que “as vítimas, incluindo meninos, não tiveram outra escapatória se não ceder ao estupro praticado pelos seus pais e, em bem menos proporção, pelos seus padrastos” (2015 *apud* Rocha, 2017:20). Ou seja, as crianças, sejam elas meninos ou meninas, não procuram ser violadas, talvez, em boa parte dos casos, elas nem saibam ao certo em que consiste o ato sexual.

Se antes tínhamos noção que os homens e as mulheres eram diferentes, mas queríamos a igualdade, a terceira vaga rompe definitivamente com essa ideia. Conscientes que o feminismo até então não abrangia todas as mulheres, pode-se dizer que o feminismo se tornou plural com uma diversidade de questões, características de uma sociedade contemporânea (Nogueira & Silva, 2003). É aqui que percebemos que nem todos têm acesso aos mesmos direitos, e/ou as mesmas condições, para exercer esse direito: “as mulheres não são iguais entre si, tendo em vista a presença de elementos diferenciadores como a classe e a raça, que propiciam relações de dominação e subordinação, impossibilitando uma efetiva solidariedade” (Caetano, 2017:7; Siqueira, 2015).

Além da luta pela interseccionalidade, outra reivindicação desta vaga, é a luta pelo prazer sexual feminino. Se na segunda vaga as feministas vieram expor publicamente que as mulheres, assim como os homens, têm prazer, nesta elas procuraram mostrar que podem e devem usufruir desse prazer. A indústria da música<sup>74</sup> teve uma grande influência nesta vaga, uma vez que algumas

---

<sup>74</sup> Ainda que o famoso termo *Girl Power* tenha sido difundido pelas *Spice Girls*, e tenha despoletado uma enorme adesão, no entender de Vicente, estas não se enquadram nas conquistas feministas, uma vez que “foram responsáveis por uma das maiores campanhas de perpetuação de cânones culturais inerentes à beleza feminina, ao corpo e ao comportamento amoroso que a sociedade espera de uma rapariga, o que traz mais dano do que benefício à causa feminina e feminista” (Vicente, 2019:69).

bandas procuraram consciencializar a sociedade para problemas como a violação, o direito sobre o próprio corpo e a liberdade de expressão individual e sexual<sup>75</sup>.

Se, por um lado, na vaga anterior, a televisão e o cinema, acartaram prejuízos no que a mulher representava na sociedade, nesta vaga, nomeadamente com a série *Sexo e a Cidade*<sup>76</sup> (1998-2004), foi possível conscientizar as pessoas para outras questões “como a maternidade (apresentada sob as suas variadíssimas formas), a sexualidade e o prazer sexual feminino, as relações amorosas as relações profissionais<sup>77</sup> e a sororidade<sup>78</sup>” (Vicente, 2019:69-70). Além de tudo isto, a série veio-nos mostrar uma nova imagem da mulher feminista (contrária aquela que tentaram criar nos meados da segunda vaga),

“uma mulher que não odeia homens e que pode ser feminista se assim o desejar, que pode ser uma advogada de sucesso e mãe ao mesmo tempo. A partir daí, assumiu-se que o feminismo tinha vários rostos e várias formas” (Vicente, 2019:70).

Além de tudo isto,

“trouxeram para a praça pública a questão do consenso numa relação sexual, o que chamou a atenção para as dezenas de casos de violação que tinham lugar diariamente e obrigou a sociedade a reconhecer quão preocupante e inadmissível isso é. Não significa não<sup>79</sup>” (Vicente, 2019:68).

Esta questão, foi algo que, até então, nunca se tinha falado publicamente (Vicente, 2019). Paralelamente, no Brasil, o movimento feminista profissionalizou-se, com a criação de Organizações Não-Governamentais, que tinham como objetivo atuar junto do Estado a fim de “aprovar medidas protetoras para as mulheres” e procurando uma maior envolvimento por parte das mesmas na política (Pinto, 2010:17). Com isso,

“surgiram diversas formas de organização e identidades feministas, tais como as mulheres pobres articuladas nos bairros através das associações de moradores, as operárias através dos departamentos femininos dos seus sindicatos e centrais sindicais, as trabalhadoras rurais através das suas várias organizações começaram a auto identificar-se com o feminismo, o chamado feminismo popular” (Costa, 2005:9 *apud* Caetano, 2017:9).

Uma das grandes questões da época – e seguramente, ainda hoje – era a “luta contra a violência, de que a mulher era vítima, principalmente a violência doméstica” (Pinto, 2010: 17;

---

<sup>75</sup> Deste modo, é impossível não falar da rainha do pop, Madonna. Na sua “tour «Erótica» e com o documentário «Na cama com Madonna»” (Vicente, 2019:69) teve um enorme impacto na “cultura popular sobre a sexualidade e prazer sexual femininos, ao mostrar imagens de uma mulher livre e independente que explora a sua sexualidade sem medos e em público” (Vicente, 2019:69).

<sup>76</sup> A série conta com seis temporadas, onde “acompanhamos a vida de quatro amigas, todas com modos de vida e personalidades diferentes, e respetivas vidas sexuais, relações amorosas e objetivos de vida. Ainda que a série padronize determinados comportamentos femininos ou por só representar a vida de quatro mulheres brancas de classe média alta (...) a sua importância foi inegável na promoção do debate, pela primeira vez, de várias questões relativas ao universo feminino que emergiam naquela época” (Vicente, 2019:69)

<sup>77</sup> Assim, como em alguns outros assuntos relacionados com o feminismo, não há um consenso sobre o debate destas questões. Há quem refira que foi na segunda vaga (Gillis, Howie & Munford, 2004), enquanto outros, acreditam que tenha sido na terceira vaga (Vicente, 2019).

<sup>78</sup> Termo que se veio a popularizar na vaga seguinte.

<sup>79</sup> Algo que, ainda hoje é causa de debate e problema. “Antes ou durante um encontro sexual” (Vicente, 2019:68) o ‘não’, deve ser aceite e respeitado. Como refere Vicente, “infelizmente, e apesar de a palavra «não», não ter muitas interpretações possíveis, ainda hoje se trava a batalha do consentimento, do que o determina e do que o termina” (Vicente, 2019:68).



Siqueira, 2015; Basmechi, 2017). A fim de ir ao encontro deste crime, que até então não era sequer colocado em causa, assomaram-se as “Delegacias Especiais da Mulher” – criadas poucos anos antes pelo movimento feminista. Foi também instaurada a *Lei Maria da Penha (Lei n. 11 340, de 7 de agosto de 2006)*, que conseguiu o reconhecimento nacional e internacional, e a sua aprovação no Brasil, de modo a combater a violência doméstica<sup>80</sup> e familiar contra as mulheres (Siqueira, 2015; Costa, 2012; Perez & Ricoldi, 2018). Desde que a lei foi criada, muitos projetos-lei tentaram enfraquecê-la, mas devido à ação conjunta de Maria de Penha, dos movimentos feministas e de instituições governamentais, a lei nunca sofreu retrocessos.

Em Portugal, o crime de violência doméstica foi consagrado pela primeira vez no Código Penal em 1982, com a epígrafe, “«maus-tratos ou sobrecarga de menores e de subordinados ou entre cônjuges»”, previsto e punido no artigo 153º, números 1,2 e 3. Assim como outras leis, esta teve alterações desde 1982<sup>81</sup> e atualmente, o crime de violência doméstica insere-se no “Capítulo III (Crimes contra a integridade física), do Título I (Crimes contra as pessoas), da parte especial do Código Penal Português” (Simões, 2015: 7).

Tendo as mulheres conquistado mais liberdade e autonomia<sup>82</sup>, surge um problema, para o qual algumas teóricas já teriam chamado à atenção nas vagas anteriores, como foi o caso de Betty Friedan (Araújo & Monastérios, 2011), mas que só nesta vaga, começaram a ser debatidos publicamente. Até então, as mulheres eram as principais responsáveis pela educação e pelas lidas domésticas, mas tendo as mesmas conquistado o direito a ter uma atividade profissional, surgem consequências – a exaustão física e principalmente mental causada pelo ‘medo’ de falhar, conciliando a carreira e ao mesmo tempo a educação dos filhos, e a urgência na partilha de tarefas (Nogueira, 2000; Vicente, 2019; Schouten, 2018; Rocha, 2017). Uma mulher (dentro de um relacionamento) não deve escolher entre ‘a casa e a família’, uma vez que a casa e a família são do casal. Como tem sido dito até então, é sabido que as lidas domésticas ficaram conferidas à mulher, pois “ao longo dos séculos houve uma intensa fomentação na construção de uma

---

<sup>80</sup> Segundo Fernanda Rocha (2017: 22), com base nos dados do IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2015), a lei *Maria de Penha*, contribuiu para a diminuição da violência doméstica, inclusive, observou uma “queda de 10% nos números de homicídios domésticos contras as mulheres”. Ainda assim, no Brasil, continuam a ser muitas mulheres (e homens) mortos às mãos dos (as) seus (suas) companheiros (as) que ficam à margem da estatística.

<sup>81</sup> Entre a caracterização, a atribuição de natureza pública e alteração da moldura penal, a alteração mais considerável foi a “subdivisão do crime maus-tratos e infrações de regras de segurança em três tipos: crime de violência doméstica (art.152º), maus-tratos (art.152º-A) e violação de regras de segurança (art.152º-B)”, (Para um maior aprofundamento do tema, consultar a dissertação de Sara Simões, 2015:7).

<sup>82</sup> Como menciona Conceição Nogueira (Nogueira, 2000:253), “apesar de tantas mudanças, a natureza das relações entre homens e mulheres, e entre as próprias mulheres, assim como o mundo social, permaneceram relativamente semelhantes. As mulheres, pelo menos as do mundo ocidental, controlam a sua fertilidade de formas nunca pensadas nos anos 70 e recebem pelo menos 10 anos de escolaridade obrigatória. As mulheres (ainda as do ocidente e não universalmente) têm mais liberdades formais e cívicas (para viajar, votar, ter propriedades, etc.)”.

organização social hierarquizada pelo sexismo<sup>83</sup>” (Rocha, 2017:34; Rampton, 2015). Desde os tempos primórdios com a mulher a cuidar das crianças e tendo como principal ocupação a reprodução e cuidado dos mesmos, enquanto o homem saía para caçar. Mudando os cenários, o homem moderno continuou a sair, mas para trabalhar – o homem e a sociedade evoluíram, mas as ‘ditas obrigações’ da mulher, aparentemente, mantiveram-se as mesmas. Como refere Conceição Nogueira (2000), vinte e um anos atrás, mas tão importante e atual, “a partilha das tarefas é feita apenas por uma minoria de casais, já que poucos são os casos em que os homens partilham todas as responsabilidades da casa ou o cuidado prestado às crianças” (Nogueira, 2000:254).

Algo que “os movimentos feministas e as instituições relevantes assinalaram a importância da igualdade no espaço privado” (Schouten, 2018:476), ainda que não seja possível interferir dentro de cada lar. Além do mais, se até então as mulheres podiam contar com a ajuda de algum membro feminino da família,

“É preciso não esquecer o desenvolvimento da família que sofreu uma grande mudança nos últimos 100 anos. Provavelmente a perda mais importante para a moderna família nuclear foi o suporte de estruturas de parentesco, como avós, tios, cunhados, etc. Uma mulher jovem do século XX com um filho, terá mais dificuldades em o criar e o educar que uma mulher no século XIX, principalmente pela quantidade de stress que essa situação implica atualmente” (Nogueira, 2000:254).

Antes era possível contar com o apoio da família, onde as crianças poderiam ficar com os avós ou com os tios, para ‘poupar’, de alguma forma, a mãe. No entanto, essa idealização deixou de resultar, nesta vaga e na próxima, ou porque as famílias se afastaram, ou simplesmente, porque também elas, têm outras coisas a fazer. A questão necessária que Conceição Nogueira exalta é a reeducação dos homens. Uma vez que estamos a falar de um casal (independentemente da sua configuração), é nesta vaga que se começa a falar mais da partilha entre o casal, “sem a reeducação dos homens de forma a funcionarem como parceiros iguais em situações afetivas e familiares ou o suporte constante de outro adulto, o stress torna-se imenso e prejudicial para muitas mulheres” (Davidson & Cooper, 1992 *apud* Nogueira, 2000: 254).

A idealização de autonomia e independência financeira, da segunda vaga, “surtem agora de forma ‘estranha’ nos ouvidos das mulheres que escolheram combinar a família” e um percurso

---

<sup>83</sup> Entenda-se por sexismo, segundo o Dicionário Priberam (2021, disponível online) a “teoria que defende a superioridade de um sexo, geralmente o sexo masculino, sobre o outro; discriminação baseada em critérios sexuais” e complementando com o que refere Lúcia Vicente (2017: 28), “as atitudes sexistas fazem parte integrante e estrutural de uma sociedade patriarcal e mascaram-se frequentemente de moralismos e preconceitos que desafiam a lógica mais sofisticada”. O sexismo, pode, portanto, ser exercido por ambos os géneros. No entanto, “as mulheres são as suas maiores visadas, mesmo quando o sexista é também do sexo feminino”.

profissional nesta vaga (Nogueira, 2000: 254). De forma a ir ao encontro deste problema, em Portugal,

“muitas das iniciativas que emanaram dos Planos de Igualdade, da legislação geral e de programas europeus como o EQUAL tiveram como objetivo criar condições favoráveis a uma partilha mais igualitária das lides da casa. Para tal, ajudaram as medidas em prol da articulação mais adequada entre trabalho, família e esfera privada. Isso implicou, entre outras medidas, a possibilidade de licenças<sup>84</sup>, a disponibilização, ou o estímulo a outras formas de organização do trabalho, no contexto das empresas” (Schouten, 2018: 476).

Ainda que tenha impactado algumas famílias, e tenha gerado alguns resultados, na sua maioria, continua a prevalecer o modelo tradicional. Contando com o acesso à licença de maternidade e paternidade, a mulher continua a ser a maior responsável pelo cuidado<sup>85</sup> da criança, porque assim a sociedade o impõe. Sendo as mulheres as maiores responsáveis pelo cuidado, e juntando ainda o facto de as “mulheres auferirem um salário mais baixo”, isto resulta num menor “prejuízo para a família” (Vicente, 2019:154). Além de uma maior partilha de tarefas e responsabilidade pelos filhos, a igualdade salarial também estará no foco de atenção e será uma das reivindicações das feministas que defendem a existência de uma quarta vaga.

É precisamente nesta sequência que o feminismo se torna mais abrangente, abrindo portas a todas as pessoas, independentemente da etnia, da classe e da orientação sexual, com novas causas e rompendo com velhos paradigmas; com isso assistimos ao surgimento de outros movimentos feministas. Caso contrário, se não tivesse sido feita esta mudança, a terceira vaga teria promovido “mulheres brancas, racistas, homofóbicas e xenófobas no poder, que usufruiriam desse mesmo poder para continuar a subjugar e alienar mulheres de outras etnias, com a orientação sexual que não a cisgénica<sup>86</sup>, ou que não vivessem no seu país de origem” (Vicente, 2019:70).

Embora não tenha tido tantas reverberações quanto a anterior, foi sem dúvida um grande avanço na sociedade. Foi a partir daqui que começaram a falar mais abertamente sobre a questão de género como uma construção social e cultural e o sexo como uma diferença física que distingue um indivíduo do sexo feminino do sexo masculino, tendo sempre em consideração o dimorfismo sexual. Lembrando que embora se continuasse a ver vários papéis associados à mulher, como

---

<sup>84</sup> Foi legalmente implementada a licença de maternidade em 1976 em Portugal por 90 dias, para mulheres trabalhadoras, e em 1995 a de paternidade, durante 2 dias após o nascimento da criança. Ainda que tenha tido algumas alterações ao longo do tempo, aumentando a sua duração e dando de alguma forma, um equilíbrio entre os progenitores (para um maior aprofundamento da questão, consultar a Dissertação de mestrado de Cláudia Lourenço, 2019).

<sup>85</sup> Ainda que a justificação para tal resultado seja a questão da amamentação, é importante salientar que em muitos casos a mãe não consegue amamentar e mesmo as que o fazem existe a possibilidade de “armazenar leite materno para que ele seja fornecido ao bebé por outro cuidador” (Vicente, 2019:155).

<sup>86</sup> Uma pessoa cisgénero, é uma pessoa “cujo sexo biológico atribuído à nascença está de acordo com o género com que se identifica” (Vicente, 2019:136).

refere Schouten (2018:472), “a diferença biológica mais relevante é o facto de que são as mulheres que engravidam, dão à luz e amamentam”. Não podendo, nunca, considerar-se as mulheres como o ‘sexo frágil ou fraco’ unicamente ligado às emoções, que tem vindo da segunda vaga.

#### 1.4 Uma eventual quarta vaga (2006 - )

“No fundo, a nova onda de ativismo feminista militante está a redefinir a noção de impossível, exigindo tanto pão como rosas: o pão que décadas de neoliberalismo retiraram das nossas mesas, mas também a beleza que alimenta o nosso espírito através da euforia da insurreição” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:26-27).

Desde a terceira onda feminista até à atualidade, com o pós-feminismo agregado à pós-modernidade<sup>87</sup>, vemos diariamente várias questões sendo colocadas em causa, e é impossível não recordar Bauman (2007[1991]), pela ambiguidade própria de um tempo líquido.

Assim sendo, podemos dizer que o feminismo contemporâneo é caracterizado pela sua diversidade de propósitos (Basmehi, 2017:9). Assistimos às transformações do feminismo, com o desenvolvimento crescente dos meios digitais de comunicação.

O feminismo desde a primeira vaga, sofreu de várias alterações, vários moldes e várias repressões. A cada dois passos de avanço, um de recuo, imposto pelo patriarcado. Foi assim, desde o sufrágio. Uma característica do feminismo da quarta vaga, e aliado, aos tempos modernos, é que o mesmo deixou de ser macro e se tornou micro. Ou seja, se antes a preocupação eram os problemas globais (que afetavam diretamente quem por eles se manifestava) como o direito ao voto, hoje são defendidas questões mais particulares (questões raciais, abuso sexual, violação, igualdade salarial, a lista é extensa...). Fruto de uma economia crescente, o neoliberalismo<sup>88</sup> é apontado como uma grande barreira ao feminismo desta vaga – algo unânime

---

<sup>87</sup> A definição de pós-modernidade é complexa e como tal, existem vários pontos de vista sobre a sua formação e significado. Como bem refere Esperandio (2007:10), “Nietzsche já nos mostrou que nenhum conhecimento é neutro. Pelo contrário, diz-nos que o conhecimento é sempre perspectivo e as perspectivas são inúmeras. Assim, qualquer pretensão de explicitar a noção de pós-modernidade parece, de antemão, uma tarefa fadada ao fracasso, se considerarmos que a mesma representaria, evidentemente, apenas numa perspectiva”. Vários teóricos utilizam este termo como forma de caracterizar a rutura com os ideais iluministas que foram definidos durante a modernidade, como o sonho utópico da construção de uma sociedade perfeita com base em princípios vistos como únicos e verdadeiros. Bauman (1925-2017) utilizou o termo ‘modernidade líquida’ para se referir à pós-modernidade. Ou seja, ele acreditava que vivemos numa sociedade onde o foco é o consumo. Assim como a aquisição é rápida – ou as pessoas tendem a querê-la de forma rápida, também se destroem e se ‘fartam’ com a mesma efemeridade. Numa modernidade líquida, onde as palavras de ordem são ‘instabilidade, fragmentação e multipluralidade’. Além de Bauman, Maffesoli (Consultar o artigo “Pós-modernidade”, de 2011 [disponível em <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/1471/1451> e acedido a 25 de janeiro de 2022]) e Lipovetsky (Consultar o artigo intitulado “Sedução, publicidade e pós-modernidade, de 2000 [disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/3062/2340>, acedido a 25 de janeiro de 2022]), também abordaram a questão.

<sup>88</sup> No entender de algumas teóricas e feministas (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:32), o feminismo liberal é apontado como o “alibi perfeito” para o neoliberalismo, uma vez que, e passo a citar, “aliado à força das finanças globais dos Estado Unidos, abriga a islamofobia na Europa”. Acreditando, inclusive, que o capitalismo continua a ser o maior opressor, “depois de ter envenenado a atmosfera, de ter ridicularizado toda e qualquer pretensão de governo democrático, levado ao limite as nossas capacidades sociais e piorando, na generalidade, as condições de vida para a larga maioria”, algo que se tem perpetuado nos últimos quarenta anos (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:14). No entanto, também é

entre alguns autores (Basmehci, 2017; Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019). No entender de Mendes (2012:554 aludido por Basmehci, 2017:5),

“not only has there been an erasure of feminist activism from these newspapers over time, but that discourses of feminism have become both de-politicized and de-radicalized since the 1960s and can now largely be considered neoliberal in nature – a problematic construction for those seeking collective social change”.

Assim, complementa Basmehci (2017:5) “this study has identified in emphasizing women’s ‘gains, attitudes, and achievements’”, como se as mulheres tivessem finalmente alcançado todos os direitos que lhes eram devidos e que, como tal, fosse “culturally acceptable to return to an age of ‘enlightened sexism’”, onde discursos misóginos, racistas e hétero-normativos são levados com ironia (Douglas, 2010, Gill, 2007, McRobbie, 2009 & Walter, 2010 *apud* Basmehci, 2017:5; Garcia, 2020). É com objetivo de ir contra este pensamento que esta vaga “está empenhada em derrotar completamente a nossa cultura milenar misógina e a violenta predação sexual que dela resulta” (Bebiano & Ramalho, 2018 *apud* Drummond & Cerqueira, 2019:11; Basmehci, 2017: 9; Munro, 2013). Ao mesmo tempo que o “return of beauty pageants is applauded, women are encouraged to conform to limited notions of (white, middle-class) female beauty, consumption is seen as the quickest (and most satisfying) route to empowerment; and being a sex object is ‘liberating’” (Mendes, 2012:565 *apud* Basmehci, 2017:5).

É sabido que os meios de comunicação sempre estiverem de alguma forma envolvidos com a luta feminista. Se na segunda vaga, as feministas eram vistas pelos meios de comunicação com escárnio e desdém, da terceira para – assumindo que estamos numa nova vaga, a quarta vaga, a preocupação deixou de ser tanto a crítica e a tentativa de denegrir o movimento, mas sim a observação atenta do ativismo feminista.

De forma a tentar perceber se a quarta onda tem sido o reflexo da terceira, na ótica dos meios de comunicação (em específico, o jornal *New York Times*), Basmehci (2017), desenvolveu um estudo quantitativo onde analisou as diferenças e semelhanças das publicações à data das respetivas vagas<sup>89</sup>. A nível político, destacou questões como o aborto, o controlo de fertilidade, questões laborais<sup>90</sup>, nomeadamente as licenças de maternidade (Basmehci, 2017:7 *apud* Franl,

---

importante referir que, embora o capitalismo seja responsável pela opressão de género, o mesmo não criou a subordinação do sexo feminino, pois “já existia nas mais diversas formas em sociedades classistas anteriores” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:43). Este apenas gerou “novas e especificamente «modernas» formas de sexismo, sustentadas por novas estruturas institucionais” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:43).

<sup>89</sup> Onde acredita que a terceira vaga tenha começado em 1990 e tenha ido até 2012, ano que considera o início da quarta vaga feminista (Basmehci, 2017).

<sup>90</sup> Relativamente às questões laborais, mais concretamente a uma parentalidade mais justa e mais igualitária, na Alemanha, desde 2015, “foram tomadas medidas governamentais, em que é incentivado que ambos os progenitores usufruam de um horário laboral em part-time, de cerca de 30 horas semanais, durante os primeiros três anos da criança” (Vicente, 2019:155). Esta medida, além de englobar os dois progenitores – o que é ótimo, porque nos encaminha para uma sociedade mais igualitária – ao mesmo tempo desconstrói o papel tradicional da mãe, que, em muitos

2003:36), o apoio na maternidade, através da assistência social e creches, principalmente para as mães solteiras; e a ‘aceitação’ das mães que optaram por deixar a sua carreira em prol dos seus filhos (Basmehi, 2017:7 *apud* Kathleen, 2010:70), como algo que elas decidiram fazer, e não, porque lhes era impingido. A nível cultural, constatou que na educação houve um aumento da produção e distribuição dos ideais feministas, com o surgimento de cursos onde constavam unidades curriculares sobre género, tendo por base a teoria feminista (Basmehi, 2017; Garcia, 2020). O que, como constata, é algo paradoxal, porque à medida que consciencializa os jovens a nível académico (Basmehi, 2017; Munro, 2013), ao mesmo tempo, “this is taking place in the hierarchical and assessment oriented context of education rather than in informal groups” (Basmehi, 2017:8 *apud* Nash, 2002:314). No entender de Garcia (2020:5), “no mundo académico, a herança é a da segunda vaga, que perspetiva homens e mulheres como classes mutuamente exclusivas”. De modo que, “quem se forma em ‘estudos de género’ sai mais preparado para ser um teórico do que um ativista” (Garcia, 2020:5).

Outro estudo, com uma abordagem mista – através da análise de conteúdo qualitativa e quantitativa, realizado por Drummond e Cerqueira (2019), consistiu na cobertura do movimento feminista português e brasileiro. Através da análise dos jornais Público e Folha de S. Paulo – versão online, no decorrer da quarta vaga<sup>91</sup>, tinham como objetivo perceber “quais as temáticas principais das notícias, o enquadramento e as imagens das mulheres nestes textos noticiosos” (Drummond & Cerqueira, 2019:11). Os resultados são bastante interessantes. No que concerne ao ativismo feminista, estas são “demonstradas como mulheres que lutam pelos seus direitos, não havendo a criação de um estereótipo negativo” (Drummond & Cerqueira, 2019:23), onde “mostram as mulheres como agentes de sucesso principalmente na sua carreira, mas há uma falta de textos que enfatizem a mulher e a sua vida política” (Drummond & Cerqueira, 2019:23). Em ambos, o que os distingue, é que enquanto o jornal português se focou em valorizar a história de vida das ativistas, o jornal brasileiro, preocupou-se mais em retratar o ativismo “como um movimento social” (Drummond & Cerqueira, 2019:23).

Ainda que os meios de comunicação tenham mudado a sua visão quanto aos movimentos feministas e tenham, de alguma forma começado a observar mais atentamente o ativismo feminista, a expansão do feminismo não se deveu a eles.

---

casos “trabalha o mesmo número que horas que o pai” (Vicente, 2019:155). Só em 1878, foi instituído o direito à baixa laboral por maternidade, ainda que tenha sido o primeiro país a fazê-lo, foi preciso esperar até 1977 para que o mesmo se aplicasse à paternidade (Vicente, 2019)

<sup>91</sup> O período estipulado pelas mesmas foi de 2013 a 2015 (Drummond & Cerqueira, 2019).

Como já vinha da vaga anterior, com objetivo de abranger todas as pessoas, com o início da pluralidade de feminismos, vimos surgir o feminismo interseccional, que dentro daqueles que já existiam, ia ao encontro das outras pessoas que saíam marginalizadas dos restantes movimentos. O feminismo tornou-se, assim, plural no seu modo de “pensar a realidade das mulheres de diversos lugares, etnias, religiões e sexualidades” (Machado, 2018:11), não sendo possível definir-se com tanta facilidade como as anteriores, mas tendo como principal característica a abrangência através das redes sociais. Como efeito, temos assistido a uma disseminação da interseccionalidade (Perez & Ricoldi, 2018; Basmechi, 2017) e ao surgimento de novos feminismos.

Ainda que esta onda esteja em curso, muito se desenvolveu desde a terceira vaga – contando desde 2006<sup>92</sup>. O maior acesso por parte dos indivíduos às redes sociais e à tecnologia – no seu todo, que tem resultado no ativismo paralelamente digital – agora, também com os inúmeros *hashtags*<sup>93</sup> (Vicente, 2019; Perez & Ricoldi, 2018); ou também denominado de “ciberativismo”, tornando-se assim, a Internet, uma ferramenta crucial para o novo ativismo (Rocha, 2017:53; Galetti, 2016; Munro, 2013). Questões que não eram tão faladas publicamente, como as discussões sobre a identidade e o corpo – a transfobia e a gordofobia (Perez & Ricoldi, 2018) que já aconteciam, mas não eram levadas a público; outras questões têm-se arrastado desde a terceira vaga, como a “precarização do trabalho, o assédio, a justiça machista” (Drummond & Cerqueira, 2019: 4; Perez & Ricoldi, 2018; Basmechi, 2017) e a desigualdade salarial (Rampton, 2015; Schouten, 2018).

Esta vaga, é assim denominada de “feminismo cibernético” (Vicente, 2019: 9) ou “ciberfeminismo<sup>94</sup>” (Felgueiras, 2017:119 *apud* Perez & Ricoldi, 2018). Dentro do mundo que é a internet, seja através de “blogs, redes sociais, sites, vídeos, todos os meios de comunicação

---

<sup>92</sup> Na opinião de alguns autores, a data de início da quarta onda não é consensual, enquanto uns acreditam ter sido em 2006 (Vicente, 2019), outros acreditam que em 2012 ainda estaríamos na terceira onda (Basmechi, 2017). Portanto, ficarei cingida à data 2006, pois o objetivo não são tanto as datas em concreto, mas os acontecimentos.

<sup>93</sup> As *hashtags* tornaram-se popularizadas com as redes sociais, e servem hoje, como uma ferramenta que une “mulheres em causas que lhes são comuns” (Machado, 2018:10); Algumas das mais utilizadas são: #MeToo, #HerforShe, #Freethenipple, #PussyGrabsBack, #TimesUp, #EverydaySexim, #ExposeYourPig, #YesAllWomen, #NoMoore, #Aintnocinderella, #BringBackOurGirls, #notok, #tamojunta, #mexeucomumamexeucomtodas, #GoEqual, #RapeCultureIsWhen, #WhyIStayed, #IamANastyWoman, #AllMenCan, #feminismforkids, #PeriodsAreNotAnInsult, #TheEmptyChair, #SayHerName, #HobbyLobby, #YouOKSis, #NotGuilty, #AddWomen, #NotYourAsianSideKick, #BlackGirlsAreMagic, #WomenBoycottTwitter, #IWillGoOut, #Fem2, #PrettyPeriod, #ImWithHer, #ToTheGirls, #EffYourBeautyStandard (Vicente, 2019:78-79), #NosotrasParamos, #WeStrike, #VivasNosQueremos, #NiUnaMenos, #TimesUp, #Feminism4the99 (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:21-22); No Brasil, em 2014 através da jornalista Nana Queiroz, foi lançada a *hashtag* #Nãomereçoserestuprada, em resposta a “uma pesquisa onde era referido que 65% dos entrevistados achavam que as mulheres mereciam ser atacadas quando estão com roupas que mostram o corpo”, em 2015 com o intuito de estudar a violência sexual a #primeiroassedio (Drummond & Cerqueira, 2019:9-10); Um dos casos mais recentes que se tornou viral através de uma *hashtag* foi #MariellePresente e #MarielleFranco. Onde uma mulher “vereadora negra, socióloga, mãe, feminista, lésbica, ‘cria da Maré’ e defensora dos direitos humanos” foi assassinada (Machado, 2018:10; Vicente, 2019:118).

<sup>94</sup> O ciberfeminismo pode ser entendido “como um conjunto de estratégias estético-políticas-comunicacionais orientadas à cultura eletrónica, sobretudo a internet e a tecnologia digital” (Rocha, 2017:59 *apud* Ferreira, 2015:3).

digital” ampliaram o meio de atuação feminista, permitindo, um maior alcance e “divulgação de causas feministas” (Perez & Ricoldi, 2018: 9; Rocha, 2017; Basmechi, 2017; Munro, 2013). Indo assim, contra as tentativas do patriarcado de continuar a impor uma sociedade hegemónica e heteronormativa. Uma vez que não tem como controlar aquilo que é partilhado (exceto, claro, nos países onde há um controlo<sup>95</sup> tão extremo ao ponto de ser minuciosamente escolhido o que é permitido ver e a quem). Desta forma, no Ocidente,

“As novas tecnologias de comunicação redimensionaram os movimentos sociais, tanto em relação às formas de organização, quanto à acessibilidade. Para o feminismo, o mundo digital possibilitou a expansão e o acesso quase ilimitado ao seu discurso, empoderando ainda mais mulheres, permitindo um novo lugar de fala” (Toledo, 2017: 5 *apud* Perez & Ricoldi, 2018: 9).

Resultado disso,

“A internet abriu espaço para todas as discussões e fora das ondas feministas mais conhecidas. Feminismo negro, feminismo gay, sexualidade, ‘mansplaining’<sup>96</sup>, assédio, violação, empoderamento, sororidade<sup>97</sup>, machismo quotidiano, género, gordofobia e tantos outros territórios ganham espaço e são discutidos cada vez mais” (Toledo, 2017: 6 *apud* Perez & Ricoldi, 2018: 10).

Vemos atualmente nas redes sociais (como o *Facebook*<sup>98</sup>, o *Instagram*, o *Youtube*, entre outras) sendo utilizadas para avisar e conduzir a mobilização política das mulheres, na organização de manifestações e protestos (Perez & Ricoldi, 2018; Rocha, 2017; Basmechi, 2017). Assistimos assim a uma “transposição da modalidade micro, a nível local, para a modalidade macro, ultrapassando fronteiras e conectando-se com redes de movimentos sociais distribuídos pelo mundo inteiro” (Rocha, 2017:52), proporcionando ações coletivas e de solidariedade, favorecendo assim, uma “maior democratização na construção e divulgação de ideias (...) feministas antes restritas a pequenos grupos” (Perez & Ricoldi, 2018: 15; Basmechi, 2017).

Quando falamos de tecnologia e principalmente do avanço da tecnologia, é inegável o quão benéfico esta se revelou para a mulher, assim como corrobora Ferreira, 2015:4 (citado por Rocha, 2017:59) quando olhamos para a tecnologia, não apenas no sentido informativo, mas sim, à ligação das “mulheres e o desenvolvimento das ‘tecnologias reprodutivas’ que, nos anos 70

---

<sup>95</sup> Ainda que as plataformas online possuam cada vez mais usuários, ainda existem áreas geográficas onde as mulheres enfrentam injustiças sociais, “in Turkey, women make up 72% of social media users” (Munro, 2013:23).

<sup>96</sup> Além de “mansplaining, termo pejorativo utilizado para descrever uma situação em que o homem explica um assunto a uma mulher de forma condescende, ultraconfiante e partindo do pressuposto de que sabe mais sobre o assunto, seja ele qual for, do que a sua interlocutora – assistimos à criação de termos como manspreading, manterrupting, bropropriating, gaslighting, feminazi, momsplaining e empoderamento feminino” (Vicente, 2019: 45-47) naquele que poderia ser considerado o dicionário feminista.

<sup>97</sup> Termo já utilizado na vaga anterior, consiste na “união entre mulheres, baseado na empatia e companheirismo” (Perez & Ricoldi, 2018; Vicente, 2019). Este é também um traço da quarta vaga: um pouco pelo mundo assistimos à união de várias mulheres em prol de causas feministas. Assim, com a utilização de plataformas digitais, “conectar-se e criar grupos, redes e comunidades tornou-se muito mais fácil. E assim foi estabelecido esse laço de irmandade, seja através de discussões, desabafos, mensagens amigas, grupos de apoio ou conteúdos inspiradores de mulher para mulher” (Toledo, 2017:14 *apud* Perez & Ricoldi, 2018: 12).

<sup>98</sup> No início de 2013, “Facebook was forced to confront the issue of gender-based hate” (Munro, 2013:23).



deram um grande passo, na mitigação das desigualdade entre homens e mulheres, na medida em que, ‘estas tecnologias libertaram as mulheres da atividade reprodutiva’”. Pela citação infracitada percebemos que a ligação direta da tecnologia com a ciência, permitiu e continua a fazê-lo, na liberdade de escolha da mulher sobre o seu corpo, quando esta decide a maternidade e quando esta deverá ou não ocorrer (Rocha, 2017; Basmechi, 2017).

Uma outra reivindicação desta vaga, são os “questionamentos acerca dos padrões de beleza impostos às mulheres, possibilitando a aceitação dos seus corpos, mesmo quando estão fora dos padrões” (Perez & Ricoldi, 2018:12; Rocha, 2017). Desde 2006 é possível ver uma normalização e, de alguma forma, um rompimento com o padrão corporal antigo – através de campanhas mediáticas<sup>99</sup>. Ainda que “há já algumas décadas a publicidade seja o palco do simbolismo erótico, sexual e sensual” (Pina, 2013:11). Agora, com as plataformas online, e tal como é inframencionado, “as mulheres, querendo embora preservar (transformando) as relações de sedução com os homens, rejeitam vigorosamente as imagens delas próprias que os meios de comunicação – e sobretudo a publicidade – lançam sobre as mesmas” (Touraine, 2011:232 *apud* Rocha, 2017: 44).

No entanto, e é importante referir, a publicidade não gera

“representações a partir do nada, inspira-se no universo social, pode é sancionar representações dos papéis sexuais e sociais tradicionais, já profundamente enraizados, ou ir buscar referências a grupos culturalmente atípicos, normalmente restritos e ao generalizar, estereotipar e em última análise contribuir fortemente para os ‘naturalizar’ no universo social” (Pina, 2013:7).

Algo que já nos dizia Goffman, como bem refere Helena Pina (2013:7 *apud* Goffman, 1979), “os anúncios publicitários fornecem pistas subtis sobre quais devem ou podem ser os papéis sexuais num determinado contexto social (...) a publicidade funciona como um agente socializador poderoso ao contribuir para a validação desses papéis estereotipados”. Ou seja, a publicidade funciona como mero reflexo da sociedade. Se antes, uma mulher que não se assemelhava a uma modelo – extremamente magra era considerada ‘fora do padrão’, com as redes sociais, diariamente consumimos conteúdos que nos ‘impõe’ a aceitação de todos os tipos de corpos (algo

---

<sup>99</sup> Nesta vaga tem-se vindo a desconstruir e a romper com os padrões de beleza na publicidade. Alguns exemplos disso, foi o exemplo da marca Avon (consultar <https://www.uniritter.edu.br/files/sepesq/arquivos-trabalhos-2019-2/7-mariane-mauss-dos-santos-publicidade-x-padroes-de-beleza.pdf>), e dentro da companhia Unilever, a Dove e a Axe (<https://verilymag.com/2016/07/positive-advertising-womens-body-image-beauty-standards-dove-nike>, consultado a 22 de dezembro de 2021) entre muitas outras (<https://www.glamour.com/story/inclusive-beauty-campaigns>, consultado a 22 de dezembro de 2021).

revolucionário na indústria da moda, foi a inclusão de modelos *plus size* nos desfiles<sup>100</sup> e uma maior diversidade dos modelos<sup>101</sup>). São pautas desta onda então,

“as questões da imagem do corpo, doenças como a anorexia, os questionamentos sobre os corpos das modelos, há ainda um paralelo com a crise econômica em 2010 vivida em alguns países da Europa, depois Estados Unidos de movimentos contra a austeridade e a politização também fazem parte das reivindicações desta vaga, numa onda de protestos e resistência” (Drummond & Cerqueira, 2019:4; Rampton, 2015).

Assistimos hoje a uma pluralidade da beleza feminina, sendo comum discursos como a “mulher ideal’ é aquela à qual esta escolha ser, independentemente dos padrões e normativas sociais vigentes” (Rocha, 2017: 45). Mais uma vez, a internet veio-nos mostrar “o quanto algumas mulheres sofrem por terem de se adaptar a um padrão de beleza corporal” (Perez & Ricoldi, 2018: 12), e ao mesmo tempo, assistimos a “depoimentos de mulheres orgulhosas dos seus corpos” (Perez & Ricoldi, 2018: 12). Ainda que possamos assistir a uma maior multiplicidade de corpo femininos, o resultado desta questão recai sobre as obsessões compulsivas, fruto de desordens alimentares. Ou seja, toda a comparação social que resulta das redes sociais, entre as “imagens idealizadas do corpo e a realidade do próprio corpo, podem resultar em julgamentos negativos acerca da imagem corporal e num aumento da preocupação com o peso, dietas desequilibradas, exercício físico obsessivo, recurso prematuro e injustificado à cirurgia estética” (Pina, 2013: 12-13).

Este é um problema que afeta na sua maioria o sexo feminino, no entanto, os estudos demonstram que “os homens, inclusive, têm sido também eles, vulneráveis às pressões sociais dos media” (Pina, 2013:13).

Numa perspetiva mais positiva, com a mudança do papel da mulher ao longo dos tempos, na teoria do filósofo francês Gilles Lipovetsky<sup>102</sup> (Lipovetsky, 1999: 219-220 *apud* Pina, 2013: 10; Duarte, 2008; Costa *et al.*, 2018), caminhamos hoje para uma sociedade mais igualitária, “numa «sociedade mais aberta» em termos de normas e possibilidades múltiplas”. Completando que,

“os últimos anos terão provavelmente levado a uma «reactualização» dos papéis sexuais (...) e como tal, podemos dizer que estamos hoje perante um processo de igualização das condições dos dois géneros, uma vez que intervém uma cultura que consagra tanto para um sexo como

---

<sup>100</sup> Marcas como Dolce & Gabbana e Donatella Versace, foram algumas das pioneiras nesta inclusão, como é possível ver nesta notícia: <https://vogue.globo.com/Vogue-Negocios/noticia/2021/02/dolce-gabbana-e-donatella-versace-falam-sobre-moda-plus-size.html> (consultado a 3 de janeiro de 2022), seguindo-se tantas outras.

<sup>101</sup> Se antes, estávamos habituados a ver – maioritariamente, o estereótipo da mulher de pele clara, magra e alta nos desfiles de moda. Desde 2018, assistimos a uma maior diversidade, como aconteceu na NYFW - *New York Fashion Week* (<https://www.fashionbubbles.com/estilo/nyfw-verao-2019-a-diversidade-ganha-forma-nas-passarelas/> [consultado a 3 de janeiro de 2022] e <https://www.fashionbubbles.com/estilo/diversidade-nas-passarelas-ss21-promete-moda-democratica-para-o-verao-2022-veja-looks/> [consultado a 3 de janeiro de 2022]) onde foi possível ver mulheres, homens, pessoas albinas, amputadas, transexuais, e de diversas etnias. No fundo, indo contra aquilo que estaria ‘fora do padrão’.

<sup>102</sup> Lipovetsky (1944) enquanto autor de uma vasta obra sobre as transformações da sociedade contemporânea, é de realçar *A terceira Mulher* (2000), onde o mesmo analisou o papel da mulher ao longo do tempo e destaca a revolução e a emancipação do sexo feminino.

para o outro, o reinado do governo de si, da individualidade soberana que dispõe de si mesma e do seu futuro, sem modelo social reitor”.

Mas como nem tudo são rosas, ainda que tenhamos ultrapassado uma profunda reorganização social, “vivemos uma época do culto exacerbado do corpo e valores hedonistas” (Pina, 2013:11).

Como forma de protesto contra o número absurdo de violações diárias, do quão retrógrado é, em pleno séc. XXI, verem a roupa da mulher como um convite à violação e do “estereótipo da culpa que recai sobre as mulheres agredidas em função da exposição do seu corpo ou da sua sexualidade” (Galetti, 2016: 25; Vicente, 2019), tendo apenas como objetivo defender o direito de autonomia das mesmas; em 2011, no Canadá, em resposta a um policial que culpabilizou as mulheres, ao “vestirem-se como vadias<sup>103</sup>” as principais “responsáveis pela própria vitimização em ataques sexuais” (Kwan, 2011 *apud* Galetti, 2016:25); as mulheres juntaram-se naquela que se vinha a tornar numa Marcha internacional<sup>104</sup>, a *Slutwalk*<sup>105</sup>, conhecida em Portugal, como a ‘Marcha das Galdérias’ (Vicente, 2019) e no Brasil como a ‘Marcha das Vadias’<sup>106</sup> (Galetti, 2016). Tiveram como foco as

“indumentárias provocadoras que as participantes usavam, acompanhadas de cartazes com frases feministas, como por exemplo: «Não significa não», «My little black dress doesn’t mean yes!», «Ninguém perguntou como é que o meu violador estava vestido», «Decote não é consentimento», «A quantidade de roupas que eu visto não mudam o respeito que mereço», «Os nossos corpos não são propriedade pública»” (Vicente, 2019:115),

entre tantas outras. Organizada por Alyssa Teekah e Jeanette Jarzen, esta manifestação, assim como tantas outras pelo mundo, vieram-nos mostrar a “descaracterização da representação sobre as feministas feias e mal-humoradas” (Galetti, 2016:28; Vicente, 2019; Pereira, 2015; Karawejczyk, 2013) que, na segunda e na terceira vaga, tanto influenciaram na associação de várias mulheres aos movimentos feministas. Assistimos a uma nova imagem do feminismo e das feministas,

“A imagem da feminista masculinizada e agressiva que circula no senso comum, designada no início do século e consolidada ao longo do tempo, amedrontava e amedronta as próprias mulheres,

---

<sup>103</sup> Entenda-se como ‘vadia’ uma “mulher desocupada ou que não se quer ocupar, que anda ocasionalmente de um lugar para o outro (Galetti, 2016:27), ou então, segundo o dicionário Priberam, uma mulher que se comporta de modo considerado devasso ou imoral = Galdéria” (disponível online, 2021). Estas palavras são utilizadas principalmente para “adjetivar negativamente uma mulher, em especial, aquelas que circulam pelo espaço público e apresentam práticas sexuais livres” (Galetti, 2016:27). Assim sendo, estas recorreram ao termo ‘vadia’, não para reforçar o significado pejorativo, mas sim, “para desconstruir a conceitualização tradicional e negativa de vadia, mostrando não passar de uma estratégia moralmente controladora que impera sobre os corpos, as vidas e as escolhas de cada mulher, causando uma maior dualidade entre os homens e as mulheres” (Galetti, 2016:27). Mostrando que, independentemente da roupa que cada pessoa usa, essa não a define.

<sup>104</sup> Desde o continente americano até à Europa e à Ásia (Galetti, 2016; Rampton, 2015).

<sup>105</sup> A manifestação iniciou no “Queen’s Park e terminou em frente ao quartel da polícia” (Galetti, 2016:27) tendo esta sido uma manifestação bastante pacífica, contando com a presença de “crianças, estudantes, profissionais do sexo, travestis e ativistas” (Galetti, 2016:27).

<sup>106</sup> Em concordância com as marchas, surgiram novos coletivos feministas no Brasil, nomeadamente o “Coletivo Maria Lacerda” e o “Coletivo Vadia”, que, juntamente com o manifesto da marcha, procuravam chamar à atenção para o perigo “de circularem sozinhas à noite e a vulnerabilidade de serem esturpadas pelo fato de serem mulheres e ocuparem espaços públicos” (Galetti, 2016: 31-32).

emancipadas ou não, pobres e ricas [...] As imagens deturpadas do feminismo, veiculadas tanto pelos meios de comunicação de massa quanto pela imprensa alternativa, semearam esse medo e essa rejeição à figura da feminista no imaginário popular de diferentes formas” (Galetti, 2016: 28 *apud* Ferreira, 1996:182).

Outra mudança no que se refere aos movimentos feministas e principalmente nas manifestações, desde 2013, Drummond & Cerqueira (2019: *apud* Hollanda, 2018:32), constata “a priorização do coletivo, com a recusa de lideranças e uma linguagem política, que tem o corpo como forma de expressão, passando pela performance”. Estando, na opinião das mesmas, estas marcas como referencial atual do movimento feminista. Não vemos rostos associados a causas e também não vemos uma mulher a liderar uma manifestação. Vemos sim, mulheres unidas num coletivo, como é referido pelas autoras, em prol dos direitos de todas as outras. Algo que se espelhou pelos movimentos feministas à volta do mundo. As manifestações tornaram-se também elas “plurais, o sujeito do feminismo não aparece mais somente como uma mulher do sexo biológico feminino, mas aparecem mulheres que reivindicam pautas não hegemônicas como as pautas LGBT” e, inclusive, assistimos a uma maior participação dos homens nas marchas, “o que mostra uma rutura com o feminismo das décadas passadas” (Drummond & Cerqueira, 2019:10 *apud* Gomes & Sorj, 2014:438; Rampton, 2015). É no segmento da ideia de o feminismo abranger tudo e todos, que surge o movimento de mulheres sem liderança, denominado “Feminismo dos noventa e nove por cento”, pensado por Nancy Fraser (Machado, 2018). Ao falar desta filósofa e do movimento, é inevitável aludir o livro “Feminismo para os 99% – um manifesto” (2019) da autoria de Cinzia Arruzza, Tithi Bhattachary e Nancy Fraser. Segundo estas autoras, no seu leque, as manifestações que outrora tinham como foco a igualdade entre homens e mulheres, atualmente, chegou ao cerne de várias questões, as feministas advogam, não só uma “igualdade salarial e horário laborais, como os problemas de assédio e violência sexual, entraves à justiça reprodutiva e o direito à greve” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:14).

Se com a interseccionalidade do feminismo, achávamos que o feminismo se tinha expandido e na sua génese ‘chegaria’ a todos, Cinzia Arruzza, Tithi Bhattachary e Nancy Fraser (2019), vêm mostrar-nos que não.

O feminismo para os 99% apresenta-se como um feminismo que abrange tudo e todos. Uma luta contra o neoliberalismo e a destruição ambiental, procurando encarar o universalismo, não se limitando às mulheres, mas sim, aliar-se a uma multiplicidade de movimentos que procuram a formação de uma nova organização social. O “feminismo para os 99% não é apenas antiliberal, é também anticapitalista” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:36), com intuito de

abranger aqueles que se veem excluídos pelo feminismo liberal, que, na opinião das mesmas é exclusivamente focado nas mulheres "privilegiadas" – que, como tal, possuem as condições necessárias para chegar a cargos de chefia. Ainda que atualmente seja cada vez mais recorrente encontrar mulheres em cargos de chefia, como é referido por Schouten (2018), a desigualdade persiste, não podendo esquecer as diversas mulheres que são submetidas a funções e salários inferiores, com pouco, ou nenhum prestígio.

Este feminismo acredita que “devemos repensar a justiça de género num formato anticapitalista, que nos ajude a atravessar a crise atual em direção a uma nova sociedade” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019: 14), em parte, devido ao “colapso da credibilidade das elites políticas em todo o mundo” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:15).

Como refere Audre Lorde, num ensaio intitulado *Age, Race, Class and Sex: Women Redefining Difference*, se não tivermos sempre presente as lutas que várias mulheres travaram para chegarmos onde estamos hoje, por todas as gerações anteriores, corremos o sério risco da “historical amnesia”, ou seja, “that keeps us working to invent the wheel every time we have to go to the store for bread” (Lorde, 1984:117). Referindo ainda, e eu passo a traduzir,

“Encontramo-nos a ter de repetir e de reaprender as mesmas lições de sempre uma e outra vez sobre o que as nossas mães fizeram, porque não passamos o que aprendemos ou porque somos incapazes de ouvir. Por exemplo, quantas vezes foi isto dito? Outro exemplo, quem é que poderia acreditar que uma vez mais as nossas filhas deixariam que os seus corpos fossem obstruídos e tivessem de atravessar o purgatório das cintas e dos saltos altos e das saias travadas?” (Lorde, 1984:117).

Da história das mulheres enquanto ‘sexo frágil ou fraco’, temos as cores enquanto representantes do estereótipo de género. As cores da roupa de uma criança, ainda continuam a ser um tema importante na diferenciação de género. Mesmo com o surgimento do binarismo, o azul continua a ser associado ao menino e o cor-de-rosa à menina. Um facto curioso, “há 100 anos o cor-de-rosa já foi considerado a cor representada pelo sexo masculino”, porque emanava ‘mais força’ e o azul associado ao sexo feminino (Paoletti, 2012 *apud* Schouten, 2018:473). Ainda que esta ideia venha a ser debatida e questionada, por proporcionar rótulos ao género, várias campanhas publicitárias já se manifestaram quanto ao mesmo. Mais uma vez, vemos que a publicidade acompanha o estado da sociedade, muito ainda está por debater e conquistar, desde a questão

do racismo, da xenofobia, do femicídio<sup>107</sup>, entre tantos outros fenómenos sociais estudados pela sociologia no que toca ao feminismo.

## 2. Os feminismos: confrontos e alianças

Tendo em conta a sociedade contemporânea, a questão do género e do sexo são vistas como categorias radicalmente independentes, no entanto,

“constitui-se um ponto delicado, sensível, inclusive entre as feministas. Na sua pluralidade de identidades grupais, encontra-se mais uma abordagem que lhes causa certas divergências. Fala-se hoje em feministas interseccionais, feministas radicais, tentando lançar clareza sobre um campo plural e complexo” (Rocha, 2017:39).

No entanto, outras correntes feministas preconizaram a luta pelos direitos das mulheres, contra a opressão que as mesmas estiveram sujeitas. Nomeadamente, começando pelo trabalho realizado pelas feministas liberais e seguindo-se o surgimento das mais diversas correntes feministas<sup>108</sup>.

Considerado o feminismo liberal, a corrente feminista mais antiga, remetendo para o final da Revolução Francesa (1789), preconizada pelo acesso das mulheres a diferentes tipos de poder de decisão, de forma a alterar as estruturas da sociedade patriarcal, gradualmente, e sem alterar as estruturas sociais. Tem como principal foco a individualidade da mulher e a sua liberdade de escolha (Pena, 2008:38).

Tem como base um pensamento liberal, “em linhas gerais, o liberalismo foi uma doutrina política que preconizava a importância do indivíduo, da razão e da dinâmica do livre mercado na economia onde o Estado não poderia intervir” (Passos, 2010:1). Pois acreditavam que “a materialização dos direitos tem a ver com a evolução das mentalidades” (Tavares & Magalhães, 2014:100). No entanto, para tal, o mesmo só poderia acontecer “pressionando o Estado na aplicação da própria retórica liberal relativa à cidadania” (Tavares & Magalhães (2014:101). Dando

---

<sup>107</sup> Entenda-se por femicídio ou, também denominado feminicídio, segundo o Dicionário Priberam, “assassinio de mulher ou de jovem do sexo feminino” (disponível online, 2022). Estes são termos cada vez mais ouvidos nas notícias, “muitos dos femicídios são o triste culminar anunciado de situações de violência doméstica ou do namoro, o que significa que se trata de assassinios de mulheres às mãos dos próprios companheiros ou maridos, das pessoas com quem escolheram partilhar a sua vida” (Vicente, 2019:35). Em consonância com o que foi referido anteriormente, “Investigadores estimam que, a nível global, mais de uma em cada três mulheres já foi vítima de alguma forma de violência de género ao longo da vida. A maioria dos agressores são os seus parceiros íntimos, responsáveis por uns gritantes 38% dos femicídios. Suscetível de ser física, emocional, sexual ou todas elas, a violência doméstica é apanágio da sociedade capitalista” (Arruzza, Bhattacharya & Fraser, 2019:51). Quando olhamos para os números de 2018, segundo Vicente (2019: 36-37 *apud* UNODC), eles são brutais; comparando a percentagem de vítimas assassinadas por um/a parceiro/a ou familiares próximos, 36% eram do sexo masculino e 64% do sexo feminino, relativamente à percentagem de vítimas assassinadas pelo/a parceiro/a, 82% foram mulheres e 18% homens, os números são gritantes. No mundo, segundo a mesma autora, em 2017, 87 000 mulheres foram assassinadas. De forma a tentar perceber se o resultado foi o mesmo em 2020, segundo o relatório da UNODC (2021), no ano passado, 47 000 mulheres e meninas foram assassinadas às mãos de um parceiro ou parente próximo e, inclusive, “UNODC Research: 2020 saw a woman or girl being killed by someone in their family every 11 minutes”. A influência da pandemia, provocada pela covid-19 e sucessivamente pelo confinamento, nestes resultados mantêm-se inconclusivos. É sabido apenas que, na última década (2010-2020), a percentagem de femicídio diminuiu 13% na Europa e aumentou 9% no continente americano.

<sup>108</sup> De forma mais sintetizada, consultar Anexo VII –Representação das vertentes feministas (mais conhecidas pela literatura), com as suas reivindicações e problemas adjacentes.

uma “importância excessiva à ideia de mérito” (acreditando na meritocracia, e na ideia de que todos têm as mesmas condições de acesso) “em detrimento de outras noções e outros valores<sup>109</sup>” (Stolz, 2014:36), com a separação entre o público e o privado (Tavares, 1998). Incorporando a mulher na vida pública, nomeadamente nas empresas, no comércio, na educação, na política e a inclusão do homem na vida privada (Stolz, 2014).

Constando como princípio ético central da tradição liberal ocidental, “a sociedade deveria garantir liberdade a todos os seus membros para que estes realizassem as suas capacidades” (Dietz, 2001:6 *apud* Passos, 2010:1). Esta corrente procura lutar pelos mesmos direitos entre homens e mulheres, de forma institucional, daí ser tão importante para as feministas liberais terem acesso a cargos políticos e de poder. Parte do princípio de que qualquer “mulher será capaz, por si só, de alcançar ascendência económica e política desde que possua competência, assertividade e vontade empreendedora” (Tavares, 1998:21-22; Tavares & Magalhães, 2014). Não pretende abalar radicalmente a estrutura da sociedade, mas sim ir exercendo alterações gradativas nos sistemas através de posições de poder, centrando as estratégias coletivas na criação de “«lobbies» ou grupos de pressão junto do poder político” (Tavares, 1998:21-22). Ou seja, ainda que esta corrente tentasse exercer um forte poder dentro do sistema para obter direitos iguais a nível jurídico para homens e mulheres, “a ideologia heterossexual, através dos papéis de género tradicionais impostos a ambos os sexos”, prevalecia (Pena, 2008:16).

Um dos problemas ou lacunas desta vertente é a ausência de preocupação com as mulheres das diferentes classes sociais. Uma vez que não reconhece, de forma imediata, que diferentes mulheres têm pontos de partida e oportunidades diferentes, e que, como tal, não têm o mesmo acesso à educação. Acredita que a luta deve ser lado a lado, homem e mulher. Porém, como refere Tavares & Magalhães, citando a consideração da socióloga Nancy Fraser (2014:101 *apud* 1999), “uma das falhas da retórica liberal é proclamar uma igualdade sem procurar igualizar as condições sociais através de um paradigma redistributivo”.

Algumas das conquistas e objetivos centrais desta corrente – já referidas no início do capítulo, passaram pela igualdade de direitos (mantendo a ordem social), a individualidade da mulher, o acesso a cargos de poder e decisão, o direito à educação, o direito ao voto, à liberdade de escolha e salários iguais para trabalhos iguais. Como alude Margareth Rago (1995), segundo Carneiro (2012:3),

---

<sup>109</sup> Esta, assim como outras condições já referidas, características do feminismo liberal, eram muitas vezes utilizadas para “desqualificar o liberalismo clássico e, por conseguinte, o feminismo liberal” (Stolz, 2014:35)

“as feministas liberais passaram a rejeitar o feminismo burguês dos anos 1920 e 30 e aproximavam-se das atitudes das feministas anarquistas que, desde o século XIX, já questionavam o casamento, praticavam o amor livre, defendiam a contraceção e o aborto”.

Mulheres como Olympe de Gouges (1748-1793), Mary Wollstonecraft (1759-1797), Harriet Taylor<sup>110</sup> (1807-1858), Betty Friedan (1921-2006); Ana de Castro Osório (1872-1935), Nísia Floresta<sup>111</sup> (1810-1885), Naomi Wolf<sup>112</sup> (1962- ), Beyoncé (1981) e Emma Watson<sup>113</sup> (1990), foram algumas das importantes figuras na luta do feminismo liberal (Duarte, 2002; Tavares & Magalhães, 2014; Martinez, 2019; Stolz, 2014).

Para culminar, o feminismo liberal sugere que, se as mulheres mudarem, individualmente, enquanto indivíduos, e se empoderarem, o mundo ao seu redor acaba, também ele, por mudar. Ou seja, essa mudança depende única e exclusivamente do comportamento de cada mulher. Assim sendo, esta corrente tem como objetivo promover a equidade entre homens e mulheres por vias institucionais, tendo mulheres como representantes no poder. O que contribuiu e muito para a autonomia individual da mulher, algo que era desvalorizado. Ainda que tenha tido uma grande importância nas reivindicações<sup>114</sup> legais das mulheres, esta vertente recebeu muitas críticas. Como contraponto, surgiram outras vertentes feministas, pois nem todas as mulheres se sentiam enquadradas nesta visão, uma vez que muitas se sentiam excluídas e marginalizadas pela mesma (Tavares & Magalhães, 2014). Foi então que se viu a necessidade de criar um feminismo de raiz marxista (advindo do legado deixado por Marx e Engels, como será possível ver mais à frente). Como expõe Tavares & Magalhães,

“não se pode deixar de afirmar que a reivindicação da igualdade de direitos tem sido uma parte importante do feminismo, mas como afirma Carole Pateman (1996: 32-33), nem todas as feministas são liberais e o feminismo é muito mais que o feminismo liberal: ‘[a]s feministas sustentam que o liberalismo está estruturado tanto por relações patriarcais como por relações de classe, e que a dicotomia entre o «público» e o «privado» oculta a sujeição das mulheres aos

---

<sup>110</sup> Enquanto feminista liberal, teve uma grande influência no seu marido John Stuart Mill, com o ensaio *A Sujeição das Mulheres* (Passos, 2010)

<sup>111</sup> Pseudônimo de Dionísia Gonçalves Pinto, foi escritora, educadora e conhecida por ser a pioneira do feminismo no Brasil. Em 1832, “questionou o porquê de não haver mulheres a ocupar cargos de comando, tais como general, almirante, ministro de estado e outras chefias. Ou ainda, porque não havia mulheres a exercer cargos acadêmicos como direito, medicina e afins, uma vez que têm a mesma capacidade que os homens” (Duarte, 2002:4; Stolz, 2014).

<sup>112</sup> Em 1993, Naomi Wolf, escritora, jornalista e feminista, com o seu livro *Fire with Fire*, proclamava pelo “pode feminino”. Ou seja, “consistia na recusa da vitimização da mulher e na realização dos seus objetivos de vida com sucesso, na base de um caminho individual de autonomia e ‘self-determination’” (Tavares & Magalhães, 2014)

<sup>113</sup> Como recorda Pereira (2015:11), “há uns meses a jovem atriz Emma Watson fez um discurso nas Nações Unidas a propósito do lançamento de uma campanha intitulada «HeForShe», discurso que logo se tornou viral nas redes sociais. No seu discurso dizia coisas como “quando, aos catorze anos, comecei a ser sexualizada por certos membros da imprensa; quando as minhas amigas começaram a abandonar as suas muito amadas equipas desportivas, porque não queriam parecer musculadas; (...), decidi que era uma feminista e isso não me pareceu complicado. Mas uma pesquisa recente mostrou-me que o feminismo se tornou uma palavra impopular. Aparentemente, estou na fileira das mulheres cujas expressões são vistas como sendo demasiado forte, demasiado agressivas, isolacionistas e anti-homens e, mesmo, pouco atraentes” (Watson, 2014 *apud* Pereira, 2015:11).

<sup>114</sup> Entre as diversas reivindicações, encontra-se a “igualdade de oportunidades para mulheres e homens assente no pressuposto da racionalidade individual” (Nogueira & Silva, 2003:15).



homens, dentro da ordem aparentemente universal, igualitária e individualista” (Tavares & Magalhães, 2014:101).

Ficando como marco um movimento, que ainda hoje, tem feministas que se veem enquadradas com a ideologia do feminismo liberal, tornando-se mesmo uma das “expressões públicas mais visíveis e reconhecidas do amplo Movimento das Mulheres” (Nogueira & Silva, 2003:15).

O feminismo marxista, surge de uma oposição ao feminismo liberal da primeira vaga europeia e estado-unidense, e assenta na ideia de que o capitalismo e a propriedade privada oprimem a mulher, usando-a como mero recurso de mão-de-obra barata ou como ‘fábrica de produção’ de novos operários. Falamos de “uma corrente feminista onde se enfatiza as forças que permeiam as relações de opressão entre classe social e género” (Nogueira & Silva, 2003:16). Termos como patriarcado e capitalismo são palavras de ordem, “que remetem numa lógica de reforço mútuo e que originam formas de opressão que afetam duplamente as mulheres” (Nogueira & Silva, 2003:16).

Esta teoria procura explicar como o capitalismo e a propriedade privada oprimem as mulheres. Segundo estas feministas, a liberdade feminina só será alcançada quando acabarem as fontes de opressão económica e cultural contra as mulheres (Stolz, 2014). No entender de Tavares (1998:21), a “«opressão secular» das mulheres não tem como principal origem a sua função de reprodutoras, mas sim a perda de papel social, quando do casamento monogâmico, por necessidade de transmissão da propriedade por parte do homem”. Falar de feminismo marxista e não falar de Karl Marx<sup>115</sup> e Friedrich Engels<sup>116</sup>, é impossível. Como sublinham os autores do “Manifesto Comunista” (1848), no capitalismo “reafirmam-se os vínculos entre a opressão da mulher, a família e a propriedade privada” (Stolz, 2014:48). Para Engels, a “opressão secular das mulheres tem origem na perda de papel social, a partir do momento em que a transmissão da propriedade privada por parte dos homens determinou o casamento monogâmico”, resultando segundo o mesmo, na primeira perda do sexo feminino (Engels, 1884 [1980] *apud* Tavares & Magalhães, 2014:98). Chegando o mesmo a afirmar, “within the family, the husband constitutes the bourgeoisie and the wife the proletariat” (Zetkin, 1896:1). Inclusive, não corrobora com a ideia

---

<sup>115</sup> As feministas socialistas inspiradas em Marx, utilizam dois conceitos nos quais ele dividiu no que toca à reprodução social, que são: “a reprodução geracional e a reposição diária da força do trabalho. É com base nestes que Marx liga às mulheres, mas sem aprofundar a temática, as feministas entram num debate teórico sobre o valor do trabalho doméstico, tendo algumas defendido que este produzia mais-valia”. (Tavares & Magalhães, 2014:99). Questões como o trabalho doméstico são também exploradas pela socióloga e feminista Christine Delphy (1941) no ensaio intitulado *O inimigo principal* (1976) e por Jean Gardiner em *The Political Economy of Domestic Labour in Capitalist Society* (1976).

<sup>116</sup> Com a obra *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*, Engels, explica que o cerne da opressão feminina e da feminização da pobreza estaria aliada ao surgimento da propriedade privada e da sociedade de classes, onde também resultou o casamento monogâmico, o controlo da sexualidade feminina e o ‘aprisionamento’ da mulher na esfera doméstica como forma de manutenção do capital (1994 [1984]).

de um determinismo biológico, que definiria a condição de submissão à mulher. Isto diz-nos que, o desenvolvimento da sociedade, sempre esteve aliado às diversas formas de opressão da mulher. Ou seja, “a alteração da base material e da superestrutura da sociedade, como um novo regime político tornou-se condição necessária para que a emancipação política, social e económica das mulheres fosse possível” (Tavares & Magalhães, 2014:98; Tavares, 1998). Ao mesmo tempo que esta corrente explica o quanto o capitalismo é responsável pela opressão das mulheres, também considera o direito ao trabalho como uma forma de libertação das mesmas (Tavares, 1998). Mesmo dentro do feminismo marxista, encontravam-se subcorrentes, como indica Tavares e Magalhães (2014:99 *apud* Gordon, 2013), através dos estudos da historiadora e feminista, Linda Gordon, como é o exemplo das feministas marxistas ortodoxas<sup>117</sup> e as feministas socialistas, “estas rejeitavam a conceção frentista<sup>118</sup> dada pelos partidos comunistas às organizações de mulheres. Pretendiam formas de democracia participativa e consideravam que o sexismo não era apenas um epifenómeno do capitalismo, mas uma estrutura social opressiva”.

Complementando que,

“Linda Gordon afirma também que o papel das feministas socialistas no movimento de Libertação de Mulheres nos EUA acabou por ser subvalorizado por perda de memória histórica. Pois, focavam-se mais nas lutas concretas do que na publicação das suas análises” (Tavares & Magalhães, 2014:99).

Isto fez com que ambas as subcorrentes se focassem nas lacunas do marxismo. Além dos problemas até então referidos, outra questão que esteve na agenda destas feministas envolve o “lugar das lutas das mulheres no movimento sindical e de trabalhadores” (Tavares & Magalhães, 2014:100). Algumas feministas referiam que a ideologia masculina era de tal forma intrínseca dentro destes movimentos que os mesmos defendiam, inclusive, um “salário familiar”, para que o homem de família pudesse ‘sustentar’ a família, enquanto a mulher se dedicaria às lides domésticas (Tavares & Magalhães, 2014). Outros fatores foram considerados e apontados, nomeadamente

“as discriminações sobre as mulheres, surgem não apenas na sua relação com o sistema económico, mas com o sistema de dominação masculina hegemónica. Não se trata de dar primazia ao género ou à classe social, mas entrelaçar estes eixos de dominação entre si e com os outros” (Tavares & Magalhães, 2014:100).

---

<sup>117</sup> Tendo sido, o “pensamento esquemático do marxismo ortodoxo colocado em causa pelas feministas marxistas que procuraram romper com um quadro estático da teoria marxista e enriquecer a análise sobre a opressão das mulheres” (Tavares & Magalhães, 2014:100).

<sup>118</sup> Segundo as autoras, a “conceção frentista baseava-se na utilização das associações de mulheres como uma forma de mobilizar as mulheres para a luta política mais geral em torno do “partido”, recrutando-as para a militância partidária” (Tavares & Magalhães, 2014:112).

Em ilação, a corrente marxista considerava e considera que a supressão do “capitalismo resultaria numa sociedade mais igualitária entre homens e mulheres que partilhariam os mesmos direitos e deveres” (Pena, 2008:16). Porém, na visão de alguns teóricos, esta corrente “teve também bastantes limitações, pelo facto de as posições dogmáticas na aplicação do marxismo terem impedido uma visão mais ampla sobre o feminismo e as suas diferentes correntes” (Tavares, 1998:22). Ainda que o marxismo clássico<sup>119</sup> não tenha atingido o objetivo da desconstrução da naturalidade, “posto que, de acordo com Mitchell, não é possível reduzir a opressão da mulher a uma única dimensão, como formulado por Engels, nem tão pouco abreviá-la como símbolo da opressão geral, como pretendia Marx nos seus primeiros escritos” (Stolz, 2014:48). Todas as lutas e reivindicações não seriam possíveis sem a participação de inúmeras mulheres feministas e ativistas, que se enquadraram – e enquadram, com esta ideologia. Influenciadas pela doutrina de Karl Marx, as suas filhas, Jenny Marx Longuet (1844-1883), irmã de Laura Marx e Eleanor Marx, escreveram numerosos artigos de jornal (Rodríguez, 2020). Autora da obra *The Daughters of Karl Marx* (1982); Laura Marx (1845-1911), detentora de um grande legado deixado pelo seu pai, Karl Marx, não apenas traduziu o trabalho do seu pai para francês, como também, juntamente com o seu marido, Paul Lafarge, fez parte da Comuna de Paris. Resultante da derrota, viram-se obrigados a fugir para Espanha, onde tiveram a participação na criação do PTS (Rodríguez, 2020); Eleanor Marx<sup>120</sup> (1855-1898), militante socialista e pioneira do feminismo marxista, tornou-se uma líder social que trabalhou para estabelecer os primeiros sindicatos das mulheres; Clara Zetkin<sup>121</sup> (1857-1933); Rosa Luxemburgo<sup>122</sup> (1871-1919); Alexandra

---

<sup>119</sup> Quando se fala em marxismo clássico, ele não vê a exploração das mulheres na ótica da “subordinação – termo que implicaria uma hierarquização e uma subordinação das mulheres frente a outro grupo: o dos homens, questão que o marxismo clássico não analisa” (Stolz, 2014:49).

<sup>120</sup> Fazendo parte das suas reivindicações, perceber como a estrutura económica podia ser responsável pela má distribuição de papéis que resultavam em salários mais baixos para as mulheres, a necessidade de auxílio no cuidado dos filhos das mães trabalhadoras, na educação obrigatória, nas reformas e principalmente em mudanças estruturais, onde os direitos das mulheres no local de trabalho fossem assegurados, assim como a questão da saúde e das 8 horas de trabalho (Rodríguez, 2020). Publicou algumas obras, entre elas *Thoughts on Women and Society* (1987).

<sup>121</sup> Enquanto jornalista, teve também uma acérrima envolvimento política, começando a sua militância partidária, em 1874, no Partido dos Trabalhadores Socialistas (SAP), “que foi, em 1870, «convertido» em Partido Social-Democrata da Alemanha. Em 1916, tornou-se uma das fundadoras do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha” (Rocha & Silveira, 2020:126). Considerada uma “destacada personalidade do movimento comunista alemão e internacional, está entre os fundadores do Partidos Comunista Alemão” (1919), mantendo ligação com o mesmo até 1929 (PCP, 2007: n.d.). Oito anos antes, já se tinha inserido no Comité Executivo da Internacional Comunista. Chamava à atenção para o perigo do fascismo, tendo sido considerada uma das fundadoras da “criação do Dia Internacional da Mulher, em 1910 na 2ª Conferência Internacional das Mulheres” (PCP, 2007: n.d.). Resultado do seu encontro com Lenin, escreveu o artigo *Lenin: A questão feminina* (1920), “influenciando a forma como os partidos comunistas na Alemanha, na União Soviética e no mundo, deveriam compreender a articulação entre a luta pela emancipação da mulher ‘na’ e ‘por dentro’ da luta pela emancipação humana” (Rocha & Silveira, 2020:127). Publicou uma série de livros, entre eles *Fighting Fascism: How to Struggle and How to Win* (2017) e, inclusive, também sobre a sua amiga camarada de luta Rosa Luxemburgo, intitulado: *Rosa Luxemburgs Stellung zur russischen Revolution* (1922).

<sup>122</sup> Enquanto teórica e “socialist writer, was one of the leaders of Polish and German Social Democracy and an economist” (Kowalik, 1990:247). Na visão de Zetkin (amiga e camarada, também ela fiel seguidora de Karl Marx), “socialism was for Rosa Luxemburg a dominating passion which absorbed her whole life, a passion at once intellectual and ethical” (Zetkin, 1919: n.d.). Apesar de possuir alguns problemas de saúde, sempre se mostrou disposta a lutar pelo que acreditava, tendo apenas um sonho, “prepare for the revolution which was to open the way to Socialism”, e poder vivenciá-lo (Zetkin, 1919: n.d.). Publicou obras e artigos como *Reform or Revolution* (1899), *Leninism or Marxism* (1904) e *Women’s Suffrage and Class Struggle* (1912), entre tantas outras (Holmstrom, 2017).

Kollontai<sup>123</sup> (1872-1952); Linda Gordon<sup>124</sup> (1940); Juliet Mitchell<sup>125</sup> (1940); Christine Delphy<sup>126</sup> (1941); Alison Jaggar<sup>127</sup> (1942); Silvia Federici<sup>128</sup> (1942); Sheila Rowbotham<sup>129</sup> (1943); Heidi Hartmann<sup>130</sup> (1945); Zillah Eisenstein<sup>131</sup> (1948); Sylvia Walby<sup>132</sup> (1953), entre tantas outras, que contribuíram nas reivindicações e teorizações sobre o feminismo marxista (Tavares & Magalhães, 2014; Vicente, 2019; Martinez, 2019; Stolz, 2014; Tavares, 2008).

Com uma visão diferentes das feministas marxistas, surge o feminismo radical. Enquanto “as marxistas/socialistas defendem que é a exploração das mulheres no mercado de trabalho que as torna mais vulneráveis à opressão e violência na família” (Tavares & Magalhães, 2014:99) as radicais não partilhavam da mesma ótica.

Ainda que possam ter nuances diferentes, as feministas radicais concordavam com as marxistas no que concerne ao patriarcado – entendido como explicação da opressão das mulheres –, uma vez que os homens aparecem como detentores de um maior poder e privilégios. Ainda que as radicais não concordassem com a universalização do sistema patriarcal, esta vertente procurava a “transformação total do sistema através de um processo revolucionário que atacaria as raízes do discurso patriarcal e sexista” (Pena, 2008:16; Tavares & Magalhães, 2014).

---

<sup>123</sup> Líder revolucionária russa e teórica do marxismo, considerada a primeira mulher embaixadora da história contemporânea, foi nomeada embaixadora da União Soviética na Suécia (Vicente, 2019; Martinez, 2019); Na perspectiva de Manuela Tavares, foi também quem “melhor articulou feminismo e marxismo, ao defender que não bastava a abolição da propriedade a incorporação das mulheres na produção para alcançarem a emancipação. Seria necessária uma revolução da vida quotidiana e dos costumes, forjar uma nova concepção do mundo e uma nova relação entre os sexos” (Tavares, 2008:45). Além de tudo isto, teve também um grande impacto nas reivindicações das mulheres, na luta por melhores condições de vida, contra o feminismo burguês e o chauvinismo russo machista (Consultar o quadro das reivindicações em anexo).

<sup>124</sup> Enquanto historiadora e feminista, escreveu várias obras, entre elas, *The Woman's Body, Woman's Right- Birth control in America* (1976), *The Moral Property of Women* (2002), *Feminism Unfinished – A Short Surprising History of American Women's Movements* (2017), e mais recentemente *Destroying Democracy* (2021), entre tantos outros.

<sup>125</sup> Psicanalista e feminista socialista, em 1973, escreveu “Woman's Estate, reconhecendo o patriarcado como um sistema de dominação masculino relacionado com o sistema econômico e as relações de produção” (Tavares & Magalhães, 2014:99). Com a relação “produção-reprodução social, segundo Mitchell, o lugar da mulher nas sociedades de classe, local este que é diferente daquele ocupado por outros grupos sociais oprimidos, pois à mulher é oferecido um mundo próprio: a família. Exploradas no trabalho, relegadas à casa: estas duas posições compõem a sua opressão” (Stolz, 2014:48).

<sup>126</sup> Socióloga e investigadora francesa, no campo dos estudos feministas e de género. Autora de vários livros, entre eles, *Un Universalisme si Particulier: Féminisme et exception française – 1980-2010* (2010) e *Separate and Dominate: Feminism and Racism after the War on Terror* (2015), *L'exploitation Domestique* (2019).

<sup>127</sup> Para esta filósofa e feminista, “no marxismo não existe uma carência de género, mas sim um excesso dele, ou seja, de uma categoria sujeitada pelo género” (Stolz, 2014:49 *apud* Jaggar, 1983:78).

<sup>128</sup> Filósofa contemporânea, professora e feminista italiana, já nos anos 1970 participava em manifestações em prol do trabalho doméstico dever ser assalariado. Possui uma vasta lista de obras publicadas, entre elas, *Witchy, Witch-Hunting and Women* (2004) e *Revolution at Point Zero: Housework, Reproduction, and Feminist Struggle* (2012).

<sup>129</sup> Teórica, historiadora e feminista socialista, foi também ela, uma mulher importante no feminismo, com a sua obra *Women, Resistance and Revolution* (1972), assim como tantas outras, “vieram mostrar que as mulheres dos grupos sociais desprivilegiados sempre estiveram ligadas ao trabalho produtivo em todas as épocas, trabalho este invisibilizado em muitos momentos históricos” (Tavares & Magalhães, 2014:99).

<sup>130</sup> A economista e feminista, responsável pela fundação e presidência da *Women's Policy Research*, em 1994, vem chamar a atenção para a divisão sexual de trabalho, considerando-a essencial para a reprodução do capitalismo e para manter a subordinação das mulheres (Tavares & Magalhães, 2014:100)

<sup>131</sup> Teórica, política e especialista em estudos de género, aborda a questão do patriarcado com o capitalismo, no texto *Capitalist Patriarchy and the case for Socialist Feminism* (1979), “considerava que uma compreensão separada do capitalismo e do patriarcado não podia abarcar o problema da opressão das mulheres” (Tavares & Magalhães, 2014:99).

<sup>132</sup> Socióloga e atualmente professora de sociologia, em 1986 “teoriza sobre o trabalho das mulheres fora de casa na articulação entre patriarcado e capitalismo, trazendo o conceito de sistema dual em que estes dois sistemas se alimentam mutuamente” (Tavares & Magalhães, 2014:99).

Apontado o seu surgimento nos Estados Unidos, à data de 1970 (Rocha, 2017; Ramalho, 2012) com a “intenção de construir o feminismo como movimento político autônomo” (Primi, 2019:351) e com o objetivo de serem bem mais “radicais em relação à primeira corrente” (Rocha, 2017:33). Para as feministas radicais, a opressão que as mulheres estavam sujeitas eram fruto do sexismo<sup>133</sup>, base de uma sociedade meramente patriarcal, onde coloca o homem como um ser superior à mulher (Primi, 2019; Pena, 2008).

Acreditavam que as mulheres, pelo simples facto de serem mulheres possuíam à priori o seu destino traçado, ou seja, assente na ideia do “determinismo biológico<sup>134</sup>, estas lutavam contra o mesmo, e o seu enfoque trespassou a execução dos papéis, como as feministas igualitárias, em luta ferrenha contra todo um sistema patriarcal e opressor” (Rocha, 2017:33).

A expressão “o pessoal é político encontra nesta corrente a sua principal base inspiradora” (Tavares & Magalhães, 2017:97) e significa que tudo aquilo que acontece na esfera pessoal e privada é também política. Não estando o indivíduo isolado da sociedade, das influências e das construções externas advindas da mesma. Algo criticado e reivindicado por esta corrente dizia respeito à ideia tradicional de família, “considerada uma das principais instituições de opressão das mulheres” (Tavares & Magalhães, 2017:97), assim como o trabalho doméstico. No entender das mesmas, este refletia “uma expressão de opressão intrínseca na instituição familiar<sup>135</sup>” (Rocha, 2017:3), e, desta forma, o objetivo das mesmas era “denunciar o lar como um espaço de clausura para as mulheres, que se afastava das esferas públicas de poder político e económico” (Mello, 2011:213 *apud* Rocha, 2017:34). A “autonomia das mulheres e controlo sobre o seu corpo” (Tavares & Magalhães, 2017:97) também faziam parte das reivindicações. Assim como a sexualidade separada da procriação (Tavares & Magalhães, 2017:97) que, no parecer delas, era “uma forma de opressão, independentemente da classe social a que as mulheres pertenciam” (Pena, 2008:16; Tavares & Magalhães, 2017), acreditando que o “patriarcado ou exploração das mulheres pelos homens era anterior ao capitalismo” (Pena, 2008:16). Lutavam por uma

“sexualidade livremente assumida, colocando em causa a heterossexualidade normativa, a contraceção e a legalização do aborto; a criação autónoma de casas de abrigo, de linhas de atendimento a mulheres vítimas de violência e de centros de apoio em crise para casos de violação” (Tavares & Magalhães, 2017:97).

---

<sup>133</sup> No entender de Vicente (2019:28), “sexismo engloba todos os movimentos que se mostrem motivados pela busca da supremacia de um dos géneros”.

<sup>134</sup> Como determinismo biológico, entenda-se a obrigação da mulher perante a maternidade que, segundo “as feministas radicais da época, consideravam uma forma de opressão individual e coletiva” (Rocha, 2017:33).

<sup>135</sup> Uma das críticas apontadas ao pensamento radical, diz respeito à “visão opressora da institucionalização familiar. Não sendo unânime a concordância com a ideia que o ambiente familiar ser gerador de opressão e apropriação dos seus corpos e trabalho; podendo a família representar uma escolha do papel social feminino, sendo este não imposto, mas escolhido” (Rocha, 2017:35).

Foram também vindicações que as mesmas batalharam, assim como o “combate às formas de objetificação sexual das mulheres, através da publicidade, dos media e da pornografia” (Tavares & Magalhães, 2017: 97).

Ainda que a luta contra a opressão e o patriarcado, e a sua erradicação estivessem na agenda de todas vertentes feministas, as feministas radicais

“propunham formas de organização e estratégias de luta bastante diferentes das outras correntes. As mesmas defendiam que os grupos adotassem doutrinas múltiplas e diferentes conjuntos de princípios e objetivos. Preferiam que a espontaneidade e a expressão pessoal conduzissem as práticas dos grupos e orientassem os respetivos programas” (Pena, 2008:16).

Dentro do movimento partilhavam experiências, e optavam por não possuir uma hierarquia organizada, preferindo uma “ação direta em vez de lobbies políticos” (Tavares & Magalhães, 2017:97). Assim como “nas artes visuais, também nas ciências, nomeadamente na ginecologia e na obstetrícia, o feminismo radical provocou a mudança de paradigma” (Tavares & Magalhães, 2017:97).

Várias obras foram marcantes nesta corrente, nomeadamente *Our Bodies, Ourselves* (1970), *Of Woman Born* de Adrienne Rich<sup>136</sup> (1976), *L'Amour en plus: histoire de l'amour maternel- XVII-XX siècle* de Elisabeth Badinter<sup>137</sup> (1980) e *Sisterhood is Powerful*<sup>138</sup> de Robin Morgan<sup>139</sup> (1970). Assim como várias outras mulheres foram importantes nas reivindicações do feminismo radical, além das já referidas, encontram-se também Emmeline Pankhurst (1858-1928), Alice Paul<sup>140</sup> (1885-1977), Simone de Beauvoir<sup>141</sup> (1908-1986), Kate Millett<sup>142</sup> (1934-2017), Shulamith

---

<sup>136</sup> Feminista, poeta e professora, foi uma personagem importante no feminismo radical. Escrevia sobre *politics and lesbian identity* (Schudel, 2012). Além da obra mencionada, escreveu também *A Change of World* (1951).

<sup>137</sup> Ainda que seja considerada defensora do feminismo liberal, por considerar o feminismo radical “uma luta contra os homens e não mais em favor das mulheres” (Votre & Lovisolo, 2007:837) a sua obra foi marcante no feminismo radical por contestar o instinto materno na forma como as mulheres eram vistas por algumas ciências (Tavares & Magalhães, 2014).

<sup>138</sup> Onde é evidenciada a ideia de sororidade (Tavares & Magalhães, 2017), também ela marcante nos discursos das feministas radicais.

<sup>139</sup> Ativista, escritora, jornalista e poeta, Robin Morgan “became active in the civil rights and feminist movements, quickly becoming a leader” (Reena & Green, 2021: n.d.). Como feminista radical fundou o “New York Radical Women and other radical feminist organizations” (Reena & Green, 2021: n.d.).

<sup>140</sup> Ativista importante na luta pelos direitos das mulheres, tendo sido uma das principais líderes da campanha pela Décima Nova Emenda à Constituição dos EUA, que proíbe a discriminação sexual no direito ao voto (Michals, 2015b)

<sup>141</sup> Teve um grande contributo quando publicou *O Segundo Sexo*, a mesma considerava que a causa da subordinação do sexo feminino, se devia à organização da economia e do mundo do trabalho, todo ele pensado para o sexo masculino. Assim sendo, a solução passaria pelas estruturas sociais, quando se desse a abolição da propriedade privada e sucessivamente, com a transformação da divisão sexual do trabalho (Martinez, 2019).

<sup>142</sup> Autora do livro *Sexual Politics* (1970), onde se tornou na primeira pessoa a abordar a questão de género na sua tese de doutoramento, tendo exposto que, “até no ato sexual, a dominação era masculina e que isso tinha implicações políticas e de dominação do poder” (Vicente, 2019:104; Perez & Ricoldi, 2018);

Firestone<sup>143</sup> (1945-2012), Andrea Dworkin<sup>144</sup> (1946-2005), Sheila Jeffreys<sup>145</sup> (1948), Judith Butler<sup>146</sup> (1956) e Lierre Keith<sup>147</sup> (1964), como impulsionadoras de um feminismo que continua bastante marcante (Tavares & Magalhães, 2014).

A reprodução, a sexualidade e a esfera doméstica surgem como alguns dos fatores de desigualdade e de opressão das mulheres, sendo estas vistas como uma ‘classe’ explorada pelos homens. Constituem reivindicações por parte das feministas radicais a contraceção, o aborto e a luta contra a violência sobre as mulheres (Tavares, 1998). Além disso, “nesta corrente surge uma perspectiva conhecida como lesbianismo político que enfatizava a importância política e estratégica das mulheres se definirem como lésbicas, mesmo não o sendo em termos de orientação sexual” (Tavares & Magalhães, 2017:98).

Como já foi supracitado, ainda que os vários movimentos partilhem reivindicações semelhantes, várias outras se diferenciam. As diferenças entre o feminismo liberal e o feminismo radical não são unicamente teóricas, passando também pelo campo prático tendo como noção a individualidade/coletividade e o idealismo/materialismo. Enquanto a primeira corrente “pretendia a reforma do sistema, a segunda propunha-se modificá-lo através dum processo revolucionário” (Pena, 2008:18). Ainda que as feministas radicais se considerassem amplamente inclusivas, e com um propósito bem firme, continuavam a possuir lacunas, vendo-se assim, o contínuo surgimento de outras vertentes, como foi o caso do feminismo negro.

Enquanto o feminismo da primeira onda procurava pleitear os direitos “perante a discrepância entre a difusão dos princípios universais de igualdade e a realidade da desigual divisão de poderes entre homens e mulheres, perpassando o direito ao voto” (Rocha, 2017: 27), o feminismo negro, procurou desde o início – datado à década de 70 (Caetano, 2017) –, uma igualdade racial e sexual, onde as mulheres de raça negra “pudessem ser consideradas pessoas” (Ribeiro, 2016:100). Se por um lado, o feminismo liberal, depois o marxista e o radical, nasceram

---

<sup>143</sup> Considerada uma das fundadoras do feminismo radical, tendo inclusive feito parte de três movimentos: *New York Radical Women*, *Redstockings* e *New York Radical Feminists*; com o seu livro *Dialectics of Sex*, em 1971, onde fomenta “a ideia de que a reprodução seria o principal fator de desigualdade e de opressão das mulheres” (Tavares & Magalhães, 2014:95-96). Considerando ainda que as “mulheres constituiriam uma classe explorada pelos homens” (Tavares & Magalhães, 2014:96).

<sup>144</sup> Conhecida pelo seu estilo radical e pela sua posição acérrima na crítica à prostituição (onde a liga à violação e onde considerava ser perpetuada violência contra as mulheres). Na sua vasta literacia, publicou obras como *Pornography: Men Possessing Women* (1981), *In Harm's Way – Pornography Civil Rights Hearing* (1998), posteriormente usados como base do pensamento radical quanto ao trabalho sexual, *Last Days at Hot Slit: The Radical Feminism of Andrea Dworkin* (1980).

<sup>145</sup> Conhecida pelas suas opiniões polémicas sobre as pessoas transgénero, é uma ativista e feminista lésbica (Goldberg, 2014). Detentora de uma série de obras, entre elas *Unpacking Queer Politics* (2003), *Beauty and misogyny* (2005), *The Industrial Vagina* (2008) e mais recentemente *Gender Hurts* (2014).

<sup>146</sup> Além do já referido até então, Judith Butler é uma filósofa pós-estruturalista. Das diversas obras publicadas até então, o feminismo e a desconstrução de género e sexo como categorias separadas, são a base dos mesmos, *Gender Trouble* (1990) e *Bodies That Matter* (1993), são alguns exemplos.

<sup>147</sup> Ativista, feminista e ambientalista radical, é autora de livros como *The Vegetarian Myth: Food, Justice and Sustainability* (2009) e *Bright Green Lies* (2021), tendo-se tornado este último, posteriormente num filme.

das nomeadamente influências de Simone de Beauvoir, com a sua polémica afirmação “não se nasce mulher, torna-se mulher”, o feminismo negro parte de uma negação, exclusão e interrogação utilizada por Bell Hooks (1952-2018) “Ain’t I a woman<sup>148</sup>”, com base no pensamento de Sojourner Truth<sup>149</sup> (Velasco, 2019; Tavares & Magalhães, 2014; Oliveira, 2010). Indignadas porque o feminismo não chegava a todos.

As premissas do feminismo liberal, marxista e radical consistiam na reivindicação dos direitos das mulheres, ainda que com as suas diferenças, tinham como lapso a opressão das mulheres negras. Como resultado,

“o movimento sufragista ficou fatalmente impregnado de racismo, o que não somente abriria uma brecha irreparável no feminismo estado-unidense (feminismo branco vs. feminismo negro), mas também se transformaria em um instrumento (a mais) no processo de objetificação da mulher negra. Ao assumirem para si mesmas o papel de “guardiãs e protetoras naturais do lar”, ao reivindicar o voto feminino a partir do seu papel de mães dos futuros cidadãos, as mulheres brancas excluía as mulheres negras do voto, da categoria de mãe e, portanto, de mulher” (Velasco, 2019: 92).

Resultando numa dupla opressão, Ida Wells “introduziu um dos temas que se tornaram centrais no feminismo negro: a forma como a interseccionalidade entre «raça» e género constrói de maneira desigual a sexualidade da população branca e da população negra” (Velasco, 2019:93). As mulheres negras eram – e em alguns casos, ainda são, duplamente oprimidas, primeiro por serem negras (através da condição de raça) e segundo por serem mulheres (pela condição de género), o que resultou na constante discussão, tendo como prioridade deste movimento a luta contra os dois fenómenos, o sexismo e o racismo<sup>150</sup>. Uma vez que “as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas, uma não existe sem a outra” (Bairros, 1995:461). Assim como elucida Collins (1986:16), “Black feminist thought consists of ideas produced by Black women that clarify a standpoint of and for Black women”. Tendo sido, durante muito tempo, “a voz obscurecida num sistema de dominação que havia sido construído com as ferramentas de grupos hegemónicos” (Velasco, 2019:93) sob “o ponto de vista masculino, branco e ocidental” (Nogueira & Silva, 2003:17). Se por um lado o feminismo radical via a

---

<sup>148</sup> Onde refere que tinha como principal objetivo “documentar o impacto do sexismo no status social das mulheres negras, assim como fornecer evidências concretas que refutassem os argumentos antifeministas que proclamavam em alta voz que as mulheres negras não foram vítimas da opressão sexista e não tinham necessidade de libertação” (Hooks, 2014/1981: 12).

<sup>149</sup> Ativista pelos direitos das mulheres afro-americanas, foi a “primeira de uma importante leva de intelectuais negras que, sem o apoio de uma obra escrita, conectaram os interesses e as lutas das mulheres negras” (Collins, 2000 *apud* Velasco, 2019:91); Cujas feminista negra anti escravagista “lutou ao lado das sufragistas e confrontou o estereótipo da feminilidade enfatizada (ideal burguês para a mulher), num discurso que ficou famosos em 1843, na Convenção dos Direitos das Mulheres, em Akron, no Ohio” (Tavares & Magalhães, 2014:102; Oliveira, 2010)

<sup>150</sup> Entenda-se por racismo, segundo o Dicionário Priberam (Dicionário Online, 2022), a “teoria que defende a superioridade de um grupo sobre outros, baseada num conceito de raça, preconizado, particularmente, a separação destes dentro de um país ou região (segregação racial) ou mesmo visando o extermínio de uma minoria”.



expressão «o pessoal é político» como uma contínua ação entre o público e o privado, para Hooks, a interpretação era diferente. Esta não exprime

“a primazia de uma dimensão sobre a outra, mas a compreensão de que o pessoal pode constituir-se em ponto de partida para a conexão entre politização e transformação da consciência. Logo não se trata de uma simples descrição da experiência de opressão de mulheres por homens, mas do entendimento crítico sobre o terreno de onde essa realidade emerge” (Bairros, 1995:462).

Durante vários séculos, inúmeras mulheres foram imprescindíveis nas reivindicações em prol dos mesmos direitos para mulheres de raça negra. Entre elas, Harriet Tubman<sup>151</sup> (1822-1913), Anna Julia Haywood Cooper<sup>152</sup> (1858-1964), Ida B. Wells (1862-1931), jornalista, sufragista e socióloga norte-americana, nascida escrava, assim como os seus pais, conquistou a liberdade com o fim da Guerra Civil Americana. Ainda que nunca se tenha autoproclamado feminista negra, talvez por só anos mais tarde se ter falado mais sobre o feminismo negro, a mesma já escrevia uma série de artigos a denunciar a violência contra afro-americanos nos EUA, perpetuada principalmente pelos membros da máfia organizada, na sua totalidade homens brancos. Ainda que tivesse sido, inúmeras vezes, ameaçada de morte, isso obrigou-a a fugir de Memphis, mas não a parou. Lutou ativamente enquanto ativista dos direitos cívicos, mesmo tendo sido várias vezes ridicularizada por outras sufragistas brancas, quando a mesma lhes chamava a atenção para a situação da população de raça negra nos Estados Unidos. Em resposta à procura de soluções para lidar com “a desenfreada onda de linchamentos e abuso sexual indiscriminado” (Velasco, 2019:92) que as mulheres negras sofriam, sendo inclusive acusadas de serem responsáveis pelos mesmos, foi criado “o primeiro clube de mulheres negras”, que contou com a colaboração de Ida Wells, como uma das suas fundadoras (Velasco, 2019:92). Wells, dedicou grande parte da sua vida ao ativismo e à investigação, e como resultado, “elaborou e publicou estatísticas arrasadoras; mostrou que entre 1880 e 1891 em torno de 100 negros foram linchados” (Velasco, 2019:92); entre esse período vários foram assassinados, violados (entre esses números, faziam parte amigos de Ida Wells). Utilizou uma “metodologia que só recentemente teve reconhecimento científico, tendo como únicas fontes que existiam – as do opressor, para a partir delas, descobrir questões subjacentes à dominação” (Velasco, 2019:92);

---

<sup>151</sup> Nascida escrava, fugiu e tornou-se abolicionista e ativista americana. Participou em algumas missões, nas quais conseguiu “resgatar cerca de 300 pessoas escravizadas, através da rede de ativistas anti escravatura e abrigos conhecidos como Underground Railroad” (Michals, 2015a, n.d.).

<sup>152</sup> Escritora, socióloga, feminista e ativista dos direitos dos negros. Em 1900 foi oradora no primeiro encontro pan-americano de Londres, onde apresentou ao artigo intitulado *The Negro Problem in America* (Stephoe, 2007)

Virgínia Quaresma<sup>153</sup> (1882-1973), Georgina Ribas<sup>154</sup> (1882-1951), Antonieta de Barros<sup>155</sup> (1901-1952), Rosetta Reitz<sup>156</sup> (1924-2008), Maya Angelou<sup>157</sup> (1928-2014), Elza Soares<sup>158</sup> (1930-2022), Toni Morrison<sup>159</sup> (1931-2019), Nina Simone<sup>160</sup> (1933-2003), Audre Lorde<sup>161</sup> (1934-1992), Toni Cade Bambara (1939-1995), Mary Helen Washington (1941), Angela Davis<sup>162</sup> (1944), Sherley Anne Williams (1944-1999), Alice Walker<sup>163</sup> (1944), Patricia Hill Collins<sup>164</sup> (1948), Hazel Carby<sup>165</sup> (1948), Alexis De Veaux (1948), Gayl Jones (1949), Jessica Hagedorn (1949), Bell Hooks<sup>166</sup> (1952-2021), Kimberlé Williams Crenshaw<sup>167</sup> (1959), Chimamanda Ngozi Adichie<sup>168</sup> (1977), Djamilia Ribeiro<sup>169</sup>

---

<sup>153</sup> Escritora e jornalista portuguesa, foi uma mulher que nunca se enquadrou nos padrões normativos, num cenário dominado por homens. Foi também, uma das “primeiras mulheres a tirar o Curso Superior de Letras da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e de seguida tornou-se não só a primeira jornalista portuguesa como um dos mais inventivos e originais repórteres da sua época” (Saraiva, 2022: n.p.).

<sup>154</sup> Além de feminista negra, foi também pianista musicóloga, professora de música e líder de várias organizações do movimento negro e feminista do séc. XX, como o Partido Nacional Africano. Ainda que fosse “apologista do regime republicano, a mesma não fez parte da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, fundada em 1908, por querer separar o exercício do jornalismo da intervenção política” (FCSH+LISBOA, 2017: n.p.).

<sup>155</sup> Jornalista, professora e política brasileira, foi a mulher responsável pela criação do Dia do Professor em Santa Catarina, em 1948. No entanto, só em 1963 a data foi oficializada em todo o país por João Goulart; Foi a primeira deputada estadual negra, eleita no Brasil, e na sua pauta teve sempre a educação como pilar. Numa altura em que a alfabetização era elevadíssima no Brasil, com cerca de 65% (Memória Política de Santa Catarina, 2022).

<sup>156</sup> Foi nos “anos 80 do século XX que se iniciam as explorações feministas do blues com os trabalhos de Rosetta Reitz, Sandra Leib e Daphne Duval Harrison” (Velasco, 2019:98).

<sup>157</sup> Escritora, Marguerite Ann Johnson, vulgo pseudónimo Maya Angelou, foi escritora e poetisa. Responsável pela voz proeminente do feminismo e do poder (Biography.com Editors, 2021a: n.d.).

<sup>158</sup> Conhecida pela sua envolvimento com diversos géneros musicais, desde samba, jazz, bossa nova, rock, etc. Elza Gomes, mais conhecida como Elza Soares, foi uma cantora e compositora, que, assim como tantas outras, revolucionou o mundo da música.

<sup>159</sup> Escritora e professora, publicou várias obras, entre elas, *The Bluest Eye* (1970), na qual representa a opressão que uma menina negra está sujeita. Foi a primeira escritora negra a receber em 1993 o Prémio Nobel de Literatura (Frazão, 2022).

<sup>160</sup> Mais conhecida pelo seu nome artístico Nina Simone, era Eunice Kathleen Waymon, pianista, cantora, compositora e ativista pelos direitos civis dos negros norte-americanos

<sup>161</sup> Autora de inúmeros livros, entre eles *The Black Unicorn* (1978) e *Sister Outsider* (1984). Foi feminista e ativista pelos direitos civis e homossexuais, “who gave voice to issues of race, gender and sexuality” (Biography.com Editors, 2021b: n.d.). O seu trabalho sempre se “destacou por trazer, para além da raça, as discussões sobre sexualidade de maneira explícita, ao falar a partir do lugar da mulher negra lésbica” (Assis, 2019:17).

<sup>162</sup> Inspirada no trabalho de Hazel Carby e da sua obra “*Mulheres, raça e classe*, para buscar no blues feminino dos anos 1920 os rastros e rostos de uma tradição secreta de um feminismo de classe trabalhadora, que coexiste junto a uma tradição de classe média negra, mas cujos códigos e formas de expressão eram completamente distintos” (Velasco, 2019:99); tendo sempre presente no seu discurso, a questão da “classe juntamente com o marcador social de raça” (Assis, 2019:16; Oliveira, 2010)

<sup>163</sup> Escritora e ativista feminista, escreveu vários livros, entre eles, o romance *The Color Purple* (1982), que a fez ganhar o National Book Award e o Prémio Pulitzer de Ficção. Inclusive, pertenceu ao movimento *Black Arts movement* vigente entre 1960 e 1970, (Enciclopédia Britannica, 2022a) assim como tantas outras artistas.

<sup>164</sup> Como refere Velasco (2019:97), “é difícil apontar brevemente as contribuições de Patricia Hill Collins não somente com relação à epistemologia feminista negra ou a dos grupos subjugados como também à teoria social geral (...) Collins trata de colocar as mulheres negras estado-unidenses no centro das suas análises. No entanto ela faz isso sem privilegiar essas experiências”. Considerada a responsável pela “articulação do conceito de interseccionalidade com a matriz de dominação” (Tavares & Magalhães, 2014:102)

<sup>165</sup> Em 1984, a escritora e professora, publicou o artigo intitulado *White women listen! Black feminism and the boundaries of sisterhood*, “onde afirma ‘as mulheres negras não querem ser injetadas no feminismo como um rasgo de colorido, uma variação dos problemas «reais». O feminismo tem de se transformar se quer dirigir-se a nós” (Tavares & Magalhães, 2014:102; Oliveira, 2010)

<sup>166</sup> Conhecida pelo pseudónimo literário bell hooks, “em honra da sua avó e cuja grafia prefere que seja em minúscula” (Tavares & Magalhães, 2014:102), Gloria Jean Watkins, foi uma das mais influentes teórica desta corrente feminista; propôs discussões sobre “a intelectualidade da mulher negra, a transgressão como prática libertadora na educação, o amor nas comunidades negras e algumas discussões sobre estética negra e racismo” (Assis, 2019:16)

<sup>167</sup> Responsável pela disseminação do conceito “interseccionalidade”, primeiro no seu texto *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory na Antiracist Politics* (1989) e enquanto ativista e defensora dos direitos civis norte-americanos. Numa outra publicação explica que, “assim como é verdadeiro o facto de que todas as mulheres estão, de algum modo, sujeitas ao peso da discriminação de género também é verdade que outros fatores relacionados às suas identidades sociais, tais como classe, cast, raça-cor, etnia, religião, origem nacional e orientação afetiva/sexual pesam na forma como vários grupos de mulheres vivenciam a discriminação” (Perez & Ricoldi, 2018:17; Crenshaw, 2002; Tavares & Magalhães, 2014; Hirata, 2014).

<sup>168</sup> De origem nigeriana, é feminista e escritora, sendo considerada uma das jovens autoras anglófonas de sucesso, atraindo a população mais jovem. Publicou obras como *Todos devemos ser feministas* (2015), *A cor do hibisco* (2019), entre outras.

<sup>169</sup> Formada em Filosofia, é também, ativista, escritora, investigadora e académica. Defensora do feminismo negro, tornou-se conhecida na internet pelo seu ativismo digital e pelos seus livros. Publicou, em 2018, *Quem tem medo do Feminismo Negro?*, no ano seguinte *Pequeno Manual Antirracista* (2019), entre outros, referentes ao feminismo.

(1980), Cristina Roldão<sup>170</sup> (1980), entre tantas outras (Velasco, 2019; Bairros, 1995; Vicente, 2019, Tavares & Magalhães, 2014).

No fundo, pensar no feminismo negro é

“justamente romper com a cisão criada numa sociedade desigual. Logo, é pensar projetos, novos marcos civilizatórios, para que pensemos um novo modelo de sociedade. Fora isso, é também divulgar a produção intelectual de mulheres negras, colocando-as na condição de sujeitos e seres ativos que, historicamente vêm fazendo resistência e «reexistências»” (Berth, 2019:13).

Como recorda Collins (1986:14),

“Countless numbers of Black women have ridden buses to their white «families», where they not only cooked, cleaned, and executed other domestic duties, but where they also nurtured their "other" children, shrewdly offered guidance to their employers, and frequently, became honorary members of their white «families»”.

Algo que nos remete, claramente, para uma estigmatização das mulheres de raça negra, associadas à escravidão, laços históricos bastante presentes. Ainda que as mesmas estivessem ‘dentro’ das famílias brancas, estas nunca seriam vistas como parte da família, porque sempre esteve presente a clara diferenciação de classe e raça, e sempre seriam consideradas como *outsiders*<sup>171</sup> (Collins, 1986). Cansadas de se verem ignoradas pela sociedade e pelas outras vertentes do feminismo, que não colocavam a “premissa étnico-racial nas suas reivindicações e lutas feministas, não representando assim as necessidades de libertação da mulher negra”. Deu-se o surgimento do feminismo negro. No entanto, o mesmo feminismo continuava a não chegar a todas as pessoas. Teoria já bastante falada até então, e amplamente desenvolvida pelas feministas negras, com a base teórica da interseccionalidade, vê-se o surgimento do feminismo interseccional. Segundo Crenshaw (2002:177), mencionado por Perez & Ricoldi (2018:17), a interseccionalidade

“é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras”.

Tendo sido desenvolvido pelo feminismo negro, o termo interseccionalidade, cuja autoria se deve a Kimberlé Crenshaw<sup>172</sup>, “nasceu nas ciências jurídicas” (Assis, 2019:19; Hirata, 2014;

---

<sup>170</sup> Socióloga portuguesa, estudiosa de temas como a educação e a exclusão. Publicou obras como *Vidas Plurais* (2012) e mais recentemente, *Não posso ser quem somos?* (2020). É também reconhecida pelo seu trabalho ativista em prol do antirracismo e feminista.

<sup>171</sup> Para um maior aprofundamento sobre o tema, ler Patricia Hill Collins - Learning from the Outsider Within: The Sociological Significance of Black Feminist Thought (1986).

<sup>172</sup> Em 1989, através do seu texto *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics* (Perez & Ricoldi, 2019:n.d.; Akotirene, 2018); Posteriormente utilizado por Angela Davis, Patricia Hill Collins, Joan Scott, Marilyn Strathern, Donna Haraway e Judith Butler, que difundiram o tema nos anos 80 (Caetano, 2017:11; Ribeiro, 2016), assim como por Lélia Gonzalez (Perez & Ricoldi, 2019: n.d.); Crenshaw destaca três tipos de discriminação interseccional: a propaganda de gênero, a discriminação

Caetano, 2017; Berth, 2019; Perez & Ricoldi, 2018; Pereira, 2016; Oliveira, 2010; Henning, 2015; Akotirene, 2018) e tornou-se indispensável nos discursos do movimento negro<sup>173</sup>, na questão do “lugar da mulher negra na sociedade” (Assis, 2019:24-25; Caetano, 2017). Crenshaw reconhece que, uma vez que todas as mulheres já estavam sujeitas à discriminação de género, existem outras categorias que assomam essa discriminação, tais como “a classe, casta, raça-cor, etnia, religião, origem nacional e orientação afetiva/sexual” (Perez & Ricoldi, 2018:12; Pereira, 2016). O objetivo da interseccionalidade “serve como parâmetro de justiça, na medida em que exige que seja considerado o ‘intercruzamento’ das desigualdades na inclusão de grupos e garantia de direitos aos mesmos” (Perez & Ricoldi, 2018:12). Sendo a ótica de alguns movimentos feministas<sup>174</sup>, no que toca a campanhas “pelo fim da discriminação contra mulheres negras e/ou contra o ódio direcionado à população LGBT” (Perez & Ricoldi, 2018:13).

Datado ao final da década de 1970 e o início de 1980, a teoria da interseccionalidade, desenvolvida no contexto do movimento feminista negro, como já foi supramencionado, vê a urgência em parar de se tratar as questões de forma isolada (Caetano, 2017). Ainda que tenha sido na terceira onda que o feminismo interseccional se dissemina, a esta altura, o mesmo ainda não tinha obtido muitos frutos a nível institucional e legislativo (Siqueira, 2015). Só na quarta onda, através das plataformas digitais, o ativismo interseccional vê uma nova e ampla forma de chegar a todas as pessoas. Inclusive, conceções como a de sororidade,

“que fora já rejeitada em contextos como estadunidenses, se reedita na forma como as mulheres brancas podem, de alguma forma, falar sobre questões como raça e classe sem tomar o «lugar de fala<sup>175</sup>»; por outro lado, a reflexão e a expressão de intelectuais negras ganha centralidade nesse novo feminismo, antes visto como uma das «especialidades» das mulheres” (Perez & Ricoldi, 2018:19).

Foi no decorrer do século passado que o fenómeno da interseccionalidade se tornou um objeto de análise com diferentes visões nos movimentos feministas (Henning, 2015). Podendo, inclusive, dizer-se que esta teoria abarca vários feminismos, pois esta entende que a questão de género sempre estará atrelada a outras questões (Caetano, 2017). Na análise de Henning (2015:111

---

mista ou composta, e a subordinação estrutural (Caetano, 2014:16); Ainda que Crenshaw seja responsável pela difusão do conceito, a “preocupação em entrelaçar distintas formas de diferenciações sociais (e de desigualdades) é bem anterior, e um dos seus marcos simbólicos tem sido visto como as contribuições do influente manifesto de 1977 do «Combahee River Collective»” (Henning, 2015:102).

<sup>173</sup> Chegando à conclusão que “tratar as questões de género isoladamente das questões raciais tinha como efeito a negligência de pautas específicas, tanto dentro do movimento antirracismo quanto dentro do movimento feminista” (Caetano, 2017:8).

<sup>174</sup> Uma figura importante no feminismo negro, é Djamila Ribeiro, que difunde, atualmente, nas redes sociais, em cursos académicos e em programas de televisão, as lutas interseccionais (Perez & Ricoldi, 2019: n.d.)

<sup>175</sup> Na visão de Assis (2019:41-42) “a origem do termo ou ideia de lugar de fala, dentre as áreas do conhecimento, são de facto imprecisas e uma investigação aprofundado nos levaria a identificar ideias correlatadas em autores diversos (...). Comumente, ao se pensar no assunto, os trabalhos desenvolvidos por Michael Foucault, Pierre Bourdieu e Gayatry Spivaky são acionados para pensar a análise do discurso como ponto de partida para entender o enunciado do lugar de onde se fala”.

*apud* Prins, 2006:279) relativamente ao trabalho da filósofa Baukje Prins, refere “duas principais vertentes entre as teóricas que trabalham com interseccionalidades, vertentes estas estabelecidas a partir principalmente de distintas concepções de poder, agência e estrutura/sistema”. Por um lado, numa “abordagem sistêmica/estrutural, que teria como foco os impactos do sistema ou estrutura sobre formação de identidades” (mais presente nos Estado Unidos), tendo como representação o trabalho de Kimberlé Crenshaw e Patricia Hill Collins (Henning, 2015:111-112 *apud* Prins, 2006:279). Por outro, tendo como representação no Reino Unido, numa “abordagem construcionista”, cujas representantes seriam Anne McKlintoock e Avtar Brah, “a qual tenderia a desenvolver uma concepção de poder mais dinâmica e relacional, levando em consideração aspetos de agência e identidade social” (Prins, 2006:279 *apud* Henning, 2015:112). No entanto, ambas as abordagens são objeto de crítica<sup>176</sup> e foram, como seria de esperar, mais desenvolvidas por outros autores (como foi o caso de Sylvia Walby).

Além das já referidas feministas e ativistas, responsáveis pela disseminação do feminismo interseccional, várias outras<sup>177</sup> – pertencentes a outros movimentos feministas, foram importantes e viram-se enquadradas com os princípios da interseccionalidade. Deste modo, pensar a

“interseccionalidade é perceber que não pode haver primazia de uma opressão sobre as outras e que, sendo estas estruturantes, é preciso romper com a estrutura. É pensar que raça, classe e género não podem ser categorias pensadas de forma isolada, mas sim de modo indissociável” (Ribeiro, 2014:101).

Ou seja, é reconhecer que as pessoas não nascem com as mesmas condições, e aplicar as mesmas premissas seria altamente injusto, pois “um grupo mais privilegiado ao ser tomado como parâmetro, marginaliza automaticamente os demais grupos que sejam sobrecarregados por diversos sistemas de opressão” (Caetano, 2017:18-19). Esta linha de pensamento “não entende «a mulher [...] como uma categoria unitária ou um sujeito político unívoco»” (Ribeiro, 2018:89 *apud* Perez & Ricoldi, 2018: n.d.). Uma vez que o feminismo é a defesa de todas as pessoas, independentemente do género, raça, etnia ou orientação sexual (Caetano, 2017).

Com as diversas conquistas, das feministas liberais, marxistas, radicais e negras, na reivindicação dos direitos das mulheres – independentemente do género, da classe e da raça, no entanto, ainda faltava algo. A necessidade de conexão entre a “ciência, a mulher e a natureza”

---

<sup>176</sup> Para um maior aprofundamento, consultar Henning, 2015.

<sup>177</sup> Além das autoras referidas, é de destacar Leslie McCall (1964) socióloga e cientista política; Maylei Blackwell, autora do livro *Scales of Resistance: Indigenous Women's Transborder Activism* (2022) e Nadine Naber, autora do livro *Arab San Francisco: On Gender, Cultural Citizenship, and Belonging* (2002) e mais recentemente de *Arab America: Gender, Cultural Politics, and Activism* (2012).

estiveram na base da criação do movimento ecofeminista<sup>178</sup> (Svensson & Jackson, 2002 *apud* Flores & Trevizan, 2015:12). Assim como nos restantes movimentos, o patriarcado é identificado como a – ou uma das origens da opressão feminina –, no Ecofeminismo o mesmo é identificado como “a origem da catástrofe ecológica, tendo sido a natureza e as mulheres, ambas associadas à reprodução da vida, o alvo das agressões desse sistema” (Muraro, 2022 *apud* Flores & Trevizan, 2015:12).

Ao fundar a “primeira relação entre a ecologia e a libertação das mulheres, a feminista francesa Françoise d'Eaubonne, em 1974”, afirmou que as mulheres deveriam deter controlo sobre a sua fertilidade, de modo a evitar que se sucedesse uma sobrepopulação (Flores & Trevizan, 2015:12; Tavares, 2014). Quatro anos depois, a mesma criou, em França, “o movimento Ecologia e Feminismo” (Svensson & Jackson, 2002 *apud* Flores & Trevizan, 2015:12). Uma vertente que visa interligar a luta feminista com a luta pelos direitos ambientais e a preservação da natureza. Sendo este, um movimento que procura um maior equilíbrio entre o ser humano e a natureza, através de uma maior colaboração com o meio ambiente, em vez de tentar dominá-lo (Folter, 2020). Atualmente, “várias organizações dão voz a estes modelos alternativos e apresentam dados que os justificam. Por exemplo: Women’s Voices for The Earth nos Estado Unidos, Women’s Environmental Network na Europa, WoMin em África e Rede de Desenvolvimento Humano no Brasil” (Folter, 2020: n.d.).

Esta vertente defende que as mulheres, regra geral, são mais afetadas pelas alterações climáticas do que os homens (Mello, 2017). Segundo Halton (2018), a ONU estima que as mulheres, numa situação em que é necessário mudar de casa devido às alterações climáticas, são afetadas em cerca de 80%, pelo facto de viverem em situação de maior pobreza e de deter um poder socioeconómico menor (Folter, 2020). Inclusive, no relatório divulgado pelo Fundo de População das Nações Unidas, de 2009, as mulheres mais afetadas são paradoxalmente as que têm menor responsabilidade na devastação do meio ambiente (Folter, 2020).

As pioneiras deste movimento lutavam contra as centrais nucleares, a desflorestação<sup>179</sup>, a forma como o sistema capitalista de acumulação de bens oprimia o meio-ambiente e o destruía (Carneiro, 2012). A luta contra a degradação ambiental espalhou-se pelo mundo, o que resultou

---

<sup>178</sup> Ao contrário do que se possa pensar, o “ecofeminismo não é uma teoria que trata unicamente de meio ambiente e gênero, mas se refere a várias outras variedades de perspetivas, como etnia, raça, cor e situação socioeconómica” (Mello, 2017:8).

<sup>179</sup> Motivadas pelo acidente nuclear em *Three Miles Island*, na Pensilvânia, em 1979 (Carneiro, 2012)

numa maior adesão de várias mulheres. Inclusivamente, na criação do movimento Chipko<sup>180</sup> (Carneiro, 2012; King, 1995), datado a meados de 1970 e ao “desenvolvimento de análises econômicas e culturais sobre a relação das mulheres com o meio ambiente, incluindo propostas de atuação em políticas institucionais” (Carneiro, 2012:7). Entre diversas participações, contou também com a de Vandana Shiva (Mies & Shiva, 1993 *apud* Mello, 2017:9).

A entrada e uma maior participação das mulheres na discussão de questões ambientais deu-se na Eco-92<sup>181</sup> (Carneiro, 2012), onde teve uma enorme visibilidade a nível mundial. Além do que já foi referido, assomou o conceito “WEDO (Women’s Environment & Development Organization)” (Carneiro, 2012:8), substituindo o “WID (Women in Development)” (Carneiro, 2012:8), tinham como alvo “as mulheres de zonas rurais, produtoras de alimentos e as moradoras de bairros precários, construídos devido ao êxodo rural para as cidades, pois seriam estas que sofreriam diretamente os impactos de uma exploração desenvolvimentista sem sustentabilidade” (Carneiro, 2012:8). O surgimento das primeiras «ecovilas» datam a década de 1970, “como alternativas de comunidades nas quais as pessoas se esforçavam para levar uma vida em harmonia consigo mesmas, com os outros seres animados e inanimados, e com a Terra” (Svensson & Jackson, 2002 *apud* Flores & Trevizan, 2015:12). Tornando-se numa “experiência institucionalizada, tendo como parâmetros a sustentabilidade” (Plant, 1990 *apud* Flores & Trevizan, 2015:15). Ainda que outras mulheres<sup>182</sup> já se tivessem mobilizado pela proteção ambiental.

Tal como nos restantes movimentos não existe um consenso, tornando possível a existência de subcorrentes, com uma grande diversidade de pensamentos, o ecofeminismo não é uma exceção. Dentro do ecofeminismo é possível ver movimentos com uma conexão mais cultural, espiritual, construtivista e crítica (Tavares & Magalhães, 2014).

Algumas ecofeministas culturais e espirituais, desde a génese desta vertente feminista, afirmam que o facto das comunidades nómadas ancestrais da nossa civilização praticaram uma

---

<sup>180</sup> Um movimento ecológico que surgiu na Índia naquela década, em defesa da “floresta empreendida por mulheres de comunidades rurais, próximas ao Himalaia em que se dava um abraço (chipko) nas árvores para que não fossem derrubadas por empresas” (Carneiro, 2012:7; King, 1995) criando o movimento “hug tree” (Mies & Shiva, 1993 *apud* Mello, 2017:9).

<sup>181</sup> Realizada em 1992, no Rio de Janeiro, foram debatidas vários problemas ambientais existentes e as possíveis consequências, assim como uma análise dos progressos feito até então, desde a primeira conferência. Antes deste evento, o primeiro realizado, também pela ONU, que despoletou uma maior atenção por parte das pessoas quanto às questões ambientais, foi a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo, na Suécia, em 1972. Um ano antes, em Miami, com o Congresso Mundial das Mulheres por um Planeta Saudável, foram várias as mulheres que se mobilizaram. Desde “ativistas ONGS e várias associações”, com um único objetivo: preparar a Eco-92 (Carneiro, 2012:8).

<sup>182</sup> Como refere Carneiro (2012:1), “desde senhoras vitorianas indignadas com a matança de pássaros e de animais de pele valiosa para a nascente indústria da moda” (McCormick, 1992 *apud* Carneiro, 2012:1), “passando pela atuação da primeira mulher que entrou no MIT, Ellen Richards, formada em química e autora de manuais de aplicação do conhecimento científico no dia a dia” (Richards, 1910 *apud* Carneiro, 2012:1), “até cientistas e militantes, como Rachel Carson, nos EUS, e as ativistas anónimas pelo mundo, no século XX, são alguns exemplo” (Richards, 1910 *apud* Carneiro, 2012:1).

distribuição de trabalho, atribuindo papéis de gênero, em que a mulher era remetida para o cuidado da população e da maternidade, terá uma ligação ancestral com a natureza e a Terra-Mãe (Tavares & Magalhães, 2014). Logo terá mais propensão para se preocupar em defendê-la – uma relação privilegiada da mulher com a Natureza<sup>183</sup>. Esta vertente defende a busca e a conexão das mulheres com o sagrado feminino e uma vivência de acordo com as correntes energéticas solares e lunares primitivas, celebrando a Deusa Sagrada que inerentemente nasce com cada mulher. Inclusive, e passo a citar, “os saberes ancestrais que fizeram delas curandeiras e ‘feiticeiras’ são valorizados em função de uma relação de proximidade com a natureza, de quotidianos vividos em pequenas comunidades com um caráter transformador das relações sociais” (Tavares & Magalhães, 2014: 103). Como tal, consideram esta a sua esfera política de intervenção e atentam ser mais eficaz do que entrar em jogos de poder com os homens pela intervenção política (Tavares & Magalhães, 2014).

Ao contrário das anteriores, no que concerne ao Ecofeminismo construtivista, estas feministas não acreditam na ligação intrínseca da mulher com a Natureza, acreditam antes que o poder patriarcal, com a influência da distribuição do trabalho com base no gênero, automaticamente impulsionou a mulher para a condição de oprimida, remetida ao lar e à maternidade (Tavares & Magalhães, 2014).

Relativamente ao ecofeminismo crítico, como é referido por Alicia Puleo, mencionado por Tavares & Magalhães (2014: 104),

“não implica afirmar que as mulheres estão mais ligadas à natureza do que os homens, mas mais orientado para a ecojustiça e autonomia; perspetiva construtivista sobre os sexos masculino e feminino; diálogo intercultural; aceitação prudente da ciência e da técnica; universalização da responsabilização do cuidado aplicado a todos os seres humanos e à natureza”.

Ou seja, ainda que possuam ideologias diferentes, há algo que todas sempre tiveram em comum, a solicitação de uma maior intervenção governamental (Carneiro, 2012).

Quando falamos de ecofeminismo é impossível não remeter a Mary Daly (1928-2010), com a sua obra *Gyn/Ecology* (1978), onde refere que “ao longo da história os homens demonstram uma essência agressiva, criaram uma civilização dominadora das mulheres e destrutiva da Natureza” (Tavares & Magalhães, 2014: 103). Além das ativistas e feministas

---

<sup>183</sup> Esta relação leva a que “estas ecofeministas sejam apelidadas de essencialistas” (Tavares & Magalhães, 2014:103).



referidas até então, são de destacar Rachel Carson<sup>184</sup> (1907-1964), Elizabeth Gould Davis<sup>185</sup> (1910-1974), Val Plumwood<sup>186</sup> (1994), Maria Mies<sup>187</sup> (1931) e Vandana Shiva<sup>188</sup> (1952). Embora tantas outras tenham exercido um papel fundamental nesta vertente.

Além destas vertentes – sendo as mais conhecidas, muitas outras são de salientar, nomeadamente o Transfeminismo<sup>189</sup>, o Anarcofeminismo<sup>190</sup> e o Ciberfeminismo, por exemplo.

---

<sup>184</sup> Bióloga marinha e ambientalista, no seu livro *Silent Spring* (1962), “questionou o paradigma do processo científico tendo sido considerada uma das primeiras ambientalistas do sexo feminino e argumentava os efeitos secundários dos pesticidas sintéticos nos rios e lençóis freáticos” (Carson, 1962 *apud* Mello, 2017:9).

<sup>185</sup> Exerceu a atividade de bibliotecária e escreveu o livro *The First Sex* (1972), que resultou num “dos mais influentes exemplos de trabalho feminista, ao discutir que o poder masculino era a força por trás da poluição ambiental, argumentando a necessidade de um novo olhar para as questões ambientais” (David, 1972 *apud* Mello, 2017:9).

<sup>186</sup> Considerada “uma das teóricas mais importantes, assim como Maria Mies e Vanda Shiva (1993)”, nesta vertente feminista (Tavares & Magalhães, 2014: 103). A filósofa é autora da obra *Feminism and The mastery of nature* (1993) e *Environmental Culture* (2001).

<sup>187</sup> Socióloga alemã, publicou uma série de livros, sobre o feminismo e o Ecofeminismo, entre eles *Women, The Last Colony* (1983), *Patriarchy and Accumulation on a World Scale* (1986) e *Ecofeminism* (1993).

<sup>188</sup> De nacionalidade indiana, é filósofa, física, ecofeminista e ativa nas causas ambientais. Fundadora da *Research Foundation for Science Technology, and Natural Resource Policy (RFSTN)* (Enciclopédia Britannica, 2022b).

<sup>189</sup> Direcionado para as questões da transgeneridade (para um maior aprofundamento consultar Baptista, 2018, *Género e Performance – Textos essenciais I* e/ou a tese de Doutoramento de Sandra Saleiro (2013) *Trans Géneros: Uma abordagem sociológica da diversidade de género*. Um homicídio que despoletou polémica e atenção por parte dos movimentos feministas em Portugal, particularmente do Transfeminismo, foi o caso de Gisberta. Gisberta era uma “mulher transexual que emigrou do Brasil para Portugal nos anos 80 do século XX, tendo sido torturada durante três dias por um grupo de adolescentes no Porto” (Baptista, 2018:7). Casos como o de Gisberta não são esporádicos, daí se tratar de uma vertente do feminismo que procura ir ao encontro dos direitos das pessoas transgêneras.

<sup>190</sup> Trata-se de um movimento que luta pela libertação da mulher com atuação anarquista. Não possuem uma hierarquia, e representam-se pela sua autonomia, independência e espontaneidade, abominando as práticas autoritárias. Não procuram uma luta entre homens e mulheres, pois reconhecem que também os homens são vulneráveis à exploração do capitalismo e do Estado, responsabilizando estes últimos pelo machismo e violência contra as mulheres (Vasconcelos, 2017).

## Capítulo III: A assistência sexual

### 1. Sexualidade, deficiência e assistência sexual

Nas sociedades tradicionais, a sexualidade estava diretamente ligada ao processo de reprodução “e a sua expressão deveria acontecer dentro do matrimônio” (Hoffmann & Chagas, 1996:1), ao contrário da atualidade, onde estão, em regra, separadas. A sexualidade tornou-se uma parte da vida onde cada indivíduo pode explorar e desenvolver da maneira que preferir (Giddens, 2008). Partindo da premissa que,

“Human sexuality goes beyond the sexual and reproductive life of human beings since it manifests itself in diverse cultural contexts that attribute different meanings and values to feelings, desires, sexual practices, conjugality, and sexual and gender identity, taking current standards of normality as a reference” (Maia & Vilaça, 2020:119).

Abrangendo assim a “genitalidade’, a identidade de gênero, identidade de papel social, papel familiar, amor, intimidade, erotismo e níveis de relacionamento” (Carrera, 1984 *apud* Hoffmann & Chagas, 1996:1). Sendo que “sexuality is thus inherent in all people, regardless of the different conditions that shape human diversity” (Maia & Vilaça, 2020:120). Há cada vez mais uma aceitação de “diversas orientações e comportamentos sexuais numa ampla variedade de contextos” (Giddens, 2008:126). Porém, surge um paradoxo, havendo cada vez mais aceitação, o sexo e a sexualidade continuam a ser dois grandes problemas silenciados no campo da deficiência (Casado, 2014). Ao longo dos anos, a sexualidade tem sido um fator circundante na questão da luta pelos direitos das pessoas com deficiência, dentro do movimento dos direitos sexuais (Shuttleworth, 2007).

A relação estabelecida entre a sociedade e as pessoas com deficiência tem sido, historicamente, um desafio, “variando desde a exclusão dos mesmos do convívio social, internando-os em hospitais psiquiátricos, no século XVI, até à sua inserção nos diversos espaços sociais possibilitada pela realização de adaptações com vista à superação das barreiras interpostas” (Magnabosco & Souza, 2019:1). Apenas a partir de meados do século XX as pessoas com deficiência foram integradas nos mais diversos segmentos sociais. A nível internacional, a ONU contribuiu com a aprovação da “Declaração das Pessoas Deficientes” em 1975, deixando assim definido o termo “pessoa deficiente, como qualquer pessoa incapaz de assegurar por si, total ou parcialmente, as necessidades de uma vida individual e/ou social normal, em decorrência de alguma deficiência congênita ou não, nas suas capacidades físicas ou mentais” (Pereira, 2009: 725 *apud* UN, 1975). Algo semelhante ao que apresenta o Dicionário Priberam (2021, disponível

online), quando pesquisada a palavra “deficiente<sup>191</sup>”. Ainda que não seja tão simples quanto isso, “conceptualizar com rigor deficiência e pessoa com deficiência (...) devido à tremenda complexidade desta realidade” (Veiga, 2006:164), entendemos comumente este conceito “no campo da reabilitação e da integração, referente às pessoas que se encontram em desvantagem social (podendo ou não estarem na situação, ou em risco, de exclusão social) devido a uma incapacidade provocada por uma deficiência” (Veiga, 2006:171). Atualmente, ainda que exista, como será possível ver, alguns preconceitos, a inclusão é fundamentada

“no modelo social da deficiência, segundo o qual a deficiência não é responsável pelas desvantagens vivenciadas pelo sujeito que a possui, mas sim a sociedade, que não se ajusta à diversidade existente na população e, por isso, apresenta barreiras que revelam a visão normalizadora e o preconceito vigente” (Magnabosco & Souza, 2019:2),

impedindo assim, a inserção dos mesmos, em diversos contextos. Dilacerando com a antiga repressão e exclusão que pessoas com alguma incapacidade física e/ou mental, estavam sujeitos.

Num estudo realizado por Dantas, Silva e Carvalho, em 2014, tendo como objetivo “analisar o processo de empoderamento e o exercício de autoadvocacia na vida de pessoas com deficiência como condições que influenciam o reconhecimento da identidade de gênero e das questões de sexualidade” (2014:555). Teve como objeto de estudo uma jovem-adulta, denominada Caroline, na análise das quatro variáveis fundamentais de uma boa qualidade de vida, nomeadamente, a “família, educação, trabalho e vida social” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:555). Concluíram que, no que concerne à família, a mesma sempre teve liberdade para ser ela mesma, de forma a “expressar as suas vontades, sonhos e realizar os seus projetos de vida” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566), tendo o apoio da família de forma a que a mesma pudesse “desenvolver uma identidade própria, a qual constitui um dos pilares do empoderamento, pois permite que ela se enxergue como pessoa singular, além do rótulo denegridor da deficiência” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566). Resultando positivamente na sua autoestima, e consecutivamente, num reconhecimento das “suas qualidades e potencialidades enquanto mulher sexuada com desejos próprios” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566). No que concerne à educação, é destacada a importância da mesma como promoção da conscientização “na construção de estratégias de resistência na eliminação de entres para vivência de desejos sexuais e escolhas relativas à vida amorosa e afetiva” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566), um bom acompanhamento na escola, “possibilitou tornar audível a sua voz como pessoa, como sujeito

---

<sup>191</sup> Deficiente “caracteriza que ou quem apresente deformação física ou insuficiência de uma função física ou mental; que ou quem apresenta uma deficiência”.

de direito” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566). No que concerne ao mercado de trabalho, enquanto representante de “uma conquista recente nas lutas feministas e nos direitos trabalhistas de pessoas com deficiência” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566), estes consideram que ser mulher com deficiência a limita duplamente, primeiro pelo gênero e segundo pela deficiência. O claro exemplo, apresentado pelos mesmos, diz respeito “à função que Caroline exerce no trabalho, de dobrar roupas” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566), este “revela os papéis atribuídos às mulheres em ocupações ligadas ao cuidado e à organização, diferentemente de homens que geralmente ocupam cargos de liderança e prestígio social” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566). Ainda assim, “o empoderamento de Caroline é revelado, pois na sua posição de classe econômica privilegiada, o salário advindo do trabalho tem um significado de autonomia e independência familiar” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:566). Por último, no que respeita à vida social, “os dados apontam que pessoas com deficiência empoderadas rompem com o histórico de isolamento social e inserem-se em diversos espaços públicos comuns às demais pessoas sem deficiência” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:567). Porém, concluíram que,

“a autonomia pessoal de Caroline esbarra em barreiras ‘atitudinais’ e sociais subjetivas, de forma que por trás do discurso de liberdade há uma proteção que não permite, por exemplo, que ela saia sozinha com o namorado e tenha vida sexual ativa, estando monitorizada pelos pais ou outras pessoas sem deficiência” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:567).

Posto isto, é possível ver que “a deficiência não a impossibilita de sair, namorar, ter amigos, ter uma ocupação remunerada, isto é, ser uma mulher empoderada” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:555), sendo a história da mesma, a representação da

“luta cotidiana de pessoas com deficiência na busca pela efetivação dos seus direitos, na participação social e também na quebra de paradigmas que as limitam a espaços segregados, sem que, muitas vezes, elas possam reconhecer-se como homens/mulheres e fazer as suas escolhas de vida” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:567).

Ainda que Caroline possa representar o salto de evolução da forma como uma pessoa com deficiência é vista na sociedade e, particularmente, na família, e embora não seja, ainda assim, a realidade esperada, esta não se espelha a todas as pessoas na mesma situação que a mesma.

Conceções como “deficiência, pessoa com deficiência, pessoa deficiente, portador de deficiência, deficiente” (Veiga, 2006:165) ou diversidade funcional, “fazem parte da linguagem decorrente pois o seu uso no cotidiano tem-se generalizado, sendo cada vez mais usados com regularidade pelos atores sociais” (Veiga, 2006:165). Como destaca Veiga (2006:165), num entendimento sociológico,

“estes vocábulos podem ser interpretados como uma forma de opor o normal ao patológico, considerando-se ‘normais’ todos os indivíduos que não se encontram atingidos por uma deficiência

ou uma outra qualquer particularidade considerada como uma ‘anormalidade’. Os outros, os ‘não normais’, como as pessoas com deficiência (entendemos ser esta a designação mais apropriada) são classificadas com recurso a uma extensa tipologia que inclui as categorias de físicas, mentais, sensoriais e até sociais, para se distinguirem entre si” (Veiga<sup>192</sup>, 2006:165).

Ainda que a utilização do termo “deficiência” tenha sido uma escolha pessoal desde o início, a discussão entre a utilização do mesmo ou de “diversidade funcional”, é um debate constante no meio científico. O termo “diversidade funcional” foi cunhado pelo “Fórum de Vida Independente, em 2005, em Espanha, para designar o que habitualmente tem sido denominado como deficiência” (Freitas, Silva, Tette & Silva, 2017:180), considerando “oferecer uma nova perspetiva para se pensar as relações com o grupo de pessoas com deficiência, denominado modelo da diversidade” (Romanach, 2006 *apud* Freitas, Silva, Tette & Silva, 2017:180). Devido às diferentes perspetivas teóricas, não existe um consenso quanto ao melhor termo a se utilizar. Se, por um lado, alguns teóricos consideram o termo ‘deficiência’ depreciativo, outros referem que a nova forma de representar, caracterizada como ‘diversidade funcional’, ainda que possa parecer menos estigmatizante, esta caracterização pela “falta de especificidade e generalidade, contribui para acentuar uma visão que, embora possa ser considerada humanista, nega a história de exclusão que a nomeação deficiência carrega, dificultando a luta por direitos sociais” (Freitas, Silva, Tette & Silva, 2017:181). Ao passo que a utilização ‘pessoa com deficiência’, “criticado pelos teóricos e ativistas do ‘Disability Studies’, consideram que a deficiência é parte essencial da identidade da pessoa, e não um apêndice” (Freitas, Silva, Tette & Silva, 2017:181), tornando difícil encontrar um termo que não transporte em si, uma carga pejorativa e altamente estigmatizante. Numa teorização, englobado pela teoria *queer* e a teoria *crip*, entendendo-se a teoria *crip* como “derivada de *cripple*, que, em inglês, significa aleijado, o termo *crip*, inicialmente restrito às pessoas com deficiência física, foi expandido e, atualmente, abrange, também, as deficiências sensoriais e intelectual” (Magnabosco & Souza, 2019:6). Pela fluidez do termo, este pode também ser visto como um posicionamento político, litigado por indivíduos sem deficiência, “de forma semelhante ao uso do termo *queer*” (Magnabosco & Souza, 2019:6). Esta teoria está ligada “ao estudo do desejo e da sexualidade” (Miskolci, 2009:9), relacionada a Terese de Lauretis, Judith Butler, Eve K. Sedgwick, Gayle Rubin, David M. Halperin e Michael Warner (Miskolci, 2009); tendo como fundamento “questionar os mecanismo socioculturais de poder que confrontam a sexualidade” (Magnabosco & Souza, 2019:5), procurando perceber “how bodies and disabilities have been

---

<sup>192</sup> Para um maior aprofundamento sobre o tema, consultar “As regras e as práticas: factores organizacionais e transformações na política de reabilitação profissional das pessoas com deficiência” de Carlos Veiga (2006). Disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/29741>

conceived and materialized in multiple cultural locations, and how they might be understood and imaged as forms of resistance to cultural homogenization” (McReur, 2006:33 *apud* Magnabosco & Souza, 2019:5). Um claro exemplo, onde a heterossexualidade só existe em oposição à homossexualidade, compreendida como o seu lado negativo, inferior e abjeto. Ainda que não expressa, a homossexualidade é o ‘Outro’ sem o qual o hegemónico não se constitui nem tem como descrever a si próprio (Miskolci, 2009). De forma a complementar e tendo em conta a visão de Steven Seidman, enquanto sociólogo, “o *queer* pode ser compreendido como o estudo ‘daqueles conhecimentos e daquelas práticas sociais que organizam a «sociedade» como um todo, sexualizando – heterossexualizando ou homossexualizando – corpos, desejos, atos, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (Seidman, 1996:13 *apud* Miskolci, 2009:154). No fundo, a “teoria *queer* aponta para o exercício social componente da materialidade dos corpos ‘generificados’ enaltecendo a violência neles produzida” (Pereira, 2016:360), inclusive, “permite pensar a ambiguidade, a multiplicidade e a fluidez das identidades sexuais e de género” (Louro, 2016 *apud* Pereira, 2016:368); ao passo que a teoria *crip* “busca romper com os binarismos, considerando-os não-naturais, cultural e politicamente hierarquizados” (Magnabosco & Souza, 2019:6). Procurando sempre questionar, “a partir de posições anticapitalistas, as assertivas referentes aos padrões estabelecidos como normalidade, fazendo uma revisão radical desses parâmetros” (Magnabosco & Souza, 2019:6).

Em síntese, se for dito por autodesignado de alguém portador de uma deficiência, ou como em Espanha se diz ‘descapacidade’, a mesmo não acarreta um valor pejorativo, no entanto, se for dito por alguém que não se enquadra nesta descrição, pode ser visto como algo depreciativo. Ainda que o objetivo seja evitar uma estigmatização maior, algumas pessoas com deficiência consideram o termo “diversidade funcional” como algo ‘capacitante’<sup>193</sup>, preferindo assim a utilização de ‘pessoa portadora de uma deficiência’, porque no fundo, tudo dependerá da forma como é dito, e da carga simbólica que lhe é aplicada.

---

<sup>193</sup> O surgimento deste termo deu-se “pela primeira vez como demanda política em dezembro de 2011, durante a 2ª Conferência Nacional de Políticas Públicas e Direitos Humanos para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais” (Prata & Pessoa, 2019:127). Embora a construção não tenha sido desde a sua origem aplicado nos movimentos sociais da deficiência, este difunde-se e expande-se no seu meio. Podendo o capacitismo ser entendido de diversas formas, por diversos autores, por um lado como “um neologismo que sugere um afastamento da capacidade, da aptidão, pela deficiência” (Dias, 2013:5 *apud* Prata & Pessoa, 2019:128); por outro, como “a discriminação baseada na deficiência, decorrente da crença de que as pessoas com deficiência são inferiores” (Régis, 2013:120 *apud* Prata & Pessoa, 2019:128); ou até “o capacitismo como queerfobia” (Régis, 2013:120 *apud* Prata & Pessoa, 2019:128), no sentido em que “o projeto *queer* é queerfóbico em relação à deficiência” (Régis, 2013:120 *apud* Prata & Pessoa, 2019:128). Além desta discussão quanto ao que representa o capacitismo, o “termo vem sendo teoricamente interpretado de maneira ambivalente, ora como uma forma de discriminação, violência e opressão social contra pessoas com deficiência, ora uma normatividade corporal e comportamental baseada na premissa de uma funcionalidade total do indivíduo” (Prata & Pessoa, 2019:130).

Como tem sido possível ver, este não é um tópico simples, pelo facto de enfrentar ainda questões não resolvidas do ponto de vista teórico, com posições opostas e com a presença de muitos estereótipos, principalmente tratando-se de pessoas com deficiência (Asís, 2017). “Estereótipos” e “estigma” são termos utilizados muitas vezes em vez de desvio, e dividem os indivíduos estigmatizados no “discredited e the discreditable”, traduzindo à letra, desacreditado e desacreditável (Goffman, 1963) daquilo que é a ‘norma’ e os valores assentes na sociedade. Há ainda muitos estereótipos no que se refere a pessoas com deficiência, pois estes indivíduos são muitas vezes considerados assexuados, ou em alguns casos, dependentes sexualmente (Morales, Quattrini, Auger & Gauthier, 2020; García & Álvarez, 2014; Mannino, Giunta & Fiura, 2017). São fruto de “uma visão popular que atribui a ela características de incompletude e desvio do padrão considerado normal [...] Vêm-se associado estes e tantos outros rótulos negativos a pessoas com deficiência qualificando-as como eternas crianças, anjos, feras, homossexuais” (Denari, 2006:200-203 *apud* Dantas, Silva & Carvalho, 2014:557), entre tantos outros. Não abrindo assim espaço para o “desejo e a sexualidade da pessoa com deficiência” tornando estas componentes “um tabu” (Ferreira, 2008 *apud* Dantas, Silva & Carvalho, 2014:557).

Ocorre, por vezes, acharem que pessoas com deficiência, independentemente da deficiência, deviam relacionar-se apenas com outras pessoas na mesma situação, isto é, com algum tipo de deficiência. É recorrente também a ideia de que pessoas com deficiência mental “manifiestan un impulso sexual exacerbado, o que no controlan adecuadamente su expresión sexual” (Arnau, 2014: 9 *apud* Asís, 2017: 8). Como se o facto de possuírem uma deficiência mental lhes fosse incutido impulsos exagerados, como “hipersexuais” (Denari, 2006:200-203 *apud* Dantas, Silva & Carvalho, 2014:557), fora do que é aceite do ponto de vista da sociedade. Estes estereótipos não deveriam ser recorrentes, uma vez que “las personas con discapacidad no deben ser privadas de la oportunidad de experimentar su sexualidad, tener relaciones sexuales o tener hijos, en ‘igualdad de condiciones’ que el resto de las personas sin discapacidad” (Casado, 2014: 6). Quer dizer, possuem os mesmos desejos e as mesmas necessidades sexuais que o resto da população (Morales et al., 2020).

Assim sendo, e face à existência da assistência pessoal e sexual, embora não tendo como objetivo dar mais importância a uma assistência do que a outra, Soledad Arnau no seu trabalho “Asistencia Sexual. Otro medio, no un fin, para alcanzar el Derecho Humano a una Vida Independiente en materia de Sexualidad”, segundo Rafael Asís, considera “la asistencia personal

es una necesidad de primer orden mientras que la asistencia sexual es una necesidad de segundo orden” (Arnau, 2013 *apud* Asís, 2017: 12) não descorando uma, nem outra.

A assistência pessoal, assim como o nome refere, consiste na assistência que uma pessoa pode prestar a outra. Como tal, um assistente pessoal é “quien realiza o ayuda a realizar las tareas de la vida diaria a otra persona que por su situación, bien sea por una diversidad funcional o por otros motivos, no puede ejecutarla por sí misma” (Arnau, S., Romañach, J. e Rodríguez-Picavea, A., 2007: 5 *apud* Asís, 2017: 10) ou por outros motivos, não pode fazê-lo sozinho. Entre as diversas atividades incluídas no campo da assistência pessoal, nomeadamente a ajuda nas tarefas domésticas, o acompanhamento, dirigir, entre outras, não há um consenso sobre a inclusão de atividades sexuais nesses moldes da assistência (Asís, 2017), talvez pela amplitude do termo em si.

Na linha de pensamento de Víctor Rubio (2013), terapeuta ocupacional na INNOVA ASISTENCIAL, quando conciliada a assistência pessoal com a assistência sexual, estas podem ser realizadas pelo mesmo profissional ou por vários profissionais, no entanto, tudo dependerá das necessidades de acompanhamento por parte do indivíduo ou do casal com deficiência. Assim sendo, a intervenção pode ser dividida em três fases:

- (i) Numa primeira fase, na preparação afetivo-sexual, o trabalho do assistente (pessoal ou sexual) é fornecer ou facilitar os contextos mais acessíveis para que a relação entre o assistente e o cliente, ou entre o casal, possa decorrer (Rubio, 2013);
- (ii) Numa segunda fase, no acompanhamento sexual, tendo como objetivo participar na relação afetivo-sexual, o assistente auxilia o cliente com deficiência, ou o seu parceiro, de modo a permitir que estes possam explorar o ato afetivo/sexual (Rubio, 2013);
- (iii) Numa terceira fase, na assistência afetiva/sexual, o assistente devendo ele ser qualificado, tem como objetivo cobrir as “necesidades de las personas con diversidad funcional, desde ejercicios de concienciación del cuerpo, acariciar, tocar y ser tocados, masturbar y facilitar la excitación sexual y la penetración” (Rubio, 2013: n.d.).

No discurso público, tal como na literatura académica, a questão da assistência sexual é muitas vezes vista como uma nova forma de prostituição para uns, trabalho sexual para outros. Tal preocupação pode basear-se em vários fundamentos e atravessa posições diferentes, tanto ‘a favor’ como ‘contra’ o desenvolvimento da assistência sexual. Aqueles que se manifestam contra a assistência sexual são por norma os mesmos que se posicionam contra a prostituição. Como tal, tendem a insistir nas semelhanças da assistência sexual e da prostituição convencional,



enquanto os 'a favor' enfatizam as diferenças entre estas duas profissões, especialmente para legitimá-la (Brasseur & Detuncq, 2014; Geymonat, 2019).

É compreensível a semelhança entre a prostituição e a assistência sexual, e a mesma “não é propriamente negativa” (Limoncin *et al.*, 2014 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 9), uma vez que a prostituição também proporciona um meio de satisfação sexual a pessoas que, por exemplo, devido a alguma deficiência física ou códigos morais rígidos, não conseguem encontrar outra forma de satisfação sexual nem outro parceiro (Giddens, 2008). Porém, vários autores as diferenciam, uma vez que a assistência sexual tem como principal intuito ensinar os clientes a praticar autonomamente atividades sexuais com os seus parceiros. Ou seja, os assistentes sexuais distinguem-se dos prestadores de serviços sexuais “by their training, ongoing supervision, the duration and frequency of their services, the social acceptability of their job”, pela sua abordagem humanista e também pela sua descrição (Aregger, 2016 *apud* Morales *et al.*, 2020: 20).

Uma importante diferença entre o assistente sexual e o prestador de serviços sexuais<sup>194</sup> consiste na compensação financeira, e no papel que cada um desempenha nos serviços prestados. Na assistência sexual, ao contrário do que acontece na prostituição, o beneficiário não paga pelo “‘treatment’ or for a specific act but for the time spent in the company of the Sexual Assistant” (EPSEAS) e o assistente além do seu papel suplementar, dando ao outro o que ele não pode fazer por si, este também o ajuda com seu papel educacional, de forma que o beneficiário aumente a sua autonomia (Chatton, 2008). Enquanto com um prestador de serviços sexuais, as relações sexuais têm como base primordial a compensação financeira ou material (Marshall, 1957) não sendo o tratamento, ou o tempo despendido, a variável mais importante no que diz respeito à remuneração.

Diante disso, a sexualidade teve diversas oscilações ao longo do tempo. Ainda que se tenham visto grandes conquistas, nomeadamente na disrupção do sexo enquanto algo meramente reprodutor e unicamente exclusivo ao casamento, ainda se notam diversas fendas. No que diz respeito às pessoas portadoras de incapacidades motora e/ou mentais, a sexualidade, não é, em regra, colocada em cima da mesa como uma realidade. O tema não é falado e, como tal, acaba

---

<sup>194</sup> No que diz respeito à prostituição, em concreto, de acordo com vários autores (Silva, Ribeiro & Granja, 2013), as reações são variadas, umas condenatórias e defensoras de propostas proibicionistas por parte de portadores de ideologias conservadoras e com maior orientação normativa, sobretudo religiosa, apontam a ausência de projetos e valores como causa deste fenómeno (Ribeiro, Silva, Schouten & Ribeiro, 2007) pois estes consideram a prostituição como “perversa e pecaminosa” (Silva, Ribeiro & Granja, 2013:18). Pelo lado mais progressista ou até de “recorte feminista” (Silva, Ribeiro & Granja, 2013:19) alguns demonstram tolerância e marcando-se por uma posição abolicionista, consideram a prostituição um fenómeno que constrange socialmente o indivíduo, e do ponto de vista moral deteriorante no que concerne à dignidade da mulher (Silva, Ribeiro & Granja, 2013). Embora estas posições possuam pressupostos opostos e com argumentação diferenciada, estas concordam na rejeição da legalização e/ou regulação da atividade prostitucional (Silva, Ribeiro & Granja, 2013).

por ser negligenciado. No entanto, com o surgimento de uma nova ferramenta, que em muitos países se caracteriza como assistência sexual, estas questões começaram a ser mais debatidas, vendo-se, em alguns casos, como uma necessidade tão importante, quanto a assistência pessoal. A assistência sexual, assim como a prostituição, talvez pelas razões referidas supra, continuem a ser atividades praticadas em Portugal, mas não reconhecidas como atividades laborais no quadro legal que as enquadra.

## 2. A assistência sexual: quadros legais

“When the male or female body and mind are altered at birth (mental, physical, or sensorial disability), after a disease or when man or woman become disabled during life (non-congenital disability), the expression of the emotional, intimate and sexual can be specific” (EPSEAS).

As reflexões sobre a assistência sexual e o seu significado, dentro da estrutura dos direitos das pessoas com deficiência, tornaram-se mais relevantes nos últimos anos. Foram várias as contribuições para que isso acontecesse. Na sequência dos principais movimentos sociais ocorridos na década de 1970 através do “recognition of the universal right to equality” (Morales *et al.*, 2020: 20 *apud* Chatton, 2008 & Rosenbaum, *et al.*, 2013), dos direitos humanos particularmente quando falamos de deficiência, com o crescimento de trabalhos académicos, e com a realização de seminários (Asís, 2017; Geymonat, 2019), foi possível o surgimento de organizações que prestassem esses serviços.

O assistente sexual surge então após um processo de vários anos de trabalho e militância a favor dos direitos sexuais e reprodutivos de pessoas com deficiência. Na teoria, o apoio sexual destina-se a pessoas “qui n'ont pas la maîtrise de leur corps” (Brasseur & Detuncq, 2014: 8 *apud* Nuss, 2008: 2) e como tal, veem a masturbação, por exemplo, como algo inatingível, “soit en raison d'un handicap psychique ou mental qui les déconnecte de leur ‘corporalité’” (Brasseur & Detuncq, 2014: 8 *apud* Nuss, 2008: 2). Um assistente sexual é uma “figura pensada para suplir todos los impedimentos facilitando el encuentro sexual entre dos personas de una manera cómoda y accesible” (Casado, 2014: 9).

Como referem Nina de Vries e Judith Arreger, (*apud* Geymonat, 2019: 220), enquanto assistentes sexuais, estes não têm como intuito substituir o amor. São tanto homens como mulheres que, movidos por uma motivação transparente e consciente, embarcam na sua profissão com intuito de dar às pessoas com deficiência um contacto direto e apoio para que os mesmos possam viver a sua sexualidade. O assistente sexual proporciona momentos de prazer, através de massagens, contacto ‘body to body’, orientando-os e ajudando-os a se masturbarem (Morales *et*

a/., 2020). Ao descobrirem e explorarem a sua sexualidade veem também a sua autoconfiança e dignidade recuperada através desse contacto (Brasseur & Detuncq, 2014) podendo inclusive resultar numa influência positiva na “selfperception and self-esteem” (García & Álvarez, 2014: 299).

Às pessoas com deficiência motora, intelectual, psíquica ou sensorial (maior de idade), é-lhes dada a oportunidade de ter contacto erótico, sensual e sexual. É necessário que sejam tomados todos os cuidados, de forma a fornecer os apoios necessários e a criar condições favoráveis para que a assistência sexual se torne um acordo livre entre ambas as partes. Uma vez que estamos a falar de algo diferente daquilo que é um encontro sexual entre duas pessoas que se amam, que se desejam ou até mesmo na base da troca de serviços, embora possam ocorrer no “mesmo marco social y cultural” (Casado, 2014: 7). Desta forma, o processo de seleção do assistente sexual é rigoroso, pois são avaliados todos os aspetos da vida do indivíduo. É verificado se o indivíduo possui as qualidades específicas, a sensibilidade necessária, a empatia, as habilidades de comunicação, a estabilidade, entres outros fatores (EPSEAS) para que possa ser assegurada a confiança e a segurança dos usufruidores.

O assistente sexual, para que possa cumprir a sua função devidamente, deve sempre obedecer à ética profissional. Como metaforicamente Dominique Chatton compara a Assistência Sexual à Medicina, no seu artigo “Assistance sexuelle, assistance au développement sexuel?”, assim como quando um médico prescreve um medicamento para a diabetes, este deve também informar o seu paciente que o mesmo deve ter uma alimentação mais saudável, levando-o assim num acompanhamento. Caso contrário, seria “intéressant sur un plan strictement ‘commercial’ pour l'ensemble de la communauté médicale” (2008: 16), mas seria eticamente incorreto. O mesmo acontece com o assistente sexual, se este se restringir a fornecer o simples ato sexual, o beneficiário ficará apenas com o prazer momentâneo e sem qualquer base para uma relação sexual futura.

Em alguns países, como veremos, o acesso sexual é tão importante quanto o direito à educação. Como tal, tendo em consideração a dificuldade dos indivíduos com deficiência em vivenciar a sua sexualidade, são propostos encontros sexuais com prostitutas ou com assistentes sexuais. Porém, esta proposta é muitas vezes refutada pela ilusória ideia do “androcentrism”, tendo como foco a satisfação sexual dos homens e a “objectified” das mulheres (García & Álvarez, 2014: 299). A ideia de que,

“a assistência sexual possa reforçar sistemas de opressão, ao privilegiar a satisfação sexual de homens, e manter estereótipos tanto de indesejabilidade de corpos abjetos como da sexualidade

enquanto problema que pode ser reparado por pessoas sem diversidade funcional” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 9),

necessita de uma cogitação, de modo a evitar que o principal objetivo da assistência sexual seja corrompido.

Numa análise à assistência sexual no mundo, segundo Pierre Brasseur e Pauline Detuncq (2014: 51) muitos países além dos países da Europa já tinham pensado na questão “à qui attribuer la tâche de s’occuper de la sexualité des personnes en situation de handicap les plus dépendantes?” A esta questão, as respostas são várias. Em alguns estados, nos Estados Unidos, “existe une assistance à la sexualité ‘généralisée’, c’est-à-dire pas seulement pour les personnes en situation de handicap” (Brasseur & Detuncq, 2014: 52; Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020). Denominados de “sex surrogates”, podendo ser conhecidos também como “partenaires de remplacement”, traduzido à letra como “parceiros substitutos”, no contexto de terapia sexual, foi um termo criado pelos sexólogos Masters e Johnson em 1970. Estes profissionais cujo serviço consiste em ajudar - de forma terapêutica - pessoas com dificuldades em lidar com a sua sexualidade “nécessitant une rééducation, notamment émotionnelle” (Brasseur & Detuncq, 2014: 52; Fritsch, Heymen, Ross & Meulen, 2016) recorrendo a diagnósticos e sessões limitadas, não estando necessariamente nos mesmos moldes da “assistência sexual no contexto europeu” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 6).

Como tal, foram criadas associações de empresas especialmente no continente europeu com base na assistência sexual (Casado, 2014). Desde a década de 1980, que na Europa, várias organizações começaram a consciencializar as pessoas sobre os direitos e as necessidades relativos à sexualidade das pessoas com deficiência (Brasseur & Detuncq, 2014). Variando o quadro legal, de país para país, “as leis que regulam a seleção, a formação, a prestação de serviços e métodos de pagamento da assistência sexual” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 11 *apud* Guimarães e Newton, 2018; Gammino, Faccio & Cipolletta, 2016).

A European Platform Sexual Assistance (EPSEAS), é uma plataforma de organizações sem fins lucrativos que atua na assistência sexual para pessoas com deficiência e idosos. Conta atualmente com organizações de oito países europeus, nomeadamente Suíça, França, Países Baixos, Alemanha, Espanha, Bélgica, Itália e República Checa. Têm como objetivo respeitar a autonomia e a autodeterminação da pessoa com deficiência, contando com o treinamento de novos assistentes sexuais, entre outras finalidades.

Dada a similitude da assistência sexual com o trabalho sexual<sup>195</sup>, e tendo em conta que, em alguns países as duas se interligam, é importante falar da prostituição. Relativamente à prostituição nos países europeus, segundo estudos (“Prostituição e Tráfico de Mulheres Para Fins de Exploração Sexual”) em marcos legais, importa confrontar as respostas político-jurídicas em confronto (Silva, Ribeiro & Granja, 2013). Embora em diversas matrizes, os quatro sistemas/modelos político-jurídicos principais para a intervenção na prostituição e consecutivamente na assistência sexual, adotados internacionalmente são os seguintes: o proibicionista, o abolicionista, o regulacionista (Silva, Ribeiro & Granja, 2013; Tavares, 2010) e o neoabolicionista, também conhecido como modelo nórdico (Ferreira, 2018; D’Avila, 2019) ou novo abolicionismo do século XXI (Tavares, 2010).

No que concerne ao modelo proibicionista, na perspetiva de Ferreira, a prostituição é considerada “uma atividade criminosa que deve ser combatida, condenando todos os elementos envolvidos na prostituição, incluindo o/a prostituto/a, o/a cliente e os terceiros intermediários” (Ferreira, 2018:11). A Lituânia, a Croácia e a Roménia são países que implementaram este modelo, sendo “os setores mais conservadores e puritanos da sociedade que defendem este modelo” (Tavares, 2010:3). Ainda que o objetivo deste modelo seja acabar com a prostituição, como bem corrobora Ferreira (2018:11),

“apesar da prostituição e o recurso a esta ser um crime, continuam a existir prostitutas/as e clientes, o que significa que este tipo de legislação não cumpre o seu desiderato essencial: o fim da prostituição, mas antes sujeita quem a pratica a uma situação de vulnerabilidade limite, não lhe atribuindo quaisquer direitos ou meio de defesa perante situações de violência, roubo, violação ou agressões policiais”.

Levando-as a uma clandestinidade (Tavares, 2010), e como complementa Oliveira (2004:31-32), citada por Manuela Tavares (2010:3),

“o medo da polícia que as levava presas não reside apenas na conseqüente perda de liberdade, com o que isso significava, nomeadamente o abandono forçado dos filhos e da humilhação; O temor da polícia também advinha das experiências de abusos policiais e da forma discriminatória como estes exerciam a autoridade”.

Embora o modelo abolicionista seja mais brando, quando comparado com o proibicionista, pois não proíbe a prostituição, apenas proíbe e criminaliza a exploração, considerando as trabalhadoras do sexo vítimas desse sistema de exploração (Tavares, 2010). Como não possui uma

“posição legislativa do Estado em relação a esta prática, excluindo-a do seu ordenamento jurídico, ainda que possa ver um/a trabalhador/a do sexo como uma possível vítima, ignora qualquer

---

<sup>195</sup> Proposto por Carol Leigh, prostituta e ativista, nos anos 70, o termo ‘trabalho sexual’ veio ao encontro de envolver todas as atividades relacionadas com o sexo, uma vez que, até então, a prostituição era o rótulo utilizado para definir atividades e práticas que nada tinham a ver com a prostituição (Manita & Oliveira, 2002; Oliveira, 2004).

possibilidade de o/a proteger, não tomando qualquer medida que garanta, como a qualquer cidadão, a saída da situação de vítima” (Ferreira, 2018:11).

O modelo regulacionista não penaliza a prostituição, o lenocínio, ou os clientes. Parte do princípio de que a “prostituição sempre irá existir, e, portanto, merece ser alvo de regulamentação com vista a controlar, regulamentar e fiscalizar as situações que dela advêm, integrando a prostituição no quadro legislativo nacional” (Ferreira, 2018:12). É importante referir que, embora este modelo seja aceite e integrado em vários países, “nele se distinguem várias possibilidades de regulamentação, dependendo dos objetivos e finalidades políticas prosseguidas”, inclusive,

“o facto de adotar um regime regulamentarista não significa por si só, um melhoramento das medidas de proteção e integração social de quem pratica a prostituição, podendo, ao invés, agudizar o estigma e o preconceito relativamente a estes, reconduzindo-os a um mero mal necessário regulamentado” (Ferreira, 2018:12).

Até porque, o principal objetivo da regulamentação é preservar a “ordem higiénica e sanitária, associada ao controlo de doenças venéreas, não combatendo o estigma, marginalização e débeis condições de trabalho” (Ferreira, 2018:12).

O quarto modelo, considerado um melhoramento de modelo abolicionista, é o neoabolicionismo, que prevê a compra de serviços sexuais como crime e sanciona o cliente, mas não o/a prostituto/a. Este modelo assenta em quatro pressupostos,

“luta contra o ‘sistema que sustenta a prostituição’ e não propriamente contra a prostituição; oferece proteção jurídica à pessoa prostituída (no caso das mulheres imigrantes, coloca-as sob o sistema de refugiados políticos); penaliza o proxenetismo ou qualquer tipo de exploração comercial de prostituição; penaliza e consciencializa os clientes passando o cliente a ser alvo principal das medidas a implementar: multas, prisão, educação sexual” (Tavares, 2010:4).

No entanto, como questiona Ferreira (2018:12),

“como será, para o/a prostituto/a praticar a prostituição se o cliente, figura sem a qual a prostituição não existe, é criminalizado por a ela recorrer? Isto é, o que fará um/a prostituto/a sabendo, à partida, que o cliente é pressionado para não recorrer aos seus serviços, mas que depende dele com forma de sustento?”.

Este modelo parte de vários princípios e levanta várias questões. Criminalizando o cliente e sendo a prostituição um ciclo, ou seja, um não existe sem o outro, leva – os defensores deste modelo a pensarem que, como consequência disso, haverá uma menor procura, algo que Ferreira (2018:12-13) mostra que não; ficando o trabalhador/a do sexo sem o seu meio de subsistência,

“além de não deixar de se prostituir, terá ainda que assegurar, na medida do possível, que o seu cliente não seja encontrado em flagrante, tomando as providências necessárias para escolher um local mais escuro, afastado dos grandes centros urbanos, sujeitando-se a uma situação de maior risco e vulnerabilidade”.

Ou seja, tanto não é benéfico, como causa outros problemas. Ainda assim, estes quatro modelos são aceites e estão implementados em vários países europeus.

Os quadros legais na prostituição, assim como na assistência sexual são variados, como será possível ver na análise de cada país europeu.

a. Alemanha

Entre os diversos países da Europa, a Alemanha destaca-se por ter legalizado e regularizado a compra, a venda e a gestão de atividades lucrativas no que alude à atividade prostitucional (D'Avila, 2019). Isto significa que, além da compra e da venda, referidas anteriormente, estão também incluídas as organizações de atividades associadas ao ramo, como é o caso dos bordéis e das organizações que servem de fio condutor entre os assistentes sexuais e os clientes, por exemplo.

A prostituição foi regulamentada neste país, em 2002, após o chanceler Gerhard Schröder, promulgar em 2001 a “Lei para a Regulamentação do Status Legal das Prostitutas - Gesetz zur Regelung der Rechtsverhältnisse der Prostituierten” - também conhecida como Lei da Prostituição (D'Avila, 2019: 23; Amorim, 2019). A mesma tinha como intuito para o Governo Federal Alemão (Kavemann & Rabe, 2007:10 *apud* D'Avila, 2019: 23) “regularizar a situação legal dos/as trabalhadores/as do sexo no país”, assegurar a posição social dos mesmos, de modo a acabar com o estigma e a discriminação, “melhorar as condições de trabalho dos mesmos, promover aparatos jurídico-políticos de proteção a vítimas de tráfico”, enquanto se enfraquecia “o crime organizado associado à prostituição” e por fim, auxiliar os trabalhadores/as do sexo a saírem da atividade, reintegrando-as/os novamente na sociedade. Desde então, tem sido debatida a possibilidade de repensar o sistema jurídico-político de enquadramento da prostituição no país (D'Avila, 2019: 23 *apud* Moran & Farley, 2018). A regulação da prostituição deu-se em 2016 com uma lei denominada de “Prostituiertenschutzgesetz – ProstSchG com o objetivo de melhorar a situação destas pessoas, através do reforço do direito à autodeterminação e com um aumento da proteção contra a exploração, o proxenetismo, a violência e o tráfico” (Amorim, 2019:10).

Devido à conotação social de imoralidade que esta sofreu no passado, durante muito tempo foi obrigatória a testagem médica e a delimitação de zonas onde podia, em alguns estados federais, ser exercida (Geymonat & Macioti, 2016; Casado, 2014) tendo sido submetidas a várias “normas de conduta e higiene caso desejassem continuar a trabalhar na prostituição” (D'Avila, 2019).

Suspeita-se, que tenha surgido em 1995 a assistência sexual – sendo esta também, legalmente reconhecida (Brasseur & Detuncq, 2014). A Alemanha quanto ao trabalho sexual evidencia-se, também, por ser um dos maiores mercados do sexo, estando entre as trabalhadoras do sexo, não só cidadãs alemãs, mas de outras partes do mundo (D’Avila, 2019).

#### b. Países Baixos

Nos Países Baixos os serviços sexuais são legais e não criminalizados (Silva *et al.*, 2013). Este país é também muito conhecido pela “famosa zona de prostituição<sup>196</sup> ‘De Wallen’ conhecida por Red-light district, sobejamente conhecida como destino de turismo sexual” (Amorim, 2019:18-19).

Foi com a criação da *Stichting Alternatieve Relatiebemiddeling* - SAR, em português, a Associação para as Relações Alternativas, em 1982, dois anos após várias organizações terem começado a consciencializar as variadas populações da Europa (Brasseur & Detuncq, 2014), como já foi referido anteriormente. A Fundação foi criada por “personnes en situation de handicap mécontentes de l'inaccessibilité des maisons gros plans” (Brasseur & Detuncq, 2014: 52). Esta dispõe de assistência na vida sexual, mas também serviços de informação e educação sobre a sexualidade. Os assistentes sexuais têm podido desde então, “acompanhar os clientes com diversidade funcional na descoberta da sua sexualidade, sendo os serviços financiados pelo seguro de saúde” (Nayak, 2013 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 12; Casado, 2014; Mannino *et al.*, 2017).

Após o surgimento da SAR, surgiu também a *Passieflower* e a *Tika Stardust*, incluídas na European Platform Sexual Assistance.

#### c. Dinamarca

Na Dinamarca, o trabalho sexual foi descriminalizado em 1999, sendo considerado apenas crime a prostituição de menores e o lenocínio (Amorim, 2019). Assim sendo, os assistentes sexuais são aceites, e são inclusive subsidiados pelo estado<sup>197</sup>. O que originou a

---

<sup>196</sup> “Resultado de um relatório que indicava a presença de criminalidade altamente organizada na prostituição e que entre 60 a 70% das mulheres que se prostituíam eram forçadas a tal por grupos criminosos, uma proposta de lei deu entrada no parlamento holandês com algumas medidas no sentido de minimizar o relatado, como o aumento da idade legal para a prática da prostituição de 18 para 21 anos, o registo obrigatório (a nível nacional) de quem se prostitui ou a punição, com penas de prisão, da exploração de estabelecimentos ilegais” (Amorim, 2019:19). Porém, tais medidas foram rejeitadas pelo senado.

<sup>197</sup> Através de uma lei denominada de “serviceloven, que regula os serviços sexuais providenciados pelo Estado com o objetivo de apoiar e prevenir os problemas sociais, nos quais se incluem problemas relacionados com a prostituição, como fornecer apoio a quem queira sair da prostituição” (Amorim, 2019:14).



“cambios en las políticas estatales para facilitar el acceso a la sexualidad, de las personas con discapacidad en esos países” (Shildrick, 2009 *apud* Casado, 2014: 8). A assistência sexual surgiu em meados de 1987 (Brasseur & Detuncq, 2014), sendo estes profissionais conhecidos como conselheiros sexuais (Geymonat, 2019). Tendo no país vigente o modelo nórdico, ou seja, o neaboliconismo, onde é criminalizado o lenocínio<sup>198</sup> (Silva *et al*, 2013), o trabalho sexual e a assistência sexual, embora padeçam da mesma regulação jurídica (Limoncin et al., 2014 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020; Gammino *et al*, 2016; Chrastina e Večeřová, 2018), são os prestadores de serviços sexuais que prestam serviços a pessoas com deficiência, após as diretrizes emitidas pelo Ministério dos Assuntos Sociais e Integração (Mannino *et al*, 2017). Desde então, já tentaram criminalizar a compra de serviços sexuais, em 2012, chegou a ser debatido o tema, no entanto, acabou não se realizar (Amorim, 2019:14).

#### d. Espanha

Embora Espanha não possua enquadramento legal quanto ao trabalho sexual (Geymonat, 2019; Amorim, 2019), a prostituição e a assistência sexual<sup>199</sup> não são proibidas (Asís, 2017), havendo, no entanto, “um reconhecimento da assistência como uma figura distinta do trabalho sexual” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 14 *apud* Mannino *et al*, 2017).

São vários os modelos que existem no contexto espanhol, no que toca à assistência sexual, dentro da Plataforma Europeia da Assistência Sexual (EPSEAS), existe a *Tandem Team Barcelona*, organização sem fins lucrativos, que começou por ser um grupo de *facilitadores informais* (Neves, 2018: 3) e esteve na origem do “primeiro protocolo que promoveu a facilitação da assistência sexual em Espanha” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 15). A *Sex Asistent Europa*, criada por Silvina Peirano, em 2012, sendo uma “multidisciplinary global network” (EPSEAS), tendo como intuito empoderar e igualizar em termos de oportunidades das pessoas com deficiência (EPSEAS). A *Aspasia Canarias*, assim como as duas anteriores, tem como objetivo promover e auxiliar na inclusão social através da mediação entre os intervenientes – nomeadamente, os assistentes sexuais e os clientes com deficiência (EPSEAS). Por fim, a *Sexualidad Funcional*, tem como objetivo “offer resources for the sexual development of everyone, especially people with disabilities”

---

<sup>198</sup> Atividades como o lenocínio ou parecidas encontram-se registadas no Código Penal dinamarquês (secções 133 e 233<sup>a</sup>), que podem levar a “penas de prisão até um ano, a quem, por exemplo, arrendar quartos a quem se prostitui, desde que o arrendamento tenha sido com esse objetivo” (Amorim, 2019:14).

<sup>199</sup> Ainda que a prostituição não seja proibida, desde 2015, com a *Ley de protección Seguridad Ciudadana pune o cliente que pague por servicios sexuales em 'zonas de tránsito público' onde possa haver menores ou quando exista um 'riesgo para la seguridad vital' (n.º 11 do artigo 36) como infracciones graves* (Amorim, 2019:14), sujeitas a coimas entre 601€ a 30 000€ (Amorim, 2019).

(EPSEAS). Todas as organizações referidas, são organizações sem fins lucrativos, tendo algumas delas como encargo, a mediação, a seleção, a aplicação de entrevistas e os contratos entre os intervenientes.

e. Áustria

No enquadramento legal austríaco, seguindo um modelo regulador (Silva *et al*, 2013), parte do princípio de que a prostituição sempre irá existir, e como tal, carece de regulamentação e fiscalização <sup>200</sup>de situações advindas dela, resultando na integração da prostituição no quadro legislativo nacional (Ferreira, 2018). Estando os clientes incluídos, faz com que a assistência sexual seja igualmente aceite e legitimada (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 14 *apud* Gammino *et al.*, 2016; Chrastina e Večeřová, 2018). Assim como em outros países, este prevê no seu “código penal (Strafgesetzbuch, parágrafo 201 a 220b), pena de prisão de até 3 anos para os clientes que recorram a serviços sexuais de menores de 18 anos”, e até 5 anos quem explorar outro indivíduo, para fins prostitucionais (Amorim, 2019:11).

f. Suíça

Na Suíça, a prostituição é uma atividade tolerada e baseada na liberdade económica. Tendo sido solicitada a descriminalização em 1992, embora, com o Código Penal<sup>201</sup> de 1942, os cantões tenham autonomia para aplicar os seus próprios regulamentos sobre o trabalho sexual (Geymonat & Macioti, 2016; Geymonat, 2019).

Este é um país que “ha regulado en su totalidad la creación de las empresas de asistencia sexual”, de forma a que foi configurado um modelo intervencionista no qual, são acordadas reuniões periódicas, e os participantes necessitam de ter um certificado de treinamento para que possam exercer (Casado, 2014: 7).

Existem, atualmente, organizações sem fins lucrativos, nomeadamente a *SEHP* – criada em 1991, com a designação de “Sexualité et Handicaps Physiques”, posteriormente renomeada em 2006 como “Sexualité et Handicaps Pluriels” (SEHP, 2020 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020; EPSEAS), “Corps Solidaires” – em 2009, e a “BodyUnity” (Geymonat, 2019).

---

<sup>200</sup> Os prestadores de serviços sexuais devem submeter-se a um exame médico a cada 6 semanas, como controlo sanitário (Amorim, 2019). Assim como em qualquer outra profissão, estes *devem ter um seguro de trabalho, que varia de acordo com as condições em que trabalham especificamente* (Amorim, 2019:11).

<sup>201</sup> Constando no mesmo, com o artigo 199, onde é punida *com pena de multa quem se prostituir em violação das normas locais ou fora de horas em que tal é permitido*; o artigo 182, criminalizando o *tráfico de seres humanos, entre outros com intuito de exploração sexual*; o artigo 195, relativo à criminalização de quem, porventura, incitar à entrada na prostituição e o artigo 196, onde é punido *os atos sexuais com menores mediante pagamento* (Amorim, 2019:28).

A *Corps Solidaires*, assim como todas as organizações incluídas na EPSEAS, é uma organização sem fins lucrativos, fundada em 2009. Tem sede na Suíça, de língua francesa e tem membros em vários países europeus. É uma organização onde os assistentes sexuais certificados se reúnem regularmente, para participarem em treinamentos, supervisões e supervisão de pares. Não obstante, a *Corps Solidaires* também possibilita o treinamento para novos assistentes sexuais, “works closely with organisations of people with disabilities, and intervenes in the media, at conferences, and with professionals” (EPSEAS).

Assim como a associação anterior, a *SEHP* tem como objetivo primordial, respeitar a autonomia e a autodeterminação da pessoa/as com deficiência.

A *BodyUnity*, referenciada por Giulia Geymonat (2019) no seu estudo etnográfico, designado de “Disability Rights Meet Sex Workers’ Rights: the Making of Sexual Assistance in Europe”, refere que a organização é autofinanciada pelos membros, através de quotas, não sendo necessário qualquer financiamento externo, a fim de garantir o anonimato dos seus colaboradores. A assistência sexual na Suíça é vista também como uma forma de garantir “a qualidade de vida de pessoas com diversidade funcional que optem por recorrer a este serviço” (Guimarães e Newton, 2018 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020). É importante referir também, que os clientes que recorram a estes serviços, “pagam em média 115€ a 200€, não sendo este reembolsado” (Nayak, 2013 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020).

g. Itália

Itália<sup>202</sup> apresenta um sistema abolicionista (Silva *et al*, 2013), o que significa que “pode criminalizar organizações relacionadas com a assistência sexual” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 15 *apud* Gammino *et al*, 2016). Sendo apenas permitida, mas não regulada se efetuada em “espaços públicos ou abertos ao público e de forma individual, inclusive, os rendimentos provenientes da prostituição são tributados da mesma forma que qualquer rendimento obtido de forma licita, através da Legge 4 agosto 2006, n. 248” (Amorim, 2019:20).

De forma a diferenciar a assistência sexual da prestação de serviços sexuais, a *LoveGiver* – criada em 2013 (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020 *apud* Gammino *et al*, 2016), onde foi apresentada “a proposta de lei 1442-2014 que formulava o direito à masturbação, com

---

<sup>202</sup> Ainda que este país já tenha adotado o sistema de regulamentação no que concerne ao trabalho sexual, em 1958, com a Lei Merlin, *baniu os bordéis e criou um novo crime denominado de ‘struttamento della prostituzione’ com penas de prisão de 6 anos ou com penas de multa de até 10 329€* (Amorim, 2019:20).

profissionais de saúde” através de assistentes sexuais para executar o serviço, estando o cliente com deficiência ausente de pagar pelo serviço.

Porém, até hoje continua a ser debatida a assistência sexual no país.

#### h. Bélgica

Na Bélgica, a prostituição, de um modo geral, é legal e está regulamentada, no entanto, atividades como “o lenocínio ou a solicitação de serviços sexuais são punidos” (Amorim, 2019:12), e como não há regulamentação relativamente à assistência sexual, esta move-se de alguma forma tolerada pelo Estado (Casado, 2014). No caso do lenocínio, só é penalizado, quando os ganhos do trabalhador sexual, são sobre explorados (Silva *et al*, 2013) ou caso haja “incitamento à prostituição” (Verdonck, 2016 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 14; Silva *et al*, 2013). Segundo o Comitê Consultivo Belga de Bioética (Belgisch Raadgevend Comité voor Bio-ethiek, 2017), foi criada em 2009 a *Aditi vzw*, uma organização sem fins lucrativos que tem como intuito dar aconselhamento, informação e apoio a pessoas com deficiência. A organização também possibilita “formation, training and education for care-providers and supports care-organizations with their vision- and policy development in regards to sexuality for elderly and people with a disability” (EPSEAS) possibilitando inclusive o encontro entre os assistentes sexuais e os clientes com deficiência (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020).

#### i. República Checa

Embora o trabalho sexual não seja proibido, também não é regulamentado e como tal, não é considerado atividade profissional (Amorim, 2019).

Indicado por Ana Pinho, João Oliveira e Conceição Nogueira (2020), no artigo *A (i)legalidade da assistência sexual na Europa: mapeamento da literatura e reflexões sobre políticas públicas de saúde sexual*, a questão da assistência sexual foi debatida publicamente na República Checa sobre as questões ético-legais adjacentes à atividade, o que levou o Departamento de Política de Segurança e Prevenção de Crimes do Ministério do Interior a aceitar a “implementação do projeto da assistência sexual sob a legislação existente que criminaliza o lenocínio” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 17), de forma a determinar condições específicas para as organizações envolvidas. Sendo elas:

- (i) “A impossibilidade de funcionar como intermediários ativos entre clientes e assistentes sexuais;
- (ii) A restrição das atividades desenvolvidas à esfera educativa e ao tratamento de dados;

- (iii) A disponibilização da lista de todas as pessoas treinadas em assistência sexual quando pedido por uma pessoa com diversidade funcional, sendo esses dados fornecidos com a devida informação e consentimento dos/as assistentes sexuais;
- (iv) O funcionamento sem fins lucrativos;
- (v) O impedimento de adotar comportamentos que estimulem a procura de prostituição” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 17 *apud* Šmíd, 2015).

Cumprindo todas as medidas impostas, a associação *Freya* (EPSEAS), é de momento a responsável pela qualidade e pela segurança na prestação de serviços de assistência sexual na República Checa.

#### j. França

Começou a ser falada na possibilidade de uma assistência sexual em França, desde o ano 2000 (Brasseur & Detuncq, 2014). Foram vários os eventos que colaboraram para o surgimento da reivindicação de uma assistência sexual no país (Brasseur & Detuncq, 2014). Tendo o país adotado o sistema neoabolicionista, onde prevê a compra de serviços sexuais como crime e sanciona os clientes, mas não o prestador de serviços sexuais (Ferreira, 2018), este debateu recentemente a assistência sexual.

Jean François Chossy, em 2011, “solicitou a legalização de serviços sexuais para pessoas com diversidade funcional” (Giami, 2016 & Geymonat, 2019 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 15). Onde o Comitê Consultivo Nacional de Ética (CCNE), se opôs à atividade em 2012, por considerá-la semelhante à prostituição (La Vanguardia, 2020; Casado, 2014), argumentando que a mesma “constituía uma prática que estimulava a comercialização do corpo” (Gamaleu-Kameni, 2013 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 16).

A prostituição não é proibida, no entanto, “a publicação de serviços sexuais e a solicitação passiva são proibidos” (Silva *et al*, 2013: 168- 169; Amorim, 2019). Assim sendo, podem ser condenados “os intermediários que publicitam serviços de assistência sexual, nomeadamente associações, como os intermediários que levam pessoas com diversidade funcional até a um (a) assistente sexual” (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 16)

Podendo a assistência sexual ser vista como uma promoção da prostituição, uma infração ao “princípio da não comercialização do corpo humano”, e uma justificação ao lenocínio (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 16). É frequente a recusa das prestadoras de serviço sexuais em trabalhar com clientes com alguma deficiência, e o facto de haver um intermediário, faz com que a atividade no quadro jurídico francês esteja classificada como “proxenetismo” (Brasseur & Detuncq, 2014).

Embora o atual presidente francês, Emmanuel Macron tenha referido durante a Conferência Nacional, a 4 de fevereiro de 2020, sobre deficiência, que “el derecho a la vida sexual otorga ‘dignidad’ a las personas con discapacidad” (La Vanguardia, 2020), este tema parece ainda não ter consenso. O Conselho para a Igualdade entre Homens e Mulheres, órgão independente do governo, considera que apoiar a assistência sexual se assemelha à legalização da prostituição, quando este se comprometeu a combater a exploração sexual (El Mundo, 2020).

Desde 2014 continuam a ser formados assistentes sexuais e a exercer a atividade, não tendo sido nenhum até hoje denunciado, porém, eles preferem que tal seja legalizada para evitar problemas no futuro (El Mundo, 2020). Apesar das diferentes posições da extrema-esquerda e da extrema-direita, o maior desafio para os impulsionadores da assistência sexual continua a ser em termos políticos, na questão da diferenciação entre essa atividade e a prostitucional. Isto é, “tant dans sa nature (justification et objectifs), dans ses modalités, que dans le profil de ceux qui l'exercent” (Brasseur & Detuncq, 2014: 53). Ana Pinto, João Oliveira e Conceição Nogueira, (2020: 16 *apud* APPAS, 2020), referem, um projeto lei, “proposto no sentido de aprovar associações em favor do apoio à vida emocional e à saúde sexual de pessoas com diversidade funcional”, impulsionado por Caroline Zorn – da associação de promoção da assistência sexual (APPAS) até à data atual continua a ser debatido o tema.

k. Suécia

Assim como na Dinamarca e em França, na Suécia também é vigente o neoabolicionismo (Ferreira, 2018; Amorim, 2019). Sendo este um dos países mais liberais do mundo pela atitude face ao sexo e à pornografia, têm uma lei onde conta que a prostituta pode continuar a trabalhar legalmente, embora o cliente esteja sujeito a ser processado, considerando-se transgressão o pagamento de serviços sexuais (Giddens, 2008; Geymonat, 2019; Ferreira, 2018). Uma vez que eles consideram a esfera sexual como sendo privada e íntima, a prostituição e a assistência sexual são vistas como uma promoção à venda sexual (Mannino *et al.*, 2017).

De uma forma sintetizada, no seguinte quadro podemos constatar o que referi anteriormente em relação aos quatro modelos principais para a intervenção na prostituição e na assistência sexual em alguns países da Europa.

**Quadro 2:** Quadro comparativo da assistência sexual e da prostituição em alguns países europeus quanto ao seu enquadramento legal

Pais	Abordagem	Penalização	Financiamento	Penalização
------	-----------	-------------	---------------	-------------

				Surgimento da Assistência Sexual		Assistência Sexual	Clientes
		Prostituição	Lenocínio				
<b>Alemanha</b>	Regulacionista	Não	Não	1995	-	Não	Não
<b>Países Baixos</b>	Regulacionista	Não	Não	1982	Através de um seguro de saúde em duas sessões de assistência por mês	Não	Não
<b>Dinamarca</b>	Neaboliconismo	Não, a prostituição de rua pode ser proibida, não sendo também autorizada a publicidade a serviços sexuais	Sim	Meados de 1987	Subsidiados pelo Estado	Não, sendo apenas reconhecidos como conselheiros sexuais	Não
<b>Espanha</b>	Abolicionista	Não	Não, exceto quando existe exploração	-	Máximo 75€ por atendimento – <i>Equipe Tandem</i>	Não	Não
<b>Áustria</b>	Regulacionista	Não	Não	-	-	Não	Não
<b>Suíça</b>	Abolicionista (estando à mercê da decisão dos diferentes cantões)	Não	Não	2003, sendo legitimada em 2008	No caso da <i>BodyUnity</i> esta é autofinanciada pelos membros. Estima-se que o cliente pague entre os 115€ a 200€ por atendimento	Não	Não
<b>Itália</b>	Abolicionista	Não	Sim	2013, através da <i>LoveGiver</i>	-	Não possui enquadramento legal, podendo criminalizar as organizações	Não

Bélgica	Abolicionista (com elementos regulacionistas)	Não	Não, desde que não haja exploração	2009, através da <i>Aditi vzw</i>	Por parte dos clientes, variando o valor entre os 80€ e os 110€ por hora mais despesas de deslocação	Não	Não, desde que não haja incitamento
República Checa	Abolicionista (com elementos proibicionistas)	Não, desde que não estimulem a procura	Sim	2015, com a divulgação de uma lista de 5 assistentes sexuais formados; em 2019, foram acrescentados mais 13 assistentes à lista	-	Não	Não
França	Neobolicionismo	Não, embora a publicitação de serviços sexuais seja proibida	Sim	-	-	Sim	Sim
Suécia	Neobolicionismo	Não	Sim	-	-	Sim	Sim

**Fonte:** Inspirado em Silva *et al*, 2013: 168 -169; Ferreira, 2018; Brasseur & Detuncq, 2014; Casado, 2014; Geymonat & Macioti, 2016; Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020; Gammino *et al*, 2016; Mannino *et al*, 2017; Asis, 2017; Ferreira, 2018; Giddens, 2008; Amorim, 2019.

Com este quadro é visível que dos 11 países europeus analisados, a maioria deles (cinco) assumem uma posição abolicionista (Tavares, 2010), ficando-se entre a repressão sexual e a emancipação. Ressaltando que, na Alemanha, na Dinamarca, em Espanha e nos Países Baixos, a figura do assistente sexual é reconhecida no quadro jurídico, tendo inclusive, agências que disponibilizam uma acessibilidade de serviços sexuais para pessoas com deficiência (Mannino *et al*, 2017).

Dada a diversidade de tradições e valores culturais e políticos a nível europeu, não existe uniformidade nem harmonização de abordagem e tratamento dos dois fenómenos – a prostituição e a assistência sexual, quer em termos legislativos e criminais, quer em termos de políticas sociais ligadas ao controlo sanitário (Silva, Ribeiro & Granja, 2013). O que faz com que, em alguns países



a assistência sexual, viva “al borde de (e incluso desafiando) la ley” (Andreu, 2014 *apud* Casado, 2014:8).

Oscilando entre o proibicionismo, onde consideram a prostituição – e qualquer outra atividade nos mesmos moldes – atividades criminosas. O abolicionismo, onde perspetivam o (a) prostituto (a) como vítima, mas não procuram formas de o proteger. O neoabolicionismo, ou novo abolicionismo, onde se previa uma evolução do abolicionismo, mas trata-se apenas de uma forma de criminalizar a compra e os clientes, mas não o trabalhador sexual, o que leva a um paradoxo. Se a prostituição depende dos clientes e os mesmos são criminalizados, não estamos perante um avanço, mas sim, um retrocesso. Uma vez que estamos a proibir/impedir pessoas que efetivamente queiram exercer a atividade, levando-os a fazê-lo escondidos e com péssimas condições. Por fim, o regulamentarista, que parte do princípio de que o trabalho sexual sempre existiu e sempre existirá, que como tal, necessita de regulamentação e fiscalização. De modo que, “desde que se cumpram as regras estabelecidas pelo Estado, não existe penalização da prostituta, que é encarada como uma prestadora de serviços, do cliente, que é considerado um consumidor, e, ainda, de quem faz desta atividade um negócio” (Tavares, 2010:3). Como refere Silva, Ribeiro e Granja (2013:171),

“a prestação de serviços sexuais mercantis passa a ser considerada como uma atividade económica e os atores sociais que a ela se dedicam definidos, face à lei e desejavelmente assim reconhecidos em termos sociais, como trabalhadores com todos os direitos laborais, incluindo a constituição de organizações sindicais e outras, bem como o acesso aos mecanismos de segurança social, em igualdade com os outros cidadãos”.

A assistência por si só remete para uma questão de igualdade em termos de garantia de acessibilidade para pessoas com deficiência, visto que possibilita o “exercício de direitos, a tomada de decisão e a participação em atividades fundamentais da vida” (Asís, 2017 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 8) em sociedade.

Assim como é referido pelo Comitê Consultivo Belga de Bioética (Belgisch Raadgevend Comité voor Bio-ethiek, 2017) qualquer adulto, independentemente de possuir ou não alguma deficiência, tem o direito de desfrutar dos seus benefícios legais, podendo, portanto, consentir qualquer prática sexual, se assim o desejar. Tratando-se assim, de um direito humano, visto que, para os mesmos, a assistência sexual é a única forma de usufruírem da sua sexualidade de forma independente (Mannino *et al.*, 2017).

É inegável que pessoas com deficiência necessitam de mais “tempo investido e mais contacto físico – o que nem sempre é acolhido de forma positiva por alguns/algumas trabalhadores/as do sexo” (Limoncin *et al.*, 2014 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 9; Pinho,

2017), e mesmo quando estes estão dispostos a fazê-lo, os mesmos não estão preparados (Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 9 *apud* Gammino *et al.*, 2016) para ir ao encontro das necessidades dos indivíduos.

Na investigação realizada por McCabe e Taleporos, intitulada *Sexual Esteem, Sexual Satisfaction and Sexual Behavior Among People with Physical Disability* (2003), os mesmos concluíram que indivíduos com deficiência física mais grave apresentavam uma reduzida atividade sexual e conseqüentemente uma elevada insatisfação sexual. Em alguns casos, mesmo procurando assistentes sexuais, estes veem-se limitados devido à “ausência de enquadramento legal” (Gammino *et al.*, 2016 *apud* Pinho, Oliveira & Nogueira, 2020: 10; Chrastina e Večeřová, 2018) que os salvaguarde.

Em alguns países da Europa, bem como em outros fora deste continente, como já foi referido, os trabalhadores do sexo e os assistentes sexuais são aceites, treinados e financiados pelo Estado (Casado, 2014). Sendo este um direito humano, na perspectiva de Asís (2017) deveria ser assegurado a todos os cidadãos.

Quando falamos de direitos sexuais, é importante referir a Carta de Direitos Sexuais e Reprodutivos (Plural & Singular, 2020) da IPPF (2009). A mesma tem como objetivo promover e proteger os direitos à liberdade sexual e reprodutiva, em todos os sistemas políticos, económicos e culturais do mundo. Contém doze direitos, nomeadamente:

- (i) “O Direito à vida;
- (ii) O Direito à liberdade e segurança da pessoa
- (iii) O Direito à igualdade e o direito a estar livre de todas as formas de discriminação
- (iv) O Direito à privacidade
- (v) (...)”

Entre os doze direitos, é importante a meu ver realçar dois relacionados com a problemática, nomeadamente o “direito à liberdade e segurança da pessoa, e o direito à igualdade e o direito a estar livre de todas as formas de discriminação”, isto é, entendendo a “liberdade” como um algo que permite ao indivíduo fazer escolhas deliberadamente, incluindo a exploração da sua própria sexualidade, enquanto seres individuais, esta deveria estar salvaguardada, devendo ter inclusive a “segurança” assegurada. Relativamente ao direito à “igualdade”, parte do princípio de que somos todos iguais e, como tal, temos todos acesso às mesmas oportunidades nos mais diversos setores da vida em sociedade. No entanto, como tenho vindo a explorar, o mesmo não acontece. Pessoas com alguma deficiência continuam a ter entraves na “igualdade” de ensejo na sua vida privada no que concerne à vida sexual e continuam ainda a ser vítimas de discriminação pelo estigma a elas associado.

Um serviço, independentemente do cariz, requer uma venda e uma compra. Diariamente convivemos com a compra e a venda de serviços, seja num restaurante quando pagamos por uma refeição, seja numa universidade, quando pagamos propinas. Vivemos constantemente dependentes das trocas dos mais diversos serviços, e conseqüentemente o pagamento pelos mesmos. É algo ‘normal’ e aceite pela sociedade. O mesmo se aplica ao trabalho sexual, assim como à assistência sexual onde existe a venda de serviços sexuais, e o mesmo requer um pagamento. No entanto, embora independentes não sejam “geradores de controvérsia”, juntos, no que toca à atividade sexual, já não são vistos da mesma forma, advindo em argumentos ilusórios nos quais as pessoas se apoiam para manter o preconceito face à prestação de serviços sexuais (Rakić, 2020) e, assim, continuamos a viver neste impasse moral.

A assistência sexual trata-se, como tem vindo a ser discutido, de uma questão de acessibilidade, de igualdade e de um direito, em expressar e explorar a sexualidade daqueles que se veem condicionados por algum motivo, seja físico, seja por serem considerados ‘diferentes’ daquilo que é aceite pela sociedade.

## Capítulo IV: Feminismo e o sexo como um serviço: argumentos e divergências

### 1. O feminismo português e o trabalho sexual

Na pluralidade de feminismos, também em Portugal “os modos de pensar são diversos e constituídos em vozes partilhadas, dissonantes, aproximadas, convergentes ou contraditórias, sempre focalizadas nas lutas e conquistas das mulheres” (Goellner & Jaeger, 2007:840) deram origem a muitos caminhos. “Diversas intervenções provaram que não há um «pensamento único» sobre o feminismo e que este se expressa através de várias correntes” (Tavares, 1998: 3), e Portugal não poderia ser uma exceção. Descrito por Schouten (2018: 470) “a luta pela igualdade entre homens e mulheres, ou seja, o feminismo, como movimento nunca encontrou terra firme”.

Questões relacionadas à sexualidade feminina na sociedade portuguesa surgiram nos anos 60, “até à primeira metade do séc. XX a sexualidade era tratada pelo campo biomédico, área constituída por homens que usavam como padrão de referência a sexualidade e o corpo masculino” (Goellner & Jaeger, 2007:840-841).

As sufragistas e feministas portuguesas eram maioritariamente mulheres brancas (com a exceção de Virgínia Quaresma e das mulheres da Liga das Mulheres Africanas), de classes mais altas, com educação académica, de norte e sul do país. Muitos dos seus membros pertenciam à maçonaria feminista portuguesa (já referidas no decorrer desta dissertação), nomeadamente, Angelina Vidal, Ana de Castro Osório, Carolina Beatriz Ângelo, Maria Veleza<sup>203</sup> (1871-1955), Virgínia Quaresma, Adelaide Cabete<sup>204</sup> (1867-1935), Carolina Michaelis de Vasconcelos e Maria Antónia Palla<sup>205</sup> (1933) (Goellner & Jaeger, 2007).

Através do evento estruturado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas<sup>206</sup>, tal acontecimento “visibilizou as principais reivindicações das portuguesas daquele tempo: a obtenção do direito ao voto (concedido de forma plena em 1974, após a Revolução dos Cravos) dos direitos sociais e jurídicos” (Goellner & Jaeger, 2007:840). Ainda que alguns movimentos feministas tenham sido abolidos com o regime ditatorial de Salazar, outros resistiram às constantes opressões pelas forças policiais (Goellner & Jaeger, 2007:840). É na análise do livro

---

<sup>203</sup> Foi professora (Goellner & Jaeger, 2007:840) e era também conhecida pelo seu pseudónimo Maria Carolina Frederico Crispim.

<sup>204</sup> Médica de profissão, é reconhecida como uma das “precursoras do feminismo português” (Goellner & Jaeger, 2007:840).

<sup>205</sup> Enquanto jornalista, foi pioneira na imprensa diária na década de 50 (Goellner & Jaeger, 2007:840). Teve presença marcante na questão do aborto, quando a mesma escreveu, “quanto ao aborto legal, ele é permanentemente negado como direito da mulher por um poder político predominantemente masculino, instalado num reduto de que não pretende ser desalojado. Tal como no passado com as sufragistas, sobre os defensores da legalização do aborto choveram calúnias e injúrias (...)”, concluído com uma referência crítica ao Partido Socialista (Tavares, 1998:5).

<sup>206</sup> Fundada em 1914, anos antes do surgimento do Estado Novo, como uma associação assumidamente feminista (Goellner & Jaeger, 2007)

“O longo caminho das mulheres: feminismos 80 anos depois<sup>207</sup>” no parecer de Silvana Goellner e Angelita Jaeger (2007:840), visível

“o pensamento conservador de autoridades políticas, científicas e religiosas para as quais a representação hegemônica da mulher é a da mãe, esteio da família e da sociedade. Assentados em explicações biológicas que atestam a maternidade como atribuição natural do sexo feminino, os discursos que circulavam nesses tempos classificavam o feminismo como o princípio da ruína da família e, por consequência, do Estado”.

Ainda que as feministas não se pudessem reivindicar, isto não significa que as mesmas tenham consentido ou tenham sido aniquiladas pelo regime, muito pelo contrário, elas permaneceram no ativo, mas de forma oculta em prol da sua própria segurança. Tal como é referido pelas autoras, “os textos mencionam diversas ações desenvolvidas pelas feministas nos meandros do quotidiano de um regime que condenava as vozes dissonantes ao silêncio” (Goellner & Jaeger, 2007:840). Ou seja, ao contrário do que aconteceu noutros países<sup>208</sup>, em Portugal os estudos feministas não se desenvolveram com base nos movimentos feministas, por causa do Estado Novo (Tavares, 2008). Enquanto se viam noutras universidades grupos de mulheres que se uniam num “«Movimento Universitário para a Libertação da Mulher»” (Tavares, 2008:33 *apud* Puerta, 2003:101), como aconteceu em Barcelona, “este não foi, de modo algum, o panorama no meio universitário português” (Tavares, 2008:33). Ainda que pós 25 de Abril tenham sentido que iriam viver numa sociedade mais livre e com a participação de todos, com

“todo o momento de euforia, de libertação, em que parecia que a questão da desigualdade entre homens e mulheres podia desaparecer (...) à medida que o tempo passou e que a democracia entrou em fases mais institucionais, não voltou tudo à primitiva, porque não era possível ressuscitar comportamento e maneiras de agir anteriores ao 25 de abril, mas as mulheres ficaram num lugar segundo e não no lugar primeiro” (Roseta, 1998:50).

Inclusive, mesmo as pessoas tendo ultrapassado o clima de censura e ditatorial, a sociedade ainda detinha rastros do mesmo, quando Roseta (1998:50) refere que

“lembro-me de ter escrito para o jornal “Público” um artigo chamado “O 25 de Abril e as Mulheres”. Não foi publicado. Não acharam relevante. Esta invisibilidade, quase agressiva é incompreensível. É evidente que, se se fizer uma análise séria do que foi a transformação do 25 de Abril, não podemos deixar de reconhecer o papel de muitos homens e mulheres durante a ditadura, e em particular, naqueles momentos de transformação”.

Quanto à participação de várias mulheres nos movimentos sociais, na opinião de Manuela Tavares, era evidente a “fraqueza dos movimentos de mulheres em Portugal, e ainda que saídos de uma

---

<sup>207</sup> De Lígia Amâncio, Manuela Tavares, Manuela Joaquim e Teresa Almeida (2007)

<sup>208</sup> Por exemplo, do outro lado da fronteira, em Espanha, “a Asociación Universitaria para el Estudio de los Problemas de la Mujer, surgiu em 1975, em Madrid. As primeiras associações de mulheres universitárias surgem em Espanha nas décadas de 1950 e 1960 dentro das estreitas margens da legalidade vigente” (Tavares, 2008:32).

ditadura, nos meios académicos, à exceção da tese de mestrado da Maria José Magalhães, existia a ideia de que não se podia falar da existência de feminismo em Portugal” (Tavares, 1998: 20).

À margem, ou não, ele manteve-se ativo, e além do que já foi referido no Capítulo 2, é de salientar que também em Portugal existiram e existem diversas vertentes feministas.

Relativamente à vertente marxista/social, advinda de uma tradição da luta do operariado e severamente influenciada pelo marxismo (Pena, 2008), segundo a pesquisa de Tavares & Magalhães (2014:100),

“podemos afirmar, através da análise de conteúdo dos documentos produzidos na época, que existiram associações cujas marcas de origem se situam nesta corrente: o MDM<sup>209</sup>, formado em 1968, e a UMAR<sup>210</sup> (na altura designada por União de Mulheres Antifascistas e Revolucionárias), fundada em 1976, embora estas associações só se tenham assumido como feministas, nas décadas de 1970/1980”.

No que concerne à corrente liberal, esta data os primeiros passos em Portugal entre os anos 80 e 90, “através da formação de novas associações, muitas delas ligadas a grupos profissionais ou a setores de intervenção. É neste período que começam a ser estigmatizados alguns modelos de «mulheres de sucesso». As revistas feministas acompanham e desenvolvem esta imagem do feminismo” (Tavares, 1998: 22-23).

Além das várias associações internacionais já referidas no Capítulo 2, em Portugal vigoravam na época, associações como a

“Associação das Mulheres dos Diplomatas Portugueses (1982), a Associação Portuguesa de Mulheres Empresárias (1985), Soroptimistas Internacional – Clube de Lisboa (1986), Clube Começar de Novo (1986), Intervenção Feminista – IF (1986), Associação Portuguesa das Mulheres Agricultoras – AMAP (1987) e a Federação de Mulheres Empresárias e Profissionais de Portugal (1989)” (Tavares & Magalhães, 2014:101).

Assim que as “Três Marias – escritoras do livro *Novas Cartas Portuguesas*, a 7 de maio de 1974, num período pós-revolucionário<sup>211</sup>, foram absolvidas, foi formado em Portugal o primeiro grupo feminista radical: o Movimento de Libertação das Mulheres – MLM<sup>212</sup>” (Tavares & Magalhães, 2014:95; Pena, 2008). Além deste movimento ligado à corrente feminista radical, existiu também

---

<sup>209</sup> Em 1998, na investigação conduzida por Manuela Tavares, esta chega à conclusão de que mesmo nessa altura, este movimento “continuava a não se identificar como uma associação feminista” (Tavares, 1998:22). Atuavam em prol de “ações em torno da paz, do aumento do custo de vida, da solidariedade e do aborto” (Tavares, 1998:26)

<sup>210</sup> Em 1998, este movimento referia ser “um feminismo avançado, que despertava a consciência das mulheres” (Tavares, 1998:22). Ou seja, no fundo manteve a premissa até à atualidade. Cujo posicionamento se enquadrava no “centralismo democrático” (Pena, 2008:38), atuando em prol de “ações em torno do direito ao emprego, contra o tráfico de mulheres e na luta pelo aborto” (Tavares, 1998:26).

<sup>211</sup> Como já fora referido, período após a queda do regime político ditatorial, o Estado Novo com António de Oliveira Salazar, que teve um impacto e um retrocesso abismal, no que concerne aos direitos das mulheres.

<sup>212</sup> Este movimento “propunha novas modalidades de fazer política e de atuação, a partir de novos modelos que permitissem a possibilidade das mulheres construírem novas identidades femininas e novas formas de estar na vida” (Pena, 2008:39). Acreditavam que a luta deveria ser diária, de forma a romper com as fronteiras entre o público e o privado (Pena, 2008).

o “IDM/Cooperativa Editorial de Mulheres<sup>213</sup> (1977), o Grupo Autónomo de Mulheres do Porto (1978), o Grupo de Mulheres da Associação Académica de Coimbra<sup>214</sup> (1979), o Grupo de Mulheres do Porto (1982)”, e outros pequenos grupos tiveram mérito por terem levantado a questão do aborto, pela primeira vez em Portugal (Tavares, 1998:22-25; Tavares & Magalhães, 2017). Assim como “ações em torno das sexualidades e da violência contra as mulheres.” Além disso, faziam a “publicação das revistas ‘Lua e Artemisia’, dos boletins Situação da Mulher do GAMP<sup>215</sup> (Grupo Autónomo de Mulheres do Porto) e da Mulher, publicado pelo Grupo de Mulheres da Associação Académica de Coimbra” (Tavares & Magalhães, 2017:98). No entender de Tavares e Magalhães (2017:98), “uma das ações mais emblemáticas desta corrente do feminismo em Portugal foi a realização da manifestação do MLM<sup>216</sup> no Parque Eduardo VII, a 13 de janeiro de 1975, no início do Ano internacional das Mulheres”.

Além das referidas, nos anos 80 tantas outras organizações se formaram, entre elas, a Rede de Mulheres (1980), G. de Mulheres de Lourosa<sup>217</sup> (1981), MAPA – Mulheres a “Preparar o Amanhã”<sup>218</sup> (1983), LDM (1986), IF – Intervenção Feminina (1986), Associação Mulheres Socialistas (1987), Grupo “Ser Mulher” (1988) e APMJ (1989) (Tavares, 1998:23-26). Contabilizando um total de 454 organizações e núcleos feministas, atualmente, no ativo, segundo o site feministas.pt (2022), entre elas a Associação Abraço (1992), a ADD.ILGA Portugal (1995), Feministas em Movimento (2019) e a Capazes<sup>219</sup> (2014).

Em suma, pode-se dizer que o movimento feminista em Portugal se apresentou e avançou em três frentes (Azambuja, 2008:161). Começou com “o movimento de mulheres da sociedade civil, representada pelo Grupo Português de Estudos Feministas, Liga Republicana de Mulheres Portuguesas, Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas, Cruzada das Mulheres Portuguesas e, mais contemporaneamente, com o desenvolvimento do Movimento Democrático de Mulheres (MDM) e da União de Mulheres Alternativa e Resposta (UMAR), entre outras organizações”; numa

---

<sup>213</sup> Atuavam formando “ações de formação e debates sobre o aborto, violência sobre as mulheres e a sexualidade” (Tavares, 1998:26)

<sup>214</sup> Atuavam formando “ações de formação e debates sobre o aborto, violência sobre as mulheres e a sexualidade” (Tavares, 1998:26)

<sup>215</sup> Atuavam formando “ações de formação e debates sobre o aborto, violência sobre as mulheres e a sexualidade” (Tavares, 1998:26)

<sup>216</sup> Esta manifestação consistia “no atear de uma fogueira, onde seriam queimados símbolos da opressão feminina, nomeadamente revistas pornográficas, o código civil português, livros de autores machistas, brinquedos sexistas, objetos de lida doméstica, tudo o que representasse o papel da mulher na sociedade como ‘fada do lar’. A especulação e deturpação desenvolvida por alguns órgãos de comunicação social, que noticiaram a ‘queima de soutiens e um strip-tease’, levaram à ocorrência de incidentes com uma multidão de homens que assumiram atitudes provocatórias. No Portugal democrático do após 25 de Abril, as concepções conservadoras e antifeministas fizeram-se sentir na reação a esta iniciativa. Em resposta ao acontecimento, Lourdes Fêria escreveu no Diário de Lisboa: O espetáculo que os homens deste País sem distinção de cultura, classe ou ideologia, deram ontem à tarde no Parque Eduardo VII, veio mais uma vez confirmar que os movimentos feministas têm razão de existência” (Tavares & Magalhães, 2017:98).

<sup>217</sup> Atuavam intervindo no meio rural, trabalhavam a consciencialização e intervinham a nível cultural (Tavares, 1998)

<sup>218</sup> Atuavam intervindo no meio rural, trabalhavam a consciencialização e intervinham a nível cultural (Tavares, 1998)

<sup>219</sup> Fundada por duas apresentadoras de televisão, “Iva Domingues e Rita Ferro Rodrigues, inicialmente denominada Maria Capaz que é a página mais acessada em Portugal, que tem como objetivo a sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género, a defesa dos direitos das mulheres e o empoderamento das mesmas” (Drummond & Cerqueira, 2019:10)

segunda fase, com o “feminismo político-institucional, posterior à Revolução de Abril, representado pela CIG (abordado no Capítulo 2) e todas as suas anteriores denominações” e, por fim, “com feminismo académico, especialmente a partir da década de 1990” (Azambuja, 2008:161). A relação do feminismo com o trabalho sexual em Portugal, sempre teve as suas oscilações, assim como a própria legislação do mesmo. Em Portugal, assim como noutros países europeus, a prostituição sofreu algumas alterações ao longo dos anos, o que se refletiu na forma como a mesma foi legislada. Para melhor perceber as diversas oscilações, Oliveira (2004) refere quatro momentos. Num primeiro momento, referido pela autora como “Legislação avulsa e pré-regulamentarismo”, esta ocorreu desde a fundação de Portugal até 1853. Entre a permissividade e a condenação das práticas de prostituição, foi um período onde surgiram várias iniciativas legislativas, e em que “os monarcas e seus legisladores, assim como a Igreja, seguiram titubeantes entre a moral e os bons costumes, e as suas necessidades sexuais ilegítimas” (Oliveira, 2004:21). Entre 1853 e 1962, com o “Regulamento sanitário das meretrizes do Porto” (Tavares, 2010), onde vigorava o modelo regulamentar, foi o período conhecido pela propagação da sífilis, e de constantes medidas com o objetivo de controlar as mulheres que se prostituíam; através de regulamentos minuciosos<sup>220</sup> que incluíam, por exemplo, a obrigatoriedade de cada prostituta possuir uma caderneta individual de identificação e ser sujeita a exames médicos periódicos.

Nos dezanove anos seguintes, ou seja, de 1963 a 1982, o modelo proibicionista entrou em vigor. Com a publicação do Decreto-Lei n.º 44579, de 19 de setembro de 1962, a prostituição passou a ser proibida (exatamente a partir do primeiro dia de janeiro de 1963, sendo condenada a pena de prisão) (Oliveira, 2004). Ao contrário do que se possa esperar, esta medida não acabou com o exercício da atividade em Portugal, como só piorou a situação, fazendo com que as mesmas tivessem de se sujeitar a piores condições de trabalho.

Com o Decreto-Lei n.º 400/82, em 1982, veio revogar o artigo 1.º da lei de 1962 que proibia a prostituição. Desde o primeiro dia de janeiro de 1983, a prostituição foi despenalizada e com ela a criminalização do lenocínio<sup>221</sup>, mantendo-se até à atualidade o modelo abolicionista (Oliveira, 2004; Oliveira, 2017; Manita & Oliveira, 2002; Ribeiro *et al*, 2005; Ferreira, 2018; Tavares, 2010).

---

<sup>220</sup> Através do regulamento policial das meretrizes e casa toleras em Lisboa, as trabalhadoras do sexo eram obrigadas a matricular-se num livro de registo na repartição da polícia ou no governo civil (Tavares, 2010).

<sup>221</sup> A prática de lenocínio, segundo a Lei n.º 59/2007 de 4 de setembro, artigo 169.º representa “quem, profissionalmente ou com intenção lucrativa, fomentar, favorecer ou facilitar o exercício por outra pessoa de prostituição é punido”, levando o crime a uma moldura penal de seis meses a cinco anos, de pena de prisão.



Embora a prostituição não seja considerada uma infração à lei como tem sido referido, em Portugal e em Espanha, esta é ‘estigmatizada’ não por estar a cometer alguma infração, mas pela divergência que esta representa face aos valores dominantes que regulam a sexualidade feminina e instituem uma ideia moral de ordem<sup>222</sup> (Sacramento & Ribeiro, 2014). No entanto, algum trabalho tem sido feito, como refere Alexandra Oliveira (2004:36),

“as propostas de regulamentação têm surgido à esquerda e à direita do espectro político, enfatizando quer a necessidade de o Estado encarar os direitos e deveres das pessoas que se prostituem, quer as questões de saúde pública e pessoal. De forma mais ou menos velada o que se pretende é a defesa da saúde e ordem públicas, e a geração de receitas para o Estado”.

Complementando e reforçando aquilo que tem sido dito, embora

“haja alguma tolerância social em relação à prostituição em Portugal, os discursos institucionais e populares destacam os seus aspetos mais negativos e estereotipados, limitando-a à pobreza, à marginalidade, à degradação, às drogas e às doenças. Assim, o preconceito, a discriminação e o estigma são problemas que os/as profissionais do sexo enfrentam e cujo impacto se faz sentir nas suas vidas e condições de trabalho” (Oliveira, 2017:203).

No fundo, nunca houve uma coerência, no que concerne à prostituição. Quando regulamentada, devido à época em que se fez e às condições sociais, económicas e com uma fraca informação, resultou na forma escandalosa de se olhar para a prostituição. Consideraram que a proibição da prostituição iria erradicar os problemas sanitários adjacentes do ramo, no entanto tem-se vindo a comprovar que é uma ideia ilusória, pois só atira as pessoas que exercem essa atividade para a marginalidade, sujeitas às piores condições. Ainda assim, com a vasta experiência, não fosse esta a profissão mais antiga do mundo, continua a não haver um consenso quanto ao sistema; principalmente entre os partidos políticos, os movimentos feministas e as suas organizações.

## 2. O feminismo e o trabalho sexual: entre a rejeição e o reconhecimento

A questão do trabalho sexual, dentro dos movimentos feministas, como se tem vindo a perceber é uma questão fraturante e antiga; e com o surgimento de modelos jurídico-políticos, estes não ficaram indiferentes.

É sabido que a questão da “prostituição e de todas as formas de prestação de serviços sexuais como atividades laborais tendo como intuito a alteração do atual quadro legal que as

---

<sup>222</sup> Um claro exemplo, foi o sucedido em 2003 em Bragança. Intitularam-se como o “Movimento das Mães de Bragança”, que consistiu em “campanhas violentas e xenófobas por parte da população local” (Ribeiro & Clemente, 2017:26), onde “acusavam as trabalhadoras sexuais da região, em particular as de nacionalidade brasileira, de contribuírem para a desordem económica e afetiva das famílias locais, exigindo o encerramento dos bordéis e o afastamento das mulheres que neles trabalham” (Ribeiro & Clemente, 2017:26 *apud* Ribeiro *et al.*, 2007). Tal acontecimento gerou um enorme mediatismo, que resultou no encerramento de estabelecimentos que forneciam serviços sexuais, e na deportação de algumas trabalhadoras sexuais, assim como na criminalização dos proprietários pelo crime de lenocínio (Ribeiro & Clemente, 2017).

enquadra” (Marques & Ribeiro, 2018:3) é neste momento um tema debatido em Portugal, incluindo a reivindicação de direitos das mesmas, sobretudo entre as feministas (Tavares, 2010). Como tal, foi aprovada, uma proposta de alteração do Orçamento de Estado de 2021, que visava a criação de um projeto-piloto para fazer o diagnóstico e o acompanhamento de pessoas em situação de prostituição (Lusa, 2020; Ferreira, 2020). Esta proposta foi exposta pela antiga deputada não inscrita Cristina Rodrigues<sup>223</sup> com intuito de um “melhor conhecimento, compreensão e desenho de medidas de apoio a pessoas em situação de prostituição” (Ferreira, 2020). Tendo sido aprovada com votos favoráveis por parte do PS, BE, PCP, PAN, CDS- Partido Popular, João Cotrim de Figueiredo da IL, e da antiga deputada não-inscrita, Joacine Katar Moreira. Contou, também, com a abstenção do PSD e de André Ventura, representante do Chega (Lusa, 2020; Ferreira, 2020).

O projeto contemplava um “programa de saída do sistema da prostituição (Lusa, 2020), sendo lançado através de entidades públicas responsáveis e em articulação com autarquias locais e ONG, em particular associações de mulheres” (Ferreira, 2020). Tendo como objetivo permitir um melhor acompanhamento na saúde, podendo os/as trabalhadores/as sexuais usufruírem de cuidados médicos, focando também a saúde sexual e reprodutiva, a saúde mental, a saúde dentária e o acompanhamento psicológico, incluindo no projeto o tratamento de adições, nomeadamente a toxicodependência e o alcoolismo (Ferreira, 2020; Lusa, 2020). Com desígnio de combater estereótipos associados aos profissionais do sexo, o Governo considerou promover ações de formação “direcionadas a profissionais que intervenham nas áreas da prostituição e do tráfico de seres humanos para exploração sexual” (Ferreira, 2020). Por fim, mas não menos importante, o programa também previa o acompanhamento jurídico para vítimas, em particular no que diz respeito “aos crimes de proxenetismo, de tráfico de seres humanos e de violência” (Lusa, 2020). Ou seja, o objetivo central consistia em ajudar as pessoas que se prostituem a abandonar a atividade, no fundo, tudo aquilo defendido pelo modelo abolicionista.

No entanto, antes dessa proposta, em 2016, durante o XXIII Congresso Nacional do PS, através da moção setorial, defendiam a regulamentação da prostituição (e mais tarde em 2018, voltaram a colocar a questão em cima da mesa). No mesmo, a Juventude Socialista, através de

---

<sup>223</sup> Responsável pelo “Projecto de Lei n° 851/XIC/2° - Procede à implementação do modelo da igualdade e reforça a proteção das pessoas na prostituição”, defensora do modelo de igualdade, reforça a prioridade em retirar as pessoas da prostituição e “criminalizar a compra de sexo, o lenocínio e o tráfico humano” (Projecto de Lei n° 851/XIC/2°, 2021: 3). Apostando no financiamento de serviços de apoio e “programas de saída da prostituição e reforço no ensino através de uma educação sexual focada no consentimento e autodeterminação sexual” (Projecto de Lei n° 851/XIC/2°, 2021:3). Além disso, faz uma análise da realidade em diversos países, onde vigora o modelo abolicionista e o modelo sueco, comparativamente aos países onde vigora o modelo de regulamentação, expondo os pontos negativos do segundo modelo.

37 assinaturas de militantes, refere o seguinte: “o modelo de regulamentação deve obedecer a parâmetros que garantam a liberdade e autodeterminação sexuais dos praticantes da atividade. Assim, deve continuar a ser garantida a ausência de exploração de quem se prostitui e deve continuar o combate ao tráfico de seres humanos” (Juventude Socialista, 2016:1) tendo ficado como principal objetivo durante a “XIV Legislatura, um projeto de lei que regule o trabalho sexual e reveja a tipificação legal do crime de lenocínio simples” (Juventude Socialista, 2016:1). Desde então, o tema tem sido debatido, principalmente pelos impactos da pandemia<sup>224</sup>, provocada pela *Covid-19* na prostituição. Em junho de 2022, a JS partilhou um “Anteprojeto de Lei – Regulamentação do Trabalho Sexual”<sup>225</sup> (acompanhado de uma nota explicativa<sup>226</sup>), onde elucidam detalhadamente em que consiste o projeto de Lei. Na opinião destes a “ausência de regulamentação do trabalho sexual, constitui um obstáculo, de facto, à dignificação desta atividade e um estímulo à precariedade de a quem ela se dedica” (Juventude Socialista, 2022: 1). Entre os diversos artigos do projeto de Lei, é de destacar o que concerne à prestação de serviços (Capítulo I) o Art.4º - Autodeterminação e livre consentimento<sup>227</sup>, Art. 5º - Limites de acesso à atividade profissional do sexo, Art. 6º Proteção social dos profissionais do sexo, Art. 7º Saúde e segurança no trabalho, Art. 9º Segredo profissional e o Art. 10º Autodeterminação do abandono profissional. Relativamente aos usufruidores dos serviços (Capítulo II), destaca-se o Art.11º Consumo de serviços sexuais, onde menciona a necessidade de uma maioridade e o Art.12º Promoção de práticas de sexo seguro. Nos restantes capítulos abrange as sociedades de trabalho sexual (Capítulo III), o estabelecimento de trabalho sexual (Capítulo IV), alterações legislativas (Capítulo V) e normas finais e transitórias (Capítulo VI).

No entanto, e como já era previsível, suscitaram respostas por parte de organizações feministas, principalmente a favor da abolição da prostituição, como será possível ver mais à frente. Até então algumas petições e projetos tinham sido apresentados na Assembleia da República relativamente à prostituição. Assim este tema tem antecedentes parlamentares.

---

<sup>224</sup> Devido a todos os condicionamentos provocados pela mesma, em particular, “os profissionais do sexo, por não terem um enquadramento no sistema de segurança social, viram-se arredados do acesso ao apoio na doença e na quebra acentuada dos seus rendimentos, atirando-os para uma situação de extrema pobreza e debilidade” (Juventude Socialista, 2022:1)

<sup>225</sup> Para uma leitura na íntegra consultar <https://juventudesocialista.pt/juventudesocialista/wp-content/uploads/2022/06/PJL-Regulamenta%C3%A7%C3%A3o-Trabalho-Sexual.docx.pdf>

<sup>226</sup> Disponível em [https://juventudesocialista.pt/juventudesocialista/wp-content/uploads/2022/06/notaexplicativa\\_js\\_prostituicao\\_vft.pdf](https://juventudesocialista.pt/juventudesocialista/wp-content/uploads/2022/06/notaexplicativa_js_prostituicao_vft.pdf)

<sup>227</sup> Onde referem 1- “o profissional do sexo pode, a qualquer momento, recusar-se a fornecer, ou continuar a fornecer, um serviço sexual a qualquer outra pessoa ou em benefício de qualquer outra pessoa; 2- O profissional do sexo só pode fornecer um serviço sexual a uma pessoa ou em benefício de uma pessoa que dê o seu consentimento, livre, consciente e expresso; 3- A existência de um contrato não implica o consentimento sexual de qualquer uma das partes se uma ou outra não consentir ou retirar o seu consentimento à prestação de serviços sexuais; 4- Nenhuma pessoa pode induzir ou coagir outra a prestar ou continuar a prestar serviços sexuais ou a partilhar rendimentos provenientes da prestação de serviços sexuais”.

Em 2013, na XII Legislatura (2ª Sessão Legislativa), o PCP, elaborou um Projeto Lei designado “Projeto de Resolução nº 484/XII (PCP)<sup>228</sup>”, onde “recomendava ao Governo o reforço de medidas de combate ao tráfico de seres humanos e à exploração na prostituição -, o qual acabou por ser rejeitado.

Relativamente a petições a favor da regulamentação da prostituição, a primeira foi em 2016, pelo peticionário Belmiro António Pinto dos Santos, com a “Petição nº 276/XIII/2ª<sup>229</sup>” onde “Solicita a regulamentação da atividade de prostituição”, justificando a situação económica vigorante no país, como forma de gerar mais receitas com a regulamentação da prostituição. Tendo sido a apreciação concluída em 3 de outubro de 2018. A seguinte deu-se em 2017 através da “Petição nº 361/XIII/2ª<sup>230</sup>”, pela Associação Comunitária, onde solicitava a “Legalização da prostituição em Portugal”. A mais recente foi em 2020, através da “Petição Nº 18/XIV/1ª<sup>231</sup>” feita por Ana Sofia Loureiro Marques, onde requeria a “Legalização da Prostituição em Portugal e/ou Despenalização do Lenocínio, desde que este não seja por coação”, tendo sido concluída e arquivada em 2021.

No entanto, dado a grande movimentação que se gerou relativamente ao tema, principalmente a favor da regulamentação do trabalho sexual (como foi o caso da UMAR, cientistas sociais e académicos<sup>232</sup>), o Movimento Democrático de Mulheres<sup>233</sup> (MDM) e a ‘Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres’ (PpDM), manifestaram publicamente o seu posicionamento abolicionista. Em resposta à última petição, e após o debate na Assembleia da República, o MDM, apresentou, como é possível ver na ‘Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres<sup>234</sup>’, um documento intitulado “Posição do Movimento Democrático de Mulheres – Contributo para uma reflexão sobre a prostituição e o lenocínio face à Petição Nº 18/XIV/1ª - «Legalização da Prostituição em Portugal e/ou Despenalização do Lenocínio, desde que este não seja por coação», pela Assembleia da República”. No mesmo é possível ler-se o seguinte: “somos

---

<sup>228</sup> Disponível em <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetailheIntervencao.aspx?BID=189158>

<sup>229</sup> Disponível em <https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063484d364c793968636d356c6443397a6158526c6379395953556c4a5447566e4c304e50545338784d454e5555314d765247396a6457316c626e52766331426c64476c6a595738764d475a6a5a54633359325574596a45774e7930304e4455304c5467794d6d45744e4459324e544e6a5a4446694d544d784c6e426b5a673d3d&fich=Ofce77ce-b107-4454-822a-46653cd1b131.pdf&Inline=true>

<sup>230</sup> Disponível em <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetailhePeticao.aspx?BID=13042>

<sup>231</sup> Contabilizou um total de 4004 assinaturas; disponível em <https://www.parlamento.pt/ActividadeParlamentar/Paginas/DetailhePeticao.aspx?BID=13385>

<sup>232</sup> Resultando num “grupo interdisciplinar de investigadores sobre o trabalho sexual”<sup>232</sup> (Ribeiro & Silva, 2019:2), assim como a RST – a sua fundação data o ano de 2011, e “incorpora a maioria dos projetos que intervêm com profissionais do sexo, cuja liderança é assegurada por membros deste coletivo (<https://labuta.org/>)” (Ribeiro & Silva, 2019:2).

<sup>233</sup> Movimento criado no âmbito das atividades do Partido Comunista Português (PCP).

<sup>234</sup> Disponível em <https://plataformamulheres.org.pt/associacoes-de-mulheres-posicionam-se-contr-a-peticao-n-o-18-xiv-1-a-legalizacao-da-prostituicao-em-portugale-ou-despenalizacao-de-lenocinio-desde-que-nao-seja-por-coacao-e-propoem-medidas-conc/>

abolicionistas. Lutamos contra o sistema prostitucional, e para que no nosso País não se adotem quaisquer políticas de descriminalização do lenocínio” (MDM, 2020:1); reforçam a tese da existência apenas de prostituição «forçada», da violência contra as mulheres, como “um crime de rosto feminino e de classe” (MDM, 2020:1). Contabilizam existir cerca de “40 a 42 milhões de pessoas em todo o mundo” (MDM, 2020:2) ligadas à prostituição, considerando-o, assim, um “crime de dimensão global” (MDM, 2020:2). Onde estimam que “cada proxeneta pode ganhar 110 mil euros, por ano e por mulher prostituída” (MDM, 2020:2), interligando-o, como tem sido possível ler-se até aqui, com o tráfico de pessoas. Refere tratar-se de uma petição onde o único fundamento recai na legalização do lenocínio, visto que a prostituição em Portugal não possui regulamentação, logo não é criminalizada (MDM, 2020). Complementando que “qualquer formato de legalização do lenocínio e de regulamentação da prostituição ofende os valores, os princípios e as normas constitucionais” (MDM, 2020:4). No decorrer do documento é possível ver-se a análise de cada palavra dita na petição, sendo de destacar a coação – consideram existir sempre coação, principalmente quando se trata do crime de lenocínio; a liberdade sexual – encontrando limites nessa liberdade, quando “a liberdade não pode ser interpretada como uma licença para desrespeitar as mulheres “ (MDM, 2020:6), algo que, na perspetiva das mesmas, acontece na prostituição; a pobreza associada à prostituição; a violência gerada pela mesma sobre as mulheres e as crianças, e a dignidade que a prostituição não lhes confere. No final, fazem uma análise à primeira peticionária, dizendo e passo a citar “ela é «a voz das mulheres prostituídas» que querem ter voz. Em boa verdade, a primeira peticionária é «Dona de duas Casas», ou seja, assume-se como mulher de negócios, mesmo sabendo que é uma atividade criminosa como agente, intermediária e proxeneta”. Em jeito de conclusão, destacam algumas propostas<sup>235</sup> que consideram imprescindíveis para proteger mulheres e raparigas.

Ou seja, como foi possível perceber, a prostituição, ou qualquer tipo de trabalho sexual sempre teve os seus altos e baixos em Portugal, e nunca encontrou coerência entre as forças político/partidárias, e muito menos entre as organizações feministas.

---

<sup>235</sup> Como é possível ver do documento em <https://www.mdm.org.pt/mdm-envia-ar-posicao-sobre-o-lenocinio-face-peticao-que-reclama-sua-despenalizacao/> (página 11-12)

## Capítulo V – A assistência sexual em Portugal e os movimentos feministas: agendas políticas e as narrativas das entrevistadas

Num total de sete entrevistadas, com cinco entrevistas realizadas, foi elaborada uma tabela (Tabela 3) para que seja mais fácil destrinçar cada perfil das entrevistadas e, no final, todas em simultâneo. Este ponto tem como finalidade conhecer o perfil de cada entrevistada, com base na sua área de formação, idade, movimento feminista a que pertence e tempo de experiência no mesmo. Num segundo ponto, o ativismo e o que é, no entender das mesmas, ‘ser feminista’; assim como perceber se o mesmo é inclusivo, a todas as pessoas, tal como questões que possam vir a ser levantadas.

**Quadro 3:** Síntese das informações pessoais e ocupacionais das entrevistadas

Número da entrevista	Letra designada	Área de Formação	Idade	Movimento Feminista	Tempo de experiência no movimento
Entrevista 1 <sup>236</sup>	A	Educação	58 anos	UMAR	22 anos
	B	Psicologia	40 anos	UMAR	15 anos
	C	Psicologia	30 anos	UMAR	3 anos
Entrevista 2	D	Sociologia	41 anos	UMAR	4 anos
Entrevista 3	E	Ciências da Comunicação	34 anos	MDM	+/- 10 anos
Entrevista 4	F	Psicologia	37 anos	UMAR	10 anos
Entrevista 5	G	Designer Gráfico	37 anos	UMAR	14 anos

**Fonte:** Elaboração própria

De forma a manter a confidencialidade das entrevistadas, ainda que tenha conhecimento do núcleo a que cada uma pertence, partilharei apenas o movimento, dizendo apenas tratar-se de núcleos diferentes.

Como é possível ver pelo quadro acima, tratam-se de sete mulheres com formações académicas diferentes, coincidindo a psicologia em três delas. Relativamente à faixa etária, estão entre os 30 e os 60, estando o marco dos 30 anos (Entrevistada C, E, F e G) como o mais representado entre as sete. Das sete entrevistadas, seis pertencem à UMAR (EA, EB, EC, ED, EF, EG) e apenas uma (EE) ao MDM. No que concerne ao tempo de permanência no movimento

---

<sup>236</sup> **Nota:** As entrevistas foram todas individuais, exceto esta, a pedido de uma das entrevistadas (coordenadora do Núcleo). Assim sendo, é importante referir que se trata de uma entrevista a três pessoas em simultâneo, todas devidamente identificadas com uma letra que não as representa, a fim de garantir a confidencialidade das mesmas.

correspondente, num plano geral todas possuem uma vasta experiência nos mesmos, tirando duas (EC e ED) cuja pertença é recente.

Ser feminista e a sua inclusão, revelou-se não ser algo coerente entre todas. No que concerne a 'ser feminista', ainda que todas concordem em algo difícil de descrever taxativamente, realçam o seguinte: o feminismo é a luta por direitos iguais, entre homens e mulheres. Cada uma delas acaba por se complementar. Quando uma refere:

“É uma pergunta bem complexa, essa. Querendo simplificar muito as coisas, diria que o feminismo é uma forma de olhar para as questões, para as dinâmicas relacionais, os problemas que centra, e que têm em comum o papel que se deve ao facto de elementos vários, entre os quais, elementos que se prendem ao género, mas não apenas ao género. Portanto, é um olhar que pretende ser o mais possível interseccional e ter em conta os vários marcadores, dentro dos quais o do género, e como esses diferentes marcadores acabam por influenciar as dinâmicas sociais, as relações de poder, as posições das mulheres, mas não apenas as mulheres, dentro da sociedade. Não sendo a definição única do feminismo, ou seja, muitas vezes, tanto na pesquisa, quanto no ativismo, esse olhar acaba por ser enfatizado como se fosse uma coisa única do feminismo. Portanto, tanto dentro dos movimentos de ativistas/feministas, quanto dentro da pesquisa feminista, é sempre preciso ter em conta que não é um olhar específico, único do feminismo, mas sim, claro, os movimentos feministas tiveram e em muitos contextos ainda têm um papel fundamental para reconhecer essa perspectiva, na análise e na intervenção” (ED).

Destacando assim que o feminismo deve ser o mais interseccional possível, ou seja, deve agregar todas as pessoas, independentemente das origens, características, orientação sexual ou escolhas de vida. Outra entrevistada destaca a segregação da teorização do feminismo com a prática do mesmo, quando refere:

“Ora, significa em primeiro lugar identificar as desigualdades que há entre homens e mulheres, nomeadamente nas leis e na vida, porque muito embora algumas questões de lei já não tenham propriamente distinção, a verdade é que a sua aplicação não é igual à sua teorização. Ao mesmo tempo significa ser ativista contra esta discriminação, ou seja, defender os direitos das mulheres em serem tratadas na lei e na vida de igual maneira, sem qualquer tipo de discriminações, sem qualquer tipo de violências, e contribuir de alguma maneira, na minha vida, para denunciar essas discriminações e, ao mesmo tempo, para as colmatar e para terminar com elas” (EE).

A Entrevistada F destaca a importância do feminismo e do ativismo não começar e acabar nas sedes de cada organização, sendo este um trabalho constante, de construção e desconstrução, dizendo:

“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspectiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista, na verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem de ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse

combate diário, para mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem” (EF).

Para colmatar tudo aquilo que as restantes mencionaram, a entrevistada G, considera o percurso de vida como um fator importante na influência que o feminismo terá para cada pessoa, como quando diz:

“Bom, isso é uma pergunta muito difícil, porque depende muito do percurso de vida, da ligação, mas o ser feminista, para mim, tornou-se um projeto de vida, que tem a ver precisamente com o combate às desigualdades, nomeadamente as questões da desigualdade de género, mas eu alargo a questão da desigualdade para a questão da justiça social, para a discriminação de todas as formas de opressão, para mim, ser feminista é isso. É contribuir para combater todas as formas de opressão” (EG).

De um modo sintético, todas concordam com a complexidade do feminismo, não sendo possível descrevê-lo com uma simples definição. No que diz respeito ao segundo ponto, a ‘inclusão do feminismo’, este não é um ponto de concordância entre todas, visto que apenas cinco entrevistadas consideram o feminismo inclusivo, referindo o seguinte uma delas:

“Sim! Se não for, se não estiver a ser, não é feminista, não é feminismo. Ou seja, se o feminismo não é um movimento político que luta pelo fim da opressão da mulher, mas é como te estou a dizer, ele não se esgota só aí, porque tu nunca és só mulher. Tu és mulher, e podes ser uma mulher negra, és mulher e podes ser uma mulher com diversidade funcional ou deficiência, podes ser uma mulher lésbica ou trans, ou seja, tu tens, na tua existência quotidiana, vais somando ou diminuindo uma data de opressões, que se vão somando à tua identidade e à tua existência. E se o feminismo quer mudar, ao contrário de incluir as mulheres na sua existência total, porque não existe o arquétipo da mulher, há as mulheres. Nós somos múltiplas, somos diversas, até há mulheres de bigode, vê lá, e até há mulheres que têm pênis. Ou seja, se não for, se nós não estivermos dispostas, enquanto feministas a abraçar esta gente toda, então não somos feministas, somos outra coisa qualquer. Porque ser feminista é uma política continuada de inclusão, sempre” (EF).

Realçando a importância da interseccionalidade dentro do feminismo, de forma a torná-lo inclusivo. As restantes duas não partilham da mesma opinião, uma vez que

“Depende sempre dos feminismos. O feminismo não é um movimento único, unitário e homogêneo, inclusive, dentro dos mesmos países. E, infelizmente, a prática da inclusão, muitas vezes não faz parte do feminismo, ou dos feminismos, presentes, de que temos uma experiência concreta. Portanto, ser feministas, não quer dizer necessariamente ser inclusivas, nas análises e nas intervenções, infelizmente” (ED).

Ou seja, não é possível simplificar algo que é tão complexo como o feminismo. Mesmo dentro de um país, é possível encontrar ‘feminismos’ que possuam objetivos diferentes. A entrevistada E refere a ramificação presente desde a origem do feminismo. Desde os primeiros movimentos feministas, estes sempre tiveram como objetivo principal a igualdade de direitos entre homens e mulheres, estando as mulheres como a origem das reivindicações. No entanto, ao longo da



história, cada feminismo reivindicou por determinados setores da vida das mulheres, tornando-o assim, heterogeneizado. Quando a mesma refere:

“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outros que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente [...]. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente” (EE).

Destacando o movimento ao qual pertence, o MDM, que tem como base inspiradora o marxismo e a posição da mulher enquanto mulher trabalhadora, assim como as desigualdades que as mulheres encontraram e encontram no capitalismo. Apesar de possuírem reivindicações diferentes, algumas concordam com a continuidade da luta feminista, como algo inacabado. Quando uma refere: “assim arranjou-se um termo que engloba os direitos das mulheres, que engloba as nossas lutas já de há muito tempo, e que vão continuar, infelizmente, no futuro, porque a experiência e a minha perspectiva é que isto ainda não acabou e ainda tem muito para se fazer, inclusive” (EC).

Tendo como complemento,

“[...] a minha luta não é só pela igualdade de género, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de género, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis, é uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às *Black Panthers*, etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e quotidiana. E é no nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for, é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café” (EF).

Chamando assim a atenção para as micro e macro opressões decorrentes no dia a dia, e para o combate às mesmas em prol da liberdade de cada mulher, remete para uma expressão conhecida, “Luta contínua<sup>237</sup>”.

---

<sup>237</sup> Tendo sido esta originalmente utilizada como “a luta contínua” por Eduardo Mondlane, num grito para “derrotar um inimigo interno cada vez mais onipresente”, naquela que foi a Frente de Libertação de Moçambique, resultante da sua independência, a 25 de junho de 1975 (Farré, 2015: 54; Mesenes, 2020). Também em Itália, como “Lotta Continua” representava uma organização revolucionária de extrema-esquerda, originalmente

Em suma, é possível ver a pluralidade existente no feminismo, mesmo dentro do mesmo movimento. O princípio da inclusão não é unânime entre as entrevistadas dentro do feminismo, assim como a sua definição. Encontrando assim, diversas linhas de pensamento, conscientes de que, embora a luta feminista seja antiga, esta não é finita. Havendo ainda muito trabalho pela frente.

## 1. A deficiência enquanto questão fraturante no seio da sociedade

Neste ponto serão desenvolvidos temas como a sexualidade na deficiência, a invisibilidade da mesma por parte da sociedade, principalmente na família e nos profissionais de saúde, assim como a desinibição resultante da *Trissomia 21*, o puritanismo nas demonstrações de afeto em público, o risco de coação nas pessoas com uma deficiência cognitiva e os serviços sexuais na deficiência.

Como é sabido, ainda que muitas pessoas com deficiência tenham a possibilidade de serem acompanhadas por uma forte rede de apoio em diversos setores, quer por parte de associações, de instituições, quer por parte da família, estas ficam limitadas àquele meio e a questão da sexualidade fica, muitas vezes, em suspenso. No entanto, tendo em conta a limitação no que toca às interações sociais,

“porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca” (EE).

Como tal, “claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita os seus direitos” (EE). Ainda que o “mundo das pessoas com deficiência seja uma coisa muito invisibilizada” (EE), principalmente no que concerne à sexualidade. Ainda assim, a Entrevistada E considera existir, em Portugal, um

“movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações. A associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas”.

---

“criada entre 1968 e 1969 por uma divisão no movimento estudantil-trabalhador de Turim e da organização Potere Operaio de Pisa; junto com os grupos Avanguardia Operaia e Pdup-Manifesto”. Caracterizou-se por vários eventos e estiveram envolvidos em diversos ‘radicalismos’ (como foi o assassinato de Calabresi). Ficou conhecida como sendo uma das “três organizações mais importantes da esquerda revolucionária italiana” (Strippoli, 2014:301). Em Portugal, terminava o processo revolucionário iniciado em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, esta foi também uma expressão ouvida (Strippoli, 2014). Ou seja, ainda que mude o idioma, no final das contas, representa o mesmo, a continuidade de uma luta inacabada.

Sendo importante

“ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, sequer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem em *TedTalks*” (EE).

Todavia não é suficiente, porque se ouvem “perguntas estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, ‘ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções?’, por exemplo, um homem, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação” (EE). Ou seja, a sexualidade continua a ser uma “das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência” (EE). No entanto, “talvez, se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com Trissomia 21, que é um grupo até muito alargado e bastante visível” (EE). Tendo os mesmos conquistado um terreno que também lhes pertence, de visibilidade e, parece ter sido ultrapassado o preconceito que muitas pessoas tinham, uma vez que

“durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com Trissomia 21, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa” (EE).

Com uma certa desinibição sexual, na forma como

“eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo ‘ai, isto não é para a rua’” (EE).

Com base na experiência da mesma, conta que o contacto que foi tendo com pessoas com *Trissomia 21*, nas viagens de autocarro, por exemplo,

“notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à vontade que acho que até me faz pensar ‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’, e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a Trissomia 21, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente” (EE).

Com um certo puritanismo autoimposto, alargado aos restantes membros da sociedade, que, aparentemente, este grupo de pessoas não é suscetível. O que demonstra o quanto temos a aprender, crescer e evoluir, enquanto seres humanos. Ainda que estes indivíduos aparentem ter um senso de liberdade muito mais amplo, e de se exprimirem sem qualquer pudor, algumas

entrevistadas destacam os perigos de coação existentes nas patologias de foro cognitivo. Relativamente às pessoas com deficiência cognitiva, o risco de coação<sup>238</sup> pode ser maior, uma vez que “há muitas pessoas com problemas de cognição que são prostituídas sem saber que o estão a ser” (EC), e mesmo em termos de relacionamento, uma pessoa “que não é detentora das suas faculdades intelectuais, tu podes pensar ‘eu posso estar a coagir’ ou seja, ela não ter a clareza que, de facto, aquilo é o que ela quer” (EF). Existindo sempre o receio de estar a ‘forçar’ a pessoa a algo. Algo, aparentemente, bastante usual, como conta uma das entrevistadas,

“tenho uma prima que trabalhava num instituto de crianças órfãs, e ela tinha algumas alunas que tinham patologias intelectuais, e os pais as abandonaram, e muitas delas, fisicamente até eram disponíveis, mas a patologia delas era intelectual, elas acabaram todas grávidas aos 15 anos, aos 16, porque, percebes? Porque acabavam por ser seduzidas, muitas vezes até não sabiam bem com quem. Pode haver um aproveitamento” (EF),

Em outras palavras, existem casos reais, onde, de facto, há um aproveitamento, e do ponto de vista das necessidades das pessoas com deficiência cognitiva, levanta diversas questões; entre elas, a segurança, as limitações, as necessidades que não são atendidas e os relacionamentos.

Relativamente às necessidades não atendidas,

“eles têm capacidade para tudo, menos para o desejo e para a questão da sexualidade. E realmente, não é uma coisa que seja muito explorada, pelo menos, enquanto eu trabalhei quer a nível escolar, quer a nível de casa de saúde, não é um assunto que era muito explorado, porque, realmente, iria ferir suscetibilidades, quer dos funcionários, quer dos próprios familiares dos utentes” (EC).

Encontram-se aqui diversos problemas, além da desvalorização da sexualidade nas pessoas com deficiência, existe também uma falta de ‘à-vontade’ para se falar sobre a questão; quer por parte dos familiares, quer por parte dos funcionários. No entanto, como recorda uma das entrevistadas,

“Não era que eles não precisassem, que até me estou a recordar de uma utente em particular, que ela quase que raptava os rapazes na casa de banho para os violar, quase. Porque ela tinha aquele desejo, tinha de suprimir aquele desejo e não sabia como, nem sabia porquê. E era uma jovem, com quase a minha idade, quase 30. Aquilo não era abordado, porque simplesmente era um comportamento, lá esta, como se falava há bocadinho, era uma castração, ‘tu não podes ter este tipo de comportamento’, e cognitivamente, ela ainda não tem capacidade de perceber porque não o deve ter. O corpo pede, ela sente o desejo ‘porque é que eu não posso?’. E isto, claramente, há o preconceito, há o estigma e há também, eu acho, muito receio por parte dos próprios técnicos, das próprias instituições em lidar com estas situações” (EC).

---

<sup>238</sup> Ainda que, como refere Dantas, Silva & Carvalho, (2014:557) “quando mulheres/homens com deficiência assumem a sua vida sexual, geralmente as pessoas reagem com surpresa ou medo, uma vez que, principalmente mulheres com deficiência, são vistas como pessoas fragilizadas, sendo julgadas com abusadas sexualmente mesmo quando o sexo é desejado e consentido”.

O desejo e a vontade estão lá, mas eles não têm as ferramentas, nem sabem como lidar com a situação, e por falta de informação e apoio por parte da rede – que deveria ser de apoio, acontecem situações como aquela que a Entrevistada C descreveu.

Conscientes do problema, da ausência de meios para fazer face às desigualdades decorrentes da deficiência, parece ser coerente entre algumas das entrevistadas (EA, EB, EC, EE, EF) a falha por parte da família, das escolas, das associações e principalmente dos profissionais e técnicos de saúde, no que diz respeito à visão sobre a sexualidade. Não se remetendo apenas a estes, como a toda a sociedade, e a uma coerência por parte de todas as entrevistadas, onde a “a parte sexual e deficiência, não combina” (EB), que “que liga a parte da deficiência e acham que não funciona” (EC), e graças sobretudo a esse “desconhecimento” (EE),

“na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, ‘não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa’, acho que isso acontece muito” (EF).

Inclusive,

“quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio” (EG).

A isto agrega-se uma série de questões,

“quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, porque gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer” (EG),

e este direito é-lhes muitas vezes negligenciado. Resultado de um desconhecimento, uma infantilização associada à deficiência, como se fosse uma “‘eterna criança’ que precisa de cuidados, mesmo quando está na fase adulta” (Dantas, Silva & Carvalho, 2014:556) e numa exclusão da orientação sexual quando se pensa em pessoas com deficiência.

No que diz respeito aos serviços sexuais na deficiência, quando estes têm a possibilidade de o fazer, ou melhor dizendo, na melhor forma das pessoas com deficiência puderem usufruir e explorar a sua sexualidade, são remetidos, muitas vezes a “enfermeiras e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer” (EF), atividades que vão, além das suas funções. Como partilha uma das entrevistadas, onde faz referência a uma prima

enfermeira, “ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora<sup>239</sup>, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar” (EF). Ou seja, a entrevistada reconhece o quão desconfortável pode ser para uma enfermeira ou cuidadora, principalmente estas últimas – que em alguns casos são “mães e tias. Não é trabalho para a mamã, porque por ser a mãe a fazer isso, não é confortável nem para a mãe, nem para o próprio. Não há prazer, quer dizer é a mãe, é quase uma violação” (EF). Considerando que “eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras poderem exercer a sua profissão” (EF), e “se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena” (EF), evitando-se assim qualquer tipo de desconforto tanto para o beneficiário, quanto para a pessoa que está a prestar o serviço. Ou seja, numa ótica onde o trabalho sexual fosse regulamentado, e embora se saiba que existem clientes com deficiência na prostituição, o facto de a mesma estar regulamentada iria evitar que enfermeiras e/ou cuidadoras informais – muitas delas mães, tivessem de fazer algo que vai muito além daquilo que é esperado da profissão das mesmas, porque, e como conta a entrevistada mencionada acima, as enfermeiras

“muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena” (EF).

Diante disso, a realidade é que a possibilidade para estes indivíduos se reduz nas enfermeiras e cuidadoras informais, não estando estas, em muitos casos, à vontade, nem possuem os conhecimentos necessários para irem ao encontro das necessidades dos mesmos.

No entanto, é notório o apoio necessário na sexualidade na deficiência, até porque

“não se ensina as pessoas com deficiência a explorar o seu próprio corpo, e o que é isto da masturbação. E muitas vezes, se calhar, também se magoam por causa disto, porque também não encaram a pessoa com algumas limitações, se calhar, como uma pessoa num todo. Portanto, o princípio está de todo errado logo à partida” (EB).

Visto que,

“se calhar, se já tivessem este à-vontade de: ‘eu com o meu próprio corpo, posso obter prazer’, era logo um ótimo princípio. Quer dizer, por eles próprios já tinham prazer, depois na relação com outro, com convívios promovidos pela comunidade, com a supervisão, claro, obviamente que, se consigo próprio consegue ter prazer, a dois, o prazer é, enfim, é a dobrar” (EB).

---

<sup>239</sup> Além do desconforto que poderá ser para um parente próximo e para o mesmo, Dantas, Silva & Carvalho (2014:557) citando Mertens et al. (2012), destacam que “pessoas com deficiência estão vulneráveis ao abuso sexual, e que isto geralmente ocorre entre pessoas próximas, como professores/as, cuidadores/as, intérpretes, pais e parentes”. Levantando uma série de questões, como a dificuldade dos mesmos em reconhecer e apontar sinais de abuso, o medo de fazer queixa, por receio de perder o apoio prestado, assim como, quando “a pessoa com deficiência fala que foi abusada sexualmente, muitas vezes, as pessoas acham que ela esta enganada ou que interpretou errado” (Mertens et al., 2012 *apud* Dantas, Silva & Carvalho 2014:557). Ainda que não tenha sido uma questão levantada pelas entrevistadas, é algo importante a ser destacado.

Contudo, antes mesmo desses contactos, seria importante capacitar estas pessoas com conhecimento, de forma a evitar a utilização de objetos perigosos, visto que “o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal” (EC), de forma, inclusive a prepará-los para potenciais encontros. Porém, ainda que a regulamentação do trabalho sexual, enquanto ferramenta para auxiliar, pudesse ser uma solução, esta opinião não é unânime entre todas as entrevistadas, como será possível ver.

Entre a infantilização, o cuidado absoluto, o ‘não se fala sobre o tema, como se ele não existisse’, assim vai sendo a sexualidade na deficiência, algo ignorado e invisibilizado pela sociedade, restando a conquista de uma maior liberdade na autoexpressão das pessoas com *Trissomia 21*.

## 2. Propostas para uma agenda desestigmatizante: perspetivas feministas

O conhecimento quanto às desigualdades presentes na deficiência são de conhecimento de todas as entrevistadas, e no decorrer das entrevistas as mesmas foram apresentando algumas medidas que seriam interessantes implementar em Portugal, com base na finalidade de conferir um maior acesso às pessoas com deficiência usufruírem da sua sexualidade em pleno. Em vista disso, neste ponto, podendo estas serem consideradas propostas a longo prazo, falar-se-á da educação sexual, através de programas multidisciplinares, de forma a informar, sensibilizar e educar as novas gerações para uma sexualidade mais ampla e mais integrativa, o desmistificar da assexualidade, assim como um maior acompanhamento por parte dos profissionais de saúde, nomeadamente de sexólogos.

De todas as potenciais propostas a implementar, uma proposta que parece ser coerente entre a maioria das entrevistadas (EA; EB; EC; EE) consiste numa educação sexual, em casa e nas escolas. Como se tem vindo a perceber, a educação sexual é – ou deveria ser, um pilar base na educação de todas as crianças e jovens, em prol de um futuro mais seguro e mais aberto sexualmente. Ainda que a educação sexual seja fundamental na escola, esta deve também ser acompanhada em casa, como uma das entrevistadas refere

“muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento normal exploratório” (EB).

Em outras palavras, a entrevistada reconhece e entende que uma criança começa a conhecer-se – mesmo sem saber ao certo em que consiste esse conhecimento, desde tenra idade, e quando

o faz, o comportamento correto por parte dos pais, não é na base da repressão, mas sim, explicando que o poderá fazer, mas sempre na privacidade do seu quarto. No entanto, é notório por parte da própria entrevistada o desconforto em falar sobre o tema, quando menciona a confidencialidade que a assegura. Este 'autodescobrimento' começa em criança, e se não for bem acompanhado por parte dos pais, "chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação" (EB), quando vemos e sabemos que "para os rapazes, isto é muito mais validado" (EB). Portanto, esta mudança de paradigma "começa nos pais, nas mães e nos cuidadores, na maneira como expõe isto à criança" (EB). Com um bom acompanhamento em casa, seria desejável um bom complemento na escola. No entanto, estudos em volta da temática, mostram um certo receio por parte dos pais em abordarem a questão da sexualidade e da educação sexual,

"pelo valor atribuído à sexualidade, por acreditarem que os filhos são 'seres assexuados', por considerarem que o diálogo antecipa a prática sexual e por se sentirem despreparados e tímidos em tratar do assunto oriundo da deseducação sexual na qual foram vítimas" (Gonçalves, Faleiro & Malafaia, 2013:251).

Contudo, estas falhas, resultam em situações em problemas maiores no futuro. Ou seja, é clara a urgência em falar-se sobre estas temáticas com mais naturalidade e a importância da educação sexual nas escolas, não só para os jovens, mas,

"para todos nós, e é algo que não existe, mas que podia conter um programa de sensibilização e uma formação que incluísse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente, toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente" (EE).

Até mesmo a sexualidade nas pessoas com deficiência,

"não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identificações de identidade de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações" (EE).

Onde os professores se propusessem a tal, porque

"os próprios professores, atenção, eu trabalhei numa escola tinha para aí 7/8 turmas de 9º ano, e fizemos isto a duas ou três, porque os próprios professores falavam 'ai, mas isto não é preciso, isto não é para a nossa aula', e nós tentávamos fazer em aulas de ciências, por exemplo, ou em aulas de biologia, que era para pronto, fazer sentido, e os próprios professores são os primeiros a cortar as asas" (EC).



No caso dos professores que não se sentissem ‘à vontade’ para abordar estas questões, seria interessante

“ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos. Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos capazes” (EE).

Um bom começo seria apostar em programas multidisciplinares de educação sexual, de forma a desmistificar aquilo que se aprendeu até então, no que concerne à sexualidade, contando com diversas participações, até mesmo para que fosse amplamente abordada e com realidades diferentes – normalizando a assexualidade, por exemplo, em vez de a remeter às pessoas com deficiência, de forma a promover uma maior sensibilização e uma maior inclusão. Uma vez que,

“uma educação sexual adequada deveria fornecer informações e organizar um espaço onde se realizariam reflexões e questionamentos sobre a sexualidade. Deveria esclarecer sobre os mecanismos sutis de repressão sexual a que estamos submetidos e sobre a condição histórico-social em que a sexualidade se desenvolve. Deveria também ajudar as pessoas a ter uma visão positiva da sexualidade, a desenvolver uma comunicação mais clara nas relações interpessoais, a elaborar seus próprios valores a partir de um pensamento crítico, a compreender melhor seus comportamentos e o dos outros e a tomar decisões responsáveis a respeito de sua vida sexual” (Maia & Ribeiro, 2011:79).

Uma vez que as crianças e a escola consistem no pilar da mudança, e uma “maior aproximação entre pais, filhos e escolas mostra-se como importante estratégia e ser adotada, assim como o estímulo a debates nas instituições educacionais, consideradas espaços privilegiados para a aprendizagem e realização de reflexões de temas socialmente relevantes” (Gonçalves, Faleiro & Malafaia, 2013:251). Além da importância de se falar da sexualidade, é também imprescindível abordar a questão da assexualidade, para que a mesma não continue, em muito casos, como já foi possível constatar, a ser remetida à deficiência. Como tal, educação sexual nas escolas,

“deve fundamentar-se em uma concepção pluralista da sexualidade, ou seja, no reconhecimento da multiplicidade de comportamentos sexuais e de valores a eles associados. É preciso considerar cada indivíduo em sua singularidade e inserção cultural, e partir da ideia que não há uma verdade absoluta sobre as concepções, atitudes e práticas de como viver a sexualidade” (Maia & Ribeiro, 2011:78-79).

Ainda que a sexualidade deva ser um direito, é errado dizer-se que é uma necessidade de todos os seres humanos, porque “socialmente, temos a tendência de marcar a questão da sexualidade como uma parte importante para a qualidade de vida, para o bem-estar, para as relações sociais, mas não tem que ser determinado” (EG). Até porque a “sobrevalorização em

relação à sexualidade, ou atividade sexual, é um domínio muito importante, e pode ser muito importante na vida de muitas pessoas, mas também, cada pessoa entende para si aquilo que fizer sentido para si” (EG). Não descorando a “questão da assexualidade, e a questão das pessoas assexuais, que podem ter desejo, obviamente, podem ter amor romântico, e não ter atração sexual, ou muito diversa, e isso não ser uma questão ou um problema” (EG). Sintetizando “o que importa, e mais uma vez reforço, é o que para as pessoas faz sentido” (EG), dando as ferramentas que as pessoas possam precisar, permitindo-lhes o livre arbítrio de fazer com elas o que bem entenderem.

Além de ser imprescindível enquanto sociedade, um forte apoio na educação sexual, para que seja (idealmente) possível tornar o ser humano em indivíduos mais integrativos, igualitários e menos preconceituosos e estigmatizantes, uma das entrevistada considera tratar-se, também, de uma medida importante, um forte apoio por parte dos profissionais de saúde, no que diz respeito às pessoas com deficiência. Isto é, para agregar ao que já foi referido, considera que o trabalho dos “sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o ‘véu do preconceito’, de falar disto” (EE), de forma a normalizar estas e outras questões. Apostando em

“consultas de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, ‘vou tentar fazer’, acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual” (EE).

Ou seja, no fundo, uma maior envolvência entre as partes envolvidas, nomeadamente, os profissionais de saúde na área da sexualidade e as pessoas com deficiência. Todas estas propostas, a mudança de paradigma quanto à sexualidade, através de programas multidisciplinares nas escolas, bons acompanhamentos em casa, e uma maior envolvência por parte de sexólogos, assistentes sociais e outras áreas relevantes, demonstram ser ótimas propostas a serem implementadas. No entanto, é sabido que se trata de propostas morosas e que, como tal, terão efeito ainda mais tardios, e ainda que sejam importantes, possivelmente não serão suficientes.

Visto que, enquanto sociedade, ainda não estamos preparados para desmistificar radicalmente estas questões, porém, deve continuar a ser feito um trabalho coeso quanto ao mesmo, a fim de chegarmos a uma sociedade mais livre sexualmente e inclusiva; com a implantação de projetos de educação sexual para que a criança ou o jovem de hoje, e adulto de

amanhã, tenha uma vida mais integrada, saudável, e com um maior conhecimento do próprio corpo, tal como uma maior aceitação e ‘normalização’ da diversidade que nos compõe.

Rigorosamente falando, uma boa aposta em programas escolares mais elucidativos e de forma a mudar a mentalidade da sociedade, trata-se de propostas que teriam os seus resultados a longo prazo, ou seja, não iriam colmatar, nem ir ao encontro das necessidades sexuais da pessoa/as com deficiência na atualidade. Assim sendo, e embora não seja, da opinião de todas as entrevistadas, a regulamentação da prostituição e a criação de uma assistência sexual, são algumas sugestões, no imediato, apresentadas pelas entrevistadas.

Antes mesmo de abordar a assistência sexual, é importante perceber o leva até ela e da sua relevância. Como tem vindo a ser referido, a sexualidade, é uma parte importante para uma série de indivíduos, devendo, inclusive, ser um direito que permitisse a todos aqueles que quisessem explorar a mesma, o pudessem fazer. Como tal, neste ponto será abordada a assistência sexual, em primeiro lugar, o conhecimento ou desconhecimento quanto a esta ferramenta, assim como o posicionamento das ativistas e feministas entrevistadas quanto à possibilidade da figura do assistente sexual; passando por uma construção de propostas, de forma, a perceber se assistência sexual se poderá considerar uma ferramenta útil para ir ao encontro das necessidades de quem delas carece.

Das sete entrevistadas, apenas três tinham conhecimento da existência da assistência sexual (EE, ED e EG). Ainda que destas três, apenas uma conheça (ED) a fundo a questão. Uma vez que “como pesquisadora e investigadora, trabalhando nos temas que se prendem com a sexualidade, portanto, quer dizer, faz parte das questões que tanto enquanto pesquisadora, quanto ativista me interessam” (ED); enquanto outra narra,

“eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência” (EE).

Tendo a última ganhado familiaridade com o tema, devido a uma tese de mestrado, que aborda a questão da assistência sexual, “é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular” (EG). Se por questões profissionais ou por interesse pessoal, as três entrevistadas estavam minimamente a par da existência desta profissão noutros países. Relativamente às restantes, embora não conhecessem este tipo de assistência, três delas no decorrer das entrevistas acabaram por descrevê-la, mesmo sem saberem, como bem referiu uma das mesmas

em tom de brincadeira “estávamos a dar a definição de assistente sexual e nem sabíamos. Estamos muito à frente” (EC). Uma vez que lhes foi explicado em que consistia, teoricamente a assistência sexual, assim como os países onde a mesma é uma realidade presente.

As entrevistadas que concordaram com a regulamentação do trabalho sexual, são as mesmas que consideram a assistência sexual, imprescindível para ir ao encontro das necessidades de quem a ela recorreria. Assim sendo, a única entrevistada que não concordou foi a Entrevistada E, por considerar “um grau de especialização da prostituição” (EE) e, portanto, não concorda “com um quadro de legalização do lenocínio” (EE), partindo de uma ideia onde existisse uma organização que agilizasse o contacto entre o assistente sexual e o beneficiário. Nesta similitude entre a prostituição e a assistência sexual,

“compreendo as diferenças e as necessidades diferentes, mas a verdade é que passa muito pelo mesmo caminho, e, de facto, não. Não concordando com um, torna-se difícil, porque quer dizer, se não concordo que se venda a sexualidade, no fundo, quer dizer, o assistente sexual acaba por vender um pouco da sua sexualidade, também. Nem que seja porque vai explicar, vai tocar, vai fazer, e, portanto, torna-se difícil defender uma, sendo contra a outra” (EE),

mesmo reconhecendo que existem diferenças entre ambas. Ao contrário das restantes entrevistadas que

“se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais” (EF).

Até porque,

“possivelmente cada vez mais vamos caminhar para este sentido, porque a nossa sociedade está a ser cada vez mais avassaladora em termos de pessoas com problemas mentais, com doenças mentais, e eu juro que o futuro vai passar por aí, portanto, isto, seria uma pessoa, com as suas técnicas todas, não é? Como eu costumo dizer na linguagem corrente ‘com os seus truques todos’, a ajudar outras como tamanha necessidade” (EA).

Complementando que,

“Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem de ter instrumentos, tem de ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir?” (EA).

E para colmatar o que referiram as entrevistadas anteriores, uma entrevistada considera a “criação um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente” (EG). Como tal, o passo que se deveria seguir, segundo as entrevistadas, antes de um possível reconhecimento,

“primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual” (EG).

Uma vez que “as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse, um passo muito importante para trabalhar” (EG). Sempre em consonância com

“a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios” (EG).

Posto isto, “ter um quadro legal que prevê a figura do ou da assistente sexual, pode facilitar políticas, ações de formação, etc. E até contribuir para um câmbio fundamental na mentalidade e na forma de pensar no assunto” (ED). Para tal, teria de se passar por uma regulamentação, e segundo uma das entrevistadas

“vai haver sempre fugas ao modelo, claro, mas pelo menos há modelo, é como o nosso sistema, há fugas ao sistema, que nós sabemos, mas pronto, mas nós estamos no sistema, nós fazemos parte se nós não queremos fazer parte vamos para, enfim, vamos para as tribos, vamos não sei, e não fazemos parte. Estamos aqui, fazemos parte, pronto” (EB).

Considerando a existência posterior de uma associação profissional, em resposta à colega “tu pertences a uma associação de psicólogos” (EA), “exatamente, também há uma ordem” (EB), visto que “esses serviços dão dignidade à profissão” (EA). Na opinião de uma das entrevistadas, a assistência sexual, assim que fosse devidamente regulamentada, deveria ser exclusiva ao Estado, ou seja,

“há direitos que devem ser gratuitos e para mim, a sexualidade é um direito, não tem de ser um luxo, não tem de ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos de começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação” (EF).

Assim sendo

“tu não tens de pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo [...]. Estas pessoas, estes assistentes têm de ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto” (EF).

De forma a garantir que todos aqueles que necessitassem, tivessem acesso ao mesmo, independentemente da condição financeira, tornando os assistentes sexuais como funcionários públicos. Ainda que nenhuma das entrevistadas tenha referido valores, no que diz respeito ao assistente, ou entidade responsável pelo pagamento, a entrevistada supra, sugere que o pagamento fosse assegurado pelo Estado, referindo que

“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria de ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria de ser pago pelo Estado” (EF).

Ficando os clientes sem a obrigação de efetuar um pagamento, visto que o mesmo seria garantido pelo Estado, uma vez que se trata de uma assistência “e sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é a pessoa que requer o serviço, é o Estado que paga” (EF). Além desta formulação, durante a entrevista, a Entrevistada C, antes de ouvir falar da assistência sexual e da plataforma já referida no decorrer da fundamentação teórica, consignou o seguinte: “devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para toda a gente” (EC). Inclusive, a mesma continua,

“uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: ‘eu nunca vou fazer aquelas cambalhotas’. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá” (EC).

Sugerindo a criação de uma plataforma, uma aplicação, ou até pornografia mais realista e ajustada às pessoas com deficiência. No fundo, sugeriu uma plataforma que fosse um meio de facilitar o acesso dos mesmos a sua sexualidade. Quando se encontraram a par da existência da assistência sexual e da plataforma EPSEAS, uma das entrevistadas referiu que a existência de um mediador, um supervisor, no fundo, é como nas restantes profissões, e é assim que deveria ser, porque “nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso” (EB). Complementando, quando refletiu sobre a questão,

“eu estava agora a lembrar-me, a questão da plataforma, eu percebo a questão do mediador, é como se fosse um chulo, entre aspas, é uma palavra feia, mas é isto, mas acaba por, se esta plataforma em decreto-lei imaginemos é tida como mediador, mas também como a forma de

supervisionar, de assegurar um trabalho sério, pode não ser visto, não é, como isto. É, não sei, mas é muito interessante, esta ideia e faz sentido” (EB).

Além destas propostas, outra entrevistada considera imprescindível analisar e “pegarmos em alguns exemplos daquilo que são noutros países, que têm tido sucesso, digamos assim. Pegar então nessas referências” (EG), onde já existe a assistência sexual, de forma a tornar possível a criação do estatuto de assistente sexual, tornando-se a mesma “uma das medidas” (ED). Contudo, antes mesmo da implantação da mesma, uma vez que não será algo, à partida fácil, seria importante “auscultar as pessoas com diversidade funcional, e quem pudesse prestar assistência sexual. Ou seja, é importante envolver as pessoas, diretamente implicadas, na construção de leis” (EG), como complementa outra entrevistada,

“uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade, portanto estou a referir-me a pessoas com incapacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil inclusive, organizações feministas” (ED).

Assim como ouvir as pessoas “envolvidas em trocas sexo-afetivas, tenham voluntários, estejam disponíveis e interessados em trabalho de assistência sexual” (ED). De forma a perceber o que pensam sobre o tema, se estariam interessados em ser assistentes sexuais, e se o fariam de forma voluntária ou financiada, para que fosse possível uma potencial formação dos mesmos. Mantendo esta ideia sempre presente de que

“é uma profissão que tem que ter reconhecimento igual de direitos, tem que ter reconhecimento igual no que toca à proteção legal, um reconhecimento igual em relação ao conjunto de outros domínios, por isso é que é importante perceber uma especificidade deste tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo, também reconhecer que é um trabalho legítimo e que por isso tem de ter direito a ter as suas condições acauteladas” (EG).

Partindo de um meio onde fosse possível analisar a existência deste tipo de assistência, em outros países, de forma a perceber o que resultou, o que falhou e que se poderá melhorar, para que se possa aplicar um melhor modelo em Portugal, mantendo sempre a livre vontade daqueles que quisessem fazer parte do mesmo.

Ainda que exista a tendência a se comparar a assistência sexual com a prostituição, como foi feito por uma das entrevistadas (EE) existem muitos critérios que as separam, como foi possível ler na fundamentação teórica, ainda que nem todas as entrevistadas estejam a par, e principalmente porque, como elucida uma das entrevistadas,

“uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o género, com incapacidades. Portanto, o que pode ser, prende -se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual” (ED).

Em suma, ainda que quatro das entrevistadas não tivessem pensado sobre esta questão, nem soubessem da existência da mesma em outros países, as entrevistadas foram rápidas na formulação da mesma, no que concerne, principalmente às propostas, passando pela criação da figura do assistente sexual. Numa procura mais profunda, e através de uma nuvem de palavras (como mostra a Figura 1), resultante do número de repetições das palavras (Quadro 6 , disponível em anexo<sup>240</sup>, pela extensão do mesmo), foi possível concluir que o mais central para as mesmas são as pessoas diretamente implicadas na ação, como é o caso das pessoas com deficiência, de maneira a perceber o que faria mais sentido para elas, os direitos e as necessidades das mesmas, a formação, a supervisão, a criação de uma plataforma, a possibilidade de fazerem parte dos assistentes sexuais, trabalhadores do sexo, assim como voluntários, o contacto e o recrutamento ser efetuado pelo Estado, através de uma bolsa, são algumas das sugestões dadas pelas entrevistadas.

**Figura 1:** Palavras mais repetidas nas entrevistas



**Fonte:** Elaboração própria

<sup>240</sup> Disponível em Anexo VIII - Contabilização das palavras utilizadas pelas entrevistadas



Sendo possível ver que, as mesmas entrevistadas que defendem a regulamentação da prostituição – pertencentes todas à UMAR (EA, EB, EC, ED, EF, EG), são as mesmas que concordam com a figura de assistência sexual, embora a UMAR não possua qualquer posicionamento quanto à assistência sexual, visto que, como refere uma das entrevistadas, “a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio” (EG), muito possivelmente algumas ativistas não estarão dentro do assunto. Ainda que, “na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos” (EF), ficando a mesma entrevistada interessada em desenvolver esta questão dentro do movimento. No que diz respeito à entrevistada (EE) que não concorda com a criação de uma assistência sexual, nem com o trabalho sexual, como intermediário entre a pessoa com deficiência e a sexualidade da mesma, embora reconheça a dificuldade dos mesmos em desfrutar de uma vida sexual em pleno, não apresentou outras alternativas, referindo tratar-se de um problema geral, a insatisfação sexual. Ainda assim, o seu posicionamento quanto ao trabalho sexual é de conhecimento público, assim como o posicionamento do MDM, representado pela Entrevistada E, que tanto quanto à prostituição, ou qualquer molde de trabalho sexual, onde exista a prestação de um serviço sexual, se assumem estritamente contra, por não considerarem o sexo um serviço.

## Conclusão

Em virtude dos fatos mencionados, e tendo em conta a coleta dos dados, nomeadamente as cinco entrevistas, com as sete entrevistadas pertencentes aos dois movimentos feministas (UMAR e MDM), conclui-se que, relativamente ao conhecimento quanto à assistência sexual, apenas três conheciam, ou já tinham ouvido falar dela, a saber: duas entrevistadas da UMAR e uma do MDM. Relativamente às restantes entrevistadas, ainda que nunca tivessem ouvido falar desta assistência, três delas acabaram por descrevê-la, sem qualquer designação, no decorrer da entrevista. Quando foram informadas sobre a existência da mesma, as quatro entrevistadas consideraram tratar-se de uma ferramenta interessante de se estudar com vista a criar-se um modelo melhorado para Portugal. Curiosamente, as cinco entrevistadas que consideram o feminismo inclusivo são a favor da figura do assistente sexual. Ainda que uma das outras duas entrevistadas concorde com a assistência sexual, não considere o feminismo inclusivo, dizendo que, pelo mesmo diferir de organização para organização, a inclusão, por vezes, é colocada de parte. A entrevistada que não considera a assistência sexual como uma forma de fazer face às desigualdades decorrentes da deficiência também considera o feminismo 'fechado', em termos de inclusão, dizendo que até é desejável que assim o seja, uma vez que existem lutas que apenas quem necessita delas deveria reivindicá-las.

Para as entrevistadas que concordam com a criação da assistência sexual, estas referem alguns pontos a considerar, visto tratar-se de uma assistência. Entre eles, a mobilização dos envolvidos, nomeadamente das pessoas com deficiência, ouvindo-as e percebendo quais são as suas necessidades; o acompanhamento por parte de sexólogos; observar e perceber o que falhou e faz sentido repetir, com base na análise de outros países, onde esta assistência existe; pensando na assistência, a possibilidade de existência de uma plataforma como meio de ligação entre o assistente e o beneficiário, tendo a mesma uma supervisão; a possibilidade da mesma ser feita pelo Estado, ficando assim, ao encargo do mesmo a remuneração. Considerando também fundamental ouvir os trabalhadores do sexo, de forma a perceber se estes estariam interessados neste tipo de assistência. Foi também reconhecida a dificuldade da criação desta assistência, devido à forma estigmatizante que o trabalho sexual é hoje visto na sociedade; assim como a forma como as pessoas com deficiência são consideradas quando o tema é a sexualidade. Como tal, seria também imprescindível romper com as ideias pré-concebidas e retrógradas quanto ao sexo enquanto um serviço. A sugestão de algumas entrevistadas passa por uma sensibilização

maior por parte dos movimentos feministas, bem como por programas escolares focados na educação sexual. Esses programas poderiam ser multidisciplinares, compostos por professores de diversas áreas, ativistas e feministas em prol de diversas causas – com o intuito de uma maior diversidade e aceitação, sejam ativistas com deficiência, transsexuais, não binários, entre tantos outros –, enfermeiros, psicólogos, entre outras áreas.

Em suma, foram estas as sugestões apresentadas pelas entrevistadas, sendo fundamental a existência de políticas inclusivas de forma que as pessoas com deficiência tenham acesso ao prazer sexual. Certamente, como vimos, uma questão difícil de abordar, ou melhor dizendo, difícil de querer abordar. No entanto, é necessário reconhecer essa necessidade para que a sociedade se torne mais inclusiva, considerando assim o direito à sexualidade como uma necessidade básica/primária e um direito constitucional.

## Bibliografia

### Livros e artigos:

- Abreu, Z. (2002). Luta das mulheres pelo direito de voto – movimento sufragista na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. *ARQUIPÉLAGO. História*. ISSN 0871-7664. 2ª série, (6), (443-469)
- Amorim, N. (2019). Prostituição na Europa: enquadramento internacional. *Divisão de Informação-Legislativa Parlamentar*, 68. Lisboa: Coleção Temas
- Araújo, J. A. & Monastérios, S. (2011). Educação, feminismo e contracultura: O pensamento de Betty Friedan. *Revista Saber Acadêmico*, 12, pp. 49-53
- Arruzza, C., Bhattacharya, T. & Fraser, N. (2019). *Feminismo para os 99% - Um manifesto* (1ª ed., E. Gomes, Trad.). Lisboa: Objectiva.
- Asís, R. (2017). ¿Es la asistencia sexual un derecho? Is sexual assistance a right? *Revista Española de Discapacidad*, 5, (7-18). doi: 10.5569/2340-5104.05.02.01>
- Bairros, L. (1995). Nossos feminismos revisitados. *Estudos Feministas*, 2 (95), 458-463
- Basmechi, F. (2017). Third and fourth wave of women's movements: are they twins?. *ResearchGate*, Acedido em [https://www.researchgate.net/publication/344150360\\_Third\\_and\\_Fourth\\_Wave\\_of\\_Women's\\_movements\\_Are\\_They\\_Twins](https://www.researchgate.net/publication/344150360_Third_and_Fourth_Wave_of_Women's_movements_Are_They_Twins)
- Bauman, Z. (2007[1991]). *Liquid times – living in an age of uncertainty*. Cambridge: Polity Press
- Beard, M. (2018). *Mulheres & poder*. um manifesto. Bertrand Editora: Lisboa
- Beauvoir, S. (1967). *O segundo sexo: II a experiência vivida* (2ª ed., Sergio Milliet, Trad.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro (Obra original publicada 1949)
- Beauvoir, S. (1970). *O segundo sexo: I fatos e mitos* (4ª ed., Sergio Milliet, Trad.). São Paulo: Difusão Europeia do Livro (Obra original publicada 1949)
- Belgisch Raadgevend Comité voor Bio-ethiek. (2017, novembro). Advies nr. 74 - betreffende seksuele bijstand voor personen met een beperking . Acedido a 19 de novembro de 2020, disponível em [https://www.health.belgium.be/sites/default/files/uploads/fields/fpshealth\\_theme\\_file/advies\\_74\\_seksuele\\_bijstand.pdf](https://www.health.belgium.be/sites/default/files/uploads/fields/fpshealth_theme_file/advies_74_seksuele_bijstand.pdf)
- Hoffmann, S. B., & Chagas, E. R. C. (1996). Corpo, sexualidade e deficiência. *Movimento*, 3, 5, Porto Alegre

- Brasseur, P. & Detuncq, P. (2014). L'assistance sexuelle: qu'est-ce à dire? Quels enjeux? *VST- vie sociale et traitements*, 3, 123, (51-56). doi: 10.3917/vst.123.0051
- Butler, J. (2017). *Problemas de género- feminismo e subversão da identidade* (1ª ed., Nuno Quintas, Trad.). Lisboa: Orfeu Negro (Obra original publicada 1990)
- Caetano, I. F. (2017). O Feminismo brasileiro: uma análise a partir das três ondas do movimento feminista e a perspectiva da interseccionalidade. *Revista do Curso de Especialização em Género e Direito*, 1, (1-24)
- Chatton, D. (2008). Assistance sexuelle, assistance au développement sexuel?, *Reliance*, v.3, n°29 (62- 65).
- Chrastina, J. & Večeřová, H. (2018). Supporting sexuality in adults with intellectual disability – a short review. *Sexuality and Disability*, (1-14)
- Collins, P. (1986). Learning from the outsider within – the sociological significance of black feminist thought. *Social Problems*. 33 (6), (14-32)
- Cova, A. (1998). *Movimento feminista em Portugal, Lisboa, 5 e 6 de dezembro* (1-106). Lisboa: UMAR
- Dantas, T. C., Silva, J. S. S. & Carvalho, M. E.P. (2014). Entrelace entre género, sexualidade e deficiência: uma história feminina de rupturas e empoderamento. *Revista brasileira de educação especial*. 20 (4). doi: 10.1590/S1413-65382014000400007
- Duarte, A. (2008). A Terceira mulher permanência e revolução no feminino. *Social Psychology*, 1-8. Acedido em [https://www.researchgate.net/publication/342277287\\_a\\_terceira\\_mulher\\_permanencia\\_e\\_revolucao\\_no\\_feminino](https://www.researchgate.net/publication/342277287_a_terceira_mulher_permanencia_e_revolucao_no_feminino)
- Duarte, C. (2002). Nisia Floresta Brasileira Augusta: pioneira do feminismo brasileiro – Séc. XIX. *Mulheres e Literatura*, 32, (1-5)
- Engels, F. (1984). *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. (9ª ed., Nélcio Schneider, Trad.). Brasil: Boitempo Editorial (Obra original publicada em 1884)
- Étienne, J, Bloess, F., Noreck, J. & Roux, J. (2008). *Dicionário de Sociologia - As noções, os mecanismos e os autores*. Lisboa: Plátano Editora
- Flores, B. & Trevizan, S. (2015). Ecofeminismo e comunidade sustentável. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 23 (1), (11-34)
- Friedan, B. (2020). *A mística feminina* (1ª ed., Carla Bitelli e Flávia Yacunbian, Trad.). (Cap. 1, pp. 17-31). Rio de Janeiro: Rosa dos tempos (Obra original publicada 1963)

- Fritsch, K., Heynen, R., Ross, A. & Meulen, E. (2016). Disability and sex work: developing affinities through decriminalization. *Disability & Society*, v.31, n.1, (84-99).
- Gammino, G., Faccio, E. & Cipolletta, S. (2016). Sexual assistance in Italy: an explorative study on the opinions of people with disabilities and would-be assistants. *Sex Disabil*, 34 (157-170). doi: 10.1007/s11195-016-9435-y
- Garcia, S. (2020). Estado de arte da guerra civil feminista. *Observatório Político*. Disponível em [http://www.observatoriolitico.pt/wp-content/uploads/2020/09/WP\\_95\\_SG.pdf](http://www.observatoriolitico.pt/wp-content/uploads/2020/09/WP_95_SG.pdf)
- García, A. & Álvarez, C. (2014). Sexuality and functional diversity: an analysis from a gender perspective. *Procedia- Social and Behavioral Sciences*, 161, (299-305). doi: 10.1016/j.sbspro.2015.01.078
- Geymonat, G. (2019). Disability rights meet sex workers' rights: the making of sexual assistance in Europe. *Sexuality Research and Social Policy*, 16, (214-226). doi: 10.1007/s13178-019-0377-x
- Geymonat, G. & Macioti, PG., (2016). Ambivalent professionalisation and autonomy in workers' collective projects: the cases of sex worker Peer Educators in Germany and Sexual Assistants in Switzerland. *Sociological Research Online*, 21 (4), 10
- Giddens, A. (2008). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, A. (1992). *The transformation of intimacy- sexuality, love & eroticism in modern societies*. Cambridge: Polity Press
- Gillis, S., Howie, G. Munford, R. (2004). Introduction. In S. Gillis, G. Howie & R. Munford (Ed.). *Third wave feminism – a critical exploration* (1-7). Londres: Palgrave Macmillan
- Goellner, S. & Jaeger, A. (2007). Os feminismos em Portugal – o longo caminho das mulheres: feminismos 80 anos depois. *Estudos Feministas*, Florianópolis. 15 (3), (823-841)
- Goffman, E. (1963). *Stigma – notes on the management of spoiled identity*. New Jersey: Prentice-Hall.
- Goldberg, M. (2014). What is a woman? *The New Yorker*. Acedido em 30 de agosto de 2022 e disponível em <https://www.newyorker.com/magazine/2014/08/04/woman-2>
- Gonçalves, R., Faleiro, J. & Malafaia, G. (2013). Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. *HOLOS*, 5, (251-263)
- Henning, C. (2015). Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. *Mediações, Londrina*, 20 (2), (97-128)

- Hirata, H. (2014). Gênero, classe e raça – Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. *Tempo social*. 26 (1), (61-73)
- Hooks, B. (2018). *Ain't i a woman – black women and feminism* (Nuno Quintas, Trad.). Lisboa: Orfeu Negro. (Obra original publicada em 1981)
- Hooks, B. (2020). *Teoria feminista – da margem ao centro*. Lisboa: Orfeu Negro
- Karawejczyk, M. (2013). As *suffragettes* e a luta pelo voto feminino. *História, imagem e narrativas*, 17, (1-24)
- Kowalik, T. (1990). Marxian economics. In J. Eatwell, M. Milgate & P. Newman (Eds.), *Rosa Luxemburg* (247-253). Londres: Macmillan Reference Books
- Lattanzio, F. Ribeiro, P. (2018). Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*. 30 (3), (409-425)
- Lorde, A. (1984). *Age, race, class, and sex: women redefining difference*. In *Sister Outsider: Essays and Speeches*, Freedom, CA: Crossing Press. Acedido a 20 de maio de 2021 e disponível em [https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted\\_8.pdf](https://www.colorado.edu/odece/sites/default/files/attached-files/rba09-sb4converted_8.pdf)
- Maia, A. C. B., & Vilaça, T. (2020). Teachers' conceptions about the sexuality of students with disabilities: effects of teacher training. *Trends in Psychology*, 28, 118-132. DOI: 10.9788/s43076-019-00003-4
- Maia, A. & Ribeiro, P. (2011). Educação sexual: princípios para ação. *Doxa*. 15(1), (75-84)
- Manita, C. & Oliveira A. (2002). *Estudo de caracterização da prostituição de rua no Porto e Matosinhos*. Porto: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres
- Mannino, G., Giunta, S. & La Fiura, G. (2017). Psychodynamics of the sexual assistance for individuals with disability. *Sex Disabil*, 35, (495–506). <https://doi.org/10.1007/s11195-017-9491-y>
- Marshall, C. (1957). *Sociology of deviant behavior*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Martinez, F. (2019). Feminismos em movimento no ciberespaço. *Cadernos Pagu*, 56, (1-34). doi:10.1590/18094449201900560012
- Moen, O. (2012). Is prostitution harmful?, *Med Ethics*, 40, (73-81)
- Moraes, J. (1988). As diferentes concepções no movimento feminista. *Coleção Princípios*. (15), (34-39).
- Morales, E., Quattrini, F., Auger, C., Gauthier, V. (2020). What sexual assistants want and need: creating a toolkit and new solutions to help them better perform their work with

- Individuals with disabilities. *Sexuality and Disability*, 38, (19-29). doi: 10.1007/s11195-019-09614-2
- Munro, E. (2013). *Feminism: a fourth wave?*. Political Insight, 4(2), (22-25). doi:10.1111/2041-9066.12021
- Nogueira, C. (2000). Feminismo e psicologia social: contribuições para uma perspectiva crítica. *In: A igualdade entre mulheres e homens na Europa às portas do século XXI*. Coord: Teresa Martinho Toldy, & João Casqueira Cardoso (247-273). Porto: Universidade Fernando Pessoa.
- Nogueira, C. & Silva, S. (2003). Introdução. *In: Impressões sobre feminismos: pensar a democracia no mundo da vida*. Coord: Carmo Marques, Conceição Nogueira, Maris José Magalhães e Sofia Marques da Silva (8-18). Porto: Edições UMAR
- Oliveira, J. (2010). Os feminismos habitam espaços hifenizados: A localização e interseccionalidade dos saberes feministas. *ex aequo*, 22, (25-39)
- Oliveira, A. (2004). *As vendedoras de ilusões – estudo sobre prostituição, alterne e striptease*. Lisboa: Editorial Notícias
- Pereira, A. (2016). Viver nas fronteiras: feminismo interseccional e outros espaços de educação. *Revista Concinnitas*, 1 (28), Ano 17, (360-373)
- Pereira, R. (2009). Diversidade funcional: a diferença e o histórico modelo de homem-padrão. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 16(3), (715-728)
- Pina, H. (2013). Publicidade, moda e representações de género em plena globalização (Org. Martins, Moisés Lemos e Veríssimo, Jorge) *Comunicação global, cultura e tecnologia*, (857-863). Lisboa: SOPCOM
- Pinto, C. (2010). Feminismo, história e poder. *Revista Sociologia e Política*, v.18, n.36, (15-23). doi: 10.1590/S0104-44782010000200003
- Primi, J. (2020). As mulheres e os outros; as mulheres e o mundo: o feminismo, as mulheres e sociedade. *Revista Ensino de Ciências e Humanidades – Cidadania, Diversidade e Bem Estar*, 1, (341-354)
- Purvis, J. (1995). The prison experiences of the suffragettes in Edwardian Britain, *Women's History Review*, (4), (103-133), doi: 10.1080/09612029500200073
- Ramalho, N. (2012). O trabalho sexual: discursos e práticas dos assistentes sociais em debate. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 12, (64-91)



- Rakić, V. (2020). Prostitutes, sex surrogates and sugar babies. *Sexuality & Culture*, 24, (1207-1217). doi: 10.1007/s12119-020-09702-y
- Ribeiro, F. & Silva, M. (2019). Perseguir ou reconhecer? Abolicionismo, autodeterminação e reconhecimento de direitos para o trabalho sexual. *A Gazeta de Antropologia*, 35 (1), 3, (1-26)
- Ribeiro, D. (2016). Feminismo negro para um novo marco civilizatório. *Sur – Revista Internacional de Direitos Humanos*. 13 (24), (99-104)
- Ribeiro, F. & Clemente, M. (2017). Tráfico, trânsitos sexuais e agência. *Bagoas*, 17, (22-38)
- Ribeiro, M., Silva, M. C., Schouten, J., Ribeiro, F. B. & Sacramento, O. (2007). *Vidas na raia- prostituição feminina em regiões de fronteira*. Porto: Edição Afrontamento
- Ribeiro, M., Silva, M., Ribeiro, D. & Sacramento, O. (2005). *Prostituição abrigada em clubes (zonas fronteiriças do Minho e de Trás-os-Montes) – Práticas, Riscos e Saúde*. Lisboa: Coleção Estudos de Género.
- Rocha, Q. & Silveira, A. (2020). As contribuições de Clara Zetkin para as lutas feminista, anticapitalista e antifascista. *Germinal –, Marxismo e Educação em Debate*, 12 (1), (126-138). doi: 10.9771/gmed.v12i1.37744
- Saavedra, L. (2013). Psicologia vocacional e feminismo crítico: do passado ao futuro. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 14 (1), 7-17. Acedido em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbop/v14n1/03.pdf>
- Sacramento, O. & Ribeiro, M. (2014). Mulheres marcadas- prostituição, ordem e exclusão. *Cuadernos de Trabajo Social*. ISSN: 0214-0314, Vol. 27-1, (197-209).
- Sarmiento, D. (2005). Legalização do aborto e constituição. *Revista de Direito Administrativo*, 240, (43-82). <https://doi.org/10.12660/rda.v240.2005.43619>
- Schouten, M. (2018). Desfazendo desigualdade de género: um caminho sinuoso. *In: Desigualdades sociais e políticas públicas*. Homenagem a Manuel Carlos Silva. Coord: Sílvia Gomes, Vera Duarte, Fernando Bessa Ribeiro, Luís Cunha, Ana Maria Brandão e Ana Jorge
- Schudel, M. (2012). Adrienne Rich, feminist poet who wrote of politics and lesbian identity, dies at 82. *The Washington Post*. Acedido a 29 de agosto de 2022, disponível em [https://www.washingtonpost.com/entertainment/books/adrienne-rich-feminist-poet-who-wrote-of-politics-and-lesbian-identity-dies-at-82/2012/03/28/glQAQyggghS\\_story.html](https://www.washingtonpost.com/entertainment/books/adrienne-rich-feminist-poet-who-wrote-of-politics-and-lesbian-identity-dies-at-82/2012/03/28/glQAQyggghS_story.html)

- Shuttleworth, R. (2007). Critical research and policy debates in disability and sexuality studies. *Sexuality Research and Social Policy: Journal of NSRC*, 4, No. 1, (1–14). Acedido em <https://doi.org/10.1525/srsp.2007.4.1.01>
- Silva, M., Ribeiro, F. & Granja, R. (2013). *Prostituição e tráfico de mulheres para fins de exploração sexual*. Prior Velho: Letras Paralelas
- Siqueira, C. (Bedin, G., Cittadino, G. & Araújo, F. Coord.). (2015). *Poder, cidadania e desenvolvimento no Estado democrático de direito*. Santa Catarina: Florianópolis
- Stegmüller, C. (2021). A introdução do direito de voto para as mulheres no mundo. *Swissinfo*. Acedido a 8 de abril de 2021, disponível em <https://www.swissinfo.ch/por/a-introdu%C3%A7%C3%A3o-do-direito-de-voto-para-as-mulheres-no-mundo/46329632>
- Stolz, S. (2014). Teorias feministas liberal, radical e socialista: vicissitudes em busca da emancipação das mulheres. In C. P. Marques & C. A. Marques (Org.). *Cadernos de Educação em e para os Direitos Humanos* (pp. 31-54). Rio Grande: Editora da FURG
- Tavares, M. (2010). *Prostituição – diferentes posicionamentos no movimento feminista*. Coleção 8p. Acedido a 1 de fevereiro de 2022, disponível em <http://www.umarfeminismos.org/images/stories/pdf/prostituicaomantavares.pdf>
- Tavares, M. & Magalhães, M. (2014). *Correntes do feminismo e as suas reconfigurações nos tempos atuais* (Cap. 4, pp. 92-117). Porto: UMAR
- Veiga, C. (2006). *As regras e as práticas: fatores organizacionais e transformações na política de reabilitação profissional das pessoas com deficiência* (Cap. 4, pp. 164-182). Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência
- Velasco, M. (2019). Construindo pontes: diálogos a partir do/com o feminismo negro. *Revista Ártemis*, 27(1), 89-114
- Vicente, L. (2019). *Feminismo de A a Ser*. Lisboa: Objectiva
- Votre, S. & Lovisoló, H. (2007). Novos rumos no feminismo. *Estudos Feministas*. 15 (3), 823-841
- Zetkin, C. (1896). Only in conjunction with the proletarian woman will socialism be victorious. *proletarian woman and socialism*. 10, (1-10).

### Periódicos:

- Garcia, L. (2009). Ecofeminismo: múltiplas versões. *Revista Ártemis*, 10, (96-118). Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/11829>

- Meneses, M. (2020). Moçambique: entre a narrativa histórica oficial e as memórias plurais. *Nómadas*, 53, 13-31. doi: 10.30578/nómadasn53a1
- Pinho, A., Oliveira, J. & Nogueira, C. (2020). A (i)legalidade da assistência sexual na Europa. *Gênero & Direito*, 9, 4. Acedido a 3 de novembro de 2020. Disponível em <https://periodicos.ufpb.br/index.php/ged/article/view/51016>
- Strippoli, G. (2014). A revolução na imprensa e na vida dos militantes de lotta continua. *Revista HISTEDBR ON.line*, 56, 301-316. doi: 10.20396/rho.v14i56.8640451

### Legislação:

- Lei n° 59/2007, de 4 de setembro* (2007). Lenocínio (artigo 169.º). Diário da República. Portugal.
- Projecto de Lei n° 851/XIC/2º - Procede à implementação do modelo da igualdade e reforça a proteção das pessoas na prostituição. Disponível em <https://app.parlamento.pt/webutils/docs/doc.pdf?path=6148523063484d364c793968636d356c6443397a6158526c6379395953565a4d5a5763765247396a6457316c626e527663306c7561574e7059585270646d45764e4749344e6a59325a6d45744d5464694f4330305a4749324c546c6b5a544574597a56694f5449304d6a41775a6a6b314c6d52765933673d&fich=4b8666fa-17b8-4db6-9de1-c5b924200f95.docx&Inline=true>

### Teses e Dissertações:

- Azambuja, M. (2008). *Violência de género e os discursos circulantes nos cuidados de saúde primários*. Tese de doutoramento. Universidade do Minho, Braga, Portugal. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/8506/1/tese%20mariana%20azambuja.pdf>
- Costa, C. (2012). *Sexualidade(s) feminina(s) em discurso: grupos de discussão com mulheres jovens*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga, Portugal. Acedido em <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/35764/1/Cec%C3%ADlia%20Elisabete%20Vieira%20da%20Costa.pdf>

- D'Avila, L. (2019). *Cardápio exótico: a mercantilização e hipersexualização de mulheres prostitutas migrantes na indústria sexual alemã*. Trabalho de Conclusão do Curso: Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil.
- Ferreira, L. (2018). *A prostituição em Portugal: reflexão acerca de uma possível solução de regulamentação no ordenamento jurídico português*. Dissertação de Mestrado em Direito: Especialização em Ciências Jurídico-Forenses, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal. Acedido em [https://eg.uc.pt/bitstream/10316/85877/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o\\_.pdf](https://eg.uc.pt/bitstream/10316/85877/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o_.pdf)
- Galetti, C. (2016). *Corpo e feminismo: a marcha das vadias de Campinas/SP*. Dissertação de mestrado, Brasília, Brasil. Disponível: [https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21011/1/2016\\_CamilaCarolinaHildebrandGaletti.pdf](https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/21011/1/2016_CamilaCarolinaHildebrandGaletti.pdf)
- Mello, A. (2017). *Ecofeminismo: justiça ambiental sobre uma perspectiva de gênero*. Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro. Curso de Pós-Graduação. Rio de Janeiro, Brasil.
- Mesce, G. (2020). *Sex work decriminalization and feminist theory*. Tese de doutoramento. University of South of Carolina, Colômbia. Disponível em [https://scholarcommons.sc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1368&context=senior\\_theses](https://scholarcommons.sc.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1368&context=senior_theses)
- Oliveira, L. (2012). *Atitudes sexuais e idadeismo na terceira idade*. Dissertação de mestrado. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Disponível em <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/67964/2/30304.pdf>
- Pena, C. (2008). *A revolução das feministas portuguesas 1972-1975: do "Processo das Três Marias", à formação do MLM – Movimento de Libertação das Mulheres*. Dissertação de Mestrado. Universidade Aberta, Lisboa, Portugal
- Pinho, A. (2017). *A (des)assistência sexual em Portugal*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Rocha, F. (2017). *A quarta onda do movimento Feminista: o fenômeno do ativismo digital*. Dissertação de mestrado, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, Brasil. Disponível: [http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6728/Fernanda%20de%20Brito%20Mota%20Rocha\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://www.repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/6728/Fernanda%20de%20Brito%20Mota%20Rocha_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

- Simões, S. (2015). *O crime de violência doméstica: aspetos materiais e processuais*. Dissertação de Mestrado, Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal. Disponível: [https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18035/1/Tese%20Mestrado\\_final.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18035/1/Tese%20Mestrado_final.pdf)
- Tavares, M. (2008). *Feminismos em Portugal (1947-2007)*. Tese de Doutoramento, Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Acedido em <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1346/1/Tese%20de%20doutoramento%20Manuela%20TavaresVF.pdf>
- Zveiter, A. (2017). *A regulamentação profissional da Prostituição*. Dissertação de mestrado, Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível em [https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/16087/4/master\\_adriana\\_zveiter.pdf](https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/16087/4/master_adriana_zveiter.pdf)

#### **Atas e comunicações apresentadas:**

- Carneiro, B. (2012, setembro). *Ecofeminismo e gestão planetária*. Comunicação apresentada no XXI Encontro Estadual de História – (ANPUH-SP), Campinas
- Casado, S. (2014, dezembro). *El asistente sexual para personas con discapacidad, ¿una figura alegal?* Comunicação apresentada no 1er Congreso Internacional Virtual sobre Discapacidad y Derechos Humanos, Barcelona
- Costa, A., Santos, M., Santos, J. & Corrêa, M. (2018, novembro). *Publicidade x padrões de beleza: uma reflexão sobre o uso da imagem da mulher na campanha “um olhar aberto te define”, da marca Avon*. Comunicação apresentada em Saberes em diálogo: ciência, vivência e práticas sociais, Grande Porto Alegre
- Drummond, D. & Cerqueira, C. (2019, outubro). A quarta onda do movimento feminista na imprensa portuguesa e brasileira. *Encontro Anual da Anpocs*, Caxambu, Brasil, 43
- Machado, A. (2018, outubro). *Das suffragettes ao feminismo hashtag: uma conversa sobre os novos feminismos*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Comunicação e Consumo, Rio de Janeiro
- Maia, A.C.B. & Vilaça, T. (2017). Concepções de professores/as no Brasil e em Portugal sobre a educação sexual para alunos/as com deficiência intelectual. In L. Lima-Rodrigues, D. Rodrigues, L. A. Pires, & M. Loureiro, Livro de Atas do V Congresso Internacional da Pró-inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial - “EDUCAÇÃO,

INCLUSÃO E INOVAÇÃO” (parte I, pp. 421-431). Lisboa: Pró-Inclusão: Associação Nacional de Docentes de Educação Especial.

Marques, F. & Ribeiro, F. (2018, julho). Porque também têm desejos: partidos políticos, organizações da sociedade civil, pessoas com incapacidades e a figura do assistente sexual. *Globalização, Políticas e Cidadania – Livro de atas do X Congresso Português de Sociologia*, (1-13). Covilhã: APS

Passos, C. (2010, agosto). *A Primeira geração do feminismo: um diálogo crítico com o pensamento liberal*. Comunicação apresentada em Diásporas, Diversidade, Deslocamentos, Gênero 9, Santa Catarina

Pereira, M. (2015, abril). *Fighting the ghosts: o feminismo e as lutas das mulheres*. Comunicação apresentada em XVI Diálogos da Educação sob o tema Mulheres: Cidadania, Educação e Trabalho, Braga. Acedido a 6 de junho de 2021. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/46290/1/Fighting%20the%20ghosts.pdf>

Perez, O. & Ricoldi, A. (2018, outubro). *A quarta onda do feminismo? Reflexões sobre movimentos feministas contemporâneos*. Comunicação apresentada no X Congresso Latino-americano de Ciência Política (ALACIP), Brasil. Disponível em <https://alacip.org/cong19/25-perez-19.pdf>

Roseta, H. (1998, dezembro). Os paradoxos da igualdade, comunicação apresentada em *Movimento Feminista em Portugal*, seminário organizado pela UMAR, auditório do Montepio Geral, Lisboa. Disponível em <http://umarfeminismos.org/images/stories/pdf/seminariomovfeminista.pdf> e acedido a 15 de novembro de 2021.

Schnorrenberger, N. (2017, setembro). Movimentos feministas e o direito ao sufrágio feminino no Brasil: uma conquista ainda em fase de implementação. *Salão do conhecimento UNIJUI*. Acedido a 3 de março de 2021, disponível em <https://www.publicacoeseventos.unijui.edu.br/index.php/salaoconhecimento/article/view/7830> - XXII Jornada de Pesquisa

#### **Anais/proceedings:**

Carneiro, B. (2012, setembro). *Ecofeminismo e gestão planetária. Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP*, Campinas, São Paulo, 21.

## Enciclopédias e dicionários online:

Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2022b). Vandana Shiva. In *Encyclopedia Britannica*.

Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Vandana-Shiva>

Britannica, T. Editors of Encyclopaedia (2022a). Alice Walker. In *Encyclopedia Britannica*.

Disponível em <https://www.britannica.com/biography/Alice-Walker>

Priberam, Dicionário Online. (2022). Racismo. Disponível em

<https://dicionario.priberam.org/racismo>. Acedido a 27 de agosto de 2022

Priberam, Dicionário Online. (2022). Hardcore. Disponível em

<https://dicionario.priberam.org/Hardcore>. Acedido a 5 de setembro de 2022

Priberam, Dicionário Online (2022). Feminismo. Disponível em

<https://dicionario.priberam.org/feminismo>. Acedido a 8 de setembro de 2022

Priberam, Dicionário Online (2022). Femismo. Disponível em

<https://dicionario.priberam.org/femismo>. Acedido a 8 de setembro de 2022

## Sites:

Anthony, S. (2015). *It was we, the people; not we, the white male citizens; nor yet we, the male*

*citizens; but we, the whole people, who formed the Union*. National Women's History

Museum. Recuperado em 13 junho, 2021, de

<http://www.crusadeforthevote.org/nwsa-organize>

Associação para o Planeamento da Família (2009). *Sexualidade*. Acedido em

<http://www.apf.pt/sexualidade>

Brandão, L. (2018). As Três Marias: o antes, o depois e o impacto das 'Novas Cartas Portuguesas'.

*Comunidade Cultura e Arte*. Acedido em [https://comunidadeculturaearte.com/as-tres-](https://comunidadeculturaearte.com/as-tres-marias-o-antes-o-depois-e-o-impacto-das-novas-cartas-portuguesas/)

[marias-o-antes-o-depois-e-o-impacto-das-novas-cartas-portuguesas/](https://comunidadeculturaearte.com/as-tres-marias-o-antes-o-depois-e-o-impacto-das-novas-cartas-portuguesas/)

EPSEAS – European Platform Sexual Assistance. Acedido a 23 de março de 2020. Disponível em

<http://www.epseas.eu/en/>

FCSH+LISBOA, (2017). Virgínia Quaresma: uma jornalista feminista que deu voz ao feminismo.

Consultado no dia 15 de março de 2022 e disponível em

[https://maislisboa.fcsh.unl.pt/virginia-quaresma-jornalista-feminista-deu-voz-ao-](https://maislisboa.fcsh.unl.pt/virginia-quaresma-jornalista-feminista-deu-voz-ao-feminismo/)

[feminismo/](https://maislisboa.fcsh.unl.pt/virginia-quaresma-jornalista-feminista-deu-voz-ao-feminismo/)

- Feministas.pt, (2022). Organizações feministas e amigas de que abrangem todo o país. Disponível em <https://feminista.pt/organizacoes>
- Folter, R. (2020). Ecofeminismo: você sabe o que é?. Politize! Consultado no dia 5 de maio de 2022 e disponível em <https://www.politize.com.br/o-que-e-ecofeminismo/>
- Frazão, D. (2022). Biografia de Toni Morrison. Ebiografia. Consultado no dia 27 de agosto de 2022 e disponível em [https://www.ebiografia.com/toni\\_morrison/](https://www.ebiografia.com/toni_morrison/)
- History.com (2017). Convenção de Seneca Falls [Post em blogue]. Consultado no dia 10 de maio de 2021 e disponível em <https://www.history.com/topics/womens-rights/seneca-falls-convention>
- Library Of Congress (2022). A woman of the revolution, Théroigne de Méricourt. Consultado no dia 12 de agosto de 2022 e disponível em <https://guides.loc.gov/women-of-the-french-revolution/theroigne-de-mericourt>
- Medeiros, A. (2011). A liberdade em Roscoe Pound. Âmbito Jurídico. Consultado no dia 22 de novembro de 2022 e disponível em <https://ambitojuridico.com.br/edicoes/revista-89/a-liberdade-em-roscoe-pound/>
- Memória Política de Santa Catarina. (2022). Biografia Antonieta de Barros. Consultado no dia 15 de março de 2022 e disponível em [https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/68-Antonieta\\_de\\_Barros](https://memoriapolitica.alesc.sc.gov.br/biografia/68-Antonieta_de_Barros)
- Michals, D. (2015b). Alice Paul. National Women's History Museum. Consultado no dia 30 de março de 2022 e disponível em <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/alice-paul>
- Michals, D. (2015a). Harriet Tubman (ca.1820-1913). National Women's History Museum. Consultado no dia 15 de março de 2022 e disponível em <https://www.womenshistory.org/education-resources/biographies/harriet-tubman>
- PCP (2007). <https://www.pcp.pt/clara-zetkin-pequena-biografia> from: Partido Comunista Português. Consultado no dia 5 de junho de 2022 em <https://www.pcp.pt/>
- Plural & Singular (2020). 3.9. Direitos sexuais. *Sexualidade & Afetos*. Consultado no dia 3 de abril de 2020 e disponível em <https://www.pluralesingular.pt/index.php/informacao-geral/direitos-sexuais>
- Reena, B. & Green, H. (2021). Robin Morgan. Jewish Women's Archive. Consultado no dia 29 de agosto de 2022 e disponível em <https://jwa.org/encyclopedia/article/morgan-robin>



- Rubio, V. (2013). Vida Independiente- *Asistencia personal vs asistencia sexual en diversidad funcional*. Consultado no dia 2 de abril de 2020 e disponível em <https://www.innovaasistencial.com/blog/asistencia-personal-vs-asistencia-sexual-en-diversidad-funcional/>
- Saraiva, N. (2022). Grandes alfacinhas: Virgínia Quaresma (1882-1973). Mensagem de Lisboa. Consultado no dia 2 de agosto de 2022 e disponível em <https://amensagem.pt/2022/03/08/grandes-alfacinhas-virginia-quaresma-1882-1973-cronicano-saraiva/>
- SPSC – Sociedade Portuguesa de Sexologia Clínica, (2017). Sim, nós fodemos. Consultado no dia 15 de setembro e disponível em <https://spsc.pt/index.php/2017/06/04/sim-nos-fodemos/>
- Stephoe, T. (2007). Anna Julia Haywood Cooper (1858-1964). BlackPast.org. Consultado no dia 27 de agosto de 2022 e disponível em <https://www.blackpast.org/african-american-history/cooper-anna-julia-haywood-1858-1964/>
- The Biography.com website. (2021b). Audre Lorde Biography. Consultado no dia 27 de agosto de 2022 e disponível em <https://www.biography.com/writer/audre-lorde>
- The Biography.com website. (2021a). Maya Angelou. Consultado no dia 27 de agosto de 2022 e disponível em <https://www.biography.com/writer/maya-angelou>
- WHO, (2022). Global HIV, Hepatitis and STIs Programmes – Sex workers. Consultado no dia 4 de julho e disponível em <https://www.who.int/teams/global-hiv-hepatitis-and-stis-programmes/populations/sex-workers>

### **Revistas online:**

- Rampton, M. (2015). Four waves of feminism [versão eletrônica]. Consultado no dia 20 outubro, 2021, de <https://www.pacificu.edu/magazine/four-waves-feminism>

### **Notícias:**

- Amaral, A. (2008, 9 de janeiro). *Simone de Beauvoir ninguém nasce mulher, torna-se mulher*. Consultado no dia 18 de agosto de 2021, disponível em <https://www.publico.pt/2008/01/09/jornal/simone-de-beauvoir-ninguem-nasce-mulher-tornase-mulher-244344>

- Halton, M. (2018, 8 de março). Climate change 'impacts women more than men'. *BBC News*. Consultado no dia 3 de janeiro de 2022, disponível em <https://www.bbc.com/news/science-environment-43294221>
- Hartl, J. (2020, 18 de agosto). 1960: Primeira pílula anticoncepcional chega ao mercado. *DW*. Disponível em <https://www.dw.com/pt-br/1960-primeira-p%C3%ADlula-anticoncepcional-chega-ao-mercado/a-611248>
- El Mundo (2020, 11 de fevereiro) Francia estudia legalizar la asistencia sexual a personas con discapacidad. Consultado no dia 1 de abril de 2020, disponível em <https://www.elmundo.es/internacional/2020/02/11/5e42c31dfc6c83e2098b457d.html>
- La Vanguardia (2020, 11 de fevereiro) Francia estudia legalizar la asistencia sexual a personas con discapacidad. Consultado no dia 1 de abril de 2020, disponível em <https://www.lavanguardia.com/vida/20200211/473464662538/francia-legalizar-asistencia-sexual-discapacidad.html>
- Matos, R. (2021, 13 de janeiro). *Inspiring women: esta é a história de como as mulheres conseguiram o direito ao voto em Portugal*. *Vogue*. Consultado no dia 6 de abril de 2021, disponível em <https://www.vogue.pt/o-direito-ao-voto-feminino-em-portugal>
- Neves (2018, 28 de setembro). O assistente sexual é um facilitador, ajuda quem tem deficiência a ter prazer. *Diário de Notícias*. Consultado no dia 3 de fevereiro de 2020, em <https://www.dn.pt/pais/o-assistente-sexual-e-um-facilitador-ajuda-quem-tem-deficiencia-a-ter-prazer-9919607.html>
- Pereira, G. (2020, 18 agosto). *Há 100 anos, sufragistas americanas conquistaram direito ao voto feminino*. *CNN São Paulo*. Consultado no dia 10 de maio de 2021, disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/08/19/ha-100-anos-sufragistas-americanas-conquistavam-direito-ao-voto-feminino>
- Ribeiro, S. (2020, 8 de março). Este mapa mostra o ano em que as mulheres conquistaram o direito de voto em cada país. *Sapo*. Consultado no dia 6 de abril de 2021, disponível em <https://viagens.sapo.pt/viajar/viajar-mundo/artigos/este-mapa-mostra-o-ano-em-que-as-mulheres-conquistaram-o-direito-de-voto-em-cada-pais>
- Rodríguez, M. (2020, 26 de julho). Karl Marx: os finais trágicos das filhas do pai do socialismo científico. *BBC News Brasil*. Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-53471254>

Silva, J. C. (2018, 9 de maio). Maio de 68. Estudantes contra polícias e no fim ganhou o capitalismo. *Observador*. Disponível em <https://observador.pt/2018/05/09/maio-de-68-estudantes-contra-policias-e-no-fim-ganhou-o-capitalismo/>

## Bibliografia de rodapé

Alecrim, G., Silva, E. & Araújo, J. (2014). Autonomia da mulher sobre o seu corpo e a intervenção estatal. *Seção 05: Gênero, Sexualidade e Feminismo, (2)*, 158-176

Assis, D. (2019). *Gênero, sexualidade e educação – Interseccionalidades*. Salvador: UFBA. [eBook]. Disponível em <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/554207/2/eBook%20-%20Interseccionalidades.pdf>

Baptista, M. M. (2018). Gisberta: uma vida que conta. In M. Lalande & F. Castro. (Coord.). *Gênero e Performance -Textos essenciais I* (Vol.1, pp. 7- 21). Coimbra: Grácio Editor

Crenshaw, K. (2002). Documento para o encontro de especialistas em aspetos da discriminação racial relativos ao género. *Estudos Feministas. 10* (1), (171-188)

Holmstrom, N. (2017). Rosa Luxemburg: a legacy for feminists?. *Socialist Studies, 12*(1), 187-190. Disponível em <https://socialiststudies.com/index.php/sss/article/view/27229/20057>

Lourenço, C. (2019). *As implicações organizacionais e familiares das licenças de parentalidade partilhada: um estudo sobre as perceções de mulheres e homens*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal. Disponível: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/18455/1/DM-CSRL-2019.pdf>

Meneses, M. (2020). Moçambique: entre a narrativa histórica oficial e as memórias plurais. *Nómadas, 53*, 13-31. doi: 10.30578/nomadasn53a1

Priberam, Dicionário Online (2021). Misoginia. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/Misoginia>

Sousa, R. (n.d.). Thomas Paine [Post em blogue]. Consultado no dia 29 de julho de 2021 e disponível em <https://www.historiadomundo.com.br/inglesa/thomas-paine.htm>

Strippoli, G. (2014). A revolução na imprensa e na vida dos militantes de lotta continua. *Revista HISTEDBR ON.line, 56*, 301-316. doi: 10.20396/rho.v14i56.8640451

United Nations Office on Drugs and Crime – UNODC. (2021, novembro). *Killings of women and girls by their intimate partner or other family members – Global estimates 2020*, (1-34).

Vasconcelos, J. (2017). Anarcofeminismo: o protagonismo feminino nas lutas sociais. *Revista Alpha*, 18 (1), 55-67

### **Livro eletrônico (e-book)**

Akotirene, C. (2018). Vamos pensar direito: Interseccionalidade e as Mulheres Negras. In Ribeiro, D. (Coord.). *Interseccionalidade* (34-43). São Paulo: Pólen [eBook]. Disponível em [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade\\_\(Feminismos\\_Plurais\)\\_-\\_Carla\\_Akotirene.pdf?1599239359](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Interseccionalidade_(Feminismos_Plurais)_-_Carla_Akotirene.pdf?1599239359)

Berth, J. (2019). *Empoderamento – feminismos plurais* (D. Ribeiro, Coord.). São Paulo: Pólen [eBook]. Acedido em <https://www2.unifap.br/neab/files/2021/01/Empoderamento-Feminismos-Plurais-Joice-Berth.pdf>

Esperandio, M. (2007). *Para entender – pós-modernidade*. São Leopoldo: Editora Sinodal. [eBook]. Disponível em [https://books.google.pt/books?id=luU7sAdql0QC&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs\\_selected\\_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false](https://books.google.pt/books?id=luU7sAdql0QC&pg=PA1&hl=pt-PT&source=gbs_selected_pages&cad=2#v=onepage&q&f=false)

Prata, N. & Pessoa, S. (2019). *Desigualdades, gêneros e comunicação*. São Paulo: Intercom [eBook]

### **Documentos Informativos:**

ICRSE, (2016). *Feminism needs sex workers; sex workers need feminism: towards a sex-worker inclusive women's rights movement* [Documento Informativo]. Disponível em <https://www.nswp.org/resource/member-publications/feminism-needs-sex-workers-sex-workers-need-feminism-towards-sex-worker>

## Anexos

### Anexo I. Guião de entrevistas

#### Guião de entrevista aplicado à União de Mulheres Alternativa e Resposta

##### Apresentação do tema:

Este estudo insere-se no âmbito da dissertação de Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade, que será defendida na Universidade do Minho, tendo como objetivo tentar perceber a posição dos movimentos feministas em Portugal, em relação à assistência sexual.

##### Questão de partida:

Qual é a posição dos movimentos feministas em Portugal em relação à assistência sexual?

##### Guião de entrevista:

1. Nome
2. Data de nascimento
3. Idade
4. Nacionalidade
5. Estado Civil
6. Tem filhos? Se sim, quantos?
7. Que nível de instrução possui?
8. Profissão?
9. Há quanto tempo pertence à UMAR?
10. Já pertenceu a outro movimento, que não o atual?
11. O que significa na sua perspetiva e experiência ser feminista?
12. O feminismo é inclusivo?
13. Considera o sexo e a masturbação como algo importante na qualidade de vida?
14. Considera haver algum preconceito e/ou estereótipo no que se refere ao sexo nas pessoas com deficiência e no desenvolvimento da sua sexualidade?
15. Um indivíduo (ou um casal) com alguma deficiência – com desejos de desenvolver a sua vida sexual, que não possa fazê-lo, nos moldes tradicionais, ou seja, através de uma app de encontros (por exemplo), como garantimos a estas pessoas o acesso ao prazer sexual através da interação com outros indivíduos? Isto é, que medidas concretas podem ser implementadas para minimizar as desigualdades decorrentes da deficiência?

16. O que pode ser feito para facilitar o acesso de clientes com deficiência ao trabalho sexual?
17. De que forma, podemos garantir acessibilidade, autonomia e liberdade sexual às pessoas com deficiência, quando sabemos que temos trabalhadores do sexo que não têm as ferramentas e o conhecimento necessário para o fazer?
18. Qual a sua opinião sobre a possibilidade de haver formação específica para trabalhadores/as do sexo atenderem este grupo de clientes?
19. Sabe ou já ouviu falar da assistência sexual?
20. Equaciona a possibilidade da existência de um quadro legal onde inclua o assistente sexual como um trabalho laboral?
21. Se sim, como descreveria um modelo que fosse vantajoso para os trabalhadores do sexo e para os restantes cidadãos?

### **Guião de entrevista aplicado ao Movimento Democrático das Mulheres**

#### Apresentação do tema:

Este estudo insere-se no âmbito da dissertação de Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade, que será defendida na Universidade do Minho, tendo como objetivo tentar perceber a posição dos movimentos feministas em Portugal, em relação à assistência sexual.

#### Questão de partida:

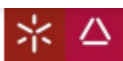
Qual é a posição dos movimentos feministas em Portugal em relação à assistência sexual?

#### Guião de entrevista:

1. Nome
2. Data de nascimento
3. Idade
4. Nacionalidade
5. Estado Civil
6. Tem filhos? Se sim, quantos?
7. Que nível de instrução possui?
8. Profissão?
9. Há quanto tempo pertence ao MDM?
10. Já pertenceu a outro movimento, que não o atual?
11. O que significa na sua perspetiva e experiência ser feminista?

12. O feminismo é inclusivo?
13. Considera o sexo, a masturbação como algo importante na qualidade de vida?
14. Considera haver algum preconceito e/ou estereótipo no que se refere ao sexo nas pessoas com deficiência e no desenvolvimento da sua sexualidade?
15. Um indivíduo (ou um casal) com alguma deficiência – com desejos de desenvolver a sua vida sexual, que não possa fazê-lo, nos moldes tradicionais, ou seja, através de uma app de encontros (por exemplo), como garantimos a estas pessoas o acesso ao prazer sexual através da interação com outros indivíduos? Isto é, que medidas concretas podem ser implementadas para minimizar as desigualdades decorrentes da deficiência?
16. O que pode ser feito para facilitar o acesso de clientes com deficiência ao trabalho sexual?
17. De que forma, podemos garantir acessibilidade, autonomia e liberdade sexual às pessoas com deficiência, quando sabemos que temos trabalhadores do sexo que não têm as ferramentas e o conhecimento necessário para o fazer?
18. Qual a sua opinião sobre a possibilidade de haver formação específica para trabalhadores/as do sexo atenderem este grupo de clientes?
19. Sabe ou já ouviu falar da assistência sexual?
20. Equaciona a possibilidade da existência de um quadro legal onde inclua o assistente sexual como um trabalho laboral?
21. Se sim, como descreveria um modelo que fosse vantajoso para os trabalhadores do sexo e para os restantes cidadãos?

## Anexo II. Modelo do termo de consentimento informado e folheto informativo



Universidade do Minho

### TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

*(A preencher pelos participantes, de acordo com o teor do folheto informativo e depois de analisadas e descritas as condições específicas de cada projeto)*

**Título do projeto de Investigação** \_\_\_\_\_

**Curso** \_\_\_\_\_

Atendendo à informação que consta do folheto informativo, pedimos que responda às questões seguintes, indicando se concorda em colaborar no estudo:

Li e compreendi o folheto informativo que me foi facultado, bem como as informações verbais que me foram fornecidas pela/s pessoa/s que abaixo assina/m sobre os objetivos do estudo.	Sim	Não
Foi-me concedida oportunidade para colocar questões relacionadas com o estudo	Sim	Não
Obtive resposta a todas as questões que coloquei sobre o projeto.	Sim	Não
Foi-me garantida a possibilidade de, em qualquer altura, recusar participar neste estudo sem qualquer tipo de consequências.	Sim	Não
Aceito participar neste estudo e permito a utilização dos dados que forneço de forma voluntária, confiando em que apenas serão utilizados para esta investigação e nas garantias de confidencialidade e anonimato que me são dadas pelo investigador.	Sim	Não

#### Nome e contacto do investigador

**Assinatura/s:** .....

-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-o-

#### Nome e assinatura do participante

Nome (malúscula): .....

**Assinatura:** .....

Data:

..... /..... /.....



### **Folheto informativo**

#### Termo de consentimento livre e esclarecido

A atual entrevista insere-se numa investigação de dissertação no âmbito do Mestrado em Crime, Diferença e Desigualdade do Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho.

A dissertação tem como temáticas: sexualidade, deficiência, trabalho sexual e assistência sexual, procurando explorar diferentes vertentes da relação entre a sexualidade na deficiência e o trabalho sexual.

Esta pesquisa propõe-se promover o aprofundamento do conhecimento acerca destas questões, o que por isso a sua participação é fundamental.

A sua participação neste estudo é voluntária, sendo que se pode recusar a participar ou recusar-se a responder a qualquer questão, bem como desistir a qualquer momento, sem qualquer consequência para si.

Esta entrevista não lhe arrecada qualquer despesa ou risco. As informações recolhidas serão efetuadas através de uma entrevista.

A sua identidade é confidencial, pelo que não será identificada em nenhuma parte desta dissertação ou em nenhuma publicação que possa resultar da mesma.

### Anexo III. Sinopses individuais

#### Sinopse da entrevista 1 (E1; E2; E3)<sup>241</sup>

(Entrevistada 1 – E1)

Dados Pessoais		
Nome Designado	Idade	Nacionalidade
A	58 anos	Portuguesa
Estado Civil		Filhos
Casada		1

(Entrevistada 2 – E2)

Dados Pessoais		
Nome Designado	Idade	Nacionalidade
B	40 anos	Portuguesa
Estado Civil		Filhos
União de facto		1

(Entrevistada 3 – E3)

---

<sup>241</sup> **Nota:** As entrevistas foram todas individuais, exceto esta, a pedido de uma das entrevistadas (coordenadora do Núcleo). Assim sendo, é importante referir que se trata de uma entrevista a três pessoas em simultâneo, todas devidamente identificadas com uma letra que não as representa, a fim de garantir a confidencialidade das mesmas.

Dados Pessoais		
Nome Designado	Idade	Nacionalidade
C	30 anos	Portuguesa
Estado Civil		Filhos
Solteira		0

(Entrevistada 1; Entrevistada 2; Entrevistada 3)

História Ocupacional			
Entrevistadas	Área de Formação	Profissão	Movimento Feminista
E1 - A	Educação	Professora de História	UMAR
E2 - B	Psicologia	Psicóloga com especialidade em clínica e saúde	UMAR
E3 - C	Psicologia	Psicóloga com especialidade em clínica e saúde	UMAR
Origens Sociofamiliares			
Entrevistadas	Parentalidade/ Relação Familiar	Análise	Excertos da entrevista
E1 - A	Dificuldade na relação com o pai	Demonstra ter convivido uma figura paternal machista	“sobretudo na minha adolescência porque tinha um pai bastante machista”

E1 – B	Relação conturbada com o tio	Ainda criança (com os seus 6/7 anos), refere ter batido no tio, pelo mesmo ter batido na tia.	“quando era miúda, e quando digo miúda, era miúda mesmo, tinha 6/7 anos, a minha tia foi operada à barriga. Uma cirurgia complicada, eu não percebia porque é que ela estava há 9 meses, eu não tinha noção do tempo, mas quer dizer, estava há muito tempo deitada, e ela disse-me “foi o teu tio que me magoou”, bom, eu peguei num cabo da vassoura, e tinha 6/7anos e foi pelas costas abaixo”
E1 – B	Visão da família	A família reconhece que a mesma sempre teve um ‘carinho especial’ pela luta feminista	“aliás, toda a família, ainda hoje diz «tu só podias, tu só podias ter enveredado por esse lado»”
<b>Participação Política</b>			
<b>Entrevistadas</b>	<b>Feminismo</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Início do trabalho na UMAR	Refere que trabalha com a UMAR desde 1999/2000, tendo-se tornado coordenadora nos últimos 5 anos	“vim pra UMAR em 1999, 2000, como formadora externa, nos últimos 5 anos estou a tempo inteiro”
E1 – B		Refere fazer parte da UMAR há quase 15 anos, desde 2007	“Pertença à UMAR desde 2007, vai fazer em junho deste ano 15 anos”
E1 – C		Refere já pertencer à UMAR desde 2019	“Estou na UMAR desde 2019”
E1 – A	Experiência em outros movimentos	Nunca fizeram parte de outro movimento de carácter feminista	“Nunca pertenci a outro movimento que não a UMAR”
E1 – B			“Não, nunca pertenci a outro movimento feminista”
E1 – C			“Nunca pertenci a outro movimento feminista.”
E1 - A	Ser feminista	Considera que sempre se viu como feminista mesmo que não utilizasse o conceito para se descrever como tal. Principalmente, influenciada pela relação que tinha na adolescência com a figura paternal.	“eu acho que sempre fui feminista, desde que nasci e sobretudo na minha adolescência porque tinha um pai bastante machista e, portanto, a minha veia feminista acho que vem daí. Só que não tinha consciência que era feminista. Eu achava que estava a defender o direito das raparigas, (...) talvez quando já estava na universidade, com 19/20 anos. Depois é que comecei a ler umas coisas, a

			procurar, na altura não havia internet, era só livros e o que nós ouvíamos e víamos na rádio e na televisão, era como nos chegavam as coisas a nós”
E1 - B		Considera-se feminista desde tenra idade, aquando do ‘ato de defender/vingar’ a tia, pela mesma ter sofrido agressões do tio, isto a considerar feminista (enquanto defensora das mulheres que sofrem de violência doméstica).	“quando era miúda, e quando digo miúda, era miúda mesmo, tinha 6/7 anos. A minha tia foi operada à barriga, uma cirurgia complicada, eu não percebia porque é que ela estava há 9 meses, eu não tinha noção do tempo, mas quer dizer, estava há muito tempo deitada, e ela disse-me ‘foi o teu tio que me magoou’, bom, eu peguei num cabo da vassoura, e tinha 6/7anos e foi pelas costas abaixo. Portanto, eu percebi que era feminista já nessa altura”
		Considera que já nasceu feminista	“pra mim a perspetiva de ser feminista, não é uma perspetiva, está intrínseco e, portanto, faz parte, não é? Para responder à pergunta, desde quando? Se calhar, foi quase desde que nasci.”
E1 - C	Primeiros contactos com o feminismo	Considera que pelas mulheres não terem acesso às mesmas condições que os homens, estas se deparam com o feminismo, enquanto defensor desses direitos	“desde que tomamos consciência daquilo que somos e daquilo que nos é ‘não permitido’ por sermos mulheres, acho que um bocadinho de todas nós acaba por ser feminista nesse sentido”
	Luta contínua <sup>242</sup>	Considera o feminismo uma luta contínua, com muito a se fazer	“assim arranhou-se um termo que engloba os direitos das mulheres, que engloba as nossas lutas já de há muito tempo, e que vão continuar, infelizmente, no futuro, porque a experiência e a minha perspetiva é que isto ainda não acabou e ainda tem muito para se fazer, inclusive”
E1 - C	Sociedade Patriarcal	Considera que sempre foi vista pelos seus pares, por ser do contra, por ir contra as ideias que lhes eram inculcadas desde criança, numa sociedade patriarcal, onde só era expectável ver rapazes a jogarem futebol	“eu por exemplo percebi que era do contra e sempre fui apelidada por ser do contra. Queria jogar futebol de 11 e não podia porque era rapariga, queria fazer qualquer coisa e não podia, mas eu perguntava sempre, porque é que os rapazes fazem e eu não? Porque é que eu tenho de ser tratada de forma diferente?”
		Considera ter uma posição firme, e não se deixar levar pelo que a sociedade espera dela, fazendo assim, uma relação direta com o feminismo	“às vezes, se calhar na fase infantil e na adolescência nós somos um bocadinho do contra porque não somos aquelas barbies que, pronto, a sociedade nos impinge, mas lá está, depois, o que é que isso nos traz de bom também? É que somos pessoas, se calhar, um bocadinho mais seguras, porque nós não temos vergonha

<sup>242</sup> Originalmente foi utilizada como ‘a luta contínua’ por Eduardo Mondlane, num grito para *derrotar um inimigo interno cada vez mais onipresente*, naquela que foi a Frente de Libertação de Moçambique, resultante da sua independência, a 25 de junho de 1975 (Farré, 2015: 54; Mesenes, 2020). Também em Itália, como ‘*Lotta Continua*’ representava uma organização revolucionária de extrema-esquerda, originalmente criada entre 1968 e 1969 por uma divisão no movimento estudantil-trabalhador de Turim e da organização *Potere Operaio de Pisa*; junto com os grupos *Avanguardia Operaia* e *Pdup-Manifesto*. Caracterizou-se por vários eventos e estiveram envolvidos em diversos ‘radicalismos’ (como foi o assassinato de Calabresi). Ficou conhecida como sendo uma *das três organizações mais importantes da esquerda revolucionária italiana* (Strippoli, 2014:301). Em Portugal, terminava o processo revolucionário iniciado em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, esta foi também uma expressão ouvida (Strippoli, 2014). Ou seja, ainda que mude o idioma, no final das contas, representa o mesmo, a continuidade de uma luta inacabada.

			de admitir o que somos e as qualidades que temos e forças que temos, porque, realmente, se não houvesse esta palavra 'feminismo', íamos ser do contra, íamos ser teimosas, íamos ser chatas, íamos ter muitos apelidos depreciativos, então, assim arranjou-se um termo que engloba os direitos das mulheres, que engloba as nossas lutas”
E1 – A		Refere o ambiente e a mentalidade da avó, claramente característica de um tempo onde as mulheres eram extremamente oprimidas, onde um simples grito de dor, era visto como ‘algo para chamar a atenção’.	“tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir, não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó uma pessoa benzia-se e dizia ‘que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê’. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia ‘gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava’, porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho que sim. É um caminho de procura, de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Inclusão/Exclusão</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – C	Feminismo inclusivo	Consideram o feminismo inclusivo.	“Eu acho que sim, até porque se o feminismo não fosse inclusivo, nós não tínhamos essa atenção de explicar que os direitos são humanos e não são de homens ou mulheres, são de toda a gente. Se não, havia direitos feministas e direitos machistas, que é o que as pessoas têm tendência a fazer”
E1 – B			“Exatamente” “Também subscrevo, está correto, muito bem”

E1 – A			“Exatamente, exatamente, concordo. Nem vou responder nada, que eu faço das palavras da E1- C as minhas palavras”
E1 – C			“Portanto, se há ‘inclusividade’ é no feminismo, se não o querem entender, aí o problema já não é nosso”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Direitos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Universalidade de direitos	Considera não se tratar dar uma questão de superioridade, mas de igualdade de oportunidades. Direitos humanos.	“há muita tendência de se comparar e contrapor a nossa posição, com a posição do homem. Eu não quero saber a posição deles, quero saber a minha, quero saber os meus direitos, eu quero saber é os meus direitos. Agora, se isso na cabeça de algumas pessoas implica que eu ao atingir aqueles direitos, eu estou a confrontar os direitos dos homens, não é esse o meu objetivo. Eu quero é ter as mesmas oportunidades, porque sinto que tenho as mesmas capacidades. Portanto, se tenho as mesmas capacidades, tenho de ser tratada como os direitos dos homens. E, portanto, não há direitos dos homens, nem direitos das mulheres, há direitos humanos, porque antes de ser mulher ou de ser homem, eu sou um ser humano. Se há direitos humanos, não há que haver aí um pingão de discriminação. Por isso, não quero ser mais que o João, quero ser mais do que eu, eu quero-me superar todos os dias e é nesta superação que está a minha segurança, como diz a colega C e muito bem, está a minha segurança como mulher e o meu orgulho em ser mulher e vou vir sempre em mulher, não quero vir em outros géneros”
E1 – C		Já lhe viu ser negado fazer algo, só por ser mulher	“queria jogar futebol de 11 e não podia porque era rapariga, queria fazer qualquer coisa e não podia, mas eu perguntava sempre, porque é que os rapazes fazem e eu não? Porque é que eu tenho de ser tratada de forma diferente?”
		Considera tratar-se de uma questão de direitos humanos	“não há direitos dos homens, nem direitos das mulheres, há direitos humanos, porque antes de ser mulher ou de ser homem, eu sou um ser humano e, portanto, se há direitos humanos, não há que haver aí um pingão de discriminação”
E1 – A	Sexualidade	Considera que todos temos o direito a viver a vida em pleno, em todos os setores da vida, incluindo a sexualidade	“tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem

			que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir, não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó minha avó uma pessoa benzia-se e dizia 'que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê'. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia 'gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava', porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho que sim. É um caminho de procura de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”
<b>Estereótipos Sociais</b>			
<b>Entrevistadas</b>	<b>Rótulos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 - A	Descrédibilizar o feminismo	Faz uma conotação do feminismo como se o vissem como algo pejorativo. No entanto, refere ter muito orgulho em ser mulher e feminista	“eu comecei a tomar consciência que era uma acérrima defensora dos direitos das mulheres e que se para isso tivesse de ser apelidada de feminista, o seria com muito gosto (...) eu tinha muito gosto em ser mulher, tinha muito gosto em ser feminista e se algum dia eu nascer outra vez ou reencarnar, eu vou escolher ser mulher (...) sou uma feminista de alma e coração”
E1 - B	Machismo	Pensando que a questão poderia de alguma forma descrédibilizar a luta feminista, a mesma demonstra já ter visto o feminismo associado a algo negativo. Referindo a existência do machismo, não só por parte dos homens, como também por parte das mulheres e a dificuldade que é, ser mulher numa sociedade repleta de machismo, onde o feminismo é muitas vezes descrédibilizado	“Eu acho que às vezes, também é preciso ter cuidado, também, como se põe as questões, e eu percebo, a Carla também está a fazer a sua tese, porque efetivamente a questão do feminismo é algo positivo, ou seja, é fazer valer os direitos das mulheres, é pôr a mulher no mapa, entre aspas, porque só há mapa para os homens e é preciso ter atenção. Eu percebo a pergunta, o que significa a perspectiva e experiência, é uma experiência de luta, não é? Diária. Quer a nível da UMAR, quer a nível individual, porque nós sabemos que para fazermos alguma coisa, não é? Para fazermos passar a mensagem, e passarmos a voz, temos que ir calcando muito, muitos machistas, inclusivamente, mulheres machistas, também”



E1 – C	Feminismo associado ao femismo <sup>243</sup>	Considera que existe uma confusão quanto à definição de feminismo, muitas vezes vista como sendo o contrário de machismo	“Eu acho que sim, até porque se o feminismo não fosse inclusivo, nós não tínhamos essa atenção de explicar que os direitos são humanos e não são de homens ou mulheres, são de toda a gente. Se não, havia direitos feministas e direitos machistas, que é o que as pessoas têm tendência a fazer”
E1 – B	Normalização <sup>244</sup>	Referem o rótulo que é aplicado às pessoas com deficiência de “anormais”, como se existisse uma “normalização” física ou de conduta social que os diferenciava dos demais.	<p>“Mas ó E1- C, somos nós enquanto sociedade que não normalizamos, porque por eles, se calhar, estaria tudo bem. Para nós é que a parte sexual e deficiência, não combina”</p> <p>“Não funciona, ou então, ‘para que é que eles querem aquilo?’, ó sei lá, pronto, enfim, mas sim, também é um assunto, eu agora estava a ler a pergunta que a Carla pôs, é um assunto, realmente, pronto, também não é muito a nossa área. De lidar, pronto, isso é verdade, e, portanto, isso são questões que pronto, que se calhar, dá que pensar. Dá aqui um bocadinho que pensar, mas sim, mas concordo com a E1- C. Que também tem mais alguma experiência nesta matéria, mas acho que sim, a normalização, porque nós, se calhar, enfim. Os anormais somos nós”</p> <p>“e ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer. Portanto, eu julgo que neste momento estamos nesse patamar das escadas, está</p>

<sup>243</sup> O femismo é por vezes confundido com o feminismo entre as pessoas que não têm muito conhecimento na matéria, porém, e como é possível ver através do Dicionário Priberam (Disponível Online, 2022) o feminismo é um “movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem” enquanto que o femismo se caracteriza “como um comportamento ou linha de pensamento segundo a qual a mulher domina socialmente o homem e lhe nega os mesmos direitos e prerrogativas”. Ou seja, ainda que os dois termos sejam parecidos, a sua definição é amplamente diferente.

<sup>244</sup> Partindo da perspectiva de que existe uma normalização social, onde normas prevalecem sobre todos os indivíduos e que, quem não se enquadra nessas normas serão considerados ‘diferentes/desviantes’, podemos pensar na obra ‘*Vigiar e Punir*’ de Michel Foucault (1975), ainda que numa lógica de poder disciplinar, onde o mesmo via a normalização, como uma construção idealmente pensada, resultando na punição ou recompensa, de acordo com o seu resultado. No entanto, e fazendo o paralelismo com a normalização social de Foucault e a teoria de Howard Becker sobre ‘*Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*’ (1963), consegue-se perceber que, resultante de normas previamente estabelecidas, não é colocada no mesmo patamar da sexualidade, a pessoa com deficiência da pessoa sem. Resultando assim, numa exclusão dos mesmos, podendo ser considerados ‘outsiders’, ainda que não se possa considerar que os mesmos sejam um desvio da sociedade, numa relação de poder, podem ser vistos como um grupo menor, ignorados pela sociedade, ficando assim, à margem da sociedade.

			<p>no patamar mais baixinho, e, portanto, tecnicamente falando acho que está na altura de fazer algo para que essas pessoas tenham essas respostas. Sem qualquer vergonha, sem qualquer subterfúgio, é algo que é preciso para dignificar aquele ser humano, como outro qualquer. Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem WhatsApp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos 'será que há', 'será que vai ser, técnico', 'será que é para explorar a minha pessoa', e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessidades de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens "ditos normais", imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um SOS ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assigno, isso não pode ser o trabalho que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada"</p>
<b>Entrevistadas</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Pudores na sexualidade	<p>Considera haver um certo pudor em falar com naturalidade sobre a sexualidade. Considerando que, se as coisas fossem faladas com mais naturalidade, seria muito mais benéfico para toda a gente, principalmente para as gerações que se avizinham.</p>	<p>"Era importante, que, lá está, isto se fosse falado naturalmente, toda a gente já tentou ou já experimentou a masturbação e toda a gente, para estar cá, é porque foi produto de uma relação sexual. Portanto, as coisas não são faladas com naturalidade e nós se formos, se calhar, mesmo com a geração mais nova, se chegarmos lá e dissermos assim 'então tu masturbas-te e assim?', eles ficam cheios de vergonha e se calhar, a culpa é um bocadinho nossa porque nós é que metemos o estigma nestas coisas. Isso é natural, faz parte do nosso próprio conhecimento humano. Uma mulher, principalmente uma mulher, se não se masturbar, se calhar, não conhece o seu órgão sexual tão bem como um homem, por exemplo."</p>

E1 – B		Menciona existir um certo pudor no ato da masturbação, para algumas pessoas	“Tocar-me? Nem pensar, não é? Onde é que fica o quê? Não se sabe. Pronto.”
E1 – B	Influência da Igreja	Refere a naturalidade com que a sociedade vê um rapaz a desenvolver a sua sexualidade, através da masturbação, e do quão inapropriado isso pode ser considerado para uma rapariga, como se fosse ‘um pecado’.	“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento normal exploratório, não é? É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o que é que gostamos, ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional. Começa nos pais e nas mães e nos cuidadores, a maneira como expõe isto à criança. Se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”
E1 – A		Faz referência à influência da religião quanto ao sexo, como se fosse um pecado.	“pois, até parece que é uma coisa pecaminosa, sinceramente, olha, isso dava mais uma tese ó Carla”
	Autoexame	Refere que já se deparou com jovens mulheres, que demonstravam desconforto a realizarem um autoexame, recomendado pelos médicos, nomeadamente, a apalpação dos seios, para prevenir o cancro de mama, e as mesmas levavam o gesto como algo perverso e pecaminoso. Devido ao estigma que a igreja católica depositou sobre o tema.	“Um parêntesis, eu já ouvi mulheres adultas onde lhes é recomendado fazer apalpação, dos seios, para ver nódulos e há mulheres que não querem fazer. Eu tinha alunas que se falava nesses assuntos e elas me diziam assim ‘aí, senhora, não. Agora não me vou tocar, não é?’ e eu disse ‘não! Tu não te estás a tocar, estás-te apalpando, medicamente falando, estás-te apalpando, para ver se o teu organismo, se o teu corpo está tudo bem’, mas não, na cabecinha delas, delas adultas, já, com 18 e 20. Portanto, uma recomendação médica, de saúde e elas interpretavam esta recomendação como algo, como a B disse, e disse bem ‘como um pecado, pecaminoso’.”
E1 – B	Masturbação feminina	Refere que existe um certo pudor, no que se refere à masturbação, principalmente feminina	“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento

			<p>normal exploratório, não é? É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional. Começa nos pais e nas mães e nos cuidadores, a maneira como expões isto à criança. Se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”</p>
E1 – A	Idadismo na sexualidade	<p>Constata o preconceito que existe quanto ao envolvimento sexual e trocas de afeto, das pessoas acima dos 50 anos. Como se as mesmas não tivessem as mesmas necessidades que tiveram outrora e a idade fosse um fator determinante da sexualidade.</p>	<p>“Exato. Como isto, também se pode reportar para as pessoas da minha idade ou mais idade, porque na cabeça da maior parte dos técnicos e dos serviços, um homem ou uma mulher aos 60, 65, ou aos 70 não faz sexo. E quando percebem que isto acontece, naquele casal, é visto como ‘olha, mas afinal’, não é visto como uma necessidade humana. ‘Olha, a pessoa está viva, tem necessidade, tem saúde, está bem’, não! É visto sempre de forma negativa, mais do que, aqui, na minha experiência com pessoas com deficiência, a minha experiência com pessoas com mais idade. Nós já acompanhamos senhoras com os 55 e os 60, e que referenciavam que tinham desejo, que tinham necessidades, e que o médico dizia: ‘olhe, mas agora, olhe, mas então’. Porquê? Porquê? Sinceramente.”</p> <p>“e os idosos, e os idosos! Eu fico doida quando ouço pessoas de 40 anos, que têm pais e mães em perfeita saúde e acham que eles não podem dar um beijinho, não pode dar um apalhão, não podem, ‘como é que tu foste feita? Olha foi a Cegonha que trouxe’, quer dizer, vivem juntos há 40 anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um beijo na boca? Eu vejo pessoas assim ‘aí, aí, os meus pais não, não, não’, o corpo vai envelhecendo, mas a vontade, se calhar, não envelhece, ou o desejo, seja o que for. E isto para mim, mete-me uma espécie, como é que, parece pessoas de 40 anos parecem crianças de 5/6 anos quando veem a mãe e o pai a dar um beijo e fazem ‘que porcaria’ vocês já assistiram, não é? As crianças ficam todas horrorizadas, pronto, pessoas adultas e, portanto, a terceira idade pra mim, é um motivo de preocupação quer dizer até os 18 não podiam fazer porque eram menores, dos 18 não sei quê para a frente tem que fazer com cuidado que pode acontecer as coisas e depois, chegam os 70 não podem fazer porque os filhos não querem que eles façam, por amor de Deus. E, portanto, quando vejo isso eu penso logo na terceira idade, quer dizer, nós ou é porque que eu estou na terceira idade,</p>

			mas não é o meu caso ou vou a caminho, mas a E1 - C tem muita razão, a comunidade LGBT, as deficiências,”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Pornografia</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 - C	Irrealismo na pornografia	Refere que a pornografia é irrealista, pois muitas das cenas pornográficas, não conseguem ser feitas por uma pessoa sem qualquer condição física, não sendo assim, anatomicamente possíveis	“Podia-se criar, idealmente, não sei, isto agora sou eu a ter aquelas epifanias que às vezes me dá. Devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para toda a gente. Uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: ‘eu nunca vou fazer aquelas cambalhotas’. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que se identifique, com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá.”
E1 - A			“É uma desilusão, e, portanto, esta formação não seria só para as senhoras e os senhores trabalhadores do sexo, mas também para a população, assim em geral, sobretudo para rapazes e raparigas de que aquilo que vêm no filme é como Homem-Aranha, o Homem-Aranha só existe nos filmes, portanto, não existe na realidade e há uma série de imagens, e de situações pornográficas que não existem na realidade, o nosso corpo não chega aquilo”
E1 - A			“sobretudo na pornografia, o corpo da mulher é altamente explorado, assim como os orgasmos. Até parece que as mulheres conseguem está, 20 horas, 30 horas, sempre em orgasmo, na pornografia, isto, aparece assim, parece que é uma coisa continuada, e depois as jovens quando têm a sua experiência, comentam-nos ‘ah, mas eu nunca consigo aquilo, eu nunca faço assim, nunca dá’, pois, pudera. Mesmo a nível de ejaculação e não sei mais quê, parece que credo, misericórdia”
E1 - B			“não podemos, não é real, não pode ser daquela maneira, porque nós temos uma glândula, as nossas glândulas ejaculatórias, as glândulas de Baldini, de bandulini [glândulas de Bartholin], desculpem, são muito pequeninas, portanto, nós não

			podemos estar ali quase como uma fonte. Vocês desculpem, mas eu tenho que dizer isto, desculpem, e bom, vale o que vale, há pornografia bem feita, realizada por mulheres, quando a pornografia é realizada por homens temos isto, quando a pornografia é realizada por mulheres, há toda uma atenção pela mulher, pelo prazer da mulher, etc, é uma coisa muito mais bem feita, muito mais delicada, em que há prazer para ambos os lados”
E1 – C		Refere já se ter visto obrigada a explicar aos alunos que a pornografia não era real	“vocês têm que ter noção que aquilo que nós vemos, não é daquela forma”
E1 – A	Desconstrução necessária	Refere que se deveria falar sobre a pornografia, sobretudo nos jovens, de forma a desconstruir aquilo que se vê como sendo algo meramente cinematográfico	“Como também da pornografia. Sobretudo nos jovens”
E1 – C			“É, é, independentemente da deficiência muitos dos nossos jovens consomem pornografia e nós sabemos disso, não oficialmente, mas empiricamente, e tínhamos que desmistificar aquilo que eles vêm porque depois na prática querem fazer como veem nos filmes”
E1 – C	Tabu	Refere que não se aborda a pornografia abertamente, como deveria de ser feito	“É falado muito por alto e deitado pra canto”
E1 – C	Desinformação gerada pela pornografia nos jovens	Refere que, influenciados pela pornografia, os jovens absorvem as informações que retiram de lá e acham que aquilo é o correto. Como resultado, alguns jovens não sabem colocar o preservativo, e ficam insatisfeitos com as suas experiências, por não serem semelhantes às que assistiram.	“É quando, um à parte, não tem muito a ver com isto, mas para a questão que a E1- A estava a falar, de às vezes, o próprio desconhecimento, e aquilo a que eles estão expostos, os jovens, faz com que eles tenham experiências muito, muito más. Eu quando trabalhei na escola, nós através da saúde escolares, fazíamos um programa bienal, sobre a educação na sexualidade. E o que é que nós tínhamos? Criamos uma pastinha, que tinha lá dentro preservativos masculinos, femininos, DIUs, tudo e mais alguma coisa que se podia imaginar. E eu pedi a um professor na altura, de EVT, que me fizesse 2 pénis em PVC ou em esferovite que eu pudesse utilizar, porque o corpo humano da mulher nós tínhamos, mas o masculino, não. E eram terrores, isto eram miúdos de 15/16/17 anos que já estavam ativos sexualmente, na hora de pôr um preservativo, ‘ah, porque é assim que eles fazem, eles davam cada estalada’ e eu dizia mesmo ‘tu não tens amor à tua coisinha’. Eram aulas muito divertidas, mas via-se que pronto, era o que eles viam, ‘se é

			assim que toda a gente faz, é assim que nós temos que fazer', eram preservativos ao contrário, eram preservativos que acabavam rotos, porque não se sabia colocar. Ao início eles levavam muito na brincadeira, mas depois no fim, percebiam que realmente estavam a fazer aquilo mal e depois disso 'e agora? Depois aparece um bebé, e aí Jesus como é que se faz?'"
A1 – A			"Sobretudo na pornografia, o corpo da mulher é altamente explorado, assim como os orgasmos. Até parece que as mulheres conseguem está, 20 horas, 30 horas, sempre em orgasmo, na pornografia, isto, aparece assim, parece que é uma coisa continuada, e depois as jovens quando têm a sua experiência, comentam-nos 'ah, mas eu nunca consigo aquilo, eu nunca faço assim, nunca dá', pois, pudera. Mesmo a nível de ejaculação e não sei mais quê, parece que credo, misericórdia"
E1 – B	Pornografia <i>hardcore</i> <sup>245</sup>	Refere que os jovens procuram mais rapidamente pornografia mais agressiva, do que uma criação mais cuidada e lenta.	"E, portanto, é, e é real, é real. Pronto, é claro que os jovens não vão procurar a pornografia bem feita, com muita calma e muito lenta, vão logo àquela, que enfim, a rasgar tudo, de saltos altos e toca a andar"
E1 – A	Opressão e exploração do corpo da mulher	Considera que o corpo da mulher é altamente explorado na pornografia	"Sobretudo na pornografia, o corpo da mulher é altamente explorado, assim como os orgasmos. Até parece que as mulheres conseguem está, 20 horas, 30 horas, sempre em orgasmo, na pornografia, isto, aparece assim, parece que é uma coisa continuada, e depois as jovens quando têm a sua experiência, comentam-nos 'ah, mas eu nunca consigo aquilo, eu nunca faço assim, nunca dá', pois, pudera. Mesmo a nível de ejaculação e não sei mais quê, parece que credo, misericórdia"
E1 – B	Pornografia realizada por mulheres	Refere existir uma grande diferença na pornografia realizada por homens e por mulheres. Considera que a pornografia realizada pelas mulheres é mais atenta e preocupada com o prazer mútuo, ao contrário do que acontece na que é feita pelos homens.	"Não podemos, não é real, não pode ser daquela maneira, porque nós temos uma glândula, as nossas glândulas ejaculatórias, as glândulas de Baldini, de bandulini [glândulas de Bartholin], desculpem, são muito pequeninas, portanto, nós não podemos estar ali quase como uma fonte. Vocês desculpem, mas eu tenho que dizer isto, desculpem, e bom, vale o que vale, há pornografia bem feita, realizada por mulheres, quando a pornografia é realizada por homens temos isto, quando a pornografia é realizada por mulheres, há toda uma atenção pela mulher, pelo prazer da mulher, etc, é uma coisa muito mais bem feita, muito mais delicada, em que há prazer para ambos os lados"

<sup>245</sup> O termo inglês *hardcore* segundo o Dicionário Priberam (Disponível Online), refere, *é relativo a ou sugere um ato sexual explícito; que contém pornografia*. Ou seja, trata-se de um estilo de pornografia de adultos, caracterizado por conter cenas sexuais explícitas de todas as formas possíveis e imaginárias.

E1 – A		Complementa a colega, referindo que é mais real a pornografia feita por mulheres	“e real”
E1 – B		Concordando com a colega, refere que a pornografia feita por mulheres mais realista, do que a criada por homens.	“e, portanto, é, e é real, é real. Pronto, é claro que os jovens não vão procurar a pornografia bem feita, com muita calma e muito lenta, vão logo àquela, que enfim, a rasgar tudo, de saltos altos e toca a andar”
<b>Situação/Problema</b>			
<b>Entrevistadas</b>	<b>Autoconhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Sexo e masturbação	Considera dois competentes aliados a uma boa qualidade de vida, a vários níveis.	“sim, sem dúvida! Faz parte da nossa condição biológica, da nossa condição emocional, e da nossa condição, mental” “não tenho qualquer dúvida que e como se diz na linguagem corrente, faz bem à pele”
E1 – C		Complementa a resposta da colega E1- A, concordando com o que refere a mesma	“e humana” “e às articulações, também”
		Considera uma atividade que gera queima de calorias	“E queima calorias”
E1 – A		Considera que se deveria ver o sexo e a masturbação com mais naturalidade	“Era importante, que, lá está, isto se fosse falado naturalmente, toda a gente já tentou ou já experimentou a masturbação e toda a gente, para estar cá, é porque foi produto de uma relação sexual. Portanto, as coisas não são faladas com naturalidade e nós se formos, se calhar, mesmo com a geração mais nova, se chegarmos lá e dissermos assim ‘então tu masturbas-te e assim?’, eles ficam cheios de vergonha e se calhar, a culpa é um bocadinho nossa porque nós é que metemos o estigma nestas coisas. Isso é natural, faz parte do nosso próprio conhecimento humano. Uma mulher, principalmente uma mulher, se não se masturbar, se calhar, não conhece o seu órgão sexual tão bem como um homem, por exemplo.”
E1 – B			“Não saberá o que fazer e o que gosta”



		Refere que a falta de masturbação, faz com que as pessoas não saibam o que gostam e o que devem fazer, quando têm um encontro sexual	“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar (...) É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional (...) se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”
E1 – C		Considera fazer parte do processo de autoconhecimento o conhecimento do próprio corpo, através da masturbação e do sexo.	“Exatamente. Faz parte do próprio autoconhecimento.”
E1 – C		Complementa a colega, dizendo que quando não se masturbam, podem levar a que não gostem de fazer sexo	“É natural que não goste.”
E1 – A		Em tom de ironia, refere que ao não se masturbarem, não saberão onde se encontram os órgãos sexuais.	“Tocar-me? Nem pensar, não é? Onde é que fica o quê? Não se sabe. Pronto.”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Educação na sexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – B	Educação sexual em casa	Refere que, se, porventura, visse a filha a masturbar-se na sala, a aconselharia a fazê-lo num local mais privado, nomeadamente, no quarto. Ou seja, considera que o melhor a fazer, quando uma criança se começa a «conhecer» (a descobrir), os pais devem aconselhá-los a fazerem-no na sua privacidade, e nunca, reprimindo-os, porque essa repressão irá refletir-se na idade adulta.	“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento normal exploratório, não é? É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional. Começa nos pais e nas mães e nos cuidadores, a maneira como expões isto à criança. Se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”

E1 – C	Educação sexual na escola	<p>Conto um episódio que teve na escola onde trabalhou, e onde eram implementadas aulas de educação sexual, era notório o desconhecimento por parte dos jovens, no simples ato de colocar o preservativo.</p>	<p>“é quando, um à parte, não tem muito a ver com isto, mas para a questão que a E1- A estava a falar, de às vezes, o próprio desconhecimento, e aquilo a que eles estão expostos, os jovens, faz com que eles tenham experiências muito, muito más. Eu quando trabalhei na escola, nós através da saúde escolares, fazíamos um programa bienal, sobre a educação na sexualidade. E o que é que nós tínhamos? Criamos uma pastinha, que tinha lá dentro preservativos masculinos, femininos, DIUs, tudo e mais alguma coisa que se podia imaginar. E eu pedi a um professor na altura, de EVT, que me fizesse 2 pénis em PVC ou em esferovite que eu pudesse utilizar, porque o corpo humano da mulher nós tínhamos, mas o masculino, não. E eram terrores, isto eram miúdos de 15/16/17 anos que já estavam ativos sexualmente, na hora de pôr um preservativo, ‘ah, porque é assim que eles fazem, eles davam cada estalada’ e eu dizia mesmo ‘tu não tens amor à tua coisinha’. Eram aulas muito divertidas, mas via-se que pronto, era o que eles viam, ‘se é assim que toda a gente faz, é assim que nós temos que fazer’, eram preservativos ao contrário, eram preservativos que acabavam rotos, porque não se sabia colocar. Ao início eles levavam muito na brincadeira, mas depois no fim, percebiam que realmente estavam a fazer aquilo mal e depois disso ‘e agora? Depois aparece um bebé, e aí Jesus como é que se faz?’”</p>
E1 – B		<p>Conta um episódio na qual teve que explicar a uma rapariga como se coloca o preservativo, porque a mesma não sabia, e com isto, chama a atenção para a falta de conhecimento sobre o tema, por parte dos jovens</p>	<p>“Deixem-me só partilhar, é muito rápido, e já vamos embora para a próxima questão. A E1- C estava a falar que na escola onde estive, pronto, fizeram os pénis, de, portanto, o professor fez. Nós já tivemos jovens, obviamente, na casa abrigo, com 15 anos que tinham os namorados, eu não utilizei pénis feitos, porque eu não tenho jeito nenhum, então, foi uma banana e tive que explicar a uma miúda porque ela não sabia. O que é que acontece aos jovens? Eles não andam com preservativo porque não querem, e elas também não andam porque não andam, então, muito bem, mas pelo menos aquela jovem, ficou a saber como é que se põe, ok? Porque não sabia. Portanto, já tinha namorado, eu trouxe a banana da cozinha e vamos explicar como é que. Pronto, não havia professor de EVT”</p>
E1 – C		<p>Refere a falta de maturidade, por parte dos jovens, dos 14 aos 15 anos, no que concerne ao tema sexualidade (com base na experiência que teve).</p>	<p>“Sim, e na altura quando nós começamos aquilo foi muito estranho, porque primeiro arranjamos foi mesmo o PVC, e eu vi que eles iam gozar muito como o PVC, e então, eu falei com o professor. Já que haveria o recurso, disse ‘olhe, o senhor não consegue fazer aí uns assim em esferovite ou qualquer coisa, porque assim eles levam mais a sério’, e aquilo ao início quando eu abri a caixa, e viam que havia aquilo ali dentro era um pandemónio, e estamos a falar de adolescentes já com 14/15/16 anos, e eles ficavam muito chocados, e eu falava com muita</p>

			naturalidade com eles, e eles ficavam do género, 'pois, mas a senhora não tem vergonha?', 'não, não tenho, então, eu estou-vos a explicar, eu estou a tentar que vocês tenham uma vida sexual melhor, é só isto'."
E1 – B	Desmistificar a sexualidade	Refere que, se a sexualidade fosse vista com mais naturalidade, os jovens não iriam achar tanta piada a um pénis feito de PVC	"mas ó E1- C, se isso fosse o normal, eles já não se riam, se isso já fosse, não é?"
E1- A		Considera que se deveria desmistificar os temas ligados à sexualidade, de forma a ver-se o sexo e a masturbação com uma maior naturalidade.	"Era importante, que, lá está, isto se fosse falado naturalmente, toda a gente já tentou ou já experimentou a masturbação e toda a gente, para estar cá, é porque foi produto de uma relação sexual. Portanto, as coisas não são faladas com naturalidade e nós se formos, se calhar, mesmo com a geração mais nova, se chegarmos lá e dissermos assim 'então tu masturbas-te e assim?', eles ficam cheios de vergonha e se calhar, a culpa é um bocadinho nossa porque nós é que metemos o estigma nestas coisas. Isso é natural, faz parte do nosso próprio conhecimento humano. Uma mulher, principalmente uma mulher, se não se masturbar, se calhar, não conhece o seu órgão sexual tão bem como um homem, por exemplo."
E1 – C	Professores	Refere que os próprios professores desvalorizavam a educação sexual, não dispensando aulas das suas para que os alunos pudessem ter aulas de educação sexual	"os próprios professores, atenção, eu trabalhei numa escola tinha para aí 7/8 turmas de 9º ano, e fizemos isto a duas ou três, porque os próprios professores falavam 'ai, mas isto não é preciso, isto não é para a nossa aula', e nós tentávamos fazer em aulas de ciências, por exemplo, ou em aulas de biologia, que era para pronto, fazer sentido, e os próprios professores são os primeiros a cortar as asas"
<b>Entrevistadas</b>	<b>Grupos vulneráveis</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – B	Espaço sexual para pessoas num lar	Ainda que não fosse algo privado, refere existirem lares, onde dispõe de um sofá para que os seus utentes possam ter contactos mais íntimos.	"E há médicos que nem sequer perguntam por essa parte, não é? Quer dizer, essa parte raramente vem no guião do médico de família. Eu estava só a lembrar-me que, enfim, foge um bocadinho à deficiência, mas as pessoas com mais alguma idade, tanto, enfim, que estão residentes em lares, eu vi uma reportagem em que um lar tinha um espaço, um pequeno espaço, adaptado com um sofá, portanto, algo confortável para que se quisessem ter algum encontro, era naquele espaço. Ou seja, o próprio lar já previa que as pessoas poderiam ter necessidades, que faz parte das necessidades básicas, e, portanto, este lar tinha isto, tinha este espaço que era mesmo para isto, pronto"
E1 – C		Complementando a colega A1 – B, refere que, mesmo não tendo tanta privacidade, é preferível	"É preferível eles terem um espaço, uma zona"

		terem um espaço destinado, do que não terem acesso aos cuidados médicos. Reforçando a importância de existir um espaço onde as pessoas se possam encontrar para ter relações sexuais, sem que possam ser prejudicados por tal.	“Como, por exemplo, aconteceu numa situação de uma senhora, pronto, não era acompanhada por nós, mas era acompanhada pela nossa rede, que teve que ir para os cuidados continuados de um lar e acabou por se envolver lá com o senhor, e depois, pôs-se em cima da mesa ‘ou sai ela, ou sai ele, os dois aqui não podem continuar, que isto é uma sem-vergonhice’, pronto. É preferível terem uma zona destinada a isso, que a pessoa ter que deixar de ter os cuidados que precisa porque eles não aceitam este tipo de comportamento.”
E1 – A	Privacidade	A colega constata a falta de privacidade e elevada exposição do espaço sexual.	“Supostamente deveria ser no quarto da pessoa, não era?”
E1 – C	Comunidade LGBTQIA+	Chamam a atenção para a comunidade LGBTQIA+, ainda que não desenvolvam muito o tema, referem ser também um grupo vulnerável	“nós estamos a falar aqui da deficiência, mas nisto que a E1- A está a dizer, está-me a fazer lembrar a questão da comunidade LGBTI”
E1 – A			“e os idosos, e os idosos! Eu fico doída quando ouço pessoas de 40 anos, que têm pais e mães em perfeita saúde e acham que eles não podem dar um beijinho, não pode dar um apalpão, não podem, ‘como é que tu foste feita? Olha foi a Cegonha que trouxe’, quer dizer, vivem juntos há 40 anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um beijo na boca? Eu vejo pessoas assim ‘aí, aí, os meus pais não, não, não’, o corpo vai envelhecendo, mas a vontade, se calhar, não envelhece, ou o desejo, seja o que for. E isto para mim, mete-me uma espécie, como é que, parece pessoas de 40 anos parecem crianças de 5/6 anos quando veem a mãe e o pai a dar um beijo e fazem ‘que porcaria’ vocês já assistiram, não é? As crianças ficam todas horrorizadas, pronto, pessoas adultas e, portanto, a terceira idade pra mim, é um motivo de preocupação quer dizer até os 18 não podiam fazer porque eram menores, dos 18 não sei quê para a frente tem que fazer com cuidado que pode acontecer as coisas e depois, chegam os 70 não podem fazer porque os filhos não querem que eles façam, por amor de Deus. E, portanto, quando vejo isso eu penso logo na terceira idade, quer dizer, nós ou é porque que eu estou na terceira idade, mas não é o meu caso ou vou a caminho, mas a E1 - C tem muita razão, a comunidade LGBT, as deficiências,”
E1 – B			“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a

			<p>questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>
E1 – A	Idosos	<p>Chamam à atenção para a vulnerabilidade a que os idosos estão sujeitos, principalmente no que concerne ao tema sexualidade. São vistos como pessoas cuja vida sexual estagnou na idade mais juvenil. Quando é sabido que o desejo e as necessidades sexuais não têm uma relação direta com a idade.</p>	<p>“e os idosos, e os idosos! Eu fico doída quando ouço pessoas de 40 anos, que têm pais e mães em perfeita saúde e acham que eles não podem dar um beijinho, não pode dar um apalpão, não podem, ‘como é que tu foste feita? Olha foi a Cegonha que trouxe’, quer dizer, vivem juntos há 40 anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um beijo na boca? Eu vejo pessoas assim ‘aí, aí, os meus pais não, não, não’, o corpo vai envelhecendo, mas a vontade, se calhar, não envelhece, ou o desejo, seja o que for. E isto para mim, mete-me uma espécie, como é que, parece pessoas de 40 anos parecem crianças de 5/6 anos quando veem a mãe e o pai a dar um beijo e fazem ‘que porcaria’ vocês já assistiram, não é? As crianças ficam todas horrorizadas, pronto, pessoas adultas e, portanto, a terceira idade pra mim, é um motivo de preocupação quer dizer até os 18 não podiam fazer porque eram menores, dos 18 não sei quê para a frente tem que fazer com cuidado que pode acontecer as coisas e depois, chegam os 70 não podem fazer porque os filhos não querem que eles façam, por amor de Deus. E, portanto, quando vejo isso eu penso logo na terceira idade, quer dizer, nós ou é porque que eu estou na terceira idade, mas não é o meu caso ou vou a caminho, mas a E1 - C tem muita razão, a comunidade LGBT, as deficiências,”</p>
E1 – B			<p>“a terceira idade, acho muito, muito, muito importante”</p> <p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a</p>

			<p>questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>
A1 – A	Alcoólicos anónimos	<p>Fala do surgimento da comunidade AA (alcoólicos anónimos) e do trabalho que têm feito ao longo dos tempos. Fazendo um paralelo com a deficiência.</p>	<p>“isso faz-me lembrar aqui há uns anos atrás, eu sou a mais velha, faz-me lembrar, aqui uns anos atrás quando começou a aparecer a associação de alcoólicos anónimos no nosso país. Isto é uma coisa que sei lá, deve ter 25/30 anos, se tiver,”</p> <p>“e ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer. Portanto, eu julgo que neste momento estamos nesse patamar das escadas, está no patamar mais baixinho, e, portanto, tecnicamente falando acho que está na altura de fazer algo para que essas pessoas tenham essas respostas. Sem qualquer vergonha, sem qualquer subterfúgio, é algo que é preciso para dignificar aquele ser humano, como outro qualquer. Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem WhatsApp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos ‘será que há’, ‘será que vai ser, técnico’, ‘será que é para explorar a minha pessoa’, e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessidades de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com</p>

			50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um SOS ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assíduo, isso não pode ser o trabalho que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Necessidades (não atendidas)</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Necessidades sexuais depois dos 50	Chama a atenção para as necessidades sexuais das pessoas com mais de 50 anos, que são, por vezes, negligenciadas.	“Exato. Como isto, também se pode reportar para as pessoas da minha idade ou mais idade, porque na cabeça da maior parte dos técnicos e dos serviços, um homem ou uma mulher aos 60, 65, ou aos 70 não faz sexo. E quando percebem que isto acontece, naquele casal, é visto como ‘olha, mas afinal’, não é visto como uma necessidade humana. ‘Olha, a pessoa está viva, tem necessidade, tem saúde, está bem’, não! É visto sempre de forma negativa, mais do que, aqui, na minha experiência com pessoas com deficiência, a minha experiência com pessoas com mais idade. Nós já acompanhamos senhoras com os 55 e os 60, e que referenciavam que tinham desejo, que tinham necessidades, e que o médico dizia: ‘olhe, mas agora, olhe, mas então’. Porquê? Porquê? Sinceramente.”
E1 – A	Médicos	Refere que existem médicos que não reconhecem as necessidades sexuais das pessoas acima dos 50 anos, com naturalidade. Como se existisse um limite de idade, onde a pessoa deixasse de sentir vontade de fazer sexo.	“Exato. Como isto, também se pode reportar para as pessoas da minha idade ou mais idade, porque na cabeça da maior parte dos técnicos e dos serviços, um homem ou uma mulher aos 60, 65, ou aos 70 não faz sexo. E quando percebem que isto acontece, naquele casal, é visto como ‘olha, mas afinal’, não é visto como uma necessidade humana. ‘Olha, a pessoa está viva, tem necessidade, tem saúde, está bem’, não! É visto sempre de forma negativa, mais do que, aqui, na minha experiência com pessoas com deficiência, a minha experiência com pessoas com mais idade. Nós já acompanhamos senhoras com os 55 e os 60, e que

			referenciavam que tinham desejo, que tinham necessidades, e que o médico dizia: 'olhe, mas agora, olhe, mas então'. Porquê? Porquê? Sinceramente."
E1 – B	Médicos de família	Constata lacunas na abordagem de alguns médicos de família, e no plano previamente estipulado, dado aos mesmos.	"E há médicos que nem sequer perguntam por essa parte, não é? Quer dizer, essa parte raramente vem no guião do médico de família. Eu estava só a lembrar-me que, enfim, foge um bocadinho à deficiência, mas as pessoas com mais alguma idade, tanto, enfim, que estão residentes em lares, eu vi uma reportagem em que um lar tinha um espaço, um pequeno espaço, adaptado com um sofá, portanto, algo confortável para que se quisessem ter algum encontro, era naquele espaço. Ou seja, o próprio lar já previa que as pessoas poderiam ter necessidades, que faz parte das necessidades básicas, e, portanto, este lar tinha isto, tinha este espaço que era mesmo para isto, pronto"
<b>Deficiência - Situação/Problema</b>			
<b>Entrevistadas</b>	<b>Deficiência cognitiva</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – C	Segurança	Chama a atenção para o risco de coação que pode surgir no caso das pessoas com deficiência cognitiva, na utilização de aplicações de encontros	"e não a magoarem-se, porque lá está, o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal. E lá está, agora a questão, de haver alguém que lhes possa transmitir esse prazer eu acho que eles entre si à sua escolha, naturalmente com alguém que tenham confiança e que tenham o à-vontade para isso, se os dois lados se sentirem à vontade, eu acho que era bom. Agora através de aplicações e tudo mais, eu tenho algumas reticências pessoalmente, por causa da questão cognitiva de eles perceberem realmente se não estão a ser usados"
E1 – C	Risco de coação	Refere a existência de coação de pessoas com problemas cognitivos na prostituição forçada	"porque há muitas pessoas com problemas de cognição que são prostituídas sem saber que o estão a ser. Portanto, primeiro, se calhar era eles conhecerem o seu corpo e não terem vergonha de o conhecer, e a partir daí fazê-lo com pessoas de confiança"
E1 – B	Sexo	Considera que uma pessoa com deficiência cognitiva não recorrerá a uma trabalhadora sexual	"Pois, eu, agora a Carla estava a ler esta segunda questão e eu fiquei um bocado confusa porque a questão anterior já me estava a levar precisamente para esta questão da prostituição, pronto, só que, entretanto, foi-se falando de grupos de ajuda. Pronto, efetivamente, há os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, isto existe e faz parte, há uns que concordam com a legalização, ou outros que não,



			<p>isto também, claro que se calhar, umas pessoas têm esta opção, como sendo uma escolha na sua vida, outras fazem-no porque é um meio mais rápido, e não digo que é mais fácil porque acho que não é nada fácil, e é muito complexo, e, portanto, nem quero estar a entrar muito por aqui, mas assim de repente e num flash, o que me vem à ideia é, se efetivamente este tipo de profissão tivesse mais apoio ou mais legalização, ou também se poderia dar ferramentas para que, efetivamente pudessem também, perceber a pessoa com deficiência, como é que pode, ou não, ter prazer. Portanto, ao fim ao cabo, seria formação para estes trabalhadores sexuais. Existe, está cá, não vamos estar com rodeios, tantas pessoas com/sem deficiência recorrem, e se calhar pessoas que têm mulheres em casa, maridos em casa, porque querem uma aventura diferente, o porquê, não importa, pronto. E quem somos nós para julgar a profissão, o acesso ou a via que tem e, portanto, eu acho que, foi por isso que me estava a fazer confusão esta segunda questão, agora estava a olhar para a anterior, e o trabalho sexual levou-me para a prostituição, mas como entretanto falou-se em grupos de ajuda e tal, e eu pensei 'ok, vamos aguardar', e logo a seguir vem precisamente isto, na minha opinião é isto, portanto, nós temos que dar, se elas, estas pessoas existem, porque é que chegaram lá não importa, estão na sua profissão, legal ou não legal, mas é aquela profissão que tantas pessoas recorrem, com tantas profissões diferentes, e com tantos estatutos diferentes, portanto, há um meio de sobrevivência em primeiro momento, se a pessoa com deficiência poderá ser até um acesso como disse a C, com a questão motora, portanto, não cognitiva mais difícil recorrer a um trabalhador sexual, mas motora uma pessoa cognitivamente estável, etc., até com uma profissão, mas que não tenha um parceiro ou uma parceira, que recorre ao trabalhador sexual, claro que pretende ter momentos de prazer, e que pode ter, e deve ter, porque mesmo quem tem paraplegia pode ter prazer sexual,"</p>
E1 – C	Necessidades não atendidas	<p>Recorda um episódio que viveu, onde uma utente com deficiência cognitiva abordava os colegas para fins sexuais, e destaca que a ausência de informações fez com a mesma não soubesse lidar com a sua sexualidade, não vendo assim, as suas necessidades atendidas</p>	<p>"Sim, claro que sim. Peço desculpa à expressão que se utiliza, mas, antes de trabalhar na UMAR, trabalhei numa escola e trabalhei numa casa de saúde. E, infelizmente, até os próprios técnicos, e não é por falta de formação deles e sensibilidade, eles são tolos para tudo, menos para o sexo, a verdade é essa. Portanto, eles têm capacidade para tudo, menos para o desejo e para a questão da sexualidade. E realmente, não é uma coisa que seja muito explorada, pelo menos, enquanto eu trabalhei quer a nível escolar, quer a nível de casa de saúde, não é um assunto que era muito explorado, porque, realmente, iria ferir susceptibilidades, quer dos funcionários, quer dos próprios familiares dos utentes. Não era que eles</p>

			não precisassem, que até me estou a recordar de uma utente em particular, que ela quase que raptava os rapazes na casa de banho para os violar, quase. Porque ela tinha aquele desejo, tinha de o suprimir aquele desejo e não sabia como e não sabia porquê. E já era uma jovem, com quase a minha idade, quase 30. Aquilo não era abordado, porque simplesmente era um comportamento, lá esta, como se falava há bocadinho, era uma castração, 'tu não podes ter este tipo de comportamento', e cognitivamente, ela ainda não tem capacidade de perceber porque não o deve ter. O corpo pede, ela sente o desejo 'porque é que eu não posso?'. E isto, claramente, há o preconceito, há o estigma e há também, eu acho, muito receio por parte dos próprios técnicos, das próprias instituições em lidar com estas situações."
<b>Entrevistadas</b>	<b>Socialização</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Grupos de interajuda	Refere a possibilidade de existirem convívios entre instituições e associações para que pessoas com patologias iguais ou semelhantes, se conhecessem e convivessem.	"sim, sim, seriam os próprios serviços a desenvolverem convívios, convívios saudáveis, entre diferentes grupos ou entre diferentes instituições e associações. Depois, evidentemente, que nesses convívios, iam conhecendo outras pessoas, outros homens, outras mulheres, que à partida partilhavam as mesmas dificuldades. O que seria, até se calhar, seria de grosso modo confortável e não só, portanto, promover convívios. Não só com pessoas com as mesmas dificuldades, as mesmas deficiências, mas com a comunidade. Porque há tantas comunidades, por exemplo, eu estou a ver aqui as juntas ao sábado à tarde, eles têm o convívio do chá, pronto. Levar estas pessoas àqueles convívios, eles participarem, saírem da sua comunidade, participarem na sua comunidade de apoio. Se estavam num centro de acolhimento, saírem daí para outros convívios e aí vão conhecendo as pessoas, e vão conhecendo outras vivências, e é uma maneira de conhecerem pessoas com alguma dignidade e sobretudo com alguma supervisão. Nas redes sociais não há supervisão e, portanto, acho que seria uma maneira segura de se conhecerem, julgo eu, nunca pensei nisto."
	Convívios com a comunidade	Considera que seria benéfico, se houvesse uma maior envolvência das pessoas com deficiência no seio da sociedade. Sendo inseridas em convívios e expandirem-se a outras comunidades.	
E1 – B	Convívios com a comunidade	Refere que os convívios (com supervisão) seriam mais seguros para as pessoas com deficiência, de forma a conhecerem outras pessoas, do que através das redes sociais.	"Era muito importante, porque não se ensina as pessoas com deficiência a explorar o seu próprio corpo, e o que é isto da masturbação. E muitas vezes, se calhar, também se magoam por causa disto, porque também não encaram a pessoa com algumas limitações, se calhar, como uma pessoa num todo. Portanto, o princípio está de todo errado logo à partida. Se calhar, se já tivessem este à-vontade de: 'eu com o meu próprio corpo, posso obter prazer', era logo um ótimo princípio. Quer

			<p>dizer, por eles próprios já tinham prazer, depois na relação com outro, com convívios promovidos pela comunidade, com a supervisão, claro, obviamente que, se consigo próprio consegue ter prazer, a dois, o prazer é, enfim, é a dobrar. Portanto, também concordo com a C, seria primeiro por aí, que é algo que não se faz, e depois sim, a parte mais de comunidade, mais de convívio, também de forma, não é? Porque as aplicações, nas pessoas com deficiência, com um nível cognitivo, será sempre alguma armadilha para eles ou para elas”</p> <p>“E ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer. Portanto, eu julgo que neste momento estamos nesse patamar das escadas, está no patamar mais baixinho, e, portanto, tecnicamente falando acho que está na altura de fazer algo para que essas pessoas tenham essas respostas. Sem qualquer vergonha, sem qualquer subterfúgio, é algo que é preciso para dignificar aquele ser humano, como outro qualquer. Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem WhatsApp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos ‘será que há’, ‘será que vai ser, técnico’, ‘será que é para explorar a minha pessoa’, e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessidades de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre</p>
--	--	--	--

			<p>si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um SOS ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assigno, isso não pode ser o trabalho que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”</p>
E1 – A	Redes sociais	<p>Considera as redes sociais perigosas, pois podem apresentar um risco de exploração.</p>	<p>“sim, sim, seriam os próprios serviços a desenvolverem convívios, convívios saudáveis, entre diferentes grupos (...). Se estavam num centro de acolhimento, saírem daí para outros convívios e aí vão conhecendo as pessoas, e vão conhecendo outras vivências, e é uma maneira de conhecerem pessoas com alguma dignidade e sobretudo com alguma supervisão. Nas redes sociais não há supervisão e, portanto, acho que seria uma maneira segura de se conhecerem, julgo eu, nunca pensei nisto.”</p> <p>“e ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer (...). Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem WhatsApp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos ‘será que há’, ‘será que vai ser, técnico’, ‘será que é para explorar a minha pessoa’, e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessidades de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de</p>

			saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um SOS ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assigno, isso não pode ser o trabalho que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”
E1 – C	Seriedade	Refere que se deveria de falar com seriedade sobre a deficiência	“acho que se devia de tratar com maior seriedade, quer o assunto da deficiência, como a prostituição”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Sexualidade na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – B	Autoconhecimento através da masturbação	Refere a importância das pessoas com deficiência se conhecerem sexualmente, para que possam ser evitados acidentes, decorrentes dessa autodescoberta sem qualquer apoio.	“Era muito importante, porque não se ensina as pessoas com deficiência a explorar o seu próprio corpo, e o que é isto da masturbação. E muitas vezes, se calhar, também se magoam por causa disto, porque também não encaram a pessoa com algumas limitações, se calhar, como uma pessoa num todo. Portanto, o princípio está de todo errado logo à partida. Se calhar, se já tivessem este à-vontade de: ‘eu com o meu próprio corpo, posso obter prazer’, era logo um ótimo princípio. Quer dizer, por eles próprios já tinham prazer, depois na relação com outro, com convívios promovidos pela comunidade, com a supervisão, claro, obviamente que, se consigo próprio consegue ter prazer, a dois, o prazer é, enfim, é a dobrar. Portanto, também concordo com a E1- C, seria primeiro por aí, que é algo que não se faz, e depois sim, a parte mais de comunidade, mais de convívio, também de forma, não é? Porque as aplicações, nas pessoas com deficiência, com um nível cognitivo, será sempre alguma armadilha para eles ou para elas”
A1 – C	Utilização de objetos perigosos, pelo desconhecimento	Refere a existência de casos onde pessoas com deficiência, por não terem como explorar a sua sexualidade, e como tal não tinham conhecimento sobre o assunto, acabam por utilizar objetos ‘não convencionais’.	“E não a magoarem-se, porque lá está, o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal. E lá está, agora a questão, de haver alguém que lhes possa transmitir esse prazer eu acho que eles entre si à sua escolha, naturalmente com alguém que tenham confiança e que tenham o à-vontade para isso, se os dois lados se sentirem à vontade, eu acho que era bom. Agora através de aplicações e tudo mais, eu tenho algumas reticências

			<p> pessoalmente, por causa da questão cognitiva de eles perceberem realmente se não estão a ser usados”</p>
E1 – C	Profissionais/ Técnicos de saúde	<p> Considera existir um preconceito no que se refere ao sexo na deficiência, inclusive por parte dos próprios técnicos, funcionários, dos familiares e das instituições, sejam elas escolas, centros de saúde, etc.</p>	<p> “Sim, claro que sim. Peço desculpa à expressão que se utiliza, mas, antes de trabalhar na UMAR, trabalhei numa escola e trabalhei numa casa de saúde. E, infelizmente, até os próprios técnicos, e não é por falta de formação deles e sensibilidade, eles são tolos para tudo, menos para o sexo, a verdade é essa. Portanto, eles têm capacidade para tudo, menos para o desejo e para a questão da sexualidade. E realmente, não é uma coisa que seja muito explorada, pelo menos, enquanto eu trabalhei quer a nível escolar, quer a nível de casa de saúde, não é um assunto que era muito explorado, porque, realmente, iria ferir suscetibilidades, quer dos funcionários, quer dos próprios familiares dos utentes. Não era que eles não precisassem, que até me estou a recordar de uma utente em particular, que ela quase que raptava os rapazes na casa de banho para os violar, quase. Porque ela tinha aquele desejo, tinha de o suprimir aquele desejo e não sabia como e não sabia porquê. E já era uma jovem, com quase a minha idade, quase 30. Aquilo não era abordado, porque simplesmente era um comportamento, lá esta, como se falava há bocadinho, era uma castração, ‘tu não podes ter este tipo de comportamento’, e cognitivamente, ela ainda não tem capacidade de perceber porque não o deve ter. O corpo pede, ela sente o desejo ‘porque é que eu não posso?’. E isto, claramente, há o preconceito, há o estigma e há também, eu acho, muito receio por parte dos próprios técnicos, das próprias instituições em lidar com estas situações.”</p>
	Familiares		
	Instituições		
E1 – A	Patologia	<p> Ainda que faça referência à importância da confiança e do à-vontade, refere que a procura seria entre eles, ou seja, pessoas com uma patologia, ou a mesma, no seu ciclo de socialização</p>	<p> “e não a magoarem-se, porque lá está, o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal. E lá está, agora a questão, de haver alguém que lhes possa transmitir esse prazer eu acho que eles entre si à sua escolha, naturalmente com alguém que tenham confiança e que tenham o à-vontade para isso, se os dois lados se sentirem à vontade, eu acho que era bom. Agora através de aplicações e tudo mais, eu tenho algumas reticências pessoalmente, por causa da questão cognitiva de eles perceberem realmente se não estão a ser usados”</p>
E1 – C	Pornografia na deficiência	<p> Considera que seria benéfico a existência de pornografia mais realista, com pessoas com deficiência, de forma que estes se pudessem sentir ‘mais integrados’.</p>	<p> “podia-se criar idealmente, não sei, isto agora sou eu a ter aquelas epifanias que às vezes me dá. Devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para</p>

			toda a gente. Uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: 'eu nunca vou fazer aquelas cambalhotas'. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que se identifique, com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá."
A1 – B	Assexualidade	Consideram existir um certo preconceito quanto às pessoas com deficiência e à sexualidade. Como se fosse algo que 'não combina'.	"Mas ó C, somos nós enquanto sociedade que não normalizamos, porque por eles, se calhar, estaria tudo bem. Para nós é que a parte sexual e deficiência, não combina"
A1 – C			"que liga a parte da deficiência e acham que não funciona"
A1 – B			"não funciona, ou então, 'para que é que eles querem aquilo?', ó sei lá, pronto, enfim, mas sim, também é um assunto, eu agora estava a ler a pergunta que a Carla pôs, é um assunto, realmente, pronto, também não é muito a nossa área. De lidar, pronto, isso é verdade, e, portanto, isso são questões que pronto, que se calhar, dá que pensar. Dá aqui um bocadinho que pensar, mas sim, mas concordo com a C. Que também tem mais alguma experiência nesta matéria, mas acho que sim, a normalização, porque nós, se calhar, enfim. Os anormais somos nós"
<b>Trabalho Sexual</b>			
<b>Entrevistadas</b>	<b>Legislação ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – B	Legalização	Concorda com a legalização do trabalho sexual, e com a possibilidade de capacitar estes trabalhadores para atenderem pessoas com patologias motoras e cognitivamente estáveis.	"Pois, eu, agora a Carla estava a ler esta segunda questão e eu fiquei um bocado confusa porque a questão anterior já me estava a levar precisamente para esta questão da prostituição, pronto, só que, entretanto, foi-se falando de grupos de ajuda. Pronto, efetivamente, há os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, isto existe e faz parte, há uns que concordam com a legalização, ou outros que não, isto também, claro que se calhar, umas pessoas têm esta opção, como sendo uma escolha na sua vida, outras fazem-no porque é um meio mais rápido, e não digo

		<p>que é mais fácil porque acho que não é nada fácil, e é muito complexo, e, portanto, nem quero estar a entrar muito por aqui, mas assim de repente e num flash, o que me vem à ideia é, se efetivamente este tipo de profissão tivesse mais apoio ou mais legalização, ou também se poderia dar ferramentas para que, efetivamente pudessem também, perceber a pessoa com deficiência, como é que pode, ou não, ter prazer. Portanto, ao fim ao cabo, seria formação para estes trabalhadores sexuais. Existe, está cá, não vamos estar com rodeios, tantas pessoas com/sem deficiência recorrem, e se calhar pessoas que têm mulheres em casa, maridos em casa, porque querem uma aventura diferente, o porquê, não importa, pronto. E quem somos nós para julgar a profissão, o acesso ou a via que tem e, portanto, eu acho que, foi por isso que me estava a fazer confusão esta segunda questão, agora estava a olhar para a anterior, e o trabalho sexual levou-me para a prostituição, mas como entretanto falou-se em grupos de ajuda e tal, e eu pensei 'ok, vamos aguardar', e logo a seguir vem precisamente isto, na minha opinião é isto, portanto, nós temos que dar, se elas, estas pessoas existem, porque é que chegaram lá não importa, estão na sua profissão, legal ou não legal, mas é aquela profissão que tantas pessoas recorrem, com tantas profissões diferentes, e com tantos estatutos diferentes, portanto, há um meio de sobrevivência em primeiro momento, se a pessoa com deficiência poderá ser até um acesso como disse a C, com a questão motora, portanto, não cognitiva mais difícil recorrer a um trabalhador sexual, mas motora uma pessoa cognitivamente estável, etc., até com uma profissão, mas que não tenha um parceiro ou uma parceira, que recorre ao trabalhador sexual, claro que pretende ter momentos de prazer, e que pode ter, e deve ter, porque mesmo quem tem paraplegia pode ter prazer sexual"</p>
		<p>"Eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um</p>



			contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”
E1 – C		Considera que seria importante mudar a legislação de forma a garantir os direitos a todos os trabalhadores, independentemente, da área onde atuam. Tratando-se de uma questão de direitos enquanto trabalhadores.	“Deveria de haver uma legislação que protegesse os trabalhadores do sexo, porque havendo lei, há sempre quem a transgrida, não é? Mas existiria alguma forma, também, de os proteger e salvaguardar os seus direitos enquanto trabalhadores, independentemente da área em que trabalham. A partir daí, havendo legislação e havendo alguma coisa por escrito que se possa recorrer, é mais fácil, digo eu, mesmo de reivindicar direitos”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Formação e Seleção</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – B	Formação específica para atenderem pessoas com deficiência	Concordam com a formação de trabalhadores do sexo, para atenderem pessoas com deficiência	“portanto, tem que se dar formação a estas pessoas, tem que se olhar para estas pessoas também como seres humanos da sociedade e que fazem parte, e que queiramos ou não prestam um serviço, é que o corpo? É, mas prestam um serviço! Portanto, sobretudo o paciente, se recorre é porque necessita, porque percebe que na sociedade não tem resposta, que ainda nos leva às questões anteriores de que falávamos, portanto, isto é assim tudo um bocadinho... Mas também, estamos a falar em sigilo, e depois a Carla também destrinça o que é importante, mas eu para mim, a minha opinião é isso.”
E1 – B			“pronto, é isso”
E1 – C			“pronto somos todas de acordo, ok, então a próxima questão”
E1 – A			“todas, todas, todas”
E1 – B			“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a

			formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”
E1 – A	Quem daria a formação	Refere que dentro dos possíveis grupos de interajuda, poderia existir pessoas especializadas, que dessem formação aos trabalhadores do sexo	“Mas esses grupos de interajuda que ajudariam as pessoas com deficiência podiam perfeitamente bem, fazer essa formação, dar essa formação, porque à partida têm conhecimento das necessidades a podiam dar formação para as trabalhadoras do sexo, e pronto.”
E1 – A	Formação técnica especializada	Refere que para fazer face às necessidades das pessoas com deficiência, a formação técnica e especializada de profissionais do sexo, seria o caminho a seguir	“Porque, então, respondendo à tua pergunta, é precisamente isso, e foi como a E1 – B começou, e disse, e muito bem, só pode ser pela formação, formação técnica e especializada, junto destas pessoas, que é para poder, e depois transmitir esta ‘sabedoria’ junto das pessoas que precisam, independentemente do seu género e da sua orientação sexual, independentemente de tudo”
A1 – A	Formação comum	Considera que deveria existir uma formação comum (para trabalhadores sexuais e assistentes sexuais), assim como existe na docência.	“sim, e esses trabalhadores, isto pode ser uma ideia quadrada, mas eu estou sendo confrontada com isso neste momento, estou para aqui a pensar, esses trabalhadores deviam ter uma formação comum. A gente quando entra para professores, tem uma formação comum, e depois é que nos vamos especializar para professor do ensino básico, para professor do ensino secundário e pronto, acho que devia haver uma formação comum, altamente digna bem feita e bem delineada, e depois, dentro dessa formação, estas pessoas podiam se especializar em trabalhadores sexuais ou assistentes sexuais”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Estigma social</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – B	Prostituição e a infidelidade	Menciona a existência de casos, onde pessoas casadas procuram um trabalhador sexual para ter uma experiência diferente	“Pois, eu, agora a Carla estava a ler esta segunda questão e eu fiquei um bocado confusa porque a questão anterior já me estava a levar precisamente para esta questão da prostituição, pronto, só que, entretanto, foi-se falando de grupos de ajuda. Pronto, efetivamente, há os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, isto existe e faz parte, há uns que concordam com a legalização, ou outros que não, isto também, claro que se calhar, umas pessoas têm esta opção, como sendo uma escolha na sua vida, outras fazem-no porque é um meio mais rápido, e não digo

			<p>que é mais fácil porque acho que não é nada fácil, e é muito complexo, e, portanto, nem quero estar a entrar muito por aqui, mas assim de repente e num flash, o que me vem à ideia é, se efetivamente este tipo de profissão tivesse mais apoio ou mais legalização, ou também se poderia dar ferramentas para que, efetivamente pudessem também, perceber a pessoa com deficiência, como é que pode, ou não, ter prazer. Portanto, ao fim ao cabo, seria formação para estes trabalhadores sexuais. Existe, está cá, não vamos estar com rodeios, tantas pessoas com/sem deficiência recorrem, e se calhar pessoas que têm mulheres em casa, maridos em casa, porque querem uma aventura diferente, o porquê, não importa, pronto. E quem somos nós para julgar a profissão, o acesso ou a via que tem e, portanto, eu acho que, foi por isso que me estava a fazer confusão esta segunda questão, agora estava a olhar para a anterior, e o trabalho sexual levou-me para a prostituição, mas como entretanto falou-se em grupos de ajuda e tal, e eu pensei 'ok, vamos aguardar', e logo a seguir vem precisamente isto, na minha opinião é isto, portanto, nós temos que dar, se elas, estas pessoas existem, porque é que chegaram lá não importa, estão na sua profissão, legal ou não legal, mas é aquela profissão que tantas pessoas recorrem, com tantas profissões diferentes, e com tantos estatutos diferentes, portanto, há um meio de sobrevivência em primeiro momento, se a pessoa com deficiência poderá ser até um acesso como disse a C, com a questão motora, portanto, não cognitiva mais difícil recorrer a um trabalhador sexual, mas motora uma pessoa cognitivamente estável, etc., até com uma profissão, mas que não tenha um parceiro ou uma parceira, que recorre ao trabalhador sexual, claro que pretende ter momentos de prazer, e que pode ter, e deve ter, porque mesmo quem tem paraplegia pode ter prazer sexual,"</p>
<b>Entrevistadas</b>	<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – C	Prostituição coagida	Refere a existência de pessoas com deficiência cognitiva, na prostituição, sem terem consciência disso	“Porque há muitas pessoas com problemas de cognição que são prostituídas sem saber que o estão a ser. Portanto, primeiro, se calhar era eles conhecerem o seu corpo e não terem vergonha de o conhecer, e a partir daí fazê-lo com pessoas de confiança”
E1 – B	Precariedade no acesso a cuidados de saúde	Chama a atenção para a precariedade no acesso a cuidados de saúde dos trabalhadores do sexo no atual quadro legal	“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais,

	Discriminação	Refere a discriminação que trabalhadores do sexo estão sujeitos	se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”
E1 – C	Importância	Refere que se deveria de falar com seriedade sobre a prostituição	“acho que se devia de tratar com maior seriedade, quer o assunto da deficiência, como a prostituição”
<b>Assistência Sexual</b>			
<b>Entrevistadas</b>	<b>Desconhecimento/ Conhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Desconhecimento	Nunca ouviram falar da assistência sexual	“não. Eu pessoalmente, nunca ouvi.”
E1 – B			“estou ignorante no assunto Carla, mas isso parece-me bem, parece-me uma coisa formal, assim bem xpto. Ora diz lá.”
E1 – C			“já somos 3, o que é?”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Legislação ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Legalização	Concordam com a possibilidade de assistência sexual em Portugal, descrevendo o assistente	“Pois, pois, exatamente ainda temos uma caminhada para fazer aí. Mas eu acho que sim, eu acho que sim.”

E1 – C		sexual, mesmo sem terem conhecimento da existência da profissão	“Estávamos a dar a definição de assistente sexual e nem sabíamos. Estamos muito à frente”
E1 – A			“a gente só não tem os meios, vontade e saberes, a gente tem, mas eu acho que sim, e possivelmente cada vez mais vamos caminhar para este sentido, porque a nossa sociedade está a ser cada vez mais avassaladora em termos de pessoas com problemas mentais, com doenças mentais, e eu juro que o futuro vai passar por aí, portanto, isto, seria uma pessoa, com as suas técnicas todas, não é? Como eu costumo dizer na linguagem corrente ‘com os seus truques todos’, a ajudar outras como tamanha necessidade
			“tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir, não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó minha avó uma pessoa benzia-se e dizia ‘que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê’. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia ‘gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava’, porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho que sim. É um caminho de procura de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”
			“faz um abaixo-assinado que a gente assina”

A1 – A	Associação Profissional	Referem que a existência de uma ordem, numa profissão, ou seja, uma associação profissional que os representa enquanto profissionais de uma determinada área, no caso de psicologia, lhes dá mais segurança e proteção	“Tu pertences a uma associação de psicólogos”
A1 – B			“Exatamente, também há uma ordem”
A1 – A			“Esses serviços dão dignidade à profissão”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Plataforma/ Intermediário</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – C	Plataforma, espaço ou aplicação	Sugere a criação de uma plataforma, aplicação ou espaço, que fosse acessível às pessoas com deficiência, de forma a puderem explorar, da maneira que desejassem, a sua sexualidade	“podia-se criar idealmente, não sei, isto agora sou eu a ter aquelas epifanias que às vezes me dá. Devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para toda a gente. Uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: ‘eu nunca vou fazer aquelas cambalhotas’. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que se identifique, com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá.”
E1 – B	Mediação e supervisão	Fazendo uma comparação com outros trabalhos, a mesma refere que a existência de uma mediação e supervisão tornaria a profissão mais segura	“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como

			as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”
		Refere a possibilidade de uma plataforma, enquanto mediador entre o cliente e o assistente sexual, mas também chama a atenção para a supervisão que pode decorrer da mesma	“mas isto ò Carla, eu estava agora a lembrar-me, a questão da plataforma, eu percebo a questão do mediador, é como se fosse um chulo, entre aspas, é uma palavra feia, mas é isto, mas acaba por, se esta plataforma em decreto-lei imaginemos é tida como mediador, mas também como a forma de supervisionar, de assegurar um trabalho sério, não é? Pode não ser visto, não é, como isto. É, não sei, mas é muito interessante, esta ideia e faz sentido”
A1 – A	Modelo de regulamentação	Concordam com o modelo de regulamentação do trabalho sexual, mesmo referindo que existiriam fugas ao modelo.	“sim, sim, sim, sim”
A1 – C			“sim”
A1 – B			“sim, vai haver sempre fugas ao modelo, claro, mas pelo menos há modelo, é como o nosso sistema, há fugas ao sistema, que nós sabemos, mas pronto, mas nós estamos no sistema, nós fazemos parte se nós não queremos fazer parte vamos para, enfim, vamos para as tribos, vamos não sei, e não fazemos parte. Estamos aqui, fazemos parte, pronto, portanto, sim.”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Formação e Seleção</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
A1 – A	Formação comum	Considera que deveria existir uma formação comum (para trabalhadores sexuais e assistentes sexuais), assim como existe na docência.	“Sim, e esses trabalhadores, isto pode ser uma ideia quadrada, mas eu estou sendo confrontada com isso neste momento, estou para aqui a pensar, esses trabalhadores deviam ter uma formação comum. A gente quando entra para professores, tem uma formação comum, e depois é que nos vamos especializar para professor do ensino básico, para professor do ensino secundário e pronto, acho que devia haver uma formação comum, altamente digna bem feita e bem delineada, e depois, dentro dessa formação, estas pessoas podiam se especializar em trabalhadores sexuais ou assistentes sexuais”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

E1 – B	Saúde mental	Considera que a assistência sexual será o futuro, uma vez que, na perspectiva da mesma, teremos muitos casos de pessoas com problemas de saúde mental.	“A gente só não tem os meios, vontade e saberes, a gente tem, mas eu acho que sim, e possivelmente cada vez mais vamos caminhar para este sentido, porque a nossa sociedade está a ser cada vez mais avassaladora em termos de pessoas com problemas mentais, com doenças mentais, e eu juro que o futuro vai passar por aí, portanto, isto, seria uma pessoa, com as suas técnicas todas, não é? Como eu costumo dizer na linguagem corrente ‘com os seus truques todos’, a ajudar outras como tamanha necessidade”
	Normalização	Refere que se o trabalho sexual (seja o prostitucional ou de assistência) fosse visto como algo ‘normalizado’, como uma profissão, como outra qualquer, teríamos resultados tão satisfatórios quanto aqueles que são possíveis ver em outros países.	“isto parece um pouco distante porque lá está, não é norma, mas se nós normalizarmos, que foi a palavra que A1 - C utilizou, se nós normalizamos, mais uma vez, se calhar temos um produto final que é o que acaba por acontecer nos outros países”
<b>Entrevistadas</b>	<b>Benefícios para os usufruidores da AS</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
E1 – A	Autoestima, autoconhecimento e autossuficiência	Considera que a assistência sexual poderia ser um grande auxílio para as pessoas com deficiência, resultando efeitos a nível da autoestima, autoconhecimento e autossuficiência, reconhecendo que este será o caminho a seguir.	“Tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir, não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó minha avó uma pessoa benzia-se e dizia ‘que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê’. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia ‘gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava’, porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho que sim. É um caminho de procura de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que



		isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”
--	--	--

### Sinopse da entrevista 2 (E4)

Dados Pessoais		
Nome Designado	Idade	Nacionalidade
D	41	Italiana
Estado Civil		Filhos
Solteira		0
História Ocupacional		
Área de Formação	Profissão	Movimento Feminista
Sociologia	Pesquisadora	UMAR
Participação Política		
Feminismo	Análise	Excertos da entrevista

Início do trabalho na UMAR	Refere que data o ano de 2018 o início da sua pertença à UMAR	“Faço parte da UMAR, participo nas atividades das UMAR com vários papéis, desde 2018”
Experiência em outros movimentos	Menciona já ter colaborado com outras organizações	“Se já pertenci a outro movimento, sim. Acompanhei o trabalho de organizações, que trabalham para os direitos dos migrantes e dos trabalhadores.”
Interseccionalidade	Refere que o feminismo deve ser o mais interseccional possível, ou seja, deve agregar todas as pessoas, independentemente das origens, características, orientação sexual ou escolhas de vida.	“É uma pergunta bem complexa, essa. Querendo simplificar muito as coisas, diria que o feminismo é uma forma de olhar para as questões, para as dinâmicas relacionais, os problemas que centra, e que têm em comum o papel que se deve ao facto de elementos vários, entre os quais, elementos que se prendem ao género, mas não apenas ao género. Portanto, é um olhar que pretende ser o mais possível interseccional e ter em conta os vários marcadores, dentro dos quais, o do género e como esses diferentes marcadores acabam por influenciar as dinâmicas sociais, as relações de poder, as posições das mulheres, mas não apenas as mulheres, dentro da sociedade. Não sendo a definição única do feminismo. Ou seja, muitas vezes, tanto na pesquisa, quanto no ativismo, esse olhar acaba por ser enfatizado como se fosse uma coisa única do feminismo. Portanto, tanto dentro dos movimentos de ativistas/feministas, quanto dentro da pesquisa feminista, é sempre preciso ter em conta que não é um olhar específico, único do feminismo, mas sim, claro, os movimentos feministas tiveram e em muitos contextos ainda têm um papel fundamental para reconhecer essa perspectiva, na análise e na intervenção.”
<b>Inclusão/Exclusão</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Exclusão no Feminismo	Refere que nem sempre o feminismo é inclusivo, mesmo dentro do mesmo país.	“Depende sempre dos feminismos. O feminismo não é um movimento único, unitário e homogêneo, inclusive, dentro dos mesmos países. E, infelizmente, a prática da inclusão, muitas vezes não faz parte do feminismo, ou dos feminismos, presentes, de que temos uma experiência concreta. Portanto, ser feministas, não quer dizer necessariamente ser inclusivas, nas análises e nas intervenções, infelizmente.”
<b>Sexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Sexo e masturbação	Considera ser um setor importante na vida de um indivíduo, mas pensa que a mesma é inferiorizada sendo colocada em segundo plano em termos de importância	“É uma componente que tem um movimento, uma importância, como outros, sem dúvida. Infelizmente, também uma das dimensões da vida que muitas vezes acaba por ser mais minorizada, colocada de lado, como um elemento assessor.”
<b>Deficiência – Situação/Problema</b>		

<b>Sexualidade na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Ausência de estereótipos	Considera não haver preconceitos e/ou estereótipos no que se refere ao sexo nas pessoas com deficiência e no desenvolvimento da sua sexualidade	“Preconceito e estereótipo, penso que não. A nível individual, penso que não.”
Mobilização dos envolvidos	Considera que seria necessário a mobilização da sociedade (nomeadamente dos próprios usufruidores, de ativistas, de OSC e, claro, das organizações feministas), na implementação da assistência sexual.	“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o género, com capacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores, a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o que pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade, portanto estou a referir-me a pessoas com capacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”
Mobilização de ativistas		
Mobilização de Organizações da Sociedade Civil (OSC)		
Mobilização de organizações Feministas		
<b>Trabalho sexual</b>		
<b>Legislação ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Regulamentação	Concorda com a regulamentação do trabalho sexual. Tendo esta que ser bem pensada, de forma, até, inspirada no modelo vigente na Nova Zelândia.	<p>“Sem dúvida um modelo jurídico de regulamentação do trabalho do sexo, que na minha leitura, volto a dizer, não necessariamente coincide com o trabalho de assistente sexual. São duas profissões diferentes que podem coincidir, ou não.”</p> <p>“Um modelo de despenalização e regulamentação do trabalho do sexo, que é uma coisa diferente do trabalho de assistência sexual.”</p>

		“Uma regulamentação, que não seja a regulamentação do século XIX, claramente, não é? Só falar mais de modelos que se prendem com, que possam ser inspirados, por exemplo, no modelo que temos na Nova Zelândia, seja em países que há um substancial de criminalização das pessoas que trocam sexo por dinheiro”
<b>Dificuldades/limites</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Clientes com deficiência	Chama a atenção para a dificuldade que um trabalhador do sexo pode encontrar ao se deparar com alguém com deficiência	“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o género, com incapacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores, a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o que pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade, portanto estou a referir-me a pessoas com incapacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Falta de enquadramento legal	Quando questionada sobre a possibilidade de haver formação para trabalhadores do sexo, a mesma considera impossível, dado o quadro legal da prostituição, atualmente, formar profissionais do sexo, através dos meios formais. Acrescentando que a melhor solução passaria por informar e sensibilizar os mesmos, quanto ao grupo de clientes em questão.	“A possibilidade de formar é reduzida, porque não sendo os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, ou melhor dizendo, não sendo as pessoas envolvidas em trocas sexuais reconhecidas, enquanto trabalhadoras e trabalhadores, é muito difícil, eles terem acesso a uma formação formal, não é? Através dos meios formais, através dos quais normalmente passa a formação. Infelizmente, a única forma é absolutamente informar e deixar abertamente a boa vontade e a sensibilidade, ao interesse das pessoas que exercem trabalhos sexuais”
Informar e sensibilizar		

<b>Assistência sexual</b>		
<b>Conhecimento/Desconhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Conhecimento	Refere estar dentro do assunto, e ter interesse pelo tema.	“Considere que, como pesquisadora e investigadora, trabalhando nos temas que se prendem com a sexualidade, portanto, quer dizer, faz parte das questões que tanto enquanto pesquisadora, quanto ativista me interessam. Agora não sei exatamente o momento em que me cruzei com a assistência sexual, o que posso dizer é que claramente, em Portugal, ainda não se fala muito, acaba por nem ser assunto, que bom que esteja a trabalhar nisso”
<b>Legislação ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Estatuto de assistente sexual	Considera imprescindível a criação da assistência sexual, até mesmo como uma forma de mudar a mentalidade das pessoas, quanto ao tema	<p>“É uma questão de prever. É uma profissão, que deve ser, ou pelo menos, que deveria ser prevista em relação ao quadro ao qual deveria existir uma formação, eventualmente, formação através das múltiplas possibilidades que existem atualmente, e claro, para favorecer isso, deveria existir, em termos de marco jurídico que permita uma essa possibilidade. Portanto, sim, a passar por ter condições jurídico-políticas para que exista uma figura de assistência sexual, é fundamental.”</p> <p>“Sim, com o título que referi anteriormente, sem dúvida. Há mais possibilidade de serviços «compromissores» com o atual quadro legal, que permite e prevê essa figura. Isso não quer dizer que seja tudo fácil, que seja fácil para fazer, mas sem dúvida ter um quadro legal que prevê a figura do ou da assistente sexual, pode facilitar políticas, ações de formação, etc. E até contribuir para um câmbio fundamental na mentalidade e na forma de pensar no assunto.”</p>
<b>Medidas a implementar</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Análise em outros países onde já existe a Assistência Sexual	Analisando a Assistência Sexual em outros países, considera que a criação do estatuto da mesma em Portugal, seria algo a considerar-se. Considerando importante implementar medidas políticas e legislativas.	“Bom, há várias medidas a serem experimentadas em contextos diferentes. A Carla sabe melhor do que eu, tem trabalhado sobre o tema, que entre as medidas estão a ser discutidas e que são implementadas em diferentes países, em alguns países. Há também, os que preveem a assistência sexual, que é uma das medidas para considerar-se, sem dúvida”
Criação de assistência sexual		

		<p>“A que acabo de comentar. A assistência sexual é uma das medidas, vamos chamá-lhe assim, das iniciativas e das possibilidades que podem ser desenvolvidas. Que poderiam ser desenvolvidas.”</p> <p>“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o gênero, com incapacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores, a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o que pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade, portanto estou a referir-me a pessoas com incapacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”</p>
Ouvir os trabalhadores do sexo	Considera importante ouvir os trabalhadores do sexo, para saber se estariam interessados em prestar serviços de assistência sexual	<p>“Provavelmente, sim, mas claro, é a minha suposição. É uma pergunta que deveria de ser feita às pessoas, mas provavelmente, sim, porque não? Isso não quer dizer que todas as pessoas que estão envolvidas em trocas sexo-afetivas, tenham voluntários, estejam disponíveis e interessados em trabalho de assistência sexual, mas pode ser, sim, porque não?”</p>
Formação de dores do sexo	Considera que poderá haver um interesse por parte dos trabalhadores do sexo em obterem formação como assistentes sexuais, no entanto, isso não significa que todos estejam abertos a tal.	
Formação	Refere que, para que fosse possível existir uma formação que capacitasse indivíduos para exercerem assistência sexual, teriam que ser feitas, primeiramente, mudanças a nível jurídico-político.	<p>“É uma questão de prever. É uma profissão, que deve ser, ou pelo menos, que deveria ser prevista em relação ao quadro ao qual deveria existir uma formação, eventualmente, formação através das múltiplas possibilidades que existem atualmente, e claro, para favorecer isso, deveria existir, em termos de marco jurídico</p>

		que permita uma essa possibilidade. Portanto, sim, a passar por ter condições jurídico-políticas para que exista uma figura de assistência sexual, é fundamental.”
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Conhecimento quanto à Assistência sexual	Refere que a questão da assistência sexual, em Portugal, não é um tema debatido e pouco se sabe sobre o mesmo.	“Considere que, como pesquisadora e investigadora, trabalhando nos temas que se prendem com a sexualidade, portanto, quer dizer, faz parte das questões que tanto enquanto pesquisadora, quanto ativista me interessam. Agora não sei exatamente o momento em que me cruzei com a assistência sexual, o que posso dizer é que claramente, em Portugal, ainda não se fala muito, acaba por nem ser assunto, que bom que esteja a trabalhar nisso”
Lenocínio	Considera que com o atual quadro jurídico-legal, a assistência sexual em Portugal, corre o risco de ser considerado crime, nomeadamente, o crime de lenocínio.	“Sem dúvida que é um risco atual. Nos países como Portugal em que não é previsto, não existe um quadro jurídico-político que previsse a figura do assistente, um dos riscos, é o agente ser considerado criminoso, ao exercer o crime de lenocínio. Portanto, sem dúvida que há esse risco, o que é um direito tanto do trabalhador, como da trabalhadora que podem ser enquadrados como assistentes sexuais, quanto da pessoa, pessoalmente, pode sim, ser ameaçado pelo facto de não existir um acordo jurídico que prevê essa figura, sim.”

### Sinopse da entrevista 3 (E5)

Dados Pessoais		
Nome Designado	Idade	Nacionalidade
E3	34 anos	Portuguesa
Estado Civil		Filhos
Solteira		0

<b>História Ocupacional</b>		
<b>Área de Formação</b>	<b>Profissão</b>	<b>Movimento Feminista</b>
Ciências do Comunicação	Assessora de Comunicação	MDM
<b>Participação Política</b>		
<b>Feminismo</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Início do trabalho no MDM	Desde 2011	“Não me recordo exatamente quando é que me inscrevi, mas talvez em 2011, por aí, há 10 anos vá.”
Experiência em outros movimentos	Nunca fez parte de outro movimento de carácter feminista, sendo o MDM o primeiro.	“Não. O MDM é o primeiro movimento feminista, ou seja, pertenço a um partido, mas movimentos pelos direitos das Mulheres, foi o primeiro em que participei”
Ser feminista	Refere que ser feminista é identificar todas as atuais desigualdades entre homens e mulheres e ao mesmo tempo combatê-las.	“Ora, significa em primeiro lugar identificar as desigualdades que há entre homens e mulheres, nomeadamente nas leis e na vida, porque muito embora algumas questões de lei já não tenham propriamente distinção, a verdade é que a sua aplicação não é igual à sua teorização. Ao mesmo tempo significa, ser ativista contra esta discriminação, ou seja, defender os direitos das mulheres em serem tratadas na lei e na vida de igual maneira, sem qualquer tipo de discriminações, sem qualquer tipo de violências, e contribuir de alguma maneira na minha vida, para denunciar essas discriminações e ao mesmo tempo, para as colmatar e para terminar com elas.”
Organização - MDM	Refere que o MDM não se posiciona quanto às questões que assolam a comunidade LGBTQIA+, porque, no seu entender, considera algo que deve ser tratado na e pela própria comunidade.	“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspetivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto
Movimento LGBTQIA+	Refere a inclusão e contribuições que o movimento LGBTQIA+ trouxe aos movimentos feministas.	



		<p>mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspectivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A</p>
--	--	---

		<p>questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às ‘mulheres mães’ como ‘mães’, vão ser ‘pessoas lactantes’, quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser ‘não lactante’, ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher <i>trans</i> que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspetiva de umas, mas também não se pode abafar a perspetiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher <i>trans</i>, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher <i>trans</i>, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspetivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”</p>
Desagregação do feminismo	Considera que, numa tentativa de se considerar ‘o mais sério’, os movimentos feministas (que poderiam assumir que possuem posições contrárias, mas igualmente válidas)	“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspetiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas conceções e convicções.

	preferem, quase, numa tentativa de competição serem os melhores a explicar um fenómeno.	<p>É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vinculadas pela conceção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspectiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspectivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspectiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão</p>
Necessidade de diálogo entre movimentos	Chama a atenção para a necessidade de os movimentos feministas dialogarem entre eles, de forma a encontrarem pontos comuns e diferentes, com o objetivo de ver outras perspetivas, mesmo que no final continuem a concordar com as iniciais.	
Sistema capitalista enquanto desagregador	Refere ser o sistema capitalista o responsável pela desagregação dentro do movimento feminista.	
Assédio e objetificação do corpo da mulher	Refere que a questão do assédio e da objetificação do corpo da mulher, são alguns dos problemas que assolam as mulheres, e nas quais todas estão sujeitas. Sendo esta uma causa que todos os movimentos feministas têm em comum, a luta contra o assédio e a objetificação.	

		<p>desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incômodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspectiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-nos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspectiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspectiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não come seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro</p>
--	--	--

		<p>de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro. Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer 'sabe, estas crianças mereciam esta</p>
--	--	---

		oportunidade', mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros.”
<b>Vertentes Feministas</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Pluralidade	Refere a pluralidade de causas que caracterizam alguns movimentos feministas	“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspetivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspetivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspetiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i> , e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que
Feminismo Negro	Menciona a exclusão que as mulheres negras sentiram por não se sentirem incluídas no feminismo liberal. Considerando que, com base na raça, as mesmas sentiam que tinham mais em comum com o homem negro explorado e oprimido, do que com a mulher branca de classe alta, o que levava o feminismo liberal a perpetuar uma nova exclusão. Resultando assim, na criação do feminismo negro.	
Feminismo Liberal	Refere o feminismo liberal enquanto corrente mais vocacionada para as identidades de género	
Feminismo Marxista	Caracteriza o feminismo marxista como uma corrente que se foca na exploração e opressão da mulher trabalhadora, pelo capitalismo. Tendo como principal foco as mulheres trabalhadoras, no que toca às questões de género e sexualidade, a mesma refere que serão sempre tidas em conta o papel da mulher enquanto trabalhadora, na forma como são posicionadas estas questões.	

		<p>são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspetiva de umas, mas também não se pode abafar a perspetiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais</p>
--	--	---

		<p>responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspetivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”</p> <p>“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspetiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas conceções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vinculadas pela conceção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspetiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspetivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via</p>
--	--	--



		<p>necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspetiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspetiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-nos que os problemas não existem, porque</p>
--	--	--

		<p>nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspectiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspectiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não como seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque</p>
--	--	--

		<p>quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro. Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer ‘sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade’, mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros.”</p>
<p>Feminismo abolicionista</p>	<p>Refere que os defensores do abolicionismo são acusados de puritanismo por defenderem o fim da prostituição.</p>	<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja,</p>

		<p>psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste,</p>
--	--	--

		<p>ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”</p>
<p><b>Inclusão/Exclusão</b></p>	<p><b>Análise</b></p>	<p><b>Excertos da entrevista</b></p>

<p>Exclusão do feminismo</p>	<p>Considera que o feminismo não é inclusivo pelas particularidades que o caracterizam, e que, como tal, nem é desejável que seja. Referindo que, ao se incluir todas as causas no movimento feminista, se acabará por negligenciar outras.</p>	<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspectivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais</p>
<p>Exclusão no passado das mulheres de raça negra</p>	<p>Menciona a exclusão que as mulheres negras sentiram por não se sentirem incluídas no feminismo liberal. Considerando que, com base na raça, as mesmas sentiam que tinham mais em comum com o homem negro explorado e oprimido, do que com a mulher branca de classe alta, o que levava o feminismo liberal a perpetuar uma nova exclusão. Resultando assim, na criação do feminismo negro.</p>	<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspectivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais</p>

		<p>inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspectiva de umas, mas também não se pode abafar a perspectiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em</p>
--	--	---

		Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspetivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”
<b>Direitos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Universalidade de direitos	Independentemente das particularidades de cada pessoa, refere que todos têm de ter os seus direitos assegurados.	“isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chats</i> , e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamá-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no
Direito à sexualidade	Considera tratar-se de um direito inequívoco ao ser humano.	



		<p>café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>
<b>Espectro Político</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Envolvimento político	Faz parte de um partido político	“Não. O MDM é o primeiro movimento feminista, ou seja, pertenço a um partido, mas movimentos pelos direitos das Mulheres, foi o primeiro em que participei”

<p>Barrigas de aluguer</p>	<p>Refere não concordar com as barrigas de aluguer.</p>	<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspetivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspetivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspetiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais</p>
----------------------------	---	---

		<p>inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspectiva de umas, mas também não se pode abafar a perspectiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em</p>
--	--	---

		<p>Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspetivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”</p>
<p>Trabalho sexual</p>	<p>Considera que o trabalho sexual é uma questão na qual, tanto a mesma, quanto no MDM, consideram ser uma forma de opressão da mulher. Tratando-se de uma ‘deficiência social e política’, utilizando as palavras da mesma.</p>	<p>“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspetiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas conceções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vincadas pela conceção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspetiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspetivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspetiva mais de classe que nós temos</p>

		<p>no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspectiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-nos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspectiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspectiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta</p>
--	--	--

		<p>falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não como seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro. Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma,</p>
--	--	--

		<p>se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer ‘sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade’, mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros.”</p> <p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socio económicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria ‘vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços’. Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro</p>
--	--	--

		<p>homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostituídas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”</p>
<p>Lenocínio</p>	<p>Refere que por não concordarem com a legalização do lenocínio, são muitas vezes denominadas de puritanas.</p>	<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes?</p>



		<p>E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa</p>
--	--	---

		<p>que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”</p>
<p>Criação de medidas para minimizar as desigualdades decorrentes da deficiência</p>	<p>Não concorda com a criação de medidas governamentais ou comunitárias para minimizar as desigualdades decorrentes da deficiência.</p>	<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com</p>

		<p>deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>
<p><b>Situação/Problema</b></p>		

Processos de discriminação	Análise	Excertos da entrevista
Dupla opressão – mulher transgénero	Refere a forma diferente como duas mulheres, uma transgénero e outra cis, poderão sofrer, (separadamente) processos de discriminação diferentes. Sendo que a mulher transgénero, irá automaticamente passar por uma dupla discriminação, primeiro por ser mulher numa sociedade patriarcal e segundo por ser uma mulher transgénero.	“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspetivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspetivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspetiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres cis, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito
Acesso da mulher ao mercado de trabalho - maternidade	Refere o processo de discriminação que as mulheres sentem, relativamente aos homens, no que concerne ao acesso ao mercado de trabalho. Nomeadamente, quando são questionadas se pretendem ter filhos, algo que não acontece com os homens.	
Difícil acesso da mulher transsexual ao mercado de trabalho	Menciona a dificuldade que uma mulher transsexual passa, para conseguir encontrar um emprego	

		<p>diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspetiva de umas, mas também não se pode abafar a perspetiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra</p>
--	--	---

		maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspetivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”
Realidades diferentes entre homens e mulheres	Menciona que alguns dos comportamentos que os homens têm (às vezes, até de forma inconsciente) causam nas mulheres desconforto e mau estar. Algo que os próprios até podem nem se aperceber no ato, como por exemplo, olhar fixamente uma mulher desconhecida na rua, como se fosse 'um pedaço de carne.	“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspetiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas conceções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vincadas pela conceção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspetiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspetivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo,
Piadas machistas	Refere a banalidade com o qual o machismo está integrado na sociedade, ao ponto de serem feitas piadas entre colegas de trabalho, sem essa intenção.	

		<p>em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspetiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspetiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-nos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por</p>
--	--	--

		<p>outra perspectiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspectiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não come seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro. Uma</p>
--	--	---



		<p>Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer 'sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade', mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros."</p>
<b>Redes Sociais</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Tentativa de forçar relações romântico-sexuais	Considera que o surgimento das novas aplicações de interação, vieram forçar interações romântico-sexuais.	<p>"Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a 'cara a cara' não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa</p>
Expectativas vs. realidade	Refere que o tipo de interação que se procura numa rede social, poderá ser diferente daquele que se encontra.	
Novas formas de interação	Menciona que as redes sociais, surgiram como novas formas de interação.	

Impacto na autoestima	Considera que as redes sociais trouxeram uma forma de interação, que reflete num impacto maior na autoestima das pessoas, que qualquer outro encontro presencial, não teria.	
Falta de empatia e respeito nas aplicações de encontro		
Artificialidade	Considera que pelas pessoas se estarem a conhecer por uma aplicação de encontros, algumas condutas que são utilizadas pessoalmente são ignoradas, como por exemplo, quando não querem continuar a conversa, deixam simplesmente de responder, sem qualquer justificativa. O que, na opinião da mesma, é considerado falta de respeito e consideração pela pessoa. Inclusive, menciona existir uma certa artificialidade nas mesmas.	na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um

		surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”
Atratividade	Refere que a atratividade é resultante das feromonas que são possíveis sentir inconscientemente.	“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontramos durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de ‘ah, é o amor da minha vida’, não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que
Satisfação subjetiva	Considera a satisfação subjetiva, de forma que, não se encontra ao nosso alcance.	
Atração como carácter pessoal e subjetivo	Considera tratar-se de questões subjetivas, quando se fala de atratividade. Uma vez que cada pessoa terá determinados critérios que valorizará noutra, ao passo que, isso poderá mudar com uma próxima	

		<p>as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>
<p><b>Fatores limitantes na socialização</b></p>	<p><b>Análise</b></p>	<p><b>Excertos da entrevista</b></p>

Timidez	<p>Considera ser um desafio para as pessoas tímidas, pessoas que sofreram algum trauma e/ou vítimas de violência doméstica, estabelecerem interações sociais e sexuais. Ou seja, não equaliza a questão da deficiência às restantes (possíveis) limitações.</p>	<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direccionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a ‘visibilização’ destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar</p>
Experiências traumáticas		
Vítimas de violência doméstica		

		<p>a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>
Fatores físicos	<p>Considera existir inúmeros fatores que poderão limitar a socialização, como por exemplo, um nariz torto, uma cadeira de rodas, o jeito de falar da pessoa ou até as feromonas.</p>	<p>“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de ‘ah, é o amor da minha vida’, não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda</p>
Cadeira de rodas		

<p>Igualdade na desigualdade</p>	<p>Refere que todos estão sujeitos a uma certa desigualdade, quando se trata de atratividade. Não sendo apenas um entrave às pessoas com deficiência.</p>	<p>que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para</p>
<p>Padrão de beleza</p>	<p>Menciona que, mesmo aquelas pessoas que possam estar dentro do padrão da sociedade, estarão sujeitas a determinados fatores que as poderão limitar.</p>	<p>que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para</p>

		<p>poderem ter sexo aprazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação.”</p>
<p>Existência de diversos obstáculos à satisfação dos desejos sexuais</p>	<p>Realça existirem vários fatores que servem de entrave a uma satisfação plena dos desejos sexuais, de cada pessoa.</p>	<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros.</p>



		<p>E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma '<i>vending machine</i>' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>
<p>Distúrbios alimentares</p>	<p>Alude à existência de muitos traumas devido às pessoas não estarem bem com o próprio corpo, desde a forma, ao tamanho, à celulite, entre outros, resultando em distúrbios alimentares.</p>	<p>"Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que 'o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser', então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas</p>

		<p>sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapareares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele</p>
--	--	---

		<p>homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa."</p>
<p><b>Necessidades intrínsecas ao ser humano</b></p>	<p><b>Análise</b></p>	<p><b>Excertos da entrevista</b></p>

Carinho e afeto	Menciona tratar-se de necessidades, nas interações sociais, estabelecidas pelos seres humanos. Tanto o carinho e afeto, quanto o sexo (não estando os três necessariamente relacionados).	<p>“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é</p>
Sexo		
Presença de afetividade em qualquer envolvimento sexual	Ainda que refira não haver sempre uma envolvência afetiva na relação sexual, menciona que a mesma existe, mesmo quando se trata de sexo casual. Ou seja, considera existir sempre algum tipo de sentimento na troca sexual entre duas ou mais pessoas.	
Experiência pessoal com sexo casual	Menciona já ter estado com outras pessoas apenas para satisfazer a necessidade sexual, onde o encontro se deu, e terminado, cada um seguiu o seu caminho. Como uma mera troca de vontades. Realçando o contacto físico como um fator importante, não se limitando ao sexo.	
Ligação eterna estabelecida pelo sexo	Considera existir uma ligação, em qualquer troca sexual, como algo que permanece para sempre.	

		<p>defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descuidar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha ténue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição."</p>
--	--	---

<p>Controlo das necessidades sexuais</p>	<p>Considera que deve haver um controlo, uma vez que nem sempre será possível satisfazer essas necessidades à hora que a pessoa quer.</p>	<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: ‘bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma ‘visibilização’ de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: ‘olha é a esta hora no sítio e corre tudo’, não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está</p>
--	---	---

		para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma ' <i>vending machine</i> ' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i> , não é! Não pode ser."
<b>Crime de violação</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Motivados por poder e afirmação	Realça que, um dos motivos que leva a que pessoas dentro de um relacionamento violem o (a) seu (sua) parceiro (a), se deve ao facto de uma das partes não querer fazer sexo (naquele momento, por exemplo), e o que quer, considerar-se no direito de ter a sua necessidade satisfeita naquele momento como se fosse detentor da outra pessoa.	“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para
Violação dentro de um relacionamento ou casamento		
Homens como principais violadores dentro de um relacionamento monogâmico	Considera tratar-se de serem os homens o maior número de violadores sexuais dentro do relacionamento.	

		<p>mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma '<i>vending machine</i>' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>
Educação na sexualidade	Análise	Excertos da entrevista
Educação sexual na escola	<p>Considera que apostar num bom programa de educação sexual nas escolas, resolveria muitos problemas, entre eles, o estigma quanto à deficiência, à assexualidade, o</p>	<p>"É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da</p>



Desmistificar a sexualidade	consentimento, a orientação sexual, as identificações de gênero, as violências no namoro, entre outros assuntos.	<p>educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluisse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente, toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identificações de identidade de gênero diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das pessoas com deficiência do que é que sentem, do que as que não sentem, e claro, teria sempre que haver, para um programa assim, e que eu até defendo que deveria ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos. Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>
Desmistificar aquilo que se aprendeu até então, nas aulas de ciências sobre os cromossomas		
Programa escolar multidisciplinar		
Participação de ativistas de vários movimentos	Refere que um bom programa disciplinar da educação na sexualidade nas escolas, deveria ser composto por várias áreas do saber. Ou seja, por vários profissionais qualificados, desde professores, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos, inclusive ativista de movimentos de pessoas com deficiência (com o intuito de mostrar às crianças desde pequenas as várias realidades existentes e igualmente legítimas).	
Participação de ativistas de movimentos de pessoas com deficiência de forma a promover uma maior inclusão		
Promoção de uma maior sensibilização		
Educação, escola e crianças enquanto pilar da mudança	Considera que a mudança de mentalidades deverá começar desde cedo, através das escolas e de programas que incentivem a uma educação estruturada, integrativa e sensibilizadora que resultará em adultos conscientes.	
Dependerá de políticas públicas	Refere que a educação nas escolas dependerá de políticas públicas e, embora seja a solução mais demorada, no entender da mesma, é a melhor.	

Décadas de evolução		
<b>Dificuldades na sexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Orgasmos com penetração	<p>Refere que as mulheres têm dificuldades em ter orgasmos com penetração, e tratando-se de um problema emocional, pode ser resolvido com um sexólogo. Não sendo possível fazê-lo, refere existirem outras formas de obter o orgasmo.</p>	<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso.”</p>
Sexólogo		
Outras formas de obter o orgasmo		
<b>Sexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

Diferentes concepções do sexo e da sexualidade	Alude à diferente percepção que cada pessoa tem sobre a forma como vê e vivencia a sua sexualidade. Enquanto uma pessoa vive a vida toda com um único parceiro sexual, e uma única experiência sexual, outras podem ter vários parceiros e várias experiências. No fundo, considera tratar-se da percepção que cada um tem da sua liberdade sexual.	“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do ‘nós não temos todos, a mesma concepção sobre o sexo e a nossa sexualidade’ e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros,
Um parceiro sexual a vida toda		
Vários parceiros sexuais		
Liberdade sexual		
Escolha	Refere que a sexualidade além de ser uma liberdade nossa, trata-se de uma escolha pessoal.	
Liberdade sexual não é mercantilização da sexualidade	Refere que ter liberdade sexual, não é o mesmo que concordar com a mercantilização sexual e que, o não concordar, não faz dela puritana. No entender da mesma, puritanismo é a concepção de que uma pessoa casa e só faz sexo com aquela pessoa.	
Puritanismo		

		<p>e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazer coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas</p>
--	--	--

		decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”
<b>Estereótipos sociais</b>		
Rótulos	Análise	Excertos da entrevista
Pessoas lactantes	<p>Refere um debate recente, quanto ao termo mais correto para definir as mulheres que foram recentemente mães, realçando os problemas que advinham se esse termo fosse adiante. Nomeadamente a questão das mães que não são lactantes, ou que pura e simplesmente não podem ser mães, por questões de anatomia, ou porque a maternidade para as mesmas terá um significado diferente.</p>	<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspetivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspetivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspetiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu</p>

		<p>confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspetiva de umas, mas também não se pode abafar a perspetiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do</p>
--	--	---

		<p>princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspetivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”</p>
Homens sexualmente mais ativos que as mulheres	Refere que a ultrapassada ideia de que os homens ‘gostam’ mais de sexo do que as mulheres, continua a ser atual. O que lhes permite ter uma maior prevalência neste campo.	“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer,
Papéis sociais	Menciona que os papéis sociais, da mulher e do homem, continua a ser um tema de debate, tendo posições diversas.	

		<p>difícilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com <i>Trissomia 21</i>, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>
--	--	--



<p>Normalização</p>	<p>Refere que seria importante apostar na educação sexual nas escolas, até mesmo pela questão da normalização. De forma que se percebesse que a normalização é entender que mesmo que as pessoas não sejam todas iguais (que não são, nem nunca foram), devem ser respeitadas.</p>	<p>“É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluísse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente, toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identificações de identidade de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das pessoas com deficiência do que é que sentem, do que as que não sentem, e claro, teria sempre que haver, para um programa assim, e que eu até defendo que deveria ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos. Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>
<p>Sexualidade</p>	<p>Análise</p>	<p>Excertos da entrevista</p>

Sexo e masturbação como algo natural	Considera o sexo e a masturbação algo instintivo, animal e humano.	“Sim, diria que é animal, instintivo, e, portanto, humano, faz parte daquilo que é a nossa conceção mais natural, mas que depois encontra limitações muito grandes também, por motivos sociais, religiosos e políticos. É um território íntimo e pessoal, mas que depois é tratado como, por vezes público, mas por vezes demasiado pessoal, ou seja, parece que, às vezes, há políticas que garantem que se mantenha na privacidade, enquanto outras parece que querem trazer uma única norma para as pessoas se sentirem normais, no usufruto da sua sexualidade.”
Limitações	Realça os obstáculos que as pessoas encontram no acesso à sexualidade, nomeadamente por questões sociais, religiosas e/ou políticas.	
Incoerência na política	Menciona ser um tema que encontra algumas incoerências nas políticas adjacentes ao mesmo. Balanceando entre uma sexualidade pública e privada.	
Pudor na demonstração de afetos em público	Considera existir um certo pudor, por parte das pessoas, de um modo geral, em presenciar demonstrações de afeto em público	“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, ‘ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um
Vergonha	Considera que as pessoas não têm manifestações de afeto em público por vergonha.	

		<p>homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>
--	--	---

Sexualidade nos homens como urgência	<p>Considera existirem estereótipos no que toca à sexualidade das mulheres e dos homens. As mulheres são vistas como sonhadoras (uma história romântica), enquanto os homens são vistos como insaciáveis, como se o desejo dos mesmos fosse uma urgência.</p>	<p>“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é</p>
Sexualidade nas mulheres como um sonho		

		<p>defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descuidar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha ténue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição."</p>
--	--	---

Pudor na sexualidade das mulheres	Demonstra existir uma forte tendência a denominar as mulheres que se libertam e exploram a sua sexualidade de forma livre e sem pudor (assumindo gostarem da dominação, da submissão, ou até de levar ‘palmadas no rabo’), como mulheres associadas a nomes pejorativos, como ‘porcas’, por exemplo.	“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, ‘mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.”
Repressão da sexualidade das mulheres		
<b>Assexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Assexualidade num panorama geral	Considera que as pessoas tendem a ‘assexualizar’ os seus pares, de um modo geral.	“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a
Assexualidade na política	Refere que é habitual, haver uma visão da assexualidade, nas pessoas ligadas à política. Como se não lhes fosse permitido exporem. Considerando ter uma repercussão pior, quando se trata das mulheres, particularmente as mulheres de raça negra.	

<p>Assexualidade das mulheres na política</p>		<p>associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com <i>Trissomia 21</i>, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor,</p>
<p>Assexualidade nas mulheres de raça negra, que possuam um cargo político</p>		

		tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar ‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i> , pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”
<b>Deficiência – Situação/ Problema</b>		
<b>Sexualidade na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Ignorância por parte das outras pessoas	Considera haver um desconhecimento no que toca à sexualidade na deficiência. Podendo esse desconhecimento, por vezes, levar as pessoas a fazerem questões inconvenientes como é o caso da ereção nos homens com deficiência física.	“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCIs e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando
Invisibilidade	Menciona ser um tema que, como não é falado, lhe é dado uma certa invisibilidade, como se não existisse.	
Sexualidade ajustada	Considera que, de acordo com cada pessoa e a sua deficiência, os mesmos têm uma sexualidade ajustada. Ou seja, eles ajustam-se à situação.	
Assexualidade	Atenta à perceção da sociedade quanto às pessoas com deficiência, como sendo pessoas assexuadas.	



		<p>um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com <i>Trissomia 21</i>, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>
--	--	---

<p>Interação social limitada aos seus pares</p>	<p>Referencia que a interação social dos mesmos será, na grande parte do tempo, entre associações, com os seus cuidadores e outras pessoas com deficiência, o que os limita, de alguma forma, a interação e o possível envolvimento sexual com outras pessoas, num ginásio, café ou discoteca, por exemplo.</p>	<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a ‘visibilização’ destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar</p>
---	---	---

		<p>a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>
Dificuldade das pessoas acamadas	Reconhece a dificuldade que pessoas acamadas e institucionalizadas têm em ter acesso ao sexo e ao explorar da sua sexualidade	<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido</p>
Dificuldade das pessoas institucionalizadas		
Dificuldade em criar oportunidades que os levem a um encontro sexual	<p>Assume a dificuldade que pessoas com alguma deficiência possam ter, em termos de oportunidades sexuais, levando-os a viverem mais tempo sem sexo, do que com sexo. Complementando tratar-se de uma injustiça.</p>	

<p>Vivem mais tempo sem sexo, do que com</p>		
<p>Injustiça</p>		<p>que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: ‘bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma ‘visibilização’ de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: ‘olha é a esta hora no sítio e corre tudo’, não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu ‘olha já nem queres’, não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma ‘<i>vending machine</i>’ onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser.”</p>
<p>Educação sexual nas escolas</p>	<p>Considera que a educação sexual nas escolas seria a solução mais humana e igualitária para acabar com o estigma à volta da sexualidade das pessoas com deficiência.</p>	<p>“É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluisse todas as dimensões da sexualidade, todas</p>

		<p>as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente, toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identificações de identidade de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das pessoas com deficiência do que é que sentem, do que as que não sentem, e claro, teria sempre que haver, para um programa assim, e que eu até defendo que deveria ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos. Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>
<p>Sexólogos e assistentes sociais, como quebra do preconceito</p>	<p>Considera que os sexólogos e os assistentes sociais poderiam fazer um bom trabalho do ponto de vista da sensibilização, de forma a romper com o preconceito associado à sexualidade nas pessoas com deficiência.</p>	<p>“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, ‘vou tentar fazer’, acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por</p>

		ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal.”
Inexperiência aprendida	Menciona que o facto de não saberem o que fazer na hora do sexo (na primeira vez), do conhecimento do corpo e as zonas erógenas é algo comum a toda a gente. Ou seja, é algo que cada um aprende com o tempo.	“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso.”
A primeira vez		
Zonas erógenas		
Realidade em Portugal	Análise	Excertos da entrevista

Movimentos associativos	Considera a rede de apoio, nomeadamente os movimentos associativos, bastante coesos e presentes. Inclusive, no desporto, onde é possível ver alternativas e adaptabilidade para as pessoas com alguma deficiência física.	<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, ‘ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto,</p>
Integração no desporto		
Afirmação, identidade e autonomia	Considera não serem temas muito falados, nem colocados como prioritários, a questão da afirmação, da identidade e autonomia das pessoas com deficiência	

		<p>estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo ‘ai, isto não é para a rua’, mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar ‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>
<b>Deficiência cognitiva</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Limitações	<p>Considera que uma pessoa com uma paralisia cerebral (grave), teria dificuldades em prestar uma entrevista, ou seja, seria, de alguma forma, um entrave.</p>	<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que</p>



		<p>foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com <i>Trissomia 21</i>, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar,</p>
--	--	---

		com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”
<b>Trissomia 21 – Síndrome de Down</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Grupo alargado e com uma maior visibilidade	Considera ser um grupo bastante alargado e com uma maior visibilidade por ter sido, durante muitos anos, difícil de identificar na gravidez.	“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as
Patologia difícil de identificar durante a gravidez, em anos passados		
Preconceitos ultrapassados por alguns pais	Considera que com o avançar da tecnologia e da ciência, sendo possível identificar durante a gravidez se o feto possui alguma deficiência, nomeadamente <i>síndrome de down</i> , permitiu que os pais decidissem se queriam ou não, prosseguir com a gravidez. E alguns pais avançaram com a gravidez. Ou seja, aquele preconceito que anteriormente existia, tem sido combatido ao longo dos anos.	
Sexualidade mais vivida	Refere que estes possuem uma sexualidade mais livre (a nível social), considerando-os pessoas mais desinibidas. Já tendo presenciado trocas de afeto e carinho entre os mesmos publicamente.	

Desinibição sexual		<p>perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>
Envolvência e mobilização	Análise	Excertos da entrevista

<p>Importância de ouvir as pessoas com deficiência</p>	<p>Considera importante ouvir as pessoas com deficiência, de forma a acabar com as ideias pré-concebidas quanto aos mesmos.</p>	<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, ‘ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto,</p>
--	---	--

		<p>estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo ‘ai, isto não é para a rua’, mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar ‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>
<p>Aceitação e visibilidade das pessoas com deficiência</p>	<p>Considera importante a visibilidade e o envolvimento das pessoas com deficiência, no seio da sociedade, de forma a resultar numa maior integração e igualdade de acesso (em determinados domínios), permitindo aos mesmos terem um maior leque de oportunidades.</p>	<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat’s</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um,</p>

		<p>agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão</p>
--	--	---

		vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”
<b>Socialização</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Impacto positivos das redes sociais	Considera que, com o desenvolvimento das redes sociais, as pessoas com deficiência ganharam um novo espaço para comunicarem.	<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, ‘ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>,</p>
<i>TedTalks</i>	Refere existirem <i>TedTalks</i> de pessoas com paralisia cerebral.	

		<p>que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo ‘ai, isto não é para a rua’, mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar ‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>
Aplicações de encontro	Não considera existir uma exclusão das pessoas com deficiência nas aplicações de encontro. Referindo que a ausência dos mesmos, até por ser benéfico para eles, visto ter uma opinião negativa quanto a estas plataformas.	“isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i> , e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má,
Relacionamentos entre pessoas com deficiência	Considera não fazer sentido a existência de uma plataforma, cujo algoritmo tenha como objetivo pessoas com uma patologia encontrarem pessoas com a mesma patologia	



		<p>não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a ‘visibilização’ destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em</p>
--	--	--

		interações afetivas e sociais mais respeitosas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”
<b>Serviços sexuais na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Serviço feito contra a vontade	Considera que, qualquer pessoa que estivesse a ser paga para prestar serviços a uma pessoa com deficiência estaria (à partida) contra a vontade.	“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas,
Serviços sexuais como um impedimento a futuros relacionamentos	Considera que as pessoas com deficiência ao terem à sua disposição serviços sexuais, isso significaria que não teriam outras formas de se relacionar. Complementado que, isso os iria impactar, a nível de satisfação (negativamente) na autoestima, na validação e na procura de companhia.	
Baixa autoestima, satisfação e validação, resultante dos serviços sexuais		

		<p>nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que</p>
--	--	--

		<p>quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha tênue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”</p>
<p>A importância de um problema macro, comparativamente a um micro</p>	<p>Refere que mesmo existindo pessoas com deficiência que não possam usufruir do seu direito de explorar a sexualidade (através da procura por um trabalhador do sexo, em segurança), não justifica a legalização do trabalho sexual, pois iria desencadear outros problemas. Ou seja, alguém sairia (sempre) a perder, e no caso, refere que o problema será menor, se for este grupo de pessoas.</p>	<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam a levar os filhos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda</p>

		<p>profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em</p>
--	--	--

		<p>países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer ‘atenção, que eu fui traficada’? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>
<b>Possíveis medidas a implementar</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Políticas de inclusão	<p>Considera imprescindível a criação de fórmulas de inclusão, resultando numa igualdade, para que seja possível acabar com o preconceito a que estes estão sujeitos.</p>	<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat’s</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa</p>

		<p>na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um</p>
--	--	---

		surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”
Não concorda com a criação de medidas concretas	Considera a criação de medidas para acabar com a desigualdade decorrente da deficiência ‘um pouco viciadas’, porque, segundo a mesma, estariam a forçar pessoas a fazerem algo que não querem, o que resultaria na procura do trabalho sexual, algo com o qual a mesma não concorda.	“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de ‘ah, é o amor da minha vida’, não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que
Estigma social agravado com a criação de medidas concretas	Considera que a criação de medidas, iria fomentar ainda mais o estigma decorrente da deficiência	



		<p>as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação.”</p>
Convívios com a comunidade	Considera importante a envôlvência dos mesmos num convívio com a comunidade, com outras pessoas.	“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido,

<p>Maior visibilidade</p>	<p>Refere que a visibilidade de como é a vida delas, e como estas pessoas são, além da deficiência, iria ajudar a romper com o estigma associado às mesmas.</p>	<p>para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação</p>
---------------------------	---	--

		sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse caráter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma ' <i>vending machine</i> ' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i> , não é! Não pode ser."
<b>Profissionais/ Técnicos de saúde</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Assistentes sociais	Considera que profissionais como sexólogos, assistentes sociais, entre outras profissões, poderiam assumir o papel de um assistente sexual. De forma a retirarem o 'véu do preconceito', falando sobre estas questões.	"Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o 'véu do preconceito', de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."
Sexólogos		
Consultas de acompanhamento com sexólogos	Refere que seria benéfico existirem consultas de acompanhamento com sexólogos, de forma a ajudá-los, a esclarecerem dúvidas e a aconselhá-los.	
Assistente pessoal	Refere a possibilidade de o assistente pessoal abranger as suas funções ao setor da sexualidade, ainda que assuma ser algo com o qual os mesmos possam não concordar, ou se quer, sentir-se à vontade.	
<b>Trabalho sexual</b>		
<b>Legalização ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

Posicionamento desfavorável	<p>Não se representa enquanto alguém contra a prostituição, no entanto, refere não ser 'a favor' da 'exploração do corpo' e do corpo enquanto 'mercadoria', algo que, para a mesma representa o trabalho sexual.</p>	<p>"Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo</p>
Mercantilização do corpo e da sexualidade		

		<p>com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>
--	--	---

		<p>“É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluísse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente, toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identificações de identidade de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das pessoas com deficiência do que é que sentem, do que as que não sentem, e claro, teria sempre que haver, para um programa assim, e que eu até defendo que deveria ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos. Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>
Corpo enquanto ferramenta de trabalho	Não concorda com a utilização do corpo enquanto ferramenta de trabalho, porque segundo a mesma, este não pode ser vendável, e a prostituição, na ótica da mesma, trata-se da mercantilização do corpo.	“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação

<p>Precariedade</p>	<p>Menciona a precariedade existente na prostituição de rua</p>	<p>onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam a levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em</p>
---------------------	---	---

		<p>que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande</p>
--	--	--



		<p>parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>
<p>Ferramenta que garante satisfação sexual imediata</p>	<p>Refere que mesmo sendo a prostituição a ferramenta à medida que garante uma satisfação imediata, esta não concorda com a mesma, pois considera não se tratar de um serviço ou trabalho.</p>	<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: ‘bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma</p>

		<p>maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma 'vending machine' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>
<b>Entraves à legalização</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Violência e exploração	Referencia a prostituição como uma violência e exploração do próprio corpo	<p>"Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade,</p>

		<p>o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis</p>
--	--	---

		de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha tênue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”
Violência contra as mulheres	Considera a prostituição uma violência contra as mulheres. Sendo as mesmas uma maior prevalência na prostituição	“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes
Maior prevalência das mulheres na prostituição		
Sexualidade livre, desde que não obtenha lucro financeiro	Ainda que considere que cada indivíduo deve fazer sexualmente que quiser, e que pode e deve ter o número de parceiros que achar conveniente, não concorda que se retire algum lucro monetário desses encontros.	

Consentimento	Refere que se fosse questionar as pessoas envolvidas no trabalho sexual, muitos estariam lá contra a vontade, algo que levantaria questões do ponto de vista do consentimento.	estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que
Liberdade sexual	Alude à existência de pessoas que escolhem a prostituição, de livre e espontânea vontade. No entanto, menciona ser durante um pequeno período de tempo, pois a prostituição não lhes garante uma estrutura.	
Impermanência na prostituição		
Falta de estrutura		
Romantização da prostituição	Considera existir uma romantização à volta da prostituição.	
Livre vontade na prostituição	Refere a existência de pessoas contra a vontade na prostituição.	
Negócio altamente e mundialmente lucrativo	Menciona tratar-se de um negócio altamente a nível mundial, lucrativo.	
Exploração da mulher prostituída	Considera que as mulheres que se prostituem trabalham principalmente para os outros, à 'mercê dos interesses que não são os seus'.	
Não podem escolher os clientes	Menciona que muitas das mulheres prostituídas não podem escolher os clientes, e os rendimentos que obtêm não são unicamente para as mesmas.	
Rendimento partilhado		
Profissão desgastante	Refere que, por muito que uma mulher goste de fazer sexo, atender mais de 100 clientes, em 24H é demasiado, principalmente quando não podem, se quer, escolher os clientes que querem ou não, atender.	

Ausência de atração sexual	Menciona não existir, em partes dos casos, atração pelos clientes, levando-as a atender mesmo não querendo.	se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-	
Difícil saída da prostituição	Refere que por estarem tão emaranhadas na prostituição, depois lhes é difícil sair.		
Simpatia pelo seu agressor	Menciona existir vítimas que se habituam ao seu agressor, e na prostituição, o mesmo pode acontecer.		

		se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”
Caráter obrigatório	Considera que ao efetuarem um serviço sexual, as trabalhadoras do sexo o fazem como uma obrigatoriedade. Não o vendo como um serviço ou um trabalho.	“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: ‘bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma ‘visibilização’ de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência
Não se trata de um serviço ou trabalho		
<i>Vending machine</i>	Considera que a prostituição se poderia assemelhar a uma <i>vending machine</i> , onde basta colocar o dinheiro e se obtém o produto.	

		<p>tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: ‘olha é a esta hora no sítio e corre tudo’, não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu ‘olha já nem queres’, não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma ‘<i>vending machine</i>’ onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser.”</p>
<p>Obrigação de trabalhar independentemente da condição física</p>	<p>Refere que, se a prostituição se tornasse um trabalho laboral, as mesmas seriam obrigadas a trabalhar, mesmo com a menstruação, ou sob qualquer outra condição física e isso iria mexer com elas. Fazendo com que perdesse a sua autonomia.</p>	<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe,</p>
<p>Perda de autonomia</p>		



		<p>e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegues-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais</p>
--	--	--

		<p>gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”</p>
Falsa ideia de empoderamento	Considera existir a ideia de que as mulheres que trabalham no ramo do sexo se empoderam pelo mesmo.	<p>“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, ‘mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas</p>

		que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.”
Objetificação e sexualização do corpo da mulher	Alude à luta contra a objetificação e à sexualização do corpo da mulher, que, ao se prostituírem, e obterem um salário pela utilização do mesmo, será um contrassenso.	“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i> , também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socio económicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria ‘vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços’. Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostitutas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”
Dignidade na vida e no trabalho	Não considera que o trabalho sexual possa dar dignidade a quem gostasse de trabalhar na área.	

Lenocínio	Análise	Excertos da entrevista
Legalização do lenocínio	Considera que a legalização do lenocínio não iria resolver as questões fraturantes da prostituição.	<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as</p>

		<p>mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção!</p>
--	--	---

		<p>Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>
<b>As vertentes da prostituição</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Prostituição abrigada	Alude à dificuldade que muitas das pessoas, que se prostituem, não terem condições financeiras de possuírem uma casa para trabalhar.	
Prostituição de rua	Refere a existência de muitas mulheres na prostituição de rua	<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua</p>

		<p>parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os</p>
--	--	--

		<p>filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>
<p>Prostituição de luxo</p>	<p>Considera tratar-se de um ramo da prostituição onde as pessoas procuram obter uma qualidade de vida acima da média, sabendo que não o conseguiriam de outra forma.</p>	<p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma</p>



		<p>realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socio económicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria 'vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços'. Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostituídas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”</p>
<b>Formação e seleção</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Não concorda	Não concordando com o quadro legal do trabalho sexual, a formação dos mesmos para atenderem pessoas com deficiência não é concebível para a mesma	“Ok, ok, mas de facto, isso se calhar, depois teria que se assumir que havia formação específica para as pessoas prostituídas, e isso já ia entrar, mas lá está, isso seria assumir uma normalização, uma postura, e visão face à prostituição, que eu não tenho.”
<b>Estigma social</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Homens rejeitados por outras mulheres	Considera a ideia de que apenas os homens feios (que as outras mulheres não querem) procuram o trabalho sexual, ilusória.	“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu

		<p>me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo</p>
--	--	--

		<p>termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>
<p>Trabalhadoras do sexo não têm prazer na relação sexual</p>	<p>Ainda que considere que muitas trabalhadoras sexuais possam ter feito serviços 'contra a vontade', ou seja, sem prazer na relação sexual, a mesma reconhece que há a possibilidade de algumas terem desfrutado da relação.</p>	<p>"Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida,</p>

		<p>mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a</p>
--	--	---

		fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?’ quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha ténue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”
Não têm o mesmo valor que as restantes mulheres	Refere que as mulheres por se prostituírem são vistas (muitas vezes) como não tendo o mesmo valor que as restantes, só pelo facto de usarem o corpo como ferramenta de trabalho. Isto, muitas vezes, na perspetiva dos homens.	“Ai, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para
Não são mulheres para casar	Considera existir um preconceito quanto às mesmas, no que concerne ‘aos critérios’ que as pessoas têm quanto à perspetiva do casamento, da criação de filhos, da família e amigos. Como se o facto destas se prostituírem fosse um entrave a que as mesmas se relacionassem.	
Não são mulheres para ter filhos		

Não são mulheres para apresentar à família		apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, 'mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.'
Não são mulheres para apresentar aos amigos		
Quando a masturbação não é suficiente	Refere que um dos fatores na procura das trabalhadoras do sexo, se deve (também) a uma insatisfação com a masturbação e ao facto de não 'saberem estar sozinhos', como um escape.	
Escape		
Mulheres de respeito vs. Prostitutas	Considera existir uma forma de ver as mulheres que se prostituem como diferentes das que não trabalham no mercado do sexo, como se se tratasse de uma questão de respeito.	
Prostituição enquanto motor estigmatizante	Referencia existir um agravamento do estigma social da prostituição, por parte da mesma, nos países onde o lenocínio foi legalizado.	"Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua
Impossibilidade de romper com o estigma na prostituição	Considera impossível combater o estigma associado à prostituição, de forma a vê-la como uma profissão como outra qualquer.	

		<p>parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os</p>
--	--	--

		<p>filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava."</p>
<p><b>Motivações</b></p>	<p><b>Análise</b></p>	<p><b>Excertos da entrevista</b></p>



Rendimentos mais altos	Refere o facto de algumas mulheres ganharem mais dinheiro (por mês) na prostituição, do que em outra profissão.	<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos</p>
Procura por uma experiência diferente	<p>A procura por uma experiência diferente, o facto de gostarem de sexo e/ou terem uma fonte de rendimento para se alimentarem e/ou alimentarem os filhos, são critérios que a mesma considera estarem na base da procura pela prostituição por parte dos trabalhadores do sexo.</p>	
Gostar de sexo		
Fonte de rendimento para alimentar-se e/ou alimentar os filhos		
Falta de oportunidades	Refere que as motivações que levam as pessoas a recorrerem à prostituição, se deve ao desespero e falta de oportunidades.	

<p>Desespero por já se encontrarem na miséria</p>		<p>de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem</p>
---	--	--

		<p>ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p> <p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socio económicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria ‘vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços’. Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e,</p>
Fatores socioeconómicos e sociais	<p>Considera tratar-se de fatores socioeconómicos e sociais, quando já não têm força de trabalho possível e trabalhar numa fábrica não é uma opção, os motivos pelos quais levam as pessoas à prostituição.</p>	
Falta de força de trabalho		
Não conseguem trabalhar numa fábrica		

		portanto, tinham que ser elas as prostituídas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”
<b>Fatores na procura por parte dos clientes (homens)</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Facilidade	Considera a facilidade, o poder (de dominação sobre aquela mulher), a rapidez no acesso ao sexo e a ilusório prazer por parte da mulher prostituida, resulta num acréscimo na autoestima dos mesmos. Considerando fatores que estão na base da procura dos homens pelo trabalho sexual. Que segundo a mesma, não seriam possíveis com uma mulher que não se prostitui.	“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de ‘ah, é o amor da minha vida’, não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não
Poder		
Rapidez no acesso ao sexo		
Autoestima		
Perda da virgindade	Refere que a procura por trabalhadoras do sexo, também se dá por jovens rapazes virgens que querem perder a virgindade e aprender técnicas para aplicar, influenciados pelos seus pares (também eles masculinos).	

		<p>achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um caráter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o</p>
--	--	---

		prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação.”
Ilusão de afeto	Considera que alguns dos clientes procuram afeto e fantasia através do sexo, nas trabalhadoras do sexo.	“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e,
Fantasias		
Desejos impetuosos	Considera que os clientes possuem desejos impetuosos.	
Sonho de as retirar da prostituição	Refere existir, por parte de alguns homens (clientes), a vontade de retirar as trabalhadoras do sexo com quem se cruzam, habitualmente, fruto de uma paixão.	
Paixão		

		<p>portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha tênue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes</p>
--	--	--

		não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição”
Fantasia que não têm coragem de fazer com uma companheira	Menciona que tendo afeto nas suas relações, os homens que procuram uma prostituta, fazem-no porque querem fazer algo que não têm coragem de fazer com a parceira, como é o caso da dominação e submissão.	“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, ‘mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.”
Submissão da mulher		
<b>Impactos da prostituição na mulher prostituída</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>



Psicologicamente a longo prazo	Considera ser devastador a longo prazo, a prevalência na prostituição, a nível de autoestima, de vivências, das suas expectativas e relações familiares.	<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em</p>
Autoestima		
Vivências		
Relações familiares		

		<p>que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem</p>
--	--	--

		<p>ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>
Transtornos psicológicos		<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que</p>
Cada cliente leva com ele, um pedaço da sua dignidade	<p>Considera já ter ouvido relatos de trabalhadoras do sexo, que ao se prostituírem, estão não só a vender o corpo, como também a sua dignidade.</p>	
Estudos sociológicos da relação entre o uso de estupefacientes e a prostituição <sup>246</sup>	<p>Refere existirem estudos sociológicos que demonstram a relação existente entre a utilização de drogas e a permanência na prostituição. Segundo a mesma, estas procuram na droga uma forma de se desconnectarem do impacto que as trocas sexuais lhes trariam, se estivessem sóbrias.</p>	

<p>Utilização de drogas para fornecer serviços sexuais de forma alienada</p>		<p>te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós</p>
--	--	---

		criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”
<b>Crimes resultantes da prostituição</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual	Faz a correlação da prostituição com o tráfico de seres humanos para fins de exploração sexual.	“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como
Violação de direitos	Considera a prostituição uma violação constante de direitos.	

		<p>a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que,</p>
--	--	--

		<p>independentemente desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>
--	--	---

<p>Prostituição enquanto violação física e emocional</p>	<p>Ainda que refira tratar-se de uma comparação desproporcional, coloca-os como equivalentes na balança, a prostituição e a violação. Uma vez que, no entender da mesma se trata de uma questão de poder e afirmação. Sendo uma violação, cada vez que uma mulher prestadora de serviços sexuais presta um serviço mesmo não estando 'com disposição' para tal.</p>	<p>"Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está</p>
--	---	---



		<p>para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma '<i>vending machine</i>' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>
<p>Analogia ao tráfico de órgãos</p>	<p>Refere que algumas pessoas fazem uma analogia entre a prostituição e o tráfico de órgãos. Ainda que considere absurda a comparação, não a descora. Ou seja, menciona que, ao dizerem que "o corpo é meu, eu faço o que eu quiser com ele", também deveriam concordar com a venda de órgãos. Tratando-se de um negócio altamente lucrativo e ilegal, a nível mundial e a mesma concorda que assim continue.</p>	<p>"Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que 'o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser', então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapareares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim</p>

		<p>tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter de ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não</p>
--	--	---

		reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”
<b>Saída da prostituição</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Associações que ajudam trabalhadoras do sexo a saírem da prostituição	Refere que muitas das mulheres que procuram sair da prostituição recorrem a associações que as auxiliem nessa saída. Complementando que, mesmo não sendo fácil manter outros empregos, estas preferem persistir a voltar à prostituição.	“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam a levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida,
Resiliência na procura de outro emprego		
Trabalho psicológico	Menciona o trabalho psicológico que as mulheres que se prostituem fazem na saída do mercado do sexo.	

		<p>e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente,</p>
--	--	---

		<p>mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava."</p>
Posicionamento	Concorda com a saída da prostituição.	<p>"Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei</p>

		<p>antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho</p>
--	--	---

		<p>que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma 'vending machine' onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>
<p>Fazê-lo num curto espaço de tempo</p>	<p>Menciona que, para algumas pessoas que prestaram serviços sexuais durante um curto espaço de tempo, e, entretanto, saíram da prostituição, aquela experiência, para elas, contou como se tivessem tido diferentes parceiros sexuais, durante a sua vida.</p>	<p>"Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que 'o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser', então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar,</p>

		<p>rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesse a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o</p>
--	--	--



		<p>fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”</p>
<b>Prostituição, uma história antiga</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Procura	Menciona que socialmente o recorrer à prostituição já vem desde há muitos séculos atrás. Quando não era visto com bons olhos a homossexualidade e a prostituição (procura por outro homem) era a única opção. Ou então, dentro da procura por prostitutas, estavam homens casados, padres, solteiros, etc.	<p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socio económicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria ‘vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços’. Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer,</p>
Historicamente	Refere que as prostitutas se encontravam em bordéis das vilas, das aldeias, ou das cidades. Entre elas, órfãs, mulheres que sofriam um aborto, miseráveis, ou seja, as mulheres que ninguém queria, desprezadas pela sociedade.	
Recurso para a opressão da mulher	Considera que a prostituição, historicamente, instituiu e proclamou a objetificação, a opressão e a implementação de um papel social na mulher, que consistia em: as mulheres só servirem para procriar ou fazer filhos. Ou seja, o prazer das mesmas não era importante.	
Utilidade da mulher: sexo ou procriação		

		também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostituídas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Questões sanitárias	Refere que os problemas sanitários, no meio prostitucional devem ser resolvidos, devendo ser feitos os devidos apoios através dos profissionais do Serviço Nacional de Saúde (SNS).	“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que
Apoio aos problemas sanitários		
Necessidade de reforço e sensibilização dos profissionais do SNS		
SNS universal	Menciona que, sendo o SNS universal, os direitos à saúde não devem ser negados a ninguém.	

<p>Necessidade de reforço das estruturas de apoio psicológico e psiquiátrico</p>	<p>Alude à necessidade de reforçar as estruturas de apoio psicológico e psiquiátrico em Portugal.</p>	<p>queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores</p>
<p>Necessidade de apoio ao arrendamento</p>	<p>O apoio ao arrendamento, segundo a mesma, deveria ser uma garantia a quem vive em exclusão social</p>	
<p>Prostituição e a exclusão social</p>	<p>Demonstra existir uma relação entre a prostituição e a exclusão social</p>	
<p>Necessidade de aposta em programas de saída da prostituição</p>	<p>Indica ser necessário apostar em programas de saída da prostituição</p>	

		<p>condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava."</p>
<b>Realidade em outros países</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Aumento de comportamentos machistas e separação na sociedade	Refere que com a legalização do lenocínio, o machismo e a separação entre a sociedade e a prostituição, se agravou.	"Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a

Legalização do lenocínio		<p>qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos</p>
Despenalização e legalização do lenocínio na Alemanha	<p>Refere que a despenalização e legalização do lenocínio, na Alemanha, levou a que as trabalhadoras do sexo tivessem que trabalhar mais para terem condições financeiras e pudessem pagar as redas das casas alugadas pelo estado.</p>	
Estado enquanto proxeneta		
Lenocínio enquanto agravante dos problemas já existentes – relatórios policiais	<p>Considera que a legalização do lenocínio se revelou, em países com a Alemanha e a Holanda, uma agravante aos problemas já existentes na prostituição, segundo relatórios policiais.</p>	
Vontade própria vs. traficada	<p>Refere ter-se tornado um problema distinguir quem trabalha na prostituição por vontade própria, de quem está traficada, pela amplitude da legalização.</p>	

<p>Miúdos são levados às prostitutas, mas sem qualquer envolvimento afetivo ou compromisso sério</p>	<p>Refere que miúdos adolescentes são levados a casas de prostituição, mas que são aconselhados a não nutrirem sentimentos pelas mesmas, pois será apenas algo sexual. Podendo apenas relacionar-se com mulheres virgens.</p>	<p>que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio</p>
<p>Mulheres virgens até ao casamento</p>		
<p>Fraco investimento em programas de apoio à saída da prostituição</p>	<p>Refere que com a legalização do lenocínio deixaram de existir programas de apoio à saída da prostituição.</p>	
<p>Dificuldade em sair da prostituição por falta de apoio</p>	<p>Menciona que, por não possuírem apoio, as pessoas que querem sair da prostituição não o fazem, porque não conseguem.</p>	

		ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”
<b>Venda do corpo e a propriedade sobre o mesmo</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
<i>Self-ownership</i> <sup>247</sup>	Constata a propriedade que cada pessoa tem sobre o seu próprio corpo.	“E é, e o teu corpo é teu, de facto”
Propriedade sobre a pessoa	Considera existir na venda de um serviço sexual, um domínio e uma propriedade da intimidade da pessoa que presta o serviço. A cada vez que a pessoa presta um serviço, na ótica da entrevistada, a pessoa perde propriedade sobre o seu próprio corpo.	“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja,

<sup>247</sup> Entende-se, segundo o Dicionário Infopédia (Disponível Online, 2022), que o termo *ownership* consiste em propriedade; posse; direito de propriedade; domínio. E tendo em conta que *self* diz respeito à individualidade, ao ‘eu’, nada mais é do que propriedade sobre si, *self-ownership*. Esta conceção refere-se à propriedade privada que cada indivíduo tem sobre si mesmo. Ou seja, isto concebe o direito de utilizar o seu corpo como quiser, desde que isso não vá interferir com o controlo que o outro tem sobre ele. A questão da propriedade sobre si, mais particularmente sobre o próprio corpo é um tema vastamente explorado. Se por um lado, do ponto de vista político e teórico, alguns autores defendem a tese de que a propriedade sobre o próprio corpo lhes confere o direito a fazerem o que quiserem com o mesmo, defendendo a prostituição como uma forma de liberdade individual e autodeterminação, do outro lado, outros acreditam que existem limites nesta liberdade. Principalmente quando se trata da mercantilização do corpo, ou seja, de obter lucro financeiro com a utilização do mesmo (Ribeiro & Silva, 2019).

		<p>psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste,</p>
--	--	--



		<p>ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”</p>
<b>Assistência Sexual</b>		
<b>Desconhecimentos/ Conhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Conhecimento	<p>Refere ter conhecimento da assistência sexual, em particular, vagamente de experiências feitas em outros países.</p>	<p>“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço</p>

Conhecimento de outros países		exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”
<b>Finalidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Colmatar e satisfazer as necessidades de quem não o consegue fazer sozinho	Menciona saber a utilidade de um assistente sexual, nomeadamente, colmatar e satisfazer as necessidades de quem não o consegue fazer sozinho.	“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”
Auxiliar e facilitador de casais e a nível individual	Reconhece a finalidade do assistente sexual em auxiliar e facilitar a vida sexual de cada indivíduo a nível individual ou em casal.	“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado do ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, ‘vou tentar fazer’, acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal.”
Ineficácia	Considera que mesmo com a (hipotética) existência da assistência sexual, estes não iriam atender a todas as necessidades.	“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres

		têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso.”
<b>Legalização ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Não concorda com a legalização do lenocínio	Não concorda com a legalização do lenocínio, e como tal, não concorda com o enquadramento legal da Assistência sexual em Portugal. Inclusive, pelas similitudes da assistência sexual à prostituição, a mesma refere que não faria sentido concordar com uma e não concordar com a outra.	“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado do ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, ‘vou tentar fazer’, acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal.”
Não concorda com o enquadramento legal da Assistência sexual		

Similitude à prostituição		“Ainda que eu compreenda as diferenças e as necessidades diferente, a verdade é que passa muito pelo mesmo caminho, e, de facto, não. Não concordando com um, torna-se difícil, porque quer dizer, se não concordo que se venda a sexualidade, no fundo, quer dizer o assistente sexual acaba por vender um pouco da sua sexualidade, também. Nem que seja porque vai explicar, vai tocar, vai fazer, e, portanto, torna-se difícil defender uma, sendo contra a outra.”
<b>Obstáculos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Resultaria na criação de um regime diferente e esquisito	Considera que ao ser criada a figura do assistente sexual, apenas para pessoas com deficiência seria desigual para outros (sem deficiência), mas que também tenham dificuldades na sua sexualidade.	“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do
Gerador de uma nova desigualdade		
Procura recorrente	Considera que mesmo depois da pessoa ter obtido a ajuda do assistente sexual, pode tornar-se habitual as visitas, mesmo não sendo necessárias.	

		que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspectiva, confesso.”
Venda da sexualidade	Considera tratar-se da venda da sexualidade das pessoas que exercessem à assistência sexual, e como tal, não concorda.	“Ainda que eu compreenda as diferenças e as necessidades diferente, a verdade é que passa muito pelo mesmo caminho, e, de facto, não. Não concordando com um, torna-se difícil, porque quer dizer, se não concordo que se venda a sexualidade, no fundo, quer dizer o assistente sexual acaba por vender um pouco da sua sexualidade, também. Nem que seja porque vai explicar, vai tocar, vai fazer, e, portanto, torna-se difícil defender uma, sendo contra a outra.”
<b>Assistência Sexual vs. Trabalho Sexual</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Diferenças	Refere não saber a diferença entre as duas profissões.	“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”
Assistência sexual enquanto grau de especialização da prostituição	Considera tratar-se de uma especialização do trabalho sexual.	“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado do ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, ‘vou tentar fazer’, acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal.”
Pessoa prostituída especializada		“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira

		<p>vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso."</p>
<b>Substitutos à assistência sexual</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Sexólogos	<p>Considera que tanto sexólogos, quanto assistentes sociais poderiam substituir o trabalho do assistente sexual, de uma forma mais verbal.</p>	<p>"Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o 'véu do preconceito', de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo,</p>
Assistentes sociais		

		<p>e a pessoa, pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."</p>
<p>Experiência pessoal</p>	<p>Considera o autoconhecimento sexual muito pessoal, não conseguindo imaginá-la sendo acompanhada por outra pessoa.</p>	<p>"Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso."</p>

Modelo vantajoso	Análise	Excertos da entrevista
Não concorda	<p>Não consegue criar um modelo vantajoso que faça face às desigualdades decorrentes da deficiência, uma vez que não concorda com o lucro através do sexo.</p>	<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso.”</p>

#### Sinopse da entrevista 4 (E6)



<b>Dados Pessoais</b>		
<b>Nome Designado</b>	<b>Idade</b>	<b>Nacionalidade</b>
F	37 anos	Portuguesa
<b>Estado Civil</b>		<b>Filhos</b>
Solteira		0
<b>História Ocupacional</b>		
<b>Área de Formação</b>	<b>Profissão</b>	<b>Movimento Feminista</b>
Designer Gráfico	Freelancer, enquanto Designer Gráfico	UMAR
<b>Participação Política</b>		
<b>Feminismo</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Início do trabalho na UMAR	Data cerca de 10 anos de pertença à UMAR	“Concretamente já não me lembro, mas deve ser para aí, sei lá, dez anos”
Experiência em outros movimentos	Já fez parte de vários movimentos de carácter feminista	“Já pertenci a uma data de outros coletivos e movimentos de caris político e ativista antes de entrar na UMAR e continuo a pertencer. Ou seja, a minha atividade enquanto ativista não se esgota. Não começou na UMAR, nem se esgotou.”

		“Pertenci à Plataforma Anti-Guerra, Anti-Nato, pertenci ao Feminismo sobre Rodas, pertenci a uma desconstrução da greve feminista, também em Portugal, várias coisas”
Ser feminista	Refere que ser feminista, inclui uma auto-observação, a fim de desconstruir estereótipos, que fomos e vamos criando ao longo da vida	“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspetiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloco-me campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de género, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de género, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i> , etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e quotidiana. E era no nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café.”
Luta contínua <sup>248</sup>	<p>Considera que ser feminista é uma luta diária contra todas as micro e macro opressões.</p> <p>Faz referência a Angela Davis e à luta pela liberdade feminina, como um trabalho contínuo em cada setor da vida das mulheres.</p>	

<sup>248</sup> Originalmente foi utilizada como ‘*a luta contínua*’ por Eduardo Mondlane, num grito para *derrotar um inimigo interno cada vez mais onipresente*, naquela que foi a Frente de Libertação de Moçambique, resultante da sua independência, a 25 de junho de 1975 (Farré, 2015: 54; Mesenes, 2020). Também em Itália, como ‘*Lotta Continua*’ representava uma organização revolucionária de extrema-esquerda, originalmente *criada entre 1968 e 1969 por uma divisão no movimento estudantil-trabalhador de Turim e da organização Potere Operaio de Pisa; junto com os grupos Avanguardia Operaia e Pdup-Manifesto*. Caracterizou-se por vários eventos e estiveram envolvidos em diversos ‘radicalismos’ (como foi o assassinato de Calabresi). Ficou conhecida como sendo uma *das três organizações mais importantes da esquerda revolucionária italiana* (Strippoli, 2014:301). Em Portugal, terminava o processo revolucionário iniciado em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, esta foi também uma expressão ouvida (Strippoli, 2014). Ou seja, ainda que mude o idioma, no final das contas, representa o mesmo, a continuidade de uma luta inacabada.

<p>Organização – UMAR</p>	<p>Refere nunca terem abordado na UMAR a questão da assistência sexual</p>	<p>“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, ‘o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?’, mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>
<p>Sociedade Patriarcal</p>	<p>Considera o capitalismo e o patriarcado responsáveis por assentar as diferenças entre as pessoas, o que gera mais opressão e desigualdade.</p>	<p>“Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nos tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um</p>

		capitalista. Porque se nós nos virmos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, 'não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa', acho que isso acontece, sim muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é perçecionado com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe essa, hum, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade funcional, até na forma como se fala para elas."
<b>Vertentes Feministas</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Feminismo interseccional	Considera enquadrar-se dentro dos ideais do feminismo interseccional, que engloba a luta contra a homofobia, o racismo, as opressões de género, etc.	"Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspetiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloco-me campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de género, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de género, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente,

		para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i> , etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e quotidiana. E era no nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café.”
Feminismo abolicionista	Refere a posição firme das feministas abolicionistas quanto ao trabalho sexual, numa tentativa de criminalizar o cliente, de forma a erradicar a prostituição.	“Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer: ‘ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos’, ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz ‘pá olha estou com esta necessidade’.”
<b>Inclusão/Exclusão</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Feminismo inclusivo	Considera o feminismo inclusivo, e que se o feminismo não abranger todas as mulheres, independentemente, da sua multiplicidade, o mesmo não deve ser considerado feminismo. Uma vez que não existe um arquétipo de mulher, cada uma delas pode sofrer de diversas opressões.	“Sim! Se não for, se não estiver a ser, não é feminista, não é feminismo. Ou seja, se o feminismo não é um movimento político que luta pelo fim da opressão da mulher, mas é como te estou a dizer, ele não se esgota só aí, porque tu nunca és só mulher. Tu és mulher, e podes ser uma mulher negra, és mulher e podes ser uma mulher com diversidade funcional ou deficiência, podes ser uma mulher lésbica ou trans, ou seja, tu tens, na tua existência quotidiana, vais somando ou diminuindo uma data de opressões, que se vão somando à tua identidade e à tua existência. E se o feminismo quer mudar onde, ao contrário de incluir as mulheres na sua existência total, porque não existe o

Exclusão no passado	Constata as lacunas que o feminismo no passado ultrapassou, no que concerne à inclusão	arquetipo da mulher, há as mulheres. Nós somos múltiplas, somos diversas, até há mulheres de bigode, vê lá, e até há mulheres que têm pênis. Ou seja, se não for, se nós não estivermos dispostas, enquanto feministas a abraçar esta gente toda, então não somos feministas, somos outra coisa qualquer. Porque ser feminista é uma política continuada de inclusão, sempre. Não quer dizer que os movimentos, historicamente, os movimentos feministas não tenham tido alguma dificuldade e cometido erros nas análises que fizeram, e tenham se posicionado do lado errado da história, mas isso a gente vai aprendendo com os erros.”
<b>Espectro político</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Envolvimento político	Refere já ter feito parte – e atualmente ainda estar envolvida, de alguns movimentos de caris político.	“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, ‘o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?’, mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que
	Evidencia a sua forte posição política de esquerda	
Trabalho sexual	Considera que não legalizando a prostituição, isso as condicionará ao trabalho clandestino, mesmo que isso signifique, na perspetiva de algumas pessoas de Esquerda, serem exploradas pelo capitalismo	
Esquerda política	Menciona que mesmo dentro da mesma posição política, no que concerne ao trabalho sexual, as opiniões divergem.	

		era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”
<b>Direitos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Sexualidade	Considera o direito ao desenvolvimento da sexualidade (através do sexo ou da masturbação), como algo que deveria ser encarado como o direito ao ensino e à habitação, e não, como um luxo.	“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, ‘o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?’, mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a
	Considerando a sexualidade um direito, refere que a assistência sexual deveria ser assegurada pelo Estado, evitando a privatização da mesma.	
Universalidade de direitos	Refere que se tratando de direitos, os mesmos deveriam estar à disposição de todos.	
	Considera que, uma vez que um cidadão português já paga os seus impostos consoante os seus rendimentos, o mesmo não deveria ter que pagar pelo acesso à educação	

	universitária e hospitais. Não concordando assim, com a privatização do ensino.	faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”
<b>Estereótipos Sociais</b>		
Rótulos	Análise	Excertos da entrevista
Estereótipos e condutas	Considera que a nossa socialização nos incute estereótipos por se nascer homem ou mulher, e que isso se reflete nas nossas condutas diárias	“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspectiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloco-me campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de género, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de género, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i> , etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e quotidiana. E era no nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café.”



Raça negra e mestiça	Refere que as pessoas de raça negra, são vistas como uma força de trabalho, não sendo sexualizados como acontece, por exemplo com pessoas mestiças. Ou seja, refere que a cor de pele é tida como um fator importante na construção de família, escolha de parceiro sexual, ou como mera força de trabalho.	“Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nos tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um capitalista. Porque se nós nos virmos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, ‘não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa’, acho que isso acontece, sim muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é perccionado com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe essa, hum, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade funcional, até na forma como se fala para elas.”
<b>Situação/Problema</b>		
<b>Autoconhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Sexo e masturbação	Considera fazer parte do processo de autoconhecimento o conhecimento do próprio corpo, através da masturbação e do sexo.	“Sim, até como um processo de autoconhecimento, da qualidade de vida, sim. Até acho que está cientificamente provado”
<b>Deficiência - Situação/Problema</b>		
<b>Profissionais/técnicos de saúde e cuidadores informais</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

Enfermeiras	Menciona a existência de enfermeiras que fazem massagens sexuais em pessoas com deficiência.	<p>“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa ‘não proibição do trabalho sexual’, o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, ‘pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos’, percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião.”</p>
	Considera que seria muito mais utilitário se a segurança social enviasse prestadores de serviços sexuais, em vez de enviar enfermeiras para fazer massagens sexuais.	
	Refere que existem licenciaturas em enfermagem, e enfermeiras que exercem massagens sexuais como sendo uma das suas funções	
	Refere que a prima é enfermeira e não se sente confortável em fazer funções além da área dela, nomeadamente as massagens sexuais	
Médicos	Alude para o facto de os médicos não fazerem massagens sexuais	<p>“eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena, percebes?”</p>

Cuidadoras informais	Menciona que tanto enfermeiras quanto cuidadoras, são o recurso utilizado para as mensagens sexuais.	<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa ‘não proibição do trabalho sexual’, o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, ‘pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos’, percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião.”</p>
	Refere o quão constrangedor pode ser para uma cuidadora e para o próprio, explorar a sexualidade da pessoa de quem apoia, que, em muitos casos, são filhos e sobrinhos, ou seja, existe uma ligação de parentesco.	<p>“Eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena, percebes?”</p> <p>“São os parentes, as mães, as tias. É isso. Não é trabalho para a mamã, porque por ser a mãe a fazer isso, não é confortável nem para a mãe, nem para o próprio.”</p> <p>“não há prazer, quer dizer é a mãe, é quase uma violação”</p>

Deficiência intelectual	Análise	Excertos da entrevista
Perigo de coação	Chama a atenção para o risco de coação que pode surgir no caso das pessoas com deficiência intelectual	<p>“Por exemplo, uma pessoa que está acamada e que tem zero de mobilidade, tu pensas, ‘mas e depois? Como é que isto se faz, não é? Veio-me isso à cabeça, ou seja, depende se a pessoa tiver, porque há patologias e patologias, não é? Imagina que a pessoa, por exemplo, com a patologia dela é intelectual, há um atraso intelectual, tu até podes engrajar com aquela pessoa, mas pensas, ‘pode haver um entrave’, claro que aquela pessoa também tem desejos, tem certamente necessidades, mas do ponto de vista da pessoa, que até pode imagina, até ter outra patologia qualquer, está numa cadeira de rodas, vamos supor, mas é consciente daquela condição que não é detentor das suas faculdades intelectuais, tu podes pensar ‘eu posso estar a coagir’ ou seja, ela não ter a clareza que de facto aquilo é o que ela quer, e por exemplo, uma das coisas que acontece com alguma regularidade é que pessoas, eu até fiquei a saber disso, porque tenho uma prima que trabalhava num instituto de crianças órfãs, e ela tinha algumas alunas que tinham patologias intelectuais, e os pais as abandonaram, e muitas delas, fisicamente até eram disponíveis, mas a patologia delas era intelectual, elas acabaram todas grávidas aos 15 anos, aos 16, porque, percebes? Porque acabavam por ser seduzidas, muitas vezes até não sabiam bem com quem. Pode haver um aproveitamento.”</p>
	<p>Refere que a inocência e falta de apoio das jovens com deficiência intelectual, no instituto onde trabalhava a prima, as levou a serem coagidas a terem sexo, e disso, resultaram várias gravidezes não desejadas</p>	
Relacionamentos	Menciona a dificuldade que tanto as pessoas com deficiência intelectual têm, quanto os seus parceiros, na honestidade dentro de um relacionamento.	“Fica difícil de terem uma relação honesta, é só isso que eu quero dizer”
Dificuldade num envolvimento sexual	Referencia a dificuldade que uma pessoa com deficiência intelectual pode ter no seu envolvimento com outra pessoa. Não vendo assim, as suas necessidades atendidas.	<p>“Por exemplo, uma pessoa que está acamada e que tem zero de mobilidade, tu pensas, ‘mas e depois? Como é que isto se faz, não é? Veio-me isso à cabeça, ou seja, depende se a pessoa tiver, porque há patologias e patologias, não é? Imagina que a pessoa, por exemplo, com a patologia dela é intelectual, há um atraso intelectual, tu até podes engrajar com aquela pessoa, mas pensas, ‘pode haver um entrave’, claro que aquela pessoa também tem desejos, tem certamente necessidades, mas do ponto de vista da pessoa, que até pode imagina, até ter outra patologia qualquer, está numa cadeira de rodas, vamos supor, mas é consciente daquela condição que não é detentor das suas</p>

		<p>faculdades intelectuais, tu podes pensar 'eu posso estar a coagir' ou seja, ela não ter a clareza que de facto aquilo é o que ela quer, e por exemplo, uma das coisas que acontece com alguma regularidade é que pessoas, eu até fiquei a saber disso, porque tenho uma prima que trabalhava num instituto de crianças órfãs, e ela tinha algumas alunas que tinham patologias intelectuais, e os pais as abandonaram, e muitas delas, fisicamente até eram disponíveis, mas a patologia delas era intelectual, elas acabaram todas grávidas aos 15 anos, aos 16, porque, percebes? Porque acabavam por ser seduzidas, muitas vezes até não sabiam bem com quem. Pode haver um aproveitamento."</p>
Necessidades sexuais	<p>Refere que, com a existência de uma bolsa, e a comunicação da segurança social com o/a trabalhador/a do sexo, seria muito mais fácil suprir as necessidades das pessoas com deficiência. Onde o seu usufruidor não teria que se preocupar com a pesquisa, nem com o pagamento, pois o mesmo seria assegurado pela segurança social e pelo Estado.</p>	<p>"Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer: 'ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos', ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz 'pá olha estou com esta necessidade'."</p>
<b>Sexualidade na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Patologia	<p>Considera que poderá haver estereótipos, no que concerne à sexualidade, quanto às pessoas com deficiência, dependendo da patologia que possuam</p>	<p>"Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nós tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um capitalista. Porque se nós nos virmos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses</p>
Assexualidade	<p>Refere que as pessoas com deficiência são vistas como pessoas assexuadas.</p>	
Infantilização	<p>Considera que as pessoas com deficiência são infantilizadas, pela sociedade.</p>	

		corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, 'não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa', acho que isso acontece, sim muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é percebido com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade funcional, até na forma como se fala para elas."
Equidade	Considera que se deixassem de ser aplicados rótulos às pessoas, pela cor de pele, pela condição física, mental, etc, a sociedade seria mais igualitária e o trabalho sexual seria visto como uma profissão, como outra qualquer.	"Claro que, eu tenho perfeita noção que se a sociedade fosse mais igualitária, se nós conseguíssemos ter uma revolução a sério, onde as pessoas seriam vistas de forma igualitária, onde não há um deficiente, um normal, o preto e branco. Somos todos pessoas. Eu acho que nesse dia, o trabalho sexual fará mais sentido, mas não chegamos aí e está bem longe, mas pronto."
<b>Serviços sexuais na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Trabalhadores do sexo	Menciona a importância de se ouvir o que pensam as trabalhadoras do sexo, sobre a possibilidade de existir uma formação específica para atenderem pessoas com deficiência.	"Sim, teria que haver uma certa seleção e formação, mas eu também acho, porque é assim, eu não sou trabalhadora do sexo, nem nunca requisitei serviços, leio umas coisas sobre o assunto, nunca me especializei muito sobre essa temática, mas penso que podia ajudar, ouvir as trabalhadoras do sexo, o que é que elas querem. Porque as coisas também não podem ser impostas, o que é que elas querem para a profissão delas, como é que elas se veem nesse papel. Eu do lado de fora, acho que sim. Do lado de dentro, não sei."
<b>Trabalho sexual</b>		
<b>Legislação ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Legalização	Refere ser "a favor" da legalização do trabalho sexual, e da sua "não punição", podendo assim, os/as mesmos/as poderem exercer a sua atividade	"Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem mensagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma

		<p>forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião."</p>
	<p>Menciona que ao legalizar o trabalho sexual, este deveria ser legal em todas as suas vertentes e não só, para satisfazer as necessidades das pessoas com deficiência, pois assim, estaríamos a rotular a profissão.</p>	<p>"Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer: 'ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos', ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz 'pá olha estou com esta necessidade'."</p> <p>"Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução</p>

		passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais.”
Reconhecimento	Considera que o reconhecimento do trabalho sexual, já seria um bom começo	“E eu acho que as coisas nunca se passam, por enquanto basta reconhecer.”
Reforma antecipada	Considera o trabalho sexual uma profissão que deveria ter acesso a uma reforma antecipada, pois a mesma pode ser uma profissão de risco, principalmente para as mulheres.	“Exato, porque no caso do trabalho sexual, eu acho que, por exemplo, há profissões, como a profissão de mineiro, é considerada desgastante, as pessoas que têm esse tipo de trabalho têm benesses em termos de reforma e podem vir para casa mais cedo. E eu acho que no caso do trabalho sexual, essas profissionais deveriam poder vir para a reforma mais cedo, porque são de risco, estão sujeitas, principalmente sendo mulheres, estão mais sujeitas. Neste caso, acho que a vantagem é mesmo ser contratada pelo Estado. Porque é um trabalho certinho, ou seja, pagam-te certinho. E eu, por exemplo que trabalho como freelancer, sei bem o que às vezes custa receber, e pôr os clientes a pagar aquilo que te devem. Portanto, seria uma grande vantagem.”
Precariedade	Considera o trabalho sexual um trabalho desgastante e, o facto, de muitas vezes trabalharem em condições precárias, só a torna mais difícil para quem nela trabalha. Referindo que sendo reconhecida, na sua visão, seria mais controlada e com menos riscos para os trabalhadores. Realçando a falta de condições a nível de saúde.	<p>“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebes? Porque é uma assistência, e sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí porque as trabalhadoras do sexo muitas vezes trabalham em contextos precários, ou seja, não a há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”</p> <p>“E depois, uma profissão que não é reconhecida não tem direito à doença, se ficarem doentes não recebem e trabalham até morrer”</p>



Abolicionismo	Refere que o modelo abolicionista seria, ainda mais, uma entreve às pessoas com dificuldade de mobilidade no acesso a serviços sexuais	“Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer: ‘ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos’, ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz ‘pá olha estou com esta necessidade’.”
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Clandestinidade	Menciona o perigo que as trabalhadoras do sexo podem correr, estando sujeitas ao trabalho clandestino, com miseráveis condições, estando a segurança das mesmas colocada em causa.	“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte
Faixas etárias discrepantes	Menciona os extremos de idades, com os quais se cruzava, na rua onde passava diariamente	

		<p>para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>
<p>Segurança</p>	<p>Alude para a falta de segurança na prostituição de rua</p>	<p>“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela</p>

		<p>já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>
Questões sanitárias	<p>Refere que a falta de apoio leva a que, quem trabalhe no mercado do sexo, não tenha proteção nenhuma, no que concerne às questões sanitárias</p>	<p>“E depois as questões sanitárias, não tinham proteção nenhuma. Eu tive um episódio engraçado, no meu primeiro ano. Numa aula de desenho, nós fomos desenhar para a Praça dos Poveiros, que agora está toda <i>fancy</i>, mas no meu primeiro ano, às sete da tarde, era um ponto de prostituição e sabes como é que é, as prostitutas viam os estudantes a fazer desenhos e vinham meter conversa, e houve uma altura que um velho se veio meter comigo. Eu fui salva por uma das prostitutas. Ele veio-me oferecer iogurtes, ‘eu tenho em minha casa iogurtes’, e eu até disse ‘não, não me apetece iogurtes, estou bem, obrigada’, depois vi a prostituta lá do fundo a gritar ‘velho, porco do caralho, não aceites nada dele, que ele quer-te fazer mal’, ou seja, e o raio do velho ‘ai, tenho estado a observar-te, estás aqui há tanto tempo a desenhar, não queres lanchar em minha casa? Eu dou-te um iogurte. Um iogurte de morangos’, só depois é que eu percebi quando ela apareceu com os morangos, ai, que horror! Depois, a partir dali ela disse-me ‘este gajo é um porco, quis os meus serviços, disse que me pagava mais se fosse sem preservativo’, ou seja, e depois há estas negociações que são ordinárias e as põe em perigo, e em situação de desespero, nunca é fácil. São vidas muito duras.”</p>
	<p>Refere a falta de condições (de saúde, em particular) que uma profissão não reconhecida (a prostituição, no caso) como um trabalho laboral, pode estar sujeita.</p>	<p>“E depois, uma profissão que não é reconhecida não tem direito à doença, se ficarem doentes não recebem e trabalham até morrer”</p>

Aliciamento	Conta um episódio, onde um senhor de idade a tentou aliciar a ir para casa dele a troco de um iogurte de morango	“E depois as questões sanitárias, não tinham proteção nenhuma. Eu tive um episódio engraçado, no meu primeiro ano. Numa aula de desenho, nós fomos desenhar para a Praça dos Poveiros, que agora está toda <i>fancy</i> , mas no meu primeiro ano, às sete da tarde, era um ponto de prostituição e sabes como é que é, as prostitutas viam os estudantes a fazer desenhos e vinham meter conversa, e houve uma altura que um velho se veio meter comigo. Eu fui salva por uma das prostitutas. Ele veio-me oferecer iogurtes, ‘eu tenho em minha casa iogurtes’, e eu até disse ‘não, não me apetece iogurtes, estou bem, obrigada’, depois vi a prostituta lá do fundo a gritar ‘velho, porco do caralho, não aceites nada dele, que ele quer-te fazer mal’, ou seja, e o raio do velho ‘ai, tenho estado a observar-te, estás aqui há tanto tempo a desenhar, não queres lanchar em minha casa? Eu dou-te um iogurte. Um iogurte de morangos’, só depois é que eu percebi quando ela apareceu com os morangos, ai, que horror! Depois, a partir dali ela disse-me ‘este gajo é um porco, quis os meus serviços, disse que me pagava mais se fosse sem preservativo’, ou seja, e depois há estas negociações que são ordinárias e as põe em perigo, e em situação de desespero, nunca é fácil. São vidas muito duras.”
Negociações	Menciona uma tentativa de negociação por parte de um cliente (narrado por uma trabalhadora do sexo) para conseguir sexo sem preservativo à troca de mais dinheiro	
Posicionamento	Refere não ter falado dentro da UMAR, quanto à possibilidade da existência de uma bolsa prostitucional.	“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa ‘não proibição do trabalho sexual’, o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, ‘pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos’, percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança

		social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião.”
Profissionais	Refere que existindo trabalhadores/as do sexo, que exercem esta atividade, não faz sentido outros fazerem o seu trabalho	“Eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena, percebes?”
Prostituição de rua		“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, ‘o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?’, mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas
Prostituição de menores	Menciona que quando vivia no Porto, se cruzava com várias jovens (menores de idade) na prostituição de rua, sem qualquer tipo de segurança.	

		de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”
<b>Formação e seleção</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Recrutamento	Considera que seria pertinente formação e seleção de trabalhadores do sexo, para atenderem pessoas com deficiência.	“Sim, teria que haver uma certa seleção e formação, mas eu também acho, porque é assim, eu não sou trabalhadora do sexo, nem nunca requisitei serviços, leio umas coisas sobre o assunto, nunca me especializei muito sobre essa temática, mas penso que podia ajudar, ouvir as trabalhadoras do sexo, o que é que elas querem. Porque as coisas também não podem ser impostas, o que é que elas querem para a profissão delas, como é que elas se veem nesse papel. Eu do lado de fora, acho que sim. Do lado de dentro, não sei.”
Segurança Social	Refere que a Segurança Social deveria ser responsável pela formação e seleção das/os trabalhadoras/es do sexo, para que os mesmos estivessem preparados para atender pessoas com deficiência	“Então, mas a partir do momento em que, quando eu te digo que criar uma bolsa na segurança social, essas coisas, não é naturalmente abrir uma bolsa e meter para lá as pessoas, é preciso capacitá-las. Se essa bolsa é para desenvolver uma função específica, não é tu que te lembras e que não precisas, e vais ‘olha, eu quero aqui manda para aqui não sei quem’, é para uma coisa específica, tem que haver uma formação, ou seja, uma formação até mesmo para elas saberem utilizar, para saberem como lidar, também, estarem capacitadas, porque muitas das pessoas, as trabalhadoras do sexo, elas recebem todo o tipo de pacientes. Há pessoas que têm patologias, mas têm mobilidade, se calhar, não vão lá. Portanto, a segurança social faria essa formação e seleção.”
<b>Financiamento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Bolsa	Coloca a possibilidade de existirem bolsas prostitucionais, onde cada usufruidor (com deficiência), poderia contactar a segurança social, ficando o pagamento estabelecido entre o trabalhador sexual e a segurança social.	“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o

		trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião."
	Refere que poderia ser uma questão o facto dos usufruidores dos serviços não poderem escolher o prestador de serviços sexuais, uma vez que a contratação dos mesmos, seria feita pela segurança social	"Eu não sei depois como é que isso se resolve. Se se cria uma UT. Sei lá, por exemplo, o meu irmão em França trabalha como fisioterapeuta e a maior parte dos clientes que ele tem são pessoas idosas, que estão em situações que já não conseguem sair de casa, etc., e contratam o meu irmão, mas não é o idoso é a segurança social que lhe tenha passa o tratamento. Depois vai à morada que lhe mandam. Claro que aqui, na questão da sexualidade pode ser estranho tu não poderes escolher, mas bom, não pensei sobre isso."
	Considera que com a criação da bolsa, a segurança social ficaria responsável pela formação e seleção dos trabalhadores do sexo, para que os mesmos fossem capazes de ir ao encontro das necessidades dos clientes com deficiência, sendo estes, os únicos benfeitores da bolsa.	"Então, mas a partir do momento em que, quando eu te digo que criar uma bolsa na segurança social, essas coisas, não é naturalmente abrir uma bolsa e meter para lá as pessoas, é preciso capacitá-las. Se essa bolsa é para desenvolver uma função específica, não é tu que te lembras e que não precisas, e vais 'olha, eu quero aqui manda para aqui não sei quem', é para uma coisa específica, tem que haver uma formação, ou seja, uma formação até mesmo para elas saberem utilizar, para saberem como lidar, também, estarem capacitadas, porque muitas das pessoas, as trabalhadoras do sexo, elas recebem todo o tipo de pacientes. Há pessoas que têm patologias, mas têm mobilidade, se calhar, não vão lá. Portanto, a segurança social faria essa formação e seleção."
	Considera que apesar de poderem ter alguma patologia, o facto de terem mobilidade, seria um motivo pelo qual não iriam recorrer aos serviços sexuais	"Então, mas a partir do momento em que, quando eu te digo que criar uma bolsa na segurança social, essas coisas, não é naturalmente abrir uma bolsa e meter para lá as pessoas, é preciso capacitá-las. Se essa bolsa é para desenvolver uma função específica, não é tu que te lembras e que não precisas, e vais 'olha, eu quero aqui manda para aqui não sei quem', é para uma coisa específica, tem que haver uma formação, ou seja, uma formação até mesmo para elas saberem utilizar, para saberem como lidar, também,

		estarem capacitadas, porque muitas das pessoas, as trabalhadoras do sexo, elas recebem todo o tipo de pacientes. Há pessoas que têm patologias, mas têm mobilidade, se calhar, não vão lá. Portanto, a segurança social faria essa formação e seleção.”
Estado	<p>Refere que o Estado deveria ser o responsável pelo pagamento aos trabalhadores do sexo (quando questionada sobre a desigualdades decorrentes da deficiência), sendo que o usufruidor não teria que pagar pelo serviço.</p>	<p>“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa ‘não proibição do trabalho sexual’, o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, ‘pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos’, percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião.”</p>
	<p>Considera que sendo pagas pelo Estado, teriam uma maior segurança financeira, evitando não serem pagas pelos usufruidores.</p>	<p>“Exato, porque no caso do trabalho sexual, eu acho que, por exemplo, há profissões, como a profissão de mineiro, é considerada desgastante, as pessoas que têm esse tipo de trabalho têm benesses em termos de reforma e podem vir para casa mais cedo. E eu acho que no caso do trabalho sexual, essas profissionais deveriam poder vir para a reforma mais cedo, porque são de risco, estão sujeitas, principalmente sendo mulheres, estão mais sujeitas. Neste caso, acho que a vantagem é mesmo ser contratada pelo Estado. Porque é um trabalho certinho, ou seja, pagam-te certinho. E eu, por exemplo que trabalho como freelancer, sei bem o que às vezes custa receber, e pôr os clientes a pagar aquilo que te devem. Portanto, seria uma grande vantagem.”</p>



Segurança Social	<p>Considera que a segurança social, deveria ser o interlocutor entre o prestador de serviços sexuais e o cliente com deficiência. Substituindo assim, as enfermeiras (no que toca às massagens sexuais), por um trabalhador sexual</p>	<p>“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa ‘não proibição do trabalho sexual’, o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, ‘pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos’, percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião.”</p>
	<p>Refere o exemplo do irmão, que trabalhando como fisioterapeuta em França, mencionando que quem faz a aquisição do trabalho dele é a segurança social e não, o cliente</p>	<p>“Eu não sei depois como é que isso se resolve. Se se cria uma UT. Sei lá, por exemplo, o meu irmão em França trabalha como fisioterapeuta e a maior parte dos clientes que ele tem são pessoas idosas, que estão em situações que já não conseguem sair de casa, etc., e contratam o meu irmão, mas não é o idoso é a segurança social que lhe tenha passa o tratamento. Depois vai à morada que lhe mandam. Claro que aqui, na questão da sexualidade pode ser estranho tu não poderes escolher, mas bom, não pensei sobre isso.”</p>
Privado	<p>Não concorda com a privatização do trabalho sexual, no contexto da procura das pessoas com deficiência</p>	<p>“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre</p>

		isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do sexo. Isto, na minha opinião."
<b>Assistência Sexual</b>		
<b>Conhecimento/ Desconhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Desconhecimento	Refere nunca ter ouvido falar sobre a assistência sexual	<p>"Não. O que é?"</p> <p>"Sim, sim, desconhecia. Como é que se chama mesmo?"</p> <p>"Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais."</p>
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

Serviços sexuais na deficiência	Considera que seria mais pertinente criar-se a assistência sexual, visto que quem exerce essas massagens sexuais e outros serviços de caráter sexual, são os enfermeiros.	“Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais.”
<b>Legislação ou enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Trabalho laboral	Concorda com a possibilidade da existência de um quadro legal onde inclua o assistente sexual como um trabalho laboral.	“Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais.”  “sim, claro!”
Funcionários públicos	Considera que, de forma a garantir os direitos dos assistentes sexuais, a profissão não deveria passar pela privatização.	“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma

		<p>questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>
<b>Modelo vantajoso</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Trabalhadoras sexuais	Quando questionada sobre o modelo vantajoso, a mesma menciona as trabalhadoras do sexo, como potenciais assistentes, ainda que chame a atenção para a possibilidade de as mesmas não estarem interessadas.	“Não sei, bem, porque eu nem se quer sabia da existência desta assistência, porque eu não sei, na verdade, se as trabalhadoras sexuais pode-lhes interessar este tipo de serviço.”
<b>Formação e Seleção</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Formação e Supervisão	Considera a formação e a supervisão importante, sendo que, para poderem exercer teriam que ter todos os assistentes sexuais, a mesma formação.	“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebes? Porque é uma assistência, e sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí

		porque as trabalhadoras do sexo muitas veze trabalham em contextos precários, ou seja, não a há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”
<b>Financiamento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Bolsa	Considera a possibilidade da existência de uma bolsa	“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebes? Porque é uma assistência, e sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí porque as trabalhadoras do sexo muitas veze trabalham em contextos precários, ou seja, não a há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”
Estado	Atenta que o pagamento aos assistentes sexuais deveria ser feito pelo Estado, e não, pelos usufruidores, assim como refere acontecer com o irmão, em França	“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo

		<p>salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>
Valores	Menciona não estar a par dos valores que se pagam, mas que, independentemente do valor, este deveria ser suportado pelo Estado	<p>“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebes? Porque é uma assistência, e sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí porque as trabalhadoras do sexo muitas vezes trabalham em contextos precários, ou seja, não a há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”</p>

## Sinopse da entrevista 5 (E7)

<b>Dados Pessoais</b>		
<b>Nome Designado</b>	<b>Idade</b>	<b>Nacionalidade</b>
G	37 anos	Portuguesa
<b>Estado Civil</b>		<b>Filhos</b>
Solteira		0
<b>História Ocupacional</b>		
<b>Área de Formação</b>	<b>Profissão</b>	<b>Movimento Feminista</b>
Psicologia	Investigadora e Psicóloga	UMAR
<b>Participação Política</b>		
<b>Feminismo</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Início do trabalho na UMAR	Desde 2008	“Desde 2008”
Experiência em outros movimentos	Refere já ter feito parte de outros coletivos e associações a nível nacional e internacional	“Sim, sim, já. Vários coletivos e associações a nível nacional e internacional”
Ser feminista	Considera que ser feminista na sua visão se tornou um projeto de vida, no combate às desigualdades e opressões, de um modo geral, e às de género de uma forma particular.	“Bom, isso é uma pergunta muito difícil, porque depende muito do percurso de vida, da ligação, mas o ser feminista para mim, tornou-se um projeto de vida, que tem a ver precisamente com o combate às desigualdades, nomeadamente as questões da

		desigualdade de género, mas eu alargo a questão da desigualdade, para a questão da justiça social, para a discriminação de todas as formas de opressão, para mim, ser feminista é isso. É contribuir para combater todas as formas de opressão.”
Nunca trabalhou com pessoas que exercessem atividades sexuais	Refere não ter conhecimento prático, uma vez que a sua prática profissional, nunca recaiu sobre o trabalho sexual.	“Quando eu digo prática, eu falo da minha prática profissional. Ou seja, eu podia estar a fazer intervenção com pessoas, que tinham, por exemplo, trabalho sexual, mesmo que não fosse reconhecido como a assistência sexual, e tivessem por exemplo clientes com diversidade funcional. E então, aí eu já teria essa informação prática, mas não. Ou seja, o que eu estou a dizer é, eu conheço na teoria, e pouco, porque de facto, como nas minhas balizas do conhecimento”
<b>Vertentes Feministas</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Pluralidade <sup>249</sup>	Refere a importância do feminismo ao longo da história, na luta constante por um lugar de fala para as mulheres. Complementando com a pluralidade existente dentro do feminismo.	“Depende da forma como falamos de feminismo. O feminismo, é uma teoria, um movimento político, que de facto contribuiu ao longo do mercado da história, para reivindicar um lugar para a igualdade entre homens e mulheres. Para reivindicar um lugar de existência para as mulheres. De facto, esse movimento ele é muito plural, é muito diverso, então por exemplo, nós temos correntes do feminismo, que incluem determinadas pessoas, e outras correntes que não incluem, e que por exemplo, o sujeito político do feminismo é uma estrutura, pensado na questão das mulheres, e noutra podem não serem integrados outros domínios. Mas de facto, o feminismo que eu acredito, ele tem que ser inclusivo, tem que ser justo, e tem que de alguma maneira combater todas as formas de opressão, que não é um trabalho fácil. Mas se fosse fácil, não estaríamos na luta feminista”
<b>Inclusão/Exclusão</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

<sup>249</sup> Assim como é possível ler no Capítulo II do enquadramento teórico desta Dissertação, a pluralidade do feminismo teve início na terceira vaga, onde começou a interseccionalidade e o surgimento de outros movimentos feministas que vieram apoiar aquelas que se viram abandonadas pelos movimentos existentes até então (para um maior aprofundamento sugiro Nogueira & Silva, 2003).



<p>Feminismo inclusivo</p>	<p>Na sua perspectiva o feminismo tem que ser inclusivo, onde possam ser agregadas todas as causas, no combate a todas as formas de opressão. O que não significa que seja, na atualidade.</p>	<p>“Depende da forma como falamos de feminismo. O feminismo, é uma teoria, um movimento político, que de facto contribuiu ao longo do marcado da história, para reivindicar um lugar para a igualdade entre homens e mulheres. Para reivindicar um lugar de existência para as mulheres. De facto, esse movimento ele é muito plural, é muito diverso, então por exemplo, nós temos correntes do feminismo, que incluem determinadas pessoas, e outras correntes que não incluem, e que por exemplo, o sujeito político do feminismo é uma estrutura, pensado na questão das mulheres, e noutra podem não serem integrados outros domínios. Mas de facto, o feminismo que eu acredito, ele tem que ser inclusivo, tem que ser justo, e tem que de alguma maneira combater todas as formas de opressão, que não é um trabalho fácil. Mas se fosse fácil, não estaríamos na luta feminista”</p>
<p>Falta de conhecimento por parte de ativistas quanto à temática sexualidade na deficiência</p>	<p>Refere não possuir muito conhecimento sobre este tema, uma vez que nunca trabalho diretamente com o mesmo. Complementando a possibilidade de outras ativistas não discutirem a questão da sexualidade na deficiência, sendo assim um problema quase esquecido.</p>	<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque</p>

		há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é ‘pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”
<b>Direitos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Direito à sexualidade	Refere que o direito ao prazer deve ser visto como um direito.	“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”
Universalidade de direitos	Refere que todos os indivíduos têm direito à justiça, independentemente das suas diversidades (existentes em cada um).	“Temos todos direito à justiça, numa diversidade que nos compõe”

Estereótipos Sociais		
Sexualidade	Análise	Excertos da entrevista
Sobrevalorização	Considera que a questão da sexualidade é muito sobrevalorizada pela sociedade, e que a mesma deveria ser vista de forma particular, partindo do princípio de que nem toda a gente tem as mesmas necessidades e que a sexualidade não tem o mesmo peso para toda a gente.	“A questão depende, para quem é, quem são as pessoas, ou seja, primeiro a ideia da sexualização, ou seja, a própria história da sexualidade ela foi muito marcada pela ideia também quase compulsória de que tem que se ter desejo, tem que se ter sexo, tem que se de tal maneira, de ter prazer, então, eu acho que a minha resposta seria: ‘é importante para as pessoas que acharem que é importante’. Ou seja, não tem uma sobrevalorização em relação à sexualidade, ou atividade sexual, é um domínio muito importante, e pode ser muito importante na vida de muitas pessoas, mas também, cada pessoa entende para si aquilo que fizer sentido para si. Agora, socialmente, temos a tendência de marcar a questão da sexualidade como uma parte importante para a qualidade de vida, para o bem-estar, para as relações sociais, mas não tem que ser determinado. Porque, por exemplo, temos aqui a questão da assexualidade, e a questão das pessoas assexuais, que podem ter desejo, obviamente, podem ter amor romântico, e não ter atração sexual, ou muito diversa, e isso não ser uma questão ou um problema, o que importa, e mais uma vez reforço, é o que para as pessoas faz sentido.”
Construção social	Refere tratar-se de uma construção (social), a ideia de que as pessoas com deficiência não têm a necessidade de se envolverem sexualmente.	“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”

<p>Desconstrução do desejo e da sexualidade</p>	<p>Refere que a construção que a sociedade tem quanto ao desejo e à sexualidade deveria ser desconstruída, pois, segundo a mesma, não pode aplicar-se a todas as pessoas da mesma forma.</p>	<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é ‘pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e</p>
---	--	---

		<p>por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”</p> <p>“Mesmo sendo traição, porque era uma construção moral daquilo que é a relação, porque é a configuração de como é que aquilo trouxe. Obviamente a questão é da relação, do próprio entendimento da relação. Porque também existe e está tudo relacionado, porque as coisas não são encaixas e acho que a sexualidade deve ser pensada numa perspectiva muito mais ampla, é pensar também nas pessoas, por isso é que, para quem se destinam estas questões? Quem são estas pessoas? Então acho que é importante falar das pessoas, para poder pensar políticas públicas para essas pessoas”</p>
<b>Assexualidade</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Relações assexuais	<p>Considera que socialmente a sexualidade é vista como algo pré-determinado, chamando a atenção para as relações onde as pessoas também se relacionam afetivamente, têm desejos, mas não têm necessidades sexuais.</p>	<p>“A questão depende, para quem é, quem são as pessoas, ou seja, primeiro a ideia da sexualização, ou seja, a própria história da sexualidade ela foi muito marcada pela ideia também quase compulsória de que tem que se ter desejo, tem que se ter sexo, tem que se de tal maneira, de ter prazer, então, eu acho que a minha resposta seria: ‘é importante para as pessoas que acharem que é importante’. Ou seja, não tem uma sobrevalorização em relação à sexualidade, ou atividade sexual, é um domínio muito importante, e pode ser muito importante na vida de muitas pessoas, mas também, cada pessoa entende para si aquilo que fizer sentido para si. Agora, socialmente, temos a tendência de marcar a questão da sexualidade como uma parte importante para a qualidade de vida, para o bem-estar, para as relações sociais, mas não tem que ser determinado. Porque, por exemplo, temos aqui a questão da assexualidade, e a questão das pessoas assexuais, que podem ter desejo, obviamente, podem ter amor romântico, e não ter atração sexual, ou muito diversa, e isso não ser uma questão ou um problema, o que importa, e mais uma vez reforço, é o que para as pessoas faz sentido.”</p>
<b>Deficiência – Situação/Problema</b>		
<b>Sexualidade na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

<p>Assexualidade</p>	<p>Refere que os próprios estudos demonstram existir um pré-conceito sobre a relação da sexualidade com as pessoas com deficiência</p>	<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”</p>
<p>Direito ao prazer</p>	<p>Refere que o direito ao prazer deve ser visto como um direito, principalmente nas pessoas com deficiência, onde o setor da sexualidade é muitas vezes desvalorizado pela sociedade.</p>	<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual,</p>

		<p>provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é ‘pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.’”</p>
<p>Zonas erógenas</p>	<p>Chama a atenção para a variedade de formas de ter prazer, e no caso das pessoas com deficiência motora, refere que as zonas erógenas destes podem ser aquelas que são negligenciadas, pelos seus pares.</p>	<p>“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por</p>

		exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”
<b>Socialização</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Segurança nas redes sociais	Não considera as pessoas com deficiência mais vulneráveis aos riscos das redes sociais, pois, segundo a mesma, pode haver risco para qualquer pessoa, como também podem ter boas experiências.	“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i> , o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois
Assistência Pessoal	Refere que é importante saber se a pessoa com deficiência, nomeadamente, deficiência motora, tem assistência pessoal.	
Campanhas de sensibilização	Refere a importância de se fazerem campanhas de sensibilização, dando voz às pessoas com deficiência, onde seria promovido o direito ao prazer, à sexualidade e à integração.	



		também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é ‘pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”
Políticas de inclusão	Alude à importância de políticas de inclusão de pessoas com deficiência	“Faz-me sentido, se para as pessoas com diversidade funcional fizer sentido, e pensado numa política de inclusão de pessoas com diversidade funcional possam ter. Porque é assim, é importante perceber que as pessoas com diversidade funcional podem ter os seus relacionamentos, podem ter a as suas relações afetivas, podem ter outro tipo de formas de estar. A ideia da assistência sexual, é a garantia de um outro direito de sexualidade, caso por exemplo, não tenham noutra contexto. Então a questão é, se der formação específica a determinados domínios, vai prestar um serviço de uma maneira muito mais adequada e muito mais informada, relativamente a essa área.”
Relacionamentos	Refere que muito além da deficiência, esta não os define, pois, as pessoas podem ter relacionamentos afetivos e outras formas de se relacionar.	
<b>Mobilização dos envolvidos</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Envolvência das pessoas com deficiência	Considera que se deveria incluir as pessoas com deficiência, na procura/no debate de políticas que fossem ao encontro das suas necessidades.	“Bem, eu não sei se lhe consigo responder a essa questão. Porque primeiro não são pessoas que trabalham nestas áreas que possam, acho que deveriam dizer, quais medidas a aplicar e quais questões a aplicar. Não sei se percebi muito bem a sua pergunta, mas a grande questão é: é importante pensar nas políticas, para trabalhar com as questões de trabalho sexual, como pessoas com diversidade funcional, e não sem elas, ou seja, quando nós pensamos em política, nós devemos pensar as políticas com as pessoas que estão afetadas a essas políticas, para pensar algo muito mais concreto, em relação às necessidades”
		“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas

		<p>necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é ‘pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.’”</p> <p>“Eu acho que era uma possibilidade, sim, mas eu tenho muita dificuldade em falar sobre estas questões, quando não tenho muito domínio sobre o assunto. Ou seja, acho que é muito importante auscultar sim as pessoas com diversidade funcional, e quem pudesse prestar assistência sexual. Ou seja, é importante envolver as pessoas,</p>
--	--	---

		<p>diretamente implicadas, na construção de leis, mas parece-me sim, parece-me que faz todo sentido.”</p> <p>“Isso mesmo, isso mesmo”</p>
<b>Rótulos na deficiência</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Deficiência vs. diversidade funcional	<p>Considera a utilização do termo ‘deficiência’ por alguém que não possui uma deficiência, como algo pejorativo, como se fosse algo que definisse a pessoa. Assim sendo, utiliza ‘diversidade funcional’ como um posicionamento político e pessoal.</p>	<p>“Sim, constantemente, porque já tenho trabalhado nessas áreas e isso sim, porque eu trabalho na área da psicologia, e trabalho na área da psicologia crítica, e a questão dos conceitos, eles determinam muito a questão também das pessoas. Quando as próprias pessoas falam sobre si, elas podem usar o termo. Por exemplo, uma perspectiva da teoria <i>creep</i>, é uma teoria que de alguma maneira fala da questão. Como por exemplo, é um paralelismo com a teoria Queer que é a ideia de ‘autodesignação’, quando uma pessoa diz assim ‘tu és esquisito’, ou ‘tu és não sei quê’, quando falam em relação à questão, por exemplo, da orientação sexual, e as pessoas incorporaram o termo, que é o Queer, e Queer é a ideia de esquisito, estranho. Então a teoria Queer é a apropriação do insulto para de alguma maneira dizer ‘eu tenho igualmente direito a existir’ e a teoria <i>creep</i> é a teoria no paralelismo com a teoria da diversidade funcional, que é como se fosse a teoria do aleijado, ‘eu sou aleijado, ou eu sou deficiente, eu tenho todas estes domínios’, no entanto, quando a própria pessoa o diz, porque quando é dito por outra pessoa tira a ideia da funcionalidade, ou seja, não vê como algo patológico, mas como algo que, localiza um problema, não na pessoa que tem diversidade funcional. Se é dado que não tem estrutura para pensar que as pessoas são diversas, ao nível da própria funcionalidade, por isso é que eu uso o termo diversidade funcional, para não ser tão estigmatizante, e para pensarmos que, de facto, o problema não é, usar uma cadeira de rodas, o problema é ter um lugar de umas escadas, e não ter possibilidade da pessoa subir. O problema é não ter acesso a um espaço público, e não, o facto de ter uma condição física diversa, percebe? Então, tem a ver com isso, por isso é que eu uso esse termo.”</p> <p>“sim, mas tem a ver precisamente com este domínio, e depois é assim, é um posicionamento que eu uso político e pessoal, a pessoa tem direito a usar aquilo que fizer sentido, mas por exemplo, usar o termo deficiência quando as pessoas falam na rua, quem usa o termo muitas vezes não o problematiza e está numa lógica ‘patologizadora’ também. Há pessoas com diversidade funcional que podem usar o termo deficiência e fazer sentido para si, e falar neste lugar, mas é um lugar próprio, é como por exemplo,</p>

		<p>há mulheres trabalhadoras do sexo que dizem ‘eu sou puta’, mas uma coisa é dizer ‘eu sou puta’, outra coisa é dizer ‘aquela mulher é puta’, ou seja, esta questão da diversidade funcional, também pode ter essa noção, que é, a teoria <i>creep</i>, é dizer ‘eu tenho deficiência, eu sou deficiente, eu sou aleijado’ outra coisa é dizer ‘aquela pessoa é aleitada’”</p> <p>“Então é assim, quando pensamos do ‘nós ou os eles’ ou ‘nós ou as elas’, devemos pensar este conceito. Acho que é importante problematizar, e depois perguntar à pessoa, como é que gostaria do termo, em relação com. Então é muito importante ter respeito pelas pessoas que têm estas condições, esta diversidade, estes domínios, e de alguma maneira, uma lógica de proximidade, e de respeito, pelas pessoas, não numa perspetiva ‘patologizadora’, nem da categoria, mas numa perspetiva liberta e de direitos humanos e de diversidade”</p>
<b>Trabalho Sexual</b>		
Legalização/ enquadramento legal	Análise	Excertos da entrevista
Regulamentação	<p>Considera que o primeiro passo seria a regulamentação do trabalho sexual, de forma a acabar com o carácter penalizador e estigmatizante a que, quem o pratica está sujeito.</p>	<p>“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um carácter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal,</p>
Proteção e segurança	<p>Menciona que existe um longo caminho a se fazer, no que concerne ao trabalho sexual, principalmente na questão de proteção dos trabalhadores do sexo.</p>	

		então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios.”
<b>Formação e seleção</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Formação especializada	Refere que se deve dar formação aos trabalhadores do sexo, de acordo com as especificidades da área	“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”
<b>Medidas a implementar</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Envolvência dos trabalhadores sexuais	Considera que seria interessante entrevistarem trabalhadores do sexo	“Isso mesmo, isso mesmo”

	<p>Alude à importante participação dos trabalhadores do sexo, juntamente com a comunidade, de forma a irem ao encontro das necessidades de todos, na implementação de medidas.</p>	<p>“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”</p>
<p>Análise do contexto português</p>	<p>Considera que, antes de serem implementadas quais quer medidas, deve ser analisado o contexto geográfico português, de forma a ter uma melhor aplicabilidade.</p>	<p>“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um carácter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o</p>

		contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios.”
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Caráter penalizador	Refere que o caráter penalizador a que o trabalhador sexual está sujeito o faça ser visto como um trabalhador menos legítimo, que em outras áreas.	“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios.”
Estigma e discriminação	Alude à existência do estigma associado à prostituição, e da discriminação a que os trabalhadores do sexo estão sujeitos.	“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade,

		mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”
<b>Assistência Sexual</b>		
<b>Desconhecimento/ Conhecimento</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Conhecimento	Refere ter conhecimento sobre a existência da Assistência Sexual, através de uma investigação portuguesa feita por Ana Pinho <sup>250</sup> sobre o tema	<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”</p> <p>“Eu já ouvi falar, precisamente pela Ana Pinho, e todo o trabalho que tem a ver com as questões de Espanha e dessa área, sim. Por isso é que a minha informação, o meu tipo</p>

<sup>250</sup> Utilizada na pesquisa bibliográfica e enquadramento teórico desta dissertação.



		de resposta é muito mais informado, mas tem a ver com as questões teóricas não tão práticas.”
<b>Legalização/ enquadramento legal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Ser visto como um trabalho laboral	Considera que se deveria falar sobre o tema, de forma a pensarem na assistência sexual como um trabalho merecedor de respeito.	“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um carácter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios.”
Regulamentação do trabalho sexual em primeiro lugar	Considera que seria importante regulamentar o trabalho sexual, e depois perceber se trabalhadores do sexo estariam interessados em prestar serviços de assistência sexual	
Criação de um estatuto de assistência sexual	Considera que seria importante a criação da figura de assistente sexual em Portugal.	“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos

		<p>problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”</p> <p>“Eu acho que era uma possibilidade, sim, mas eu tenho muita dificuldade em falar sobre estas questões, quando não tenho muito domínio sobre o assunto. Ou seja, acho que é muito importante auscultar sim as pessoas com diversidade funcional, e quem pudesse prestar assistência sexual. Ou seja, é importante envolver as pessoas, diretamente implicadas, na construção de leis, mas parece-me sim, parece-me que faz todo sentido.”</p>
<b>Modelo vantajoso</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Envolvência de pessoas interessadas em prestar assistência sexual	Referencia a relevância de se ouvir as pessoas que estivessem interessadas em prestar serviços de assistência sexual, com a finalidade da criação de um quadro legal que lhes conferisse direitos.	“Eu acho que era uma possibilidade, sim, mas eu tenho muita dificuldade em falar sobre estas questões, quando não tenho muito domínio sobre o assunto. Ou seja, acho que é muito importante auscultar sim as pessoas com diversidade funcional, e quem pudesse prestar assistência sexual. Ou seja, é importante envolver as pessoas, diretamente implicadas, na construção de leis, mas parece-me sim, parece-me que faz todo sentido.”
Envolvência das pessoas com deficiência	Refere não saber de um modelo que fosse vantajoso, pois na sua opinião, antes de pensar num modelo, seria pertinente falar com as pessoas envolvidas.	“Não sei o modelo, até porque acho que é importante nós pegarmos em alguns exemplos daquilo que são noutros países, que têm tido sucesso, digamos assim. Pagar então nessas referências, mas diria mais uma vez que esse modelo só poderia ser construído com as pessoas diretamente implicadas, e nomeadamente, por exemplo, pensar com a questão do trabalho sexual, neste caso com a assistência sexual, teria que ser muito particular, tinha que ter muito noção de contexto, tinha que ter muita noção da discussão da discriminação, porque não é uma visão como as outras, numa lógica de ‘não discriminação’, mas é uma profissão que tem que ter reconhecimento igual de direitos, tem que ter reconhecimento igual no que toca à proteção legal, um reconhecimento igual em relação ao conjunto de outros domínios, por isso é que é importante perceber uma especificidade deste tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo, também reconhecer que é um trabalho legítimo e que por isso tem que ter direito a ter as suas condições acauteladas.”

Observar casos de sucesso em outros países	Menciona que a análise da assistência sexual em outros países, onde a mesma teve sucesso, seria um ponto interessante.	“Não sei o modelo, até porque acho que é importante nós pegarmos em alguns exemplos daquilo que são noutros países, que têm tido sucesso, digamos assim. Pagar então nessas referências, mas diria mais uma vez que esse modelo só poderia ser construído com as pessoas diretamente implicadas, e nomeadamente, por exemplo, pensar com a questão do trabalho sexual, neste caso com a assistência sexual, teria que ser muito particular, tinha que ter muito noção de contexto, tinha que ter muita noção da discussão da discriminação, porque não é uma visão como as outras, numa lógica de ‘não discriminação’, mas é uma profissão que tem que ter reconhecimento igual de direitos, tem que ter reconhecimento igual no que toca à proteção legal, um reconhecimento igual em relação ao conjunto de outros domínios, por isso é que é importante perceber uma especificidade deste tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo, também reconhecer que é um trabalho legítimo e que por isso tem que ter direito a ter as suas condições acauteladas.”
Direitos, com proteção legal e condições acauteladas	Indica que assim como em qualquer outra profissão, na criação da assistência sexual em Portugal, a mesma deverá assegurar todos os direitos aos trabalhadores	
<b>Realidade em Portugal</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>
Investigações sobre a temática	Refere ter conhecimento da investigação (de mestrado) feita por Ana Pinho, sobre o trabalho sexual e clientes com deficiência. E, atualmente, a tese de doutoramento que a mesma está a desenvolver, abarcando a assistência sexual .	“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”
Ausência de reconhecimento dos assistentes sexuais	Refere não termos, atualmente, em Portugal o reconhecimento dos assistentes sexuais, o que significa que eles existem, porém, não é algo reconhecido e falado.	“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda

		tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios.”
Suscetível de discriminação	Refere que dadas as especificidades da assistência sexual, a mesma poderia ser objeto de discriminação, assim como acontece com o trabalho sexual.	“Não sei o modelo, até porque acho que é importante nós pegarmos em alguns exemplos daquilo que são noutros países, que têm tido sucesso, digamos assim. Pagar então nessas referências, mas diria mais uma vez que esse modelo só poderia ser construído com as pessoas diretamente implicadas, e nomeadamente, por exemplo, pensar com a questão do trabalho sexual, neste caso com a assistência sexual, teria que ser muito particular, tinha que ter muito noção de contexto, tinha que ter muita noção da discussão da discriminação, porque não é uma visão como as outras, numa lógica de ‘não discriminação’, mas é uma profissão que tem que ter reconhecimento igual de direitos, tem que ter reconhecimento igual no que toca à proteção legal, um reconhecimento igual em relação ao conjunto de outros domínios, por isso é que é importante perceber uma especificidade deste tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo, também reconhecer que é um trabalho legítimo e que por isso tem que ter direito a ter as suas condições acauteladas.”
<b>Dimensões dos usufruidores</b>	<b>Análise</b>	<b>Excertos da entrevista</b>

Inclusão de todas as orientações sexuais	Chama a atenção para a existência de pessoas com outras orientações sexuais, dentro do núcleo de pessoas com deficiências, que procuram a assistência sexual	<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é ‘pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e</p>
Patologia	Considera ser importante ter em conta o tipo de deficiência, para que se possa fazer um serviço que esteja à altura das diversas necessidades de cada pessoa. Dada a singularidade de cada indivíduo.	
Maioridade	Refere que é importante saber se a pessoa é maior de idade.	

		por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”
Garantia de poderem ter alternativas para explorar a sua sexualidade	Consigna que a existência da assistência sexual dá às pessoas com deficiência uma garantia de poderem explorar a sua sexualidade, caso não tenham outras alternativas.	“Faz-me sentido, se para as pessoas com diversidade funcional fizer sentido, e pensado numa política de inclusão de pessoas com diversidade funcional possam ter. Porque é assim, é importante perceber que as pessoas com diversidade funcional podem ter os seus relacionamentos, podem ter a as suas relações afetivas, podem ter outro tipo de formas de estar. A ideia da assistência sexual, é a garantia de um outro direito de sexualidade, caso por exemplo, não tenham noutra contexto. Então a questão é, se der formação específica a determinados domínios, vai prestar um serviço de uma maneira muito mais adequada e muito mais informada, relativamente a essa área.”

## Anexo IV. Sinopse das 5 entrevistas

PROBLEMÁTICAS	Entrevista 1 <sup>251</sup>			Entrevista 2	Entrevista 3	Entrevista 4	Entrevista 5
SUBCATEGORIAS							
<b>DADOS PESSOAIS</b>							
LETRA DESIGNADA	A	B	C	D	E	F	D
IDADE	58 anos	40 anos	30 anos	41 anos	34 anos	37 anos	37 anos
NACIONALIDADE	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa	Italiana	Portuguesa	Portuguesa	Portuguesa
ESTADO CIVIL	Casada	União de facto	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira	Solteira
FILHOS	1	1	0	0	0	0	0
<b>HISTÓRIA OCUPACIONAL</b>							
ÁREA DE FORMAÇÃO	Educação	Psicologia	Psicologia	Sociologia	Ciências do Comunicação	Designer Gráfico	Psicologia
PROFISSÃO	Professora de História	Psicóloga com especialidade em clínica e saúde	Psicóloga com especialidade em clínica e saúde	Pesquisadora	Assessora de Comunicação	Freelancer, enquanto Designer Gráfico	Investigadora e Psicóloga
MOVIMENTO FEMINISTA	UMAR	UMAR	UMAR	UMAR	MDM	UMAR	UMAR
<b>ORIGENS SOCIOFAMILIARES</b>							
<b>PARENTALIDADE/ RELAÇÃO FAMILIAR</b>							

<sup>251</sup> **Nota:** As entrevistas foram todas individuais, exceto esta, a pedido de uma das entrevistadas (coordenadora do Núcleo). Assim sendo, é importante referir que se trata de uma entrevista a três pessoas em simultâneo, todas devidamente identificadas com uma letra que não as representa, a fim de garantir a confidencialidade das mesmas.

DIFICULDADE NA RELAÇÃO COM O PAI	“sobretudo na minha adolescência porque tinha um pai bastante machista”	-					
RELAÇÃO CONTURBADA COM O TIO	-	“quando era miúda, e quando digo miúda, era miúda mesmo, tinha 6/7 anos, a minha tia foi operada à barriga. Uma cirurgia complicada, eu não percebia porque é que ela estava há 9 meses, eu não tinha noção do tempo, mas quer dizer, estava há muito tempo deitada, e ela disse-me “foi o teu tio que me magoou”, bom, eu peguei num cabo da vassoura, e tinha 6/7anos e foi pelas costas abaixo”					



VISÃO DA FAMÍLIA		“aliás, toda a família, ainda hoje diz «tu só podias, tu só podias ter enveredado por esse lado»”					
<b>PARTICIPAÇÃO POLÍTICA</b>							
<b>FEMINISMO</b>							
INÍCIO DO TRABALHO NA UMAR	“vim pra UMAR em 1999, 2000, como formadora externa, nos últimos 5 anos estou a tempo inteiro”	“Pertença à UMAR desde 2007, vai fazer em junho deste ano 15 anos”	“Estou na UMAR desde 2019”	“Faço parte da UMAR, participo nas atividades das UMAR com vários papeis, desde 2018”		“Concretamente já não me lembro, mas deve ser para aí, sei lá, dez anos”	“Desde 2008”
INÍCIO DO TRABALHO NO MDM					“Não me recordo exatamente quando é que me inscrevi, mas talvez em 2011, por aí, há 10 anos vá.”		
EXPERIÊNCIA EM OUTROS MOVIMENTOS	“Nunca pertenci a outro movimento que não a UMAR”	“Não, nunca pertenci a outro movimento feminista”	“Nunca pertenci a outro movimento feminista.”	“Se já pertenci a outro movimento, sim. Acompanhei o trabalho de organizações, que trabalham para os direitos dos migrantes e dos trabalhadores.”	“Não. O MDM é o primeiro movimento feminista, ou seja, pertença a um partido, mas movimentos pelos direitos das Mulheres, foi o primeiro em que participei”	“Pertenci à Plataforma Anti-Guerra, Anti-Nato, pertenci ao Feminismo sobre Rodas, pertenci a uma desconstrução da greve feminista, também em Portugal, várias coisas”	“Sim, sim, já. Vários coletivos e associações a nível nacional e internacional”

<p>SER FEMINISTA</p>	<p>“eu acho que sempre fui feminista, desde que nasci e sobretudo na minha adolescência porque tinha um pai bastante machista e, portanto, a minha veia feminista acho que vem daí. Só que não tinha consciência que era feminista. Eu achava que estava a defender o direito das raparigas, (...) talvez quando já estava na universidade, com 19/20 anos. Depois é que comecei a ler umas coisas, a procurar, na altura não havia internet, era só livros e o que nós ouvíamos e víamos na rádio e na televisão, era como nos chegavam as coisas a nós”</p>	<p>“quando era miúda, e quando digo miúda, era miúda mesmo, tinha 6/7 anos. A minha tia foi operada à barriga, uma cirurgia complicada, eu não percebia porque é que ela estava há 9 meses, eu não tinha noção do tempo, mas quer dizer, estava há muito tempo deitada, e ela disse-me ‘foi o teu tio que me magoou’, bom, eu peguei num cabo da vassoura, e tinha 6/7anos e foi pelas costas abaixo. Portanto, eu percebi que era feminista já nessa altura”</p> <p>“pra mim a perspectiva de ser feminista, não é uma perspectiva, está intrínseco e, portanto, faz</p>	<p>“desde que tomamos consciência daquilo que somos e daquilo que nos é ‘não permitido’ por sermos mulheres, acho que um bocadinho de todas nós acaba por ser feminista nesse sentido”</p>	<p>“É uma pergunta bem complexa, essa. Querendo simplificar muito as coisas, diria que o feminismo é uma forma de olhar para as questões, para as dinâmicas relacionais, os problemas que centra, e que têm em comum o papel que se deve ao facto de elementos vários, entre os quais, elementos que se prendem ao género, mas não apenas ao género. Portanto, é um olhar que pretende ser o mais possível interseccional e ter em conta os vários marcadores, dentro dos quais, o do género e como esses diferentes marcadores acabam por influenciar as dinâmicas sociais, as relações de poder, as posições das mulheres, mas não apenas as mulheres,</p>	<p>“Ora, significa em primeiro lugar identificar as desigualdades que há entre homens e mulheres, nomeadamente nas leis e na vida, porque muito embora algumas questões de lei já não tenham propriamente distinção, a verdade é que a sua aplicação não é igual à sua teorização. Ao mesmo tempo significa, ser ativista contra esta discriminação, ou seja, defender os direitos das mulheres em serem tratadas na lei e na vida de igual maneira, sem qualquer tipo de discriminações, sem qualquer tipo de violências, e contribuir de alguma maneira na minha vida, para denunciar essas discriminações e ao mesmo tempo, para as colmatar e para terminar com elas.”</p>	<p>“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspectiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capazes de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na</p>	<p>“Bom, isso é uma pergunta muito difícil, porque depende muito do percurso de vida, da ligação, mas o ser feminista para mim, tornou-se um projeto de vida, que tem a ver precisamente com o combate às desigualdades, nomeadamente as questões da desigualdade de género, mas eu alongo a questão da desigualdade, para a questão da justiça social, para a discriminação de todas as formas de opressão, para mim, ser feminista é isso. É contribuir para combater todas as formas de opressão.”</p>
----------------------	---	---	--	--	--	---	---

		<p>parte, não é? Para responder à pergunta, desde quando? Se calhar, foi quase desde que nasci.”</p>		<p>dentro da sociedade. Não sendo a definição única do feminismo. Ou seja, muitas vezes, tanto na pesquisa, quanto no ativismo, esse olhar acaba por ser enfatizado como se fosse uma coisa única do feminismo. Portanto, tanto dentro dos movimentos de ativistas/feministas, quanto dentro da pesquisa feminista, é sempre preciso ter em conta que não é um olhar específico, único do feminismo, mas sim, claro, os movimentos feministas tiveram e em muitos contextos ainda têm um papel fundamental para reconhecer essa perspectiva, na análise e na intervenção.”</p>		<p>verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloco-me campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>gênero, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de gênero, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i>, etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Seremos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e cotidiana. E era no</p>
--	--	--	--	--	--	--

						nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café.”	
PRIMEIROS CONTACTOS COM O FEMINISMO	-	-	“desde que tomamos consciência daquilo que somos e daquilo que nos é ‘não permitido’ por sermos mulheres, acho que um bocadinho de todas nós acaba por ser feminista nesse sentido”	-	-	-	-

<p>NUNCA TRABALHOU COM PESSOAS QUE EXERCESSEM ATIVIDADES SEXUAIS</p>	-	-	-	-	-	<p>“Quando eu digo prática, eu falo da minha prática profissional. Ou seja, eu podia estar a fazer intervenção com pessoas, que tinham, por exemplo, trabalho sexual, mesmo que não fosse reconhecido como a assistência sexual, e tivessem por exemplo clientes com diversidade funcional. E então, aí eu já teria essa informação prática, mas não. Ou seja, o que eu estou a dizer é, eu conheço na teoria, e pouco, porque de facto, como nas minhas balizas do conhecimento”</p>
--	---	---	---	---	---	---

ORGANIZAÇÃO - UMAR					<p>“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens</p>	
--------------------	--	--	--	--	--	--

						<p>que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vêes uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas,</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--



						<p>estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já apontei para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”	
ORGANIZAÇÃO - MDM					“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser		

MOVIMENTO LGBTQIA+				<p>totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz</p>		
--------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher <i>trans</i> que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspectiva de umas, mas também não se pode abafar a perspectiva das mulheres cis que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspectivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

LUTA CONTÍNUA <sup>252</sup>			<p>“assim arranhou-se um termo que engloba os direitos das mulheres, que engloba as nossas lutas já de há muito tempo, e que vão continuar, infelizmente, no futuro, porque a experiência e a minha perspectiva é que isto ainda não acabou e ainda tem muito para se fazer, inclusive”</p>		<p>“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspectiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na</p>	
------------------------------	--	--	---	--	---	--

---

<sup>282</sup> Originalmente foi utilizada como '*a luta continua*' por Eduardo Mondlane, num grito para *derrotar um inimigo interno cada vez mais onipresente*, naquela que foi a Frente de Libertação de Moçambique, resultante da sua independência, a 25 de junho de 1975 (Farré, 2015: 54; Mesenes, 2020). Também em Itália, como '*Lotta Continua*' representava uma organização revolucionária de extrema-esquerda, originalmente *criada entre 1968 e 1969 por uma divisão no movimento estudantil-trabalhador de Turim e da organização Potere Operaio de Pisa; junto com os grupos Avanguardia Operaia e Pdup-Manifesto*. Caracterizou-se por vários eventos e estiveram envolvidos em diversos 'radicalismos' (como foi o assassinato de Calabresi). Ficou conhecida como sendo uma *das três organizações mais importantes da esquerda revolucionária italiana* (Strippoli, 2014:301). Em Portugal, terminava o processo revolucionário iniciado em 25 de abril de 1974, com a Revolução dos Cravos, esta foi também uma expressão ouvida (Strippoli, 2014). Ou seja, ainda que mude o idioma, no final das contas, representa o mesmo, a continuidade de uma luta inacabada.

						<p>verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloco-me campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--



						<p>gênero, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de gênero, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i>, etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e cotidiana. E era no</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café.”	
SOCIEDADE PATRIARCAL	<p>“tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter</p>		<p>“eu por exemplo percebi que era do contra e sempre fui apelidada por ser do contra. Queria jogar futebol de 11 e não podia porque era rapariga, queria fazer qualquer coisa e não podia, mas eu perguntava sempre, porque é que os rapazes fazem e eu não? Porque é que eu tenho de ser tratada de forma diferente?”</p>			<p>“Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nos tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um capitalista. Porque se nós nos virmos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos</p>	
			<p>“às vezes, se calhar na fase infantil e na adolescência nós somos um bocadinho do contra porque não somos aquelas barbies que, pronto, a sociedade nos impinge, mas lá está, depois, o que é que</p>				

	<p>instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir, não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó uma pessoa benzia-se e dizia 'que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê'. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia 'gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava', porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e,</p>		<p>isso nos traz de bom também? É que somos pessoas, se calhar, um bocadinho mais seguras, porque nós não temos vergonha de admitir o que somos e as qualidades que temos e forças que temos, porque, realmente, se não houvesse esta palavra 'feminismo', íamos ser do contra, íamos ser teimosas, íamos ser chatas, íamos ter muitos apelidos depreciativos, então, assim arranjou-se um termo que engloba os direitos das mulheres, que engloba as nossas lutas"</p>		<p>mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, 'não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa', acho que isso acontece, sim</p>	
--	---	--	---	--	--	--

	<p>portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho que sim. É um caminho de procura, de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”</p>				<p>muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é perçecionado com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe essa, hum, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade</p>	
--	---	--	--	--	---	--

						funcional, até na forma como se fala para elas.”	
--	--	--	--	--	--	--	--

INTERSECCIONALIDADE				<p>“É uma pergunta bem complexa, essa. Querendo simplificar muito as coisas, diria que o feminismo é uma forma de olhar para as questões, para as dinâmicas relacionais, os problemas que centra, e que têm em comum o papel que se deve ao facto de elementos vários, entre os quais, elementos que se prendem ao género, mas não apenas ao género. Portanto, é um olhar que pretende ser o mais possível interseccional e ter em conta os vários marcadores, dentro dos quais, o do género e como esses diferentes marcadores acabam por influenciar as dinâmicas sociais, as relações de poder, as posições das mulheres, mas não apenas as mulheres,</p>			
---------------------	--	--	--	--	--	--	--

				<p>dentro da sociedade. Não sendo a definição única do feminismo. Ou seja, muitas vezes, tanto na pesquisa, quanto no ativismo, esse olhar acaba por ser enfatizado como se fosse uma coisa única do feminismo. Portanto, tanto dentro dos movimentos de ativistas/feministas, quanto dentro da pesquisa feminista, é sempre preciso ter em conta que não é um olhar específico, único do feminismo, mas sim, claro, os movimentos feministas tiveram e em muitos contextos ainda têm um papel fundamental para reconhecer essa perspectiva, na análise e na intervenção.”</p>			
DESAGREGAÇÃO DO FEMINISMO		-			“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E,		

NECESSIDADE DE DIÁLOGO ENTRE MOVIMENTOS		-	-		parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspetiva agregadora, de		
SISTEMA CAPITALISTA ENQUANTO DESAGREGADOR	-	-	-	-	solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às		



<p>ASSÉDIO E OBJETIFICAÇÃO DO CORPO DA MULHER</p>				<p>vezes, de determinadas concepções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vincadas pela concepção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspetiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>admitirmos que são perspectivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspetiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspectiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>nos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra sítio observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspetiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspetiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do</p>	
--	--	--	--	--	--	--



					<p>movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>para as pessoas não come seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro.</p> <p>Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer 'sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade', mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros.”		
<b>VERTENTES FEMINISTAS</b>							

<p>PLURALIDADE<sup>253</sup></p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>-</p>	<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma</p>	<p>“Depende da forma como falamos de feminismo. O feminismo, é uma teoria, um movimento político, que de facto contribuiu ao longo do mercado da história, para reivindicar um lugar para a igualdade entre homens e mulheres. Para reivindicar um lugar de existência para as mulheres. De facto, esse movimento ele é muito plural, é muito diverso, então por exemplo, nós temos correntes do feminismo, que incluem determinadas pessoas, e outras correntes que não incluem, e que por exemplo, o sujeito político do feminismo é uma</p>
----------------------------------	----------	----------	----------	----------	--	--



					corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da		estrutura, pensado na questão das mulheres, e noutra podem não serem integrados outros domínios. Mas de facto, o feminismo que eu acredito, ele tem que ser inclusivo, tem que ser justo, e tem que de alguma maneira combater todas as formas de opressão, que não é um trabalho fácil. Mas se fosse fácil, não estaríamos na luta feminista”
FEMINISMO NEGRO							
FEMINISMO LIBERAL							
FEMINISMO MARXISTA							

<sup>293</sup> Assim como é possível ler no Capítulo II do enquadramento teórico desta Dissertação, a pluralidade do feminismo teve início na terceira vaga, onde começou a interseccionalidade e o surgimento de outros movimentos feministas que vieram apoiar aquelas que se viram abandonadas pelos movimentos existentes até então (para um maior aprofundamento sugiro Nogueira & Silva, 2003).

					<p>história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher <i>trans</i> que não tem de facto esses</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspectiva de umas, mas também não se pode abafar a perspectiva das mulheres cis que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente</p>	
--	--	--	--	--	--	--



					<p>porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspectivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”		
					“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspectiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas concepções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vincadas pela concepção que se tem material daquilo que a		

					<p>mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspetiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspetivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspectiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspectiva, por exemplo, é muito difícil para um</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parecemos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra sítio</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspectiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspectiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não como seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro.</p> <p>Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer 'sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade', mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



<p>FEMINISMO ABOLICIONISTA</p>					<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem</p>	<p>“Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer:</p>
------------------------------------	--	--	--	--	---	---

					<p>manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de</p>	<p>'ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos', ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz 'pá olha estou com esta necessidade'."</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem especifico com quem estiveste, passa a ser</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>FEMINISMO INTERSECCIONAL</p>					<p>“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspectiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na</p>	
---------------------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloque campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>gênero, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de gênero, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i>, etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e cotidiana. E era no</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café.”	
<b>ESPECTRO POLÍTICO</b>							
ENVOLVIMENTO POLÍTICO	-	-	-	-	“Não. O MDM é o primeiro movimento feminista, ou seja, pertenço a um partido, mas movimentos pelos direitos das Mulheres, foi o primeiro em que participei”	“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só	
ESQUERDA POLÍTICA	-	-	-	-	-		

<p>TRABALHO SEXUAL</p>					<p>“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é óbvio que devemos ter sempre uma perspectiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas concepções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vincadas pela concepção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua</p>	<p>quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver</p>	
------------------------	--	--	--	--	---	---	--

					<p>identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes,</p>	<p>espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou</p>
--	--	--	--	--	---	---



					<p>há um bocadinho, a perspectiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspectivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço</p>	<p>uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo,</p>
--	--	--	--	--	--	--

					<p>muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspectiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso</p>	<p>quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>	
--	--	--	--	--	---	---	--

					<p>é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspectiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-nos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra sítio observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspectiva, mesmo</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspetiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não como seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro. Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais era fácil dizer 'sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade', mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral,</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socioeconómicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria 'vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços'.</p> <p>Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostitutas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>BARRIGAS DE ALUGUER</p>				<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma</p>		
----------------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans,</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher <i>trans</i> que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspectiva de umas, mas também não se pode abafar a perspectiva das mulheres cis que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspectivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					falhando depois aquilo que é diferente.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

LENOCÍNIO				<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem</p>		
-----------	--	--	--	---	--	--

					<p>manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente</p>	
--	--	--	--	--	--	--



					<p>que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem especifico com quem estiveste, passa a ser</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>CRIAÇÃO DE MEDIDAS PARA MINIMIZAR AS DESIGUALDADES DECORRENTES DA DEFICIÊNCIA</p>					<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência.</p> <p>Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>	
INCLUSÃO/EXCLUSÃO						

FEMINISMO INCLUSIVO	<p>“Exatamente, exatamente, concordo. Nem vou responder nada, que eu faço das palavras da E1- C as minhas palavras”</p>	<p>“Exatamente”  “Também subscrevo, está correto, muito bem”</p>	<p>“Portanto, se há ‘inclusividade’ é no feminismo, se não o querem entender, aí o problema já não é nosso”</p> <p>“Eu acho que sim, até porque se o feminismo não fosse inclusivo, nós não tínhamos essa atenção de explicar que os direitos são humanos e não são de homens ou mulheres, são de toda a gente. Se não, havia direitos feministas e direitos machistas, que é o que as pessoas têm tendência a fazer”</p>			<p>“Sim! Se não for, se não estiver a ser, não é feminista, não é feminismo. Ou seja, se o feminismo não é um movimento político que luta pelo fim da opressão da mulher, mas é como te estou a dizer, ele não se esgota só aí, porque tu nunca és só mulher. Tu és só mulher, e podes ser uma mulher negra, és mulher e podes ser uma mulher com diversidade funcional ou deficiência, podes ser uma mulher lésbica ou trans, ou seja, tu tens, na tua existência quotidiana, vais somando ou diminuindo uma data de opressões, que se vão somando à tua identidade e à tua existência. E se o feminismo quer mudar onde, ao contrário de incluir</p>	<p>“Depende da forma como falamos de feminismo. O feminismo, é uma teoria, um movimento político, que de facto contribuiu ao longo do mercado da história, para reivindicar um lugar para a igualdade entre homens e mulheres. Para reivindicar um lugar de existência para as mulheres. De facto, esse movimento ele é muito plural, é muito diverso, então por exemplo, nós temos correntes do feminismo, que incluem determinadas pessoas, e outras correntes que não incluem, e que por exemplo, o sujeito político do feminismo é uma</p>
---------------------	---	--	---	--	--	--	--

						<p>as mulheres na sua existência total, porque não existe o arquétipo da mulher, há as mulheres. Nós somos múltiplas, somos diversas, até há mulheres de bigode, vê lá, e até há mulheres que têm pênis. Ou seja, se não for, se nós não estivermos dispostas, enquanto feministas a abraçar esta gente toda, então não somos feministas, somos</p>	<p>estrutura, pensado na questão das mulheres, e noutra podem não serem integrados outros domínios. Mas de facto, o feminismo que eu acredito, ele tem que ser inclusivo, tem que ser justo, e tem que de alguma maneira combater todas as formas de opressão, que não é um trabalho fácil. Mas se fosse fácil, não estaríamos na luta feminista”</p>
--	--	--	--	--	--	---	---

<p>EXCLUSÃO NO FEMINISMO (NO PASSADO)</p>					<p>outra coisa qualquer. Porque ser feminista é uma política continuada de inclusão, sempre. Não quer dizer que os movimentos, historicamente, os movimentos feministas não tenham tido alguma dificuldade e cometido erros nas análises que fizeram, e tenham se posicionado do lado errado da história, mas isso a gente vai aprendendo com os erros.”</p>	
---	--	--	--	--	--	--



<p>EXCLUSÃO NO FEMINISMO (ATUALMENTE)</p>				<p>“Depende sempre dos feminismos. O feminismo não é um movimento único, unitário e homogêneo, inclusive, dentro dos mesmos países. E, infelizmente, a prática da inclusão, muitas vezes não faz parte do feminismo, ou dos feminismos, presentes, de que temos uma experiência concreta. Portanto, ser feministas, não quer dizer necessariamente ser inclusivas, nas análises e nas intervenções, infelizmente.”</p>	<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram</p>		
---	--	--	--	--	---	--	--

<p>EXCLUSÃO NO PASSADO DAS MULHERES DE RAÇA NEGRA</p>				<p>num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do</p>		
---	--	--	--	--	--	--

					<p>papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de gênero, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p> muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque </p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspectivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocadinho à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>significado, que para uma mulher cis que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspetiva de umas, mas também não se pode abafar a perspetiva das mulheres cis que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspectivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>FALTA DE CONHECIMENTO POR PARTE DE ATIVISTAS QUANTO À TEMÁTICA SEXUALIDADE NA DEFICIÊNCIA</p>							<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i> , o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações,</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é 'pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a</p>
--	--	--	--	--	--	--	---



							<p>questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”</p>
<b>DIREITOS</b>							

<p>UNIVERSALIDADE DE DIREITOS</p>	<p>“há muita tendência de se comparar e contrapor a nossa posição, com a posição do homem. Eu não quero saber a posição deles, quero saber a minha, quero saber os meus direitos, eu quero saber é os meus direitos. Agora, se</p>		<p>“queria jogar futebol de 11 e não podia porque era rapariga, queria fazer qualquer coisa e não podia, mas eu perguntava sempre, porque é que os rapazes fazem e eu não? Porque é que eu tenho de ser tratada de forma diferente?”</p>		<p>“isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chats</i>, e</p>	<p>“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não</p>	<p>“Temos todos direito à justiça, numa diversidade que nos compõe”</p>
-----------------------------------	--	--	--	--	---	---	---

	<p>isso na cabeça de algumas pessoas implica que eu ao atingir aqueles direitos, eu estou a confrontar os direitos dos homens, não é esse o meu objetivo. Eu quero é ter as mesmas oportunidades, porque sinto que tenho as mesmas capacidades. Portanto, se tenho as mesmas capacidades, tenho que ser tratada como os direitos dos homens. E, portanto, não há direitos dos homens, nem direitos das mulheres, há direitos humanos, porque antes de ser mulher ou de ser homem, eu sou um ser humano. Se há direitos humanos, não há que haver aí um pingo de discriminação. Por isso, não quero ser mais que o João,</p>		<p>“não há direitos dos homens, nem direitos das mulheres, há direitos humanos, porque antes de ser mulher ou de ser homem, eu sou um ser humano e, portanto, se há direitos humanos, não há que haver aí um pingo de discriminação”</p>		<p>antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é</p>	<p>tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que</p>	
--	---	--	--	--	--	--	--

	<p>quero ser mais do que eu, eu quero-me superar todos os dias e é nesta superação que está a minha segurança, como diz a colega C e muito bem, está a minha segurança como mulher e o meu orgulho em ser mulher e vou vir sempre em mulher, não quero vir em outros géneros”</p>				<p>uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o ‘olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida’ não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a</p>	<p>não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vêes uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu</p>	
--	---	--	--	--	--	--	--

<p style="text-align: center;">DIREITO À SEXUALIDADE</p>	<p>“tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir,</p>			<p>“É uma componente que tem um movimento, uma importância, como outros, sem dúvida. Infelizmente, também uma das dimensões da vida que muitas vezes acaba por ser mais minorizada, colocada de lado, como um elemento assessor.”</p>	<p>conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a</p>	<p>o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já apontei para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque</p>	<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade</p>
--	---	--	--	---	--	--	---

	<p>não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó minha avó uma pessoa benzia-se e dizia 'que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê'. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia 'gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava', porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho</p>				<p>estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter</p>	<p>há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero</p>	<p>funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

	<p>que sim. É um caminho de procura de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”</p>			<p>interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a ‘visibilização’ destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não</p>	<p>segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”</p>	<p>precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”</p>
--	--	--	--	--	---	---

					<p>vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitosas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

						temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”		
<b>ESTEREÓTIPOS SOCIAIS</b>								
<b>RÓTULOS</b>								
DESCREDIBILIZAR O FEMINISMO	“eu comecei a tomar consciência que era uma acérrima defensora dos direitos das mulheres e que se para isso tivesse de ser apelidada de feminista, o seria com muito gosto (...) eu tinha muito gosto em ser mulher, tinha muito gosto em ser feminista e se algum dia eu nascer outra vez ou reencarnar, eu vou escolher ser mulher (...) sou uma feminista de alma e coração”							

MACHISMO		<p>“Eu acho que às vezes, também é preciso ter cuidado, também, como se põe as questões, e eu percebo, a Carla também está a fazer a sua tese, porque efetivamente a questão do feminismo é algo positivo, ou seja, é fazer valer os direitos das mulheres, é pôr a mulher no mapa, entre aspas, porque só há mapa para os homens e é preciso ter atenção. Eu percebo a pergunta, o que significa a perspectiva e experiência, é uma experiência de luta, não é? Diária. Quer a nível da UMAR, quer a nível individual, porque</p>					
----------	--	--	--	--	--	--	--

		nós sabemos que para fazermos alguma coisa, não é? Para fazermos passar a mensagem, e passarmos a voz, temos que ir calcando muito, muitos machistas, inclusivamente, mulheres machistas, também”					
FEMINISMO ASSOCIADO AO FEMISMO <sup>254</sup>			“Eu acho que sim, até porque se o feminismo não fosse inclusivo, nós não tínhamos essa atenção de explicar que os direitos são humanos e não são de homens ou mulheres, são de toda a gente. Se não, havia direitos feministas e direitos machistas, que é o que as pessoas têm tendência a fazer”				

<sup>254</sup> O femismo é por vezes confundido com o feminismo entre as pessoas que não têm muito conhecimento na matéria, porém, e como é possível ver através do Dicionário Priberam (Disponível Online, 2022) o feminismo é um *movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem* enquanto que o femismo se caracteriza *como um comportamento ou linha de pensamento segundo a qual a mulher domina socialmente o homem e lhe nega os mesmos direitos e prerrogativas*. Ou seja, ainda que os dois termos sejam parecidos, a sua definição é amplamente diferente.

NORMALIZAÇÃO <sup>255</sup>		<p>“Mas ó E1- C, somos nós enquanto sociedade que não normalizamos, porque por eles, se calhar, estaria tudo bem. Para nós é que a parte sexual e deficiência, não combina”</p>					
-----------------------------	--	---	--	--	--	--	--

---

<sup>255</sup> Partindo da perspectiva de que existe uma normalização social, onde normas prevalecem sobre todos os indivíduos e que, quem não se enquadra nessas normas serão considerados 'diferentes/desviantes', podemos pensar na obra '*Vigiar e Punir*' de Michel Foucault (1975), ainda que numa lógica de poder disciplinar, onde o mesmo via a normalização, como uma construção idealmente pensada, resultando na punição ou recompensa, de acordo com o seu resultado. No entanto, e fazendo o paralelismo com a normalização social de Foucault e a teoria de Howard Becker sobre '*Outsiders: Estudos de sociologia do desvio*' (1963), consegue-se perceber que, resultante de normas previamente estabelecidas, não é colocada no mesmo patamar da sexualidade, a pessoa com deficiência da pessoa sem. Resultando assim, numa exclusão dos mesmos, podendo ser considerados 'outsiders', ainda que não se possa considerar que os mesmos sejam um desvio da sociedade, numa relação de poder, podem ser vistos como um grupo menor, ignorados pela sociedade, ficando assim, à margem da sociedade.

		<p>“Não funciona, ou então, ‘para que é que eles querem aquilo?’, ó sei lá, pronto, enfim, mas sim, também é um assunto, eu agora estava a ler a pergunta que a Carla pôs, é um assunto, realmente, pronto, também não é muito a nossa área. De lidar, pronto, isso é verdade, e, portanto, isso são questões que pronto, que se calhar, dá que pensar. Dá aqui um bocadinho que pensar, mas sim, mas concordo com a E1- C. Que também tem mais alguma experiência nesta matéria, mas acho que sim, a normalização, porque nós, se calhar, enfim. Os</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

		anormais somos nós”					
--	--	------------------------	--	--	--	--	--

		<p>“e ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--



		<p>começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer. Portanto, eu julgo que neste momento estamos nesse patamar das escadas, está no</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		<p>patamar mais baixinho, e, portanto, tecnicamente falando acho que está na altura de fazer algo para que essas pessoas tenham essas respostas. Sem qualquer vergonha, sem qualquer subterfúgio, é algo que é preciso para dignificar aquele ser humano, como outro qualquer. Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem WhatsApp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos 'será que há', 'será que vai ser, técnico', 'será que é para explorar a minha pessoa', e, não, não é essa intenção. Não é para explorar,</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessitadas de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		<p>adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um SOS ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assigno, isso não pode ser o trabalho que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		peessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”					
--	--	--	--	--	--	--	--

ESTEREÓTIPOS E CONDUTAS					<p>“Então, ser feminista acarreta, na minha uma ótica, na minha perspectiva, tanto a responsabilidade na medida em que, não te basta dizeres que és feminista, se não tiveres disposta a desconstruir uma data de estereótipos que todas nós temos, porque estamos nesta sociedade e portanto é normal que vamos assumindo alguns estereótipos de género, de condutas, portanto, antes de mais, ser feminista é estar constantemente também, neste trabalho de autorreflexão, auto desconstrução, que depois sejamos capaz de desconstruir o que está à nossa volta, e de mudar. Porque a luta feminista na</p>	
----------------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>verdade, ela não começa nem termina nas sedes das nossas ações, partidos, ou outra coisa qualquer. Tem que ser desenvolvida quotidianamente nas micro opressões que existem, nas nossas relações familiares, de afeto ou outras, estarmos dispostas a ter esse combate diário, pra mim, feminista é isto. É estar disposta a estar neste combate quotidianamente, isto de forma, a não deixar passar situações de preconceitos, sejam eles quais forem. Isto, porque eu sou feminista e coloque campo do feminismo, que se chama feminismo interseccional, ou seja, a minha luta não é só pela igualdade de</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>gênero, é também pela igualdade racial, pelos muitos preconceitos, sejam eles, as LGBT fobias, os racismos, as questões de gênero, etc. Portanto, é esse combate que tem de ser travado diariamente, para mim é isso. É uma luta contínua e constante, como nos ensinou Angela Davis. Angela Davis disse, ela era uma feminista, embora não só feminista, pertenceu também às <i>Black Panthers</i>, etc., na qual dizia, que a liberdade é uma luta constante e a luta feminista mais não é que louvar o direito a existir-se em liberdade. Sermos livres para sermos mulheres e donas das nossas vidas, e essa luta é diária e cotidiana. E era no</p>
--	--	--	--	--	--	---



						nosso trabalho, é nas salas de aula, é com os nossos namorados ou namoradas, o que for é em casa, em todo o lado, é com os amigos à mesa de café."	
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>RAÇA NEGRA E MESTIÇA</p>					<p>“Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nos tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um capitalista. Porque se nós nos virmos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às</p>	
-----------------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, 'não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa', acho que isso acontece, sim muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é percebido com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe essa, hum, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade funcional, até na forma como se fala para elas.”</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

PESSOAS LACTANTES				<p>“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma</p>		
-------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres <i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans,</p>	
--	--	--	--	--	---	--



					<p>falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito diferentes das perspetivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães' como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher trans que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a perspectiva de umas, mas também não se pode abafar a perspectiva das mulheres <i>cis</i> que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspectivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					falhando depois aquilo que é diferente.”		
HOMENS SEXUALMENTE MAIS ATIVOS QUE AS MULHERES					“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os		

<p>PAPÉIS SOCIAIS</p>				<p>movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das</p>		
-----------------------	--	--	--	---	--	--



					<p>peças com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>peessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>não somos. Porque se nós vímos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

NORMALIZAÇÃO				<p>“É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluisse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente,</p>		
--------------	--	--	--	---	--	--

					<p>toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identificações de identidade de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>             pessoas com              deficiência do que é              que sentem, do que              as que não sentem, e              claro, teria sempre              que haver, para um              programa assim, e              que eu até defendo              que deveria ser              multidisciplinar com              pessoas de diferentes              áreas, não só              professores, mas sim,              enfermeiros,              psicólogos e ativistas              de vários              movimentos.              Incluindo, por              exemplo, ativistas de              movimentos de              pessoas com              deficiência que              pudessem falar na              primeira pessoa, e se              calhar, através daí,              poderia haver uma              sensibilização maior,              e sem dúvida, que              quando falamos de              mudança de              mentalizadas, a              educação, a escola e              as crianças são              essenciais, porque              elas aprendem o           </p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>		
<b>SEXUALIDADE</b>							

<p>PUDORES NA SEXUALIDADE</p>	<p>“Era importante, que, lá está, isto se fosse falado naturalmente, toda a gente já tentou ou já experimentou a masturbação e toda a gente, para estar cá, é porque foi produto de uma relação sexual. Portanto, as coisas não são faladas com naturalidade e nós se formos, se calhar, mesmo com a geração mais nova, se chegarmos lá e dissermos assim ‘então tu masturbaste e assim?’, eles ficam cheios de vergonha e se calhar, a culpa é um bocadinho nossa porque nós é que metemos o estigma nestas coisas. Isso é natural, faz parte do nosso próprio conhecimento humano. Uma mulher, principalmente uma mulher, se não se</p>	<p>“Tocar-me? Nem pensar, não é? Onde é que fica o quê? Não se sabe. Pronto.”</p>					
-------------------------------	---	---	--	--	--	--	--

	masturbar, se calhar, não conhece o seu órgão sexual tão bem como um homem, por exemplo.”						
--	---	--	--	--	--	--	--

<p>INFLUÊNCIA DA IGREJA</p>	<p>“pois, até parece que é uma coisa pecaminosa, sinceramente, olha, isso dava mais uma tese ó Carla”</p>	<p>“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento normal exploratório, não é? É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o</p>					
-----------------------------	---	---	--	--	--	--	--

		<p>que é que gostamos, ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional. Começa nos pais e nas mães e nos cuidadores, a maneira como expõe isto à criança. Se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

<p style="text-align: center;">AUTOEXAME</p>	<p>“Um parêntesis, eu já ouvi mulheres adultas onde lhes é recomendado fazer apalpação, dos seios, para ver nódulos e há mulheres que não querem fazer. Eu tinha alunas que se falava nesses assuntos e elas me diziam assim ‘aí, senhora, não. Agora não me vou tocar, não é?’ e eu disse ‘não! Tu não te estás a tocar, estás-te apalpando, medicamente falando, estás-te apalpando, para ver se o teu organismo, se o teu corpo está tudo bem’, mas não, na cabecinha delas, delas adultas, já, com 18 e 20. Portanto, uma recomendação médica, de saúde e elas interpretavam esta recomendação como algo, como a B disse, e disse bem</p>						
--	---	--	--	--	--	--	--

	'como um pecado, pecaminoso'."						
--	-----------------------------------	--	--	--	--	--	--



<p style="text-align: center;">MASTURBAÇÃO FEMININA</p>		<p>“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento normal exploratório, não é? É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o</p>					
---	--	---	--	--	--	--	--

		<p>que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional. Começa nos pais e nas mães e nos cuidadores, a maneira como expões isto à criança. Se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

<p>IDADISMO NA SEXUALIDADE</p>	<p>“Exato. Como isto, também se pode reportar para as pessoas da minha idade ou mais idade, porque na cabeça da maior parte dos técnicos e dos serviços, um homem ou uma mulher aos 60, 65, ou aos 70 não faz sexo. E quando percebem que isto acontece, naquele casal, é visto como ‘olha, mas afinal’, não é visto como uma necessidade humana. ‘Olha, a pessoa está viva, tem necessidade, tem saúde, está bem’, não! É visto sempre de forma negativa, mais do que, aqui, na minha experiência com pessoas com deficiência, a minha experiência com pessoas com mais idade. Nós já acompanhamos senhoras com os 55 e os 60, e que</p>						
------------------------------------	---	--	--	--	--	--	--

	referenciavam que tinham desejo, que tinham necessidades, e que o médico dizia: 'olhe, mas agora, olhe, mas então". Porquê? Porquê? Sinceramente."						
--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>“e os idosos, e os idosos! Eu fico doida quando ouço pessoas de 40 anos, que têm pais e mães em perfeita saúde e acham que eles não podem dar um beijinho, não pode dar um apalpão, não podem, ‘como é que tu foste feita? Olha foi a Cegonha que trouxe’, quer dizer, vivem juntos há 40 anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um beijo na boca? Eu vejo pessoas assim ‘aí, aí, os meus pais não, não, não’, o corpo vai envelhecendo, mas a vontade, se calhar, não envelhece, ou o desejo, seja o que for. E isto para mim, mete-me uma espécie, como é que, parece pessoas de 40 anos parecem</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>crianças de 5/6 anos quando veem a mãe e o pai a dar um beijo e fazem 'que porcaria' vocês já assistiram, não é? As crianças ficam todas horrorizadas, pronto, pessoas adultas e, portanto, a terceira idade pra mim, é um motivo de preocupação quer dizer até os 18 não podiam fazer porque eram menores, dos 18 não sei quê para a frente tem que fazer com cuidado que pode acontecer as coisas e depois, chegam os 70 não podem fazer porque os filhos não querem que eles façam, por amor de Deus. E, portanto, quando vejo isso eu penso logo na terceira idade, quer dizer, nós ou é porque que eu estou na terceira idade, mas não é o meu caso ou vou a caminho, mas a E1 -</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	C tem muita razão, a comunidade LGBT, as deficiências,”						
SEXO E MASTURBAÇÃO COMO ALGO NATURAL					“Sim, diria que é animal, instintivo, e, portanto, humano, faz parte daquilo que é a nossa concepção mais natural, mas que depois encontra limitações muito grandes também, por motivos sociais, religiosos e políticos. É um território íntimo e pessoal, mas que depois é tratado como, por vezes público, mas por vezes demasiado pessoal, ou seja, parece que, às vezes, há políticas que garantem que se mantenha na privacidade, enquanto outras parece que querem trazer uma única norma para as pessoas se sentirem normais, no usufruto da sua sexualidade.”		
LIMITAÇÕES							
INCOERÊNCIA NA POLÍTICA							
PUDOR NA DEMONSTRAÇÃO DE AFETOS EM PÚBLICO					“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se		

					por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por		
--	--	--	--	--	--	--	--



VERGONHA				<p>exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito</p>		
----------	--	--	--	--	--	--

					<p>invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>		
SEXUALIDADE NOS HOMENS COMO URGÊNCIA					<p>"Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo</p>		

<p>SEXUALIDADE NAS MULHERES COMO UM SONHO</p>				<p>contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro</p>		
---	--	--	--	--	--	--



					<p>lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e,</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha tênue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



<p>PUDOR NA SEXUALIDADE DAS MULHERES</p>					<p>“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>REPRESSÃO DA SEXUALIDADE DAS MULHERES</p>				<p>como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, 'mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.”		
--	--	--	--	--	---	--	--

SOBREVALORIZAÇÃO							<p>“A questão depende, para quem é, quem são as pessoas, ou seja, primeiro a ideia da sexualização, ou seja, a própria história da sexualidade ela foi muito marcada pela ideia também quase compulsória de que tem que se ter desejo, tem que se ter sexo, tem que se de tal maneira, de ter prazer, então, eu acho que a minha resposta seria: ‘é importante para as pessoas que acharem que é importante’. Ou seja, não tem uma sobrevalorização em relação à sexualidade, ou atividade sexual, é um domínio muito importante, e pode ser muito importante na vida de muitas pessoas,</p>
------------------	--	--	--	--	--	--	--

							<p>mas também, cada pessoa entende para si aquilo que fizer sentido para si. Agora, socialmente, temos a tendência de marcar a questão da sexualidade como uma parte importante para a qualidade de vida, para o bem-estar, para as relações sociais, mas não tem que ser determinado. Porque, por exemplo, temos aqui a questão da assexualidade, e a questão das pessoas assexuais, que podem ter desejo, obviamente, podem ter amor romântico, e não ter atração sexual, ou muito diversa, e isso não ser uma questão ou um problema, o que importa, e mais</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							uma vez reforço, é o que para as pessoas faz sentido.”
--	--	--	--	--	--	--	--

CONSTRUÇÃO SOCIAL							<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade</p>
-------------------	--	--	--	--	--	--	---



							<p>funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>DESCONSTRUÇÃO DO DESEJO E DA SEXUALIDADE</p>							<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas</p>
---	--	--	--	--	--	--	--

							<p>precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações,</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é 'pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”</p>
<p><b>ASSEXUALIDADE</b></p>							



<p>RELAÇÕES ASSEXUAIS</p>							<p>“A questão depende, para quem é, quem são as pessoas, ou seja, primeiro a ideia da sexualização, ou seja, a própria história da sexualidade ela foi muito marcada pela ideia também quase compulsória de que tem que se ter desejo, tem que se ter sexo, tem que se de tal maneira, de ter prazer, então, eu acho que a minha resposta seria: ‘é importante para as pessoas que acharem que é importante’. Ou seja, não tem uma sobrevalorização em relação à sexualidade, ou atividade sexual, é um domínio muito importante, e pode ser muito importante na vida de muitas pessoas,</p>
---------------------------	--	--	--	--	--	--	--

							<p>mas também, cada pessoa entende para si aquilo que fizer sentido para si. Agora, socialmente, temos a tendência de marcar a questão da sexualidade como uma parte importante para a qualidade de vida, para o bem-estar, para as relações sociais, mas não tem que ser determinado. Porque, por exemplo, temos aqui a questão da assexualidade, e a questão das pessoas assexuais, que podem ter desejo, obviamente, podem ter amor romântico, e não ter atração sexual, ou muito diversa, e isso não ser uma questão ou um problema, o que importa, e mais</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							uma vez reforço, é o que para as pessoas faz sentido.”
ASSEXUALIDADE NUM PANORAMA GERAL					<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o</p>		
ASSEXUALIDADE NA POLÍTICA							

ASSEXUALIDADE DAS MULHERES NA POLÍTICA					comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>ASSEXUALIDADE NAS MULHERES DE RAÇA NEGRA, QUE POSSUAM UM CARGO POLÍTICO</p>				<p>de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com <i>Trissomia 21</i>, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”		
<b>PORNOGRAFIA</b>							
IRREALISMO NA PORNOGRAFIA	<p>“sobretudo na pornografia, o corpo da mulher é altamente explorado, assim como os orgasmos. Até parece que as mulheres conseguem está, 20 horas, 30 horas, sempre em orgasmo, na pornografia, isto, aparece assim, parece que é uma coisa continuada, e depois as jovens quando têm a sua experiência, comentam-nos ‘ah, mas eu nunca consigo aquilo, eu nunca faço assim, nunca dá’, pois, poderia. Mesmo a nível de ejaculação e não sei mais quê, parece que credo, misericórdia”</p>	<p>“não podemos, não é real, não pode ser daquela maneira, porque nós temos uma glândula, as nossas glândulas ejaculatórias, as glândulas de Baldini, de bandulini [glândulas de Bartholin], desculpem, são muito pequeninas, portanto, nós não podemos estar ali quase como uma fonte. Vocês desculpem, mas eu tenho que dizer isto, desculpem, e bom, vale o que vale, há pornografia bem feita, realizada por mulheres, quando</p>	<p>“Podia-se criar, idealmente, não sei, isto agora sou eu a ter aquelas epifanias que às vezes me dá. Devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para toda a gente. Uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: ‘eu nunca vou fazer</p>				

	<p>“É uma desilusão, e, portanto, esta formação não seria só para as senhoras e os senhores trabalhadores do sexo, mas também para a população, assim em geral, sobretudo para rapazes e raparigas de que aquilo que vêm no filme é como Homem-Aranha, o Homem-Aranha só existe nos filmes, portanto, não existe na realidade e há uma série de imagens, e de situações pornográficas que não existem na realidade, o nosso corpo não chega aquilo”</p>	<p>a pornografia é realizada por homens temos isto, quando a pornografia é realizada por mulheres, há toda uma atenção pela mulher, pelo prazer da mulher, etc, é uma coisa muito mais bem feita, muito mais delicada, em que há prazer para ambos os lados”</p>	<p>aquelas cambalhotas’. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que se identifique, com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá.”</p> <p>“vocês têm que ter noção que aquilo que nós vemos, não é daquela forma”</p>				
--	---	--	--	--	--	--	--

DESCONSTRUÇÃO NECESSÁRIA	“Como também da pornografia. Sobretudo nos jovens”						
	“É, é, independentemente da deficiência muitos dos nossos jovens consomem pornografia e nós sabemos disso, não oficialmente, mas empiricamente, e tínhamos que desmistificar aquilo que eles vêm porque depois na prática querem fazer como veem nos filmes”		“e é uma desilusão, as expectativas não correspondem, tchau”				
TABU			“É falado muito por alto e deitado pra canto”				

<p>DESINFORMAÇÃO GERADA PELA PORNOGRAFIA NOS JOVENS</p>	<p>“Sobretudo na pornografia, o corpo da mulher é altamente explorado, assim como os orgasmos. Até parece que as mulheres conseguem está, 20 horas, 30 horas, sempre em orgasmo, na pornografia, isto, aparece assim, parece que é uma coisa continuada, e depois as jovens quando têm a sua experiência, comentam-nos ‘ah, mas eu nunca consigo aquilo, eu nunca faço assim, nunca dá’, pois, pudera. Mesmo a nível de ejaculação e não sei mais quê, parece que credo, misericórdia”</p>		<p>“É quando, um à parte, não tem muito a ver com isto, mas para a questão que a E1- A estava a falar, de às vezes, o próprio desconhecimento, e aquilo a que eles estão expostos, os jovens, faz com que eles tenham experiências muito, muito más. Eu quando trabalhei na escola, nós através da saúde escolares, fazíamos um programa bienal, sobre a educação na sexualidade. E o que é que nós tínhamos? Criamos uma pastinha, que tinha lá dentro preservativos masculinos, femininos, DIUs, tudo e mais alguma coisa que se podia imaginar. E eu pedi a um professor na altura, de EVT, que me fizesse 2 pénis em PVC ou em esferovite que eu pudesse utilizar,</p>				
---	--	--	--	--	--	--	--

			<p>porque o corpo humano da mulher nós tínhamos, mas o masculino, não. E eram terrores, isto eram miúdos de 15/16/17 anos que já estavam ativos sexualmente, na hora de pôr um preservativo, 'ah, porque é assim que eles fazem, eles davam cada estalada' e eu dizia mesmo 'tu não tens amor à tua coisinha'. Eram aulas muito divertidas, mas via-se que pronto, era o que eles viam, 'se é assim que toda a gente faz, é assim que nós temos que fazer', eram preservativos ao contrário, eram preservativos que acabavam rotos, porque não se sabia colocar. Ao início eles levavam muito na brincadeira, mas depois no fim, percebiam que realmente estavam a</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

			fazer aquilo mal e depois disso 'e agora? Depois aparece um bebê, e aí Jesus como é que se faz?'"				
PORNOGRAFIA <i>HARDCORE</i> <sup>256</sup>		"E, portanto, é, e é real, é real. Pronto, é claro que os jovens não vão procurar a pornografia bem feita, com muita calma e muito lenta, vão logo àquela, que enfim, a rasgar tudo, de saltos altos e toca a andar"					

---

<sup>256</sup> O termo inglês hardcore segundo o Dicionário Priberam (Disponível Online), refere, *é relativo a ou sugere um ato sexual explícito; que contém pornografia*. Ou seja, trata-se de um estilo de pornografia de adultos, caracterizado por conter cenas sexuais explícitas de todas as formas possíveis e imaginárias.



<p>OPRESSÃO E EXPLORAÇÃO DO CORPO DA MULHER</p>	<p>“Sobretudo na pornografia, o corpo da mulher é altamente explorado, assim como os orgasmos. Até parece que as mulheres conseguem está, 20 horas, 30 horas, sempre em orgasmo, na pornografia, isto, aparece assim, parece que é uma coisa continuada, e depois as jovens quando têm a sua experiência, comentam-nos ‘ah, mas eu nunca consigo aquilo, eu nunca faço assim, nunca dá’, pois, pudera. Mesmo a nível de ejaculação e não sei mais quê, parece que credo, misericórdia”</p>						
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>PORNOGRAFIA REALIZADA POR MULHERES</p>	<p>“e real”</p>	<p>“Não podemos, não é real, não pode ser daquela maneira, porque nós temos uma glândula, as nossas glândulas ejaculatórias, as glândulas de Baldini, de bandulini [glândulas de Bartholin], desculpem, são muito pequeninas, portanto, nós não podemos estar ali quase como uma fonte. Vocês desculpem, mas eu tenho que dizer isto, desculpem, e bom, vale o que vale, há pornografia bem feita, realizada por mulheres, quando a pornografia é realizada por homens temos isto, quando a pornografia é realizada por mulheres, há toda</p>					
---	-----------------	---	--	--	--	--	--

		<p>uma atenção pela mulher, pelo prazer da mulher, etc, é uma coisa muito mais bem feita, muito mais delicada, em que há prazer para ambos os lados”</p> <p>“e, portanto, é, e é real, é real. Pronto, é claro que os jovens não vão procurar a pornografia bem feita, com muita calma e muito lenta, vão logo àquela, que enfim, a rasgar tudo, de saltos altos e toca a andar”</p>					
<b>SITUAÇÃO/PROBLEMA</b>							
<b>AUTOCONHECIMENTO</b>							

SEXO E MASTURBAÇÃO	<p>“sim, sem dúvida! Faz parte da nossa condição biológica, da nossa condição emocional, e da nossa condição, mental”</p> <p>“não tenho qualquer dúvida que e como se diz na linguagem corrente, faz bem à pele”</p>	<p>“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar (...) É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também</p>	<p>“e humana”</p> <p>“e às articulações, também”</p>			<p>“Sim, até como um processo de autoconhecimento, da qualidade de vida, sim. Até acho que está cientificamente provado”</p>	
	<p>“Era importante, que, lá está, isto se fosse falado naturalmente, toda a gente já tentou ou já experimentou a masturbação e toda a gente, para estar cá, é porque foi</p>						

	<p>produto de uma relação sexual. Portanto, as coisas não são faladas com naturalidade e nós se formos, se calhar, mesmo com a geração mais nova, se chegarmos lá e dissermos assim 'então tu masturbaste e assim?', eles ficam cheios de vergonha e se calhar, a culpa é um bocadinho nossa porque nós é que metemos o estigma nestas coisas. Isso é natural, faz parte do nosso próprio conhecimento humano. Uma mulher, principalmente uma mulher, se não se masturbar, se calhar, não conhece o seu órgão sexual tão bem como um homem, por exemplo."</p>	<p>começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional (...) se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre..."</p>	<p>"Exatamente. Faz parte do próprio autoconhecimento."</p>				
<p><b>EDUCAÇÃO NA SEXUALIDADE</b></p>							

<p>EDUCAÇÃO SEXUAL EM CASA</p>		<p>“desculpa, mas só em talho de foice, mas isto é muito educacional, muitas vezes as meninas são recriminadas porque se estão a tocar. Isto agora, pronto, isto também é confidencial, se a minha filha, porventura, se está a tocar, e está, imagina, na sala, o máximo que lhe posso dizer é que pode fazer isto no seu quarto, ok. Na sua privacidade, na sua intimidade, mas tirando isto, é um comportamento normal exploratório, não é? É por isso que depois, chegamos à idade adulta, e é tudo, um grande tabu, ou não sabemos dizer o</p>					
--------------------------------	--	---	--	--	--	--	--

		<p>que é que gostamos ou o que queremos, portanto, é muito importante isto, mas isto, também começa muito na educação. Porque se calhar, para os miúdos, para os rapazes, isto é muito mais validado e se calhar, é natural, para as meninas é pecado, entre aspas, e, portanto, isto é educacional. Começa nos pais e nas mães e nos cuidadores, a maneira como expões isto à criança. Se estão sempre a castrar, a mulher também, a menina vai sempre...”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

<p>EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA</p>		<p>“Deixem-me só partilhar, é muito rápido, e já vamos embora para a próxima questão. A E1- C estava a falar que na escola onde estive, pronto, fizeram os pénis, de, portanto, o professor fez. Nós já tivemos jovens, obviamente, na casa abrigo, com 15 anos que tinham os namorados, eu não utilizei pénis feitos, porque eu não tenho jeito nenhum, então, foi uma banana e tive que explicar a uma miúda porque ela não sabia. O que é que acontece aos jovens? Eles não andam com preservativo porque não querem, e elas também não andam porque</p>	<p>“é quando, um à parte, não tem muito a ver com isto, mas para a questão que a E1- A estava a falar, de às vezes, o próprio desconhecimento, e aquilo a que eles estão expostos, os jovens, faz com que eles tenham experiências muito, muito más. Eu quando trabalhei na escola, nós através da saúde escolares, fazíamos um programa bienal, sobre a educação na sexualidade. E o que é que nós tínhamos? Criamos uma pastinha, que tinha lá dentro preservativos masculinos, femininos, DIUs, tudo e mais alguma coisa que se podia imaginar. E eu pedi a um professor na altura, de EVT, que me fizesse 2 pénis em PVC ou em esferovite que eu pudesse utilizar,</p>		<p>“É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluisse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente,</p>		
----------------------------------	--	---	--	--	---	--	--



		<p>não andam, então, muito bem, mas pelo menos aquela jovem, ficou a saber como é que se põe, ok? Porque não sabia. Portanto, já tinha namorado, eu trouxe a banana da cozinha e vamos explicar como é que. Pronto, não havia professor de EVT”</p>	<p>porque o corpo humano da mulher nós tínhamos, mas o masculino, não. E eram terrores, isto eram miúdos de 15/16/17 anos que já estavam ativos sexualmente, na hora de pôr um preservativo, ‘ah, porque é assim que eles fazem, eles davam cada estalada’ e eu dizia mesmo ‘tu não tens amor à tua coisinha’. Eram aulas muito divertidas, mas via-se que pronto, era o que eles viam, ‘se é assim que toda a gente faz, é assim que nós temos que fazer’, eram preservativos ao contrário, eram preservativos que acabavam rotos, porque não se sabia colocar. Ao início eles levavam muito na brincadeira, mas depois no fim, percebiam que realmente estavam a</p>		<p>toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identidades de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das</p>	
--	--	---	--	--	--	--

			fazer aquilo mal e depois disso 'e agora? Depois aparece um bebê, e aí Jesus como é que se faz?'"		pessoas com deficiência do que é que sentem, do que as que não sentem, e claro, teria sempre que haver, para um		
--	--	--	---	--	---	--	--

			<p>“Sim, e na altura quando nós começamos aquilo foi muito estranho, porque primeiro arranjamos foi mesmo o PVC, e eu vi que eles iam gozar muito como o PVC, e então, eu falei com o professor. Já que haveria o recurso, disse ‘olhe, o senhor não consegue fazer aí uns assim em esferovite ou qualquer coisa, porque assim eles levam mais a sério’, e aquilo ao início quando eu abri a caixa, e viam que havia aquilo ali dentro era um pandemónio, e estamos a falar de adolescentes já com 14/15/16 anos, e eles ficavam muito chocados, e eu falava com muita naturalidade com eles, e eles ficavam do género, ‘pois, mas a senhora não tem vergonha?’, ‘não, não</p>		<p>programa assim, e que eu até defendo que deveria ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos. Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e</p>	
--	--	--	--	--	---	--

			tenho, então, eu estou-vos a explicar, eu estou a tentar que vocês tenham uma vida sexual melhor, é só isto'."		se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>DESMISTIFICAR A SEXUALIDADE</p>	<p>“Era importante, que, lá está, isto se fosse falado naturalmente, toda a gente já tentou ou já experimentou a masturbação e toda a gente, para estar cá, é porque foi produto de uma relação sexual. Portanto, as coisas não são faladas com naturalidade e nós se formos, se calhar, mesmo com a geração mais nova, se chegarmos lá e dissermos assim ‘então tu masturbaste e assim?’, eles ficam cheios de vergonha e se calhar, a culpa é um bocadinho nossa porque nós é que metemos o estigma nestas coisas. Isso é natural, faz parte do nosso próprio conhecimento humano. Uma mulher, principalmente uma mulher, se não se</p>	<p>“mas ó E1- C, se isso fosse o normal, eles já não se riam, se isso já fosse, não é?”</p>			<p>mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>		
------------------------------------	---	---	--	--	--	--	--

	masturbar, se calhar, não conhece o seu órgão sexual tão bem como um homem, por exemplo.”						
PROFESSORES			“os próprios professores, atenção, eu trabalhei numa escola tinha para aí 7/8 turmas de 9º ano, e fizemos isto a duas ou três, porque os próprios professores falavam ‘ai, mas isto não é preciso, isto não é para a nossa aula’, e nós tentávamos fazer em aulas de ciências, por exemplo, ou em aulas de biologia, que era para pronto, fazer sentido, e os próprios professores são os primeiros a cortar as asas”				
DESMISTIFICAR AQUILO QUE SE APRENDEU ATÉ ENTÃO, NAS AULAS DE CIÊNCIAS SOBRE OS CROMOSSOMAS							
PROGRAMA ESCOLAR MULTIDISCIPLINAR							

PARTICIPAÇÃO DE ATIVISTAS DE VÁRIOS MOVIMENTOS							
PARTICIPAÇÃO DE ATIVISTAS DE MOVIMENTOS DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA DE FORMA A PROMOVER UMA MAIOR INCLUSÃO							
PROMOÇÃO DE UMA MAIOR SENSIBILIZAÇÃO							
EDUCAÇÃO, ESCOLA E CRIANÇAS ENQUANTO PILAR DA MUDANÇA							
DEPENDERÁ DE POLÍTICAS PÚBLICAS							
DÉCADAS DE EVOLUÇÃO							
<b>SEXUALIDADE</b>							
DIFERENTES CONCEÇÕES DO SEXO E DA SEXUALIDADE					“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra		

UM PARCEIRO SEXUAL A VIDA TODA					<p>           pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que 'o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser', então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu         </p>		
VÁRIOS PARCEIROS SEXUAIS	-	-	-	-			
LIBERDADE SEXUAL							
ESCOLHA							
LIBERDADE SEXUAL NÃO É MERCANTILIZAÇÃO DA SEXUALIDADE							



PURITANISMO					<p>quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes</p>		
-------------	--	--	--	--	--	--	--

					<p>um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê?</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto</p>	
--	--	--	--	--	--	--



					<p>outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”</p>		
<b>DIFICULDADES NA SEXUALIDADE</b>							
ORGASMOS COM PENETRAÇÃO					<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas</p>		

SEXÓLOGO					quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática,		
----------	--	--	--	--	--	--	--

<p>OUTRAS FORMAS DE OBTER O ORGASMO</p>				<p>também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					concebo muito bem essa perspectiva, confesso.”		
<b>REDES SOCIAIS</b>							
TENTATIVA DE FORÇAR RELAÇÕES ROMÂNTICO-SEXUAIS					“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i> , e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de		
EXPECTATIVAS VS. REALIDADE							
NOVAS FORMAS DE INTERAÇÃO							
IMPACTO NA AUTOESTIMA							
FALTA DE EMPATIA E RESPEITO NAS APLICAÇÕES DE ENCONTRO							

ARTIFICIALIDADE				<p>interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a 'cara a cara' não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo</p>		
-----------------	--	--	--	--	--	--

					<p>outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com</p>	
--	--	--	--	--	---	--



					<p>peças, também, com algum tipo de deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitosas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”		
ATRATIVIDADE					“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja		
SATISFAÇÃO SUBJETIVA							

<p>ATRAÇÃO COMO CARÁTER PESSOAL E SUBJETIVO</p>				<p>através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou</p>		
---	--	--	--	--	--	--

					<p>pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes</p>	
--	--	--	--	--	---	--



					<p>criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo aprazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>		
<b>GRUPOS VULNERÁVEIS</b>							

<p>ESPAÇO SEXUAL PARA PESSOAS NUM LAR</p>	<p>“Como, por exemplo, aconteceu numa situação de uma senhora, pronto, não era acompanhada por nós, mas era acompanhada pela nossa rede, que teve que ir para os cuidados continuados de um lar e acabou por se envolver lá com o senhor, e depois, pôs-se em cima da mesa ‘ou sai ela, ou sai ele, os dois aqui não podem continuar, que isto é uma sem-vergonhice’, pronto. É preferível terem uma zona destinada a isso, que a pessoa ter que deixar de ter os cuidados que precisa porque eles não aceitam este tipo de comportamento.”</p>	<p>“E há médicos que nem sequer perguntam por essa parte, não é? Quer dizer, essa parte raramente vem no guião do médico de família. Eu estava só a lembrar-me que, enfim, foge um bocadinho à deficiência, mas as pessoas com mais alguma idade, tanto, enfim, que estão residentes em lares, eu vi uma reportagem em que um lar tinha um espaço, um pequeno espaço, adaptado com um sofá, portanto, algo confortável para que se quisessem ter algum encontro, era naquele espaço. Ou seja, o próprio lar já previa que as pessoas poderiam ter necessidades,</p>	<p>“É preferível eles terem um espaço, uma zona”</p>				
---	---	---	--	--	--	--	--

		que faz parte das necessidades básicas, e, portanto, este lar tinha isto, tinha este espaço que era mesmo para isto, pronto”					
PRIVACIDADE	“Supostamente deveria ser no quarto da pessoa, não era?”						

<p>COMUNIDADE LGBTQIA+</p>	<p>“e os idosos, e os idosos! Eu fico doida quando ouço pessoas de 40 anos, que têm pais e mães em perfeita saúde e acham que eles não podem dar um beijinho, não pode dar um apalpão, não podem, ‘como é que tu foste feita? Olha foi a Cegonha que trouxe’, quer dizer, vivem juntos há 40 anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um beijo na boca? Eu vejo pessoas assim ‘ai, ai, os meus pais não, não, não’, o corpo vai envelhecendo, mas a vontade, se calhar, não envelhece, ou o desejo, seja o que for. E isto para mim, mete-me uma espécie, como é que, parece pessoas de 40 anos parecem</p>	<p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de</p>	<p>“nós estamos a falar aqui da deficiência, mas nisto que a E1- A está a dizer, está-me a fazer lembrar a questão da comunidade LGBTI”</p>				
----------------------------	--	--	---	--	--	--	--



	<p>crianças de 5/6 anos quando veem a mãe e o pai a dar um beijo e fazem 'que porcaria' vocês já assistiram, não é? As crianças ficam todas horrorizadas, pronto, pessoas adultas e, portanto, a terceira idade pra mim, é um motivo de preocupação quer dizer até os 18 não podiam fazer porque eram menores, dos 18 não sei quê para a frente tem que fazer com cuidado que pode acontecer as coisas e depois, chegam os 70 não podem fazer porque os filhos não querem que eles façam, por amor de Deus. E, portanto, quando vejo isso eu penso logo na terceira idade, quer dizer, nós ou é porque que eu estou na terceira idade, mas não é o meu caso ou vou a caminho, mas a E1 -</p>	<p>saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

	<p>C tem muita razão, a comunidade LGBT, as deficiências,”</p> <p>“e os idosos, e os idosos! Eu fico doída quando ouço pessoas de 40 anos, que têm pais e mães em perfeita saúde e acham que eles não podem dar um beijinho, não pode dar um apalpão, não podem, ‘como é que tu foste feita? Olha foi a Cegonha que trouxe’, quer dizer, vivem juntos há 40 anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um</p>						
IDOSOS	<p>anos vão fazer as bodas, não é tão bonito ver um casal de mão dada? Não é tão bonito de ver um casal que é dá um</p>	<p>“a terceira idade, acho muito, muito, muito importante”</p>					

	<p>beijo na boca? Eu vejo pessoas assim 'ai, ai, os meus pais não, não, não', o corpo vai envelhecendo, mas a vontade, se calhar, não envelhece, ou o desejo, seja o que for. E isto para mim, mete-me uma espécie, como é que, parece pessoas de 40 anos parecem crianças de 5/6 anos quando veem a mãe e o pai a dar um beijo e fazem 'que porcaria' vocês já assistiram, não é? As crianças ficam todas horrorizadas, pronto, pessoas adultas e, portanto, a terceira idade pra mim, é um motivo de preocupação quer dizer até os 18 não podiam fazer porque eram menores, dos 18 não sei quê para a frente tem que fazer com cuidado que pode acontecer as coisas e depois,</p>	<p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de</p>					
--	---	--	--	--	--	--	--

	<p>chegam os 70 não podem fazer porque os filhos não querem que eles façam, por amor de Deus. E, portanto, quando vejo isso eu penso logo na terceira idade, quer dizer, nós ou é porque que eu estou na terceira idade, mas não é o meu caso ou vou a caminho, mas a E1 - C tem muita razão, a comunidade LGBT, as deficiências,”</p>	<p>saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

ALCOÓLICOS ANÓNIMOS	“isso faz-me lembrar aqui há uns anos atrás, eu sou a mais velha, faz-me lembrar, aqui uns anos atrás quando começou a aparecer a associação de alcoólicos anónimos no nosso país. Isto é uma coisa que sei lá, deve ter 25/30 anos, se tiver,”						
------------------------	---	--	--	--	--	--	--

	<p>“e ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer. Portanto, eu julgo que neste momento estamos nesse patamar das escadas, está no patamar mais baixo, e, portanto, tecnicamente falando acho que está na altura de fazer algo para que essas pessoas tenham essas respostas. Sem qualquer vergonha, sem qualquer subterfúgio, é algo</p>						
--	---	--	--	--	--	--	--

	<p>que é preciso para dignificar aquele ser humano, como outro qualquer. Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem WhatsApp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos 'será que há', 'será que vai ser, técnico', 'será que é para explorar a minha pessoa', e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessidades de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa</p>					
--	--	--	--	--	--	--



	<p>muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um SOS ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assigmo, isso não pode ser o trabalho</p>					
--	---	--	--	--	--	--

	que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”						
<b>FATORES LIMITANTES NA SOCIALIZAÇÃO</b>							
TIMIDEZ					“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i> , e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma		

EXPERIÊNCIAS TRAUMÁTICAS					investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba		
-----------------------------	--	--	--	--	--	--	--

<p>VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA</p>					<p>por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a 'cara a cara' não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca</p>		
---------------------------------------	--	--	--	--	---	--	--

					<p>mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência. Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitadas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”		
FATORES FÍSICOS					“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos,		
CADEIRA DE RODAS							
IGUALDADE NA DESIGUALDADE							

PADRÃO DE BELEZA					<p>seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele</p>		
------------------	--	--	--	--	--	--	--

					<p>momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é</p>	
--	--	--	--	--	---	--



					<p>dizemos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>EXISTÊNCIA DE DIVERSOS OBSTÁCULOS À SATISFAÇÃO DOS DESEJOS SEXUAIS</p>				<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e</p>		
---	--	--	--	--	--	--

					<p>vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p> <p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>acho que ela precisamente até por esse caráter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>	
--	--	--	--	--	---	--



<p style="text-align: center;">DISTÚRBIOS ALIMENTARES</p>				<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem especifico com quem estiveste, passa a ser</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
<b>NECESSIDADES INTRÍNSECAS AO SER HUMANO</b>							
CARINHO E AFETO					“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas		
SEXO							
PRESENÇA DE AFETIVIDADE EM QUALQUER ENVOLVIMENTO SEXUAL							

EXPERIÊNCIA PESSOAL COM SEXO CASUAL					vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>LIGAÇÃO ETERNA ESTABELECIDADA PELO SEXO</p>					<p>quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>haja muitas pessoas prostitutas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p> pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha ténue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>CONTROLO DAS NECESSIDADES SEXUAIS</p>				<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p> <p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir,</p>	
--	--	--	--	--	--	--



					<p>o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>acho que ela precisamente até por esse caráter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>	
--	--	--	--	--	---	--

NECESSIDADES (NÃO ATENDIDAS)							
NECESSIDADES SEXUAIS DEPOIS DOS 50	“Exato. Como isto, também se pode reportar para as pessoas da minha						

MÉDICOS	<p>idade ou mais idade, porque na cabeça da maior parte dos técnicos e dos serviços, um homem ou uma mulher aos 60, 65, ou aos 70 não faz sexo. E quando percebem que isto acontece, naquele casal, é visto como 'olha, mas afinal', não é visto como uma necessidade humana. 'Olha, a pessoa está viva, tem necessidade, tem saúde, está bem', não! É visto sempre de forma negativa, mais do que, aqui, na minha experiência com pessoas com deficiência, a minha experiência com pessoas com mais idade. Nós já acompanhamos senhoras com os 55 e os 60, e que referenciavam que tinham desejo, que tinham necessidades, e que</p>					<p>"eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena, percebes?"</p>	
---------	---	--	--	--	--	--	--

	o médico dizia: 'olhe, mas agora, olhe, mas então". Porquê? Porquê? Sinceramente."						
--	--	--	--	--	--	--	--

MÉDICOS DE FAMÍLIA		<p>“E há médicos que nem sequer perguntam por essa parte, não é? Quer dizer, essa parte raramente vem no guião do médico de família. Eu estava só a lembrar-me que, enfim, foge um bocadinho à deficiência, mas as pessoas com mais alguma idade, tanto, enfim, que estão residentes em lares, eu vi uma reportagem em que um lar tinha um espaço, um pequeno espaço, adaptado com um sofá, portanto, algo confortável para que se quisessem ter algum encontro, era naquele espaço. Ou seja, o próprio lar já previa que as pessoas poderiam ter necessidades,</p>					
--------------------	--	---	--	--	--	--	--

		que faz parte das necessidades básicas, e, portanto, este lar tinha isto, tinha este espaço que era mesmo para isto, pronto”					
<b>ROCESSOS DE DISCRIMINAÇÃO</b>							
DUPLA OPRESSÃO – MULHER TRANSGÊNERO					“É assim, eu acho que é difícil um movimento só feminista, ser totalmente inclusivo, porque como tudo há sempre perspectivas diferentes daquilo que		
ACESSO DA MULHER AO MERCADO DE TRABALHO - MATERNIDADE							

<p>DIFÍCIL ACESSO DA MULHER TRANSSEXUAL AO MERCADO DE TRABALHO</p>				<p>são as expressões, e as compreensões dos problemas, neste caso das mulheres. Desde logo pela identificação do papel social da mulher, por outro lado também, porque há movimentos feministas que ao longo da história se focaram mais em questões de identidade de género, outras que se focaram num cruzar maior de fatores como raça ou classe social, que é, por exemplo, o movimento em que eu me incluo. O MDM é o movimento feminista que, embora não se defina propriamente assim, a verdade é que segue uma corrente do feminismo marxista, que é uma corrente que liga mais, ou faz maiores ligações entre o papel da mulher trabalhadora e a sua condição de</p>		
--	--	--	--	---	--	--



					<p>explorada, enquanto trabalhador e enquanto mulher, e a forma como esses fatores vão contribuir para a discriminação geral das mulheres, e para o papel das mulheres na sociedade, mas há outras perspectivas naturalmente. Há também o feminismo liberal que já tem naturalmente, outra perspectiva, até do papel da mulher, e do papel social da mulher. Não cruza tanto com classe, cruza mais com uma identidade de género, mas ao longo da história houve movimentos, por exemplo, de mulheres negras que acabaram por se criar muito em torno da raça, porque se sentiam precisamente excluídas das representações sociais que os outros movimentos</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>feministas, nomeadamente, o liberal fazia delas e porque entendiam que uma mulher negra explorada e discriminada, tinha mais em comum com um homem negro discriminado e explorado, do que com uma mulher branca da classe alta. Ou seja, hoje, parece-me que embora tenhamos evoluído muito em vários conceitos, até no conceito de mulher, do que é ser mulher, hoje também já existem muitas discussões em torno de género que ultrapassam o binómio mulher-homem, e que já incluem as expressões de sexualidade e de individualidade diferentes. Desde homens e mulheres trans, a diferenciação de homens mulheres</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p><i>cis</i>, e, portanto, todas estas questões trazidas pelo movimento LGBT foram sendo incluídas os movimentos feministas, mas não todas, e eu confesso que por exemplo, no MDM, embora, nós não tenhamos propriamente posições públicas muito definidas sobre o movimento LGBT, não o temos, porque entendemos que são questões específicas das comunidades LGBT, que devem ser tratadas por associações e movimentos específicos do movimento LGBT. Ou seja, quando falamos de mulheres trans, falamos de direitos das mulheres por um lado, mas falamos de direitos de mulheres trans que só as mulheres trans sentem, e que, de facto, serão muito</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>diferentes das perspectivas e da experiência de outras mulheres que são <i>cis</i>. E, então, respondendo à pergunta, eu acho que não, se calhar, não é possível, nem desejável que o movimento feminista seja inclusivo nesse sentido, porque me parece que somos mais inclusivos quando somos capazes de perceber as diferenças e perceber de que forma é que podemos atuar perante elas, e muitas das vezes isto significa dar um lugar de fala a quem é diferente. Portanto, no movimento feminista, se calhar, na tentativa bondosa de se misturar tudo, questões de mulheres ou as questões que eram chamadas de género, que eram exclusivas das mulheres e que hoje</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>são estendidas à comunidade LGBTQIA, por exemplo, acabamos por silenciar ou umas, ou outras, e devemos distingui-las, não porque elas sejam menos importantes, mas porque elas são de carácter distinto e, por exemplo, uma mulher trans, vai obviamente, passar por processos de discriminação e por processos de 'visibilização', que nenhuma outra mulher <i>cis</i> vai passar. Portanto, as outras mulheres <i>cis</i> não vão compreender, por mais solidárias que possam estar. A questão da maternidade, por exemplo, que até tem sido muito discutido, porque agora esteve aí um bocado à ribalta, a ideia de que, em vez de nos referirmos às 'mulheres mães'</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>como 'mães', vão ser 'pessoas lactantes', quando não é necessariamente verdade, porque uma mãe pode ser 'não lactante', ou seja, é verdade que a definição da maternidade pode vir daí, mas é mais do que isso, e para uma mulher <i>cis</i> que tenha a sua capacidade reprodutiva intacta, a maternidade tem um significado, que para uma mulher <i>cis</i> que não tem ovários, ou que não tenha útero, ou por exemplo, uma mulher <i>trans</i> que não tem de facto esses órgãos reprodutores, ou pelo menos não desenvolvidos ao ponto de poderem ter uma criança gerada em si, a maternidade vai obrigatoriamente significar coisas diferentes para estas duas mulheres. Isso não quer dizer que se deva, nem excluir a</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>perspetiva de umas, mas também não se pode abafar a perspetiva das mulheres cis que têm sido, inclusivamente, muitas vezes discriminadas precisamente por este papel de mães, ao nível social, mas também muito ligado a esta capacidade biológica, desde logo, porque nas entrevistas de trabalho se pergunta a uma mulher ela está a passar engravidar ou não, uma coisa que não se pergunta a um homem. Não se pergunta em uma entrevista de trabalho, se ele está a pensar ser pai, porque se parte do princípio de que uma mulher, se tem de engravidar, durante aqueles 9 meses e pouco depois do parto, obrigatoriamente vai estar fora do trabalho e à partida vai ter</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>mais responsabilidades, com a maternidade do que um pai. Obviamente, isto também nunca se vai colocar a uma mulher trans, porque, infelizmente elas também não têm acesso ao emprego com tanta facilidade, pela discriminação que existe, mas tendo, também não se vai colocar esta questão. Ou seja, esta forma de discriminação será feita de outra maneira, na questão da mulher trans, provavelmente porque não vai ser capaz, de facto, de gerar um próprio filho na sua própria barriga, mas pode ser mãe, por outra via, adotando ou se de facto recorrer a barrigas de aluguer, com o que não é permitido em Portugal, e com o qual</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>nem sequer estamos de acordo também, mas só para elencar as várias possibilidades, mas a verdade é que isso já não será, provavelmente, um instrumento de exploração por parte do patronato. Já será outra exploração diferente, e, portanto, parece-me que debruçar-nos sobre estas diferenças no movimento feminista e ter estas diferentes expressões, expectativas e perspectivas acaba, se calhar, por acrescentar mais, do que se criasse um único movimento feminista onde tudo era tratado por igual, falhando depois aquilo que é diferente.”</p>		
<p>REALIDADES DIFERENTES ENTRE HOMENS E MULHERES</p>					<p>“Certo! Exato! Dentro de cada secção, digamos assim. E, parece-me que é</p>		

PIADAS MACHISTAS				<p>óbvio que devemos ter sempre uma perspectiva agregadora, de solidariedade, compreensão e diálogo, o que não significa abdicar, às vezes, de determinadas concepções e convicções. É óbvio que para uma feminista marxista, o fator da classe vai ser sempre determinante e as suas leituras de género e mesmo de sexualidade, serão sempre muito marcadas e muito vincadas pela concepção que se tem material daquilo que a mulher significa enquanto mulher trabalhadora. Para uma feminista liberal este especto já não é o central, será mais central a sua identidade enquanto mulher, enquanto o papel de género da mulher, e</p>		
------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>inclusivamente, enquanto uma desconstrução de um papel social que é opressor por si só, mas que a nosso ver, no MDM, por exemplo, não é opressor por si, só pode ser, mas nasce muito de uma opressão de classe, e, portanto, parece-me que o confronto entre algumas destas conceções acaba por ser inevitável quando elas são irreconciliáveis, como é o caso da prostituição, por exemplo, mas há outros momentos em que não são irreconciliáveis, e pelo contrário, são ou deveriam ser. Este diálogo confesso que não existe muito entre os movimentos feministas diferentes, há um bocadinho, a perspectiva de coutada a meu ver, de (quase tentar) cada</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>movimento tentar colocar-se com o movimento mais sério, e o único capaz de explicar o fenómeno, quando me parece que seria mais interessante admitirmos que são perspectivas diferentes, e que, embora, irreconciliáveis em alguns pontos de vista, há outros que são complementares e que portanto, devem ser devem coexistir na forma como pensamos o mundo e como queremos transformar também cada um à sua medida. Acho que essa seria a via necessária e a ideal, não me parece que seja esse o momento que vivemos no nosso país, não conheço muito a realidade dos outros, mas a verdade é que, por exemplo, em Espanha sei que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>há uma proximidade maior até entre as entidades sindicais, por exemplo, e alguns movimentos feministas até liberais, do que existe cá em Portugal. Por exemplo, em Portugal temos a CGTP, que é também uma parceria do MDM, a Comissão para a Igualdade entre Mulheres e Homens, que faz um trabalho sindical de género, digamos assim, e, se calhar, também, lá está, por esta perspetiva mais de classe que nós temos no MDM acaba por ser uma parceria muito natural, recorreremos à reflexão sindical do papel e dos problemas que as mulheres têm no seu local de trabalho. Mas eu não diria que isso é, ou seja, pessoalmente acho muito importante, mas não diria que a</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>única via. Há questões que assolam as mulheres, sei lá, questões que me aproximam mais, de facto, de um homem trabalhador do que de uma mulher da classe alta. Por outro lado, não podemos negar que há determinadas sensações e experiências que as mulheres têm, que nos aproximam enquanto mulher, desde o ponto de vista do assédio, da objetificação do nosso corpo, e ainda, eu às vezes vou comentando com várias mulheres que é: há comportamentos que os homens não percebem que têm, como fixar muito o corpo de uma mulher quando falam com ela, ou quando estão na rua e o quão desconfortável isso é para nós, e eles, às vezes, não percebem</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>que o fazem e não percebem quando são outros homens a fazer, mas uma mulher sente sempre, uma mulher sabe quando o olhar é espontâneo e natural entre dois seres humanos. Onde até pode haver uma atração sexual, e é normal, mas em que há o mínimo de respeito pela presença do outro, ou quando é um olhar intrusivo e de incómodo, nojento. Aquela sensação, e lá está, nessa perspectiva, por exemplo, é muito difícil para um homem, por mais progressista que seja, compreender na totalidade o que é sentirmo-nos um pedaço de carne, e aí, sim, aí também podemos dizer que uma mulher trabalhadora se aproxima mais de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>uma mulher da classe alta do que o seu colega do lado de trabalho, que se calhar, até faz piadas machistas mesmo não tendo essa intenção, e, portanto, há vários fatores que contribuem, para vários problemas em torno da discriminação da mulher e do papel social da mulher, que se complementam sem sombra de dúvida, e eu acho que o ideal era termos a capacidade de todos de dialogar e entre todos os movimentos que existem, alguns até recém criados, dialogar para conseguir perceber onde é que se encontram e assumir as diferenças que existem também. Porque explica coisas de forma diferente, e ver, aliás, olhar para as coisas com um olhar diferente e eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>acho que nós tendemos todos, enquanto seres humanos, ou não temos ainda uma reflexão sobre as coisas, e isto dá para tudo. E então, parece-nos que os problemas não existem, porque nós nunca olhamos para eles com atenção ou então, quando nos começamos a debruçar sobre eles, tendemos a situar-nos, e depois de nos situarmos, às vezes, é um bocadinho difícil sairmos do nosso sítio de observação, para nos colocarmos noutra sítio observação. E o diálogo entre movimentos e tudo, obriga-nos a fazer isso, que é ver as coisas por outra perspectiva, mesmo que depois cheguemos à conclusão que afinal continuamos a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>identificar-nos mais com a nossa, mas pelo menos ter a noção de que existe, uma outra perspectiva, mas a mim parece-me que esta desagregação do movimento feminista, e esta falta de diálogo, também tem muito a ver com as pressões que há, de discriminação das mulheres, ou seja, é um elemento estranho por si só, para um sistema que é capitalista-explorador, e que incentiva as desigualdades, que as mulheres se organizem em torno das suas lutas, ou que o movimento LGBTQI se mobilize em torno das suas lutas, ou que o movimento de pessoas negras se mobilizem em torno das suas lutas, e, portanto, por um lado o sistema ganha com esta divisão, porque</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>enquanto andamos todos preocupados com o nosso território, não nos unimos naquilo que é opressão mais geral, que é de um sistema capitalista que olha para as pessoas não como seres humanos, mas como seres capazes de gerar riqueza. A quem gera riqueza e a quem detenha riqueza, porque todos somos furados de alguma maneira. E a verdade também é, dentro de todos estes movimentos contam-se pelos dedos das mãos, as pessoas que pertencem a classes médias altas, porque de facto, essas pessoas por norma pelo privilégio que têm, ou pelos privilégios acumulados que têm, não se sentem errados nesse sistema, não se sentem excluídos, e</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>quem não se sente excluído, naturalmente defende o <i>status quo</i> de um sistema que exclui os outros, porque não é nada com eles. Porque, muitos nem compreendem o que é exclusão, o que é discriminação, o que é não fazer parte de uma norma social, ou o que é ser mulher num mundo altamente patriarcal, ou o que é ser um homossexual num mundo altamente 'heterossexualizado', ou que é ser 'não binário' num mundo altamente dividido entre papéis sociais de homem e mulher, e, portanto, quantos mais privilégios acumulamos, eu acho que também mais difícil é, identificarmos com movimentos sociais sejam eles quais forem, e parece-me que o sistema também ganha com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>esta divisão precisamente por isso. Havendo uma complementaridade e uma união, se calhar, chega-se à conclusão, e claro, eu aqui também estou a olhar com a minha visão de classe da sociedade, como é óbvio, mas olhando para isto, chegávamos, se calhar, muito provavelmente à consideração, de que o elemento principal da exploração é de facto, um passe entre quem detém os meios de produção, e quem vende a sua força de trabalho, e que decorrente disso, todas as outras desigualdades que advêm daí, só reforçam a exclusão, só reforçam a discriminação, e algumas nascem a partir daí, porque quer dizer, há inúmeros exemplos de mulheres que chegam</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>a cargos de chefia ou até cargos de responsabilidade política, e que não governam necessariamente para as mulheres. A Assunção Cristas foi Ministra da agricultura e do mar, e fez tanto pelas mulheres agricultoras como Paços Coelho, enquanto, homem primeiro-ministro.</p> <p>Uma Angela Merkel na Alemanha, que exemplo brutal de uma mulher, que governa pelos interesses do sistema capitalista que oprime as mulheres, ou seja, parece-me que há de facto aqui filtros que devemos colocar e que, não afetam as pessoas da mesma forma, se há pouco eu dizia, que se calhar, até tenho em algumas coisas, mais proximidade com uma mulher da classe alta ao nível da</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>objetificação e do sentimento de ser mulher, por outro lado eu já não tenho nada a ver com ela no ponto de vista do acesso às oportunidades de emprego, ou de vida. Como um homossexual famoso que aparece na televisão como o Goucha, não é alvo do mesmo tipo de discriminação, que um trabalhador homossexual que vive entre os colegas de trabalho, que até usam o trabalho e a sua força para marcar uma posição de identidade sexual. Até do ponto de vista da adoção, há famosos homossexuais que já adotaram, muito antes de ser possível em Portugal casais homossexuais adotarem, e era visto como uma coisa perfeitamente normal, e para esses casais</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					era fácil dizer 'sabe, estas crianças mereciam esta oportunidade', mas quando foi a altura de discutir isto para todos, já tinha que se pensar nos direitos das crianças em primeiro lugar. Já não era uma coisa tão fácil de aceitar, ou seja, estes critérios, acabam por, porque são pequenos às vezes, acabam por ser determinantes na forma como vemos os movimentos feministas e outros."		
<b>CRIME DE VIOLAÇÃO</b>							
MOTIVADOS POR PODER E AFIRMAÇÃO							
VIOLAÇÃO DENTRO DE UM RELACIONAMENTO OU CASAMENTO					"Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber		



<p>HOMENS COMO PRINCIPAIS VIOLADORES DENTRO DE UM RELACIONAMENTO MONOGÂMICO</p>					<p>soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na</p>		
---	--	--	--	--	--	--	--

					<p>sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>essa falta de oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar,</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser.”</p>		
DEFICIÊNCIA -SITUAÇÃO/PROBLEMA							
DEFICIÊNCIA COGNITIVA							

SEGURANÇA		<p>“e não a magoarem-se, porque lá está, o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal. E lá está, agora a questão, de haver alguém que lhes possa transmitir esse prazer eu acho que eles entre si à sua escolha, naturalmente com alguém que tenham confiança e que tenham o à-vontade para isso, se os dois lados se sentirem à vontade, eu acho que era bom. Agora através de aplicações e tudo mais, eu tenho algumas reticências pessoalmente, por causa da questão cognitiva de eles perceberem realmente se não estão a ser usados”</p>				
-----------	--	---	--	--	--	--

RISCO DE COAÇÃO			<p>“porque há muitas pessoas com problemas de cognição que são prostituídas sem saber que o estão a ser. Portanto, primeiro, se calhar era eles conhecerem o seu corpo e não terem vergonha de o conhecer, e a partir daí fazê-lo com pessoas de confiança”</p>		<p>“Por exemplo, uma pessoa que está acamada e que tem zero de mobilidade, tu pensas, ‘mas e depois? Como é que isto se faz, não é? Veio-me isso à cabeça, ou seja, depende se a pessoa tiver, porque há patologias e patologias, não é? Imagina que a pessoa, por exemplo, com a patologia dela é intelectual, há um atraso intelectual, tu até podes engrajar com aquela pessoa, mas pensas, ‘pode haver um entrave’, claro que aquela pessoa também tem desejos, tem certamente necessidades, mas do ponto de vista da pessoa, que até pode imagina, até ter outra patologia qualquer, está numa cadeira de rodas, vamos supor, mas é</p>	
-----------------	--	--	---	--	--	--



						<p>consciente daquela condição que não é detentor das suas faculdades intelectuais, tu podes pensar 'eu posso estar a coagir' ou seja, ela não ter a clareza que de facto aquilo é o que ela quer, e por exemplo, uma das coisas que acontece com alguma regularidade é que pessoas, eu até fiquei a saber disso, porque tenho uma prima que trabalhava num instituto de crianças órfãs, e ela tinha algumas alunas que tinham patologias intelectuais, e os pais as abandonaram, e muitas delas, fisicamente até eram disponíveis, mas a patologia delas era intelectual, elas acabaram todas grávidas aos 15 anos, aos 16, porque, percebes?</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						Porque acabavam por ser seduzidas, muitas vezes até não sabiam bem com quem. Pode haver um aproveitamento."	
--	--	--	--	--	--	---	--

SEXO		<p>“Pois, eu, agora a Carla estava a ler esta segunda questão e eu fiquei um bocado confusa porque a questão anterior já me estava a levar precisamente para esta questão da prostituição, pronto, só que, entretanto, foi-se falando de grupos de ajuda. Pronto, efetivamente, há os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, isto existe e faz parte, há uns que concordam com a legalização, ou outros que não, isto também, claro que se calhar, umas pessoas têm esta opção, como sendo uma escolha na sua vida, outras fazem-no porque é um meio mais rápido, e não digo</p>			<p>“Por exemplo, uma pessoa que está acamada e que tem zero de mobilidade, tu pensas, ‘mas e depois? Como é que isto se faz, não é? Veio-me isso à cabeça, ou seja, depende se a pessoa tiver, porque há patologias e patologias, não é? Imagina que a pessoa, por exemplo, com a patologia dela é intelectual, há um atraso intelectual, tu até podes engrajar com aquela pessoa, mas pensas, ‘pode haver um entrave’, claro que aquela pessoa também tem desejos, tem certamente necessidades, mas do ponto de vista da pessoa, que até pode imagina, até ter outra patologia qualquer, está numa cadeira de rodas, vamos supor, mas é</p>	
------	--	---	--	--	--	--

		<p>que é mais fácil porque acho que não é nada fácil, e é muito complexo, e, portanto, nem quero estar a entrar muito por aqui, mas assim de repente e num flash, o que me vem à ideia é, se efetivamente este tipo de profissão tivesse mais apoio ou mais legalização, ou também se poderia dar ferramentas para que, efetivamente pudessem também, perceber a pessoa com deficiência, como é que pode, ou não, ter prazer. Portanto, ao fim ao cabo, seria formação para estes trabalhadores sexuais. Existe, está cá, não vamos estar com rodeios, tantas</p>			<p>consciente daquela condição que não é detentor das suas faculdades intelectuais, tu podes pensar 'eu posso estar a coagir' ou seja, ela não ter a clareza que de facto aquilo é o que ela quer, e por exemplo, uma das coisas que acontece com alguma regularidade é que pessoas, eu até fiquei a saber disso, porque tenho uma prima que trabalhava num instituto de crianças órfãs, e ela tinha algumas alunas que tinham patologias intelectuais, e os pais as abandonaram, e muitas delas, fisicamente até eram disponíveis, mas a patologia delas era intelectual, elas acabaram todas grávidas aos 15 anos, aos 16, porque, percebes?</p>	
--	--	---	--	--	--	--

		<p>             pessoas com/sem deficiência recorrem, e se calhar pessoas que têm mulheres em casa, maridos em casa, porque querem uma aventura diferente, o porquê, não importa, pronto. E quem somos nós para julgar a profissão, o acesso ou a via que tem e, portanto, eu acho que, foi por isso que me estava a fazer confusão esta segunda questão, agora estava a olhar para a anterior, e o trabalho sexual levou-me para a prostituição, mas como entretanto falou-se em grupos de ajuda e tal, e eu pensei 'ok, vamos aguardar', e logo           </p>				<p>             Porque acabavam por ser seduzidas, muitas vezes até não sabiam bem com quem. Pode haver um aproveitamento."           </p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>a seguir vem precisamente isto, na minha opinião é isto, portanto, nós temos que dar, se elas, estas pessoas existem, porque é que chegaram lá não importa, estão na sua profissão, legal ou não legal, mas é aquela profissão que tantas pessoas recorrem, com tantas profissões diferentes, e com tantos estatutos diferentes, portanto, há um meio de sobrevivência em primeiro momento, se a pessoa com deficiência poderá ser até um acesso como disse a C, com a questão motora, portanto, não cognitiva mais difícil recorrer a um trabalhador</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>sexual, mas  motora uma  pessoa  cognitivamente  estável, etc., até  com uma  profissão, mas  que não tenha um  parceiro ou uma  parceira, que  recorre ao  trabalhador  sexual, claro que  pretende ter  momentos de  prazer, e que  pode ter, e deve  ter, porque  mesmo quem tem  paraplegia pode  ter prazer sexual,"</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>NECESSIDADES NÃO ATENDIDAS</p>	<p>-</p>	<p>“Sim, claro que sim. Peço desculpa à expressão que se utiliza, mas, antes de trabalhar na UMAR, trabalhei numa escola e trabalhei numa casa de saúde. E, infelizmente, até os próprios técnicos, e não é por falta de formação deles e sensibilidade, eles são tolos para tudo, menos para o sexo, a verdade é essa. Portanto, eles têm capacidade para tudo, menos para o desejo e para a questão da sexualidade. E realmente, não é uma coisa que seja muito explorada, pelo menos, enquanto eu trabalhei quer a nível escolar, quer a nível de casa de saúde, não é um assunto que era muito explorado, porque, realmente, iria ferir suscetibilidades, quer dos funcionários, quer dos próprios familiares dos utentes. Não era que eles não precisassem, que até me estou a recordar de uma utente em particular, que ela quase que raptava os rapazes na casa de banho para os violar, quase. Porque ela tinha aquele desejo, tinha de o suprimir aquele desejo e não sabia como e não sabia porquê. E já era uma jovem, com quase a minha idade, quase 30. Aquilo não era abordado, porque simplesmente era um</p>	<p>“Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer:</p>
-----------------------------------	----------	--	---



			<p>comportamento, lá esta, como se falava há bocadinho, era uma castração, 'tu não podes ter este tipo de comportamento', e cognitivamente, ela ainda não tem capacidade de perceber porque não o deve ter. O corpo pede, ela sente o desejo 'porque é que eu não posso?'. E isto, claramente, há o preconceito, há o estigma e há também, eu acho, muito receio por parte dos próprios técnicos, das próprias instituições em lidar com estas situações."</p>			<p>'ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos', ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz 'pá olha estou com esta necessidade'."</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

RELACIONAMENTOS						“Fica difícil de terem uma relação honestas, é só isso que eu quero dizer”	
-----------------	--	--	--	--	--	---	--

LIMITAÇÕES				<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito</p>		
------------	--	--	--	---	--	--

				<p>extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contacto com pessoas com <i>Trissomia 21</i>, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

TRISSOMIA 21 – <i>SÍNDROME DE DOWN</i>							
GRUPO ALARGADO E COM UMA MAIOR VISIBILIDADE					“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da		
PATOLOGIA DIFÍCIL DE IDENTIFICAR DURANTE A GRAVIDEZ, EM ANOS PASSADOS					sexualidade na mulher, como um		
PRECONCEITOS ULTRAPASSADOS POR ALGUNS PAIS							
SEXUALIDADE MAIS VIVIDA							

DESINIBIÇÃO SEXUAL				<p>assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e</p>		
--------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós vímos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

				<p>lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre,</p>	
--	--	--	--	---	--



					<p>'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>		
SOCIALIZAÇÃO							

<p>GRUPOS DE INTERAJUDA</p>	<p>“Sim, sim, seriam os próprios serviços a desenvolverem convívios, convívios saudáveis, entre diferentes grupos ou entre diferentes instituições e associações. Depois, evidentemente, que nesses convívios, iam conhecendo outras pessoas, outros homens, outras mulheres, que à partida partilhavam as mesmas dificuldades. O que seria, até se calhar, seria de grosso modo confortável e não só, portanto, promover convívios. Não só com pessoas com as mesmas dificuldades, as mesmas deficiências, mas com a comunidade. Porque há tantas comunidades, por exemplo, eu estou a ver aqui as juntas ao sábado à tarde, eles têm o convívio do</p>						
-----------------------------	--	--	--	--	--	--	--

	<p>chá, pronto. Levar estas pessoas àqueles convívios, eles participarem, saírem da sua comunidade, participarem na sua comunidade de apoio. Se estavam num centro de acolhimento, saírem daí para outros convívios e aí vão conhecendo as pessoas, e vão conhecendo outras vivências, e é uma maneira de conhecerem pessoas com alguma dignidade e sobretudo com alguma supervisão. Nas redes sociais não há supervisão e, portanto, acho que seria uma maneira segura de se conhecerem, julgo eu, nunca pensei nisto.”</p>						
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>CONVÍVIOS COM A COMUNIDADE</p>	<p>“E ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que</p>	<p>“Era muito importante, porque não se ensina as pessoas com deficiência a explorar o seu próprio corpo, e o que é isto da masturbação. E muitas vezes, se calhar, também se magoam por causa disto, porque também não encaram a pessoa com algumas limitações, se calhar, como uma pessoa num todo. Portanto, o princípio está de todo errado logo à partida. Se calhar, se já tivessem este à-vontade de: ‘eu com o meu próprio corpo, posso obter prazer’, era logo um ótimo princípio. Quer dizer, por eles próprios já tinham prazer, depois na</p>					
-----------------------------------	--	---	--	--	--	--	--

	<p>se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer. Portanto, eu julgo que neste momento estamos nesse patamar das escadas, está no patamar mais baixinho, e, portanto, tecnicamente falando acho que está na altura de fazer algo para que essas pessoas tenham essas respostas. Sem qualquer vergonha, sem qualquer subterfúgio, é algo</p>	<p>relação com outro, com convívios promovidos pela comunidade, com a supervisão, claro, obviamente que, se consigo próprio consegue ter prazer, a dois, o prazer é, enfim, é a dobrar. Portanto, também concordo com a C, seria primeiro por aí, que é algo que não se faz, e depois sim, a parte mais de comunidade, mais de convívio, também de forma, não é? Porque as aplicações, nas pessoas com deficiência, com um nível cognitivo, será sempre alguma armadilha para eles ou para elas”</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>que é preciso para dignificar aquele ser humano, como outro qualquer. Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem whatsapp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos 'será que há', 'será que vai ser, técnico', 'será que é para explorar a minha pessoa', e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas necessidades de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si, tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um dos ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assigno, isso não pode ser o trabalho</p>					
--	---	--	--	--	--	--

	que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”						
--	--	--	--	--	--	--	--



<p>REDES SOCIAIS</p>	<p>“E ainda hoje, é algo muito escondido, e pronto para a privacidade das pessoas e tudo mais, mas eu acho que havia de haver uma altura do ano que devia ser publicitada esta associação, porque há muita gente que precisa, e não sabe que ela existe pelo país todo. E, portanto, quando esta associação apareceu isto foi uma coisa assim, de outros tempos, de um outro universo, pronto e tem feito o seu trabalho e tem tido casos de sucesso, e tem que continuar assim. Eu penso que a deficiência, a sexualidade na deficiência está nesse patamar. Vai ter que começar a aparecer ou grupos de voluntários, ou grupos de interajuda para estas áreas, que</p>					
----------------------	--	--	--	--	--	--

	<p>se apresentam, que dão dignidade ao assunto, sobretudo dignidade, respeito, sigilo, privacidade e depois as pessoas que sentem essa necessidade começam a se aproximar e estão, vamos dizer supervisionados, acompanhados e coadjuvados, por pessoas altamente técnicas e especializadas, e aí, temos um caminho a fazer (...). Eu acho que é o caminho, e não as redes sociais, nem whatsapp, não, nada disto porque isso traz sempre um outro lado menos 'será que há', 'será que vai ser, técnico', 'será que é para explorar a minha pessoa', e, não, não é essa intenção. Não é para explorar, mas sim para te dignificar, para corresponder às tuas</p>						
--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>necessitadas de ser humano, que tu és. Eu penso que será a resposta mais concreta, mais leal, mais verdadeira, e estou a ver uma pessoa com 50 anos aceder a isso, como estou vendo também um jovem de 15/16, que se está a descobrir, e que tem limitações físicas graves, que precisa muito dessas orientações e provavelmente não vai ser na sua casa que as vai encontrar, não é no centro de saúde que as vai encontrar e não é na escola que as vai encontrar. E, portanto, se a adolescência é uma fase difícil para a maior parte dos nossos jovens “ditos normais”, imaginemos para estes jovens que já trazem uma bagagem sobre si,</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	<p>tão grande, tão grande, como é uma deficiência. Eu penso que tem que haver grupos de interajuda, um dos ajuda deficiência, ou grupos de interajuda de voluntariado, mas digno, muito digno, muito respeitador, muito concreto, e muito frequente e assíduo, isso não pode ser o trabalho que é para começar hoje e depois não há dividendos, não há pessoas, e termina daqui a um mês. Não! Porque assim as pessoas desistem e em vez de darem passinhos à frente, dão passinhos atrás, então, tem que ser uma coisa estruturada”</p>						
SERIEDADE			<p>“acho que se devia de tratar com maior seriedade, quer o assunto da deficiência, como a prostituição”</p>				
IMPACTO POSITIVOS DAS REDES SOCIAIS					<p>“Acho que há sobretudo</p>		

<i>TEDTALKS</i>				<p>desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a</p>		
-----------------	--	--	--	---	--	--

					<p>sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

				<p>que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós vímos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>		
<p>APLICAÇÕES DE ENCONTRO</p>					<p>“isto é um pouco complexo, mas eu</p>		

<p>RELACIONAMENTOS ENTRE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</p>				<p>diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a 'cara a cara' não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com deficiência, só porque é algo, ou só porque</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a dignidade de cada um, agora, em</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência.</p> <p>Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com deficiência, algumas nem terão qualquer</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por exemplo. Também veem as suas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de deficiência, independentemente</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí resultarem em interações afetivas e</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>sociais mais  respeitosas, mais  solidárias, e com  menos preconceitos  e, se calhar, aí  também retirar  algumas dessas  barreiras, porque  provavelmente, um  surdo, um cego, uma  pessoa com  mobilidade reduzida,  que ande em cadeira  de rodas, se calhar,  com menos  preconceitos para  com estas pessoas,  mais facilmente elas  serão vistas como  atraentes, que são  capazes de seduzir  outras pessoas.  Portanto, desse ponto  de vista da  atratividade que  temos uns com os  outros, que depende  de tantos fatores.”</p>		
RELACIONAMENTOS							<p>“Faz-me sentido,  se para as pessoas</p>

<p>POLÍTICAS DE INCLUSÃO</p>							<p>com diversidade funcional fizer sentido, e pensado numa política de inclusão de pessoas com diversidade funcional possam ter. Porque é assim, é importante perceber que as pessoas com diversidade funcional podem ter os seus relacionamentos, podem ter a as suas relações afetivas, podem ter outro tipo de formas de estar. A ideia da assistência sexual, é a garantia de um outro direito de sexualidade, caso por exemplo, não tenham noutro contexto. Então a questão é, se der formação específica a determinados domínios, vai</p>
------------------------------	--	--	--	--	--	--	---

							prestar um serviço de uma maneira muito mais adequada e muito mais informada, relativamente a essa área.”
SEGURANÇA NAS REDES SOCIAIS							“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas,
CAMPANHAS DE SENSIBILIZAÇÃO							

Assistência Pessoal							<p>primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para</p>
---------------------	--	--	--	--	--	--	--

							<p> pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação </p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

								<p>funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja,</p>
--	--	--	--	--	--	--	--	--



							<p>tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é 'pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer,</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas."
<b>SEXUALIDADE NA DEFICIÊNCIA</b>							

<p>AUTOCONHECIMENTO      ATRAVÉS DA      MASTURBAÇÃO</p>		<p>“Era muito importante, porque não se ensina as pessoas com deficiência a explorar o seu próprio corpo, e o que é isto da masturbação. E muitas vezes, se calhar, também se magoam por causa disto, porque também não encaram a pessoa com algumas limitações, se calhar, como uma pessoa num todo. Portanto, o princípio está de todo errado logo à partida. Se calhar, se já tivessem este à-vontade de: ‘eu com o meu próprio corpo, posso obter prazer’, era logo um ótimo princípio. Quer dizer, por eles próprios já tinham prazer, depois na</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		<p>relação com outro, com convívios promovidos pela comunidade, com a supervisão, claro, obviamente que, se consigo próprio consegue ter prazer, a dois, o prazer é, enfim, é a dobrar. Portanto, também concordo com a E1- C, seria primeiro por aí, que é algo que não se faz, e depois sim, a parte mais de comunidade, mais de convívio, também de forma, não é? Porque as aplicações, nas pessoas com deficiência, com um nível cognitivo, será sempre alguma armadilha para eles ou para elas”</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>UTILIZAÇÃO DE OBJETOS PERIGOSOS, PELO DESCONHECIMENTO</p>		<p>“E não a magoarem-se, porque lá está, o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal. E lá está, agora a questão, de haver alguém que lhes possa transmitir esse prazer eu acho que eles entre si à sua escolha, naturalmente com alguém que tenham confiança e que tenham o à-vontade para isso, se os dois lados se sentirem à vontade, eu acho que era bom. Agora através de aplicações e tudo mais, eu tenho algumas reticências pessoalmente, por causa da questão cognitiva de eles perceberem realmente se não estão a ser usados”</p>				
--	--	---	--	--	--	--

PROFISSIONAIS/ TÉCNICOS DE SAÚDE			“Sim, claro que sim. Peço desculpa à expressão que se utiliza, mas, antes de trabalhar na UMAR, trabalhei numa escola e trabalhei numa casa de saúde. E, infelizmente, até				
FAMILIARES							

<p>INSTITUIÇÕES</p>		<p>os próprios técnicos, e não é por falta de formação deles e sensibilidade, eles são tolos para tudo, menos para o sexo, a verdade é essa. Portanto, eles têm capacidade para tudo, menos para o desejo e para a questão da sexualidade. E realmente, não é uma coisa que seja muito explorada, pelo menos, enquanto eu trabalhei quer a nível escolar, quer a nível de casa de saúde, não é um assunto que era muito explorado, porque, realmente, iria ferir suscetibilidades, quer dos funcionários, quer dos próprios familiares dos utentes. Não era que eles não precisassem, que até me estou a recordar de uma utente em particular, que ela quase que raptava os</p>				
---------------------	--	---	--	--	--	--

			<p>rapazes na casa de banho para os violar, quase. Porque ela tinha aquele desejo, tinha de o suprimir aquele desejo e não sabia como e não sabia porquê. E já era uma jovem, com quase a minha idade, quase 30. Aquilo não era abordado, porque simplesmente era um comportamento, lá esta, como se falava há bocadinho, era uma castração, 'tu não podes ter este tipo de comportamento', e cognitivamente, ela ainda não tem capacidade de perceber porque não o deve ter. O corpo pede, ela sente o desejo 'porque é que eu não posso?'. E isto, claramente, há o preconceito, há o estigma e há também, eu acho, muito receio por parte dos próprios técnicos, das</p>				
--	--	--	---	--	--	--	--



			próprias instituições em lidar com estas situações.”				
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>PATOLOGIA</p>	<p>“e não a magoarem-se, porque lá está, o desconhecimento às vezes é tal, que eles utilizam objetos que não são os adequados para tal. E lá está, agora a questão, de haver alguém que lhes possa transmitir esse prazer eu acho que eles entre si à sua escolha, naturalmente com alguém que tenham confiança e que tenham o à-vontade para isso, se os dois lados se sentirem à vontade, eu acho que era bom. Agora através de aplicações e tudo mais, eu tenho algumas reticências pessoalmente, por causa da questão cognitiva de eles perceberem realmente se não estão a ser usados”</p>				<p>“Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nos tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um capitalista. Porque se nós nos víamos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às</p>	
------------------	---	--	--	--	---	--

						<p>suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, 'não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa', acho que isso acontece, sim muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é percebido com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade funcional, até na forma como se fala para elas.”</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

<p>PORNOGRAFIA NA DEFICIÊNCIA</p>		<p>“podia-se criar idealmente, não sei, isto agora sou eu a ter aquelas epifanias que às vezes me dá. Devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para toda a gente. Uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: ‘eu nunca vou fazer aquelas cambalhotas’. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É</p>				
-----------------------------------	--	---	--	--	--	--

			<p>verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que se identifique, com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá."</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--

ASSEXUALIDADE		<p>“Mas ó C, somos nós enquanto sociedade que não normalizamos, porque por eles, se calhar, estaria tudo bem. Para nós é que a parte sexual e deficiência, não combina”</p>	<p>“que liga a parte da deficiência e acham que não funciona”</p>		<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é</p>	<p>“Eu acho que isso pode depender do tipo de patologia, mas eu acho que sim. Regra geral, as sociedades patriarcais e capitalistas, isto, porque nós vivemos em capitalismo. De nos tornarmos, de sublinhar às diferenças, e não as igualdades que todos nós e todas</p>	<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo</p>
---------------	--	---	---	--	---	---	--

		<p>“não funciona, ou então, ‘para que é que eles querem aquilo?’, ó sei lá, pronto, enfim, mas sim, também é um assunto, eu agora estava a ler a pergunta que a Carla pôs, é um assunto, realmente, pronto, também não é muito a nossa área. De lidar, pronto, isso é verdade, e, portanto, isso são questões que pronto, que se calhar, dá que pensar. Dá aqui um bocadinho que pensar, mas sim, mas concordo com a C. Que também tem mais alguma experiência nesta matéria, mas acho que sim, a normalização, porque nós, se calhar, enfim. Os</p>			<p>ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI’s e outras associações, a associação portuguesa de</p>	<p>nós temos, ela é um subproduto ou um produto do atual modelo de produção, que é um capitalista. Porque se nós nos virmos como diferentes e não como iguais, tornamo-nos em seres humanos mais frágeis porque estamos incapacitados, tornamo-nos intolerantes uns aos outros, e perdemos a capacidade de união, para sermos mais combativos às suas explorações, e opressões que quotidianamente somos sujeitos, nos nossos trabalhos, os nossos empregos, etc., E, portanto, posto isto, na análise que fazemos dos corpos com diversidade funcional talvez exista primeiramente uma infantilização desses</p>	<p>diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não</p>
--	--	--	--	--	--	---	--



		anormais somos nós”			deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra	corpos, e a partir dessa infantilização, a sexualidade é posta de parte, ou seja, ‘não vejo aquele corpo como um corpo que queira ou que pretende ter uma vida sexual ativa’, acho que isso acontece, sim muito. Mas como também acontece, por exemplo, com os corpos negros. Os corpos negros não são vistos como corpos sexualizados, são vistos como corpos com força de trabalho, que só servem para trabalhar. Por exemplo, já um mestiço é percecionado com fetiche, de um desejo, um pecado carnal para o sexo, mas não para se constituir família, para se casar, ter filhos, o que for. Ou seja, a questão da sexualidade é muito	tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade
--	--	---------------------	--	--	--	--	---

					<p>forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também</p>	<p>complexa na verdade, mas na questão da diversidade funcional, sim, acho que existe, porque tem a verdade, lá está com a infantilização, não é? Nestas pessoas com diversidade funcional, até na forma como se fala para elas."</p>	<p>funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos."</p>
--	--	--	--	--	---	---	---

					<p>não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."		
INFANTILIZAÇÃO							

DIREITO AO PRAZER						<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas</p>
-------------------	--	--	--	--	--	--

							precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i> , o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de
--	--	--	--	--	--	--	--



							<p>idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações,</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é 'pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas."
--	--	--	--	--	--	--	--

ZONAS ERÓGENAS				<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito</p>	<p>“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter</p>
----------------	--	--	--	---	--

					<p>extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito</p>		<p>formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e</p>
--	--	--	--	--	---	--	---

				<p>faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com</p>	<p>tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”</p>
--	--	--	--	--	---

					<p>paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>‘porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?’ e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, ‘assexuar’ toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a ‘assexuar’ toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>	
--	--	--	--	--	--	--

EQUIDADE						<p>“Claro que, eu tenho perfeita noção que se a sociedade fosse mais igualitária, se nós conseguíssemos ter uma revolução a sério, onde as pessoas seriam vistas de forma igualitária, onde há um deficiente, um normal, o preto e branco. Somos todos pessoas. Eu acho que nesse dia, o trabalho sexual fará mais sentido, mas não chegamos aí e está bem longe, mas pronto.”</p>	
AUSÊNCIA DE ESTEREÓTIPOS				<p>“Preconceito e estereótipo, penso que não. A nível individual, penso que não.”</p>			
MOBILIZAÇÃO DOS ENVOLVIDOS				<p>“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e</p>			
MOBILIZAÇÃO DE ATIVISTAS							

MOBILIZAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES DA SOCIEDADE CIVIL (OSC)				de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa			
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>MOBILIZAÇÃO DE ORGANIZAÇÕES FEMINISTAS</p>				<p>diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o gênero, com capacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores, a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro</p>			
---	--	--	--	---	--	--	--

				<p>que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade, portanto estou a referir-me a pessoas com capacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--

IGNORÂNCIA POR PARTE DAS OUTRAS PESSOAS					“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por		
INVISIBILIDADE							



SEXUALIDADE AJUSTADA				<p>exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito</p>		
----------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>INTERAÇÃO SOCIAL LIMITADA AOS SEUS PARES</p>				<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com</p>		
---	--	--	--	--	--	--



					<p>deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência.</p> <p>Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitosas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>		
DIFICULDADE DAS PESSOAS ACAMADAS					<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia</p>		

DIFICULDADE DAS PESSOAS INSTITUCIONALIZADAS					ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e		
DIFICULDADE EM CRIAR OPORTUNIDADES QUE OS LEVEM A UM ENCONTRO SEXUAL							
VIVEM MAIS TEMPO SEM SEXO, DO QUE COM							

INJUSTIÇA				<p>institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É</p>		
-----------	--	--	--	--	--	--



					<p>a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p> <p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar?</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i> , não é! Não pode ser."		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>EDUCAÇÃO SEXUAL NAS ESCOLAS</p>				<p>“É assim, de facto, quer dizer, a outra pergunta já abria essa pista. Isso é como tudo, quando não sabemos lidar com uma coisa, temos de aprender a lidar, mas sei lá, não sei, eu acho que lá está, não recorrendo à prostituição ou a pessoas pagas para isso, acho que uma coisa interessante poderia ser, para todos nós, poderia ser no exercício da educação sexual nas escolas, que não existe desta forma, poder abranger uma sensibilização e uma formação que incluisse todas as dimensões da sexualidade, todas as dimensões da afetividade, e das relações, incluindo por exemplo isso. Porque se calhar, as pessoas iam aprender desde novas, que toda a gente é diferente,</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>toda a gente vê a sua sexualidade de forma diferente, e que as pessoas com deficiência não abdicam da sua sexualidade, e por isso, eu acho que os programas de educação sexual nas escolas, resolveriam muitas outras coisas do ponto de vista até, do consentimento, das violências no namoro, etc. Seria muito importante explorar, até do ponto de vista da normalização, aí sim, das orientações sexuais diferentes, das identidades de género diferentes, perceber que, de facto, o sexo biológico não é uma coisa tão garantida, quanto as aulas de ciências. Não há só um cromossoma xy e xx, há muitas variações. Entretanto, e parece-me que, essa abordagem das</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>peças com deficiência do que é que sentem, do que as que não sentem, e claro, teria sempre que haver, para um programa assim, e que eu até defendo que deveria ser multidisciplinar com pessoas de diferentes áreas, não só professores, mas sim, enfermeiros, psicólogos e ativistas de vários movimentos.</p> <p>Incluindo, por exemplo, ativistas de movimentos de pessoas com deficiência que pudessem falar na primeira pessoa, e se calhar, através daí, poderia haver uma sensibilização maior, e sem dúvida, que quando falamos de mudança de mentalizadas, a educação, a escola e as crianças são essenciais, porque elas aprendem o</p>	
--	--	--	--	--	--	--



					<p>mundo como ele está à volta delas, e se nós dermos ferramentas novas é com essas ferramentas novas que eles vão crescer e se vão tornar adultos, capazes de usar ferramentas que nós, se calhar, hoje não somos, e acho que, sei lá, eu inclinava mais para uma solução, que sem dúvida é muito mais morosa, que depende de políticas públicas, que depende de algumas décadas de evolução do nosso pensamento, mas que provavelmente, teriam a longo prazo uma solução mais humana e mais igualitária, e que não tivesse que passar pela mercantilização do corpo de ninguém, nem da sexualidade de ninguém, em nome seja do que for.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>SEXÓLOGOS E ASSISTENTES SOCIAIS, COMO QUEBRA DO PRECONCEITO</p>				<p>“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."		
INEXPERIÊNCIA APRENDIDA					"Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas		

A PRIMEIRA VEZ				<p>quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse</p>		
----------------	--	--	--	--	--	--

					<p>papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspectiva, confesso.”		
<b>SERVIÇOS SEXUAIS NA DEFICIÊNCIA</b>							
SERVIÇO FEITO CONTRA A VONTADE					“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem		
SERVIÇOS SEXUAIS COMO UM IMPEDIMENTO A FUTUROS RELACIONAMENTOS							

<p>BAIXA AUTOESTIMA, SATISFAÇÃO E VALIDAÇÃO, RESULTANTE DOS SERVIÇOS SEXUAIS</p>				<p>à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da</p>		
--	--	--	--	---	--	--



					<p>pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p> muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					linha ténue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”		
--	--	--	--	--	--	--	--



<p>A IMPORTÂNCIA DE UM PROBLEMA MACRO, COMPARATIVAMENTE A UM MICRO</p>				<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída.</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					peçoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso peçoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe- se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>TRABALHADORES DO SEXO</p>					<p>“Sim, teria que haver uma certa seleção e formação, mas eu também acho, porque é assim, eu não sou trabalhadora do sexo, nem nunca requisitei serviços, leio umas coisas sobre o assunto, nunca me especializei muito sobre essa temática, mas penso que podia ajudar, ouvir as trabalhadoras do sexo, o que é que elas querem. Porque as coisas também não podem ser impostas, o que é que elas querem para a profissão delas, como é que elas se veem nesse papel. Eu do lado de fora, acho que sim. Do lado de dentro, não sei.”</p>	
<p>POSSÍVEIS MEDIDAS A IMPLEMENTAR</p>						

<p>POLÍTICAS DE INCLUSÃO</p>					<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com</p>		
------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência.</p> <p>Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitosas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>NÃO CONCORDA COM A CRIAÇÃO DE MEDIDAS CONCRETAS</p>					<p>“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>ESTIGMA SOCIAL AGRAVADO COM A CRIAÇÃO DE MEDIDAS CONCRETAS</p>				<p>até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz,</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo aprazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação.”		
CONVÍVIOS COM A COMUNIDADE					“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes		

<p>MAIOR VISIBILIDADE</p>				<p>da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não</p>		
---------------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>	
<b>MOBILIZAÇÃO DOS ENVOLVIDOS</b>						

<p>ENVOLVÊNCIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</p>				<p>“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o gênero, com discapacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma</p>	<p>“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que ‘os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres’, ‘as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens’, e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito</p>		<p>“Bem, eu não sei se lhe consigo responder a essa questão. Porque primeiro não são pessoas que trabalham nestas áreas que possam, acho que deveriam dizer, quais medidas a aplicar e quais questões a aplicar. Não sei se percebi muito bem a sua pergunta, mas a grande questão é: é importante pensar nas políticas, para trabalhar com as questões de trabalho sexual, como pessoas com diversidade funcional, e não sem elas, ou seja, quando nós pensamos em política, nós devemos pensar as políticas com as pessoas que estão afetadas a essas políticas, para pensar algo muito</p>
--	--	--	--	--	---	--	---

				distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores,	extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das		mais concreto, em relação às necessidades”
--	--	--	--	--	---	--	--

				<p>a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade, portanto estou a referir-me a pessoas com</p> <p>descapacidades, e</p>	<p>personas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as</p>	<p>“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas</p>
--	--	--	--	---	---	--

				claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”	<p>           pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras         </p>	<p>           precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de         </p>
--	--	--	--	--	---	--

					<p>que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição</p>	<p>idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós</p>
--	--	--	--	--	---	---

					<p>que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência,</p>	<p>estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações,</p>
--	--	--	--	--	--	--



					<p>não somos. Porque se nós virmos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão</p>	<p>e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é 'pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a</p>
--	--	--	--	--	--	---

					<p>natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou</p>	<p>questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas."</p>
--	--	--	--	--	--	---

					<p>íntima, muito menos sexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda.”</p>		<p>“Eu acho que era uma possibilidade, sim, mas eu tenho muita dificuldade em falar sobre estas questões, quando não tenho muito domínio sobre o assunto. Ou seja, acho que é muito importante auscultar sim as pessoas com diversidade funcional, e quem pudesse prestar assistência sexual. Ou seja, é importante envolver as pessoas, diretamente implicadas, na construção de leis, mas parece-me sim, parece-me que faz todo sentido.”</p> <p>“Isso mesmo, isso mesmo”</p>
--	--	--	--	--	---	--	---

<p>ACEITAÇÃO E VISIBILIDADE DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</p>					<p>“Isto é um pouco complexo, mas eu diria que, em primeiro lugar, me parece que as aplicações que, entretanto, surgiram e tudo mais, são ferramentas novas de exposição para forçar interações romântico-sexuais. Antigamente havia os <i>Chat's</i>, e antes não havia nada, e era só ir à discoteca o que for, parece-me que, só este tema até seria uma investigação sozinha, porque o tipo de interação que se procura e que acaba por se ter, é muito específica e tem criado até novas formas de interação, e que mexem com a autoestima de cada um, de uma forma que, as interações vamos chamar-lhes mais normais, mas, se calhar, a ‘cara a cara’ não traz. E, portanto, eu não diria que uma pessoa com</p>		
---	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, só porque é algo, ou só porque tem uma deficiência, é mais excluída que muitas outras pessoas, por exemplo, que não são consideradas bonitas ou atraentes. Também não diria que elas são, ou seja, até não diria que é uma coisa má, não terem que recorrer a este tipo de aplicações, digamos assim, que trazem coisas, até do desrespeito pelo outro, como o 'olha não gostei, nunca mais vou falar para esta pessoa na vida' não tenho que dar qualquer tipo de justificação, porque esta pessoa eu não a conheço pessoalmente, então, é quase desprovida de sentimentos. Parece-me que há uma certa artificialidade que cria, e que até aumenta, de facto a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>dignidade de cada um, agora, em nenhum momento me passaria pela cabeça, por exemplo, haver uma aplicação cujo algoritmo fosse direcionado para pessoas com deficiência encontrarem outras pessoas com deficiência. Até porque isso também seria altamente injusto que as pessoas com deficiência não têm só que se relacionar com pessoas, também, com algum tipo de deficiência.</p> <p>Logicamente, a interação social é diferente porque as pessoas com deficiência tenderão a estar apoiadas por associações de pessoas com deficiência e, portanto, a conviver mais ou com os seus cuidadores, ou com outras pessoas com</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>deficiência, algumas nem terão qualquer tipo de interação social e, portanto, é verdade que à partida terão menos acesso a poder conhecer alguém numa loja, num ginásio, no café, ou na discoteca. Sim, claro que isso limita a atividade sexual, e isso limita aos seus direitos, por outro lado, não estou certa de que tenha de haver medidas concretas de exposição para que as pessoas encontrem essa interação forçadamente, digamos assim. E isto digo para qualquer pessoa, ou seja, para as pessoas mais tímidas também que não sabem manter interações sociais, para as pessoas traumatizadas por algum motivo vítimas de violência doméstica no passado, ou de violações, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo. Também veem as suas interações sexuais e sociais muito diminuídas, e eu julgo que provavelmente a aceitação e a 'visibilização' destas comunidades poderão ser um passo mais importante, na interação social e na capacidade de criarmos mais igualdade de acesso, na interação social e a partir daí, nas relações afetivas que daí decorrem, do que propriamente estar a criar medidas que vão servir esse propósito no imediato e naquele momento, mas que podem levantar outras questões, que depois também não vão ser de fácil resolução. Ou seja, é certo que cada um de nós enquanto indivíduo independentemente de ser ou não, de ter ou não algum tipo de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>deficiência, independentemente de quem somos e como somos, temos direitos, ponto! E, óbvio que a afetividade e a sexualidade fazem parte da nossa vida e nos trazem mais felicidade e nos preenchem em níveis que outras coisas da nossa vida não são capazes de nos dar, daí a dizer que isso são direitos inequívocos do ser humano, ou de alguém, ou seja, não me parece que seja propriamente um direito que medidas governamentais ou comunitárias tenham que resolver. Eu diria que os governos, os Estados, as sociedades, as comunidades, devem sim, criar fórmulas de igualdade em que as pessoas possam ser tratadas com dignidade, e daí</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>resultarem em interações afetivas e sociais mais respeitosas, mais solidárias, e com menos preconceitos e, se calhar, aí também retirar algumas dessas barreiras, porque provavelmente, um surdo, um cego, uma pessoa com mobilidade reduzida, que ande em cadeira de rodas, se calhar, com menos preconceitos para com estas pessoas, mais facilmente elas serão vistas como atraentes, que são capazes de seduzir outras pessoas. Portanto, desse ponto de vista da atratividade que temos uns com os outros, que depende de tantos fatores.”</p>	
<b>RÓTULOS NA DEFICIÊNCIA</b>						

<p>DEFICIÊNCIA VS. DIVERSIDADE FUNCIONAL</p>						<p>“Sim, constantemente, porque já tenho trabalhado nessas áreas e isso sim, porque eu trabalho na área da psicologia, e trabalho na área da psicologia crítica, e a questão dos conceitos, eles determinam muito a questão também das pessoas. Quando as próprias pessoas falam sobre si, elas podem usar o termo. Por exemplo, uma perspectiva da teoria <i>creep</i>, é uma teoria que de alguma maneira fala da questão. Como por exemplo, é um paralelismo com a teoria Queer que é a ideia de ‘autodesignação’, quando uma pessoa diz assim ‘tu és esquisito’, ou</p>
--	--	--	--	--	--	---

							<p>'tu és não sei quê', quando falam em relação à questão, por exemplo, da orientação sexual, e as pessoas incorporaram o termo, que é o Queer, e Queer é a ideia de esquisito, estranho. Então a teoria Queer é a apropriação do insulto para de alguma maneira dizer 'eu tenho igualmente direito a existir' e a teoria <i>creep</i> é a teoria no paralelismo com a teoria da diversidade funcional, que é como se fosse a teoria do aleijado, 'eu sou aleijado, ou eu sou deficiente, eu tenho todas estas domínios', no entanto, quando a própria pessoa o diz, porque quando é dito por outra pessoa tira a ideia da funcionalidade,</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>ou seja, não vê como algo patológico, mas como algo que, localiza um problema, não na pessoa que tem diversidade funcional. Se é dado que não tem estrutura para pensar que as pessoas são diversas, ao nível da própria funcionalidade, por isso é que eu uso o termo diversidade funcional, para não ser tão estigmatizante, e para pensarmos que, de facto, o problema não é, usar uma cadeira de rodas, o problema é ter um lugar de umas escadas, e não ter possibilidade da pessoa subir. O problema é não ter acesso a um espaço público, e não, o facto de ter</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							uma condição física diversa, percebe? Então, tem a ver com isso, por isso é que eu uso esse termo.”
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>“sim, mas tem a ver precisamente com este domínio, e depois é assim, é um posicionamento que eu uso político e pessoal, a pessoa tem direito a usar aquilo que fizer sentido, mas por exemplo, usar o termo deficiência quando as pessoas falam na rua, quem usa o termo muitas vezes não o problematiza e está numa lógica ‘patologizadora’ também. Há pessoas com diversidade funcional que podem usar o termo deficiência e fazer sentido para si, e falar neste lugar, mas é um lugar próprio, é como por exemplo, há mulheres trabalhadoras do sexo que dizem ‘eu sou puta’, mas</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							uma coisa é dizer 'eu sou puta', outra coisa é dizer 'aquela mulher é puta', ou seja, esta questão da diversidade funcional, também pode ter essa noção, que é, a teoria <i>creep</i> , é dizer 'eu tenho deficiência, eu sou aleijado' outra coisa é dizer 'aquela pessoa é aleitada'”
--	--	--	--	--	--	--	---



							<p>“Então é assim, quando pensamos do ‘nós ou os eles’ ou ‘nós ou as elas’, devemos pensar este conceito. Acho que é importante problematizar, e depois perguntar à pessoa, como é que gostaria do termo, em relação com. Então é muito importante ter respeito pelas pessoas que têm estas condições, esta diversidade, estes domínios, e de alguma maneira, uma lógica de proximidade, e de respeito, pelas pessoas, não numa perspetiva ‘patologizadora’, nem da categoria, mas numa perspetiva liberta e de direitos humanos e de diversidade”</p>
<p><b>REALIDADE EM PORTUGAL</b></p>							

MOVIMENTOS ASSOCIATIVOS					“Acho que há sobretudo desconhecimento. Se por um lado os movimentos feministas ao longo dos anos, por exemplo, muitas das vezes colocaram a		
INTEGRAÇÃO NO DESPORTO							

<p>AFIRMAÇÃO, IDENTIDADE E AUTONOMIA</p>				<p>vivência da sexualidade na mulher, como um assunto do dia, até porque ela foi muitas vezes usada, e é ainda usada contra o papel social da mulher, ou seja, um bocado aquela ideia de que 'os homens têm uma prevalência maior na sua sexualidade do que as mulheres', 'as mulheres não estão interessadas em sexo, só os homens', e o comportamento social da mulher, espera-se que seja determinada forma, e do homem de outra. Isso tem vindo a ser muito discutido, em posições muito extremadas, às vezes, outras menos. Já a sexualidade, aliás, eu diria que o mundo das pessoas com deficiência é uma coisa muito invisibilizada e, portanto, e há um</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>movimento associativo fortíssimo entre CERCI's e outras associações, a associação portuguesa de deficientes, por exemplo, a APD, há, por exemplo, trabalho muito bem feito do ponto de vista da integração através do desporto, com desportos adaptados, atletas olímpicos, ou seja, há passos que foram dados, e visibilidades que foram dadas, mas do ponto de vista da afirmação, da identidade, da autonomia e claro, da sexualidade também, acho que são coisas que não são muito faladas, nem percebidas, e acho que também falta muito, ouvir as pessoas com deficiência. Sabemos que nem todas, dependendo também do que é. Nem todas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>as pessoas com deficiência têm capacidade para se expressar verbalmente, outras que fazem de outra forma, as pessoas, por exemplo, com paralisias cerebrais mais graves não têm, se quer, de facto, quer dizer, dificilmente conseguem responder a uma entrevista assim, mas há muitas pessoas com deficiência que vão hoje, se calhar, até com o papel das redes sociais e tudo, ganhando um espaço para poderem comunicar, falar, às vezes, aparecem <i>TedTalks</i> e tudo mais, de gente com paralisia cerebral, ou pessoas pura e simplesmente com deficiências motoras que estão numa cadeira de rodas. Que dizem muitas vezes isso, que é, as perguntas mais</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>estúpidas que as pessoas fazem por ignorância como, 'ah, ok, se não sentes nada da cintura para baixo, então também não tens ereções, por exemplo, um homem que esteja, e não é verdade. Ele tem, e pode ter uma vida sexual perfeitamente ajustada, àquela que é a sua limitação. Mas diria que essa é provavelmente uma das questões menos faladas quando se fala da comunidade com deficiência. Agora estava-me a lembrar que, talvez se fale mais, por exemplo, entre as pessoas com <i>Trissomia 21</i>, que é um grupo até muito alargado e bastante visível, porque durante muitos anos até era uma condição que não era possível identificar na gravidez. Agora é, mas ainda assim há muitas pessoas que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>vão com a gravidez para a frente e, portanto, há muitas crianças e muitos adultos com <i>Trissomia 21</i>, que tem muitas especificidades, e uma delas, ao nível social, até têm uma sexualidade muito vivida, muito ativa. É curioso, porque de facto, estar em contato com pessoas com Trissomia 21, uma pessoa percebe a desinibição que eles sentem em beijar-se em público, em demonstrar a sua atração sexual, e isso é muito curioso, porque às vezes, até eu, confesso que já me fez pensar o qual livres eles são de uma expressão sexual, que nós, que não temos qualquer deficiência, não somos. Porque se nós vímos um casal a ser muito público nas suas manifestações, até de beijos, já se</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>olha de lado, não é? Tipo 'ai, isto não é para a rua', mas eu lembro-me, por exemplo, de apanhar o autocarro, da universidade para o centro, e que em algumas horas vem muita gente ali da APPACDM, e alguns, principalmente aqueles com mais autonomia, são precisamente aqueles que têm <i>Trissomia 21</i>, e eu notava que, havia casais já estabelecidos, e eles vão no autocarro aos beijos e a fazer altas declarações de amor, tranquilíssimos, ou seja, com um à-vontade que acho que até me faz pensar 'porque é que nós temos tanta vergonha em demonstrar uma coisa que é tão natural?' e isso, se calhar, também me faz pensar, se é assim com a <i>Trissomia 21</i>, pode ser assim, se</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					calhar, com outras condições. Nós é que tentamos sempre, 'assexuar' toda a gente, e acho que não é só as pessoas com deficiência. Nós tendemos socialmente, a 'assexuar' toda a gente, especialmente quem tem cargos públicos, quem tem mais exposição pública, não pode haver ali um ínfimo de vida pessoal ou íntima, muito menos msexual, e, claro, se forem mulheres é pior, se forem mulheres negras é pior, e se forem pessoas com deficiência é pior ainda."		
<b>PROFISSIONAIS/TÉCNICOS DE SAÚDE E CUIDADORES INFORMAIS</b>							
ASSISTENTES SOCIAIS					"Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais,		
SEXÓLOGOS							

CONSULTAS DE ACOMPANHAMENTO COM SEXÓLOGOS					mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por		
---	--	--	--	--	--	--	--

ASSISTENTE PESSOAL				<p>sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o 'véu do preconceito', de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba</p>		
--------------------	--	--	--	--	--	--

					por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

ENFERMEIRAS					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
-------------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						sexo. Isto, na minha opinião.”	
--	--	--	--	--	--	-----------------------------------	--



MÉDICOS						<p>“eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena, percebes?”</p>	
---------	--	--	--	--	--	--	--

<p>CUIDADORAS INFORMAIS</p>					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
---------------------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>sexo. Isto, na minha opinião.”</p> <p>—</p> <p>“Eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da área, percebe?”</p> <p>—</p> <p>“São os parentes, as mães, as tias. É isso. Não é trabalho para a mãe,</p>
--	--	--	--	--	--	---

						<p>porque por ser a mãe a fazer isso, não é confortável nem para a mãe, nem para o próprio. não há prazer, quer dizer é a mãe, é quase uma violação”</p>	
<p><b>TRABALHO SEXUAL</b></p>							
<p><b>LEGISLAÇÃO OU ENQUADRAMENTO LEGAL</b></p>							

<p>REGULAMENTAÇÃO</p>		<p>“Pois, eu, agora a Carla estava a ler esta segunda questão e eu fiquei um bocado confusa porque a questão anterior já me estava a levar precisamente para esta questão da prostituição, pronto, só que, entretanto, foi-se falando de grupos de ajuda. Pronto, efetivamente, há os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, isto existe e faz parte, há uns que concordam com a legalização, ou outros que não, isto também, claro que se calhar, umas pessoas têm esta opção, como sendo uma escolha na sua vida, outras fazem-no porque é um meio mais rápido, e não digo</p>	<p>“Deveria de haver uma legislação que protegesse os trabalhadores do sexo, porque havendo lei, há sempre quem a transgrida, não é? Mas existiria alguma forma, também, de os proteger e salvaguardar os seus direitos enquanto trabalhadores, independentemente da área em que trabalham. A partir daí, havendo legislação e havendo alguma coisa por escrito que se possa recorrer, é mais fácil, digo eu, mesmo de reivindicar direitos”</p>	<p>“Sem dúvida um modelo jurídico de regulamentação do trabalho do sexo, que na minha leitura, volto a dizer, não necessariamente coincide com o trabalho de assistente sexual. São duas profissões diferentes que podem coincidir, ou não.”</p> <p>“Um modelo de despenalização e regulamentação do trabalho do sexo, que é uma coisa diferente do trabalho de assistência sexual.”</p> <p>“Uma regulamentação, que não seja a regulamentação do século XIX, claramente, não é? Só falar mais de modelos que se prendem com, que possam ser inspirados, por exemplo, no modelo que temos na Nova Zelândia, seja em</p>		<p>“Mas aí, na minha perspetiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspetiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	<p>“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias,</p>
-----------------------	--	---	--	---	--	---	--

		<p>que é mais fácil porque acho que não é nada fácil, e é muito complexo, e, portanto, nem quero estar a entrar muito por aqui, mas assim de repente e num flash, o que me vem à ideia é, se efetivamente este tipo de profissão tivesse mais apoio ou mais legalização, ou também se poderia dar ferramentas para que, efetivamente pudessem também, perceber a pessoa com deficiência, como é que pode, ou não, ter prazer. Portanto, ao fim ao cabo, seria formação para estes trabalhadores sexuais. Existe, está cá, não vamos estar com rodeios, tantas</p>		<p>países que há um substancial de criminalização das pessoas que trocam sexo por dinheiro”</p>		<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	<p>ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as</p>
--	--	---	--	---	--	--	--



		<p>             pessoas com/sem deficiência recorrem, e se calhar pessoas que têm mulheres em casa, maridos em casa, porque querem uma aventura diferente, o porquê, não importa, pronto. E quem somos nós para julgar a profissão, o acesso ou a via que tem e, portanto, eu acho que, foi por isso que me estava a fazer confusão esta segunda questão, agora estava a olhar para a anterior, e o trabalho sexual levou-me para a prostituição, mas como entretanto falou-se em grupos de ajuda e tal, e eu pensei 'ok, vamos aguardar', e logo           </p>				<p>             falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do           </p>	<p>             pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios."           </p>
--	--	--	--	--	--	--	---

		<p>a seguir vem precisamente isto, na minha opinião é isto, portanto, nós temos que dar, se elas, estas pessoas existem, porque é que chegaram lá não importa, estão na sua profissão, legal ou não legal, mas é aquela profissão que tantas pessoas recorrem, com tantas profissões diferentes, e com tantos estatutos diferentes, portanto, há um meio de sobrevivência em primeiro momento, se a pessoa com deficiência poderá ser até um acesso como disse a C, com a questão motora, portanto, não cognitiva mais difícil recorrer a um trabalhador</p>				<p>sexo. Isto, na minha opinião.”</p>	
--	--	--	--	--	--	---------------------------------------	--

		<p>sexual, mas motora uma pessoa cognitivamente estável, etc., até com uma profissão, mas que não tenha um parceiro ou uma parceira, que recorre ao trabalhador sexual, claro que pretende ter momentos de prazer, e que pode ter, e deve ter, porque mesmo quem tem paraplegia pode ter prazer sexual”</p> <hr/> <p>Eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos</p>				
--	--	--	--	--	--	--

		<p>vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade.</p> <p>Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”					
--	--	---	--	--	--	--	--

						<p>“Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer:</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>'ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos', ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz 'pá olha estou com esta necessidade'."</p> <p>—</p> <p>"Assistente sexual, ok, vou apontar</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já rejeito tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais.”	
PROTEÇÃO E SEGURANÇA							
POSICIONAMENTO DESFAVORÁVEL					“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações		



<p>MERCANTILIZAÇÃO DO CORPO E DA SEXUALIDADE</p>					<p>que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo aprazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



<p>CORPO ENQUANTO FERRAMENTA DE TRABALHO</p>				<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída.</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>             pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”           </p>		
<p>RECONHECIMENTO</p>						<p>             “E eu acho que as coisas nunca se passam, por enquanto basta reconhecer.”           </p>	

REFORMA ANTECIPADA					<p>“Exato, porque no caso do trabalho sexual, eu acho que, por exemplo, há profissões, como a profissão de mineiro, é considerada desgastante, as pessoas que têm esse tipo de trabalho têm benesses em termos de reforma e podem vir para casa mais cedo. E eu acho que no caso do trabalho sexual, essas profissionais deveriam poder vir para a reforma mais cedo, porque são de risco, estão sujeitas, principalmente sendo mulheres, estão mais sujeitas. Neste caso, acho que a vantagem é mesmo ser contratada pelo Estado. Porque é um trabalho certinho, ou seja, pagam-te certinho. E eu, por exemplo que trabalho como</p>	
--------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>freelancer, sei bem o que às vezes custa receber, e pôr os clientes a pagar aquilo que te devem. Portanto, seria uma grande vantagem.”</p> <p>—</p> <p>“E depois, uma profissão que não é reconhecida não tem direito à doença, se ficarem doentes não recebem e trabalham até morrer”</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

<p>PRECARIEDADE</p>					<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em</p>	<p>“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebes? Porque é uma assistência, e</p>	
---------------------	--	--	--	--	---	---	--

				<p>alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas</p>	<p>sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí porque as trabalhadoras do sexo muitas veze trabalham em contextos precários, ou seja, não a há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída.</p>	
--	--	--	--	--	---	--



					<p>Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					peçoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso peçoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe- se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”		
--	--	--	--	--	--	--	--



<p>ABOLICIONISMO</p>					<p>“Ó pá, primeiro que tudo, era não proibir mesmo, era legalizar a coisa ou descriminalizar a profissão, até porque por exemplo, as feministas abolicionistas, uma das coisas que elas querem fazer é legalizar a profissão, mas criminalizar o cliente, ou seja, que é o modelo Nórdico e isso, para pessoas que já têm dificuldades de mobilidade, ou o que for, estás a dificultar ainda mais o acesso, a, quer dizer, embora eu acho que nesta questão da legalização do trabalho sexual não se esgota só nesta questão das deficiências, porque isso é patologizar a profissão. E eu acho que não temos que patologizar a profissão ao dizer:</p>	
----------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>'ah, ok, vocês agora estão aí para desenvolver a vossa atividade, mas só nestes casos', ao legalizar é legalizar para todos. Mas a partir do momento em que a coisa passa a ter, acho que já te respondi à questão acima, que é, a partir do momento em que a coisa passa a ter também a força de Estado, ou seja, em que se cria uma bolsa, em que a própria segurança social é que manda para lá a profissional ou o profissional, a dificuldade não há. Não há mais facilidade que isso, que é liga para a segurança social e diz 'pá olha estou com esta necessidade'."</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>FERRAMENTA QUE GARANTE SATISFAÇÃO SEXUAL IMEDIATA</p>				<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p> <p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>acho que ela precisamente até por esse caráter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>	
--	--	--	--	--	---	--



DIFICULTADES/LIMITES

<p>CLIENTES COM DEFICIÊNCIA</p>				<p>“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o gênero, com discapacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma</p>			
---------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

				<p>distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores, a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade,</p>			
--	--	--	--	---	--	--	--

				portanto estou a referir-me a pessoas com capacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”			
<b>ENTRAVES À LEGALIZAÇÃO</b>							

<p style="text-align: center;">VIOLÊNCIA E EXPLORAÇÃO</p>				<p>“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha tênue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”</p>		
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES					<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que</p>		
MAIOR PREVALÊNCIA DAS MULHERES NA PROSTITUIÇÃO							

SEXUALIDADE LIVRE, DESDE QUE NÃO OBTENHA LUCRO FINANCEIRO					o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de		
CONSENTIMENTO							
LIBERDADE SEXUAL							
IMPERMANÊNCIA NA PROSTITUIÇÃO							
FALTA DE ESTRUTURA							
ROMANTIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO							
LIVRE VONTADE NA PROSTITUIÇÃO							
NEGÓCIO ALTAMENTE E MUNDIALMENTE LUCRATIVO							
EXPLORAÇÃO DA MULHER PROSTITUÍDA							
NÃO PODEM ESCOLHER OS CLIENTES							

RENDIMENTO PARTILHADO					prostituição, o afastamento do		
PROFISSÃO DESGASTANTE					conceito de prostituição,		
AUSÊNCIA DE ATRAÇÃO SEXUAL					enquanto violência contra as pessoas		
DIFÍCIL SAÍDA DA PROSTITUIÇÃO					prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar		

<p>SIMPATIA PELO SEU AGRESSOR</p>				<p>estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja,</p>		
-----------------------------------	--	--	--	---	--	--



					<p>eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criamos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



CARÁTER OBRIGATÓRIO					“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que		
NÃO SE TRATA DE UM SERVIÇO OU TRABALHO							

<i>VENDING MACHINE</i>					<p>aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é</p>		
------------------------	--	--	--	--	---	--	--

					<p>evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade, que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>oportunidade. Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir, o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu acho que ela precisamente até por esse carácter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser.”</p>		
OBRIGAÇÃO DE TRABALHAR INDEPENDENTEMENTE DA CONDIÇÃO FÍSICA					<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da</p>		

<p>PERDA DE AUTONOMIA</p>				<p>intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que 'o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser', então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos</p>		
---------------------------	--	--	--	--	--	--



					<p>que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>FALSA IDEIA DE EMPODERAMENTO</p>				<p>“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-</p>		
-------------------------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, 'mas porque é que uma mulher que está</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>OBJETIFICAÇÃO E SEXUALIZAÇÃO DO CORPO DA MULHER</p>					<p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>DIGNIDADE NA VIDA E NO TRABALHO</p>					<p>sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socioeconómicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria 'vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços'.</p> <p>Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostitutas, historicamente.</p> <p>Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”		
<b>REALIDADE EM PORTUGAL</b>							
CLANDESTINIDADE						“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a	
FAIXAS ETÁRIAS DISCREPANTES							

<p>SEGURANÇA</p>					<p>sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser 'só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer'. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria</p>	
------------------	--	--	--	--	--	--

						<p>ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vêes uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas,</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						já muito velhas. Ali sujeitas.”	
QUESTÕES SANITÁRIAS						“E depois, uma profissão que não é reconhecida não tem direito à doença, se ficarem doentes não recebem e trabalham até morrer”	
ALICIAMENTO							

NEGOCIAÇÕES					<p>—  “E depois as questões sanitárias, não tinham proteção nenhuma. Eu tive um episódio engraçado, no meu primeiro ano. Numa aula de desenho, nós fomos desenhar para a Praça dos Poveiros, que agora está toda <i>fancy</i>, mas no meu primeiro ano, às sete da tarde, era um ponto de prostituição e sabes como é que é, as prostitutas viam os estudantes a fazer desenhos e vinham meter conversa, e houve uma altura que um velho se veio meter comigo. Eu fui salva por uma das prostitutas. Ele veio-me oferecer iogurtes, ‘eu tenho em minha casa iogurtes’, e eu até disse ‘não, não me apetece iogurtes, estou bem,</p>	
-------------	--	--	--	--	---	--

						<p>obrigada', depois vi a prostituta lá do fundo a gritar 'velho, porco do caralho, não aceites nada dele, que ele quer-te fazer mal', ou seja, e o raio do velho 'ai, tenho estado a observar-te, estás aqui há tanto tempo a desenhar, não queres lanchar em minha casa? Eu dou-te um iogurte. Um iogurte de morangos', só depois é que eu percebi quando ela apareceu com os morangos, ai, que horror! Depois, a partir dali ela disse-me 'este gajo é um porco, quis os meus serviços, disse que me pagava mais se fosse sem preservativo', ou seja, e depois há estas negociações que são ordinárias e as põe em perigo, e em situação de desespero, nunca é</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--



						fácil. São vidas muito duras.”	
--	--	--	--	--	--	--------------------------------	--

<p>POSICIONAMENTO</p>					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
-----------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						sexo. Isto, na minha opinião.”	
--	--	--	--	--	--	-----------------------------------	--

PROFISSIONAIS						<p>“Eu sei que as enfermeiras estão, até há enfermeiras que fizeram licenciaturas nesse sentido, mas sei que, eu tenho por exemplo, uma prima que é enfermeira e uma mãe que é médica, mas os médicos não fazem isso. Ela disse que muitas vezes não se sentem confortáveis com isso, vai além da área delas. E então, no caso de uma cuidadora, eu acho que isso não é trabalho para a cuidadora, é outro patamar, e se há profissionais que o fazem, são profissionais da cena, percebes?”</p>	
---------------	--	--	--	--	--	--	--

PROSTITUIÇÃO DE RUA						“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a	
---------------------	--	--	--	--	--	---	--

<p>PROSTITUIÇÃO DE MENORES</p>					<p>sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser 'só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer'. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria</p>	
--------------------------------	--	--	--	--	--	--



						<p>ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas, estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já aponte para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas,</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						já muito velhas. Ali sujeitas.”	
FALTA DE ENQUADRAMENTO LEGAL				“A possibilidade de formar é reduzida, porque não sendo os			

<p>INFORMAR E SENSIBILIZAR</p>			<p>trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, ou melhor dizendo, não sendo as pessoas envolvidas em trocas sexuais reconhecidas, enquanto trabalhadoras e trabalhadores, é muito difícil, eles terem acesso a uma formação formal, não é? Através dos meios formais, através dos quais normalmente passa a formação. Infelizmente, a única forma é absolutamente informar e deixar abertamente a boa vontade e a sensibilidade, ao interesse das pessoas que exercem trabalhos sexuais”</p>			
<p>LENOCÍNIO</p>						

<p>LEGALIZAÇÃO DO LENOCÍNIO</p>				<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em</p>		
-------------------------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída.</p>	
--	--	--	--	--	---	--



					<p>Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>           pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”         </p>		
<b>AS VERTENTES DA PROSTITUIÇÃO</b>							
<p>           PROSTITUIÇÃO ABRIGADA         </p>					<p>           “Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse         </p>		



PROSTITUIÇÃO DE RUA					<p>estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de</p>		
---------------------	--	--	--	--	---	--	--

					<p>prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituem ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					peçoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>PROSTITUIÇÃO DE LUXO</p>				<p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral,</p>		
-----------------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socioeconómicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria 'vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços'.</p> <p>Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostitutas, historicamente. Porque o sexo procurava-se, eram os</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”</p>	
--	--	--	--	--	--	--

FORMAÇÃO E SELEÇÃO



<p>FORMAÇÃO ESPECÍFICA PARA ATENDEREM PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</p>	<p>“todas, todas, todas”</p>	<p>“portanto, tem que se dar formação a estas pessoas, tem que se olhar para estas pessoas também como seres humanos da sociedade e que fazem parte, e que queremos ou não prestam um serviço, é que o corpo? É, mas prestam um serviço! Portanto, sobretudo o paciente, se recorre é porque necessita, porque percebe que na sociedade não tem resposta, que ainda nos leva às questões anteriores de que falávamos, portanto, isto é assim tudo um bocadinho... Mas também, estamos a falar em sigilo, e depois a Carla também destrinça o que é</p>	<p>“pronto somos todas de acordo, ok, então a próxima questão”</p>				
---	------------------------------	--	--	--	--	--	--

		<p>importante, mas eu para mim, a minha opinião é isso.”</p> <p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade.</p> <p>Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		<p>não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutas e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons,</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”					
QUEM DARIA A FORMAÇÃO	“Mas esses grupos de interajuda que ajudariam as pessoas com deficiência podiam perfeitamente bem, fazer essa formação, dar essa formação, porque à partida têm conhecimento das necessidades a podiam dar formação para as trabalhadoras do sexo, e pronto.”						

FORMAÇÃO COMUM	<p>“sim, e esses trabalhadores, isto pode ser uma ideia quadrada, mas eu estou sendo confrontada com isso neste momento, estou para aqui a pensar, esses trabalhadores deviam ter uma formação comum. A gente quando entra para professores, tem uma formação comum, e depois é que nos vamos especializar para professor do ensino básico, para professor do ensino secundário e pronto, acho que devia haver uma formação comum, altamente digna bem feita e bem delineada, e depois, dentro dessa formação, estas pessoas podiam se especializar em trabalhadores sexuais ou assistentes sexuais”</p>						
----------------	--	--	--	--	--	--	--

NÃO CONCORDA					“Ok, ok, mas de facto, isso se calhar, depois teria que se assumir que havia formação específica para as pessoas prostituídas, e isso já ia entrar, mas lá está, isso seria assumir uma normalização, uma postura, e visão face à prostituição, que eu não tenho.”		
--------------	--	--	--	--	--	--	--

RECRUTAMENTO					<p>“Sim, teria que haver uma certa seleção e formação, mas eu também acho, porque é assim, eu não sou trabalhadora do sexo, nem nunca requisitei serviços, leio umas coisas sobre o assunto, nunca me especializei muito sobre essa temática, mas penso que podia ajudar, ouvir as trabalhadoras do sexo, o que é que elas querem. Porque as coisas também não podem ser impostas, o que é que elas querem para a profissão delas, como é que elas se veem nesse papel. Eu do lado de fora, acho que sim. Do lado de dentro, não sei.”</p>	
--------------	--	--	--	--	--	--

<p>FORMAÇÃO ESPECIALIZADA</p>	<p>“Porque, então, respondendo à tua pergunta, é precisamente isso, e foi como a E1 – B começou, e disse, e muito bem, só pode ser pela formação, formação técnica e especializada, junto destas pessoas, que é para poder, e depois transmitir esta ‘sabedoria’ junto das pessoas que precisam, independentemente do seu género e da sua orientação sexual, independentemente de tudo”</p>						<p>“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter</p>
-------------------------------	---	--	--	--	--	--	--



							<p>formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

<p>SEGURANÇA SOCIAL</p>					<p>“Então, mas a partir do momento em que, quando eu te digo que criar uma bolsa na segurança social, essas coisas, não é naturalmente abrir uma bolsa e meter para lá as pessoas, é preciso capacitá-las. Se essa bolsa é para desenvolver uma função específica, não é tu que te lembras e que não precisas, e vais ‘olha, eu quero aqui manda para aqui não sei quem’, é para uma coisa específica, tem que haver uma formação, ou seja, uma formação até mesmo para elas saberem utilizar, para saberem como lidar, também, estarem capacitadas, porque muitas das pessoas, as trabalhadoras do sexo, elas recebem todo o tipo de</p>	
-------------------------	--	--	--	--	---	--

						pacientes. Há pessoas que têm patologias, mas têm mobilidade, se calhar, não vão lá. Portanto, a segurança social faria essa formação e seleção.”	
<b>FINANCIAMENTO</b>							

BOLSA					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
-------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						sexo. Isto, na minha opinião.”	
--	--	--	--	--	--	-----------------------------------	--



ESTADO					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
--------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>sexo. Isto, na minha opinião.”</p> <p>“Exato, porque no caso do trabalho sexual, eu acho que, por exemplo, há profissões, como a profissão de mineiro, é considerada desgastante, as pessoas que têm esse tipo de trabalho têm benesses em termos de reforma e podem vir para casa mais cedo. E eu acho que no caso do trabalho sexual, essas profissionais deveriam poder vir para a reforma mais cedo, porque são de risco, estão sujeitas, principalmente sendo mulheres, estão mais sujeitas. Neste caso, acho que a vantagem é mesmo ser contratada pelo Estado. Porque é um trabalho certinho, ou seja, pagam-te certinho. E</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						eu, por exemplo que trabalho como freelancer, sei bem o que às vezes custa receber, e pôr os clientes a pagar aquilo que te devem. Portanto, seria uma grande vantagem.”	
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>SEGURANÇA SOCIAL</p>					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
-------------------------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--



						<p>sexo. Isto, na minha opinião.”</p> <p>“Eu não sei depois como é que isso se resolve. Se se cria uma UT. Sei lá, por exemplo, o meu irmão em França trabalha como fisioterapeuta e a maior parte dos clientes que ele tem são pessoas idosas, que estão em situações que já não conseguem sair de casa, etc., e contratam o meu irmão, mas não é o idoso é a segurança social que lhe tenha passa o tratamento. Depois vai à morada que lhe mandam. Claro que aqui, na questão da sexualidade pode ser estranho tu não poderes escolher, mas bom, não pensei sobre isso.”</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

<p>PRIVADO</p>					<p>“Mas aí, na minha perspectiva, eu sei que, por exemplo, há enfermeiras que fazem massagens sexuais e cuidadoras que fazem mensagens sexuais, isso é uma das coisas que elas podem fazer, mas eu, por exemplo, sou uma feminista que é completamente a favor da legalização, da não punição do trabalho sexual, seria uma excelente oportunidade para essas trabalhadoras, poderem exercer a sua profissão, por exemplo, podia ser uma forma. E eu até, vou-te falar disto, a partir da minha perspectiva, porque já pensei sobre isto, não é a opinião da UMAR, é a minha opinião, nem sei bem se a UMAR tem opinião</p>	
----------------	--	--	--	--	---	--

						<p>sobre isto, se concorda com isto que eu vou dizer, ou não, isto é a minha opinião pessoal. Eu, por exemplo, até acho que no dia em que, eu acho que nós vamos lá chegar, o trabalho sexual não for é proibido, ou perseguido, etc., eu até acho que o estado poderia ter uma bolsa de trabalhadoras sexuais, porque eu acho que as soluções destes problemas têm sempre que passar, porque a responsabilidade destas situações, tem que ser do Estado, dos governos. Não é de não é de iniciativas privadas, de profissionais que têm o seu negócio do sexo, não é isso. Na minha ótica, e porque estamos a</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>falar de uma coisa muito específica, que é resolver um problema de pessoas concretas, quem tem de garantir essa assistência tem que ser o Estado. E, portanto, eu acho que havendo essa essa 'não proibição do trabalho sexual', o Estado deveria de contar à própria segurança social, com uma bolsa dessas profissionais que iriam contratar, 'pronto, vou-te mandar aí não sei quantas, ou não sei quantos', percebes? E acho que deveria de passar pela segurança social, existindo uma bolsa de profissionais, porque é isso que a segurança social faz manda as enfermeiras, pronto mandaria profissionais do</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						sexo. Isto, na minha opinião.”	
ESTIGMA SOCIAL							

<p>PROSTITUIÇÃO E A INFIDELIDADE</p>		<p>“Pois, eu, agora a Carla estava a ler esta segunda questão e eu fiquei um bocado confusa porque a questão anterior já me estava a levar precisamente para esta questão da prostituição, pronto, só que, entretanto, foi-se falando de grupos de ajuda. Pronto, efetivamente, há os trabalhadores e as trabalhadoras do sexo, isto existe e faz parte, há uns que concordam com a legalização, ou outros que não, isto também, claro que se calhar, umas pessoas têm esta opção, como sendo uma escolha na sua vida, outras fazem-no porque é um meio mais rápido, e não digo</p>					
--------------------------------------	--	---	--	--	--	--	--

		<p>que é mais fácil porque acho que não é nada fácil, e é muito complexo, e, portanto, nem quero estar a entrar muito por aqui, mas assim de repente e num flash, o que me vem à ideia é, se efetivamente este tipo de profissão tivesse mais apoio ou mais legalização, ou também se poderia dar ferramentas para que, efetivamente pudessem também, perceber a pessoa com deficiência, como é que pode, ou não, ter prazer. Portanto, ao fim ao cabo, seria formação para estes trabalhadores sexuais. Existe, está cá, não vamos estar com rodeios, tantas</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		<p>peças com/sem deficiência recorrem, e se calhar pessoas que têm mulheres em casa, maridos em casa, porque querem uma aventura diferente, o porquê, não importa, pronto. E quem somos nós para julgar a profissão, o acesso ou a via que tem e, portanto, eu acho que, foi por isso que me estava a fazer confusão esta segunda questão, agora estava a olhar para a anterior, e o trabalho sexual levou-me para a prostituição, mas como entretanto falou-se em grupos de ajuda e tal, e eu pensei 'ok, vamos aguardar', e logo</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--



		<p>a seguir vem precisamente isto, na minha opinião é isto, portanto, nós temos que dar, se elas, estas pessoas existem, porque é que chegaram lá não importa, estão na sua profissão, legal ou não legal, mas é aquela profissão que tantas pessoas recorrem, com tantas profissões diferentes, e com tantos estatutos diferentes, portanto, há um meio de sobrevivência em primeiro momento, se a pessoa com deficiência poderá ser até um acesso como disse a C, com a questão motora, portanto, não cognitiva mais difícil recorrer a um trabalhador</p>					
--	--	--	--	--	--	--	--

		sexual, mas motora uma pessoa cognitivamente estável, etc., até com uma profissão, mas que não tenha um parceiro ou uma parceira, que recorre ao trabalhador sexual, claro que pretende ter momentos de prazer, e que pode ter, e deve ter, porque mesmo quem tem paraplegia pode ter prazer sexual,"					
--	--	---	--	--	--	--	--

<p>HOMENS REJEITADOS POR OUTRAS MULHERES</p>				<p>“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto, nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>caráter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação.</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo aprazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação."</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>TRABALHADORAS DO SEXO NÃO TÊM PRAZER NA RELAÇÃO SEXUAL</p>				<p>“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha tênue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição.”</p>		
NÃO TÊM O MESMO VALOR QUE AS RESTANTES MULHERES					<p>“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de outra forma, e essas</p>		
NÃO SÃO MULHERES PARA CASAR					<p>pessoas provavelmente têm</p>		

NÃO SÃO MULHERES PARA TER FILHOS					afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a		
NÃO SÃO MULHERES PARA APRESENTAR À FAMÍLIA							
NÃO SÃO MULHERES PARA APRESENTAR AOS AMIGOS							
QUANDO A MASTURBAÇÃO NÃO É SUFICIENTE							
ESCAPE							

<p>MULHERES DE RESPEITO VS. PROSTITUTAS</p>					<p>mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade, que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que</p>		
---	--	--	--	--	--	--	--

					<p>procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, 'mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

PROSTITUIÇÃO ENQUANTO MOTOR ESTIGMATIZANTE					“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>IMPOSSIBILIDADE DE ROMPER COM O ESTIGMA NA PROSTITUIÇÃO</p>					<p>estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituem ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>peço acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>		
<b>MOTIVAÇÕES</b>							
RENDIMENTOS MAIS ALTOS					<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um</p>		
PROCURA POR UMA EXPERIÊNCIA DIFERENTE							
GOSTAR DE SEXO							
FONTE DE RENDIMENTO PARA ALIMENTAR-SE E/OU ALIMENTAR OS FILHOS							
FALTA DE OPORTUNIDADES							

<p>DESEPERO POR JÁ SE ENCONTRAREM NA MISÉRIA</p>					<p>machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>FATORES SOCIOECONÓMICOS E SOCIAIS</p>					<p>“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e</p>		
<p>FALTA DE FORÇA DE TRABALHO</p>							

<p>NÃO CONSEGUEM TRABALHAR NUMA FÁBRICA</p>				<p>infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socio económicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria 'vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços'.</p> <p>Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostitutas, historicamente.</p> <p>Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”		
<b>FATORES NA PROCURA POR PARTE DOS CLIENTES (HOMENS)</b>							
FACILIDADE					“Mas acho que é essa mesma a questão, Carla. Que é, todos nós, nas interações que temos, e nos encontros durante a nossa vida, seja através de que forma for, sejam mais sexuais mais afetivos, seja o que for, há trinta e um mil fatores que fazem com que eu me sinta atraída por ABC e não por DEF, e pode ser, de facto, uma cadeira de rodas, como pode ser só o nariz torto, como pode ser o jeito da		
PODER							
RAPIDEZ NO ACESSO AO SEXO							

AUTOESTIMA					pessoa falar, como até pode, e eu acredito piamente nisto, porque de facto,		
------------	--	--	--	--	---	--	--

PERDA DA VIRGINDADE				<p>nós somos animais, acima de tudo, aquilo que é inconsciente, as feromonas que nós conseguimos sentir inconscientemente, a meu ver, é isso que determina quando tu tens o <i>click</i> ou não tens. Quando tens vontade de estar com aquela pessoa, eu não estou a dizer o <i>click</i> de 'ah, é o amor da minha vida', não! A atratividade, tu sentes se depois pode ser para sexo casual, ou pode ser para uma relação mais a sério, mas há aquele momento em que tu sentes uma primeira atração, e pode ser numa foto, como depois na vida real perdes essa atração, porque afinal na vida real a pessoa até pode ser exatamente igual à foto, mas há ali qualquer coisa na voz, no cheiro, na interação, pá, que não resulta. Ou seja, eu</p>		
---------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>acho que é tão subjetiva essa satisfação, esse encontro de vontades, é tão subjetivo e tão fora do nosso controlo, ainda que achemos muitas vezes que está tão dentro do nosso controlo, que eu não sei se é possível criar medidas, para ajudar pessoas com deficiência, por exemplo, estejam em condições de igualdade, quando todos os outros também não estão, ou seja, não é porque alguém é extremamente bonito, dentro do padrão da sociedade, que tem maior facilidade em ter encontros, porque às vezes, até não é. Eu posso considerar alguém bonito, que tu não consideras bonito. Com quem eu sairia 30 vezes, e com quem tu, nunca na vida ias achar</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>interessante, e de facto eu posso olhar para um rapaz que está numa cadeira de rodas e achá-lo atraente, e ao lado ir uma pessoa sem ser em cadeira de rodas, e eu não achar atraente. Portanto, eu acho que isso é de um carácter tão pessoal e tão subjetivo, que medidas concretas me parecem, até um pouco viciadas, porque de facto, como é que tu até podes criar medidas, mas depois elas conseguirão convencer as outras pessoas de que se têm que sentir atraídas por aquela pessoa? Não, não é? Tu nunca vais poder obrigar ninguém a gostar de outra pessoa, a sentir-se atraído sexualmente por aquela pessoa, e, portanto, a esse nível, a única, e durante muitos, quer dizer, já</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>há muitos séculos, que de facto, a única via que algumas pessoas encontram, o que não quer dizer que seja mesmo, porque, sei lá, não vamos dizer que só os homens feios, que as outras mulheres não querem, é que recorrem à prostituição, por exemplo, porque não é verdade. Há muitos homens que recorrem pela facilidade, pelo poder, porque aquela mulher naquele momento vai representar um controlo da sua satisfação, que numa interação 'não paga' a mulher, se calhar, não vai representar. E porque, se calhar, o sexo com a mulher com quem é casado, ou com a namorada, ou com uma pessoa que conheceu vai demorar, ou não vai ser no momento em que ele quer, a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>pessoa pode ter uma forma de estar que não é compatível com a dele, e numa prostituta isso tudo termina. Numa prostituta, ou num prostituto, a pessoa paga, tem sexo quando quer e há uma interpretação. Aquela mulher vai fingir ter muito prazer com aquele homem, e isto, para autoestima de quem procura também é incrível. Portanto, não só, ou seja, também é óbvio que, por exemplo, aquela coisa de 'ah, tu ainda és virgem, tens que perder a virgindade com uma prostituta primeiro, para aprender', ainda há muito, também esta noção, que se associa, infelizmente, muito à masculinidade e ao papel do homem, porque por norma é ele que é, o principal, é por norma o</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>comprador, digamos assim, e por norma a pessoa prostituída é maioritariamente das vezes uma mulher, e, portanto, medidas concretas de facto, se calhar, passariam sempre por isto, por um negócio, por um contrato, por um momento em que alguém aceita fazer uma coisa com a qual, se calhar, naturalmente não estaria disponível para fazer. Mas eu não sei se isso não cria ainda mais, um estigma maior, que é dizermos que as pessoas com deficiência, para poderem ter sexo apazível, à-vontade, e para satisfazerem essa necessidade têm que recorrer a um profissional. Quando, se calhar, não é bem assim. Se calhar não tem de ser assim. E a verdade é, isso pode satisfazer a</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>necessidade imediata da sexualidade, mas a sexualidade é mais do que o ato sexual e, portanto, toda aquela intimidade que nós criamos com alguém com quem podemos até ter relações sexuais, mas depois, há uma ligação especial entre duas pessoas que têm uma com outra, que não têm com mais ninguém, por mais casual que até possa ser. Mas quando o fazemos por vontade dos dois, nunca se compara a um momento em que se faz, em que se está a comprar o prazer daquela pessoa e o prazer que aquela pessoa nos dá, e, portanto, sendo eu até 'não contra a prostituição' mas desfavorável à ideia da exploração do corpo, enquanto mercadoria, não consigo conceber que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					essa possa ser uma solução igualitária porque estamos na mesma a criar uma discriminação.”		
ILUSÃO DE AFETO					“Claro, mas eu estou a falar de todos nós, ou seja, não só a mulher, pelo contrário, eu até acho que muitos dos homens que recorrem à prostituição procuram até isso. Procuram até muitas vezes, uma ilusão de		
FANTASIAS							
DESEJOS IMPETUOSOS							
SONHO DE AS RETIRAR DA PROSTITUIÇÃO							

PAIXÃO				<p>afeto através do sexo, porque uma prostituta pode ser quem ela quiser. É que paga naquele momento para fazer o que ela quiser, dentro do que o cliente pedir, e, portanto, naquele momento aquela mulher prostituída corresponde a todas as fantasias daquele homem. Muitas vezes as fantasias são de afeto e carinho, ou seja, isto significa o quê? Que nós, já na nossa interação humana precisamos de carinho, precisamos de afeto, também precisamos de sexo, verdade, e o sexo não tem que sempre estar associado à afetividade. Por outro lado, há uma certa afetividade na relação sexual. O contato da pele com a pele, o beijo, há ali um momento em que tu te entregas à outra</p>		
--------	--	--	--	--	--	--

					<p>pessoa, e mesmo que seja uma única vez na tua vida, mesmo que tu não estejas à procura de uma relação com ela, mesmo que seja porque estás só com vontade de fazer sexo naquele momento, a verdade é que a tua intimidade, o momento em que tu estás nu, perante outra pessoa, é um contacto diferente de qualquer outro contacto que tu tens com qualquer outro ser humano. E não acho que para as mulheres seja diferente, do que para os homens, muito sinceramente, e falo como mulher. Acho que é uma ideia de facto muito vendida, esta ideia de que os homens, e até te digo, eu até acho que ela é muitas vezes usada para justificar a procura, por exemplo, de prostituição e a</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>necessidade de tu teres mulheres a venderem o próprio corpo e a própria sexualidade. Que é para satisfazer maioritariamente das vezes os desejos impetuosos e impossíveis de resistir de um homem, como se a sexualidade no homem fosse uma urgência, e a sexualidade na mulher fosse um sonho, uma história romântica, quando não é verdade. Há momentos na sexualidade de cada um que parecem urgências pela vontade física, como também há um grau de afetividade que é comum tanto homens como mulheres, e, portanto, será comum tanto a pessoas com deficiência, como sem, e há muita gente que, de facto, não tem na vida, algumas pessoas, nunca, um</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>contato físico ou afetivo com alguém. Isso é injusto? É! Mas há ferramentas a não ser recorrentes de facto uma mercantilização do corpo? Eu acho que não. E a mercantilização do corpo tenho dois problemas a meu ver, que é do ponto de vista de quem é colocado nessa circunstância, porque para mim, o nosso corpo e a nossa sexualidade não são uma mercadoria, não são trabalho, porque não é possível vender, e, portanto, é sempre uma exploração, e uma violência por mais que nós até gostemos de sexo. Porque, às vezes, também é um bocado este argumento, que eu acho que é diferente, uma coisa é nós sermos livres sexualmente para pinarmos com quem</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>quisermos, quantas vezes quisermos, e fazer o que quisermos. Outra coisa é defendermos enquanto sociedade, que o corpo seja vendável, e com isso eu não posso estar em mais desacordo. Portanto, estando em desacordo com este, e depois, também acho que para quem recorre, imaginemos alguém com deficiência, de facto, também é um sistema artificial, porque aquela outra pessoa está a ser paga para ter sexo. Não está ali porque quer. Está ali porque está a ser pago ou paga para isso, e quando há esse fator envolvido, quer queiramos, quer não, temos de nos questionar sobre a vontade efetiva, ou seja, até lhe podemos questionar, eu não estou a dizer que a</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>resposta vai ser sempre não, atenção, porque acredito que haja muitas pessoas prostituídas que já tiveram relações sexuais com clientes, em que até sentiram prazer, e até gostaram de estar, não estou a dizer que não. Mas não é esse o papel delas e deles. E, portanto, quantas vezes encontraríamos alguém que responderia, 'se não fosse por estar a ser pago, estaria a fazer sexo com esta pessoa? Teria vontade?' quantas vezes é que as pessoas responderiam que sim? E isso também cria aqui, a meu ver, algumas questões difíceis de resolver do ponto de vista do consentimento por um lado, e do ponto de vista de uma real satisfação, que embora, eu saiba que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p> muitas, mas falo até, e sem problema nenhum, em falar até pessoalmente. Eu já estive com pessoas, que procurei pura e simplesmente por sexo, mas a verdade, é que há ali um contato físico que de alguma maneira, eu percebi que era o que realmente me fazia também falta, ou seja, satisfeita a necessidade sexual. Feito, tranquilo, está fechado, aquela pessoa é uma pessoa, não deixa de ser uma pessoa, e a ligação que crias com aquela pessoa, há sempre, pode ser só aquilo, mas existe. E, portanto, saber que aquela pessoa não quer estar ali, eu acho que é também isso, acaba por ser, acaba por ser discriminatório. E se quisermos encontrar soluções para um grupo de pessoas</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>específico, e entendermos nós, que de outra forma aquelas pessoas não teriam satisfeito o seu direito, ao prazer sexual, e nós estamos a dar-lhes só isso, se calhar estamos a descurar as outras facetas da satisfação sexual. Que são também satisfações de autoestima, de validação, de companhia, e, portanto, eu acho que quanto mais artificial isso for, mais difícil é, e sim, se calhar, lá está, por esta experiência também. Eu acho que por mais instrumental que um corpo e uma relação sexual possa ser, há sempre algo de humano, e há sempre uma conexão privada e íntima que se faz. Eu acho que essa linha ténue, que às vezes, é difícil de perceber, é uma coisa que não se</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					substitui. E até acho que mesmo quem recorre à prostituição tem-na, quantas vezes não sabemos de pessoas que até se apaixonam pela pessoa a quem recorrem. A prostituta com quem gostam de ter sexo, até se apaixonam por ela e até alimentam o sonho de as tirar da prostituição”		
FANTASIAS QUE NÃO TÊM CORAGEM DE FAZER COM UMA COMPANHEIRA					“Aí, poderá não haver procura de afeto, mas provavelmente essas pessoas já o têm de		

<p style="text-align: center;">SUBMISSÃO DA MULHER</p>				<p>outra forma, e essas pessoas provavelmente têm afeto na sua vida pessoal, e não são capazes de pedir às pessoas que lhes dão afeto de exercerem este papel de submissão. Muitas das vezes remetem apenas para a prostituta, quase como se o valor da mulher prostituta, como é vendido, ele não existe por si só. Aquela mulher não vale o mesmo que a mulher que tem em casa. E isto, também traz outra questão a meu ver, que é: do ponto de vista do valor da mulher, no fundo nós dizemos que elas são mais empoderadas, também através da prostituição, mas depois vamos voltá-las a colocar num papel social, precisamente através da sua sexualidade,</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>que é dizer que uma mulher prostituta não é mulher para casar, não é uma mulher para se ter filhos, não é uma mulher para apresentar à família, aos amigos, é a mulher a quem se recorre ou quando não temos hipótese de estar, ou porque estamos sozinhos e não sabemos estar sozinhos, e a masturbação não chega, ou o que for, ou então são aquelas mulheres que procuramos, para fazer as coisas que não temos a capacidade de exprimir com as mulheres a quem temos esse tipo de respeito. E depois, isso também cria aqui uma imagem de, 'mas porque é que uma mulher que está à-vontade, até para ser dominada, porque há pessoas que de facto gostam dessa</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					dominação e dessa subjugação, ou porque é uma mulher que leva uma palmada no rabo, e que até gosta de levar uma palmada bem no rabo durante a relação sexual, porque é que ela tem que ser porca. Porque é que ela tem que ser menos respeitável do que a mulher com quem vamos ter filhos? E só isso.”		
<b>IMPACTOS DA PROSTITUIÇÃO NA MULHER PROSTITUÍDA</b>							
PSICOLOGICAMENTE A LONGO PRAZO					“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o		
AUTOESTIMA							
VIVÊNCIAS							

<p>RELAÇÕES FAMILIARES</p>				<p>lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho</p>		
----------------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas.</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que,</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



TRANSTORNOS PSICOLÓGICOS					“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro		
CADA CLIENTE LEVA COM ELE, UM PEDAÇO DA SUA DIGNIDADE							
ESTUDOS SOCIOLÓGICOS DA RELAÇÃO ENTRE O USO DE ESTUPEFACIENTES E A PROSTITUIÇÃO <sup>257</sup>							

<p>UTILIZAÇÃO DE DROGAS PARA FORNECER SERVIÇOS SEXUAIS DE FORMA ALIENADA</p>					<p>porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem específico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>             muito grande entre              isso. A ideia de que              alguém tem o direito              de controlar o nosso              corpo, para além de              nós próprios, nas              decisões que              tomamos a cada dia,              e que podem variar, e              podem ser              absolutamente              diferentes do dia              anterior. Uma pessoa              prostituída não tem              essa variação, não              tem essa escolha,              uma pessoa              prostituída não pode              ao sábado e ao              domingo não querer,              e depois à segunda              até já quer, já não se              importa.”           </p>		
<b>CRIMES RESULTANTES DA PROSTITUIÇÃO</b>							
<p>             TRÁFICO DE SERES              HUMANOS PARA FINS              DE EXPLORAÇÃO              SEXUAL           </p>					<p>             “Pois, só é que eu              acho que a própria              prostituição, ao invés              de combater esse           </p>		

<p>VIOLAÇÃO DE DIREITOS</p>				<p>estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de</p>		
-----------------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituem ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>desta concepção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					peçoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>PROSTITUIÇÃO ENQUANTO VIOLAÇÃO FÍSICA E EMOCIONAL</p>				<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p> <p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>acho que ela precisamente até por esse caráter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>	
--	--	--	--	--	---	--

<p>ANALOGIA AO TRÁFICO DE ÓRGÃOS</p>					<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem</p>		
--------------------------------------	--	--	--	--	---	--	--

					<p>manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem especifico com quem estiveste, passa a ser</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
<b>SAÍDA DA PROSTITUIÇÃO</b>							
ASSOCIAÇÕES QUE AJUDAM TRABALHADORAS DO SEXO A SAÍREM DA PROSTITUIÇÃO					“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a		
RESILIÊNCIA NA PROCURA DE OUTRO EMPREGO							

<p>TRABALHO PSICOLÓGICO</p>				<p>prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria, o alargamento do conceito de prostituição, o afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência</p>		
---------------------------------	--	--	--	---	--	--

					<p>contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>muitas vítimas que também se habitua ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”		
--	--	--	--	--	--	--	--



<p>POSICIONAMENTO</p>				<p>“Na verdade, não tenho, porque a meu ver o caminho devia ser abandonar a prostituição, não consigo conceber soluções que aproximem clientes da prostituição, não faz sentido, para mim. Embora compreenda o drama que pode ser para algumas pessoas com deficiência até acamadas, por exemplo, e institucionalizadas em terem acesso ao sexo e à sexualidade, a verdade é que, quer dizer eu vou voltar um bocado à resposta que dei antes. Não serão os únicos, quer dizer há tantos fatores de obstáculo à satisfação dos nossos desejos sexuais, e eu acho que enquanto seres humanos e vivendo em sociedade, como vivemos, nem sempre os nossos desejos e</p>		
-----------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>vontades são satisfeitos no momento e na forma que nós gostávamos. E, portanto, nas relações sexuais e na sexualidade, isso é evidente. Ou seja, não é só porque eu tenho muita vontade, se eu naquele momento não encontrar um parceiro vou ficar a chuchar no dedo. Portanto, quem é que me dá a mim, o direito de obrigar alguém? É a mesma coisa que dizer, eu sei que é uma comparação estúpida, porque a violação também é muito por questões de poder e afirmação, e é muitas vezes feita até pelos próprios maridos, namorados, companheiros, pessoas conhecidas, e não desconhecidos na rua, mas quer dizer, é porque a outra pessoa seja homem, seja mulher, tem muita vontade,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>que a pessoa tem que estar disponível? Não! E, portanto, quem não tem uma relação e tem muita vontade, também está sujeito a essa falta de oportunidade.</p> <p>Estamos todos sujeitos. É como termos um namorado ou marido que naquele dia não quer fazer sexo connosco e nós queríamos muito, e por isso que temos o direito de violar? Como acontece muitas vezes, principalmente, de maridos para mulheres? Não! Nada dá esse direito, ou seja, eu julgo que, às vezes, a nossa liberdade individual, as nossas aspirações, as nossas vontades e o nosso desejo, não têm necessariamente que se sobrepor à convivência com os outros, e à vontade dos outros. E, portanto, claro que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>nas pessoas com deficiência podemos dizer: 'bem, é uma questão diferente porque essas pessoas, se calhar, vão ter menos oportunidade, de criar essas oportunidades, é verdade, e assim vivem mais vezes sem sexo do que com, provavelmente é verdade. É óbvio que também acho pessoalmente, que é injusto, mas não acho que se resolva por esta via sinceramente, acho que, como dizia, criando uma maior forma de convívio com as outras pessoas, alguma 'visibilização' de como estas pessoas são, independentemente, e para lá da sua deficiência, acho que pode ajudar a retirar o estigma que vive sobre elas, e daí aumentar ou diminuir,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>o fosso de oportunidades. Agora eu também não considero que as pessoas que não têm deficiência tenham assim a vida tão facilitada quanto isso, porque mesmo a aplicação de encontros quer dizer, não funcionam como a prostituição, não é dizer: 'olha é a esta hora no sítio e corre tudo', não! Às vezes, não corre, às vezes, não acontece. A outra pessoa não está para aí virada, ou até não te responde naquele momento, responde 4 horas depois, e tu 'olha já nem queres', não é? Portanto, de facto, a única ferramenta que garante satisfação sexual imediata, à medida, é a prostituição, mas eu, como não concordo que a prostituição seja um serviço ou um trabalho, como eu</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>acho que ela precisamente até por esse caráter também de obrigatoriedade, é uma violência para quem a exerce, não acho que seja essa a via por mais bondade que tenhamos em querer ajudar e satisfazer as necessidades sexuais de quem está acamado, de quem não pode ir à procura, de quem não tem acesso, de quem de facto, não pode andar aí pela rua à procura de, seja quem for, por maior bondade que seja resolver isso, não me parece que esta seja de todo a via. Porque é abrir ainda mais precedentes à ideia de que o corpo é capaz de ser mercantilizado e tem que estar à disposição como uma <i>'vending machine'</i> onde tu pões 2€, e tiras um <i>croissant</i>, não é! Não pode ser."</p>	
--	--	--	--	--	---	--

FAZÊ-LO NUM CURTO ESPAÇO DE TEMPO					<p>“Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de levarmos ao limite esta ideia de quem</p>		
--------------------------------------	--	--	--	--	---	--	--

					<p>manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem qualquer consequência para ti,</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa sexualidade' e portanto, há gente</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou porque comeste muito hoje, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazeres coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem especifico com quem estiveste, passa a ser</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e eu poder decidir a cada momento, mais</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da prostituição, ou pelo menos, a não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de nós próprios, nas decisões que</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
<b>PROSTITUIÇÃO, UMA HISTÓRIA ANTIGA</b>							
PROCURA					“Tanto combatemos por um lado a objetificação do corpo da mulher, e a sexualização do corpo da mulher, que tantas vezes é usada contra ela, e depois vamos		
HISTORICAMENTE							
RECURSO PARA A OPRESSÃO DA MULHER							



<p>UTILIDADE DA MULHER: SEXO OU PROcriação</p>				<p>dizer às mulheres que uma forma de empoderamento é precisamente sexualizarem e objectificarem, ainda mais o corpo, mercantilizando, trocando por lucro, por um salário? Não acho. Acho que as pessoas têm que ter dignidade na vida e no trabalho. Tanto as mulheres, como os homens, merecem receber salários que sejam dignos para a vida que têm, e infelizmente em Portugal isso não é uma realidade, num sistema capitalista, isso nunca será uma realidade, e, portanto, eu também acho que é isso, são no geral, socialmente. Ou seja, tirando de facto os casos de pessoas, por exemplo, que pura e simplesmente querem ter um nível de vida acima e querem aproveitar e</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>sabem que não vão conseguir isso dessa forma, porque querem ter o carro topo de gama, e a mala da <i>Louis Vuitton</i>, também há esses casos, a chamada até, prostituição de luxo, pronto. Mas socialmente para o grosso da questão, são os fatores socioeconómicos e sociais que empurram as pessoas para a necessidade de vender aquilo, ou seja, que já não têm mesmo mais nada, já não há força de trabalho possível para vender, porque já nem numa fábrica conseguem trabalhar, e isso é uma deficiência social e política, portanto, deve ser a esse nível que é tratada, e não ao nível do, dentro da miséria 'vou-me safar como eu puder, e como eu sou mulher, ou como eu sou um</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>homem que até não se importa e até gosta de sexo anal, então vou vender os meus serviços'.</p> <p>Infelizmente, isso sempre foi socialmente algo a que as mulheres e alguns homens, mas especialmente as mulheres, tiveram que recorrer, também porque antigamente não se aceitava que um homem pudesse ter sexo com outro homem, por exemplo. As mulheres eram o foco da atenção do sexo masculino, e, portanto, tinham que ser elas as prostituídas, historicamente.</p> <p>Porque o sexo procurava-se, eram os homens que procuravam, não eram as mulheres para o sexo. Homens casados, solteiros, padres, tudo, ia-se à vila e era o bordel da vila, ou da aldeia, ou</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					da cidade, e era lá que estavam as prostitutas. E quem eram as prostitutas? Eram as miseráveis, eram as órfãs, eram as mulheres que tiveram abortos, eram as mulheres que ninguém queria, que foram relegadas pela família as pobres. A verdade é essa, historicamente a prostituição foi um recurso que se encontrou, também da opressão da mulher, de objetificação do seu corpo, e de um papel social instituído, de que as mulheres servem para 2 coisas, para procriar ou para foder. E é basicamente isto.”		
<b>MEDIDAS A IMPLEMENTAR</b>							
ENVOLVÊNCIA DOS TRABALHADORES SEXUAIS							“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a

<p>ANALISE DO CONTEXTO PORTUGUÊS</p>							<p>questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>             pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios."           </p>
<b>REALIDADE EM PORTUGAL</b>							

<p>CARÁTER PENALIZADOR</p>						<p>“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias,</p>
--------------------------------	--	--	--	--	--	--



							<p>ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>             pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios."           </p>
--	--	--	--	--	--	--	---

<p style="text-align: center;">ESTIGMA E DISCRIMINAÇÃO</p>		<p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de</p>					<p>“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

		<p>saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutos e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>					<p>formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e</p>
--	--	---	--	--	--	--	---

							<p>tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa, também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

PROSTITUIÇÃO COAGIDA			"Porque há muitas pessoas com problemas de cognição que são prostituídas sem saber que o estão a ser. Portanto, primeiro, se calhar era eles conhecerem o seu corpo e não terem vergonha de o conhecer, e a partir daí fazê-lo com pessoas de confiança"				
-------------------------	--	--	--	--	--	--	--

<p>PRECARIEDADE NO ACESSO A CUIDADOS DE SAÚDE</p>		<p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de</p>					
---	--	--	--	--	--	--	--

		<p>saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutos e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--



<p>IMPORTÂNCIA</p>		<p>“Porque há muitas pessoas com problemas de cognição que são prostituídas sem saber que o estão a ser. Portanto, primeiro, se calhar era eles conhecerem o seu corpo e não terem vergonha de o conhecer, e a partir daí fazê-lo com pessoas de confiança”</p> <p>—</p> <p>“acho que se devia de tratar com maior seriedade, quer o assunto da deficiência, como a prostituição”</p>				
--------------------	--	---	--	--	--	--

QUESTÕES SANITÁRIAS					<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusive países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser virgens até o</p>		
APOIO AOS PROBLEMAS SANITÁRIOS							
NECESSIDADE DE REFORÇO E SENSIBILIZAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DO SNS							

SNS UNIVERSAL					casamento. Ou seja,		
NECESSIDADE DE REFORÇO DAS ESTRUTURAS DE APOIO PSICOLÓGICO E PSIQUIÁTRICO					há experiências em alguns países, onde a própria,		
NECESSIDADE DE APOIO AO ARRENDAMENTO					o alargamento do conceito de prostituição,		
PROSTITUIÇÃO E A EXCLUSÃO SOCIAL					afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma		

<p>NECESSIDADE DE APOSTA EM PROGRAMAS DE SAÍDA DA PROSTITUIÇÃO</p>				<p>atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar</p>		
--	--	--	--	---	--	--

					<p>psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição, do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há muitas vítimas que também se habituam ao seu agressor. E</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a prostituição. A verdade é que por norma são pessoas</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>tão legal, a polícia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					momento em que idealizava.”		
<b>REALIDADE EM OUTROS PAÍSES</b>							
AUMENTO DE COMPORTAMENTOS MACHISTAS E SEPARAÇÃO NA SOCIEDADE					<p>“Pois, só é que eu acho que a própria prostituição, ao invés de combater esse estigma, eu acho que o cria em alguns momentos e agrava, e há inclusivamente países onde a prostituição foi legalizada ou melhor, não é a prostituição, porque a prostituição não é ilegal, o lenocínio foi legalizado, e onde se criou de novo, um machismo e uma separação onde já não havia. E onde as famílias passaram a levar, como era legal, podem ir a qualquer casa, passa a ser uma coisa estatal, as famílias passam levar os miúdos</p>		
LEGALIZAÇÃO DO LENOCÍNIO							
DESPENALIZAÇÃO E LEGALIZAÇÃO DO LENOCÍNIO NA ALEMANHA							
ESTADO ENQUANTO PROXENETA							
LENOCÍNIO ENQUANTO AGRAVANTE DOS PROBLEMAS JÁ EXISTENTES – RELATÓRIOS POLICIAIS							

VONTADE PRÓPRIA VS. TRAFICADA					adolescentes às putas. Mas depois não podem namorar com elas, e as outras raparigas têm que ser		
MIÚDOS SÃO LEVADOS ÀS PROSTITUTAS, MAS SEM QUALQUER ENVOLVIMENTO AFETIVO OU COMPROMISSO SÉRIO					virgens até o casamento. Ou seja, há experiências em alguns países, onde a própria,		
MULHERES VIRGENS ATÉ AO CASAMENTO					alargamento do conceito de prostituição,		
FRACO INVESTIMENTO EM PROGRAMAS DE APOIO À SAÍDA DA PROSTITUIÇÃO					afastamento do conceito de prostituição, enquanto violência		

<p>DIFICULDADE EM SAIR DA PROSTITUIÇÃO POR FALTA DE APOIO</p>				<p>contra as pessoas prostituídas e a aproximação de uma atividade liberal e quase de trabalho como outro qualquer, acabou por agravar estes estigmas, precisamente. Ou seja, eu entendo que, o ter de recorrer a uma situação como a prostituição, é na maior parte dos casos por desespero e por falta de outras oportunidades. É certo que há muitas mulheres que acabam por vir a fazer muito mais dinheiro enquanto prostitutas, do que fariam por mês, numa outra profissão. Também é certo que muitas mulheres que recorrem às associações que as ajudam a sair desta vida, e que de facto, têm muitos problemas em manter outros empregos ainda assim</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>combatem e preferem procurar outros empregos, e trabalhar psicologicamente essa sua parte, para não terem que voltar à prostituição. Ou seja, eu acho que por mais que queiramos também, hoje, romantizar a prostituição, ela não deixa de ser uma violência contra as mulheres em especial, porque elas são na maior parte das vezes, mulheres e raparigas, e é um sistema com o qual muita gente lucra, é um negócio mundialmente incrível, mas não necessariamente a pessoa prostituída. Ela está muitas das vezes ao serviço, e à mercê de interesses que não são os seus, e psicologicamente por norma é devastador quando passam de 5, 10, 20 anos de prostituição,</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>do ponto de vista da forma como se veem, como vivem, das suas expectativas, das suas relações familiares, o que não quer dizer que não haja de fato casos de pessoas que até o fazem como segunda profissão, mas quantas? Quantas mulheres é que estão em condições de escolher os seus clientes? De escolher o preço que fazem e até ficarem com o valor para si só? De pagarem uma casa específica para fazerem, que não a sua casa. Eu julgo que isso é tão minoritário perante um cenário onde se inclui muitas das vezes tráfico de seres humanos para exploração sexual, onde se inclui uma violação constante de direitos onde as mulheres não se veem de facto, valorizadas, porque quer dizer, por mais</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>que gostemos de sexo, ter relações sexuais num dia, em 24 horas, com mais de 100 pessoas diferentes, que nós não escolhemos, ou seja, lá está, em que nós não tivemos aquele momento em que sentimos atração, não! Foi alguém que nos entrou pela porta, pagou, e nós temos que estar ali. Eu não consigo olhar de outra forma que não como uma violação dos direitos destas pessoas, e como uma violência muito grande. E como em todas as vítimas, há muitas das vezes processos psicológicos que as amarram a uma determinada vida, em que depois é difícil, de facto, imaginarem-se, numa vida, que não aquela, o que não quer dizer que estas pessoas não sejam vítimas, porque há</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>muitas vítimas que também se habitua ao seu agressor. E não quer dizer que não sejam vítimas. São vítimas! Às vezes, pode haver momentos em que de facto o sofrimento até pode ser menor para aquela pessoa mantendo-se naquela constância, do que não, se calhar, vai ser mais difícil combater todas as suas memórias e tudo mais, mas eu acho que não é o estigma que se vai conseguir combater, para se conseguir encarar a prostituição como uma coisa normal. Eu acho que a prostituição contribui para esse estigma, infelizmente, e acho que, independentemente desta conceção que hoje temos, da liberdade sexual, das pessoas que escolhem a</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					<p>prostituição. A verdade é que por norma são pessoas que escolhem durante poucos anos da sua vida, têm o seu emprego garantido, têm os seus meios garantidos, fazem-no porque gostam de sexo, e se calhar, por uma experiência diferente, mas depois podem voltar a uma vida estruturada. A grande parte das pessoas prostituídas, aquela é a vida delas, é a única forma de terem dinheiro para alimentar os filhos, ou a si próprias. Quantas mulheres não são prostitutas de rua, nas piores condições. E a legalização do lenocínio não resolve estas condições de vida, muitas das mulheres na Alemanha que passaram a ter o Estado como proxeneta, não tinham na mesma</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>dinheiro para pagar as casas e as rendas ao estado, tinham que trabalhar o dobro ou o triplo, para atender o dobro ou o triplo de clientes para poder pagar a renda da casa que o Estado arrendou, para elas se poderem prostituir, com risco de ir outra vez, se calhar, à rua. Ou seja, eu acho que nós criámos nestas discussões da legalização do lenocínio, uma ideia muito cor-de-rosa dos problemas que a legalização do lenocínio resolve. Quando na verdade ele agrava e não resolve, ou seja, é mais difícil, hoje, em países como a Alemanha, ou países como a Holanda, e os próprios relatórios policiais o dizem. É mais difícil hoje, chegar a um sítio legalizado e distinguir as mulheres que</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>estão ali por vontade própria ou as que não estão, porque é tudo tão legal, a policia entra ali com facilidade, mostram-se os documentos, e quem é a vítima que vai levantar a voz e dizer 'atenção, que eu fui traficada'? É muito difícil distinguir. Hoje, também é, atenção! Mas os problemas sanitários, de apoio, têm que ser resolvidos, mas eu julgo que devem ser resolvidos por meio de reforço e sensibilização dos profissionais do serviço nacional de saúde, que, por exemplo, em Portugal têm a vantagem de ser universal, não podem ser negados a ninguém, reforço das estruturas de apoio psicológico, psiquiátrico, de apoio ao arrendamento, de tudo o mais, que tem de haver, para</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>qualquer pessoa que vive em exclusão social, e uma forte aposta em programas de saída. Que é o que, depois nos países onde o lenocínio foi legalizado deixou de haver. Isto é um problema! Porque grande parte das pessoas, são vítimas e querem sair, e não conseguem. Não tendo alternativa, estarmos a legalizar um modelo de negócio baseado no corpo e no sexo, acho que abre mais precedentes negativos, enquanto sociedade, do que os positivos que podem eventualmente trazer, a um outro caso pessoal, independentemente, ou seja, não querendo desvalorizar esse caso pessoal acho que o risco enquanto sociedade, sobrepõe-se ao risco enquanto indivíduo que até não</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					vê a sua sexualidade respondida da forma que idealizava no momento em que idealizava.”		
<b>VENDA DO CORPO E A PROPRIEDADE SOBRE O MESMO</b>							
<i>SELF-OWNERSHIP</i> <sup>238</sup>					“E é, e o teu corpo é teu, de facto”		

---

<sup>238</sup> Entende-se, segundo o Dicionário Infopédia (Disponível Online, 2022), que o termo *ownership* consiste em propriedade; posse; direito de propriedade; domínio. E tendo em conta que *self* diz respeito à individualidade, ao ‘eu’, nada mais é do que propriedade sobre si, *self-ownership*. Esta conceção refere-se à propriedade privada que cada indivíduo tem sobre si mesmo. Ou seja, isto concebe o direito de utilizar o seu corpo como quiser, desde que isso não vá interferir com o controlo que o outro tem sobre ele. A questão da propriedade sobre si, mais particularmente sobre o próprio corpo é um tema vastamente explorado. Se por um lado, do ponto de vista político e teórico, alguns autores defendem a tese de que a propriedade sobre o próprio corpo lhes confere o direito a fazerem o que quiserem com o mesmo, defendendo a prostituição como uma forma de liberdade individual e autodeterminação, do outro lado, outros acreditam que existem limites nesta liberdade. Principalmente quando se trata da mercantilização do corpo, ou seja, de obter lucro financeiro com a utilização do mesmo (Ribeiro & Silva, 2019).



PROPRIEDADE SOBRE A PESSOA						
-------------------------------	--	--	--	--	--	--

“E é, e o teu corpo é teu, de facto”; “Mas naquele momento há, há uma propriedade, e uma ideia de domínio da intimidade da outra pessoa, ou seja, mais do que o corpo também, é de facto, com certeza tu não vendes o braço. Não deixas de o ter, ainda que, muita gente faz a comparação com o tráfico de órgãos e eu acho um bocado absurda, mas por outro lado, do ponto de vista limite, dos defensores de que ‘o corpo é meu, eu faço com ele o que eu quiser’, então também teriam que defender o comércio de órgãos, porque se eu tenho 2 rins, se eu quero dispensar um, para ganhar dinheiro porque não? O corpo é meu, não é? Ou seja, é um bocado absurdo, mas do ponto de vista de

					<p>levamos ao limite esta ideia de quem manda no nosso corpo, e o que é que podemos fazer com ele, então teríamos que pôr no mesmo patamar a prostituição e a venda de órgãos, sendo que é também, um negócio altamente lucrativo a nível mundial, altamente ilegalizado e que assim deve estar, mas sobre isso que estás a dizer, é porque eu acho mesmo, acredito mesmo, e também pelos relatos que depois fui acompanhando, de pessoas que já estiveram prostituídas, a cada momento em que se vende o corpo, vendes um pedaço da tua dignidade, ou seja, psicologicamente, na prática, de facto, acaba aquela relação, tu voltas a ti, mas a que ideia de ti, é que</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>tu voltas, de cada vez? Percebes? Depois de 5, de 10 anos, de uma vida toda de prostituição, quem é que tu és, ao nível da tua autoestima, da forma como tu olhas para ti, como olhas para a tua vida, para as tuas opções, para as pessoas que te rodeiam, para as relações que tu queres estabelecer, como é que tu te vês, e como é que te sentes? E, por norma, os relatos são sempre de muitos transtornos, tanto que existe, e existem, estudos sociológicos feitos da relação, por exemplo, do uso e abuso de drogas, de estupefacientes, e da prostituição. Porquê? Não é? Porque é que, se afinal, é tão fácil para ti, desapegares-te do teu corpo, da tua sexualidade, da tua intimidade, se é assim tão fácil, e não tem</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>qualquer consequência para ti, porque não ligas nenhuma, porque tu não queres saber. Então, porque é que depois também precisas de mandar coca antes? E, porque, é que precisas de te alienar, dos seus sentimentos, e do teu corpo, para poderes praticar precisamente aquilo, que supostamente não rouba nada? Se calhar, rouba, pode não ser imediato, em alguns casos, pode haver, de facto, os casos das pessoas que o fazem, durante curtos espaços de tempo, e que depois voltam à sua vida, e no fundo, é como se tivessem tido outros parceiros sexuais variados, pronto, porque lá está, eu percebo, esta ideia do 'nós não temos todos, a mesma conceção sobre o sexo e a nossa</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>sexualidade' e portanto, há gente que só tem um parceiro sexual a vida toda, como há pessoas que têm facilidade em ter vários parceiros diferentes, e sentem-se bem com isso, e tudo bem, mas lá está, eu acho que isso se prende com a liberdade que nós temos sexualmente. Mas é uma liberdade nossa, de respeito sempre perante os outros, e de uma escolha. E a prostituição nem sempre dá escolha, porque, imagina, tu podes ser uma pessoa sexualmente ativa e tens vários parceiros, mas pode haver dias em que não te apetece, ou porque estás com a menstruação e é incômodo para ti, pode não ser, mas pode ser, ou porque estás inchada, ou</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>porque comeste muito hoje, ou bebeste, e não queres. Mas se tu tens um compromisso, vamos chamar de laboral seja o que for, tu vais ter que ter, vais ter que arranjar forma, e isso tem que mexer contigo. Fazer coisas que não são, o tu queres fazer, no fundo é como se tu estivesses a ser, a cada momento um bocadinho violada. Embora seja diferente, porque tu ali estás a consentir de alguma maneira, aquela relação, a verdade é que tu também não a procuraste e não a quiseste mesmo, ou na maior parte das vezes não querias. Por isso, eu acho que tu deixas sim, de ser dono do teu corpo, deixas de senti-lo como teu, passa a ser não daquele homem</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>especifico com quem estiveste, passa a ser do mundo, passa a ser uma segunda coisa, uma segunda casa tua, não sentes que o teu corpo te protege, não sentes que o teu corpo 'só é visto e só é tocado por quem tu decides', não! É por quem tu decidiste, ou a vida decidiu por ti, ou seja, eu acho que por mais à vontade, e por mais insegurança que uma mulher esteja a fazê-lo, em determinado momento isso vai mexer com aquilo que é humano. Ou seja, voltando à questão animal, há espécies de animais que acasalam para a vida com a mesma, e há espécies que é com todos, ou seja, quem somos nós também para dizer que isso não importa, não é? Que não importa o vínculo que nós criamos connosco, e</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					<p>eu poder decidir a cada momento, mais ou menos, que há mais gente ou menos, que toca no nosso corpo, que o vê, que tem uma relação qualquer com ele, mais íntima, e depois a relação, como sabemos, a relação do nosso corpo, com a nossa cabeça, é enorme. Quer dizer, tantos traumas até alimentares e tudo, porque não reconhecemos no nosso corpo, o tamanho, a forma, a celulite, a boca, os olhos, imagina o que é tu viveres com um corpo que tu não controlaste em tantos momentos, uma coisa que é de facto muito, muito pessoal, e por mais à vontade que estejas com a tua sexualidade, muitas das vezes nós, tanto os abolicionistas, como nós que defendemos o fim da</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>prostituição, ou pelo menos, a não legalização do lenocínio, somos acusadas de puritanismo, de sermos puritanas, como se só houvesse estas 2 hipóteses. Como se, ser livre sexualmente, tivesse de significar obrigatoriamente, concordar com a mercantilização da sexualidade, e para mim há todo um grau de cinzentos, entre estes 2 momentos. Entre quem é de facto puritano, e não concebe que o sexo possa ser com mais do que as pessoas com quem se casa, e pronto, é uma conceção, também tão válida quanto outra qualquer, mas há uma diferença muito grande entre isso. A ideia de que alguém tem o direito de controlar o nosso corpo, para além de</p>	
--	--	--	--	--	---	--

					nós próprios, nas decisões que tomamos a cada dia, e que podem variar, e podem ser absolutamente diferentes do dia anterior. Uma pessoa prostituída não tem essa variação, não tem essa escolha, uma pessoa prostituída não pode ao sábado e ao domingo não querer, e depois à segunda até já quer, já não se importa.”		
<b>ASSISTÊNCIA SEXUAL</b>							
<b>DESCONHECIMENTO/ CONHECIMENTO</b>							
DESCONHECIMENTO	“não. pessoalmente, nunca ouvi.”	Eu	“estou ignorante no assunto Carla, mas isso parece-me bem, parece-me uma coisa	“já somos 3, o que é?”	-	“Não. O que é?” “Sim, sim, desconhecia. Como é que se chama mesmo?”	

		formal, assim bem xpto. Ora diz lá.”				“Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais.”	
--	--	--------------------------------------	--	--	--	---	--

<p>CONHECIMENTO</p>				<p>“Considere que, como pesquisadora e investigadora, trabalhando nos temas que se prendem com a sexualidade, portanto, quer dizer, faz parte das questões que tanto enquanto pesquisadora, quanto ativista me interessam. Agora não sei exatamente o momento em que me cruzei com a assistência sexual, o que posso dizer é que claramente, em Portugal, ainda não se fala muito, acaba por nem ser assunto, que bom que esteja a trabalhar nisso”</p>	<p>“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”</p>	<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade</p>
---------------------	--	--	--	---	---	---

							<p>funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>“Eu já ouvi falar, precisamente pela Ana Pinho, e todo o trabalho que tem a ver com as questões de Espanha e dessa área, sim. Por isso é que a minha informação, o meu tipo de resposta é muito mais informado, mas tem a ver com as questões teóricas não tão práticas.”</p>
<b>LEGISLAÇÃO OU ENQUADRAMENTO LEGAL</b>							

<p>ESTATUTO DE ASSISTENTE SEXUAL</p>	<p>“Pois, pois, exatamente ainda temos uma caminhada para fazer aí. Mas eu acho que sim, eu acho que sim.”</p>	<p>-</p>	<p>“Estávamos a dar a definição de assistente sexual e nem sabíamos. Estamos muito à frente”</p>	<p>“Sim, com o título que referi anteriormente, sem dúvida. Há mais possibilidade de serviços «compromissores» com o atual quadro legal, que permite e prevê essa figura. Isso não quer dizer que seja tudo fácil, que seja fácil para fazer, mas sem dúvida ter um quadro legal que prevê a figura do ou da assistente sexual, pode facilitar políticas, ações de formação, etc. E até contribuir para um câmbio fundamental na mentalidade e na forma de pensar no assunto.”</p>		<p>“Tem a ver, precisamente, com a questão anterior, que é, de facto é importante ter formação sobre domínios, mas é formação quando também nós temos, por exemplo, uma profissão e nós temos especialidades e certos domínios. Obviamente que a questão do trabalho sexual não é igual, em relação a outros tipos de trabalho, no que toca muita vez à questão da discriminação e à questão do estigma, então é</p>
--------------------------------------	--	----------	--	--	--	--



<p>CONCORDÂNCIA</p>	<p>“a gente só não tem os meios, vontade e saberes, a gente tem, mas eu acho que sim, e possivelmente cada vez mais vamos caminhar para este sentido, porque a nossa sociedade está a ser cada vez mais avassaladora em termos de pessoas com problemas mentais, com doenças mentais, e eu juro que o futuro vai passar por aí, portanto, isto, seria uma pessoa, com as suas técnicas todas, não é? Como eu costumo dizer na linguagem corrente ‘com os seus truques todos’, a ajudar outras como tamanha necessidade”</p>			<p>“É uma questão de prever. É uma profissão, que deve ser, ou pelo menos, que deveria ser prevista em relação ao quadro ao qual deveria existir uma formação, eventualmente, formação através das múltiplas possibilidades que existem atualmente, e claro, para favorecer isso, deveria existir, em termos de marco jurídico que permita uma essa possibilidade. Portanto, sim, a passar por ter condições jurídico-políticas para que exista uma figura de assistência sexual, é fundamental.”</p>		<p>“Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais.”</p>	<p>importante também ter noção da especificidade desse domínio, para depois pensar todas estas intervenções. Agora, obviamente, é importante ter formação sobre este domínio, mas é importante, por exemplo, se calhar, criar um estatuto de assistente sexual, de alguma maneira que seja possível em Portugal, mas eu estou a falar sobre tudo isto teoricamente, porque eu não tenho conhecimento na prática dessas áreas, então diria que pode ser uma possibilidade, mas mais uma vez, a importância que eu</p>
						<p>“sim, claro!”</p>	

	<p>“tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir,</p>						<p>coloco é, atuar perto das pessoas, pudermos problematizar, para que elas de alguma maneira saibam, ou se posicionem relativamente à questão da assistência sexual, e o que é que é importante fazer, e tipo de formação. Pensar também as questões da sexualidade, amplas de uma maneira muito diversa, por exemplo, uma pessoa com diversidade sexual motora, que tenha, por exemplo, as questões do prazer sendo tetraplégico, pode ser, por exemplo, no rosto uma zona de prazer, mais erógena, ou outra. E essa construção de sexualidade muito diversa,</p>
--	---	--	--	--	--	--	---

	<p>não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó minha avó uma pessoa benzia-se e dizia 'que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê'. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia 'gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava', porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho</p>						<p>também é importante ser trazida, e isso também com as pessoas que prestem esses serviços, neste âmbito.”</p> <p>“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

	<p>que sim. É um caminho de procura de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”</p>						<p>legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias, ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo,</p>
	<p>“faz um abaixo-assinado que a gente assina”</p>						

<p>MODELO DE REGULAMENTAÇÃO</p>	<p>“sim, sim, sim, sim”</p>	<p>“sim, vai haver sempre fugas ao modelo, claro, mas pelo menos há modelo, é como o nosso sistema, há fugas ao sistema, que nós sabemos, mas pronto, mas nós estamos no sistema, nós fazemos parte se nós não queremos fazer parte vamos para, enfim, vamos para as tribos, vamos não sei, e não fazemos parte. Estamos aqui, fazemos parte, pronto, portanto, sim.”</p>	<p>“sim”</p>				<p>noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características</p>
---------------------------------	-----------------------------	---	--------------	--	--	--	---

							dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios.”
ASSOCIAÇÃO PROFISSIONAL	“Tu pertences a uma associação de psicólogos”; “Esses serviços dão dignidade à profissão”	“Exatamente, também há uma ordem”					
NÃO CONCORDA COM A LEGALIZAÇÃO DO LENOCÍNIO					“Não! Não, porque embora, há aí questões que me		

<p>NÃO CONCORDA COM O ENQUADRAMENTO LEGAL DA ASSISTÊNCIA SEXUAL</p>				<p>parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o 'véu do preconceito', de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa,</p>		
---	--	--	--	--	--	--

					<p>pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



SIMILITUDE À PROSTITUIÇÃO					<p>“Ainda que eu compreenda as diferenças e as necessidades diferentes, a verdade é que passa muito pelo mesmo caminho, e, de facto, não. Não concordando com um, torna-se difícil, porque quer dizer, se não concordo que se venda a sexualidade, no fundo, quer dizer o assistente sexual acaba por vender um pouco da sua sexualidade, também. Nem que seja porque vai explicar, vai tocar, vai fazer, e, portanto, torna-se difícil defender uma, sendo contra a outra.”</p>		
------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

<p>FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS</p>					<p>“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens</p>	
----------------------------------	--	--	--	--	--	--

						<p>que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vês uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas,</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já apontei para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”	
<b>MEDIDAS A IMPLEMENTAR</b>							
ANÁLISE EM OUTROS PAÍSES ONDE JÁ EXISTE A ASSISTÊNCIA SEXUAL				“Bom, há várias medidas a serem experimentadas em contextos diferentes. A Carla sabe melhor do que eu, tem trabalhado sobre o tema, que entre as medidas estão a ser discutidas e que são implementadas em diferentes países, em alguns países. Há também, os que preveem a assistência sexual, que é uma das medidas para considerar-se, sem dúvida”			

CRIAÇÃO DE ASSISTÊNCIA SEXUAL				“A que acabo de comentar. A assistência sexual é uma das medidas, vamos chamar-lhe assim, das iniciativas e das possibilidades que podem ser desenvolvidas. Que poderiam ser desenvolvidas.”			
-------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

				<p>“Honestamente, eu não diria trabalho sexual, eu falaria de assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Portanto, em termos de medidas e de possibilidades, a que mencionei é a assistência sexual, que é uma coisa diferente de trabalho sexual. Uma trabalhadora do sexo ou um trabalhador do sexo, não necessariamente, pode responder a todas as necessidades de um indivíduo, um homem, ou mulher, qualquer que seja o gênero, com discapacidades. Portanto, o que pode ser, prende-se mais diretamente com a figura, que em muitos contextos é conhecida como assistência sexual. Portanto, é necessário fazer uma</p>			
--	--	--	--	--	--	--	--



				<p>distinção entre as duas coisas, e o que pode ser feito? Claro, depende dos atores, a nível estatal ou a nível institucional, para melhor dizer. Claro que, o pode ser feito é prever essa figura, legislar, prever implementar políticas. E, claro que, não me parece ser uma ação na agenda estatal, de todos os países, de todos os contextos, de todos os contextos geográficos, socioeconómicos e políticos. Portanto, provavelmente, o facto de ser introduzida uma figura como a do/da assistente sexual, requer uma mobilização. Uma mobilização por parte, em primeiro lugar dos atores e das atrizes, envolvidas, mais diretamente, por essa necessidade,</p>			
--	--	--	--	---	--	--	--

				portanto estou a referir-me a pessoas com capacidades, e claro, junto com eles, atores, ativistas e organizações da sociedade civil, inclusive, organizações feministas.”			
OUVIR OS TRABALHADORES DO SEXO				“Provavelmente, sim, mas claro, é a minha suposição. É uma pergunta que deveria de ser feita às pessoas, mas provavelmente, sim, porque não? Isso não quer dizer que todas as pessoas que estão envolvidas em trocas sexo-afetivas, tenham voluntários, estejam disponíveis e interessados em trabalho de assistência sexual, mas pode ser, sim, porque não?”			
FORMAÇÃO DE TRABALHADORES DO SEXO						“Não sei, bem, porque eu nem sequer sabia da existência desta assistência, porque eu não sei, na verdade, se as trabalhadoras sexuais pode-lhes interessar este tipo de serviço.”	

<p>NÃO CONCORDA COM MEDIDAS QUE PASSEM PELA AS</p>				<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência</p>		
--	--	--	--	--	--	--

					<p>peçoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso.”		
<b>PLATAFORMA/ INTERMEDIÁRIO</b>							

<p>PLATAFORMA, ESPAÇO OU APLICAÇÃO</p>		<p>“podia-se criar idealmente, não sei, isto agora sou eu a ter aquelas epifanias que às vezes me dá. Devia-se criar uma plataforma, um espaço, uma forma de fazer chegar a estas pessoas, uma forma delas se sentirem confortáveis, seja uma aplicação, seja um espaço que seja dedicado a elas tal e qual como existe para toda a gente. Uma pessoa com deficiência, eu estou a pensar, por exemplo, um paraplégico que vê um filme pornográfico puro e duro, não se enquadra ali: ‘eu nunca vou fazer aquelas cambalhotas’. Eu que não tenho nenhum problema de saúde, não faço aquelas cambalhotas, porque aquilo não é real. É</p>				
--	--	---	--	--	--	--

			<p>verdade, aquilo não é real. E se existisse alguma forma, nem que seja criando, ou não estigmatizando, fazendo com que seja normal existirem, por exemplo, porno para estas pessoas, existirem coisas com que se identifique, com que as pessoas se identifiquem, que seja normal, isto acontecer, normalizar um bocadinho, se calhar, aí facilitava-se muito, agora como é que isto se faz, confesso, não consigo chegar lá."</p>				
--	--	--	--	--	--	--	--



<p>MEDIAÇÃO E SUPERVISÃO</p>		<p>“eu acho que, e só em relação à questão, e concordo com o que a E1- A disse, e o que a E1- C também disse, portanto, estes grupos: deficiência, LGBT, a pessoa idosa, são sempre os grupos vulneráveis, e, portanto, esta área ainda os torna mais, se calhar, com mais vulnerabilidade. Em relação ao modelo vantajoso, claro que a questão da legislação era em primeira mão, não é? O facto de haver uma legislação, o facto de, tal como as outras profissões, isto fosse legal, e não fosse ilegal, a formação, o acesso aos cuidados de</p>					
------------------------------	--	--	--	--	--	--	--

		<p>saúde, muitos e muitas, se calhar, prostitutos e prostitutas, não têm acesso a cuidados de saúde ou pelo menos, enfim, de uma forma, pelo menos não discriminatória, portanto, é isto, é como o assistente sexual, quer dizer a forma como está no site, há um mediador, há uma supervisão, é como as nossas profissões. Nós temos supervisão, nós temos formação, nós temos um contrato de trabalho, nós fazemos os nossos descontos, nós temos acesso de cuidados de saúde, bons, maus, médios, não importa, mas há sempre algum acesso”</p>					
--	--	---	--	--	--	--	--

		<p>“mas isto ò Carla, eu estava agora a lembrar-me, a questão da plataforma, eu percebo a questão do mediador, é como se fosse um chulo, entre aspas, é uma palavra feia, mas é isto, mas acaba por, se esta plataforma em decreto-lei imaginemos é tida como mediador, mas também como a forma de supervisionar, de assegurar um trabalho sério, não é? Pode não ser visto, não é, como isto. É, não sei, mas é muito interessante, esta ideia e faz sentido”</p>					
<b>FORMAÇÃO E SELEÇÃO</b>							

<p>FORMAÇÃO COMUM</p>	<p>“Sim, e esses trabalhadores, isto pode ser uma ideia quadrada, mas eu estou sendo confrontada com isso neste momento, estou para aqui a pensar, esses trabalhadores deviam ter uma formação comum. A gente quando entra para professores, tem uma formação comum, e depois é que nos vamos especializar para professor do ensino básico, para professor do ensino secundário e pronto, acho que devia haver uma formação comum, altamente digna bem feita e bem delineada, e depois, dentro dessa formação, estas pessoas podiam se especializar em trabalhadores sexuais ou assistentes sexuais”</p>						
-----------------------	--	--	--	--	--	--	--

FORMAÇÃO				<p>“É uma questão de prever. É uma profissão, que deve ser, ou pelo menos, que deveria ser prevista em relação ao quadro ao qual deveria existir uma formação, eventualmente, formação através das múltiplas possibilidades que existem atualmente, e claro, para favorecer isso, deveria existir, em termos de marco jurídico que permita uma essa possibilidade. Portanto, sim, a passar por ter condições jurídico-políticas para que exista uma figura de assistência sexual, é fundamental.”</p>	<p>“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebe? Porque é uma assistência, e</p>	
----------	--	--	--	---	--	--

						<p>sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí porque as trabalhadoras do sexo muitas vezes trabalham em contextos precários, ou seja, não há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”</p>	
FINALIDADE							

COLMATAR E SATISFAZER AS NECESSIDADES DE QUEM NÃO O CONSEGUE FAZER SOZINHO					“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”		
--	--	--	--	--	--	--	--

<p>AUXILIAR E FACILITADOR DE CASAIS E A NÍVEL INDIVIDUAL</p>					<p>“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--



					<p>sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e, portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e, portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

INEFICÁCIA				<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência</p>		
------------	--	--	--	--	--	--

					<p>peçoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspectiva, confesso.”		
<b>FINANCIAMENTO</b>							
BOLSA						“Acho que seria a mesma situação, a bolsa. Vamos supor, uma trabalhadora	

VALORES					<p>do sexo que quer passar a fazer este tipo de assistência sexual, teria que ter a formação que têm os assistentes sexuais e estarem dispostos ou dispostas a terem a tal assistência, e a supervisão. Estando dispostas a isso, pronto. Entram na mesma bolsa de profissionais da assistência sexual e, portanto, a partir do momento que isso existia, teria que ser pago pelo Estado. Um bocado como aquilo que fizeram com os fisioterapeutas em França, por exemplo, quem paga ao meu irmão, não são os velhinhos, percebes? Porque é uma assistência, e sendo uma assistência, quem paga pelo trabalho, não é o velhinho que</p>	
---------	--	--	--	--	---	--

						<p>requer o serviço, é o Estado que paga. E neste caso, quem tem que pagar, é o próprio Estado. Não sei os valores, mas ainda assim. Aliás, eu já pensei em relação ao trabalhador sexual, por exemplo, é um trabalho de desgaste, de desgaste rápido, mas aí porque as trabalhadoras do sexo muitas vezes trabalham em contextos precários, ou seja, não há de ser uma profissão nada fácil, no caso, a mim parece-me que a coisa é mais controlada e mais suave, ou seja, mais tranquila.”</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

ESTADO					<p>“Como estamos a falar de assistência. Acho que as assistências, e sendo eu de esquerda, para mim há direitos que devem ser gratuitos e pra mim, a sexualidade é um direito, não tem que ser um luxo, não tem que ser ‘só quem consegue lá chegar é que tem direito ao prazer’. Acho que nós enquanto sociedade temos que começar a encarar o prazer e o sexo como um direito e não luxo. Como a saúde, como o ensino, como até a habitação. Porque eu sou contra as propinas, sou contra as taxas moderadoras dos hospitais, porque tu já pagas impostos, consoante os teus rendimentos, certo? Então tu não tens</p>	
--------	--	--	--	--	--	--



						<p>que pagar mais, porque já pagas os impostos e eu acho também, que neste caso das assistências sexuais acho que, mas é a minha visão, não é da UMAR, deveria ser uma coisa, em que o Estado resolve, acho que não deve haver espaço, por exemplo, para a iniciativa privada, que era agora eu abrir uma empresa com assistentes e começo a faturar com o direito dos outros. A partir do momento, que tu vêes uma coisa como um direito, não pode cair na mão dos privados, como caiu o ensino, por exemplo. Eu sou contra as faculdades privadas, por exemplo, vais vender cursos? Temos que garantir isto. Estas pessoas,</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						<p>estes assistentes têm que ser funcionários públicos, pronto, com todos os direitos, décimo salário, décimo terceiro mês, direito a férias. Não quero que os privados ponham a pata nisto. Pra mim é isso, mas eu sou uma pessoa de esquerda, com um radicalismo, portanto falo a partir do meu lugar. Na UMAR nunca falamos sobre isto, mas já apontei para falarmos. Mas mesmo dentro da esquerda, a questão do trabalho sexual é uma questão fraturante, porque há malta de esquerda que diz que a sexualidade não pode ser explorada, porque nós já somos explorados nas nossas, ou seja, 'o</p>	
--	--	--	--	--	--	--	--

						<p>capitalismo já entrou em todo o lado, e agora vai entre na sexualidade das pessoas?', mas a questão é que ela já existe, vais fazer o quê? Vais condenar essas trabalhadoras ao trabalho clandestino, à sorte dos maus-tratos? Eu, por exemplo, quando morava no Porto, morava numa rua que era uma rua paralela a uma rua de prostituição, e eu passava lá quando ia para a faculdade, quando ia sair à noite, passava por lá também, e era mesmo triste ver miúdas de 16 e 17 anos ali no trabalho sexual, com zero segurança, sujeitas, e depois vinham aqueles velhos recessos, todos bêbados para cima delas, sabes? Não têm direito à segurança no</p>	
--	--	--	--	--	--	---	--

						trabalho, é muito triste isso. Depois vias os dois polos. Tinhas as chavalinhas que tinham no máximo 18 anos, que aquilo era mesmo terrível, a mulheres velhas, já muito velhas. Ali sujeitas.”	
<b>OBSTÁCULOS</b>							
RESULTARIA NA CRIAÇÃO DE UM REGIME DIFERENTE E ESQUISITO						“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática,	
GERADOR DE UMA NOVA DESIGUALDADE							

PROCURA RECORRENTE				também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer 'tocas aqui toca ali' até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência pessoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as		
-----------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas</p>	
--	--	--	--	--	--	--

					<p>as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					concebo muito bem essa perspectiva, confesso.”		
VENDA DA SEXUALIDADE					<p>“Ainda que eu compreenda as diferenças e as necessidades diferentes, a verdade é que passa muito pelo mesmo caminho, e, de facto, não. Não concordando com um, torna-se difícil, porque quer dizer, se não concordo que se venda a sexualidade, no fundo, quer dizer o assistente sexual acaba por vender um pouco da sua sexualidade, também. Nem que seja porque vai explicar, vai tocar, vai fazer, e, portanto, torna-se difícil defender uma, sendo contra a outra.”</p>		
REALIDADE EM PORTUGAL							



SERVIÇOS SEXUAIS NA DEFICIÊNCIA					"Assistente sexual, ok, vou apontar aqui. Assim sendo, se há essa possibilidade, já revejo tudo o que disse acima, na verdade. Embora eu continue a achar que o trabalho sexual deve ser legalizado, para não se perseguir pessoas. Mas assim sendo, acho que a solução passa por se criar essa assistência, aqui quem faz são os enfermeiros, mas são essencialmente massagens sexuais, por isso, sim, sim nesse caso seriam profissionais."	
---------------------------------	--	--	--	--	---	--

SAÚDE MENTAL		<p>“A gente só não tem os meios, vontade e saberes, a gente tem, mas eu acho que sim, e possivelmente cada vez mais vamos caminhar para este sentido, porque a nossa sociedade está a ser cada vez mais avassaladora em termos de pessoas com problemas mentais, com doenças mentais, e eu juro que o futuro vai passar por aí, portanto, isto, seria uma pessoa, com as suas técnicas todas, não é? Como eu costumo dizer na linguagem corrente ‘com os seus truques todos’, a ajudar outras como tamanha necessidade”</p>					
--------------	--	---	--	--	--	--	--

NORMALIZAÇÃO		“isto parece um pouco distante porque lá está, não é norma, mas se nós normalizarmos, que foi a palavra que A1 - C utilizou, se nós normalizamos, mais uma vez, se calhar temos um produto final que é o que acaba por acontecer nos outros países”					
--------------	--	---	--	--	--	--	--

<p>DESCONHECIMENTO QUANTO À ASSISTÊNCIA SEXUAL – NECESSIDADE DE INVESTIGAÇÕES SOBRE A TEMÁTICA</p>				<p>“Considere que, como pesquisadora e investigadora, trabalhando nos temas que se prendem com a sexualidade, portanto, quer dizer, faz parte das questões que tanto enquanto pesquisadora, quanto ativista me interessam. Agora não sei exatamente o momento em que me cruzei com a assistência sexual, o que posso dizer é que claramente, em Portugal, ainda não se fala muito, acaba por nem ser assunto, que bom que esteja a trabalhar nisso”</p>		<p>“Sim, aliás, e a investigação mostra, e os estudos mostram precisamente sobre a questão, primeiro quando nós pensamos em sexualidade, pensamos em determinados corpos, quando nós pensamos em deficiência ou melhor dizendo diversidade funcional, nós pensamos que são pessoas que não teriam prazer, e essa construção, de alguma maneira, do que é que pensamos a questão da sexualidade, e pensamos as pessoas com diversidade funcional, limitamos aquilo que são as vivências plenas das pessoas com diversidade</p>
--	--	--	--	---	--	---

							<p>funcional, e nomeadamente homens e mulheres em relação a este domínio. Por exemplo, em Portugal a tese de doutoramento de Ana Pinho, é por isso que eu tenho mais domínio sobre este assunto, mais conhecimento, não tenho conhecimento especializado porque não é na minha área de trabalho, em particular, mas ela desenvolve precisamente um trabalho, onde falou sobre a questão da sexualidade de pessoas com diversidade funcional do seu mestrado, não sei se conhece, e no doutoramento está a fazer</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							precisamente um tema que tem a ver com a questão da assistência sexual para pessoas com diversidade funcional. E é precisamente esta questão de reconhecer a ideia do direito ao prazer como um direito, e precisamente para as pessoas com diversidade funcional também, e pensar todos estes domínios, como igualmente legítimos.”
--	--	--	--	--	--	--	--

LENOCÍNIO				<p>“Sem dúvida que é um risco atual. Nos países como Portugal em que não é previsto, não existe um quadro jurídico-político que preveja a figura do assistente, um dos riscos, é o agente ser considerado criminoso, ao exercer o crime de lenocínio. Portanto, sem dúvida que há esse risco, o que é um direito tanto do trabalhador, como da trabalhadora que podem ser enquadrados como assistentes sexuais, quanto da pessoa, pessoalmente, pode sim, ser ameaçado pelo facto de não existir um acordo jurídico que prevê essa figura, sim.”</p>			
-----------	--	--	--	--	--	--	--

AUSÊNCIA DE RECONHECIMENTO DOS ASSISTENTES SEXUAIS						<p>“É assim, primeiro é a discussão de todos estes temas, de pensar a questão da assistência sexual como um trabalho. Primeiro antes disso até, a questão do trabalho sexual, porque nós falamos da questão do trabalho sexual, e ele em Portugal, ele ainda tem um caráter muito penalizador e isso faz com que as pessoas muitas vezes não possam reconhecer a ideia do trabalho como um trabalho igualmente legítimo, a questão da regulamentação. Ou seja, há um trabalho a fazer ainda muito, parece no meu ponto de vista, em muitas instâncias,</p>
--	--	--	--	--	--	--



							<p>ou seja, não só nas questões legais e jurídicas, como a questão das proteções das pessoas que prestam trabalho sexual, porque, por exemplo, aqui nós não temos o reconhecimento dos assistentes sexuais, enquanto, que por exemplo, noutros países temos. Então, isso faz com que, por exemplo, as mudanças legislativas ajudam também a pensar todas estas questões, então seria de alguma maneira, esse um passo muito importante para trabalhar, mas mais uma vez, trabalhar com a comunidade para perceber o que é que as pessoas gostariam que fosse feito, com as</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>             pessoas que exercem trabalho sexual, por exemplo, há pessoas que exercem trabalho sexual que podem não querer fazer a assistência sexual. Então é importante pensar a questão da regulamentação, das características dos contextos, também perceber o contexto português, o que é que isto representa, no contexto da geografia em Portugal, então, pensar isso, para depois também pensar em políticas de implementação desses domínios."           </p>
--	--	--	--	--	--	--	---

<p>SUSCETÍVEL DE DISCRIMINAÇÃO</p>						<p>“Não sei o modelo, até porque acho que é importante nós pegarmos em alguns exemplos daquilo que são noutros países, que têm tido sucesso, digamos assim. Pagar então nessas referências, mas diria mais uma vez que esse modelo só poderia ser construído com as pessoas diretamente implicadas, e nomeadamente, por exemplo, pensar com a questão do trabalho sexual, neste caso com a assistência sexual, teria que ser muito particular, tinha que ter muito noção de contexto, tinha que ter muita noção da discussão da discriminação, porque não é uma visão como as</p>
------------------------------------	--	--	--	--	--	---

							<p>outras, numa lógica de 'não discriminação', mas é uma profissão que tem que ter reconhecimento igual de direitos, tem que ter reconhecimento igual no que toca à proteção legal, um reconhecimento igual em relação ao conjunto de outros domínios, por isso é que é importante perceber uma especificidade deste tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo, também reconhecer que é um trabalho legítimo e que por isso tem que ter direito a ter as suas condições acauteladas."</p>
<p><b>MODELO VANTAJOSO</b></p>							

<p>ENVOLVÊNCIA DE PESSOAS INTERESSADAS EM PRESTAR ASSISTÊNCIA SEXUAL</p>						<p>“Eu acho que era uma possibilidade, sim, mas eu tenho muita dificuldade em falar sobre estas questões, quando não tenho muito domínio sobre o assunto. Ou seja, acho que é muito importante auscultar sim as pessoas com diversidade funcional, e quem pudesse prestar assistência sexual. Ou seja, é importante envolver as pessoas, diretamente implicadas, na construção de leis, mas parece-me sim, parece-me que faz todo sentido.”</p>
--	--	--	--	--	--	---

<p>ENVOLVÊNCIA DAS PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</p>							<p>“Não sei o modelo, até porque acho que é importante nós pegarmos em alguns exemplos daquilo que são noutros países, que têm tido sucesso, digamos assim. Pagar então nessas referências, mas diria mais uma vez que esse modelo só poderia ser construído com as pessoas diretamente implicadas, e nomeadamente,</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

<p>OBSERVAR CASOS DE SUCESSO EM OUTROS PAÍSES</p>							<p>por exemplo, pensar com a questão do trabalho sexual, neste caso com a assistência sexual, teria que ser muito particular, tinha que ter muito noção de contexto, tinha que ter muita noção da discussão da discriminação, porque não é uma visão como as outras, numa lógica de 'não discriminação', mas é uma profissão que tem que ter reconhecimento igual de direitos, tem que ter reconhecimento igual no que toca à proteção legal, um reconhecimento igual em relação ao conjunto de outros domínios, por isso é que é importante perceber uma especificidade</p>
---	--	--	--	--	--	--	--

<p>DIREITOS, COM PROTEÇÃO LEGAL E CONDIÇÕES ACAUTELADAS</p>							<p>deste tipo de trabalho, mas ao mesmo tempo, também reconhecer que é um trabalho legítimo e que por isso tem que ter direito a ter as suas condições acauteladas”.</p>
<p>USUFRUIDORES DA ASSISTÊNCIA SEXUAL</p>							



<p style="text-align: center;">AUTOESTIMA, AUTOCONHECIMENTO E AUTOSSUFICIÊNCIA</p>	<p>“Tem que ser visto, procurando dar às pessoas a sua dignidade. Acho que é muito importante e acho que é a palavra correta, portanto, procurar meios, procurar instrumentos, procurar pessoas com formação, para dar à pessoa, dignidade. A pessoa tem todo o direito de ter e viver a sua vida em pleno, com dignidade. Não é apontando o dedo, não, e nem a criar guetos, e muito menos subterfúgios. É viver a sua vida em pleno, com dignidade, e para isso, tem que ter instrumentos, tem que ter saberes, e se existe essa figura da assistência sexual que pode passar esses saberes, não é? Pode ensinar esses saberes, porque não existir,</p>						
--	---	--	--	--	--	--	--

	<p>não é? A gente também não faz a preparação para o parto, a gente vai para as aulas de preparação para o parto. No tempo da minha avó minha avó uma pessoa benzia-se e dizia 'que é isto? Você tem em casa, caladas e sossegadas e não sei quê'. Hoje a minha avó, ainda era daquelas em que se dizia 'gritar? Aiii, gritar não, no momento não gritava', porque o gritar não era uma necessidade fisiológica, não. Para a minha avó, aquilo era uma exposição, chamar à atenção, e, portanto, eu sou desse tempo, eu fui criada nesse ambiente. Portanto, eu acho que se houver essa possibilidade, por que não fazer esse caminho? Eu acho</p>					
--	--	--	--	--	--	--

	que sim. É um caminho de procura de dar dignidade a estas pessoas, uma coisa digna, uma coisa com clareza, com respeito, com privacidade e com sigilo para as pessoas. Acho que sim. E não me admira que isso exista nesses países que fizeste referência, não me admira nada, portanto, nós estamos a anos-luz, mas pronto, para lá caminhamos.”						
INCLUSÃO DE TODAS AS ORIENTAÇÕES SEXUAIS							“Aí a grande questão é: nós só podemos pensar em medidas, primeiro eu não trabalho especificamente neste domínio, por isso, a minha
PATOLOGIA							

MAIORIDADE						<p>resposta não é de todas as pessoas do ativismo que têm conhecimento sobre este domínio, e até uma grande parte não tem sobre este domínio. A grande questão é, a trabalhar em políticas, é importante trabalhar com as pessoas, ou seja, pergunte a estas pessoas, não estou a dizer você em particular, mas para que se pergunte às pessoas com diversidade funcional o que elas necessitariam, o que elas precisariam para pensar estas aplicações, e não organismos para pensar o que é que seria para implementar, de qualquer maneira, eu acho que é</p>
------------	--	--	--	--	--	--

							<p>importante também desmistificar o conceito de que também está em torno das aplicações, o <i>Tinder</i>, o <i>Bumble</i> ou outro tipo de aplicações, que as pessoas acedem a elas. Quando nós pensamos em termos práticos uma pessoa que tiver diversidade funcional, por exemplo, da mobilidade que duas pessoas tenham, depende por exemplo, se a pessoa tem assistência pessoal, se não tem, se é maior de idade, se não é, se é homem, se é mulher, se tem uma relação heterossexual, homossexual, gays e lésbicas também têm diversidade funcional, e</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>também têm direito a ter prazer, não é? Porque depois provavelmente quando as pessoas pensam nas relações da assistência sexual, provavelmente, pensam até em casais heterossexuais, mas também existem casais homossexuais que possam ter assistência sexual, e que também vivem, também existem, também podem ter essas questões, ou seja, é importante pensar de que pessoas é que nós estamos a falar, que dimensões estamos, que tipo de diversidade funcional têm e quais são essas questões. Por exemplo, os encontros e as</p>
--	--	--	--	--	--	--	---

							<p>expectativas desses encontros, porque se nós pensarmos a segurança, a segurança é também para as outras pessoas. Não é garantia que uma pessoa com diversidade funcional vai estar menos segura relativamente a outras pessoas, então é importante também perceber a questão, porque há pessoas, por exemplo, que vão para as aplicações e podem estar em risco como há pessoas que também não vão para as aplicações, e podem estar em risco. Porque as questões da violência, ou seja, tem que se analisar muito bem esse contexto, e depois também desconstruir esta</p>
--	--	--	--	--	--	--	--

							<p>ideia da própria ideia do desejo, porque o nosso desejo também é construído, e por exemplo, há pessoas que podem estar em aplicações com diversidade funcional, e que podem ser acolhidas de uma maneira muito boa e integradora em relação à sua sexualidade, então, o que eu diria é 'pensar em campanhas de sensibilização é sempre muito importante, pensar outro tipo de ações, de desmistificar a questão da própria, e também de promoção do direito ao prazer, do direito à sexualidade, falar das questões da diversidade funcional como</p>
--	--	--	--	--	--	--	--



							igualmente legítimas, mas integrar as pessoas com diversidade funcional no processo de pensar essas políticas, e por isso é que é importante pensar as políticas com as pessoas e não falar só sobre essas pessoas.”
--	--	--	--	--	--	--	--

<p style="text-align: center;">GARANTIA DE PODEREM TER ALTERNATIVAS PARA EXPLORAR A SUA SEXUALIDADE</p>						<p>“Faz-me sentido, se para as pessoas com diversidade funcional fizer sentido, e pensado numa política de inclusão de pessoas com diversidade funcional possam ter. Porque é assim, é importante perceber que as pessoas com diversidade funcional podem ter os seus relacionamentos, podem ter a as suas relações afetivas, podem ter outro tipo de formas de estar. A ideia da assistência sexual, é a garantia de um outro direito de sexualidade, caso por exemplo, não tenham noutro contexto. Então a questão é, se der formação específica a</p>
---	--	--	--	--	--	--

							determinados domínios, vai prestar um serviço de uma maneira muito mais adequada e muito mais informada, relativamente a essa área.”
<b>REALIDADE EM OUTROS PAÍSES</b>							
CONHECIMENTO DE OUTROS PAÍSES					“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”		
<b>ASSISTÊNCIA SEXUAL VS. TRABALHO SEXUAL</b>							

DIFERENÇAS					<p>“Eu já ouvi falar por alto, de experiências feitas noutros países, e desta ideia, um bocado de tentar colmatar e satisfazer as necessidades sexuais de pessoas, que sozinhas não o podem fazer. Agora não conheço a fundo nenhuma dessas experiências, nem conheço exatamente as diferenças entre o trabalho sexual ou a assistência. Ou seja, não sei qual é a diferença. O que as difere?”</p>		
------------	--	--	--	--	---	--	--

<p>ASSISTÊNCIA SEXUAL ENQUANTO GRAU DE ESPECIALIZAÇÃO DA PROSTITUIÇÃO</p>				<p>“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o ‘véu do preconceito’, de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o</p>		
---	--	--	--	---	--	--

					<p>sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, 'vou tentar fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

<p>PESSOA PROSTITUÍDA ESPECIALIZADA</p>				<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência</p>		
---	--	--	--	--	--	--

					<p>peçoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--



					<p>aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspectiva, confesso.”		
<b>SUBSTITUTOS À ASSISTÊNCIA SEXUAL</b>							
SEXÓLOGOS					“Não! Não, porque embora, há aí questões que me parecem até		

ASSISTENTES SOCIAIS				<p>interessantes de auxílio, de facilitação, de não só em casais, mas também pessoas sozinhas, e que me parece que podiam ser assumidos por sexólogos, assistentes sociais e outras profissões, essas sim, já existentes em que se pudesse também retirar um bocado o 'véu do preconceito', de falar disto, ou seja, não estou a dizer que o assistente pessoal tinha que passar a fazer isso, não. Se calhar, não se sentiam à vontade, nem é essa a sua função, mas se calhar, haver uma consulta de acompanhamento com um sexólogo, em que a pessoa pudesse expressar as suas preocupações e dificuldades, e o sexólogo aconselhasse isto e aquilo, e a pessoa, pronto, 'vou tentar</p>		
---------------------	--	--	--	--	--	--

					fazer', acho que podia ser uma figura interessante para acomodar algumas destas sugestões do assistente sexual. Em todo o resto, acaba por ser, no fundo, um grau de especialização da prostituição, e portanto, eu não concordo com um quadro de legalização do lenocínio, e portanto, também, sem ele, não seria possível chegar a esse. Portanto, não, não vejo que devesse haver esse enquadramento em Portugal."		
--	--	--	--	--	---	--	--

EXPERIÊNCIA PESSOAL				<p>“Pois, mas é assim Carla, toda a gente passa por isso, também. As pessoas quando começam a iniciar sua vida sexual, também não sabem fazer na prática, também ninguém vai lá à nossa cama, ou à parte de trás do carro, ou seja, lá onde for a primeira vez, pôr a perna no sítio certo, e dizer ‘tocas aqui toca ali’ até porque, cada pessoa, é uma pessoa, e todos conhecemos, ou não. As zonas mais erógenas e tudo, mas só a experiência pessoal de cada um, até da exploração do seu próprio corpo é que vai garantir, e depois o à-vontade, em falar com as pessoas e ir percebendo, o que é que funciona melhor ou pior. Isso é uma experiência que requer tempo, e é uma experiência</p>		
---------------------	--	--	--	--	--	--

					<p>peçoal, a meu ver. Ou seja, não, sei lá, é-me difícil imaginar que alguém tem esse papel de chegar... isto é como qualquer pessoa que também tem dificuldade, e as mulheres têm dificuldade em ter orgasmos com a penetração, também não há outra forma, a não ser, de facto, se calhar, através de um sexólogo perceber se existe algum bloqueio psicológico, ou não, para isso acontecer ou se pura e simplesmente ainda não explorou todas as posições possíveis para que isso aconteça. Ou pura e simplesmente, não vai acontecer dessa forma e vai-se satisfazer com outros orgasmos de outro tipo, pronto e acabou. Acho que isso é uma questão muito de pessoa para pessoa, e, portanto, mesmo</p>		
--	--	--	--	--	--	--	--

					<p>aí, eu acho que não iam ser todas as necessidades atendidas, e se calhar, até estamos a criar um regime diferente e esquisito, porque também todas as outras pessoas que têm dificuldades na sua sexualidade, também não teriam acesso a essa assistente sexual. Seriam só as pessoas com deficiência, então também estávamos a criar uma nova desigualdade, de alguma maneira, ou seja, é quase no fundo, é chamares um profissional do sexo para te mostrar como é que é, e no fundo, isso é uma pessoa prostituída especializada, que vai lá, e mostra como é, e depois a pessoa, se calhar, até passa a fazer sozinha, outras coisas que nunca vai conseguir fazer</p>		
--	--	--	--	--	---	--	--

					sozinha, e a pessoa vai continuar a ir. No fundo, aí vai-se equiparar mais a um prostituto ou a uma prostituta, do que a um assistente sexual. Portanto, não, não concebo muito bem essa perspetiva, confesso.”		
--	--	--	--	--	---	--	--



## Anexo V. Cronograma histórico feminista das quatro vagas

Quadro 4: Cronograma histórico feminista das quatro vagas

Ano	Personalidades, acontecimentos e conquistas
1478 a.C.	Hatchepsut, sobe ao trono do Egito, iniciando a XVIII dinastia. Embora pouco se saiba sobre este recorte da história, a Rainha-faraó teve o reinado mais longo e próspero de todas as mulheres reinantes desta civilização, e detém o título da primeira grande mulher da História das Mulheres;
1806-1802 a.C.	Reinado da Rainha-faraó do Antigo Egito, Sonekka (Sobekneferu) – o seu nome significa “a beleza de Sobeque”. Reinou durante a XII dinastia;
2700 a.C.	A primeira mulher a exercer medicina, no Antigo Egito, que possuímos registo, foi Merit Ptah;
c. 400 a.C.	Hipatia, filósofa, matemática, astrónoma e música egípcia, assume a direção do Museu de Alexandria;
c. 525	Casamento entre o imperador Justiniano de Bizâncio e a bailarina e prostituta, Teodora. Através da sua influência junto do imperador, Teodora promove uma série de iniciativas que visavam proteger as mulheres; proíbe a prostituição forçada e institui a pena de morte para violadores;
c.60 a.C.	Boudicca, rainha-guerreira celta de Icenos, lidera uma rebelião contra o Império Romano que, ignorando o testamento deixado pelo marido, ocupa a região e usurpa o poder;
c.841	Dhouda, dama carolíngia, escreve <i>Liber Manualis</i> . Esta obra é considerada o primeiro tratado pedagógico de História, escrito por uma mulher;
653	Após liderar uma revolta de camponeses contra dinastia Tang, Chen Shouzheng autoproclama-se Imperatriz da China, tornando-se a única revolucionária chinesa a alcançar este cargo político;
1025	Wallada bint al-Mustakfi, poetisa andaluza e filha de califa de Córdoba, após a morte do pai, funda o seu salão literário. Ficou conhecida como uma mulher exótica para a época, uma vez que tinha pele muito clara e olhos azuis, bem como uma personalidade impetuosa e inspirada poesia;
1296	Ficou conhecida como uma das pintoras mais importantes na China, Guan Daosheng, em especial, pela sua pintura em bambu
1405	Christine de Pisan, enquanto defensora das mulheres e crítica assertiva da misoginia (poetisa e filósofa italiana, residente em França), publica <i>O Livro da Cidade de Senhoras</i> , ficando assim conhecida como uma das primeiras feministas da história;
1520	Charlotte Guillard assume a tipografia do marido, com quem havia trabalhado diversos anos antes de ficar viúva. Tornar-se-ia não só na primeira impressora feminina de França, como a sua editora <i>Soleil d'Or</i> , seria uma das mais famosas de Paris, participando ativamente na revolução intelectual que a impressão de livros traria à sociedade e cultura mundiais;
1542	Marguerite de Angoulême, rainha consorte de Henrique II de Navarra, escreve a obra <i>Heptameron</i> , onde pinta quadros literários sobre as relações entre os sexos, ridicularizando os homens. Esta compilação de 72 novelas foi publicada postumamente em 1558. A obra de Marguerite abriu portas para que, nos séculos seguintes, outras escritoras francesas perseguissem esse estilo literário, como Madeleine Scudéry (mais conhecida pelo seu pseudónimo de Safo) e Madame de La Fayette;
1609	Publicação do tratado de obstetrícia <i>Observações Diversas Sobre a Esterilidade, o Aborto, a Fertilidade, o Parto e Doenças das Mulheres e dos Recém-nascidos</i> , de Louyse Bourgeois, enfermeira-parteira francesa que acompanhou Marie de Médicis, rainha de Henrique IV de França. Este tratado em cinquenta capítulos, onde Louyse descreve as medidas a tomar em determinados casos e propõe uma regulamentação para o trabalho de enfermeira-parteira, tornar-se-ia imprescindível para o exercício da obstetrícia;
1659	Giulia Tofana, criadora de água-tofana, um veneno muito tóxico, sem cor, cheiro, nem sabor, composto por arsénio, chumbo e beladona, foi julgada pelas autoridades papais. Giulia comercializava esta água, vendendo-a a mulheres que pretendiam terminar com os seus casamentos por serem abusadas pelos maridos. Estima-se que cerca de 600 homens tenham sido envenenados com a sua água-tofana;
1678	Sendo considerado o primeiro romance histórico francês e um dos primeiros romances da literatura, Madame de La Fayette, publica <i>La Princesse de Cleves</i> ;

1688	Aphra Behn, publica o romance intitulado <i>Oroonoko</i> ou o <i>Escravo Real</i> , considerado o primeiro romance antiescravagista da literatura ocidental. Além de uma mulher muito viajada para a época em que viveu, foi também uma espiã do rei inglês, Carlos II;
1750	Nasceu Caroline Lucretia Herschel, responsável pela descoberta do cometa 35P/Herschel-Rigollet, trabalhando sempre em conjunto com o seu irmão, descobriram o planeta Urano (1781), tendo sido considerada a primeira mulher na Alemanha a trabalhar numa posição do governo e a auferir um pecúlio de cinquenta libras anuais;
1780	O exército feminino indiano Udaiyaal, liderado por Rani Velu Nachiyar, rainha de Sivaganga e independentista, luta contra o poder colonial britânico, resgatando e assumindo a coroa do seu reino. O ser exército de mulheres foi batizado com o mesmo nome, numa homenagem à sua filha adotiva, Udaiyaal, que morreu a lutar contra os britânicos;
1802	Victoria «Toya» Montou, participa na revolta dos escravos no Haiti, onde, também tinha sido escrava, antes de se tornar militar no exército revolucionário de libertação de Jean-Jacques Dessalines. Este movimento revolucionário levado a cabo por escravos, foi o primeiro da América Latina a contar com a presença de mulheres no exército; culminou também na abolição da escravatura na colónia de Saint-Domingue;
1818	Mary Shelley, filha da feminista e escritora Mary Wollstonecraft e do romancista, historiador e anarquista, William Godwin, era uma libertária, que viveu a sua vida livremente sem se guiar pelas convenções sociais inerentes ao seu género e chocando a sociedade. Publica o seu primeiro romance de ficção científica <i>Frankenstein</i> ;
1839	As mulheres no estado do Mississipi (EUA), passam a ter a possibilidade de ter direito a uma propriedade, desde que tenham a autorização do marido;
1842	Ada Lovelace (cujo nome verdadeiro é Augusta Ada King), escreve o primeiro algoritmo, tornando-se a primeira programadora do mundo a mudar, a forma como todas as máquinas seriam criadas a partir desse momento, inspirando a linguagem computacional, criada pelo Departamento de Defesa dos EUA, na década de 1970. Desde tenra idade, sempre desejava criar um mecanismo que voasse, chegando aos 12 anos a escrever <i>Flyology</i> , um livro onde constam as suas ideias sobre como criar o dito mecanismo. Teve como sua mentora, a astrónoma Mary Somerville, que foi a primeira mulher a pertencer à Sociedade Real de Astronomia;
1851	Publicação do ensaio de filosofia feminista, <i>Emancipação da Mulher</i> , da autoria de Harriet Taylor Mill, filósofa feminista inglesa. Neste ensaio, Harriet defende que as mulheres casadas devem manter os seus empregos, de forma a salvaguardar a sua autonomia. Foi também sufragista e ativista dos direitos das mulheres, tendo sido membro da Sociedade de Kensington, que produziu a primeira petição a solicitar o voto feminino em Inglaterra;
1897	Constituição da Federação Socialista do Sexo Feminino em Lisboa (Portugal), onde a principal causa reivindicativa era a emancipação da mulher, com principal foco nas mulheres operárias;
1905	Bertha von Suttner, compositora, escritora e pacifista austro-húngara, ganha o Prémio Nobel da Paz;
1907	Na Finlândia são eleitas, pela primeira vez, dez mulheres para cargos políticos;
1910	Início da Revolução Mexicana. A Adelitas, mulheres-soldado que participaram na revolução, estavam encarregues de carregar munições, tratar dos feridos ou guardar a retaguarda do exército revolucionário. Petra Herrera, disfarçando-se de homem, participou na frente da batalha, sendo uma das mulheres revolucionárias que se destacou nesta revolução;
1911	Marie Curie, recebe o prémio Nobel de Química. Já havia recebido, em 1903, o prémio Nobel da Física, em conjunto com o seu marido, Pierre Curie;
1912	É fundado pela escritora e ativista feminina americana, Marie Jenny Howe, o grupo feminista <i>Heterodoxy Club</i> . Este grupo era considerado mais radical que os restantes grupos sufragistas da época, porque questionavam a forma ortodoxa como a sociedade queria que vivessem. Questões como a homossexualidade feminina e a bissexualidade eram temas recorrentes no grupo, que servia também como porto de abrigo para quem tinha uma orientação sexual não heteronormativa;
1914	É publicado o livro intitulado <i>A Educação Feminista das Raparigas</i> , da sufragista francesa Madeleine Pelletier, tendo sido a primeira mulher francesa a receber o diploma de psiquiatria, naquele país;
1915	Acontece o primeiro Congresso Internacional de Mulheres, nos Países Baixos, em The Hague;
	Nos EUA é fundada a Liga Internacional das Mulheres para a Paz e Liberdade. Tendo como objetivo unir as mulheres de todos os quadrantes sob a égide da luta pela paz, trabalhando no sentido de estudar e divulgar as causas das guerras e formas de manter a paz. O primeiro congresso foi realizado neste mesmo ano, e contam, hoje, com cerca de 37 filiações nacionais espalhadas pelo mundo;

1926	Gertrude Ederle, nadadora olímpica americana, atravessa o Canal da Mancha, tornando-se na primeira mulher a conseguir este feito e batendo o recorde masculino para a mesma travessia a nado;
1932	Alexandra Kollontai, líder revolucionária russa e teórica do marxismo, considerada a primeira mulher embaixadora da história contemporânea, é nomeada embaixadora da União Soviética na Suécia; enquanto ministra do governo, deu origem a reformas radicais, como foi o caso do direito ao voto para as mulheres, igualdade nas leis, divórcio sem noção de culpabilidade, aborto legal, maternidade paga, supressão do poder marital, os mesmos direitos para os filhos nascidos fora do casamento, igualdade entre cônjuges na família;
1939	Hattie McDaniel, atriz e cantora, torna-se a primeira pessoa afrodescendente a conquistar um Óscar, pelo seu desempenho no filme <i>E Tudo o Vento Levou</i> ;
1941	É patenteado por Hedy Lamarr, atriz e inventora austríaca, um sistema de comunicação secreto cujo objetivo era ajudar os Aliados a derrotar as forças de Hitler; este sistema foi o mesmo que serviu de base à criação do sistema de comunicações que hoje conhecemos como <i>Wi-Fi</i> ;
1942	Rosie, The Riveter (Rosie, a rebiteira), é criada nos EUA por Howard Miller, transformando-se num símbolo de força obreira feminina. No famoso cartaz, Rosie incentiva as mulheres a trabalharem em indústrias tradicionalmente masculinas, como nos estaleiros e em fábricas, contribuindo para o esforço de guerra. A famosa frase <i>We can do it!</i> («Nós somos capazes!»), torna-se um símbolo cultural e feminista;
1946	É assinada a Carta das Nações Unidas que reconhece os mesmos direitos a homens e mulheres. Eleanor Roosevelt, delegada americana da ONU, foi uma das responsáveis pela elaboração da mesma carta;
1948	É adotada a Declaração Universal dos Direitos Humanos;
1949	Virginia Apgar, médica obstetra e anestesista norte-americana, torna-se docente titular da Universidade de Harvard. Foi responsável por uma série de estudos que resultaram na criação da Neonatologia;
1951	A igualdade de remuneração laboral para a mesma função, nos dois sexos, é aprovada pela OIT;
1952	Rosalind Elsie Franklin, química britânica, alcança pela primeira vez uma imagem da estrutura molecular do ADN;
1953	Alfred Charles Kinsey, biólogo, sexólogo e professor de entomologia e zoologia, publica <i>Comportamento Sexual nos Humanos Femininos</i> , onde se baseia na sexualidade feminina; abrindo uma porta para novos debates, sobretudo, sobre o orgasmo, a homossexualidade e a bissexualidade;
1959	No Vietname é aprovada a lei da família e do casamento, proibindo a poligamia e os matrimónios arranjados, algumas das reivindicações das feministas do Sudeste Asiático;
1963	Valentina Tereshkova foi a primeira mulher (engenheira e cosmonauta russa) a fazer parte da equipa que incorporava a missão espacial na nave Vostok VI;
1966	Roberta Louise «Bobbi» Gibb foi a primeira mulher a correr na maratona de Boston, com o objetivo de consciencializar as pessoas para a falta de direitos das desportistas e contradizer o que na altura, se achava que seriam as limitações físicas de uma mulher;
1968	Anne Koedt enquanto feminista radical dinamarquesa, esteve na origem da fundação do movimento das Feministas Radicais de Nova York e na publicação de um livro mítico nesta vaga, intitulado <i>O Mito do Orgasmo Vaginal</i> ;
1969	Marsha P. Johnson, transsexual, bissexual, afrodescendente, ativista dos direitos homossexuais e da libertação gay, desconfia-se que tenha estado na origem dos motins de Stonewall, em Greenwich Village, com o intuito de ser ouvida e de obter os seus direitos civis. Este gesto resultou nas manifestações LGBT+, tornando-se assim, um símbolo da luta;
1970	Greve das Mulheres pela Igualdade nos Estados Unidos da América;
1971	Nos EUA é declarado, pela primeira vez, a discriminação sexual enquanto violação da 14ª Emenda à Constituição norte-americana. Este foi um passo importantíssimo no feminismo norte-americano. Resultado do julgamento <i>Reed v. Reed</i> , serviu de precedente para inúmeros casos de discriminação sexual;
	Helga Pedersen, enquanto política e ministra da Justiça dinamarquesa, tornou-se a primeira juíza do Tribunal Europeu dos Direitos Humanos (1950-1953);
1972	Nawal al Saadawi (considerada a Simone Beauvoir do mundo árabe) psiquiatra, escritora e feminista egípcia, com a publicação do livro <i>A Mulher e o Sexo</i> , aborda questões como a sexualidade feminina, a condição da mulher islâmica e as desigualdades de género no seu país;
1973	Como forma de supremacia, Bobby Riggs, numa partida de ténis, chega ao local numa limusine cheia de mulheres, onde acaba por perder para Billie Jean King. Esta partida ficou conhecida como <i>Batalha</i>

	<i>dos Sexos</i> e serviu de ponto de partida para a reivindicação dos mesmos direitos para atletas femininas;
1974	Isabel Martinez Perón, na Argentina, torna-se a primeira mulher presidente no continente americano a exercer este cargo;
1975	É organizada a primeira Conferência da Mulher na cidade do México em que, além da igualdade e fim da discriminação, foram estabelecidas duas outras metas para as mulheres: a participação das mulheres no desenvolvimento e na consecução da paz mundial;
1981	Andrea Dworkin, escritora feminista radical e ativista anti-pornografia norte-americana, no seu livro <i>Pornografia: Homens Possuindo Mulheres</i> , demonstra que a pornografia deveria ser banida, uma vez que (e não há consenso, ainda hoje, quanto a este tema entre as feministas), esta representa uma objetificação clara da mulher, disponível para a mera submissão ao homem;
1983	Vulpe, uma banda <i>punk</i> feminista espanhola, que embora não tenha durado muito tempo no ativo, tiveram o seu estrelato com a interpretação do tema <i>Me gusta ser una zorra</i> (gosto de ser puta), devido ao escândalo que aquilo resultou, em plena televisão nacional. A banda contestava os estereótipos e a sexualidade feminina;
1985	É criado o <i>Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a mulher</i> pela Organização Mundial das Nações Unidas, como apoio para o desenvolvimento da igualdade de género;
1986	Nas Filipinas, Maria Corazon Aquino é eleita presidente, tornando-se assim a primeira mulher na Ásia a laborar neste cargo político;
1987	Fatema Mernissi, escritora, socióloga e feminista marroquina, publica o livro <i>O Harém Político - O Profeta e as Mulheres</i> , tornando-se um livro icónico do feminismo islâmico, pela sua contestação quanto à errada interpretação alcorânica feita pelos homens, tendo como finalidade a subjugação das mulheres muçulmanas. Para a autora, Maomé é <i>visto como um homem progressista e partidário da igualdade de género</i> ;
1989	No Canadá, na Escola Politécnica de Montreal um homem de 25 anos (Marc Lépine) mata quinze mulheres, justificando-se que <i>as feministas haviam destruído a sua vida</i> , acabando por se suicidar após o massacre. Ficando o femicídio conhecido como Massacre antifeminista de Montreal;
	Kimberlé Williams Crenshaw, defensora dos direitos civis e uma das principais teóricas da teoria crítica da raça, publica na Revista <i>University of Chicago Legal Forum</i> o artigo <i>Demarginalizing the Intersection of Race and sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics</i> ;
1990	Surge o movimento <i>punk</i> feminista <i>underground</i> Riot Girls, nos EUA. Este movimento manifesta-se através de fanzines e concertos, levantando questões como a visão patriarcal da mulher e compondo músicas sobre a sexualidade feminina, liberdade individual, violação, abusos sexuais e receios perante o futuro;
	Patrícia Hill Collins, publica <i>Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness, and the Politics of Empowerment</i> ;
1991	Naomi Wolf, publica o <i>best-seller</i> <i>The Beauty Myth</i> .
1993	Em Viena, realiza-se a Conferência Mundial para os Direitos Humanos, onde são abordados temas como os direitos das mulheres e a violência de género. Resultando na Declaração para a Eliminação da Violência Contra as Mulheres. Pela primeira vez, os direitos das mulheres são declarados direitos humanos;
1997	Waris Dirie, escritora, ativista dos direitos humanos e modelo somali, vítima da mutilação genital feminina (aos quatro anos). Com treze anos, prometida a um homem de sessenta anos, foge da sua terra natal, para se tornar mais tarde ativista para a erradicação da mutilação genital feminina no mundo e embaixadora da ONU;
2000	Amy Richards juntamente com Jennifer Baumgardner, publicam o manifesto <i>Young Women, Feminism, and the Future</i> ;
2001	Em África no Zimbábue e na Europa, no Liechtenstein, são penalizados indivíduos por violação dentro do casamento;
	Em França, é alterada a lei de despenalização do aborto. É despenalizada até à décima segunda semana, e as menores de 18 anos deixam de precisar do consentimento parental para fazê-lo. Tendo apenas de levar um adulto, onde o mesmo fica obrigado a manter o procedimento em sigilo;
	A lei do divórcio é alterada na China, onde passa a contemplar o abuso doméstico como causa válida no processo;
2002	No Benin é abolida a lei que obriga as mulheres casadas a solicitar a autorização do marido para que possam iniciar um processo judicial;

	Na Sérvia passa a ser considerado crime a violação dentro do casamento. Até então, só era considerado violação sexual, se fosse fora do casamento;
2003	É oficialmente proibida a mutilação genital feminina em Inglaterra, País de Gales, Irlanda do Norte, Benin e Nigéria;
2004	Zaha Hadid ganha, pela primeira vez na história da arquitetura, o Prémio Pritzker;
	No Chile é legalizado o divórcio;
2005	Na Áustria e na Suíça, a violação conjugal torna-se um crime público, possibilitando que a queixa seja apresentada por pessoas fora do relacionamento;
	É assinado e implementado o Protocolo de Maputo, por todos os países membros da Liga africana, que visa garantir igualdade de direitos políticos e sociais, controlo sobre o próprio corpo e a saúde reprodutiva e o fim da mutilação genital feminina para as mulheres africanas;
	Revogação do artigo 107 no Brasil. Este artigo visa revogar a pena aplicada a um agressor, se este contraísse matrimónio com a sua vítima. Estando a violação incluída na lista de crimes, dos quais o perpetrador podia estar absolvido;
2006	A China proíbe os abortos com base no sexo do feto e inclui o assédio sexual como um crime na sua Lei de Proteção dos Direitos das Mulheres;
	Sampat Pal Davi, cria a Gulabi Gang, um grupo de ativistas que envergam um sari rosa e carregam longos troncos de madeira (que aprendem a usar, para se protegerem). Este grupo de mulheres, andam por várias aldeias na Índia, com o objetivo de ajudar e libertar todas as mulheres, vítimas de uma sociedade de castas altamente machista;
2006	Tamara Burke, começou a utilizar a frase <i>MeToo</i> , na sua rede social <i>Myspace</i> , como forma de encorajar as pessoas a expressar empatia pelos casos de violência e abusos sexuais vividos por mulheres negras. Dez anos depois, a atriz Alyssa Milano tornou viral a <i>hashtag #MeToo</i> , no Twitter, para incentivar as pessoas que a seguiam a denunciarem casos de assédio, abuso e violência sexual, principalmente no local de trabalho;
2007	Em Portugal, o aborto voluntário, também conhecido como interrupção voluntária de gravidez, foi legalizado através de um referendo realizado em 2007, onde é permitido o ato até à décima semana de gravidez se a mulher assim o desejar, independentemente dos seus motivos;
	Sihem Habchi, tornou-se presidente do movimento feminista 'Ni Putes Ni Soumises' (Nem Putas Nem submissas). Este movimento constituído maioritariamente por mulheres muçulmanas, surgiu em 2002, quando Sohane Benziane, foi queimada viva pelo seu namorado misógino e ciumento. Resultado deste acontecimento hediondo, surgiram marchas e protestos com o objetivo de chamar a atenção para os abusos sofridos pelas raparigas dos bairros pobres dos subúrbios;
2008	Na Ucrânia, Anna Hutsol, Oksana Shachko e Alexandra Shevchenko, criaram o grupo de protesto feminista Femen. Ficou conhecido pela forma 'diferente' de se manifestarem (em <i>topless</i> ) contra o patriarcado. Pelo facto de exporem os seios, este ato criou uma certa controvérsia dentro dos movimentos feministas, por objetivar a mulher para gerar atenção mediática;
2012	O grupo <i>punk</i> feminista russo, Pussy Riot, em Moscovo, em manifestação contra o presidente Vladimir Putin, e a promiscuidade na Rússia, entre o poder político e o poder religioso, resultou em três dos membros das Pussy julgadas e encarceradas em colónias penais para mulheres;
	Malala Yousafzai, uma jovem ativista dos direitos das mulheres paquistanesas, sofreu um atentado que a deixou em estado crítico. Isto, porque a mesma começou a escrever um blogue para a BBC, onde relatava a situação em que se encontravam e como era ser uma estudante sob o domínio dos Talibã. Após recuperar, a mesma manteve-se no ativismo e em 2014, foi condecorada com o Prémio Nobel da Paz, tornando-se a pessoa mais jovem a recebê-lo;
2013	Criação das Unidades de Defesa das Mulheres, na Síria, constituída por mulheres curdas que combatem o Daesh;
2014	É criado o <i>hashtag #bringbackourgirls</i> , com o objetivo de espalhar a notícia e ajudar as 270 estudantes raptadas pelo exército fundamentalista e terrorista islâmico, Boko Haram, que tinham como objetivo vendê-las, usá-las para fins sexuais ou como armas de guerra. As Forças Armadas nigerianas conseguiram resgatar algumas das sequestradas, mas lamentavelmente algumas morreram e várias foram dadas como desaparecidas;
	Nádia Murad, ativista dos direitos humanos yazidi e Nobel da Paz, sobrevivente do genocídio yazidi, no seu livro <i>Eu Serei a Última</i> , relata o massacre de Sinjar, no Iraque, onde se estima que cerca de sete mil mulheres tenham sido usadas como arma de guerra, onde mais de 500 mil pessoas se tornaram refugiadas e tantas outras mulheres foram vendidas como noivas do Daesh ou como escravas sexuais;

2016	Rose McGowan, atriz norte-americana, através da rede social <i>Twitter</i> , denunciou a violação da qual foi vítima por parte do produtor de Hollywood, Harvey Weinstein, sem referir o nome do violador;
	Em protesto contra a ilegalização do aborto na Polónia, em outubro de 2016, assistimos a uma greve feminista que contou com mais de cem mil mulheres. Teve de tal forma repercussão internacional que, no final do mês, uma sublevação de recusa radical já tinha atravessado o Atlântico até à Argentina, onde mulheres em greve enfrentaram o assassino de Lucia Pérez com o grito militante: «Ni, una menos»;
2017	Harvey Weinstein é acusado, numa publicação no jornal <i>New York Times</i> (fruto de uma investigação), de pagar a vítimas de assédio sexual para retirarem queixas contra ele. Alyssa Milano, dias após se cruzar com o artigo de investigação, publica na sua conta do Twitter o seguinte «Sugerido por uma amiga: “ <i>Se todas as mulheres que foram sexualmente assediadas escreverem: ‘Me too’ no seu estado, talvez as pessoas tenham a noção da magnitude do problema. Se foste assediada ou molestada sexualmente escreve ‘me too’ como resposta a este post’</i> ”. O <i>post</i> tornou-se viral, após receber mais de 88 mil comentários, algo que fez história para as mulheres. Nos meses seguintes várias mulheres deram a cara e apresentaram queixa contra o produtor Harvey Weinstein, totalizando 70 mulheres que o acusavam de abuso e assédio sexual e 4 de violação. O mesmo acabou por se entregar à polícia e aguardou julgamento.
2019	Realizou-se em França o campeonato do mundo de futebol feminino. Ganhou de tal forma mediatização nas redes sociais que as futebolistas aproveitaram para gerar a consciencialização para a discriminação de género que sentem no futebol. Marta da Silva, considerada a melhor jogadora do mundo, eleita pela FIFA seis vezes (cinco, consecutivamente), e melhor marcadora de sempre numa fase final do campeonato do mundo da história do futebol feminino e masculino, recusou o patrocínio de grandes marcas desportivas, pelas mesmas não lhe oferecerem o mesmo valor que a um futebolista. Como forma de protesto, a mesma levou pra campo umas sapatilhas pretas com o símbolo do movimento #GoEqual (uma bandeira azul e cor-de-rosa). Por outro lado, a capitã atacante da equipa norte-americana e ativista dos direitos LGBTI+, Megan Rapinoe, recusou cantar o hino dos Estados Unidos da América, como forma de protesto para com as políticas (à data), do presidente, Donald Trump, que considerava discriminatórias e opressoras para as comunidades negra e LGBTI+;
	Remoto ao crime de violação coletiva a uma rapariga de 18 anos (praticado em 2016), em Espanha, os membros do grupo espanhol La Manada, foram condenados à pena de quinze anos de prisão. Descontentes, os advogados de defesa do grupo recorreram, resultando na liberdade condicional sob fiança. A decisão do tribunal gerou uma onda de protestos e indignação em Espanha. Depois de tanta atenção mediática internacional, recomendações das mais altas instâncias da CE para a discriminação de género e pressão política levada a cabo por feministas e advogadas espanholas, o caso foi julgado pelo Supremo Tribunal de Justiça espanhol e os violadores foram presos. O mediatismo deste caso não só abriu o debate legal em Espanha sobre o que deve ser considerado violação, mas também impeliu a que outros processos de violação em grupo fossem investigados;
	No estado de Alabama, nos Estados Unidos da América, é aprovada pela governadora Key Ivey, uma lei que proíbe totalmente o aborto, mesmo em caso de violação ou incesto. Sendo este, um dos estados com uma das leis mais rígidas, a mesma pode resultar em 99 anos, para quem efetuar o procedimento. Outros estados como o Arkansas, Kentucky, Mississippi, Dakota do Norte, Ohio e Georgia, restringem o aborto até às seis semanas de gestação, e, no estado do Missouri, o limite ficou nas oito semanas. Estas restrições quanto ao aborto, despoletaram um enorme debate quanto aos direitos reprodutivos das mulheres. Estima-se que, nos EUA, a maior parte das mulheres que recorrem à interrupção voluntária da gravidez são mulheres que vivem abaixo do limiar de pobreza, ou com rendimentos muito baixos;
	Ursula von der Leyen, ginecologista e economista alemã, foi a primeira mulher a exercer o cargo de ministra das Defesa num governo na Alemanha, sendo eleita presidente da Comunidade Europeia, pelos 28 primeiros-ministros europeus.

Fonte: Vicente, 2019; Tavares & Magalhães, 2014; Nogueira & Silva, 2003; Tavares & Magalhães, 2014; Martinez, 2019; Stolz, 2014; Velasco, 2019; Bairros, 1995; Henning, 2015 (além das referências utilizada no Capítulo II).

## Anexo VI. Síntese das vagas feministas

Quadro 5: Síntese das vagas feministas

Vaga	Período	Conquistas	Mulheres cruciais
Primeira vaga	1788-1949	O ser individual; Passam a ter consciência das suas necessidades a nível corporal; O direito de intelectualidade; Tratamento igual na lei; O voto; Cidadania, direitos sociais e no trabalho; O direito a melhores condições materiais de vida das mulheres; A educação para todas as mulheres.	Olympe de Gouges (1748-1793); Mary Wollstonecraft (1759-1797); Catherine Spencer (1825-1910); Vida Goldstein (1869-1949); Harriet Taylor Mill (1807-1858); Sojourner Truth (1797-1883); Emmeline Pankhurst (1858-1928); Ida B. Wells (1862-1931); Ana de Castro Osório (1872-1935); Maria Veleda (1971-1955); Carolina Beatriz Ângelo (1878-1911); Virginia Woolf (1882-1941);
Segunda vaga	1949-1990	Igualdade; Políticas de reprodução e de identidade; Contraceção e aborto; Sexualidade (o prazer e o questionamento da heterossexualidade 'compulsiva'); Violência sexual, doméstica e abusos; Questionamento dos efeitos dos estereótipos, do tratamento do corpo feminino.	Simone de Beauvoir (1908-1986); Betty Friedan (1921-2006); Carol Hanisch (1942); Lorraine Bethel (-); Kate Millet (1934-2017); Ruth Bader Ginsburg (1933-2020); Gloria Steinem (1934); Bell Hooks (1952-2021); Angela Davis (1944).
Terceira vaga	1992-2006	Identidade; Diversidade; Interseccionalidade; O controlo do prazer sexual.	Rebecca Walker (1969); Kimberlé Crenshaw (1959); Amy Richards (1970); Julie Bindel (1962); Naomi Wolf (1962).
Quarta vaga	2006-	Direito sobre o corpo; Sororidade; "Feminismo cibernético"; Liberdade de escolha individual; Aceitação das versões das mulheres contemporâneas; Conquista dos diversos lugares de fala de intervenientes e ativistas feministas; Aceitação das diferentes identidades de género.	Tarana Burke (1973); Kira Cochrane (1977); Laura Bates (1986); Chimamanda Ngozi Adichie (1977); Rose McGowan (1973); Marta Silva (1986); Emma Watson (1990); Djamila Ribeiro (1980); Caroline Criado Perez (1984); Malala Yousafzai (1997); Megan Rapinoe (1985); Cristina Roldão (1980); Beatriz Gomes Dias (1971); Maria Gil (1972).

Fonte: Vicente, 2019; Tavares & Magalhães, 2014; Nogueira & Silva, 2003; Tavares & Magalhães, 2014; Martinez, 2019; Stolz, 2014; Velasco, 2019; Bairros, 1995; Henning, 2015 (além das referências utilizada no Capítulo II).

## Anexo VII. Representação das vertentes feministas (mais conhecidas pela literatura), com as suas reivindicações e problemas adjacentes

**Quadro 6:** Representação das vertentes feministas, com as suas reivindicações e problemas adjacentes

Vertentes	Surgimento	Objetivos centrais	Problemas	Principais teóricas (os) e ativistas
Feminismo Liberal	Após a Revolução Francesa	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Igualdade de direitos (mantendo a ordem social);</li> <li>- Individualidade da mulher;</li> <li>- Acesso a cargos de poder e decisão;</li> <li>- Direito à educação;</li> <li>- Direito ao voto;</li> <li>- Liberdade de escolha;</li> <li>- Salários iguais para trabalhos iguais.</li> </ul>	Centra-se acima de tudo nas mulheres brancas, cis, de classes altas; Crítica à “dona de casa” e à possível domesticidade feminina.	<p>Olympe de Gouges (1748-1793);</p> <p>Mary Wollstonecraft (1759-1797);</p> <p>John Stuart Mill (1806-1873);</p> <p>Harriet Taylor Mill (1807-1858);</p> <p>Nísia Floresta (1810-1885);</p> <p>Betty Friedan (1921-2006);</p> <p>Ana de Castro Osório (1872-1935);</p> <p>Naomi Wolf (1962).</p>
Feminismo Marxista	Final do século XIX	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Emancipação da mulher, não apenas pelo acesso ao trabalho, mas também pela sua vida familiar e doméstica;</li> <li>- Melhores condições de trabalho;</li> <li>- Reivindicações das estruturas familiares.</li> </ul>	Destaca as diferenças de género com base exclusivamente na posição económica das mulheres, não reconhecendo a condição étnico-racial, social e cultural que as mesmas se encontram.	<p>Laura Marx (1845-1911);</p> <p>Clara Zetkin (1857-1933);</p> <p>Rose Luxemburgo (1871-1919);</p> <p>Linda Gordon (1940);</p> <p>Juliet Mitchell (1940);</p> <p>Christine Delphy (1941);</p> <p>Silvia Federici (1942);</p> <p>Sheila Rowbotham (1943);</p> <p>Zillah Eisenstein (1948);</p> <p>Sylvia Walby (1953).</p>
Feminismo Radical	Década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Abolir a opressão a que a mulher estava sujeita;</li> <li>- Abolição do género;</li> <li>- Abolição dos estereótipos de género;</li> <li>- Abolição da prostituição e da pornografia;</li> <li>- Reestruturação das estruturas da sociedade.</li> </ul>	A mentalidade e a cultura demoram muito tempo a mudar e para que o género possa ser abolido, serão necessárias demasiadas gerações, para que a sociedade seja naturalmente igualitária, e mais ainda, para que seja equitativa; A abolição da prostituição e da pornografia vedam a liberdade de escolha das pessoas que pretendem seguir este caminho profissional.	<p>Emmeline Pankhurst (1858-1928);</p> <p>Alice Paul (1885-1977);</p> <p>Simone de Beauvoir (1908-1986);</p> <p>Adrienne Rich (1929-2012);</p> <p>Kate Millet (1934-2017);</p> <p>Robin Morgan (1941-1962);</p> <p>Elisabeth Badinter (1944-1966);</p> <p>Shulamith Firestone (1945-2012);</p> <p>Andrea Dworkin (1946-2005);</p> <p>Sheila Jeffreys (1948);</p> <p>Judith Butler (1956);</p> <p>Lierre Keith (1964).</p>
Feminismo Negro	Final do século XIX, ainda que se tenha popularizado mais	<ul style="list-style-type: none"> <li>- O fim do perfil racial policial que põe em risco a vida das crianças e adolescentes negros;</li> <li>- Igualdade de oportunidades;</li> <li>- Melhores condições de habitação;</li> <li>- Acesso à saúde;</li> </ul>	O feminismo negro não espelha a vivência de todas as mulheres. Reflete acima de tudo as vivências das mulheres negras americanas e europeias, não estando atento às necessidades	<p>Harriet Tubman (1822-1913);</p> <p>Anna Julia Cooper (1858-1964);</p> <p>Ida B. Wells (1862-1931);</p> <p>Bell Hooks (1952-2021);</p> <p>Virginia Quaresma (1882-1973);</p> <p>Georgina Ribas (1882-1951);</p>



	na década de 1960	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Cotas que equilibrassem as oportunidades para a população negra;</li> <li>- O fim do preconceito contra religiões de matrizes africanas;</li> <li>- Fim do racismo recreativo;</li> <li>- Alterações na linguagem;</li> <li>Humanização das pessoas negras;</li> <li>- Reconhecimento dos seus idiomas e culturas;</li> <li>- Reescrever a historiografia, tornando-a menos eurocêntrica e mais próxima da verdade e da nossa realidade;</li> <li>- Reconhecimento das vivências estereotipadas e traumáticas das mulheres negras.</li> </ul>	reivindicativas das mulheres negras africanas; A problemática relacionada com o racismo estrutural faz com que as reivindicações do feminismo negro sejam alcançadas apenas daqui a muitas gerações.	Antonieta de Barros (1901-1952); Rosetta Reitz (1924-2008); aya Angelou (1928-2014); Elza Soares (1930-2022); Toni Morrison (1931-2019); Nina Simone (1933-2003); Audre Lorde (1934-1992); Toni Cade Bambara (1939-1995); Mary Helen Washington (1941); Angela Davis (1944), Sherley Anne Williams (1944-1999); Alice Walker (1944); Patricia Hill Collins (1948); Hazel Carby (1948); Alexis De Veaux (1948); Gayl Jones (1949); Jessica Hagedorn (1949); Bell Hooks (1952-2021); Kimberlé Williams Crenshaw (1959); Chimamanda Ngozi Adichie (1977); Djamila Ribeiro (1980); Cristina Roldão (1980).
Feminismo Interseccional	Disseminou-se na 3ª vaga feminista, embora a sua base teórica remeta à década de 1970/80	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Confrontar o pensamento racista no movimento feminista;</li> <li>- Participação igualitária no debate de todas as mulheres;</li> <li>- Luta contra qualquer forma de opressão, a fim de atingir uma igualdade geral;</li> <li>- Reconhece que todas as pessoas são diferentes e que, ainda assim, todas merecem ver atendidas as suas necessidades.</li> </ul>	Podendo correr o risco de se focar demasiado na diferença, criando atritos e afastamentos nas diferentes correntes feministas.	Além das mais diversas feministas negras que adotaram e criaram a interseccionalidade, é de destacar Leslie McCall (1964), Maylei Blackwell e Nadine Naber.
Ecofeminismo	Ainda que tenha surgido em meados de 1970, desenvolveu-se mais profundamente, nas décadas seguintes.	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Novos modelos de subsistência sustentável;</li> <li>- Fim do desmatamento das florestas;</li> <li>- Respeito pelos ciclos da natureza e da mulher;</li> <li>- Desmistificação do corpo feminino e do ciclo menstrual;</li> <li>- Um retorno a uma maternidade mais natural, sem que as feministas se sintam culpadas dessa opção.</li> </ul>	O patriarcado e o capitalismo que rege o sistema político, social e económico a nível global é visto como o grande responsável pela destruição do planeta, assim como pela falta de direitos e oportunidades por parte das mulheres.	Françoise d'Eaubonne (1920-2005); Ynestra King; Angeline Birk; Irene Stoehr; Maria Mies (1931); Vandana Shiva (1952); Rosemary Radford Ruether (1936); Rachel Carson (1907-1964); Elizabeth Gould Davis (1910-1974);

**Fonte:** Vicente, 2019; Tavares & Magalhães, 2014; Nogueira & Silva, 2003; Tavares & Magalhães, 2014; Martinez, 2019; Stolz, 2014; Velasco, 2019; Bairros, 1995; Henning, 2015 (além das referências utilizada no Capítulo II).

## Anexo VIII. Contabilização das palavras utilizadas pelas entrevistadas

Quadro 7: Contabilização das palavras utilizadas pelas entrevistadas

Palavra	Repetições	Palavra	Repetições
Pessoas	219	Domínio	10
Mulheres	90	Relações	10
Deficiência	67	Interação	10
Sexualidade	54	À-vontade	10
Corpo	51	Portugal	10
Trabalho	47	Associações	9
Feminista	46	Bolsa	9
Movimentos	41	Assistente sexual	8
Prostituição	41	Pornografia	8
Direitos	40	Problemas	8
Pessoa	37	Experiência	8
Vida	36	Profissão	8
Sexual	33	Luta	8
Diversidade funcional	29	Comunidade	8
Homens	28	Lenocínio	8
Trabalho sexual	27	Serviços	8
Diferentes	25	Convívios	7
Mulher	23	Modelo	7
Prazer	22	Opressão	7
Sexo	20	MDM	6
Gênero	20	Desigualdades	6
Formação	20	Vergonha	6
Feminismo	19	Supervisão	6
Direito	19	Oportunidades	5
Sociedade	19	Assistência sexual	5
Igualdade	18	Comunidades	5
UMAR	17	Privacidade	5
Necessidades	16	Segurança	4
Desejo	15	Experiências	4
Medidas	14	Direitos Humanos	4
Sistema	13	Mediador	3
Assistência	12	Desmistificar	3
Assistentes sexuais	12	Sexólogo	3
Políticas	12	Plataforma	3
Problema	12	Descapacidades	2
Vontade	11	Autoconhecimento	2
Saúde	11	Voluntários	2
Feministas	11	Vida sexual	2
Discriminação	11	Masturbação	2
Capacidades	11	Tabu	1

Fonte: Elaboração própria